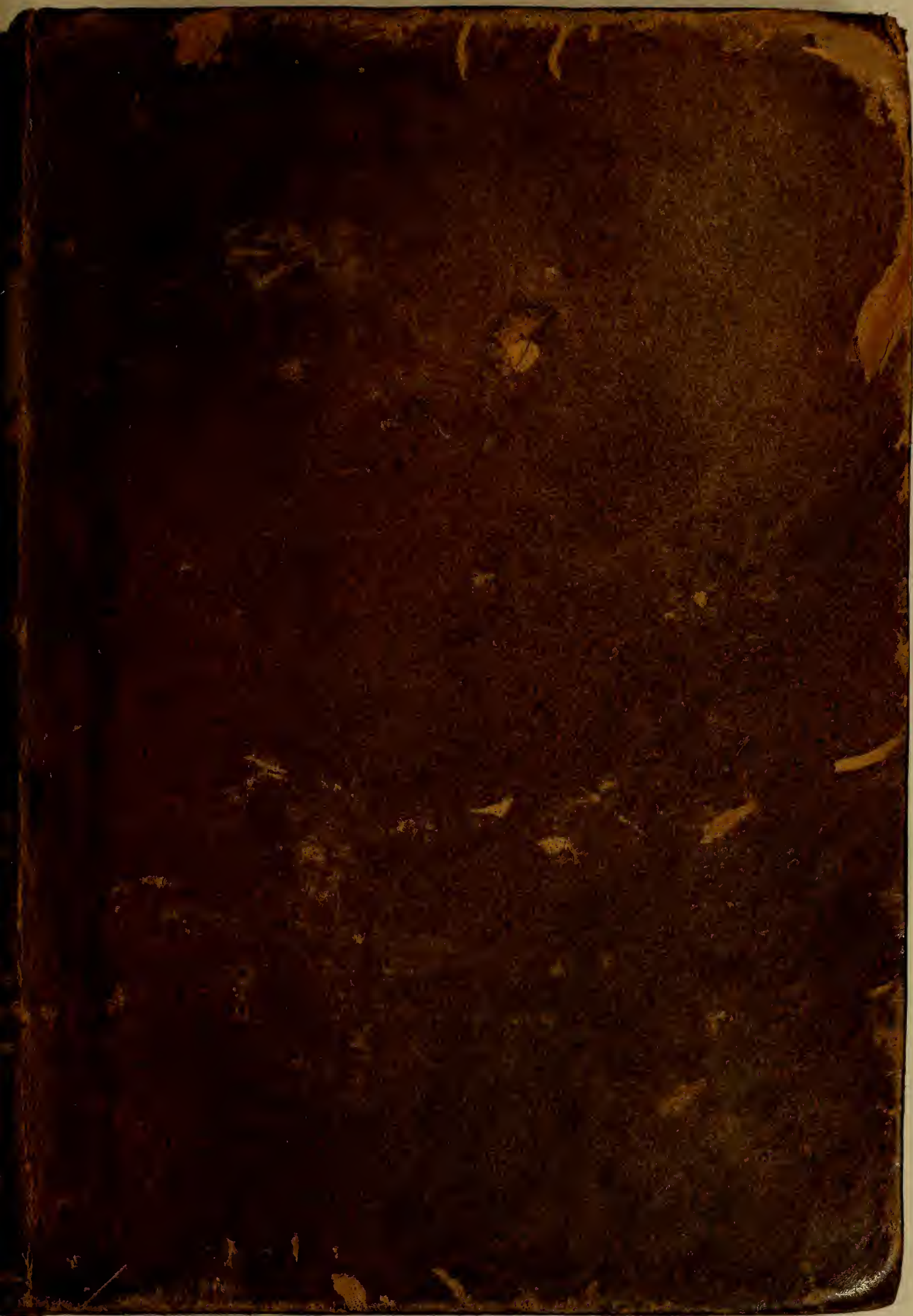
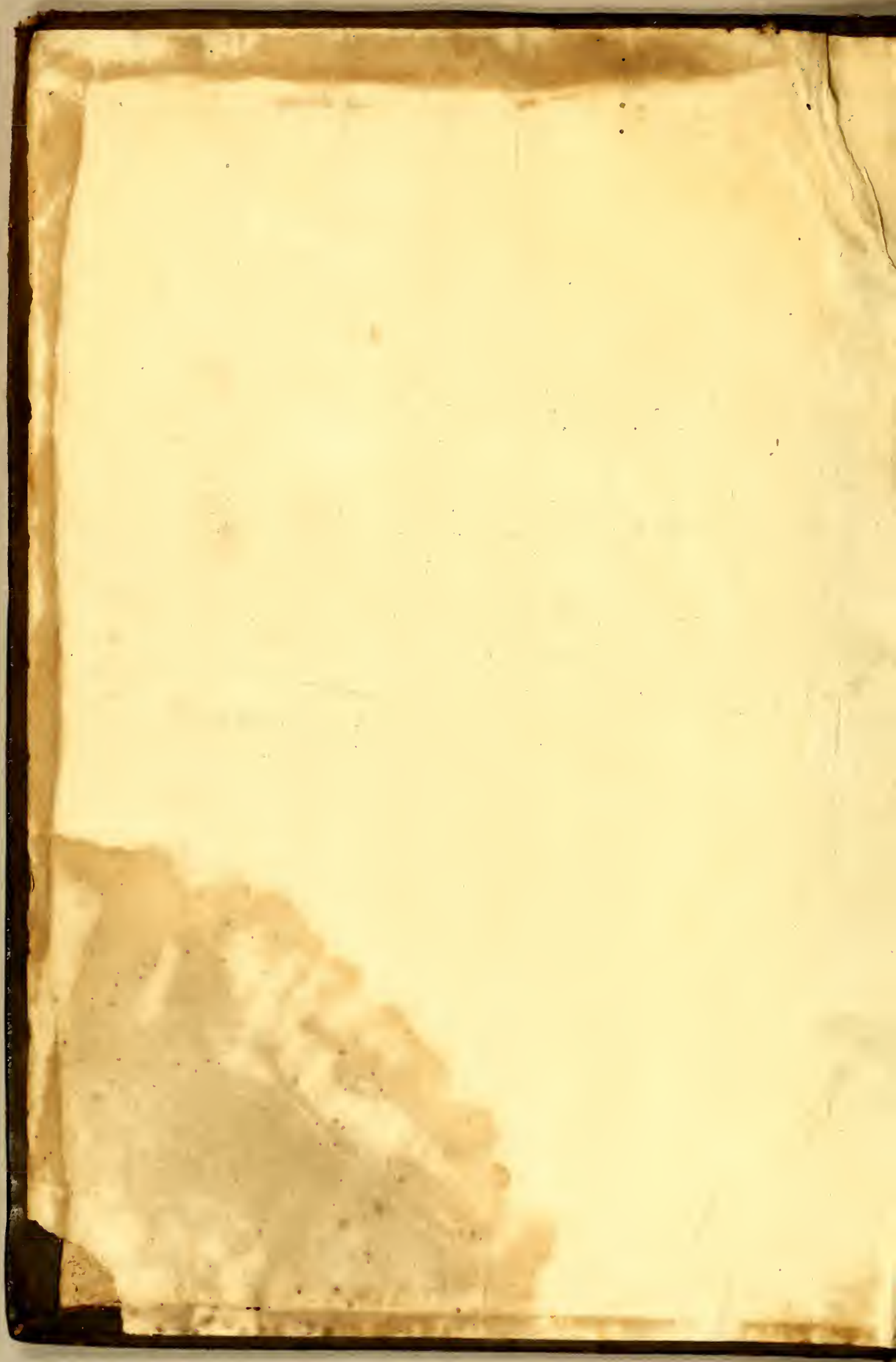






CHRONICA
DOS
CARMELITAS
DA ANTIGA, E REGULAR
OBSERVANCIA
NESTES REYNOS
DE PORTUGAL,
ALGARVES, E SEUS DOMINIOS.

CHRONICA

CARMELITAS

OBSERVANCIA

DE PORTUGAL

ALGARVES E ILHAS DO ARquipélago

CHRONICA
DOS
CARMELITAS

DA ANTIGA, E REGULAR OBSERVANCIA
Nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios,

TOMO SEGUNDO

OFFERECIDO

À SOBERANA IMPERATRIZ
DO CÉU, E TERRA,

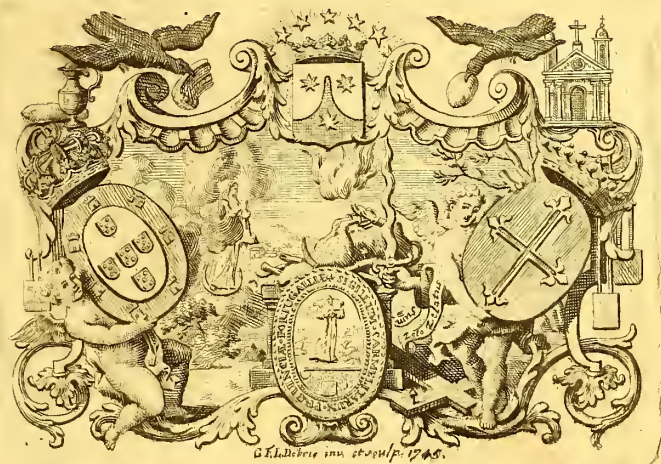
MARIA SS.

MÃY, E SENHORA DO CARMO;

POR SEU AUTHOR

FR. JOSEPH PEREIRA DE S.^{TA} ANNA,

Religioso da Ordem da mesma Senhora, Mestre Jubilado na Sagrada Theologia, e na mesma Faculdade Doutor pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Ex-Provincial, e Chronista Geral da sua Ordem nestes Reynos, e seus Dominios.



LISBOA:

Na Officina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM:

M. DCC. LI.

Com todas as licenças necessárias.

CHRONICA

DOS

CARRILLAS

DE LA VIDA DE DON JUAN DE VANDIA

DE DON JUAN DE VANDIA

DE DON JUAN DE VANDIA

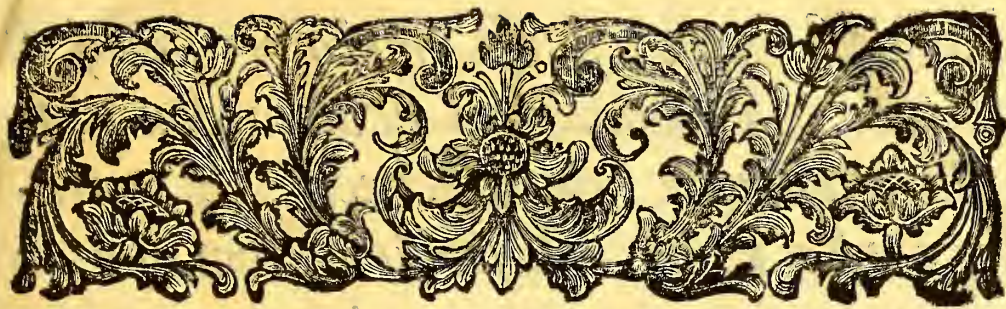
DE DON JUAN DE VANDIA

DE DON JUAN DE VANDIA

DE DON JUAN DE VANDIA

DE DON JUAN DE VANDIA





SS. SENHORA A.



*Joelhado com profundissi-
ma veneração na presença da vossa
milagrosa Imagem, que no sacro Al-
tar*

tar deste magnifico Templo preside , e a todo o Lisbonense Carmelo deu glorioso nome ; vos offereço , e consagro este Tomo Historico , em que se contem as primeiras noticias memoraveis da nossa Carmelitana Provincia Portugueza. Esta vos foy tambem especialmente dedicada na sua erecção : e assim como o seu devotissimo Fundador , para lhe segurar as felicidades , que pertendia nos seculos futuros , não buscou outro asilo , da mesma sorte solícito eu na publicação do presente Volume conseguir de vós o melhor áuspicio, e nelle hum fausto annuncio de serem a todo o tempo bem aceitos os meus escritos. Para esta affectuosa victima concorre não só a propria obrigação , mas huma efficaz , e poderosa vontade , de que para vós se encaminhe toda a honra, e gloria , que por qualquer principio resulta do Carmelo ; porque sois da nossa Religiosa Familia (como gerada , e instruida naquelle Sagrado Mon-

Monte) poderosissima Protec̃tora, Suprema Prelada, e Mãy singular. Naõ pertendo com semelhante expressãõ persuadir, que desta Obra, como do meu entendimento, vos podeis nem levemente gloriar; mas devo crer, que das obras de virtude, e das heroicas acçoens, aqui referidas, dos Veneraveis Professores do nosso Carmelitano Instituto, recebeis aquella honra accidental, que póde caber nos termos da vossa quasi infinita dignidade. Mereça pois este Volume authorisar-se com o vosso ineffavel Nome, naõ pelos accidentes da fórma, mas pela substancia das suas materias, que constaõ de progressos illustres, de plausiveis acertos, de honorificas memorias, e de outras nobres circumstancias dignas de benevola aceitaçaõ, que da vossa maternal benignidade, como servo imploro, e como filho firmemente espero.

Fr. Joseph Pereira de Santa Anna.

AOS

Am. Soc. Nat. Hist. 1892

AOS QUE LEREM.

Satisfazendo em parte ao que prometti no Prologo do Tomo I, preliminar desta Obra, offereço ao publico o Tomo II, o qual em ordem á Historia da nossa Carmelitana Provincia Portugueza, e das que della procedem, vem a ser o primeiro; porque constituida a Epoca no anno de 1423, em que esta Provincia teve o seu fausto principio, desde então se achão escritos neste Volume os successos, que julguey memoraveis, em cada hum dos governos, que se continuárao por espaço de 99 annos até o de 1522. Aqui deu a materia lugar para se fazer boa divisaõ, visto pertencer a este corpo a Dissertação, que lhe accrescentey em defensa, e para firmeza das Leys primordiaes, e privativas da mesma Provincia: as quaes Leys transcrevo no anno competente, posto que só com a simples pureza da sua primeira instituiçaõ, deixada a composiçaõ dos seus muitos, e especialissimos fundamentos á fabrica do novo livro, para o qual as mesmas Leys administrárao o assumpto. Por causa da prometida Dissertação (que por alguns particulares motivos he utilissima, e importantissima) se retardou este Tomo mais tempo do que se esperava, depois de estar impresso; a fim, de que juntamente com a noticia das Leys se publicasse a justiça, com que os nossos Padres antigos as instituiráo, e o Monarca então existente as authorisou com a sua propria Rubrica.

Neste Volume pois acharáo os Leitores muitas memorias especiaes, nunca até agora impressas, e talvez não sabidas; assim como também todos os Documentos notaveis, em que a nossa Historia se estabelece; emendados alguns erros, em que cahiraõ aquelles Escriitores, que fazendo confiança nas allegaçoens dos outros, cegamente os seguiráo, e se enganárao. Por evitar semelhante precipicio, tomey a resoluçaõ de hir pessoalmente examinar os Archivos dos dous antigos Conventos, dos quaes agora trato, fundados nas duas famosas villas deste Reyno, Colares, e Vidigueira; o de Colares consagrado á soberana Mãe da Mãe de Deos a Senhora Santa ANNA, e o da Vidigueira à mesma Rainha dos Ceos, com o

titulo de Senhora das Reliquias: os quaes Conventos faõ duas trombetas da Fama , que em todo o Mundo pregoaõ as gloriosas circumstancias de ambas as fundações , e os illustres progressos daquelles veneraveis Carmelitas, que lhes honra- raõ os claustros com ventagens de sabedoria , e opiniaõ de Santidade. Pelo que respeita ao Convento de Colares, naõ se achará actualmente differença alguma entre aquelle original, e esta cópia; porque foy escrita depois da sua ultima reedifi- cação. Quanto ao Convento da Vidigueira, he certo, que em muitas partes da sua fabrica material està diverso do que temos escrito; porque os precisos reparos das ruinas da Igre- ja , e de algumas officinas , que necessitavaõ de concerto grave , fizeraõ crescer a obra de tal modo, que as porções mais nobres do antigo edificio vieraõ a mudar de figura, e a adquirir mayor perfeição. Naõ faltará lugar, em que se exponha huma breve noticia de tudo o que se fabricou de novo , fi- cando sempre nestes escritos assegurada a memoria do que houve antigamente , o que com effeito vi, e bem inteirado de muitos successos veridicos, os faço manifestos de sorte , que ficaõ sendo credores de inteira fé.

No Catalogo dos Provinciaes desta nossa Provincia , e dos Priores deste Real Convento de Lisboa, se achará bem ajustada a Chronologia dos annos ; felicidade, que consegui á força de applicação , vendo os livros antigos do tempo dos mesmos Priores, e outros indubitaveis monumentos, que ficy dos meus olhos , para poder usar delles com a devida for- malidade. Esta espero tambem seguir nos outros volumes , se a Providencia do Altissimo permittir , que eu conclua a Obra; da qual , posto que a mayor difficuldade fica neste Tomo vencida, sempre resta a parte mais avultada dos outros es- critos, que se achão em caminho de se imprimirem, se me naõ faltarem os meynos, e os subsidios necessarios para este glo- rioso fim.

LICENCAS.

DA ORDEM.

NOS Fr. ALOYSIUS LAGHIUS

*Sacrae Theologiae Magister, & Doctor, humilis
Prior Generalis, nec non Commissarius, ac Visita-
tor Apostolicus totius ordinis Fratrum Beatissimæ,
semperque Virginis Dei Genitricis MARIAE de
Monte Carmelo, Antiquæ Observantiæ Regu-
laris.*

Auctoritate Nostra tenore præsentium facultatem imperti-
mur R. adm. P. Mag. Exprovinciali Josepho Pereira à Sancta
Anna nostræ Provinciæ Lusitanæ professo Sacerdoti, ut se-
cundum, & reliquos tomos sui operis Historici, sub titulo; *Chroni-
ca dos Carmelitas da Antiga, & Regular Observancia nos Reynos de Portu-
gal, Algarves, & seus Dominios* (cujus primum tomum magno stu-
dio elaboratum, & luci jam editum lætanter accepimus) typis
mandare possit; dummodo prius examinentur, & approbentur à
duobus præfatæ Provinciæ Magistris deputandis à R. adm P. Mag.
Priore Provinciali ipsius, cæteraque servantur de jure servanda.
In quorum fidem &c. Dat Romæ in conventu nostro S. Mariæ Trans-
pontinæ die 2. Januarii anni 1747.

Fr. Aloysius Laghius Generalis Carmelitarum.

Reg. a fol. 176.

Fr. Joannes Alvares de Gusmão socius, & Secretarius Generalis pro Lusitania;

APPROVAC,AM DO M. R. P. M. Fr. LUIZ ANTONIO
de Azevedo, Jubilado na Sagrada Theologia, Prior actual do Real
Convento do Carmo de Lisboa, &c.

POR ordem de vossa Reverendissima vi o Tomo Segundo da Chronica da nossa Provincia Carmelitana Portugueza, que compoz, e pertende mandar imprimir o M. R. P. Mestre Frey Joseph Pereira de Santa Anna, Doutor pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Exprovincial, e nosso Chronista nestes Reynos. A mesma commissaõ tive já com grande complacencia minha para examinar o primeiro Tomo. E senelle disse quanto me foy possivel a respeito da perfeiçaõ da Obra, e das singularidades do Author, agora não poderey mudar de conceito; porque fazendo juizo de tudo o que se acha escrito neste volume, nem a Obra tem differença na perfeiçaõ, nem o Author nas singularidades. Vejo pois, e conheço, que por especialissima providencia viemos a merecer para a nossa Historia hum Escriitor consumado; porque he (como geralmente o aclamaõ os Doutos) na investigaçã das noticias incomparavel; na verdade, com que as expõem, exactissimo; no estylo, em que as escreve excellente; na clareza, com que se dá a perceber, admiravel, e na formalidade que segue, dignissimo de imitaçã. Sae a publico com este Volume, em que começa a divulgar as primeiras noticias famosas desta Provincia, logo que foy erecta, abrindo a porta a huma regular chronologia, para nos patentear outras memorias igualmente estimaveis nos Tomos, que se haõ de seguir: e desde agora vay com a sua elevada penna espalhando nas vidas dos Religiosos eximios em letras, e veneravis em santidade, as odoríferas flores das suas virtudes, regadas com as affluencias da Divina Graça; assim como o Poeta pintou a sahida do Monarca das luzes no principio do dia, que tambem se manifesta espalhando ro-
sas. (*Ovid. Metam 2.*)

*Ecce vigil nitido patefecit ab ortu
Purpureas Aurora flores, & plena rosarum
Atria*

Nestes 99 annos, de que trata no presente Tomo, examinou o Author monumentos particulares da Provincia taõ reconditos, que parece lhos esteve a fortuna reservando, para que publicados, o pudesse coroar da sublime gloria, que não chegáráõ a conseguir os Chronistas seus antecessores. Desde entãõ começou a crescer a palma, com que agora o Author triunfa das muitas, e grandes difficuldades, das quaes nenhum outro se atreveo a desembaraçar; tudo por causa dos cinco seculos, que tem corrido, os quaes a respeito das nossas antigas memorias fizeraõ, que fosse o tempo mais poderoso para as recatar, do que a applicaçã de tantos Talentos para as descobrir. Mas o que foy para todos invencivel, só ao talento do nosso M. R. P. Mestre Chronista se facilitou de tal modo, que todos nós, como interessados em taõ notoria felicidade, vemos com summo prazer o catalogo dos Prelados mayores desta Provincia posto
per.

perfeitamente em ordem, sem interrupção, e com indubitavel certeza. Vemos as fundações dos nossos dos antigos Conventos de Colares, e Vidigueira tão miudamente individuadas, que lhes não falta Documento algum daquelles, que servem de fundamento, e de authoridade a semelhantes fabricas. Em outras distintas circumstancias desta eruditissima Obra poderia eu reflectir, se me parecessem necessarios novos assumptos para os multiplicados elogios, que o Author merece. Mas considero, que depois de ser tão conhecido, e venerado pelos seus escritos; e depois que estes lhe estão incessantemente acclamando os devidos louvores, parece mais util applaudir-lhe a sabedoria, a erudição, e mais predicaos por meyo de hum reverente silencio, do que por composição de tropos; sendo esta a occasião, em que com os olhos no Principe dos Oradores Latinos devo julgar, que me explico mais, dizendo menos: *Satius est minus, quam nimis* (Cicer. lib. 1 de Orat.) E como este Volume, além das ponderadas singularidades, nada contém contra as Leys da Religião, nem contra a Fé, ou bons costumes, fallando agora como Censor; julgo que he por todos os titulos dignissimo de ser impresso. Carmo de Lisboa 22 de Julho de 1748.

Fr. Luiz Antonio de Azevedo.

APPROVACAM DO M. R. P. M. Fr. JOAM DE AUELLAR,
Jubilado na Sagrada Theologia, Vigario Prior, que foy do Convento
de Colares, e Confessor das Religiosas Carmelitas de Guimaraens,
e da Esperança de Beja.

M Andame V. Reverendissima ver o segundo Tomo da Chronica desta Provincia do Carmo Observante do Reyno de Portugal, que com laborioso desvello compoz o Muito R. P. Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, doutissimo filho da mesma Provincia, Jubilado na Sagrada Theologia, e nella Doutor pela Universidade de Coimbra, Consultor do Tribunal do Santo Officio, Ex-Provincial, e Chronista Geral da nossa Religião nestes Reynos. Principiey a ler este bem composto Volume: e logo que nos primeiros paragrafos enfraqueceo a vista, por empregar mais fixamente os olhos no esplendor da Obra, entendi, que para o seu exame era necessario hum sugeito com perspicacia de Agulha; porque as luzes de sabedoria, que descubro no Author são propriamente de Sol, que no hemisferio dos Escriitores brilha, assim como aquelle radiante Principe entre os outros Astros. Já por muitas, e repetidas vezes tem este erudito Author feito patente ao Mundo a dilatada esfera da sua grande capacidade, não só no primeiro Tomo, que compoz da mesma Chronica, no qual deo a ler preciosas noticias, que desde muitos seculos estiverão escondidas, e agora as descobrio com especial contentamento dos sabios; mas tambem nos outros muitos Volumes de materias differentes, em que mostrou ser o seu talento não ordinario, e muito superior o seu engenho. No Rio de Janeiro nasceo, e era justo, que hum engenho tão fecundo nascesse em hum

hum rio natural mente abundante de riquezas. Nos rios costumaõ nascer as pedras preciosas: e determinou a Divina Providencia, que a estimavel pessão do Author nascesse em hum Rio, aonde se descobrem preciosas pedras de tão alto valor, que a respeito do mesmo Muito R. P. Mestre Chronista bem posso affirmar, o que em semelhante elogio disse o Padre Ferraz *in Paneg: Possum tam velle, quam splendide affirmare, pretiosas, & gemmeas orationes gemellas esse gemmarum, quod utrarumque immensum pretium nitida brevitate contineatur.* Veyo pois o Doutissimo Author aizer a mais preciosa pedra, que se criou no seu Rio, a qual trasladando-se dos Estados da America para esta Corte de Lisboa, foy dando a conhecer de tal sorte os seus quilates, que os mais experientes avaliadores entendem, que excede o mayor preço, ou que não póde haver preço, que a pague.

Considerado como arvore famosa, lem dependencia das metamorfoses, que o poderiaõ desfigurar, e só pela especialidade do appellido proprio, que he *Pereira*, criou raizes tão profundas, como firmes neste Lusitano Carmelo, aonde não só floresce com admiração, mas cobrindo-se de innumeraveis folhas desde o tronco até as ultimas extremidades dos ramos, são as folhas poucas, e diminutas para caberem nellas as suas letras, e os seus excellentes escritos. Se me fosse licito usar nesta occasião de allegorias, muito natural era a que se dá entre esta peregrina Arvore, e a da Vida, com a qual o meu Sylveira comparou a nossa Religião dizendo: *Lignum vite licet mihi sacram Carmelitarum Religionem interpretari.* Comparo pois este grande Religioso com a arvore chamada da Vida, ou com hum ramo della, visto ser pela sua grande sabedoria humo notavel porção do corpo mystico, que compoem a nossa Ordem Carmelitana: e a razão da semelhança consiste, não só na doçura, e suavidade, que se percebe nas suas doutrinas, estimadas como frutos, que alimentão, e satisfazem ao gosto dos Leitores; mas na prodigiosa circumstancia de escrever de tal modo as vidas dos nossos Religiosos exemplares nas virtudes, que com effeito lhes anima os cadaveres, e consegue, que resuscitados dos tumulos do esquecimento, novamente existão na interminavel duração de huma perpetua memoria. Dos reformados clauíros dos nossos dous antigos Conventos de Colares, e Vidigueira, que o mesmo Author descreve sem differença na elegancia; o extrahio, mediante este livro, para os collocar nas vozes da Fama, que igualmente celebra as suas vidas, e os acertos do mesmo Author, do qual se verifica o que diz Seneca, a saber: *Maiores ille est, qui iudicium abstulit, quam qui meruit.* E como neste Tomo não ha cousa alguma opposta às nossas Leys, e mais Estatutos da Religião, antes para nos esforçar na Fé, e para nos estimular para as virtudes offerece rarissimos exemplos, julgo, que he merecedor de que se imprima para gloria da Religião, e honra singular desta Provincia. Este he o meu parecer. Carmo de Lisboa 25 de Setembro de 1748.

Fr. João de Avellar.

FRET

Fr. Luciano de Santo Alberto, Mestre na Sagrada Theologia, Definidor Geral, Prior Provincial da Ordem de nossa Senhora do Carmo da Antiga, e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios &c.

Vistas as approvaçoens do RR. PP. Mestres Fr. Luiz Antonio de Azevedo, Prior actual deste Convento, e Frey Joáo de Avellar, póde o M. R. P. M. Doutor, Ex-Provincial Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, nosso Chronista, mandar imprimir o segundo Tomo da Chronica da nossa Provincia de Portugal, para o que nos apresentou a necessaria licença do nosso Reverendissimo Padre Geral. Dada neste nosso Real Convento do Carmo de Lisboa sob nosso final, e sello manual do nosso officio aos 25 de Outubro de 1748.

Fr. Luciano de Santo Alberto Provincial.

Fr. Antonio Angelo de São Joseph, Socio, e Secretario da Provincia.

DO SAN-

DO SANTO OFFICIO.

APPROVACAM DO M. R. P. MESTRE JOSEPH da COSTA,
do Real Collegio de Santo Antão da Companhia de JESUS,
Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr ordem de vossa Eminencia li com muito gosto o segundo Tomo da *Chronica dos Religiosos Carmelitas da antiga, e Regular Observancia nestes Reynos de Portugal, e seus Dominios*, que compoz o M. R. Padre Mestre Frey Joseph Pereira de Santa Anna, Religioso da mesma Ordem de Nossa Senhora da Carmo, Mestre Jubilado na Sagrada Theologia, e Doutor na mesma faculdade pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Ex-provincial, e Chronista Geral, e perpetuo nestes Reynos, e seus Dominios, &c. Este famoso Escriitor tem enriquecido com tantas Obras o thesouro, onde a Historia conserva as mais preciosas noticias; já polindo as muito antigas, que pelos annos tinhaõ perdido o seu esplendor; já purificando as que se introduziraõ com muitas fezes de falsidade; já removendo outras totalmente alheyas da verdade, que se se eleger digno. Contraste que avalie as suas obras, as achará de inestimavel preço, e estimação. Nasceo o Author na America, donde o ouro he natural, e onde brotaõ os diamantes, e tudo o que escreve he ouro dos mais finos quilates, e diamantes dos mayores fundos. Com incansavel trabalho pode descobrir o que na terra do esquecimento jazia sepultado, e com tal arte lhe deu lustre, taõ primorosamente o polio, que resplandece como fino ouro, e brilha como diamantes. Neste segundo Tomo da sua *Chronica* o amenissimo campo deste thesouro he o delicioso pomar de Portugal, Colares, e o fertilissimo sitio da Vidigueira. Estes dous Conventos saõ como duas preciosas minas, onde o Author achou, e poz patente ao mundo as riquezas da sua Religião sagrada em tantos Heroes da Santidade, que naõ só se estimáraõ na terra, mas adornaõ agora o Ceo. Só a virtude de hum Veneravel Padre Fr. Esteveaõ da Purificação sóbe a tanto preço, e valor, que por ella se póde vender todo o precioso do mundo, e comprala. Eu ingenuamente confesso, que respeito tanta preciosidade, no que descobrio no Carmelo de Portugal o Author desta *Chronica*, que me persuado ser o Potosi da Santidade, onde os seus habitadores santamente ambiciosos se enriquecem espiritualmente, e repartem aos outros as celestiaes riquezas, que adornaõ o seu riquissimo Escapulario. Este he o verdadeiro vello de ouro, com que os Argonautas deste mundo, que demandaõ a gloria, espiritualmente trajaõ. Elle he cortado daquella gala matizada

zada de finissima pedraria , com que a Rainha do Ceo, e Mãe do Carmo apparece vestida á mão direita de Deos, e quer que seus filhos trajem, Mas toda esta opulencia celeste pulcherrimamente disposta pelo Author, para que se não diga delle: *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram*, se logra nesta Chronica; e parece problema, se he de mayor preço a Obra, pelo rico da materia, ou pelo precioso da fôrma. Eu não me fey deliberar. Só digo, que Deos costuma assemelhar muito as obras da graça, e do Ceo, ás da natureza, e da terra; e nestas assim como o diamante he bruto, se não se pule, e o ouro não resplandece, se não se purifica no crysol, assim naquellas a santidade escondida não brilha, e o mesmo thesouro das virtudes occulto não tem utilidade. Pelo que o Author enriquecido já das virtudes, que escreve dos outros, e occulta em si, e que a pezar da sua cautella, e humildade são bem notorias na Corte, fez a Obra pela materia, pela fôrma, e pelo Author preciosissima: e para concordar a estampa com o livro, imprima-se em laminas de ouro com caracteres de diamantes. Nada contém contra a nossa Santa Fé, e bons costumes. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Lisboa no Real Collegio de Santo Antão da Companhia de JESUS, 19 de Julho de 1749.

Joseph da Costa.

Vista a informação, pôde imprimir-se o segundo Tomo da Chronica Carmelitana Portugueza, que compoz o P. M. Doutor Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, e depois de impressa voltará conferida para sedar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 22 de Julho de 1749

Fr. Rodrigo de Lencastre. Sylva. Abreu. Almeida. Trigofo.

DO ORDINARIO.

APPROVAC, AM DO M. R. P. D. JOSEPH BARBOSA,
Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza,
Examinador das Tres Ordens Militares, Chronista da Serenissima
Casa de Bragança, &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

Segunda vez me faz V. Excellencia a honra de commetter à minha censura o segundo Tomo da *Chronica do Carmelo Observante Portuguez*, que em elegante, e grave estilo compoz o M. R. P. Mestre o Doutor Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, filho desta Provincia, a quem ella deve o conhecimento de si mesma. Este foy hum dos grandes elogios, que se fizeraõ ao Mestre André de Resende, quando imprimio o seu Tratado de *Antiquitatibus Lusitanæ*; porque mostrou as heroicas, e militares grandezas deste Reyno com os perduraveis monumentos das pedras, e dos Cipos Romanos, que o seu trabalho descobrio, e deu a ver aos Portuguezes, o que ignoravaõ da sua Patria. Do mesmo modo achou a Provincia Carmelitana Portugueza outro Resende no Padre Doutor Frey Joseph Pereira de Santa Anna. Poderà ser, que quando a Religiaõ o elegeo por seu Chronista, não esperasse o que està vendo com tanta gloria sua; porque muitas vezes os Chronistas mais se aproveitaõ dos privilegios, do que se applicaõ aos estudos. He incrivel o que trabalhou o Author para ordenar esta obra: fez jornadas para examinar os successos, que ordinariamente os desfiguraõ as informaçoes: entrou pelo silencio dos Cartorios da Religiaõ, aonde achou sepultadas grandes memorias, que totalmente se ignoravaõ, por descuido de se procurarem. Com o trabalho do seu estudo convenceo pela verdade dos Documentos muitas tradiçoens erradas, especialmente na Chronologia dos Prelados, a quem suppunhaõ mortos, quando ainda administravaõ o governo. Destas memorias organisou o Author o bem ideado corpo desta Chronica, em que deu a ver a Portugal, e á sua mesma Sagrada Religiaõ homens illustrissimos, não menos pelas letras, que pelas virtudes, e o adornou de noticias curiosas, de que outras Chronicas Regulares Portuguezas saõ muito destituídas, ainda que estejaõ elegantemente escritas. Feliz a terra do Rio de Janeiro, que não só he fertil, e abundante de ouro, mas produz homens incomparavelmente mais estimados, que o ouro. Em huma obra escrita por hum Lente Jubilado em Theologia, e por hum Doutor graduado na mesma sagrada Faculdade pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, não póde haver

haver cousa alguma contra a Fé, ou bons costumes. Assim o entendendo. Lisboa nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 25 de Setembro de 1749.

D. Joseph Barbosa C. R.

Vista a informação, pôde-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois de impresso torne para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá, Lisboa 22 de Outubro de 1749.

D. J. A. D. L.

DO PAÇO.

APPROVAC, AM DO M. R. DIOGO BARBOSA MACHADO,
Abade de Sever, Academico da Academia Real, &c.

S E N H O R.

O Bedecendo ao soberano preceito de Vossa Magestede, examiney com profunda attenção o segundo Tomo da *Chronica dos Carmelitas da antiga, e regular observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*, escrito pelo Padre Mestre Fr. Joseph Pereira de Santa Anna, seu Chronista, Lente Jubilado na sagrada Theologia, e nella Doutor em a Universidade de Coimbra, e Qualificador do Santo Officio. Esta Sagrada Familia, de que o Author he benemerito filho, possui entre todas, que ornaõ a Igreja Catholica, o singular braço de ser a primeira, derivando esta gloriosa primazia da veneravel antiguidade da sua origem, que teve em o Monte Carmelo, onde animada com o ardente espirito do grande Profeta Elias, mereceo que desterradas as sombras da Ley escrita, em que fora gerada pelos rayos da Evangelica, ouvisse da boca dos Apostolos os mesmos documentos, que tinhaõ aprendido na escola do Divino Verbo. Transferida da Asia para a Europa por devoto impulso do Christianissimo Monarca Luiz IX, que das adoraçoens do sólio passou aos cultos do altar, se dilatou com tão portentosa multiplicação por esta florentissima parte do Mundo, que não houve Reyno, que se não felicitasse com os seus professores exemplares da vida monastica, e Oraculos da

perfeiçãõ Evangelica. Para participar a nossa Lusitania deste sagrado Instituto esperou, que chegasse o faustissimo anno de 1251, gloriosa Epocha da Provincia Portugueza, a qual como frondosa arvore não estranhando o terreno, por ter fixas as raizes no Monte Carmelo, se corooou com a copiosa abundancia de flores scientificas, e frutos virtuosos; não sendo poderosa a larga diuturnidade de cinco seculos, que tantos conta da sua duraçãõ, para lhe esterilizar a fecundidade. Inutilmente se cança a Arithmetica intentando reduzir a numero os heroicos filhos, que a Provincia Portugueza gerou para ornato dos Santuarios, esplendor das Dioceses, e brazaõ das Universidades. Illustraõ a Primacial de Braga os Límpos; os Bispos da Guarda os Alvelos; de Portalegre os Arraes, e de Leiria os Lencastrres; renovando no exercicio da vigilancia pastoral as sagradas memorias dos Chrysostomos em Constantinopla; dos Athanasios em Alexandria, e dos Ambrosios em Milaõ. Ouvio admirado o Atheneo Conimbricense como Oraculos da Theologia Escolastica nas Cadeiras de Prima, Vespera, e de Escoto os Carvalhos, Ribeiros, e Tavares: e como se fosse limitada esfera Portugal para a sua literatura, sahiraõ delle os Vilhegas, Sobrinhos, e Ciabras; e nas Universidades de Bordeaux em França, de Athen em Inglaterra, e de Alcalá em Castella foraõ respeitados por Corifeos das Sagradas letras. Revelaraõ com profunda investigaçãõ os Sylveiras os mysterios occultos na Historia Evangelica, e os sagrados enigmas, que foraõ patentes em Pathmos ao Evangelista Profeta. Practicaraõ os Cardosos os harmonicos preceitos da Musica, regulando a consonancia das vozes pela innocencia dos costumes. Voaraõ ao cume do Parnaso os Farias, traduzindo no idioma Latino a Lusada Portugueza do divino Camoens, em cuja traducçãõ se equivocou na elegancia heroica do metro com o Author do Poema. Para emendar abusos introduzidos na Medicina, escreveraõ os Azevedos documentos solidos, fundados sobre as bases de experiencias Physicas. No ministerio concionatorio conciliaraõ os Oradores Evangelicos as attençaõs, e applausos dos auditorios mais eruditos, sendo a propria eloquencia acclamadora da sua fama. Quantos voluntariamente fugitivos do tumulto da Corte buscaraõ o silencio do claustro, onde para segurar a eternidade gloriosa occuparaõ todos os instantes do tempo. Nesta virtuosa classe se distinguiraõ como Astros da primeira grandeza D. Fr. Joaõ Manoel, filho do Serenissimo Rey D. Duarte, Embaixador de seu irmaõ D. Affonso V a Ungria, e Roma, e seu Capellaõ Mor; e o famoso Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Progenitor da Serenissima Casa de Bragança, que cançado de triunfar dos inimigos da Patria, expugnou com sagrada violencia o Empyreo, deixando por indelevel monumento da sua piedade o magnifico Obelisco do Convento de Lisboa, onde jazem as suas veneraveis cinzas. Destes monasticos Heroes, insignes huns na vigilancia pastoral, celebres outros na profissãõ de todas as Faculdades, e todos rígidos cultores do Instituto Carmelitano, foy fecunda mãy a Provincia de Portugal; e merecendo que os seus nomes, e acçoens
fos-

fossem patentes a todo o mundo para exemplares do estado Episcopall, e Religioſo, jaziaõ ſepultados em injulto ſilencio com eſcandalo da ſua memoria, até que a impulſos da laborioſa applicação do Author deſta Chronica renasceriaõ a nova vida. Da Patria, onde tem o berço o Principe dos metaes navegou eſte Principe dos Chroniſtas para extrahir das urnas do eſquecimento tantos Heroes dignos de eterna fama. Para a construção deſte Hiſtorico edificio lhe ſervirão de preliminares modelos tres grandes volumes, nos quaes moſtrou o judicioſo talento, de que a natureza beneficemente o dotara para deſempenhar taõ ardua incumbencia. Entrou como engenheiro Dedalo, guiado do fio do ſeu diſcurſo, pelo labyrintho dos Cartorios, e Archivos, onde mais agudo que Edipo decifrou caracteres confuſos, e quaſi apagados, e deſcobriu melhor que Jafão noticias até o ſeu tempo occultas, e ignoradas. Formando ſinzel da penna lavrou eſtatuas, que a pezar do tempo devorador permanecerão no Templo da immortalidade. Contemplou os aſpectos de tantos Aſtros ſempre fixos, e nunca errantes na exacta obſervancia do ſeu Instituto, e iſentos de que aſ ſuas luzes tenhaõ occaſo. Com eſcrupuloſo deſvello praticou as leys da Hiſtoria, aſſim na verdade da narração, como na ordem dos ſucceſſos, ſem cahir em algum anacroniſmo, que o pudette arguir de menos perito Chronologo. Armado de ſevera, e judicioſa critica abraçou o certo, excluio o duvidoso, e abominou o falto. Elegio o eſtylo Laconico, como mais grato ao delicado goſto deſte ſeculo, onde a brevidade não defrauda ao Leitor da inſtrução, que pretende; não uſou do Aſiatico, cuja redundancia faz a lição ſaſtidioſa. Igual em a narração dos ſucceſſos falla dos ſublimes com mageſtade, dos humildes com decencia, não cauſando pequeno aſſombro, que eſcreva o commum com ſingularidade, o ſemelhante com differença, e o vulgar com novidade. Publique ſe pois eſta grande Obra para exemplar de Hiſtoriadores Eccleſiaſticos, immortal gloria da Religiaõ Carmelitana, e plauſivel credito de taõ inſigne eſcritor; que ſendo taõ obſervante das leys da Hiſtoria, não podia ſer transgreſſor das de Voſſa Mageſtade, que ordenará, o que for ſervido. Lisboa 15 de Dezembro de 1749.

Diogo Barboza Machado.

Que ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà à Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo não correrà, Lisboa 19 de Dezembro de 1749.

Marquez P. Ataide. Vaz de Carvalho. Almeida.

P O'de correr: Lisboa 12 de Março de 1751.

Fr. Rodrigo de Lencastre. Sylva. Abreu. Almeida. Trigofo.

P O'de Correr: Lisboa 17 de Março de 1751.

D. J. A. D L.

Q Ue possa correr, e Taxão em 1200 reis: Lisboa 18 de Março de 1751.

Marquez P. Carvalho. Castro. Gomes de Carvalho.

INDEX

DAS PARTES, E CAPITULOS

deste Tomo Segundo.

O Numero mostra a pagina.

P A R T E I.

Dos felices successos desta Provincia, desde que tiverão principio no anno de 1423, e se continuaraõ até o de 1476.

CAPITULO I. Do primeiro Capitula Provincial celebrado neste Convento de Lisboa, logo que se erigio a nossa Provincia Portuguesa. Da-se noticia das eleicoens, que entaõ se fizeram, Pagina 1.

CAP. II. Das primeiras Leys municipaes da Provincia illustremente estabelecidas, e sempre com approvação pessoal dos Prelados superiores da Ordem observadas, pag. 9.

CAP. III. Dos Religiosos memoraveis pela excellencia das virtudes, dignidades, e sabedoria, que acabáraõ a vida no tempo, que durou este governo, pag. 20.

§. I. Vida, e morte do Illustrissimo D. Fr. Gomes de Santa Maria Doutor na Sagrada Theologia, Bispo Titular de Ebron, Prior do Carmo de Lisboa, e Vigario Geral dos Carmelitas Portuguezes, pag. 21.

§. II. Devida memoria do Serenissimo Rey D. Joaõ primeiro do nome, nosso especialissimo Bemfeitor, e Co-frade, pag. 25.

§. III. Noticia do Illustrissimo D. Fr. Alvaro, Bispo de Sylves no Reyno do Algarve, pag. 39.

§. IV. Vida, e morte do insigne Padre Doutor Fr. Affonso Leitaõ, aliás de Alfama, Vigario Geral, e primeiro Provincial desta Provincia, pag. 41.

§. V. De outros Religiosos, que falecerãõ nos doze annos deste governo, pag. 44.

CAP. IV. Do segundo, e terceiro Capitulo, que os nossos Religiosos celebraraõ neste Convento. Da-se noticia de algumas eleicoens, e das cousas memoraveis de todo o tempo, que durou hum, e outro governo, pag. 45.

CAP. V. Vida do Illustrissimo Senhor D. Frey Joaõ Manoel IV Provincial desta Provincia, juntamente Vigario Geral della, e Prior VII. deste Convento de Lisboa, filho do Serenissimo Rey D. Duarte, Embaixador de seu irmão El Rey D. Affonso V. a Ungria, e a Roma; Bispo Titular de Tiberiades, e Diocesano de Ceuta, Primaz de Africa, e depois Bispo da Guarda, Capellaõ Mór, do Conselho, e Expediente do mesmo Rey D. Affonso. pag. 49.

CAP. VI. De outras memoraveis particularidades, que respeitãõ ao mesmo Illustrissimo Bispo. Da-se noticia de hum grande sinal de amor, que mostrou aos Religiosos Carmelitas D. Nuno Manoel, inclyto ascendente da Illustrissima Familia dos Condes da Atalaya, pag. 71.

CAP. VII. Do que obrou o Papa Sixto IV. quando a elle recorreo o nosso Reverendissimo Padre Geral contra a perpetuidade do governo deste illustrissimo Pre-

Prelado. Da-se noticia de algumas resoluções, que no seu tempo se tomaram, especialmente do novo Breviario, que então recebeu a Provincia, pag. 76.

P A R T E II.

Da Fundação, Fundador, e mais particularidades pertencentes ao
nosso Convento da Villa de Colares, destinado para
Recoleta da Provincia.

CAPITULO I. *Das disposições para se effectuar a fundação do Con-*
vento, pag. 85.

§. I. *Expoem-se hum compendiosa noticia da Villa de Colares, pag. 85.*

§. II. *Do casal chamado vulgarmente da Torre, onde o nosso Convento de Colares teve o seu primeiro assento. Da-se noticia do Bemfeitor, que o deu para esse fim, pag. 91.*

§. III. *Do virtuosissimo Padre Frey Constantino Pereira, destinado para fundador. Da se noticia do edificio, que erigio no casal da Torre, pag. 94.*

§. IV. *Do novo sitio, que na Boca da Mata foy doado ao Fundador. Da-se noticia da primeira Ermida, que alli erigio dedicada á Senhora Santa Anna, onde habitou até acabar a vida, pag. 97.*

CAP. II. *Do que aconteceu, quando por falta do Fundador os Religiosos quizerão continuar na posse do sagrado Edificio, que elle deixara. Declarão-se algumas particulares mercês, que ao nosso Convento fizeram os senhores da villa de Colares, e os Provinciaes desta Provincia, pag. 101.*

CAP. III. *Da confirmação das doações, que este Convento de Lisboa fez ao de Colares; e da dispensa, que da Santa Sé Apostolica alcançou a nossa Provincia para a mudança deste Convento. Da-se noticia do sitio, em que se acha agora fundado, pag. 108.*

CAP. IV. *Do Edificio do Convento com toda a fabrica material, que lhe pertence, pag. 116.*

§. I. *Da Igreja, e suas Capellas, pag. 116.*

§. II. *Das partes mais principaes do Convento, pag. 123.*

§. III. *Da Cerca, e da abundancia da agua, que a rega, pag. 127.*

CAP. V. *De algumas cousas particulares do mesmo Convento, especialmente da eleição, que delle se fez para Recoleta da Provincia, pag. 132.*

CAP. VI. *Do muito, que os Religiosos se tem defendido para gozarem a isenção, e socego, em que actualmente vivem, pag. 139.*

CAP. VII. *Vida do Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação, honra immortal desta Provincia. Da-se noticia dos seus progressos, ate que se dispoz a servir só a Deos no estado mais perfeito, pag. 155.*

§. I. *Da sua Patria, pays, nascimento, e infancia, pag. 156.*

§. II. *Da vocação, que teve para ser Religioso. Da se noticia do Convento, onde tomou o habito, e das exemplares acções, que obrou até os trinta e cinco annos de sua vida, pag. 159.*

§. III. *Do modo, com que Deos o encaminhou para a mayor perfeição, e dos Santos exercicios, em que se adiantou no primeiro anno da sua conversão, pag. 165.*

CAP. VIII. *Continuão-se as noticias do mesmo Veneravel Padre, pelo que respei-*

- respeita aos exercicios, e efeitos da Oração, pag. 171.
- §. I. Suas oraçoens vocaes quotidianas postas pela mesma ordem, que erão proferidas, pag. 171.
- §. II. De algumas particularidades pertencentes à sua oração vocal, e mental, e do modo, com que lucrava para Deos muitas almas, pag. 178.
- §. III. De alguns maravilhosos efeitos da sua oração applicada em beneficio de diferentes pessoas, pag. 188.
- CAP. IX. De algumas particulares virtudes suas; e do modo, com que as praticava entre as creaturas, pag. 193.
- §. I. Da sua rara humildade, pag. 193.
- §. II. Da especialidade com que amava, e fazia amar a Deos, pag. 198.
- §. III. Do amor, que teve ao seu proximo, e do muito, que o exercitou com os pobres, pag. 205.
- §. IV. Da sua extremosa caridade com os enfermos, com os hospedes, e com os serventes, pag. 210.
- §. V. De alguns singulares efeitos da mesma virtude da caridade, pag. 215.
- CAP. X. Da perfeição, com que observou os tres votos, de Obediencia, Pobreza, e Castidade. Referem-se alguns successos memoraveis pertencentes à mesma materia, pag. 219.
- CAP. XI. De algumas singulares devoçoens, que teve, e ensinou, não só com o exemplo, mas por escrito, pag. 228.
- §. I. Devoção á Sagrada Imagem de JESU Christo, e á sua Santissima Cruz, pag. 229.
- §. II. Devoção ás Chagas de Christo, com as instruçoens dadas na seguinte carta, que escreveu a huma Religiosa da Ordem de S. Bernardo, pag. 231.
- §. III. Devoção especial, que teve ao Santissimo Sacramento da Eucharistia, pag. 236.
- §. IV. Devoção, que em toda a sua vida professou á Mãe de Deos Maria Santissima Senhora Nossa, pag. 240.
- CAP. XII. De outras cousas notaveis dignas de memoria, que respeitão á vida, e morte do mesmo veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação, p. 243.
- §. I. Recolhe-se o servo de Deos ao Convento de Colares, onde escondido ás veneraçoens acaba a vida temporal com morte preciosa, Ibid.
- §. II. Depois da sua morte obra Deos maravilhosos portentos para abonar a constante opiniaõ, que ha da santidade deste seu servo, pag. 248.
- §. III. Executa-se a solemne, e festiva trasladação do seu venerando cadaver, pag. 252.

P A R T E III.

Do que aconteceu na Provincia desde o anno de 1476 até o de 1522.

CAP. I. Do quinto Capitulo Provincial celebrado neste Convento de Lisboa, e do que aconteceu na Provincia, em quanto durou o presente governo, pag. 257.

CAP. II. Do Provincialado do veneravel Padre Doutor Fr. João Sobrinho, VI. Prelado mayor, e hum dos inclitos filhos desta Provincia, pag. 262.

§. I. Da-se noticia do tempo certo, em que este veneravel Padre foy Provincial, Ibid.

§. II. Compendio da vida deste Santo Prelado, pag. 265.

SSSS

§. III.

- §. III. *Expoem-se os successos da Provincia no tempo daquelle governo, que teve fim com a preciosa morte do veneravel Provincial, pag. 270.*
- CAP. III. *Do Provincialado do Padre Mestre Fr. João Dias, e do que consta haver acontecido na Provincia, em quanto durou o seu governo, pag. 276.*
- CAP. IV. *Dos dous Capitulos Provinciaes, que se fizeram no anno de 1489. Da-se noticia do Visitador Geral, que presidiu no ultimo, pag. 279.*
- CAP. V. *Do quadriennio, em que foy Provincial o Padre Presentado Fr. Rodrigo de Beja. Da-se noticia do Vigario Provincial, que governou a Provincia, até se fazer nella Capitulo, pag. 284.*
- CAP. VI. *Do Provincialado do Padre Mestre Frey Jeronymo de Santa Maria, pag. 291.*
- CAP. VII. *Vida, e governo do muito virtuoso Padre Fr. João de Santa Anna, hum dos mais dignos Provinciaes deste Reyno, onde tambem foy Vigario Geral dos Carmelitas Portuguezes, pag. 294.*
- §. I. *Compendio da vida deste Veneravel Provincial, ibid.*
- §. II. *Da-se noticia dos Prelados Locaes deste Convento, que existirão, e dos successos notaveis, que acontecerão no tempo deste Provincialado, pag. 300.*

P A R T E IV.

Da fundação, e de tudo o mais que pertence ao nosso Convento da Villa da Vidigueira.

- CAP. I. *Da-se particular noticia desta villa, e do sitio, onde se fundou o nosso Convento, pag. 307,*
- CAP. II. *Do grande prodigio, que deu occasião a se fundar a primeira Ermida, dedicada á Virgem N. Senhora das Reliquias, a qual nos foy concedida por especial mercê, pag. 314,*
- CAP. III. *Da posse, que a Religião tomou da Ermida, e bens, que lhe pertencião. Da-se noticia do principio, que teve aquelle Convento; da segunda Igreja, que houve, e dos Bemfeitores, que edificarão a que de presente existe, para a qual se trasladou a sagrada Imagem da Mãe de Deos com solemnidade, pag. 320.*
- CAP. IV. *Da-se noticia da Igreja, e de tudo o que nella ha memoravel, p. 327.*
- §. I. *Do Frontispicio, torres, e Capella Mór, Ibid.*
- §. II. *Da Capella do Cruzeiro chamada do Padre André Coutinho. Da-se noticia deste virtuosissimo Sacerdote, pag. 332*
- §. III. *De outra capella, e sepulturas notaveis do Cruzeiro, pag. 338.*
- §. IV. *Do corpo da Igreja, e suas capellas, festa principal do seu santissimo Orago, pag. 340.*
- CAP. V. *De algumas portentosas maravilhas da Soberana Senhora das Reliquias, pag. 344.*
- CAP. VI. *Das sagradas Reliquias, que nesta Igreja se venerão, e das preciosas peças, que servem no Culto Divino, pag. 354.*
- CAP. VII. *Da fabrica material do Convento com suas principaes Officinas, e Cerca, pag. 362.*
- CAP. VIII. *De algumas mercês dos Reys, e tambem dos senhores da Vidigueira. Da-se noticia do mais, que resta dizer a respeito do mesmo convento, pag. 368.*

CAP. IX.

CAP. IX *Vida do veneravel Frey Gonçalo da Madre de Deos, Irmão da vida activa*, pag. 375.

§. I. *Da sua Patria, e primeiros progressos na Religião*, Ibid.

§. II. *Das portentosas maravilhas, que no estado do Maranhão obrou até ausentar-se para Portugal*, pag. 380.

§. III. *De outras heroicas acções de virtude, que exercitou até acabar santamente a vida*, pag. 388.

CAP. Ultimo, *Vida do virtuosissimo irmão Fr. Joseph de Santo Ambrosio*, pag. 396.

ERRATAS.

O numero mostra a pagina.

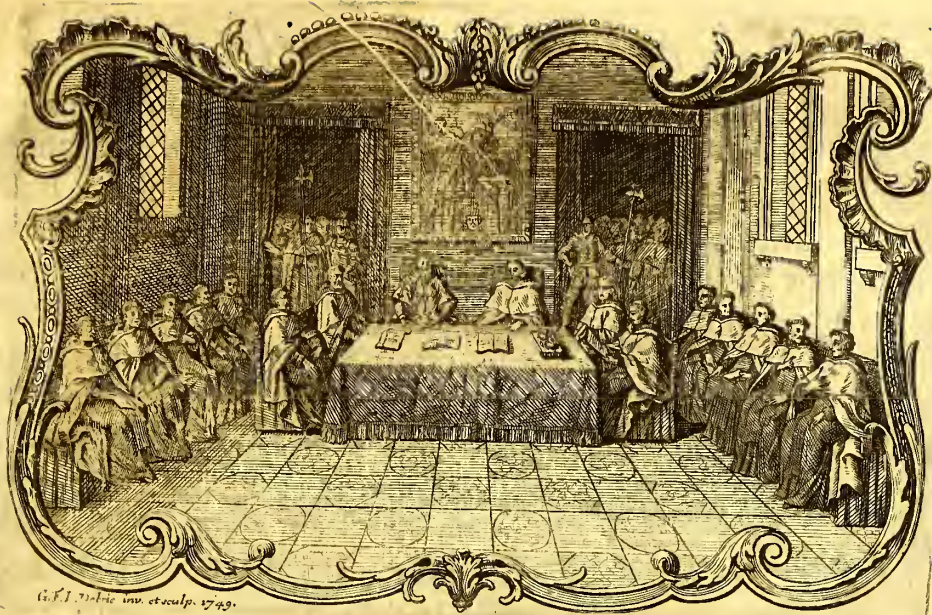
	Erros.	Emendas.
P Ag. 3 linha 27,	Patenres	Patentes
Pag. 8. linh. 12.	humidade	humildade
Pag. 9 linh. 15,	vestlo	vestio
Pag. 20 linh. 26,	confome	conforme
Pag. 38 linh. 28	Espiriros	Espiritos
Pag. 45, na margem	Provincial III	Provincial II
Pag. 65 linh. 2,	Estorga	Estorva
Pag. 67 linh. 2,	Espicopaes	Episcopaes
Pag. 68 linh. 25,	insigne	insigne
Pag. 69 linh. 28,	Inorhf	Imhoff
Pag. 81 linh. 8.	desgrca	desgraça
Pag. 93 linh. 11,	Affolo	Affonso
Pag. 103 linh. 21,	Setembto	Setembro
Pag. 106 linh. 15,	1508	1505
Pag. 115 linh. 32,	que podem	que não podem
Pag. 122 linh. 26,	§ 405	205
Pag. 134 linh. 36,	§ 262	226
Pag. 140 linh. 35,	§ 136	236
Pag. 157 linh. 35,	inseperavel	insuperavel
Pag. 182 na margem	crata	carta
Pag. 190 na margem,	crata	carta
Pag. 197 na margem,	crata	carta
Pag. 199 linh. antepenultima	scorrente	corrente
Ibidem ultima,	uas virtudes	suas virtudes
Pag. 215 linh. 22,	escaeveo	escreveo
Pag. 229 linh. 20,	femenas	femanas
Pag. 241 linh. 3,	Refario	Rosario
Pag. 251 linh. 11,	cousa	cousas
Ibidem linh. 35,	lavar	lavarar
Pag. 276 linh. 5,	§ 395	495
Pag. 277 linh. 32	§ 489	498
Pag. 384 linh. 13,	Frlor	Prior
Pag. 377 linh. ultima,	Gançalo	Gonçalo

PRO.

PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

DECLARAMOS, que não he do nosso intento dizer nos seguintes escritos couza, que não fique sujeita á censura, e correccão da Santa Sé Apostolica. E porque damos as denominaçoens de Veneraveis, Beatos, e Santos a muitos servos de Deos, cuja santidade ainda não he definida pela Igreja, mas só estimada como indubitavel na constante opiniaõ dos Fieis, devemos advertir aos Leitores, que semelhantes titulos não excedem da razã de humanos elogios, na mesma fórma, que os Decretos, e Explicaçoens do Beatissimo Padre Urbano VIII. os permite.

Fr. Joseph Pereira de Santa Anna



CHRONICA DOS CARMELITAS,

DA ANTIGA, E REGULAR OBSERVANCIA
Nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios.

P A R T E I.

Dos felices succéssos desta Provincia, desde que tiveraõ principio no anno de 1423. e se continuaõ até o de 1476.

C A P I T U L O I.

Do primeiro Capitulo Provincial celebrado neste Convento de Lisboa, logõ que se erigio a nossa Provincia Portuguesa. Da-se noticia das eleiçoens , que entaõ se fizeram.

I



M TODOS OS TEMPOS achãmos haver sido para os Carmelitas fausto, e feliz o mez de Julho : que por ser o quinto do anno, quando este principiava em Março, lhe chamáraõ *Quintilis*, e depois *Julho* ; porque o Dictador Julio Cesar para lembrança de haver nelle nascido, lhe poz o seu mesmo nome. No dia quinze deste mez conseguimos a grande honra de sermos destinados para

Tom. II.

A

Coadju-

*Anno de
Christo.*

1423.

*Etymologia do
mez de Julho.*

Festividade da
Divisão dos
Apostolos.

Festa da Com-
memoração so-
lemne

Dia do rapto de
nosso P. S. Elias.

Dias em que se
celebrou o pri-
meiro Capitulo
da Provincia.

*Chron. tom. 1.
num. 916. e seg.*

Conventos, que
tinha a Provin-
cia.

Falsa tradição
à cerca do Con-
vento de Mon-
ta.

Coadjuutores da peregrinação dos Sagrados Apostolos na publicação do Evangelho: donde procedeo, que antigamente rezavamos neste dia com Rito Duplex de huma Festividade intitulada *Divisão dos Apostolos*, como ainda se vê em muitos dos nossos Breviarios. No dia dezafeis nos trouxe do Ceo em suas proprias mãos MARIA Santissima, Nossa admiravel May, o precioso mimo do Sagrado Escapulario; pondo por esta causa, a toda sua Ordem Carmelitana em obrigação tão precisa, que grata ao beneficio, em publico desempenho de tão incomparavel fineza, lhe dedicou huma Festividade, hoje universal em toda a Igreja, com o titulo de *Commemoração solemne*. No dia vinte aconteeo o maravilhoso rapto do nosso Inclyto Proto-Patriarca Santo Elias; razão, porque neste dia faz delle a devida memoria o Martyrologio Romano. Em fim desde o dia sexto até o vigesimo terceiro do mesmo mez do anno 1423 foy celebrado o primeiro Capitulo Provincial dos nossos Carmelitas Portuguezes; com tantos acertos da parte dos Vogaes, com tanta authoridade pela pessoal assistencia do magnanimo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, fundador deste Real Convento; e com honra tão especial, feita pelo piissimo Senhor Rey D. João da boa memoria aos Definidores, que para o presente Volume não podia occorrer assumpto mais grave, nem mais heroico principio.

2 Consta do Tomo I. da nossa Historia, que no dito anno de 1423. se achavaõ fundados os dous Conventos do Carmo, hum na celebre Villa de Moura, outro nesta Corte, e que nesse tempo cuidavamos em fundar terceira Casa na Igreja de Nossa Senhora do Cabo, que agora he hum dos mais frequentados Santuarios deste Reyno; e entãõ, por causas alheyas deste lugar, nos pareceo estar em sitio pouco proporcionado para a nossa subsistencia. Tambem insinuamos o modo, com que a nossa Familia Carmelitana se governava em Portugal; porque sem embargo de correr entre alguns dos nossos antigos a tradição, de que o Carmo de Moura fora fogeito á Provincia de Andaluzia, facilmente se convence de falsa esta tradição, não só com o que deixamos escrito nos lugares competentes, mas com a certeza, de que a Provincia Carmelitana de Portugal he
mais

Tomo II. Parte I.

3

mais antiga, que a de Andaluzia. A prova mais evidente he o Catalogo das mesmas Provincias, que se acha incorporado nas Constituições da Ordem, onde a de Portugal tem o vigesimo quarto lugar, e a de Andaluzia o vigesimo oitavo.

*Const. Ord. párg.
I. Cap. 2.*

3 Havia neste Reyno (como fica dito) hum Commisfario do nosso Reverendissimo Padre Geral com o titulo de seu Vigario, a quem os Religiosos recorriaõ naquelles casos, que não cabiaõ na jurisdicção dos Priores Locaes: providencia, que os Superiores da Ordem julgáraõ ser necessaria, por causa da consideravel distancia, que há deste Reyno ao de Inglaterra, em que primeiro residiraõ alguns Geraes Latinos, os quaes se trasladáraõ depois para Roma, onde actualmente assiste a Cabeça da nossa Religiaõ. Mas porque os Conventos cresciaõ em numero, e era justo, que houvessemos de nos conformar com o estylo praticado na Ordem, supplicou o Santo Condestavel ao Reverendissimo Padre Geral Frey Joaõ Grós a concessão para o estabelecimento da nova Provincia; e a sua authoridade para se proceder ás eleiçoens do primeiro Capitulo. Com effeito delegou o nomeado Geral os necessarios poderes ao Padre Doutor Frey Affonso de Alfama, fogeito de gloriosa estimação no Reyno. O seu nome proprio era Frey Affonso Leitaõ: e desta maneira se assina conforme achámos em muitas memorias do nosso Archivo. Porêm nos titulos das Patentes, que passava como Prelado, sempre usava do appellido *Alfama*: o que vimos em três Patenres suas, que entre outros Originaes dignos de apreço conservamos. No anno, em que acontenceo a morte deste insigne Varaõ, lhe escreveremos a vida: agora só tratamos desta acção capitular, na qual com todos os requisitos necessarios, e com a possivel solemnidade foy nomeado Presidente.

*Vigario Geral
em Moura an-
tes de haverem
Capitulos.*

*Presidente do
primeiro Capi-
tulo.*

4 Passadas em tempo habil as vocatorias para se congregarem os Vogaes, começou o nosso inclyto Condestavel a interessar-se tanto na funcção, que lhe chamava sua; e depois de participar ás Pessoas Reaes, o que determinava fazer, com o beneplacito do Soberano, deo principio ao acto, que pelas particularidades, em que depois havemos de reflectir, foy hum dos mais honorificos, de que se pódem gloriari os Carmeli-

*Gosto, que mos-
trou o Santo
Condestavel.*

4 *Chronica dos Carmelitas*

*Chron. tom I. n.
916.*

*Provin-
cial. I.*

*Elogios deste
primeiro Prela-
do mayor da
Provincia.*

*Congratulações
dos Religiosos.*

*Honras feitas
pelas Pessoas
Reaes.*

tas Portuguezes. Já deixámos declaradas as reciprocas at-
tençoens, que precedêrao entre o Presidente, e o Senhor
Condestavel, que recolhido na Clausura, habitava dentro
deste Convento. Porém não devemos deixar em silencio a
justa razão, com que o mesmo Presidente conseguiu daquelle
Principe o assistir pessoalmente no grémio. Nelle teve o pri-
meiro lugar, authorisando-o com a sua presença tanto, quan-
to o Doutor Fr. Affonso Leitão, aliás de Alfama, com a pri-
mazia da jurisdição.

5 Como os Vogaes tanto cuidavao em eleger Prela-
do, que podesse desempenhar as obrigaçoens do emprego,
uniformes na resolução votarao para Provincial no mesmo
Presidente de Capitulo, que era dos mais beneméritos Re-
ligiosos do Reyno. Para este effeito nos consta, que elle não
concorrera com algum arbitrio, mas que só o antepuzera o
seu merecimento. O que sobre tudo inclinou as vontades
dos eligentes, foy a experiencia, que tinhao da capacidade
do foyeito; porque havendo exercitado muitos annos a oc-
cupação de Vigario Geral da Ordem, já mais no seu gover-
no obrou cousa, que não fosse dirigida ao serviço de Deos, e
augmento da Religião. Como verdadeiro Ministro do Author-
da paz, sempre a conservou com geral aceitação dos subdi-
tos, que andando bem regidos, viviao consolados: e tal era
a sua prudencia no modo de exercitar o caracter, que a supe-
rioridade paternal nunca chegou a parecer violento dominio.

6 Eleito Provincial o Doutor Fr. Affonso de Alfama
no dia 6. do dito mez de Julho do referido anno de 1423,
não he explicavel a alegria, que resultou deste notorio acerto.
Os Religiosos se congratulavao entre si; o piissimo Condes-
tavel se comprazia; e até o Infante primogenito D. Duarte
por fager honra a bo Conde (segundo o que lemos em huma
memoria) *veyo prestes ao damento das graças por bo novo Pro-
vincial: e com esto abondo erao os vivas.* Nas demonstraçoens
de gosto, que se praticaõ em semelhantes funçoens passarao
os Religiosos o resto do dia: e antes da noite executou o
novo Prelado a obrigação de ir á presença delRey, a quem
beijou a mão, e delle no mesmo acto recebeo os parabens,
que com affectuosas expressoens foy servido darlhe publica-
mente. Logo alli lhe fez a promessa (que o Provincial acei-
tou,

Tomo II. Parte I.

5

tou, e o Condestavel agradeceo) de favorecer com a sua Real protecção os interesses da nova Provincia; para que no tempo futuro os seus progressos houvessem de corresponder às felicidades presentes.

7 Os quatro Definidores eleitos na mesma occasião foram os seguintes: primeiro Fr. Sancho de Ayvar, Licenciado em Theologia, Varão exemplarissimo; segundo Fr. Ayres da Sylva, famoso entre os mais applaudidos Prégadores daquelle tempo; terceiro Fr. Diogo Gil, fogeito, de quem já no Tomo I. da nossa Historia fallámos, e lhe repetiremos a memoria, quando tratarmos de outros empregos, que teve na Provincia; quarto Frey Estevão Rodrigues, Religioso de grande economia para os governos. Procedendo-se depois às eleições dos Prelados Locaes das duas Casas, foy eleito Prior do Convento de Moura o segundo Definidor Fr. Ayres da Sylva; e Prior do Carmo de Lisboa Fr. Diogo Gil, terceiro Definidor. Tambem se tratou de dar provimento ao Lugar de Sanctiſtão Mór deste Convento: e foy eleito o mesmo, que antes do Capitulo exercitava aquella occupação: a saber, o dito quarto Definidor Fr. Estevão Rodrigues, de quem o inclyto Condestavel fazia singular conceito; porque no seu officio tudo obrava com grande aceyo, e com admiravel zelo.

8 Nos dias, em que durou a Congregação Definitoria, se ponderarão algumas materias pertencentes ao bom governo da Provincia: e cuidando aquelles veneraveis Padres, em que no tempo futuro tivessem permanencia alguns costumes santos, que, ou pela gloria da sua antiguidade, ou pelo motivo da sua observancia, devião ser neste Reyno conservados, se ajustarão com o Senhor Condestavel, e com o mesmo Monarca, ácerca do meyo de os estabelecer. Bem poderião logo publicar por modo de Actas aquellas resoluções, mandando que os subditos inviolavelmente as observassem. Mas por evitarem algumas consequencias nos pontos em que se envolvia o concurso Regio, se remetêrão ao Reverendissimo Padre Geral, para que com a sua approvação se fizessem manifestos, e depois de confirmados, se houvessem de guardar indispensavelmente; de sorte, que nesta occasião ficáram os taes pontos só conferidos, mas esperando-se, que satisfei-

Os quatro Definidores eleitos.

Chron. tom. II. num. 462.

Prior II. do Carmo de Lisboa.

Sanctiſtão Mór do mesmo Convento.

Ajuste, que houve para se estabelecerem algumas cousas convenientes.

6 *Chronica dos Carmelitas*

ta aquella condição, tivessem a formalidade de rigorosas Leys.

Assento, que se fez sobre irem Religiosos estudar às Universidades.

9 Assentou-se também no Definitorio, que em quanto na Provincia não houvesse casa destinada para estudos, o Provincial tivesse cuidado de sustentar em alguma das Universidades publicas hum Religioso de boas esperanças, que depois utilisasse os nossos Conventos, não só com as sciencias, nas quaes o mandaria graduar; mas também com as virtudes moraes, que as pessoas intelligentes, depois de discorrerem pelo Mundo, costumão praticar, quando se restituem á Patria. Para esse fim se destinou sufficiente renda, que não poderia ter diversa applicação: e se advertio, que havendo outros filhos da Provincia, que ajudados de subsidios alheios estivessem habéis para se aproveitarem das doutrinas Escolasticas nas ditas Universidades, sempre o Provincial concorresse para se effectuar a sua hida, em ordem a mais florecerem os Conventos com Religiosos Doutos; na mesma forma, que até alli fizeraõ os Prelados do Carmo de Moura. Este Convento sempre sustentou hum filho nos Estudos geraes das Universidades; razão, porque em todos os tempos, desde que se erigio, teve fogueitos de tanta distincção nas sciencias, que hoje servem de assumpto à fama, e de credito aos nossos escritos.

Conventuaes de Moura nas Universidades publicas.

Dia, em que se finalizou o Capitulo.

Memoria de S. Apollinario B.

10 Depois de outras disposições menos memoraveis, deo-se fim ao acto Capitular no dia 23. de Julho, sem haver Religioso, que não ficasse satisfeito das eleições; nem Secular, que deixasse de applaudir o discreto procedimento de Vogaes tão authorisados. Neste dia, que era dedicado ao Glorioso Bispo, e Martyr Santo Apollinario, em memoria do primeiro Capitulo, e como em acção de graças, de se haver este concluido tão felizmente, se cantou ao mesmo Santo huma solemne Missa; ajustando-se por Ley expressa, que delle sempre neste Convento se refaria com Rito Duples. Porém antes de se entrar ao Coro, convocou o novo Prelado toda a Communidade, e na casa Capitular lhe deo a saber em presença do invicto Condestavel, quanto nas Selloens antecedentes se havia consultado, e resolutu. E quando não teve mais, de que dar conta, querendo participar aos mesmos Religiosos os piissimos intentos, com que aceitára o novo cargo, e do animo, com que pertendia entrar no governo, lhes fez huma elegante pratica, da

Tômo II. Parte I.

7

da qual achámos huma cópia na lingua Latina, em quê elle a reperio. E posto que por esse modo a daremos a ler no fim deste Volume, sempre a transcreveremos traduzida no idioma natural pelo theor seguinte.

II „ **P** Ara esta superioridade, O^o meus piíffimos,
„ e sempre amados Irmãos, muito por vossa
„ vontade, sem seres constrangidos, me chamaſtes. He cer-
„ to, que tinheis para o governo desta nossa Provincia ou-
„ tros ſogeitos mais aptos; porêem deixando de pôr os ólhos
„ nelles, me elegestes a mim, que de todos ſou o minimo.
„ Por ventura eu, comparado com as arvores, ſou tão fecun-
„ do de virtudes, (bem aceitas de Deos, e dos homens) co-
„ mo a oliveira he pingue de olio, para vos governar, como
„ Deos manda? Sou por ventura como a figueira, que com
„ doçura nas palavras, e com ſuaviſſimos frutos de boas obras
„ haja de me conſtituir benemerito de tal promoçãõ? Sou
„ como a vide, que tendo qualidade para cauſar alegria, ha-
„ ja de vos governar no eſpiritual, e temporal, ſem que os
„ vossos coraçõens ſe afflijaõ? Não vedes que ſou como
„ o eſpinheiro, a quem as outras arvores conſtituirãõ Rey,
„ ſem ſombra, que vos dê abrigo, ſem fertilidade, que vos
„ utilize, deſtituido de myſticos frutos, e ſó carregado de
„ máos coſtumes, todos dignos de reprehẽſaõ? Com tudo,
„ viſto que com effeito me conſtituiſtes Prelado ſuperior
„ desta Provincia, ſe quereis deſcançar amparados da minha
„ ſombra, em lugar da que me falta, achareis outra infallivel,
„ a ſaber, a ſombra ſaudavel da formoſiſſima arvore da Vida,
„ ſempre de nós muito deſejada, debaixo da qual reſidimos.
„ Tal he a Mãy de Deos, MARIA Santiſſima, Rainha dos
„ Carmelitas, e Aguia de grandes azas, de quem nasceo JE-
„ SU Chriſto noſſo Deos, trazendo tambem nas azas a noſſa
„ ſaude. A cada hum de vós confidero hum cedro, não do
„ Libano, mas ſim do Monte Carmelo: e aſſim vos ſeguro,
„ que ſe de mim, como daquella outra arvore, ſahir fogo,
„ nunca ha de ſer para vos conſumir, mas ſim para vos amar:
„ para o que he neceſſario, que de todo o coraçãõ, e com to-
„ da a alma ameis a Deos; que ameis fraternalmente huns
„ aos outros; que ameis a juſtiça, e aborreçais as maldades.
„ Desta

Pratica feita
aos Religio-
ſos.

Documen-
to. I.

„ Desta maneira a chamma , que de mim sahir , não será pa-
 „ ra effeito de castigo , mas sim para final da caridade , que
 „ comvosco desejo exercitar. Fazey pois que se extingua o
 „ incendio dos erros , e que em vós só resplandeça o fogo do
 „ Espirito Santo , que anima , e dá vida : e a luz das vossas
 „ boas obras brilhe em tal fórma na presença dos homens ,
 „ que dê gloria ao Eterno Pay , que está no Ceo , e a mim
 „ me resulte o gosto de merecer o honorifico nome de Pay
 „ de tão excellentes filhos.

12 Nestes breves periodos incluío, quanto no presente assumpto se devia discorrer, deixando aos circunstantes tão edificados da sua humildade, e tão fervorosos no amor das virtudes, que cada hum dos Religiosos se dispunha a observalas perfeitamente, respeitando primeiro a Deos, e depois ao contentamento, que resultava a tão benemerito Prelado. De toda a Comunidade recebeo novos parabens, e ratificação de obediencia; á qual se seguirão os outros actos, que hoje com alguma differença accidental se exercitaõ no dia ultimo de cada huma das Congregaçoens. Não faltou a esta Regular função o nosso inclyto Padroeiro, que como intelligente da lingua Latina, nella fazia gosto de ouvir semelhantes discursos; razão, porque a Patente, que o mesmo Provincial lhe deo para a administração temporal dos bens da Provincia, e mais prerogativas, que lhe eraõ devidas, não foy no idioma materno, mas no Latino, segundo deixámos já escrito no primeiro Tomo da nossa Historia, á qual nos lugares citados nos remetemos.

13 Depois de cantada a Missa, tornou o Provincial com a Comunidade para o Capitulo, aonde tambem se achou o Senhor Condestavel acompanhado de algumas pessoas Seculares, e de hum Tabellião para nos fazer publica entrega deste Convento. Assim o executou com as particularidades, que deixámos escritas no dito Tomo I. da Historia. Com esta acção gloriosissima se poz a ultima clausula a todas, as que pertenciaõ á Congregação Capitular. O novo Prior deste Convento tomou posse do seu governo, fazendo, quanto lhe foy possivel, por seguir as direcçoens do seu antecessor, o Illustrissimo D. Fr. Gomes de Santa Maria Bispo de Hebron, antes de erecta a Provincia, o qual (segundo dissemos

Effeitos do que
a Pratica conti-
nha.

Affistencia do
Santo Condesta-
vel.

Chres. tom. I.
num. 920. e Do-
cum. ibi. XVIII.

Quando o Santo
Condestavel nos
dou o Conven-
to.

Tom. I. n. 931.

Ibid. num. 917.

Prior primeiro
do Carmo de
Lisboa.

Tomo II. Parte I. 9

femos já) fez renuncia, e deo por acabadas as suas occupaçoens antes do Capitulo, particularidade, na qual fallaremos mais largamente, quando deste exemplarissimo Prelado, no lugar competente, fizemos a devida memoria.

14 Com especial favor do Ceo, e conhecida felicidade na terra, deo o Provincial principio aos exercicios da sua occupação, usando da boa regularidade, que havemos de expender, quando no anno da sua morte lhe escrevermos a vida. No dia quinze de Agosto, que foy no mez seguinte ao da celebração do Capitulo, teve a estimavel honra de lançar o habito ao Veneravel Fundador deste Convento, o qual veyo a fer o primeiro, que elle recebeo para Religioso depois de erecção a Provincia; circumstancia, que não referimos nas memorias do mesmo Heroe; porque só agora a encontramos averiguada. Mas ainda que vestio o Habito com as demonstraçoens de humildade, que requeria sua qualificada vocação, sempre os Prelados advertidos, e attentos, obraraõ, quanto da sua parte estava, para darem a conhecer ao Mundo (na distincção, que de tamanho homem faziaõ) que ainda era o mesmo para a veneração, e elles immutaveis no conhecimento dos beneficios: e neste anno não consta de outra acção memoravel na Provincia; posto que esta he mais que bastante para authorisar as felicidades, que gloriosamente possuimos.

O Santo Conde
destavel foy o
primeiro que
tomou o Habito
na Provincia
depois de inti-
tuida.

Estimação, que
delle se fazia.

CAPITULO II.

Das primeiras Leys municipaes da Provincia illustremente estabelecidas, e sempre com approvação pessoal dos Prelados Superiores da Ordem observadas.

15 **O** Nosso Reverendissimo Geral, que era (como já dissemos) o P. M. Fr. João Groz, julgando, que eraõ acertadas, e santas todas as resoluçoens, que no Capitulo se haviaõ tomado, as approvou, e com os poderes, que pelo seu officio lhe foraõ concedidos, as confirmou; mandando ao Provincial, que as publicasse por modo de Leys municipaes da Provincia. Porém

Prevenção a
respeito das pri-
meiras Leys da
Provincia.

o Provincial, e Padres Definidores temendo, que pelo tempo adiante, por causa da successão de vontades differentes, fossem as taes Leys, ou esquecidas, ou com injustos pretextos dispensadas, as lavraraõ em fôrma, que para se frustrarem, são necessarios muitos requisitos; e faltando estes, sempre as ditas Leys devem ter inteira, e perfeita observancia. Para esse fim as fizeraõ por modo de inviolavel promessa em seus nomes, e dos seus Successores, a ElRey D. João, o primeiro do nome, que entaõ existia, e aos futuros Monarcas deste Reyno; porque declarando-se os nossos Soberanos nesta parte Protectores da rigorosa permanencia dos pontos, que alli se contêm, ficava mais difficultosa a derrogação de alguns delles. Para firmeza das ditas Leys, e para final, de que o Serenissimo Principe as aceitava, deixando aos seus Successores em obrigação de as defenderem, com a sua propria maõ as assinou, pondolhe a sua Rubrica costumada juntamente com a do Provincial, e Definidores: honra nunca até o presente vista em Portugal, e por isso digna, não só de apreço, mas de gloriosa veneração.

Assinadas por
ElRey D. João I.

Promettidas no
primeiro Tomo

16 Estas Leys foraõ promettidas no Prologo do Tomo primeiro desta Historia. Mas julgou-se preciso, que sobre si se imprimissem, antes de se dar a luz este segundo Tomo, a fim de se evitarem as introduçoens de alguns usos contrarios, por estar o seu original esquecido, e parecer a alguns genios amantes de novidades, que a tradição, e observancia invariavel de muitas cousas, não tinhaõ mais fundamento, que a vontade dos Padres antigos, posto que sempre se nos fez indubitavel, que sendo os ditos Padres tão doutos, tão santos, e tantos em numero, não haviaõ de praticar acção menos decente em materia de Ritos; antes por entenderem, que eraõ as mais perfeitas as do seu uso, como a nós especialmente concedidas, e nunca reprovadas, foraõ sempre observantissimos dellas. Com tudo, he mais que conveniente reimprimir as mesmas Leys neste lugar, como proprio, assim porque estamos no anno, em que se estabeleceraõ, como por serem feitas neste primeiro Capitulo Provincial, do qual diffusamente escrevemos. No anno pois de 1424. se publicáraõ em Latim, na fôrma, que as transcrevemos (com toda a pureza do seu original) no fim deste volume, e aqui traduzidas torna-

Quando foraõ
publicadas

1424.

mos

mos a offerer aos Leitores. No transumpto Latino lhe porremos alguns numeros, para por elles se conhecerem as explicaçoens de alguns pontos necessarios em beneficio desta Provincia de Portugal, e de todas as dos seus Dominios; e tambem para melhor intelligencia, dos que vendo algumas especialidades do nosso Rito, ignorem os fundamentos.

17 „FREY Affonso de Alfama, Doutor na Sagrada Theologia, &c. e os Veneraveis Padres Definidores abaixo assinados. Pela authoridade que temos, e por virtude da confirmação já conseguida a respeito daquellas cousas, que tratamos no Capitulo Provincial immediato, as quaes em nosso nome, e dos nossos Successores, que depois existirem, promettemos com animo de nunca faltarmos a ElRey N. Senhor, e aos mais, que nesta Monarquia reinarem em qualquer tempo. § Nunca neste Convento de Lisboa seraõ os Conventuaes menos de quarenta: de mais poderemos nelle pôr, quantos nos permittir o tempo. Sempre teremos diante dos olhos a boa observancia, e perfeição do culto Divino. § Guardaremos inteiramente nesta Provincia os Ritos da Igreja Jerosolymitana, assim os que já temos, como outros, que de novo nos poderão vir, não deixando de usar as Ceremonias desta Igreja em todas as nossas funçoens, assim publicas, como particulares. § Em todo o tempo nos lembraremos do grande louvor, que em publico nos deo o invictissimo Rey N. Senhor em huma occasião, que com a Communidade, e o Condestavel assistia no Coro a huma festa da Immaculada Conceição da Santissima Virgem MARIA. Vendo pois que expunhamos o Santissimo Sacramento cantando (segundo o nosso costume) solemnissimamente o *Gloria Patri* do Introito da Missa, cheyo de extraordinaria alegria, disse em alta voz ao Condestavel: *Por certo, que não podieis eleger para a vossa Igreja, melhores Capellães: em nenhum tempo se falte a esta Ceremonia, a qual heide mandar, que se pratique na minha Capella.* § Faremos as festas mais solemnes com cantorias acompanhadas de Orgão, ou de Psalterio, ou de outros instrumentos musicos; porque sempre na nossa Ordem prevaleceo o uso, assim de musicas formadas por concerto de

Tom. II,

B 2

vo-

Actas, ou
Leys municipaes da
Provincia.

Docum. II.

Veja-se a
Differença do fim do
Volume.

Numero dos
Conventuaes.

Observancia
dos Ritos Jerosolymitanos.

Exposição do
Santissimo Sacramento.

Festas Solemnes
com musica, e
instrumentos.

Festas Ordina-
rias.

Funções func-
bres;

Sermoens ao Po-
vo nos Domin-
gos, e dias de
guarda

Memoria da
Mãe de Deos
em todos.

Saução ás
Imagens da Vir-
gem Maria.

Candelabro no
meyo do Coro.

Oração Mental.

Modo de incen-
sar no Coro aos
Assistentes

vozes, como de Canto-chaõ, ordenado pelo Santissimo Pa-
pa Gregorio: e antes d'elle já praticado no Monte Carme-
lo por nosso Pay, e General Santo Elias, assistido dos seus
Discipulos; e tambem observado por Santo Eliseo em com-
panhia dos filhos dos Profetas. § Nos officios, e Festas
ordinarias só rezaremos: porẽm todos em hum tom com
vozes iguaes, e concordadas. § Nas occasioens funebres,
e de tristeza, será por modo de pranto em tom baixo, e
com vozes desconcordadas, desiguaes, e sem concordân-
cia, assim como na Sesta feira do Parascève; dia, no qual
daremos todos os possiveis sinaes de sentimento, não só re-
zando, mas tambem fallando. § Em todos os Domingos
desempedidos, e nas festas mais solemnes da Beatissima Vir-
gem MARIA, teremos Sermaõ para o Povo: e em todos
os que prégarmos, ainda que sejaõ de outros Santos, ou
de assumptos differentes, sempre nelles introduziremos al-
guma commemoração panegyrica em louvor da mesma Vir-
gem Senhora, como de nossa Mãe, e Protectora pruden-
tissima. § Em passando á vista de alguma Imagem da Mãe
de Deos, saudando-a como a nossa própria Mãe, diremos
estas palavras: *Ave Maria*. § Em memoria sua, conser-
varemos no meyo do Coro hum primorossimo Candelabro,
onde se porá huma vèla da mais fina, e branca cera,
que for possivel, a qual se accenderá em todas as occasioens,
que se rezar, ou se fizer qualquer acção pertencente a esta
Santissima Senhora. § Duas vezes no dia, a saber, de ma-
nhã, e no principio da noite, nos juntaremos todos para a
Oração mental, que a faremos na fôrma, que nos ensina-
rão os nossos primeiros Padres, que estabeleceraõ a Reli-
gião neste Reyno, Frey Joseph, Frey Thomaz, e Frey Am-
brozio, os quaes vieraõ directamente de Jerusaleem, e com-
sigo trouxeraõ os Ritos pios, de que usamos: e invocare-
mos primeiro o Espirito Santo, para que nos assista, o
que faremos com a Antifona composta por ElRey Rober-
to: e á dita Oração (especialmente sendo feita depois do
Sol posto) ninguem faltará, senão por causa de enfermida-
de. § Acontecendo acharse no Coro o Altissimo, e pre-
clarissimo Rey nosso Senhor com os Infantes seus filhos (co-
mo costumaõ) e as mais pessoas da Familia Real; estando
,, tam-

„tambem presente algum dos Senhores de Barcellos, ou se-
 „ja o mesmo Conde, ou os seus illustrissimos descendentes,
 „a estes tambem incensaremos tres vezes na mesma fórma,
 „que a ElRey, e aos Infantes. Aos Prelados tambem tres
 „vezes, e aos mais, que estiverem no Coro, se forem Sa-
 „cerdotes, ou hospedes, ainda que sejaõ de mayor distin-
 „ção, só duas vezes. Aos nossos Confrades, que estiverem
 „com capas no ministerio costumado das tochas, se fará co-
 „mo aos hospedes: e esta acção se praticará com dous Turi-
 „bulos, que por huma, e outra parte do Coro iraõ incen-
 „sando igualmente. § Destes dous Turibulos pormettemos
 „usar, todas as vezes que nas Cadeiras do Coro estiverem
 „mais de vinte Religiosos: com tanto porẽm, que quando
 „se differ o *Gloria Patri*, esteja acabada toda a acção de in-
 „censar, para que ao dito *Gloria Patri* (assim como em todas
 „as inclinaçoens profundissimas) nos voltemos mutuamen-
 „te huns para os outros no Coro, e não para diante, por não
 „parecer, que ponhos as cabeças nas costas dos que nos ficaõ
 „diante. § No tempo competente daremos a beijar a Cruz
 „de prata com a imagem do Porta-paz, da qual nos fez mer-
 „cẽ o Veneravel Irmão Nuno: de sorte, que conforme a or-
 „dem costumada, primeiro a beijará ElRey, se estiver pre-
 „sente, e logo seus felicissimos descendentes, depois os mais;
 „sem que em nenhum tempo deixemos de observar esta an-
 „tiquissima Ceremonia de dar a Paz com a Imagem. § O
 „dito Veneravel Irmão Nuno, (por não faltarmos com a
 „honra, que lhe he devida) beijará a Cruz, ou Imagem da
 „Paz immediatamente depois dos Prelados, ainda que sua
 „honestidade repugne, ou que por humildade se lhe difficulte
 „aceitar. § Todos os dias em Completas cantaremos a *Sal-
 „ve Rainha* com Orgão, ou Psalterio, e com a solemnida-
 „de mayor, que nos for possivel, na mesma fórma que o fa-
 „riamos, se a Mãe de Deos nos estivesse pessoalmente vi-
 „sitando: e na occasião, que cantarmos esta Antifona, quan-
 „do nella ouvirmos o ineffavel Nome de JESUS, e quando
 „pronunciarmos a palavra *Salve*, voltando os rostos para
 „dentro do Coro, faremos inclinação profundissima. § Se
 „algum dos Senhores Reys, ou pessoa de sua Real Familia
 „(por devoção á nossa Mãe Santissima) quizer que o seu
 „cor-

Dous Turibulos

Inclinação pro-
fundissima.

Porta-paz

Preferencia do
Conde Santo.

Salve Rainha
cantada.

Modo de sepul-
tar as Pessoas
Reaes, e as da
Familia do Conde
de Santo.

14 *Chronica dos Carmelitas*

Córpas dos Religiosos de dentro da Communidade.

Stella Cœli depois de Prima, e das mais Horas.

Procissões de Defuntos.

Missas continuas na Igreja.

Governo dos finaes.

Promptidão para as confissões do povo.

Menção do Ritual antigo.

„ corpo seja sepultado neste Convento, e succeder, que antes do corpo sepultado se deposite para se lhe fazer o officio, ou recommendação, não usaremos com elle o mesmo, que com os outros Seculares, que devem estar fóra do Coro, e da Communidade; mas sim faremos da mesma maneira, que depositamos os corpos dos nossos Religiosos Professos, no meyo do Coro entre nós; ou se acontecer estarmos fóra do Coro, sempre no meyo da Communidade, como porção della, e assim estara até lhe darmos sepultura. O mesmo faremos aos descendentes do Veneravel Senhor Frey Nunno; e fóra destes, sendo pessoas Seculares, e para nós estranhas, a ninguem mais. § Cantaremos todos os dias (conforme determinou o Poderosissimo Rey Nosso Senhor) a Antifona contra a peste, e sempre isto faremos depois de Prima: mas no caso, que então se rezem outras Horas, a cantaremos depois de se rezar a ultima. § Recommendaremos as almas de nossos Irmãos, e Bemfeitores, na forma, que o nosso Ritual o determina; porém quando a dita recommendação se fizer com Procissão, sempre esta será depois da Missa Conventual, no caso que não haja occupação precisa, que obrigue á Communidade a sair fóra do Convento; cuja resolução estabelecemos, para que com o me-recimento da Missa, a que assistirmos, seja mayor o socorro, ou suffragio dirigido aos nossos defuntos. § Daremos providencia, a que em todas as horas da manhã até se tocar ao Refeitório, hajaão Missas nos Altares, para que os Fieis commodamente as possaõ ouvir. § De nenhum modo fiaremos o governo dos finos, e o tóque delles da vontade, ou parecer de huma só pessoa, para que nunca se pervertaõ os finaes costumados, e conhecidos: de sorte, que se houver de se innovar alguma cousa a respeito de semelhantes finaes, não se fará senão por conselho dos Veneraveis Padres Definidores. § Estaremos sempre promptissimos a ouvir as confissões dos Fieis, sem nos pouparmos a nenhum trabalho, porque a elle, ou seja de dia, ou de noite, nunca nos poderemos escusar. § Todas estas cou-sas continuaremos a observar, assim como tambem os mais usos, que se contêm no primeiro Ritual Jerosolymitano, por serem para nós particulares, e propriissimos. § Especial-
men-

„mente conservaremos (por serem Ceremonias , que sem-
 „pre agradarão muito ao nosso clarissimo Rey , e Senhor , e
 „ao Veneravel Irmão Nuno) o fazermos o Calix antes de
 „principiarmos a Missa , conforme nos manda o Ritual no
 „Capitulo VII. O mudarmos o Missal , não (como fazem os
 „outros Sacerdotes) dando lhe as costas ; mas sim por di-
 „ante , offerecendolhe nós o peito , ou o coração , de tal
 „sorte , que o Presbytero vá seguindo até o meyo do Al-
 „tar ao Acolito , pela justa razão , de que no principio da
 „Igreja os primitivos Carmelitas , que seguiraõ o Instituto
 „dos Santos Profetas Elias , e Eliseo , assim que ouviraõ pu-
 „blicar o Evangelho , logo o abraçaraõ , e leguiraõ : o que
 „expressamente se acha escrito no Titulo II. do mesmo Capi-
 „tulo. O abrirmos os braços em figura , de quem está crucifi-
 „cado , depois de levantarmos o Calix , como se acha no
 „Capitulo VIII. A Salve Rainha no fim da mesma Missa ,
 „como se vê no dito Capitulo. A repetição das Alelluias. Os
 „Kirios nas Vesperas do Officio Divino nos dias de Pascoa ,
 „como se contém no Capitulo IX. e outras cousas seme-
 „lhantes. § E posto que algumas Igrejas antigas assim de
 „França , como de Inglaterra , que beberaõ nas mesmas
 „fontes da Igreja Jerosolymitana , tomaraõ parte dos seus Ri-
 „tos , observando cada huma alguma cousa della ; nós , que da
 „dita Igreja os deduzimos , observaremos inteiramente to-
 „dos os Ritos , que della nos foraõ communicados. E as-
 „sim como a nossa Regra , que contém o substancial da Re-
 „ligião , nos veyo daquella Igreja por Santo Alberto seu Pa-
 „triarca , assim os Ritos , que foraõ nella approvados , e de-
 „pois confirmados pelos Pontifices Romanos , devem ter
 „entre nós perfeita observancia. As quaes cousas todas , por
 „instancia do nosso piissimo , e muito amado Rey , e Se-
 „nhor D. João o primeiro deste nome , ficaraõ confirmadas ,
 „e corroboradas em tal forma , que se não forem especifica-
 „mente abrogadas , ou derogadas , não poderá contra ellas
 „ter vigor resolução alguma em contrario. § Mas quando
 „por força nos queiraõ tirar o uso de alguma das ditas cou-
 „sas , que se contém nestes artigos , será a nossa obedien-
 „cia prompta para o executar : porém não cega ; porque
 „devemos esperar , que ElRey Nosso Senhor entaõ exis-
 „tente,

Provinimento do
Calix.

Mudança do
Missal por diame-
to.

Braços abertos
ao levantar do
Calix.

Salve Rainha da
Missa.

Alelluias.

Participação da
Igreja Jerosolye-
mitana.

Confirmação &
instancia del.
Rey.

Prevenção pa-
ra alguma vio-
lencia.

Vistadores sobre estes pontos.

Deposição dos delinquentes.

Qualquer falta supprida.

Noticia da Dissertação.

Veja se depois do ultimo Documento.

Livros dos Registos.

„tente, seja ouvido: e no caso, que se não aceite a razão,
 „que necessariamente havemos de ajuntar ao nosso recur-
 „so, nesses termos, sem repugnancia alguma, nos sujeita-
 „remos. Pela qual razão (como já dissemos) em nosso
 „nome, e de nossos Successores promettemos guardar tudo,
 „o que acima dizemos. § Os nossos Veneraveis Padres Vi-
 „sitadores, que a seu tempo exercitarem este emprego, in-
 „quirindo ácerca destas materias, e achando que algumas
 „dellas, sem authoridade do Soberano em parte, ou em to-
 „do, estão perdidas, ou desprezadas, nesse caso serão obri-
 „gados a depor dos Officios, assim ao Presidente da Pro-
 „vincia, como ao Prelado deste Convento: e aos subditos,
 „que forem contrarios ás ditas Resoluçoens, privará da voz,
 „e lugar, que a cada hum delles forem devidos, sem lhes
 „admitir escusa, nem appellação; como achando-os a todos
 „destituídos do direito, ou foro, que por qualquer princi-
 „pio poderia ter: de sorte, que se neste contrato promisso-
 „rio faltar algum requisito, ou circumstancia para a sua va-
 „lidade, nós o havemos por supprido. E para que conste, e
 „faça fé este instrumento, depois que ElRey Nosso Senhor
 „puzer nelle a sua Rubrica, o assinaremos, e sellaremos com
 „o seillo pendente da Provincia. Feito neste Convento de
 „Lisboa em 22. de Julho anno do Nascimento de Christo
 „1424. ELREY.

„Frey Afonso Leitaõ Provincial, e Vigario Geral. Frey
 „Sancho de Ayvar. Frey Ayres Prior. Frey Diogo Gil Prior,
 „Frey Estevaõ Rodrigues. Reg. L. fol. 15.

„18 Remetidos pois os Leitores para a diffusa Disser-
 „tação, que vay no fim deste Volume, nella acharão explica-
 „dos todos os pontos, que estas Leys contém: e porque a ne-
 „nhum se deve faltar com a devida observancia, tivemos o tra-
 „balho de ver os fundamentos, que para o estabelecimento
 „delles acháram os nossos Padres antigos, a fim, de que sempre
 „durem nesta Provincia tão dignos exemplares. O que tam-
 „bem se faz aqui digno de louvor, he a providencia, que hou-
 „ve naquelles primeiros annos de se registarem em livro fei-
 „to para o intento, não só as resoluçoens, que se tomavaõ nas
 „Congregaçoens, mas até as patentes particulares, que os
 „Provinciaes passavaõ aos Religiosos. Fundavaõ-se aquelles
 „adver:

advertidos Padres, em que succedendo perder-se alguma daquellas patentes, o Religioso, a quem pertencia, a houvesse de achar no Registo, sem ter a pensão de pertender outra de novo. Assim se prova com todas as que vimos, passadas naquella Provincialado, as quaes sempre no fim tem Rubrica indicativa do livro, e folha, em que eraõ lançadas. E posto que o dito livro (que a respeito dos que tem a Provincia, era o primeiro della) nos falta, guardaõ-se ainda no Cartorio deste Convento muitas das taes patentes com os sinaes, que dizemos. De hum de Prégador daremos aqui a ler a cópia, para que se veja a fôrma usada naquelle tempo: de sorte, que nada lhe faltava do effencial, sendo a respeito das que actualmente se passaõ, sobre maneira laconica. No fim do Volume a transcrevemos em latim, aqui damos a ler a cópia traduzida na fôrma seguinte.

Falta do Primeiro livro da Provincia.

1425.

19 „FREY Affonso de Alfama, Doutor na Sagrada Theologia, Provincial, e Vigario Geral, &c. Pelas presentes letras concedemos licença ao discreto „Padre Frey Joaõ Gualtero para prégar ao povo o Evangelho de nosso Senhor JESU Christo, naõ só nas nossas Igrejas, mas tambem nas alheyas, querendo, e permittindo „os Superiores dellas: o que assim concedemos por nos „constar a sciencia, e capacidade do dito Padre. Dada neste Convento do Carmo de Lisboa aos 6. de Mayo de 1425 „Frey Affonso Leitaõ Provincial, e Vigario Geral dos Carmelitas.

Patente de Prégador.

Documento. III.

20 Desta, e das mais patentes, que em outros lugares vaõ copiadas, nos consta, que ainda naquelle tempo naõ haviaõ Secretarios, nem da Provincia, nem do Capitulo; e se acaso se deputavaõ alguns companheiros para escreverem, o que era conveniente, naõ tinhaõ a graduação, que depois lhes foy concedida, porque nem affinavaõ nos papéis authenticos, nem votavaõ nas eleicoens Capitulares. O que achamos mais provavel he, que hum dos mêsmos Vogaes fazia, o que hoje em todas as Provincias da Ordem costuma o Secretario do Capitulo: e no lugar competente diremos, quando os nossos Provinciaes começaraõ a ter Secretario com predicamento, e voto annexo ao emprego.

Secretarios daquelle tempo.

Veneração dos
Reverendíssi-
mos Geraes às
nossas Leys.

Observadas pe-
los mesmos Su-
periores da Or-
dem.

Approvação ta-
cita.

Nunca revoga-
das por novas
Ações.

21 He tambem de estimar a summa veneração, que sempre os nossos Reverendíssimos Padres Geraes tiverão áquellas primeiras resoluções desta Provincia; pois por não ignorarem o sólido fundamento, em que assentavaõ, sem fazerem até o presente mudança alguma em cousa, que pertença á sua observancia, querem que em toda a posteridade prevaleçaõ irrefragaveis. Tanto he o respeito, que conservaõ a estas Regias Ações, que ainda em algumas acções proprias da Religião, que por causa da variedade do tempo se praticaõ por differente modo em outras Provincias, e (o que mais he) em Italia, succedeo, que vindo os ditos Reverendíssimos Prelados Superiores a visitar esta Provincia, nella se conformaraõ com o seu estylo. Ultimamente chegou a este Reyno o nosso Reverendíssimo Padre Mestre Frey João Feixo-o de Villalobos, Geral da Ordem, Commissario, e Visitador Apostolico, Grande de Hespanha por nomeação dei Rey Carlos II. o qual havia sido Cathedratico de Prima na Universidade de Valhadolid, hum dos mayores Theologos, que venerou o Orbe literario nos seus tempos: e lembraõ-se os Religiosos de verem, que era o mais pontual em cumprir com as disposições acima declaradas; assistindo pessoalmente às solemnidades, em que se expunha o Santíssimo Sacramento com o *Gloria Patri* do Introito da Missa, fazendo, que o Acolito voltasse o Missal por diante, quando celebrava particularmente, e quando em publico assistia ao Santo Sacrificio da Missa; e approvando com esta mesma observancia outras primitivas particularidades da nossa Igreja Jerosolymitana, que esta Provincia conserva, como produção immediata dos Padres, que da terra Santa vieraõ a este Reino. E como estes louvaveis usos foraõ entre nós estabelecidos por Ley, o que não aconteeo nas outras Provincias; ainda que em todas as mais vareem os taes antigos costumes, sempre nesta há attendivel circumstancia para terem perpetua duração.

22 Este mesmo Reverendíssimo Padre Geral fez para o bom governo desta Provincia huns prudentíssimos Decretos, que se confirmaraõ pelo Papa Innocencio XII. e com effeito existem na sua perfeita observancia. Os quaes Decretos, sendo dirigidos á reforma da Provincia, he de adver-

tir,

tir, que em nenhum dos pontos das ditas Leys toca; nem ainda naquelles, que parecem convenientes para a uniformidade com as outras Provincias da Ordem; porque o respeito á circumstancia, com que foraõ ajustadas, e o conhecimento da justiça, com que se admittiraõ, eraõ mais que sufficientes motivos para semelhante procedimento.

23 Do mesmo privilegio gozaõ todas as nossas Carmelitanas Provincias dos Estados do Brasil, como filhas, não só produzidas, mas doutrinadas pela de Portugal; cujos Prelados só degenerando do primitivo zelo dos seus antecessores, poderão permittir a introdução dos affectados usos contra a antiquissima observancia das suas regalias. Já estas Leys foraõ á presença do nosso Augustissimo Rey, e depois ponderadas pela sua alta, e incomparavel comprehensão, mandou positivamente, que se observassem: e com effeito os seus principaes pontos, pelo que respeitaõ ás Ceremonias da Missa, e Officios Divinos, se praticaraõ na solemnissima festa do desagravo do Santissimo Sacramento, que a nossa Communidade celebrou na Igreja do Real Convento de São Vicente de Fóra dos Conegos Regrantes desta Corte com a pessoal assistencia do mesmo piissimo Rey, e Senhor nosso. Donde procedeo, que dalli emdiante nos restituimos de todos os outros antigos costumes, que nas ditas Leys se contém: de sorte, que já ordinariamente nenhuma força bastará a impedir a sua observancia, em quanto o mesmo Soberano não convier no contrario: o que tudo diffusamente exporemos na promettida Dissertação.

24 No anno de 1428. em que ainda durava o governo do primeiro Provincial, deo fim ao seu emprego de Prior deste Convento de Lisboa o Padre Frey Diogo Gil. Nos cinco annos, que exercitou esta occupação, mereceo universal applauso; porque satisfez ás obrigaçoens de bom Prelado. No dito anno foy eleito Prior do mesmo Convento o quarto Definidor actual Frey Estevaõ Rodrigues. Veyo a ser em numero o terceiro Prelado Local. Porém só dous annos perseverou no emprego; porque no de 1430. deixando os Religiosos summamente faudosos dos seus paternaes agasalhos, deo voluntariamente fim ao seu governo, no qual ministrou aos seu successores raros exemplos.

Pertencentes ás
Provincias do
Brasil.

Apresentadas a
ElRey Nosso Se-
ñor.

Actualmente
obervadas.

1428.

Frey Diogo Gil
dá fim ao seu
governo

Prior III.

Frey Estevaõ
Rodrigues.

1430.

*Prior IV.*Frey João do
Santo EspiritoNoticia de suas
virtudes

1435.

Mitigaçõ da
Regra.

25 No dito anno de 1430. foy eleito Prior do mesmo Convento o Padre Frey João do Santo Espirito, Religioso muito reformado, que ainda antes de entrar na Prelazia, edificava com os seus bons costumes, dentro, e fóra dos claustrros. Sua modestia era tanta, que bastava ser vista para ficar imitada. Por causa do seu pacifico genio trazia toda a Communidade taõ satisfeita, e alegre, que nenhum dos seus subditos se desgostava de viver com fogaçaõ; antes todos com particularidade amavaõ os exercicios da obediencia. Cinco annos durou o governo deste bom Prelado: e se concluiu no de 1435. No seu tempo, presidindo ainda na Provincia o mesmo Superior, concedeo o Papa Eugenio IV. á nossa Ordem a Bulla, pela qual mitigou na Regra os Capitulos da abstinencia de carne, do continuo jejum, e do perpetuo recolhimento dentro das cellas. Esta Bulla foy passada em Março de 1431. E porque naõ nos consta de outra acçaõ memoravel depois da erecçaõ da Provincia até este tempo, basta para authorisarem a Historia, as que ficaõ expressadas dentro daquelles annos.

CAPITULO III.

Dos Religiosos memoraveis pela excellencia das virtudes, Dignidades, e Sabedoria, que acabaraõ a vida no tempo, que durou este governo.

Duraçãõ deste
governo.14 Religiosos,
que morreraõ.*Infra num.*

26 **D**Urou o presente governo doze annos; que se contaraõ desde o de 1423. até o de 1435. confõme a serie dos Prelados já referida no principio deste Volume. Faleceraõ em todo este tempo na Provincia 14 Religiosos. De alguns naõ expendemos as noticias, porque nos faltaõ as individuaes; sendo que por tradiçaõ constante sabemos, que eraõ merecedores de lhes eternizarmos os nomes. No Catalogo, que fizemos delles no fim deste Capitulo, diremos, o que de cada hum chegamos a alcançar; agora só faremos distincçaõ dos seguintes, que deraõ aos brádos da fama mais relevantes assumptos,

§ I. *Vida*

§ 1.

Vida, e morte do Illustrissimo D. Frey Gomes de Santa Maria, Doutor na Sagrada Theologia, Bispo Titular de Ebron, Prior I. do Carmo de Lisboa, e Vigario Geral dos Carmelitas Portuguezes.

27 **A**inda que alguns Escritores (aos quaes segue o Padre Mestre Frey Manoel de Sá nas suas memorias Historicas) não fazem menção do Cognome deste gravissimo Prelado, he sem duvida, que na Ordem teve, o que agora lhe damos : e como não consta, que depois da dignidade Episcopal o depuzesse, justamente lhe escreveremos as memorias com o mesmo; pois que tambem assim está lançado no livro dos Obitos, a que em semelhantes materias se deve inteiro credito. Da sua naturalidade, e progenitores não ha noticia alguma. O que certamente sabemos, he; que estimulado de Superior vocação recebeo de pouca idade o nosso habito, e professou no Convento de Moura. Mas como pela profissão Religiosa adquirio segunda vida, bastará que desta, e não da que teve no seculo, exponhamos aquellas acções, que os nossos antecessores publicáraõ com penna succinta: bem que á falta de monumentos escritos supprema as invariaveis tradições desta Provincia, em tudo conformes com as realidades de alguns successos, que com os da vida de tão famoso fogeito têm conexão, e fazem natural harmonia.

Cognome deste Prelado.

Sá Mem. Hist. tom. 2. n. 264.

Seu ingresso, e profissão.

28 Logo que foy admittido aos estudos mayores, deo evidentes sinaes, de que no tempo futuro seria hum consummado talento. E como o Convento de Moura costumava mandar os filhos de melhores esperanças ás Universidades estranhas, fez eleição deste, e lhe assistio com as despezas necessarias, até graduar-se em Theologia no Reyno de Inglaterra. Não sabemos, em qual das suas Universidades celebrou este acto; mas he constante, que fora em huma das publicas daquella Monarquia. O mais provavel he, que seria na de Oxonia, cujas Aulas foraõ notavelmente frequentadas dos Carmelitas desde a fundação da nossa Ordem naquelles Dominios; sendo nosso Padre São Simão Stech o primeiro professor do Instituto Eliano, que

Graduado em Inglaterra.

Supra num. 3.

que alli tomou o grão de Bacharel. E como o Convento de Moura desde o tempo do Generalato do mesmo Santo era (como já dissemos) governado por hum Vigario Geral, que os Prelados Supremos nomeavaõ, ou mandavaõ de Inglaterra, aonde residiaõ naquelles tempos, ficava o dito Convento sendo como porção daquelle corpo, e os Religiosos delle hiaõ estudar ao Collegio da Provincia, que entaõ era capital de toda a Ordem.

Sua Sciencia, e virtudes.

29 Recolhido a este Reyno o Doutor Frey Gomes de Santa Maria, muito (pela sua vastissima comprehensãõ) se distinguio entre os fogeitos mais famosos. Além do respeito, que lhe conciliou sua notoria sciencia, tambem lhe deo grande credito acerteza, que universalmente havia da sua abalifada virtude: fazendo-se por meyo della taõ conhecido, e amado, que dentro da Villa de Moura os seus moradores o reconheciaõ legitimo possuidor dos coraçõens de todos. Esta boa reputaçãõ se divulgou, e se estendeo pelo Reyno em tal fôrma, que chegou aos piissimos ouvidos do Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e fez sonoro ecco nos do Serenissimo Rey D. Joaõ da boa memoria, os quaes conferindo entre si as prerogativas, que deste perfeito Religioso se referiaõ, assentáraõ que era credor das primeiras estimaçoens, e benemerito dos empregos mais illustres.

*Estimação que teve.**Primeiro Prior do Carmo de Lisboa.**Tom. I. n. 321.*

30 Por essa razaõ o mesmo Senhor Condestavel com prudencial advertencia se lembrou delle para a occupaçaõ de primeiro Prior deste seu Convento de Lisboa, no tempo, que o fundava. Ainda o Sagrado edificio naõ havia fechado as ultimas abobadas, quando os nossos Religiosos de Moura (obediẽtes ao chamado daquelle Principe) se trasladáraõ para estes novos claustros; mostrando tanto prazer de serem subditos do Padre Doutor Frey Gomes de Santa Maria, quanta era a complacencia, que o mesmo Fundador concebeo de o ver Prelado. Vivia o Santo Condestavel inflammado no zelo, de que ao material de tamanha fabrica respondesse huma formalidade de vida a mais reformada; e como a do novo Prior era exemplarissima, convinha que exposta aos ólhos dos seus inferiores, dellas se houvessem todos de utilizar para a imitaçaõ.

31 A experiencia mostrou, que fora verdadeiro este bom conceito; porque o Prior se constituiu taõ exacto na ob-

ser.

servancia das Leys da Religião, e tão especial na economia do Convento, que a todos deixou notavelmente satisfeitos. Por direcção sua eraõ os Religiosos de tal maneira pontuaes nas obrigaçoens do seu estado, que em nenhum delles se notava defeito algum digno de reprehensão, antes se viaõ muitas acçoens merecedoras de louvor. Prevalecia a perfeita observancia da disciplina regular só com o temor da justiça, suspenso sempre o flagello do rigoroso castigo; porque o advertido Prelado com paternaes admoestaçoens sabia prudentemente desviar os horrendos effeitos da relaxação. Daqui procedeo affirmar o mesmo Senhor Condestavel na doação, que do seu Convento fez á nossa Ordem; que se movera a executar este heroico facto por causa do bom procedimento dos Conventuaes, julgando por palavras authenticas, que estes seriaõ tão agradaveis aos ólhos de Deos, como por bem educados eraõ aceitos na estimação dos homens.

Sua observancia, e economia

Concelto que delle se fazia.

32 Entrou o Padre Doutor Frey Gomes de Santa Maria a governar este Convento no anno de 1397, no qual (como já dissemos) toraõ os Carmelitas chamados para occuparem os seus claustros. E para prova do muito, que o generoso Fundador se contentou da sua inteireza nos exercicios do emprego, basta trazermos á memoria a authorisada remuneração, com que conseguiu coroarhe os merecimentos. No anno de Christo de 1404. fez, com que ficasse eleito Bispo Titular de Ebron. Mas para que houvesse de continuar na Prelazia do Convento, tendo jurisdição ordinaria nos subditos Regulares, naõ obstante a dignidade Episcopal, para a qual fora assumpto, o Papa Innocencio VII. deo a providencia seguinte. Logo no principio do seu Pontificado, que concorreo no mesmo anno, o creou Vigario Geral da nossa Ordem neste Reyno, segundo consta do Decreto, que se acha no Livro primeiro das suas Provisões, que sendo lavrado na lingua Latina, diz assim: *Frater Gomeſius Ordinis Carmelitarum Episcopus Ebronensis, deputatus est Vicarius Generalis in Regno Portugalliae, & quod Fratres ejusdem Ordinis ei obediant.* E ainda que já encontramos Escritor, que affirma haver este illustrissimo Prelado exercitado o emprego de Vigario Geral de todas as Familias Religiosas do Reyno, como naõ dá razão alguma, nem propoem fundamento, em que possamos estabelecer

Quando entrou no governo.

Eleito Bispo.

Vigario Geral da Ordem.

Noticia regeitada.

24 *Chronica dos Carmelitas*

lecer esta verdade, a não admittimos; porque o mesmo Decreto expressamente declara, que como a seu Vigario Geral lhe obedeçaõ os Religiosos da nossa Ordem.

Fundou a Irmandade do Capellinho.

Tom. 1. num.

Desobrigado do governo.

33 Depois de Sagrado Bispo, continuou no emprego de Prior 19 annos, que se terminaraõ no de 1423, tempo, em que neste Convento se celebrou o primeiro Capitulo Provincial da nossa Provincia Portugueza. Neste tempo fundou a Confraria dos nossos Irmãos chamados do Capellinho, que actualmente floresce neste Convento, como fica dito. Já no referido anno havia largado a occupação de Vigario geral, para a exercitar o Padre Doutor Frey Affonso de Alfama, segundo o que havemos de escrever em outro lugar. Na mesma occasiã do Capitulo ficou desobrigado do governo por huma formal renuncia, que fez do que exercitava; vivendo depois entre os seus Religiosos taõ modestamente, que occultando quanto podia a dignidade, não admittia differença, nem no habito, nem no tratamento pessoal. Tanta foy neste tempo a sua humildade, que procurando equivocar-se com os menos dignos pela graduacão; no modo de os servir, prescindia do caracter, e parecia inferior a todos.

Seus exercicios.

Sua morte, e sepultura.

Escritores, que delle tratão.

34 Pouco durou neste Convento depois de celebrado o Capitulo; ainda que sempre occupado nos quotidianos exercicios de ardentissima Caridade, Oraçãõ continua, indispensavel silencio, e de outras heroicas virtudes; atè que bem prevenido para a morte, a todos deo a conhecer, que a tivera de predestinado. Acabou finalmente a vida no anno de 1424, sendo o primeiro Carmelita da Provincia, que depositou seu venerando cadaver nas sepulturas da nossa Igreja de Lisboa. A sua foy raza, e aberta no Cruzeiro sem a inscripção, que lhe mereceraõ a dignidade, e a virtude. Mas por se lhe satisfazerem os desejos, que expressou antes do seu transito, veyo a servir de mayor braço ao seu monumento a mesma falta de caracteres; porque neste caso a fama da sua justificada vida bastou a lhe estabelecer a perpetuidade da memoria. Não usou de outras armas, que as da Ordem, só com o additamento do chapéo Prelaticio, como indicativo da dignidade. Deste insigne Varão trataraõ succintamente os Padres Mestres Frey Daniel da Virgem Maria, Lezana, e outros: o mais que delle escrevemos, consta de novas memorias, que agora nos entregaraõ, e achamos que são veridicas.

§. II. De

§. II.

Devida memoria do Serenissimo Rey D. Joaõ primeiro do nome, nosso especialissimo Bemfeitor, e Confrade.

35 **A**inda os Religiosos deste Convento não haviam recebido consolação na penosa laudade, que lhes causou a falta da vida do Santo Condestavel no dia primeiro de Novembro de 1431, quando lhes sobreveio outro não inferior motivo para igual sentimento, qual foy a morte deste sempre lembrado, e nunca bastantemente engrandecido Monarca. Com justa causa fez este golpe nos corações dos Carmelitas Portuguezes profunda impressão; porque o natural amor, que sempre deverão ao defunto Principe; a prompta defensão, que na sua protecção contra alguns imminentes perigos encontraraõ; e finalmente os muitos beneficios, que da sua grande liberalidade haviaõ recebido, a todos puzeraõ em obrigação de mostrarem effeitos correspondentes ao merecimento de tamanha perda. E porque seria indesculpavel defeito da nossa gratidão, o chegarmos a este anno sem confessarmos os relevantes favores, que por differentes respeitos obrou em utilidade, e honra nossa, authorizaremos tambem este volume com algumas das suas mais heroicas acções de piedade, e Religião; deixando as circumstancias politicas, e militares da sua vida aos famosos Escritores della, Manoel de Faria, e Sousa, D. Fernando de Menezes, Conde de Ericeyra, e a outros não menos estimaveis, que como de assumpto particular a escreveraõ com diffusão na materia, e com superabundancia de erudição no estylo.

36 Nasceo o Senhor D. Joaõ aos onze de Abril do anno de 1357 na Cidade de Lisboa, Capital, e a mayor do Reyno; que não devia ter berço menos famoso, e dilatado, hum principe, que nascia com estrella para subir ao Throno; e com grandeza de coração capaz de comprehender, para bem governar, todos os Imperios do Mundo. Seu Pay, que foy ElRey D. Pedro I. nunca se esqueceo de hum vaticinio, que vira em sonhos, cujas apparencias confrontaraõ com este filho. Figurou-se-lhe, que todo Portugal se abrazava, e se

Occasão : que
occorre para se
fazer esta me-
moria.

Escritores faz
moios

Nascimento
deste Principe.

Hum Notavel
vaticinio.

consumia com hum geral incendio; mas que este menino facilmente o apagava: o que sendo referido a hum Judiciario intelligente, lhe deo firmes esperanças de hum grande prosperidade, expondolhe o sonho, mais como representação verdadeira da boa fortuna, que como annuncio contingente da fantasia mal regulada. Assim o descobrio depois o tempo, quando se vio, que a Divina Providencia havia neste Principe destinado para a Coroa Portugueza hum Successor não imaginado, mas devidamente admittido, quando, quebrada a linha dos Reys, elle se achava habil para a continuar, não menos pelo direito, que tem mostrado os eruditos Escretores deste assumpto, que pelas virtudes moraes proprias dos Principes, as quaes heroicamente unidas neste, o constituirão na aceitação universal do Mundo hum Rey perfeito, e por justa antonomasia: *da Boa memoria.*

Sua Antonomasia.

Singularidade do seu Dom.

37 Foy o primeiro filho de Rey, que sendo illegitimo, e não tendo titulo, se chamou Dom: tal foy a distincção merecida desde as mantilhas, que no trato a respeito dos Infantes não teve differença. Em idade de sete annos, na qual já mostrava os briosos espiritos, de que o enriquecera a natureza, lhe concedeo ElRey seu pay a Dignidade de Mestre de Avís, armando-o por suas proprias mãos Cavalleiro; que não fiou de outras a honra feita a hum filho, que sendo-lhe appresentado por Nuno Freyre de Andrade (Mestre da Ordem de Christo, a quem fora entregue) logo o amou, não só por inclinação natural, mas pelas muitas virtudes, que delle se referião, bastantes a lhe cativarem, em seu obsequio, as execuções da vontade. Passou ao Mosteiro Capital da Ordem a tomar o habito, e na mesma Villa de Avís, onde o Mosteiro está situado, se criou com tantas vantagens no preciso aproveitamento das melhores doutrinas, que ainda nos annos mais tenros, profundando as raizes das suas sólidas virtudes, veyo a ser hum firme exemplar de bons costumes: e posto que não se inclinou ao estudo das letras, não foy por ineptidão, mas porque applicado sempre ao exercicio das armas, era mais do seu genio esta laboriosa disciplina.

Feito Mestre de Avís.

Armado Cavalleiro.

Sua educação.

Providencia na sua conservação

38 Morreo ElRey D. Pedro: e ficando o Mestre de Avís tão atrazado na idade, que só contava dez annos, começou a governar-se com tal prudencia, que sendo naquelle tem-

tempo as desgraças commuas, e contagiofas, elle se singularizou na fortuna, e veyo a ser em Portugal o unico remedio da laude publica. Mas antes de chegar ao fim, que o Ceo lhe destinara, não lhe faltaraõ occasioens de soffrer incommodos, evitar injurias, descobrir traçoens, e triunfar de tantos perigos, quantos em todo o infauſto governo do novo Rey D. Fernando seu Irmão por differentes meynos lhe sobrevieraõ. De tudo sahio illeso com o poderoso soccorro das proprias idéas, ministradas sem duvida pela Providencia Divina para segurança, e conservação de huma vida, que faltando, era certa a ruína, e irremediavel para os Portuguezes a alienação do seu Imperio. Muitas foraõ as cabeças, que o vicio do odio, como Hydra infernal, levantava a cada instante para lhe multiplicar os instrumentos da morte: porém ainda quando suspenso o braço não podia contra ellas mover a espada, sempre sem ferro as cortava com gloria tanta, que a industria parecia mais que natural, e quasi milagroso o modo, com que este Hercules Lusitano, inflammado no zelo da Patria, lhe applicava os cauterios, e extinguiu o damno.

39 A Rainha Dona Leonor Telles, que para estrago da Monarquia havia conseguido (mais pela fermosura, que por outros predicados) que El Rey D. Fernando a recebesse por esposa, foy a mais declarada, e pernicioſa inimiga do nobre Principe. Sabendo, que este não soffria a amisade, que ella continuava com o Conde de Ourem João Fernandes Andeiro, e que a mesma Mageſtade, por confiar no conhecido valor de seu irmão, lhe havia encarregado o desaggravo de certa injuria, conferindo com o mesmo Conde, e com outros validos, (que constituaõ aquelle horrendo monſtruo) o modo de se frustrar o intento, usou das maximas, que em semelhantes casos lhe dictava o seu orgulhoſo, e penalizado coração: de sorte, que accusando o Principe de huma inventada culpa na presença del Rey, que era de genio inconstante, o fez mudar de parecer em tal fórma, que julgou ser merecedor de castigo o mesmo, que antes elegera para ser arbitro da propria vingança.

40 Por causa da mesma Rainha se haviaõ retirado para Castellá os dous Infantes, D. João, e D. Diniz, irmãos do Mestre de Avís; o primeiro padecia huma rigorosa prizaõ de pezados ferros, sem outra culpa, que a de julgarſe legitimo ſucceſſor do

Armado contra
elle o odio.

Inimidade da
Rainha.

Affectada culpa
que lhe arguo

Prizaõ de D.
João em castel-
la.

D. Diniz mal
accito ao Mes-
tre.

O Mestre falli-
mente accusado
de inconfidencia

Sua magnani-
midade nos
trabalhos.

Petigo, que re-
ve de vida.

Reyno de Portugal, que a Rainha injustamente queria que pertencesse a ElRey de Castella pelo matrimonio, que contrahira com a nossa Princeza sua Filha Dona Beatriz. O segundo tinha cahido na indignação do Mestre, por haver tomado armas contra a Patria, onde governava a Rainha, cuja mão elle nunca quizera beijar. E sendo que o Mestre de Avís dentro em Castella ficaria foyejoito ás penas do Infante D. João, por ser do mesmo sangue Real, que lhe dera o direito para a Coroa; occorrendo tambem a odiola circumstancia de haver já obrado na Campanha contra o mesmo Rey de Castella acçoens memoravesis por parte de Portugal; ainda assim pôde a Rainha suggerir a ElRey (e fazello crer) que o Mestre de Avís estava disposto a partirse para Castella, aonde não era conveniente, que houvesse novo pertendente ao Reyno; porque talvez este com melhor fortuna, do que seu Irmao, viria com a liberdade a conseguir, o que o outro não podia pela impossibilidade da prizaõ. Para melhor segurar este artificio, fingio cartas com tantas apparencias de verdadeiras, que ElRey logo as teve por fiscaes do delicto: e sem outro exame mandou prender o Principe, que obedeceo sem repugnancia, tendo para soffrer este excesso (quando delle se lhe encobria a causa) palmosa magnanimidade.

41 Entaõ se conhecerão os quilates daquelle animo Real, que estando gravemente opprimido com o rigoroso trato, e violencias da prizaõ (ao mesmo tempo, que como innocente vacilava ácerca do motivo da experimentada calumnia) sempre o seu valor era o mesmo, que pelo exterior se lhe percebeo nas prosperidades. Este foy o primeiro crisol da sua paciencia, bem apurada pela tyrannia dos grilhoens, e cadêas que arrastou, como se fosse hum humilde, e já convencido de linquente. Tal era contra elle a paixão da Rainha, que chegou a mandar alta noite dous successivos Decretos com a firma del Rey, para que Vasco Martins de Mello sem dilação lhe fizesse cortar a cabeça. Porém o prudente Ministro, que nas acçoens do Mestre descobria virtudes indignas de semelhante execu-
ção, e na Rainha capacidade para falsificar as Ordens, espe-
rou que amanhecesse, e conseguiu que ElRey conhecesse a
detestavel astucia da inimiga, até que o Ceo acodio pela in-
nocencia do Principe, fazendo, que a mesma Authora do seu
dam-

damno (por huma dissimulada politica) viesse a mostrar, que interpunha todo o seu valimento para lhe alcançar o remedio; de forte, que posto o Mestre de Avis em liberdade, se ostentou mais generoso, que offendido no modo de agradecer aquella suspensão da injustiça, a quem lha fez tão abominavel, que chegou a degenerar em crueldade.

42 Depois da morte del Rey D. Fernando, quando a dita Rainha D. Leonor Telles administava o governo, quasi aos seus olhos dentro do Paço, castigou o publico delicto do Conde de Ourem João Fernandes Andeiro, tirandolhe a vida com accitação tão universal do povo, que desde aquella hora se começou a unir, e com solemnidade o acclamou Defensor, e Regente do Reyno. Da sua notoria actividade, e bem experimentado valor, inferio o dito povo, que se pela isenção da Patria tão zelosamente procedera, quando só para a superioridade della tinha o jus directo, melhor a defenderia com os exercicios do poder, até se destinar a cabeça, sobre a qual devia assentar a Coroa. E porque a sua, por todos os principios era a mais proporcionada para esta insignia, depois de obrar em dous annos contra as forças de Castella proezas dignas de eterna memoria, no de 1385 em huma quinta feira 6 de Abril foy eleito Rey destes Reynos pelos tres Estados nas Cortes convocadas á Cidade de Coimbra. Para este fim algumas difficuldades se vencerao; porque na occasião, em que se tomou este accordo, muitas pessoas poderosas, que seguiao differente partido, se valerao de outros meynos, posto que cederao em beneficio do novo Rey; porque satisfeitas todas as duvidas, e conhecida a liberdade dos Estados para o elegerem, com esta mesma opposição contrastada mais cresceu a gloria do Triunfador.

Castiga ao Conde de Ourem.

Acclamado Defensor do Reyno

Coroado Rey.

43 Reconhecido já por supremo, e absoluto senhor desta Monarquia (com applauso tão universal, que até o Ceo notoriamente permittio, que se visse hum milagroso annuncio da conseguida felicidade) entrou El Rey nos cuidados de satisfazer ás esperanças, que todos punhao na sua actividade, para concluir a importante causa da defesa, isenção, e tranquillidade do Reyno. Favorecido da mesma providencia, que o destinou para impunhar o sceptro, se foy segurando no throno de maneira, que bastava o seu nome para causar aos neu-

desempenhando a obrigação.

Suas felicida-
des.

neutraes respeito, aos inimigos pavor. Não dava passo para pe-
leijar, que não parasse vencendo. Contava pelas occasioens as
victorias: e se estas alguma vez lhe tardaraõ, era sem detri-
mento da reputaçãõ; porque da mayor difficuldade, depois de
vencida, se lhe multiplicaraõ os creditos. Muitos gozou em
todo o seu reynado; porque confederada a fortuna com os seus
merecimentos, lhe seguraraõ huma continua duraçãõ de suc-
cessos prosperos.

Virtudes heroi-
cas.

44 Se algumas adversidades o ameaçavaõ, logo se des-
vaneciaõ, como temerosas da constancia, com que este Heroe as
desprezava; sendo muito para admirar a promptidãõ, com que
os authores do seu prejuizo (ainda quando elle os sofria) eraõ a
seu tempo pela justiça Divina castigados. Nunca nas empresas
arduas se lhe propoz difficuldade, nem já mais nos perigos
mostrou, que tinha receyo: e posto que nas occasioens, aon-
de era preciso, que governasse a prudencia, usava de cautelas,
sempre era mostrando, que não alterava o animo; nem ad-
mitia medo. Na campanha desanimava os contrarios só com
a presença, e aos subditos infundia briosos espiritos com o ex-
emplo: de sorte, que se muitos Principes ficaraõ gloriosos na
voz da Fama por algumas distinctas acçoens feitas em huma
dilatada guerra; este invicto Monarca só nos preludios della
obrou com a excellencia de as estabelecer nas virtudes; que al-
guns Heróes desconheceraõ, e outros não praticaraõ.

Sua resignaçãõ.

45 Nos seus Exercitos era mais a força, que o appara-
to; mayor a resoluçãõ, que o numero dos soldados: e sobre
tudo foy sempre admiravel huma evidencia, de que nelles o
poder Divino assistia para a segurança das felicidades. Além de
outras provas bem ordenadas pelos allegados Escriitores, baf-
ta reflectirmos no ultimo remedio, com que o Ceo, declarado
pela nossa parte, acodio no apertado sitio de Lisboa a este Prin-
cipe. Reduzido lo povo, que fielmente o amava, ás penozas
miserias da fome, por falta de todo o humano soccorro; af-
fligio ao arrayal contrario com a fulminante espada da peste:
a qual, depois de lhe diminuir com duros golpes o numero
dos Soldados taõ apressadamente, que houve dia de se darem
á sepultura mais de quarenta, poz ao inimigo em retirada, e
ao nosso Defensor em caminho mais breve de chegar á supre-
ma dignidade, que lhe prevenira. E ainda hoje parece moral-
men-

Favorecido do
Ceo no cerco de
Lisboa.

mente impossivel, que este Principe, tendo contra si aquelle poderoso Monarca, empenhado na Campanha com todas as forças de Castella, e com a propria pessoa, tendo tambem contra si a mayor parte do nosso Reyno, que seguia ao dito Rey, pudesse sem superior concurso ao mesmo tempo resistir-lhe em Lisboa, desbaratar suas esquadras no Alentejo, e dispor na Cidade do Porto huma formidavel armada. Talvez que posto o Reyno em outras circunstancias, não chegasse com facilidade a conseguir tantas glorias juntas. Porém mostrou o Senhor, que premiava o merecimento da sua recta intenção (porque segundo vimos escrito da propria letra do mesmo Defensor) *a ninguem queria tirar o alheyo, só impedia, que não tirasse, o que era nosso.*

O muito que
venceo ao mes-
mo tempo

Tom. I. n. 1050.

46 Na mesma occasião deste rigoroso assedio, e em muitas mais, que se referem nas suas memorias, o livrou a alta Providencia de varias conjuraçoens, pertendidas pelo Rey de Castella, e ajustadas pelos que com dissimulação obediência á sua voz, nas quaes chegou aos ultimos perigos de perder a vida. Descubertas as traiçoens, fez brio de usar de clemencia com os culpados. As mais das vezes ficou satisfeito com desterralos da sua companhia, depois que para exemplo mandou executar em hum o necessario castigo. Contentava-se religiosamente só com lhe não faltar o Ceo com a defenſa: beneficio que se deve attribuir, não tanto á sua innocencia, quanto á justiça da sua causa; porque comparadas entre si ambas estas virtudes, sempre Deos favorece a justiça, e a innocencia infinitas vezes padece.

Triunfo das
conjuraçoens;

Sua grande cle-
mencia,

47 Entre outras egregias virtudes, com que o seu generoso espirito se adornava, muito resplandecia a falta, que sempre teve de ambição para os governos, e ainda para o titulo, que veyo a gozar, mais por força do merecimento, que por applicação da mais suave diligencia. Bem declarou o seu desinteresse nas primeiras acclamaçoens, que teve de Regedor, e Defensor do Reyno; pois bastando-lhe o admittilas, e seguralas com adjutorio dos seus afeiçoados, quiz primeiro na Igreja de São Domingos justificar a sua isenção; e depois que foy convencido das razoens dos assistentes, então desempenhou o lugar com as ventagens, que authorizaõ as Historias. Nas Cortes de Coimbra, quando foy eleito Rey, sendo que
a ele-

Desinteresse pa-
ra a Coroa.

Prova de não
ter ambição.

Regeita aos Dominios.

a elevação ao Throno lhe podia tirar da memoria a differença do seu nascimento a respeito dos Irmãos legitimos, elle mesmo com humildade heroica a confessou: e depois que se lhe não admittio a escusa dada com o pretexto da indignidade, que em si conhecia, aceitou a Coroa, protestando, que lhe não tomaria o pezo, se os Infantes seus irmãos não estivessem para a sustentar notoriamente impossibilitados. E podendo ampliar o seu dominio com o direito, que os Duques de Lencastre nelle cedião, dando-lhe por Esposa a Princeza Catharina, a quem indisputavelmente pertencia o Reyno de Castella, elle, sem embargo de lhe ser a fortuna favoravel, recusou o interesse em beneficio dos seus vassallos, para os quaes muito desejava os alivios da paz, e não obrigaçoens novas para mais dilatada guerra. Mas aceitou para Esposa a filha do primeiro matrimonio dos mesmos Duques, João de Gante, e Branca filha herdeira de Henrique, Duque de Lencastre, Conde de Leicester.

Seu feliz desposorio.

Succeffão dilatada, e gloriosa.

48 Recebeo-se com effeito em 2. de Fevereiro do anno de 1387 com aquella preclarissima Senhora, que foy a Rainha Dona Filippa, na fermosura, discrição, modestia, e outras perfeiçoens exteriores admiravel; e pelas suas sublimes virtudes (heroicamente praticadas no serviço de Deos, e amor do proximo) foy ainda em vida estimada com veneraçoens de Santa. Desta Real uniaõ houve huma succeffão gloriosa, e dilatada; porque nascerão os filhos seguintes. Dona Branca, que morreo menina. D. Affonso, que morreo de dez annos, e está seu corpo sepultado na Cathedral de Braga. D. Duarte, nosso amantissimo Bemfeitor, que succedeo no Reyno. D. Pedro, Duque de Coimbra, cujo talento se deo bem a conhecer nas obras, que escreveo. Fez huma larga peregrinação pelas partes mais notaveis do Mundo. Casou com a Infanta Dona Isabel, filha del Rey D. Pedro IV. de Aragaõ, e está seu corpo sepultado no Mosteiro da Batalha. D. Henrique Duque de Viseo, Mestre da Ordem Militar de Christo, sabio, especialmente nas Mathematicas; professor de insignes virtudes, e perpetuamente casto. D. João Mestre da Ordem de Santiago, Condestavel de Portugal, assinalado no amor da Patria; o qual casou com Dona Isabel, filha do Conde de Barcellos D. Affonso, que foy o primeiro Duque de Bragança. D. Fernando Mestre

Mestre da Ordem de Avís, que morreo cativo em Africa com tal resignação na vontade de Deos, e tão rara paciencia nos tormentos dados pelos infieis, que delle no livro da sua vida se referem muitos milagres, que Deos obrou pelos seus merecimentos, de sorte, que a piedade Catholica o reconhece com a denominação de Martyr. Finalmente Dona Isabel, que casou com Filippe, Duque de Borgonha, Instituidor da Ordem do Tufão.

49 : A todos estes filhos educou a Rainha em Santo temor de Deos, não menos com a doutrina, que com a efficacia do seu exemplo, inclinando-os não só ás armas, como proprias dos Principes, mas tambem ao uso das letras, para as quaes teve applicação, mais de professora, que de curiosa. Era tão dada á lição dos livros, que neste exercicio gastava o tempo livre das occupaçoens do seu emprego. Rezava todos os dias o Officio Divino, que então não era conforme o Breviario Romano, por não estar este ainda admittido no Reyno, como daremos a ler na Dissertação; mas sim na forma do Breviario da Igreja de Sarisburi em Inglaterra, cujos Ritos seguio o Bispado de Lisboa, desde o tempo del Rey D. Affonso Henriques, pelos annos de 1038 até o governo do Cardeal Infante D. Affonso, que sendo Arcebispo, recebeu o dito Breviario Romano, e os Ritos, que ensinaõ os Pontificaes desta Primaria Igreja. O primeiro Bispo desta Diocese depois da expulsão dos Mouros D. Gilberto, Inglez de nação, foy o que introduzio aquelles Ritos em todos os Officios Divinos, que se dispuzeraõ por sua direcção: e a mesma observancia havia no tempo da Rainha Dona Filippa, assim na Capella Real, como na do Infante D. Fernando. Rezava pois a Rainha pelo Breviario de Sarisburi o Officio, que (segundo refere o Author da antiga Chronica de seu Esposo El Rey D. João) *era não bem ligeiro de ordenar*. Mas sem embargo da sua extensaõ, ella o satisfazia tão perfeitamente, que edificava aos Sacerdotes; e com tanta intelligencia nos Ritos, que aos mesmos Ecclesiasticos administrava na materia delles as melhores doutrinas.

50 Foy especialmente devota do nosso habito, e recebeu com grande estimação o nosso Santo Escapulario, que sempre o trouxe, sem faltar á observancia dos que, mediante esta insignia de nossa Mãe Santissima do Carmo, se prezaõ da

Tom. II.

E

sua

Prendas. e virtudes da Rainha.

Breviario por onde rezava.

Infra num. 1413

Officio Divino extenso

Recebe o Escapulario.

34 *Chronica dos Carmelitas*

tua adoptiva filiação. Honrava, quanto podia, aos nossos Religiosos, e com particularidade aos Doutores Anglicanos, entre os quaes muito se distinguirão, o insigne Frey Gualtero Disseo, Doutor pela Vniversidade de Cantabrigia, que (segundo escrevemos já) fora Confessor de seu Pay o Duque de Lencaestre, e de sua segunda mulher, Constança, herdeira da Coroa de Castella; e como este authorizado Varão veyo a este Reyno com o emprego de Nuncio Apostolico, fez-lhe todos aquelles favores, que assestavão bem na dignidade: o Doutor Frey Gomes de Santa Maria, cuja vida, e acçoens acabámos agora de escrever: e o Doutor Frey Affonso de Alfama, aliás Leitaõ, de cujas mãos recebeo o Santo Escapulario. Havendo no mesmo tempo entre o nosso inclyto Condestavel, e ElRey certo litigio ácerca de humas terras, e abras de mar, das quaes estamos de posse além do Tejo em Corroyos; por intervenção da Rainha (em todo o tempo medianeira da paz) fizeraõ humma amigavel composição por Escritura, na qual tambem ella affinou, como consta da Cópia, que fica lançada entre as provas do nosso primeiro Tomo. Vivendo pois esta serva de Deos sempre exercitada em todas as virtudes Christãas até o anno de 1415, nelle aos 18. de Julho entregou ao Creador o seu innocente espirito, deixando no Mundo evidencias para piamente crermos, que se lhe multiplicaraõ as Coroas, pela que mereceo de gloria. Seu venerando cadaver, que depois de quatorze mezes foy achado incorrupto, e odorifero, se trasladou do Mosteiro de Odivellas para o da Batalha, aonde com primoroso artificio se lhe lavrou magestosa Urna.

51 Grande ventura teve este felicissimo Rey em achar Esposa digna do seu merecimento. Porém encontrou forte igual na incomparavel fidelidade do nosso mais que grande Heroe, nunca dos mayores do Mundo excedido, D. Nuno Alvares Pereira, cujas acçoens, e virtudes, capazes de se repetirem em todos os Fastos de Portugal, ficão escritas no abbreviado Compendio, que dellas fizemos, assim pela summa obrigação, em que lhe ficamos, como pela gloria, que nos deixou de haver santamente professado o nosso Instituto. Este pois, que superior aos limites de vassallo, merecia o nome de amigo, e de companheiro no trato do Principe, foy o mais proporcionado instrumento do fausto principio, e ditoso fim de fi-

car

Tom. 1. num.
228.

Doutores An-
glicanos at. en-
diuõs.

Amante da paz.

Tom. 1. pag. 813.

Sua preciosa
morte, e sepul-
tura.

Effeitos da ami-
sade delRey
com o Santo
Condestavel.

ficar exaltado no Throno ; porque respirando incendios de zelo em beneficio da Patria, e conhecendo o quanto era conveniente assegurar a vida do mesmo Principe, para ficar dominante ; ao tempo, que com huma das mãos contra seus inimigos impunhava a espada, com a outra entre os Naturaes lhe tecia a Coroa. As armas deste Heroe eraõ da condigaõ dos rayos, que mais felizmente feriaõ, aonde encontravaõ mayor resistencia. Mas ainda assim pôde duvidar-se, quaes eraõ mais estimaveis soccorros, se os golpes dellas, se a vivacidade do seu entendimento para os conselhos. A estes venerava ElRey como ministrados pelo amor sem defeitos na verdade. Só com o parecer delle, contra o dos outros Fidalgos, abraçou a occasiaõ, que se lhe offerreceo de poder celebrar o triunfo mayor, que tiveraõ as armas Portuguezas contra as Castelhanas, quando alcançou a Vitoria da celeberrima batalha de Aljubarrota ; de sorte, que estimulado o mesmo Rey da incontrastavel resolução do invicto Condestavel, primeiro deo passos para o bulcar, e seguir, do que para mandar, e vencer na Campanha.

52 Huma das mais recommendaveis acçoens deste inclito Monarca foy a conquista de Ceuta, Cidade forte da Africa. Ficou com a estimabilissima gloria de ser o primeiro Principe Christaõ, que depois da invasaõ dos Mouros na Hespanha, passou a Africa a buscalos, a fim de mais dilatar a Fè com o destroço dos seus inimigos. Entaõ se conheceo o universal respeito, que o seu valor lhe adquirio entre os Principes da Europa. Muitos temeraõ o formidavel poder, que elle ajuntava, em quanto lhes não constou, que se dirigia contra os Infieis. As Embaixadas, que nessa occasiaõ chegaraõ á Corte com o designio de penetrarem o intento da guerra, justificão esta verdade. Porém tal foy a prudencia delRey, que todos voltaraõ satisfeitos, e nenhum com intelligencia do seu projecto. Sogeiou com effeito ao seu imperio a Cidade de Ceuta com tantos creditos da nação Portugueza, e tantas glorias do nome Christaõ, que serviraõ de largo assumpto a innumeraveis Authores de singulares escritos, aos quaes nos remetemos. Nesta mesma occasiaõ mostrou o Monarca a felicidade, que merecera do Senhor, em poder multiplicar, e propagar em defenfa da Religiaõ, heroicos espi-
Tom. II. E 2 ritos

Eligio do Santo
Couto.

Tom. I. n. 697.
e seg.

Vitoria de Alju-
barrota,

Conquista de
Ceuta.

Embaixadores
que vierão a
Lisboa.

36 *Chronica dos Carmelitas*

ritos ; porque os Infantes seus filhos obraraõ taõ primorosamente nella guerra , que sem differença , ou nas idades , ou nas forças , parecia , que as espadas de todos eraõ empunhadas pela mesma ditosa mão de seu Augusto Pay , que nas batalhas , por mayor que fosse a resistencia , não perdia golpe.

Edificios, que
fund u.

53 Deixamos de referir as muitas, e sumptuosas fabricas sagradas, os magestosos Palacios, e outros insignes edificios, nos quaes este liberalissimo Principe eternizou o seu nome ; porque a mesma grandeza delles publica a magnanimidade do Fundador. Tambem não expendemos (por serem copiosissimas em numero) as demonstraçoens, que sempre fez da sua innegavel generosidade ; e ainda que alguma vez pareceo declinar della, pelo intento, que teve de reunir á Coroa algumas terras, que havia dado em remuneração de serviços ; veyo depois o tempo a mostrar , que fora mais artificio politico , do que verdadeira resolução. Em fim não individuumos as outras acçoens de piedade , que correm impressas ; porque basta mostrar-se pelo dedo o Gigante , julgando os Leitores pelas circunstancias das virtudes seguintes a excellencia de todas as que exemplarmente praticou na vida.

Sua ganerosida-
de.

Recebe o Santo
Escapulario.

54 Por causa da summa devoção, que teve a nossa Mãe Santissima do Carmo , recebeu publicamente das mãos do Vigario Geral Frey Affonso de Alfama o Santo Escapulario, e se constituiu confrade. Consta que esta acção fora celebrada na Capella Mór, logo que a este Convento chegaraõ os Religiosos; querendo com o seu exemplo estimular aos vassallos para o mesmo fim. Fazia gosto de assistir aos nossos Officios Divinos, encorporando-se com a Comunidade dentro do Coro. Algumas das nossas Ceremonias eraõ tanto do seu agrado, que não occultava o louvor , quando por ellas lho mereciamos. Especialmente sabemos , que applaudio muito o nosso Rito particular de expormos o Santissimo Sacramento no Introito da Missa ao dizer-se o verso *Gloria Patri*, &c. quando nas festas solemnes o Senhor se faz manifesto. A primeira vez que reflectio nesta particularidade, foy na occasião, em que assistia á solemne festa da purissima Conceição da Virgem Senhora Nossa, e prometteo que havia de estabelecer o mesmo uso na sua Capella. Não duvidamos, que nella perseverasse até a entrada do Breviario Romano: mas como he grande a diffusão, com que nesta materia temos fallado,

Applaudie pu-
blicamente hu-
ma cerimonia.

Supra num. 49 &
infra num. 141.

do, toda a repetição he superflua. A festa da Conceição já naquella tempo entre nós se continuava com grande solemnidade: e por ser das mayores da nossa Igreja, vinhaõ fazer a ella assistencia as Pessoas Reaes, satisfazendo á sua devoção, e authorisando o nosso acto.

55 Tanta era a frequencia deste Principe com toda a familia Real no Coro, que chegou a concorrer para se estabelecerem Leys sobre o tratamento de cada hum nas funcões publicas: e para que as ditas Leys perseverassem firmes entre as variedades do tempo, as affinou com o Definitorio, segundo o que fica declarado; honra digna de particular estimação; porque não consta, que outro Rey em Portugal a respeito das Sagradas Familias Religiosas, a que foraõ afeiçoados, fizesse acção semelhante. Porém a circumstancia de ser o inclyto Condestavel Padroeiro dos Carmelitas, e de estar professo entre nós, de tal modo concorreo para estas demonstraçoens, que chegaraõ a ser admiraveis. Bem se experimentou nas frequentes visitas, que o mesmo Soberano, e o Infante D. Duarte lhe faziaõ; sendo não menos ponderavel o extremo affecto, que ambos deraõ a conhecer, quando na mayor enfermidade lhe assistiraõ, de sorte que até depositarem o seu venerando cadaver no lugar onde o recommendassem, nunca d'elle se apartaraõ.

56 Taõ prompto foy este invicto Monarca em ajudar aos nossos Religiosos, que nunca lhe pediraõ cousa util, em que não ficassem bem despachados. Em algumas rendas, que o Santo Condestavel deixou a este seu Convento, perdoou todos os foros, que á sua Coroa pertenciaõ, livrandonos das pensoens, e tributos, que dantes lhe pagavamos, tudo em attenção ao habito, que vestiamos, segundo declaraõ as Escrituras, das quaes temos dado as cópias: e se não mediaffe huma attenciosa politica, com que respeitava as acçoens do Fundador, crível he, que procederia em nosso favor com liberalidade mais ampla; porém fazia por mostrar, que a generosidade daquella incomparavel homem não necessitava de soccorro para se desempenhar nas ventagens da mayor grandeza. Quiz, como prudente, que assim como a fabrica do Convento, pelo seu unico Author, se constituhio insigne, assim as suas rendas parecessem independentes de alheyo Bemfeitor; porque tambem só aquelle bastava para as estabelecer superabundantes. Mas depois
que

Como estabele-
ceo o tratamen-
to das Pessoas
Reaes no Coro.
Supra num. 17.

Motivo para o
fazer.

Perdoou a este
Convento os fo-
ros, que lhe pa-
gava.

Attenção ao
Santo Condes-
tavel.

que o Santo Condestavel não teve mais que dar, por haver dado quanto teve, então com voluntarias elmolas supprio a muitas cousas, que sendo necessárias, não podiaõ de outro modo ficar bem remediadas.

Seus beneficios.

Sua ultima enfermidade.

Despede-se dos Infantes.

Dia, e anno em que morreo.

1433.

57 Depois da morte do Santo Condestavel, se mostrou comnosco ainda mais generoso; porque então nos concedeo as muitas mercês, que sempre confessaremos; sendo para o nosso apreço a mayor, o prometer ao Provincial existente, que elle, respeitando a pessoa do seu amado Condestavel, faria em nossa utilidade tudo, quanto lhe houvessemos de supplicar: e com effeito, se a morte não se adiantasse tanto a desterralo do Mundo, certamente seria o Carmo o desempenho da sua gratidão para com o nosso estimabilissimo Fundador. Porém quando principiavamos a experimentar os seus aventajados favores, lhe sobreveyo huma indisposição conducente a fazello unicamente lembrar das conveniencias da sua alma, da qual, como verdadeiro Catholico, tratou com diligencias tão proveitosas, que todas na realidade eraõ soccorros para a salvação. E como a doença foy dilatada, não lhe faltou o tempo para as disposições necessárias; posto que nunca perdeu instante, porque elle mesmo com anticipada discrição se defenganou, de que havia chegado ao termo final da vida. Por essa causa, depois de abençoar a todos os seus filhos, e de haver dado ao Infante D. Duarte (herdeiro da Monarquia) os importantissimos documentos, que guardou para lhe lembrar naquella ultima hora, despedido totalmente das creaturas, se entregou a Deos pela boa direcção de virtuosissimos, e doutos Religiosos, que lhe encaminharaõ o espirito, mais alegre com a esperança de salvar-se, do que triste pela separação, que fazia do corpo.

58 Acabou com effeito a vida temporal este piissimo Principe no dia 14. de Agosto do anno de 1433: e pareceo fausto annuncio da sua salvação o acontecer nelle o seu transito; porque a Mãe de Deos, de quem fora sempre devotissimo, neste dia, que he a vespera da sua gloriosa Assumpção, lhe concedeo a sua mais assinalada vitoria, qual foy a de Aljubarrota. E como esta ultima era a mais necessaria para bem de sua alma, piamente devemos crer, que seria igualmente feliz em comparação da outra, que em semelhante dia, se reconheceo importante para beneficio do Reyno.

59 Viveo 76 annos, e quatro mezes, dos quaes reynou 48. Sua morte foy geralmente sentida com profusão de lagrimas illustres, e humildes. Seus louvores eraõ incessantes na voz dos vassallos, que lembrados de que fora o seu libertador, mostravaõ o muito, que sentiaõ não caber na sua possibilidade o perpetuarem-lhe a duração no Throno. Seu corpo foy levado aos hombros do Rey successor, e dos Infantes para a Cathedral desta Cidade de Lisboa, Templo magnifico, chamado actualmente *Basilica de Santa Maria*; onde o mesmo defuncto Monarca fizera compor até a ultima perfeição a Capella do invicto Martyr São Vicente, seu especialissimo Advogado. Alli em sumptuosa Essa foy seu respeitado Cadaver depositado, para se lhe celebrarem solemnes Exequias, das quaes falando os Escriitores affirmaõ, que excederaõ na pompa, a quantas se haviaõ feito em Portugal; até que com a decencia, a que chegou o empenho Regio, foy trasladado para a Magestosa Igreja do Convento da Batalha, cuja sagrada fabrica mandou lavrar para satisfação do voto, que fizera á Rainha dos Ceos, e para jazigo proprio; pois em correspondencia á grandeza da Pessoa, não cabiaõ as suas illustrissimas cinzas em limitada Urna, e só com proporção (como estimadas Reliquias) se conservaõ naquella tão primoroso, como avultado Monumento.

Annos de sua idade.

Deposito do seu corpo.

Jazigo em que se guarda.

§. III.

Noticia do Illustrissimo D. Frey Alvaro, Bispo de Sylves no Reyno do Algarve.

1434.

60 **B** Em poderiamos deixar em silencio as honradas memorias deste grande Prelado, visto que foy filho da Religiosissima Provincia do Carmo de Andaluzia. Porém basta haver sido natural deste Reyno, e estar nelle a sua Diocese, para nos pertencer a individuação dos seus edificativos progressos. Poucas são as noticias, que achamos deste egregio Varaõ; e as que temos, manáraõ daquella Santa Provincia, humas por informação vocal, outras por escritos de Authores Castelhanos. Os Portuguezes, como se o assumpto fosse estranho, o deixaraõ; mas agora, pela razão insinuada, o estimamos como proprio.

Como pertence ao nosso assumpto.

Convento em
que professou.

Gravissimo
Theologo.

Em que tempo
foy cleiro Bispo.

Escriptores que
delle fallaõ.

Noticia de Co-
ria.

61 No Convento da Villa de Gibraltãõ no Reyno de Andaluzia (hum dos mais antigos de nossa Ordem na Europa) tomou o habito, e professou o insigne Frey Alvaro, que certamente sabemos haver sido Portuguez; mas ignoramos o nome da sua Patria, e dos seus Progenitores. Foy exemplarissimo nas virtudes, e nenhuma houve, que elle a não praticasse em grão sublime, sendo entre todas a mais heroica huma perfeita observancia do seu Instituto. Por essa causa se começou a fazer, não só estimado naquella Villa; mas em toda a Hespanha geralmente bem aceito; de sorte, que o seu nome deu brado, e o acclamou benemerito dos empregos da mayor authoridade. Professou muitas sciencias proprias do seu Estado. Porém na Sagrada Theologia foy conhecido por hum gravissimo, e admiravel talento.

62 Por causa dos seus relevantes merecimentos foy eleito Bispo de Sylves no Reyno do Algarve, em tempo, que da nossa Ordem era Geral o Reverendissimo Padre Mestre Frey Joãõ Faci, entre os annos de 1434, e o de 1450. Naquella Diocese desempenhou as obrigaçoens de verdadeiro Pastor; porque no tempo, em que as inquietaçoens das Correas davaõ mais liberdade aos vassallos para viverem menos reformados, elle conservou o seu rebanho tão isento de vicios, que a sua Igreja servia de exemplo às outras, cujos Prelados cuidavaõ muito na sua particular obrigação. Deste illustrissimo Bispo fazem succinta menção o Veneravel Padre Frey Miguel de Fuente, o Padre Frey Manoel Romaõ, e mais distintamente o Padre Mestre Frey Diogo Coria Maldonado, o qual fallando no seu idioma, diz o seguinte.

63 „ En estos tiempos fue assumpto en Obispo de „ Sylves el muy virtuoso, y no menos docto Maestro Fray „ Alvaro, hijo del Convento de Gibraltion desta Provin- „ cia de Andaluzia; el qual dió a la dicha casa la hacienda, „ que tiene oy; porque de la hacienda, que el Infante Don „ Alonso de Lacerda le dexó (como era la Villa de Cartaia, y „ gran parte de la Villa de Gibraltion con muchas tierras de su „ termino) ni un palmo de tierra entonces poseia, por tener- „ las en su poder los Excellentissimos Duques de Bejar, co- „ mo las tienen. Como ayan passado a su dominio, por no ha- „ zer

„zer al caso de la historia, no lo pongo en este lugar. Sus Ex-
„cellencias lo saben; pues lo posean. Mas bolviendo al illuf-
„tre Obispo Don Fray Alvaro, toda la hacienda, que oy pos-
„sea el Carmen de Gibrleon, se la adquirió al dicho Con-
„vento, sin dexarle de obligacion, mas de la Missa de Re-
„surreccion primera en cada año, con su procession, la qual se
„canta por el dicho Obispo.

64 Desta memoria consta o grande amor, que o liberalis-
simo Prelado teve á sua Religião; pois ao Convento, que o
educou, enriqueceo com generosidade tanta, que podendo em
utilidade da sua alma deixar aos Religiosos alguns encargos
quotidianos, lhes fez o beneficio daquellas rendas, sem alguma
penção, para que tal vez a graça fosse mais estimavel, por se
constituir independente de alguma recompensa. Não descobri-
mos noticia alguma das particularidades da sua morte, nem ou-
tras circumstancias da sua vida. Com as variedades do tempo se
confundirão de tal modo as noticias dos seus progressos, que
com certeza apenas consta, que tivera a dignidade Episcopal;
porque até occorrem motivos para se duvidar, se fora eleito á
instancia do Monarca deste Reyno, donde era natural; ou se
a beneplacito do de Castella, em cujo dominio estava o Con-
vento, em que celebrou a sua Religiosa profissão.

Liberalidade do
Bispo.

Falta de noticias.

§. IV.

*Vida, e morte do insigne Padre Doutor Frey Affonso Leitaõ,
aliás de Alfama, Vigario Geral, e primeiro Provincial
desta Provincia.*

65 **N**asceo este famoso Varaõ na Cidade de Lis-
boa: e temos por certo, que no bairro de Al-
fama; porque delle lhe veyo o cognome, pelo qual foy ain-
da mais conhecido, que pelo appellido dos seus ascendentes,
que era *Leitaõ*. Com este se assinava, e com o outro dava prin-
cipio a todas as Patentes, e escritos publicos, segundo vimos
nos que temos encontrado. Por superior destino se afeiçoou
do nosso habito: e foy a sua vocação taõ efficaz, que deixan-
do na Patria outras observantissimas Religioens, abraçou fó-
ra della o nosso Carmelitano Instituto, que florescia no Con-

1435.

Seu nascimento,
e nome.

Convento onde
professou.

Sua grande sci-
encia.

vento da Villa de Moura, unico da nossa Ordem em todo este Reyno. Alli fez a sua entrada, e profissão com grande prazer de todos os Religiosos, que desde os exordios da sua vida Regular o preconizaraõ benemerito das primeiras estimaçoens. Fundavaõ-se estas esperanças, não só no aproveitamento das virtudes, mas tambem no muito, que se adiantou nas sciencias, especialmente na Theologia Especulativa, e Mystica; esta, que sempre conferio com os amantes das espiritualidades; e aquella, em que com geral applauso se graduou na Universidade, (como se affirma) de Oxonia, e sempre mostrou que a ensinava, como consumado Mestre.

Sua observan-
cia Regular.

Vigario e Com-
missario Geral.

Outra vez no
mesmo empre-
go.

66 Foy Religioso não só observantissimo das suas Consti-
tuiçãoens, mas em tudo perfeito. Consta, que todas as suas ac-
çoens se dirigiaõ ao serviço de Deos, e á utilidade do proxi-
mo; e se algumas, das que via aos outros obrarem, se ordena-
vaõ a differentes fins, lhes chamava acçoens *infelices*. Em at-
tenção aos seus relevantes merecimentos, o nosso Reverendis-
simo Geral da Ordem, que entaõ existia, o Padre Mestre Frey
Joaõ Raudense, lhe mandou Patente de seu Commissario, e
Vigario Geral, para que os Religiosos Portuguezes do Con-
vento de Moura, antes de instituida a Provincia, tivessem prom-
pto Superior, a quem recorrer nos casos mais graves. Não temos
noticia do anno desta promoção; mas he certo, que occorreo an-
tes do de 1397, no qual tendo já o exercicio deste emprego, foy
chamado de Moura, e que exercitara o dito emprego até o an-
no de 1404. Entaõ começou a occupar o mesmo lugar o Illus-
trissimo D. Frey Gomes de Santa Maria, Bispo titular de Ebron,
como já expuzemos. Mas depois de 19 annos, no de 1423 tor-
nou a ser promovido na mesma occupação por patente do nos-
so Reverendissimo Geral o Padre Mestre Frey Joaõ Groz, que
tambem o nomeou Presidente do primeiro Capitulo desta Pro-
vincia.

Tempo, que go-
vernou a Pro-
vincia.

67 Sendo eleito Provincial, e conseguindo a gloria de
ter a primazia no Cathalogo dos que governaraõ a dita Provin-
cia, a regeo por espaço de doze annos com o acerto, e pruden-
cia, que já declaramos; de sorte que não faltando á justiça, de
tal modo a executava, que parecia verdadeiramente Pay. Foy
com especialidade amado do nosso veneravel Fundador, e te-
ve das Pelloas Reaes publica estimação. O Serenissimo Rey
D. Joaõ

D. João da boa memoria, abraçou muitas vezes os seus conselhos, para lhe dirigirem o espirito na occasião, em que o entregou ao Creador. Para este effeito foy chamado, não só por occasião de ministrar a absolvição geral concedida aos Confrades; mas para lhe advertir, quanto naquella hora lhe parecesse importante, porque das suas letras, e virtudes El Rey quiz fiar os documentos precisos para a segurança da sua salvação.

Director del Rey
D. João I.

68 Da sua vastissima sabedoria deo evidentes finaes nas doutissimas obras, que escreveo, muitas das quaes não sahiraõ a luz pelo commum descuido, que hoje se conhece ter havido naquelles tempos. Imprimio-se hum volume seu na lingua Latina (na qual foy insigne) sobre as Colleçoens de Cassiano com o titulo *Doctrinale Patrum*. Consta, que escrevera hum livro dos progressos da nossa Ordem. Affirma D. João de Ferreras no Indice dos Escritores do seculo decimo quinto, e se acha na undecima parte da Historia de Hespanha; que tambem escrevera: *Del fiel consejero: Del buen regimen de la justicia, y de la Misericordia*. O Padre Mestre Frey Marcos Antonio Alegre de Casanate testifica, que além dos sobreditos volumes, escrevera outras materias; mas que não chegou a adquirir noticia dos titulos dos livros: bem que os nomeados bastaõ para nos certificarem, que a sua applicação foy continua, e para nos persuadirem, que o seu talento foy hum dos mais consumados do Reyno.

Obras, que escreveo, e se imprimiraõ.

Escritores, que della fallaõ.

69 Chegou finalmente ao ultimo termo da vida taõ adiantado em annos, como em virtudes. Não lhe affustaraõ muito as evidencias da sua imminente morte; porque como nella cada dia meditava, para esse fim se achou naquella hora bem prevenido. Cheyo pois de merecimentos, que apprezentou aos benignos olhos do nosso Divino Redemptor, entre as lagrimas, e suspiros dos subditos, sendo ainda Prelado, rendeo o espirito, com huma morte (na opiniaõ commua) de predestinado, dando atè o ultimo bocejo aos seus amados Irmãos os necessarios documentos para se inflammarem no amor de Deos, e no zelo da Religiaõ. Aconteceo o seu transito no anno de 1435. Seu respeitado cadaver foy com a decencia devida sepultado no Cruzeiro da Igreja deste mesmo Convento de Lisboa, lugar, que muitos annos esteve destinado para cemiterio dos Religiosos. Deste doutissimo Prelado (além dos Escritores já allegados)

Circunstancias da sua Morte.

Sepultura de seu corpo.

Escritores que della fallaõ.

Memor. Hist. Tom.
1. pag. 186.

dos) trataõ Auberto Mireo no seu Cathalogo, o Licenciado Jorge Cardozo, e o Reverendo Antonio Carvalho da Colra nos lugares, que cita o Padre Mestre Frey Manoel de Sá.

§. V.

De outros Religiosos, que faleceraõ nos doze annos deste governo.

Religiosos nomeados.

70 **A** Lém dos Religiosos, dos quaes acima fizemos a merecida memoria, e dos tres insignes Doutores, Frey Joaõ Gallo, Frey Diogo Raposo, e Frey Affonso de Mattos, cujas vidas, como pertencentes ao Convento de Moura, escrevemos no Tomo I. faleceo o Padre Bacharel Frey Sancho de Ayvar, primeiro Definidor dos que teve a Provincia, e fogueito, pelas suas letras, e virtude, de grande distincão. Acabou tambem a vida temporal o terceiro Definidor Frey Ayres da Sylva, Varaõ exemplarissimo. Naõ menos memoravel se fez o transito do nosso Santo Condestavel já referido, acompanhando-o tambem ao despedir-se do Mundo, o seu imitador no espirito, depois de haver sido no seculo seu criado, o Padre Frey Joaõ Gonçalves. Fôra do numero destes insinuados faleceraõ mais no mesmo governo seis Religiosos, cujos nomes se achaõ escritos no livro, que neste Convento se guarda, chamado dos Obitos.

Maravilhas de hum dos taes

Communiões de Christo.

71 De hum dostaes (posto que naõ podemos distinguir qual fosse) se referem cousas maravilhosas. Era grande servo de Deos, e ficou o seu nome ignorado, porque foy mais conhecido pela denominação de *Despenheiro*; naõ porque tivesse a seu cargo guardar as provisões comestiveis do Convento, mas porque as pessoas pias depositavaõ na sua mão copiosas esmolas, para serem a seu arbitrio distribuidas pelos pobres, que elle distintamente conhecia: e quando se ajuntavaõ, para as receberem, lhes chamava *Communião de Christo*. Naõ havia cousa util, que naõ executasse em beneficio dos necessitados, ainda que contra si resultasse o mayor detrimento; de sorte, que se para lhes adquirir algum donativo lhe era preciso andar por dilatados, e asperos caminhos, ou deixar de comer hum, e mais dias, tudo lhe parecia suave, e o executava sem

re-

repugnancia. Com total esquecimento do pundonor humano, em obsequio da mesma pobreza, tomando entre os proprios braços a grande caldeira, em que preparava o comer para aquella sua amada Communidade, a punha ao lume, e tirava fóra; repartindo, onde julgava conveniente, as porções para cada hum á vista de todos.

72 Muitas vezes ficou dias inteiros em jejum, por acudir com o alimento necessário para si ás indigencias alheias: e entendia, que este era o unico meyo de poder cabalmente desempenhar o seu caritativo genio. Daqui procedeo, que os Prelados lhe impunhaõ obediencia para não faltar ao seu corpo com o sustento preciso: e posto que resignadamente obrava quanto lhe era mandado, sempre lhe sobrevinha huma insolavel pena, que muito lhe magoava o coração, de se achar impedido para effectuar os extremos de sua ardentissima caridade; e por essa causa, ficava o seu merecimento sendo tanto mayor, quanto era mais grato a Deos o sacrificio, que lhe fazia de taes desejos.

Effeitos da caridade.

CAPITULO IV.

Do segundo, e terceiro Capitulo, que os nossos Religiosos celebrarão neste Convento. Da-se noticia de algumas eleições, e das cousas memoraveis de todo o tempo, que durou hum, e outro governo.

73 **C**elebrando-se Capitulo no anno de 1435, por occasião de haver falecido o Padre Doutor Frey Affonso de Alfama, foy eleito Provincial o insigne Padre Frey Diogo Gil, que no Capitulo antecedente sahira eleito terceiro Definidor, e tambem Prior do Convento de Lisboa. No Priorado se habilitou para agora occupar o mais honroso emprego da Provincia; porque de tal modo satisfizes as obrigações do seu lugar, que inclinou as vontades dos Capitulares, para lhe conferirem a nova Prelazia. Este Religioso era Prégador de grande fama naquelles tempos, e por este predicado o estimavaõ muito as pessoas de distincão. E posto que não seguio as Cadeiras, com tudo, era conhecido por dou-

1435.

Provincial. III.

Frey Diogo Gil.

Seu elogio:

46 *Chronica dos Carmelitas*

Convento don-
de veyo para
Lisboa.

doutissimo. Na refórma exterior indicava a natural tendencia, que tinha para as virtudes; servindo sempre a Deos, a quem por vocação sacrificou o alvedrio no Convento do Carmo de Moura, onde tomou o habito, e celebrou solemne profissão. Dalli (como já dissemos) veyo com os primeiros Religiosos chamados pelo Santo Condestavel para o dito Convento de Lisboa, por ser capaz de instruir com a doutrina, e edificar com o exemplo.

Condições de
bom Prelado

74 Entrando pois no Provincialado, supprio inteiramente a falta, que no lugar se julgava, que faria aquelle primeiro Prelado. Neste brillavaõ as virtudes, e todas praticava em gráo perfeito. Venceo com actos de prudencia muitas contrariedades, que não poderia com o rigor, e menos com o poder. Para os subditos valiaõ mais que os castigos as suas admoestações; porque as dava taõ acompanhadas de amor paternal, que aos delinquentes deixava emendados, e nunca offendidos. Julgava por dote necessario nos superiores a humildade: e de tal modo a exercitava, que sempre conservou o desprezo da pessoa, unido com a authoridade do cargo.

Prior V.

Fr. Estevão Ro-
drigues segunda
vez eleito.

75 No mesmo Capitulo foy segunda vez eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Frey Estevão Rodrigues, que por haver mostrado a boa capacidade, que tinha para os governos, sem lhe admittirem a escusa, que deo para se eximir da occupação, novamente o chamáraõ para o tal emprego. Nelle desempenhou a expectação dos Religiosos, que lhe conheciaõ a particular economia para ser bom Pay de familias, e as muitas virtudes, com que costumava doutrinar aos filhos da sua disciplina. No tempo destes Prelados não achamos cousa notavel, cuja memoria se haja de eternizar nestes escritos. Entende-se, que foy por omissão dos nossos Padres antigos, a qual não admitte remedio, e só nos deixa motivo para o sentimento.

Sua boa econo-
mia.

8 Religiosos fa-
lecidos.

76 Durou este governo quatro annos, que se concluireõ no de 1439. Em todo este tempo faleceraõ na Provincia oito Religiosos, e alguns de muita distincão. Os mais memoraveis foraõ os Pades Frey Joaõ de Santarem, Lente actual, e insigne professor de várias sciencias, Frey Pedro do Couto, e Frey Rodrigo de JESUS. Porém nenhum golpe foy para nós taõ penetrante, como o que nos imprimio no coração a morte do nosso Augusto Bemfeitor, e declarado amigo, o Serenissimo Rey
D. Du-

D. Duarte, o qual acabou a vida temporal, achando-se na Villa de Thomar, aos 9. de Setembro de 1438. Foy o seu transito, ainda que pelas circumstancias pertencentes ao espirito, de grande consolação para o Reyno; pela falta da sua intelligencia para o governo, de mayor pezar para os amantes da patria. Os nossos Religiosos nelle perderão Protector, e Pay. Além da honra, com que sempre nos tratou, não só na vida, mas depois da morte do Santo Condestavel, nos fez repetidos beneficios, que gratos confessaremos; sendo o primeiro o de se constituir Padroeiro nosso, e Protector desta Provincia, segundo consta do Alvará; do qual no Tomo primeiro fizemos memoria.

77 Apenas cingio este Principe a Coroa da Monarquia cinco annos, sendo que pela vontade dos vassallos nunca deixaria de empunhar o sceptro; porque a docilidade do genio o fazia notavelmente amado. Logo que lhe succedeo no Throno seu filho primogenito D. Affonso o quinto do nome em Portugal, seguindo as pias inclinaçoens do seu grande Pay, nos foy continuando muitos favores. A primeira mercê, que por instancias dos Prelados nos fez, foy (ainda na sua menor idade) a de se constituir Protector deste Convento de Lisboa, que já então se intitulava Real. Para esse effeito, achando-se no lugar de Camarate em companhia da Rainha Dona Leonor, sua mãy, e Tutora, e na de seu Tio o Infante D. Pedro, Defensor do Reyno, mandou passar hum Alvará feito á imitação, do que alcançámos delRey seu pay, no qual Alvará affinou elle, a Rainha, e o Infante seu Tio. Delle fazemos menção em lugar mais proprio, ao qual nos remetemos; confessando agora a liberalidade destes Principes para conosco, e a boa diligencia, que com elles fizeraõ para tão grande honra aquelles Prelados. Neste governo falleceraõ oito Religiosos, cujas acçoens não se achão individuadas.

78 No anno 1439, celebrado o Capitulo, sabio eleito Provincial o Padre Frey João de São Lourenço, fogeito, que pelas suas heroicas virtudes era dignissimo do emprego. Os outros Religiosos o veneravaõ, como o seu merecimento pedia, e entre outras singularidades, a que mais lhe authorizava o respeito, era a summa modestia, com que em todas as suas acçoens procedia. Não levantava os ólhos do chão, como se ainda fosse Noviço. Delles havia sido Mestre no Convento de Moura, e os

Morte delRey
D. Duarte.

Nosso Protector
Tom. I. n. 1624.

Tempo que
reynou.

ElRey D. Afonso V. nosso
Protector.

Tom. I. pag 819

8. Religiosos fallecidos.

1439.

Provincial. III.
Frey João de
São Lourenço

Seu Elogio

e os educou com tão rara instrucção, que foraõ depois os Religiosos mais exemplares da Provincia; de sorte, que os Mestres de Noviços, que depois lhe succederaõ, para obrarem com acerto nas suas obrigaçoens, primeiro se valiaõ dos seus conselhos.

Prior VI.
Frey Valco Pinto.

79 Sahio na mesma occasiaõ eleito Prior deste Real Convento de Lisboa o Padre Frey Valco Pinto, que teve lugar entre os memoraveis de Portugal. Porém ainda que del- le achámos algumas noticias, dignas de lhe acreditar a pessoa, são de tal modo confusas, que dellas só se conclue, que fora Varaõ doutissimo, e virtuosissimo. Entrou no governo com repugnancia notoria, e quasi violentado. Nelle só existio dous annos, porque no de 1441 chamou Deos para sião Provincial. Com a morte deste acabou tambem a sua occupação o Prior, ficando muito que sentir aos subditos; porque não he explicavel o affecto, com que este Prelado os regia, e a grandeza de animo, com que os alimentava. A sua liberalidade (sem demazias) ficou tão firme nas tradiçoens, que na variedade de tantos seculos nunca enfraqueceraõ. Porém ainda que para o emprego era tão notoria a sua aptidaõ, foy preciso dar-lhe fim por causa de hum Breve do Papa Eugenio IV. pelo qual instituio novo Provincial, e juntamente Prior deste Real Convento de Lisboa, do qual daremos no Capitulo seguinte toda a possivel noticia.

Seus Louvores.

8. Religiosos
que falleceraõ.

Casa de Noviciado
instituida

80 Nos dous annos deste governo falleceraõ na Provincia cinco Religiosos, todos celebres pelos empregos, e pela fama de suas virtudes. Taes foraõ os Padres Frey Estevaõ Rodrigues, do qual temos individuado as memorias em diferentes lugares; Frey Diogo Gil Prior que foy, e tambem Provincial, como fica dito. Frey Braz Camelo muito respeitado das pessoas illustres pelo seu clarissimo nascimento; e Frey Joaõ de São Lourenço, que era actualmente Provincial, quando acabou a vida presente. Nestes dous annos não achámos haver acontecido na Provincia cousa memoravel: só consta, que se estabeleceu casa propria para o Noviciado; e desde entaõ se começou a praticar o inviolavel tratamento, que se dá aos Noviços. Foy mandado, que assim os Religiosos de fóra, como seus Mestres, e companheiros (os quaes no tempo presente se denominaõ *Pedagogos*) os tratasem por *caridade*. Conveniente pareceo que estas

estas novas plantas da Religião tivessem modo particular distincto do uso secular para se communicarem entre si, e serem chamados dos seus Superiores: e será mais que reprehensivel naquelles Mestres, que faltando a esta antiquissima instituição da Provincia, se esquecerem da obrigação para fallarem a seus Irmãos, como no seculo poderiaõ tratar aos criados.

Tratamento dos
Noviços.

CAPITULO V.

Vida do Illustrissimo Senhor D. Frey Joaõ Manoel IV. Provincial desta Provincia, juntamente Vigario geral della, e Prior VII. deste Convento de Lisboa, filho do Serenissimo Rey D. Duarte, Embaixador de Seu Irmão ElRey D. Affonso V. á Ungria, e a Roma; Bispo Titular de Tiberiades, e Diocesano de Ceuta, Primaz de Africa, e depois Bispo da Guarda, Capellaõ Mór, do Conselho, e Expediente do mesmo Rey D. Affonso.

1441.

81 **N**O anno de 1441 constando em Roma ao nosso Reverendissimo Geral o Padre Mestre Frey Joaõ Faci, que nesta Provincia acabara com a vida o emprego de Provincial o Padre Frey Joaõ de São Lourenço, cuidou em nomear Prelado mayor, que fosse digno de lhe succeder no lugar, e o substituir na prudencia. Valendo-se para este effeito da faculdade, que lhe concedera o Capitulo Geral celebrado no anno antecedente, que foy o de 1440, instituiu Provincial desta Provincia ao Senhor D. Frey Joaõ Manoel, que nesse tempo se achava já condecorado com o grão de Mestre, bem merecido pelas ventagens da sua vastissima sabedoria. E como a esta se uniaõ muitas virtudes moraes, que sobre a grandeza da pessoa o especializavaõ, entendeu o Reverendissimo Geral, que na eleição de novo Prelado obra-va com attenção, e com acerto.

Nomeação de
Prelado mayor
da Provincia

Provin-
cial. IV.

82 Do mesmo parecer foy o Papa Eugenio IV. porque bem informado da capacidade, que este insigne Religioso mostrava ter para os governos da Ordem, lhe enviou hum Breve, no qual lhe fazia a graça dos mais honorificos empregos da Provin-
Tom. II. G cia,

Prior VII.

Motu proprio do
Papa Eugenio
IV.

cia, mandando, que nella fosse juntamente Vigario Geral, Provincial, e Prior do Convento de Lisboa. Tal foy o conceito, que fez do seu talento, que o julgou bastante a supprir a tão diversos empregos, com a mesma actividade em todos, com que se poderia exercitar no desempenho de cada hum. Mas porque este memoravel Prelado foy hum dos que mais acreditaraõ a Religiaõ, naõ menos pelas suas virtudes, que pelas superiores occupaçoens, que teve dentro, e fóra do Reyno, daremos primeiro noticia do seu alto nascimento, e depois exporemos tudo, o que pertence às suas inclytas acçoens, e dignidades.

Nascimento, e
progenitores.

83 Nasceo o Senhor D. Frey João Manoel na Cidade de Lisboa. E como por circumstancias particulares foy preciso que o seu nascimento se occultasse, tambem até o presente se escondeo acerteza do lugar, onde recebera a sagrada ablução do Bautismo. Foy seu Pay o Serenissimo Rey D. Duarte, e sua mãy a senhora Dona Joanna Manoel, illustre descendente da preclarissima familia dos Manoeis de Castella, que deduzem a sua originaria grandeza do Infante D. Manoel, filho legitimo do Catholico Rey desta Monarquia D. Fernando III. chamado por antonomasia *o Santo*, e já pela Igreja collocado nos Altares. Tomou aquelle Principe o nome de Manoel em attenção ao Augustissimo Manoel Emperador de Constantinopla, seu bisavô materno, secundo principio daquella tão antiga, como qualificada Genealogia.

Opiniã de
Mariz.

84 Alguns Escretores, seguindo a Pedro de Mariz, affirmaraõ, que esta senhora viera de Aragaõ com a Rainha Dona Leonor, mulher del Rey D. Duarte, e que esta a trouxera em sua companhia, por ser parenta sua de muita distincão. Mas depois do exame necessario, se averiguou, que entrara em Palacio, antes de ser nelle recebida a Rainha. Por esta causa, além de outras convenientes razoes, se julga por certa a noticia, que se acha dos pays, e avós da mesma senhora, escrita no primeiro Tomo do Nobiliario de Portugal, que em seu poder conserva o erudito Joseph Freyre de Montarroyo Mascarenhas. Fallando pois na illustrissima ascendencia dos Manoeis a folhas 305 diz, que Dona Joanna Manoel fora filha legitima de D. Henrique Manoel de Vilhena, Conde de Cintra, e irmão da Rainha Dona Constança Manoel, mulher que foy del Rey D. Pedro I. e de Dona Brites de Sousa. O mesmo consta de hum
muito

Ascendencia de
Dona Joanna
Manoel.

muito antiga Chronica escrita na lingua Gallega, da qual fazem estimação, e transcrevem os Authores modernos; a qual tratando del Rey D. Duarte diz; *Oube em sembra hum gentil femea por amiga de loucois do airo; e nella se fallava cá El Rey oubera hum Baron, a el foy Frade dos Carmellos, a Bispo da Guarda; a ella cabira femea de prol a filha dum Conde de Sintra hermon da Rayna Constança, cu era morto, yella se tanchou Freira, a morreu recolbida a bom viver.*

85 Por justos motivos, com o segredo possível, foy o senhor D. Frey João Manoel na sua primeira infancia entregue a hum Cidadão honesto, para que elle, e sua mulher o criassem como a filho proprio. Assim o fizeram com tanto amor, e carinho, que o agradecido Principe, ainda depois de saber, que não eraõ estes os pays, que lhe dera a natureza, em todo o estado os tratou nomeando-os pays, como se fosse o mesmo receber a primeira educação, que haver na realidade nascido delles. Esta acção politica foy tão notoria ás pessoas da sua obrigação, que até no contrato, que D. João Manoel (de quem logo daremos noticia) fez com este Convento para certo numero de Missas, que se haviaõ de celebrar na Capella dos Reys, sempre dedicada a Nossa Senhora da Conceição, diz: *Que seria pelas almas do Bispo seu pay, e seu pay, e mãy delle Bispo, que estavaõ enterrados da banda de fóra da dita Capella, &c.* Pois sem embargo de ser já publico, e constante por consiliaõ del Rey D. Affonso V. (como em seu lugar veremos) que El Rey D. Duarte, e Dona Joanna Manoel eraõ os progenitores do Bispo, sempre este Cavalhero deo o nome *de pays* áquelles, que o foraõ nos ministerios da criação. Porém se nesta Escritura ha a sobredita clausula, que deo fundamento para a equivocação, com que á cerca do nascimento do mesmo Bispo escreveraõ alguns desafeiçoados; o contrario se lê no Epitafio de D. Nuno Manoel, Irmaõ do mesmo D. João Manoel, escrito na magnifica sepultura, que da parte do Evangelho está dentro da Capella Mór do Convento de Nossa Senhora de JESUS desta Corte, e diz (pelo que respeita ao nosso intento) o seguinte. *Primog. mort S. H. S. E. D. Nonius Manoel Eduardi Portug. Regis, & Dominae Joannæ Manoel nepos, D. Joannis Manoel, & Justæ Rodrigues Pererix Clariss. fæminæ Filius, &c.*

Educação de D.
Frey João Ma-
noel.

Infra num. 111

*Tom. I. num.
1512*

Infra num. 102

Epitafio de D.
Nuno Manoel.

D. Frey Joaõ
Manoel entregue ao Santo
Condestavel.

86 Continuando a justificada razão que havia, para não se fazer patente a falta de tão illustre senhora, foy o senhor D. Frey Joaõ Manoel entregue (por ordem occulta de seu pay) ao Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que se havia recolhido a este seu Convento, para que debaixo da sua protecção, e disciplina fosse honorificamente educado. Entendeo o serenissimo Infante, que vivendo o menino em companhia de hum Mestre tão consumado nas virtudes, lhe seguiria as inclinaçoens para adquirir os habitos das mesmas virtudes, que elle santamente praticava. Muito lucrou o illustre Pupillo nesta eleição; porque os seus progressos começaraõ logo a corresponder á esperança que houve do seu aproveitamento, mostrando que em tudo procedia perfeitamente instruido, e bem encaminhado.

Sua applicação
aos estudos

87 Destinando-se para servir á Mãe de Deos neste insigne Templo, em que ainda o zeloso Condestavel trabalhava, se applicou ao estudo dos primeiros rudimentos, que com felicidade comprehendeo até se constituir famoso latino, e applausivelmente perito nas letras humanas. Contava quatorze annos de idade, todos bem empregados nos exercicios de hum Varão perfeito, quando deo a conhecer, que fazia gosto especial de ser adoptado filho da Rainha dos Ceos, mediante o nosso Santo habito, que pertendeo receber. Não quiz o virtuosissimo Condestavel embarçar-lhe este religioso intento, que julgou ser effeito de huma legitima vocação: antes para mais o estimular, a que executasse esta heroica idea, lhe agradeceo muito o obsequio, que respeitava á Virgem N. Senhora; guardando em seu coração a desistência, que fazia das singulares fortunas, que no seculo ordinariamente acompanhaõ aos filhos dos Principes.

Entrada na Religião.

Profissão Solemne

88 Recebido pois o habito da nossa Ordem, foy naquella Estado obrando acçoens dignas de mais crecido louvor; porque além das virtudes moraes, que exemplarmente praticava; adquirio nas sciencias tão notorias ventagens, que dentro, e fóra dos Claustros da Religião conseguiu gloriosa fama. No tempo competente celebrou com edificação universal a sua solemne profissão: e tão admirados se mostravaõ os que d'elle faziaõ já cabal conceito, que desde entaõ lhe vaticinavaõ as dignidades, que por este caminho correspondiaõ ao seu abalifado merecimento. Tão cuidadoso era na observancia dos votos prometti-

mettidos a Deos, que ainda nos tenros annos chegou a ser dos outros Religiosos hum vivo exemplar. Daqui procedeo o intimo affecto, que o Santo Condestavel lhe teve até a morte; porque respeitando-se hum a outro com semelhança na inclinação para as virtudes, era perceptivel a harmonia, com que servião ao mesmo sagrado Objecto, que ambos contemplavaõ.

89 Brevemente se distinguio o senhor D. Frey Joaõ Manoel entre os sogeitos benemeritos de estimação, pelas virtudes, e letras. E como o santo Condestavel, não querendo privalo das honras, que pedia o seu alto nascimento, já o não encobria ás pessoas, que eraõ capazes de o saber com as necessarias cautelas; todos empregavaõ nelle os ólhos com attenção, e o tratavaõ com o respeito que cabia nos limites de huma veneração politica. Verdade he, que por algumas consequencias tambem politicas, ElRey D. Duarte o não declarou legalmente; posto que não occultou a noticia de todo o successo ao filho legitimo seu successor na Coroa, como depois diremos. Por essa causa lhe faltou a acclamação geral, mas não o conhecimento certo, que houve, até entre as pessoas Reaes, de que era Principe. Para prova do muito respeito, que por este titulo lhe era devido, basta saber-se a particular estimação, que seu Irmaõ El-Rey D. Affonso V. sempre fez delle para os empregos da mais sublime reputação.

90 Ainda este Monarca não exercitava o governo por causa da sua menor idade, quando o Infante D. Pedro seu Tio, Duque de Coimbra, e Regente do Reyno, mandou ao senhor D. Frey Joaõ Manoel por Embaixador a Hungria. Neste tempo he certo, que não gozava o caracter de Prelado: mas já no Paço estava conhecida, e todos prezavaõ a sua rara capacidade; por ser constante (como bem se explica hum dos mais veridicos Escritores modernos) que „ era sobre letrado, de hum „ ma natural eloquencia com entendimento sublime, claro, e „ prompto: de sorte, que o seu discurso era taõ bem fundado, „ que previa os acontecimentos; e pelo que referem, era do- „ tado de espirito Profetico. Bem mostrava nestes singulares dotes a semelhança, que a natureza lhe ministrou com El-Rey seu Pay; pois sabemos, que este, por causa da altissima esfêra, a que chegaraõ as expressões da sua intelligencia, lhe chamaraõ por antonomasia o *Eloquente*.

91. De-

O muito que era
attendido.

Porque não foy
declarado

Vay por Em-
baixador à
Hungria.

D. Ant. Caet. de
Souz. Hist. Ge-
neal. Tom. 1.
lib. 12. pag 380.

Vay por Em-
baixador a Ro-
ma.

Qual foy o ne-
gocio.

Outro negocio
grave.

Dispensa que al-
cançou do Papa.

91 Depois de nomeado Provincial desta Provincia com exercicio nas outras Prelazias, que acima referimos, foy mandado por Embaixador a Roma, para solicitar do Papa Eugenio IV. varias concessões de summa importancia, que outros grandes Ministros da nossa Coroa, por opposição de outros Principes, nunca chegaraõ a conseguir. Levou por companheiro a Ruy da Cunha, Prior de Guimaraens, foyeito de grande confiança para semelhante empreza. E como na Embaixada a Hungria havia dado evidentes provas do seu grande talento, não ficou negocio de consideração, que lhe não fosse encarregado. Era entaõ o mais importante a dispensa, para El Rey D. Affonso V. casar com sua prima a senhora Dona Isabel filha do Infante D. Pedro, Regente do Reyno: e posto que a dita dispensa havia sido já solicitada, não foy conseguida; porque os Reys de Castella, Navarra, e Aragaõ a encontraraõ; empenhados, para que assim o fizessem, pela Rainha Dona Leonor, irmã do dito Rey de Aragaõ, desafeiçoada ao Infante Regente. E como (a favor do seu intento) propunhaõ razoes de Estado aparentemente attendiveis, não se resolvia o Papa a satisfazer á supplica, que por parte de Portugal com fundamentos sólidos se lhe representavaõ.

92 Outro negocio não menos conveniente ao Reyno se lhe encarregou; o qual foy a exempção dos Mestrados de Santiago, e Aviz das Ordens de Ucles, e Calatrava, pertendida desde o governo del Rey D. Duarte; mas sempre por contradicoens dos Reys de Castella, embaraçada: de sorte que ainda quando se conseguia a nosso favor algum despacho, era com taes condiçoens, que nunca se seguia a procurada isençaõ. Porém o novo Embaixador chegando a Roma, dispoz esta, e as mais dependencias com tanta fortuna, que tudo facilitou, e conseguiu em breve tempo. O Papa o tratou não só com as atençaens devidas ao seu caracter, mas com as urbanidades proprias de amigo; fazendo das suas razoes taõ relevante conceito, que nenhuma na sua estimação eraõ mais poderosas. Daqui procedeo o conceder a dispensa, que lhe pedia para o casamento do nosso Monarca, resolvendo-se voluntariamente a mandala *viva vocis oraculo*, com dissimulação, e cautela, por causa das instancias, que em contrario fazião os Reys oppostos; até que a seu tempo mandou a mesma dispensa por escrito

crita em huma Bulla, que trouxe Fernão Lopes de Azevedo, Commendador Mór da Ordem de Christo, da confiança do senhor D. Frey João Manoel, a quem succedeo no emprego de Embaixador, depois que totalmente se ausentou da Curia.

93 Desde então ficaraõ isentas as duas Ordens de Santiago, e Aviz: Graça, que o Infante Regente estimou não menos que a primeira, pela circumstancia de se haverem no seu tempo vencido as contradicções passadas. Tambem conseguiu o nosso Embaixador desannexar-se do Bispado de Tuy a Comarca de Valença do Minho, que até alli lhe era sogeita; além de outros especiaes favores, que o Papa lhe fez, correspondentes á dignidade, e qualidade da pessoa. Sabemos que nesse tempo fora pelo mesmo Papa Eugenio IV. nomeado Bispo de Tiberiades, segundo consta do livro das Provisões deste Summo Pontifice, onde se lê: *Frater Joannes, electus Tiberiadensis, transferatur ad Ecclesiam Ceptensem, per obitum Adamari, decimo tertio Kalendas Augusti anno 1443.* Porém não chegou a mais do que a ser eleito; porque vagando em Portugal o Bispado de Ceuta por morte de Aymaro, Religioso da Ordem de São Francisco, logo que o Papa lhe fizera a outra mercê, no mesmo anno El Rey D. Affonso V. seu Irmaõ o nomeou, e propoz para Bispo da dita Diocese, para a qual dignidade teve Bulla do mesmo Eugenio IV. passada em 20. de Julho de 1443, e outra, que principia: *Dum Venerabilem Fratrem Joannem Ceptensem Episcopum, apud sedem Apostolicam tunc constitutum à vinculo, quo eidem Ecclesie Tiberiadensi, cui tunc præerat de Fratrum nostrorum consilio, & Apostolicæ potestatis plenitudine absolventes, ipsum ad Ecclesiam Ceptensem tunc vacantem auctoritate Apostolica transtulimus, &c.*

94 Todas estas embaixadas constaõ de monumentos firmes. A primeira a Ungria he referida pelo mesmo senhor D. Frey João Manoel na Escriitura do Morgado, que instituiu para D. João Manoel, como se vê no Tombo terceiro deste Convento de Lisboa. Da segunda, dirigida ao Papa, faz menção, além de outros Escritores, o Desembargador Duarte Nunes na Chronica del Rey D. Affonso V. que mandou imprimir D. Rodrigo da Cunha; e então era só Provincial, e não Bispo, segundo exprimem as seguintes palavras: *Neste tempo chegarão de Roma Ruy da Cunha Prior de Santa Maria de Guimaraens, e Frey*

Isenção das Ordens de Santiago, e de Aviz.

Comarca de Valença, desannexada de Tuy

Bispo Titular de Tiberiades, como consta das Bullas que depois lhe passaram, sendo já nomeado de Ceuta

Diocesano da Ceuta.

Por onde consta a nomeação de suas Embaixadas

Infra num. 122.

56 *Chronica dos Carmelitas*

Frey Joaõ Provincial do Carmo, que depois foy Bispo de Ceita, e da Guarda, que havia hido com Embaixada ao Papa Eugenio.

Segunda vez a
Roma.

95 Outra vez foy mandado a Roma com o mesmo emprego (sendo já Bispo) depois que ElRey D. Affonso V. entrou no governo, ou a novas dependencias pertencentes á Coroa, ou a concluir as mesmas, que da primeira vez deixara ajustadas: o que consta de hum quitação, que na Torre do Tombo achou o Padre D. Antonio Caetano de Sousa, e a tirou da Chancellaria delRey D. Affonso V. do anno 1446, e vem a fer das despesas da Embaixada. Alli tambem se faz menção de hum Alvará passado em Cintra a 16 de Julho do mesmo anno, em que ElRey lhe dá faculdade para as taes despesas, dignas de se repetirem pela tenuidade dellas; mas bastantes naquella idade para sustentar todo o necessario tratamento de tão superior Ministro. Copiando pois o que pertence ao nosso intento,

Despezas das
Embaixadas.

96 „ Diz ElRey que mandara ao Bispo de Ceuta D. Joaõ „ á Corte de Roma a coufas do seu serviço, e que recebera lá „ mil setecentos, e cincoenta cruzados de cambio por letras de „ mercadores de Genova, e Florença: *Em que entravaõ alguns dinheiros, que lhe foraõ dados em guarda no tempo delRey meu senhor, e Padre, cuja alma Deos baja...* E que despendera na dispensa, e annexação do Mestrado de Santiago mil e „ trezentos e cincoenta cruzados; e que despendera na dispensação do casamento do Infante D. Fernando seu Irmão quinze „ cruzados, que déra por letra; e para o seu mantimento, e despesas de tres cavalgaduras, conforme a ordem, que ElRey lhe „ dera pelo Alvará, que acima apontamos desde 8. de Dezembro „ do dito anno de 1443, em que chegara a Burgos, até 8 de Dezembro de 1444, em que partio de Roma, *a razão de meyo cruzado por dia para a sua pessoa, e tres terços de cruzado para as cavalgaduras, a terço de cruzado por cada hum por dia: e* „ que embarcara em hum carraca em Savona, donde veyo a „ Cadiz, no que gastara quatro mezes e meyo, e entrara por „ Castro Marim a 20 de Mayo do anno seguinte. Foy passada „ esta quitação em Abrantes a 3 de Junho de 1445.

Outra dispensa
que alcançou.

97 Daqui com evidencia consta, que o senhor D. Frey Joaõ Manoel na occasião da ultima Embaixada tambem conseguiu do Papa a dispensa para o casamento do Infante D. Fernando

nando (filho do mesmo Rey D. Duarte, e pay del Rey D. Manoel) com sua prima a Senhora D. Brites filha do Infante D. João, Mestre da Ordem de Santiago, e Condestavel de Portugal. Com este D. Fernando teve o nosso D. Frey João Manoel amizade tão estreita, que só cabia nos termos da consanguinidade. Delle não só recebeo particular estimação, mas diferentes comissoens em beneficio da sua casa, que davaõ bem a entender serem fundadas na grande confiança, que sempre fez do seu talento. O mesmo mereceo dos outros Infantes daquelle tempo, que sempre nelle conheceraõ o parentesco, e lhe não faltaraõ á veneração, que requeria o adiantamento dos seus annos. Da mesma quitação consta o trato, que El Rey D. Duarte em sua vida teve com este filho, de quem já fazia a devida confiança; porque se vé das palavras acima citadas, que em seu poder punha por modo de deposito alguns dinheiros, que a El Rey D. Affonso V. foraõ manifestos.

Amizade com o Infante D. Fernando, e trato familiar com El Rey.

98 Foy não menos intima a amizade, que com o nosso illustrissimo Prelado conservou o senhor D. Affonso, seu Tio, Conde de Barcellos, que depois foy primeiro Duque de Bragança. Entre outras cousas preciosas, que lhe deo, huma das mais estimaveis he o retrato (em que já fallámos) do Conde Santo, o mais proprio de todos, os que vio este Reyno, pintado tanto ao natural, que serve de Original ás melhores cópias. O mesmo Prelado fez delle doação a este Convento, que o conserva na Sancristia entre outros primorosos quadros. Porém nada se faz tão plausivel, como o zelo, com que o Conde pertendia para este sobrinho todas as occupaçoens honorificas, que o podiaõ authorizar, antes que El Rey D. Affonso o sublimasse com as dignidades, que havemos de referir. Com expreßoens proprias, de quem conhecia o seu grande merecimento, e Real sangue, procurou que elle fosse Abbade Donatario, ou Commendador de Alcobaça; de sorte, que em huma carta da sua mão, até aqui nunca impressa, escrita a quem o poderia ajudar para esta diligencia, expõem todos os louvores, que assentavaõ no seu raro talento. E posso que não se reduzio a effeito esta pertençaõ por algumas razoes, que na mesma carta se insinuaõ, sempre a diligencia do Conde prova o conceito, que delle fazia, e o affecto, que lhe professava.

O Bispo intimo amigo do Conde de Barcellos.

Retrato do Santo Condestavel. veja-se no Tom. I. num 1033.

Outras provas
daquellas em-
baixadas.

99 Aqui transcreveremos aquella parte da carta, que authoriza a Historia, na qual pôdem reflectir os curiosos, vendo que nella expressamente o senhor D. Affonso persuade muitas cousas, que ficão expendidas, especialmente as Embaixadas, com que foy duas vezes a Roma; a boa accitação, que mereceo do Papa; a distincão, e mayoria da pessoa comparada com outros illustrissimos fogeitos; a singularidade nas sciencias, o credito nos Pulpitos, e outras prerogativas, que por não serem repetidas, as deixamos aos Leitores, para que as ponderem na dita carta, que he do theor seguinte.

CART A
do Conde de
Barcelos que
vay com os
caracteres do
Original.

100

O Utro sy senhor, o Provincial do Carmo he hum dos mores letrados deste Reyno, e por ventura o melhor: e hum dos arrezoados homes, que eu vi para humba embaixada; e com esto, home de muito bem, e grande Prégador, e bem ousado em qualquer cousa, o qual he meo, e muito por vontade, e tem grande amizade, e afeicão co Dom Abbade Dalcobaça. E segundo som certo, o dito Abbade poeria de boamente o Moeiteiro em elle, e os Monges prazariaõ dello muito: e a esto nom tenbo outra torva se nom de o Regente o querer para alivio seu, que me dicerom, que o queria para Pero Datayde, filho bastardo Dalvaro Gonçalves Datayde. Camo quer que grande deferença ha de hum a outro, e eu som certo, que o Papa seria muito contente de o dito Provincial haver o dito Moeiteiro, que tem delle grande conocimiento; e porque o dito senhor Regente quizeria, que o dito Provincial vivera com elle, e elle disse, que o nom le-xaria my por outrem, duvido de contrariar, e assim mais por-haver o Moeiteiro para algum seu: e por quanto eu queria muito, que o dito Provincial houvesse o dito Moeiteiro, porque sey que avendo-o, sempre me serviria com todo o que tivesse, e a sy, a vós, e a todas cousas, que me empecessem, digo, me pertencessem, e de si: por quanto elle de direito o pode aver, porque eu averey com o Abbade, e Convento, que lhe praza dello muito; e ao Papa entendo que aprazará ainda mais. Eu poeria de boamente maaõ, se bem, que duvido do dito senhor Regente o torvar por as razoens suzoditas; posto que lhe elle tenha feito serviço, e faz, que foy já duas vezes ao Papa por seu Embaixador, e porém eu queria saber de vossa Senhoria se poendo-me eu a esto, e requeresse a sy rijamente ao Regente, que a elle fosse forçado de

de o fazer, pois por razom, e direito o nom pode negar: de mais por no Reyno nom haver home taõ pertencente para ello; porque eu entendo de haver o semelhante do Infante D. Jobam; e por onde vos peſſo por mercee, que me escrevaes que janda be vossa tençom á cerca deſto, &c.

O Conde

101 A boa a mizade, que o Senhor D. Frey Joaõ Manoel teve com os Monges do Real Moſteiro de Alcobaça, foy taõ notoria, que hoje a podemos certificar como indubitavel: e alguma prova faz o verſe na Livraria do meſmo Convento hum livro de particular eſtimação, eſcrito em pergaminho, das obras de S. Fulgencio, em que tambem ſe acha outro de Paulo Oroſio, ambos encadernados em hum ſó volume, no fim do qual eſtavão as Armas dos Manoeis, de que uſava aquelle Prelado. Do dito livro fez doação ao Moſteiro, o qual (ſegundo a memoria, repetida em differentes Eſcritores) contém a declaração ſeguinte, feita com caracteres muito antigos, que dizem: *Hunc librum dedit Monasterio de Alcobatia Dominus Joannes Episcopus Egitanensis, filius naturalis Domini Regis Eduardi.*

Amizade do
Biſpo com os
Monges de Al-
cobaça.

Livro que deo
ao Moſteiro

102 Constituido pois, e já Sagrado Biſpo de Ceuta o ſenhor D. Frey Joaõ Manoel, o meſmo Papa Eugenio IV. o fez no anno 1444 Primaz de Africa, affinando-lhe para ſe ſuſtentar a administração de Valença do Minho, e de Olivença em Alentejo, ſendo deſta ſorte immediato á Sè Apostolica: noticia, de que faz menção, além de outros muitos Eſcritores, D. Rodrigo da Cunha na Historia Eccleſiaſtica de Braga. Tambem lhe concedeo para a ſua Igreja muitos privilegios, e graças, que todas (como declara o noſſo Padre Presentado Frey Jorge Cotrim) em deſempenho do ſeu affecto lhe mandou ſem despeza alguma na expedição das Bullas. Mas ainda que foy tomar poſſe da ſua Igreja, nella fez pouca reſidencia; porque ElRey D. Affonſo V. quiz que renunciaffe o Biſpado, para poder de mais perto utilizarſe, aſſim do ſeu preſtimo, como da grande capacidade, que nelle conhecia para, Miniſtro do ſeu Expediente. Com effeito o fez logo do ſeu Conſelho, deſcanſando nelle, como em primeiro Miniſtro, nos particulares mais importantes do governo do Reyno: e talvez que por inſtrução de taõ intelligente adjunto obraſſe ElRey muitas acçoens, pelas quaes ſe diſtinguiu de outros Monarcas, e em todas as idades do Mundo o faraõ memoravel.

Primaz de Afri-
ca;

Cotrim Carmel.
Luſ. part. 2. cap.
4 pag. 107. v.

Miniſtro do Ex-
pediente;

Feito Capellaõ
Mór,

Tomb. de Colar
livr. unic. folh.
23. v.

D. Ant. Caet.
Hist. Genzal. tom.
11. liv. 12. pag
384.

Chron. del Rey
D. Aff. V. cap.
26. pag. 93.

Executor de lu-
ma Bulla,

Feito Bispo da
Guarda.

103 O mesmo Rey o nomeou Capellaõ Mór ; dignidade, com que já se intitulava aos 20 de Janeiro do anno de 1450, segundo consta de hum indubitavel monumento, qual he humma procuração, que fez a Gonçalo Pires seu criado, para em seu nome tomar posse do Casal da Torre, que o Mestre Henrique, Fisico mór del Rey D. Duarte, deixou a este Convento de Lisboa, do qual Fisico Mór em seu lugar fallaremos. O dito Instrumento se acha no livro unico do Tombo do nosso Convento de Colares, e o havemos de copiar entre os documentos deste volume. Em memorias bem recebidas se acha, que no solemne acto, em que El Rey D. Affonso V. em 26 de Outubro de 1451 levou á Sé a Infanta D. Leonor, Emperatriz de Alemanha sua Irmãa, o Senhor D. Frey Joaõ Manoel, como Capellaõ Mór, foy o que lhe disse a Missa, e lhe lançou a benção. O certo he, que no anno de 1455 residia na Corte; porque no mez de Março assistio ás Cortes, que El Rey seu Irmão celebrou nesta Cidade de Lisboa, e do dito Bispo faz menção na Concordata entre elle, e os Ecclesiasticos. A 11. de Mayo ministrou o Sacramento do Bautismo ao Principe D. Joaõ seu sobrinho, que depois foy Rey, e segundo deste nome.

104 Por Bulla do Papa Nicolao V. passada em 16. de Mayo de 1452, annexou a Igreja de Sacavem á de Ourem, mediante a supplica, que para isso fez o Marquez de Valença D. Affonso seu primo; e a execução se effectuou em 2. de Dezembro do anno de 1453. Succedendo fallecer no anno de 1458. o Bispo da Guarda D. Luiz da Guerra, e vagando por essa causa o Bispado, o mesmo Rey D. Affonso V. o nomeou para elle ao Papa Pio II. que logo o absolveo do vinculo de Ceuta, e o creou Bispo daquella Diocese, transferindo-o para a Igreja da Guarda em 15 de Janeiro do anno seguinte, como se vê no livro das Provisões do tempo do mesmo Summo Pontifice, que diz assim: *Joannes Episcopus Ceptensis provissus est Episcopus Egitanensis per obitum Ludovici, decimo octavo Kalendas Februarii anno primo Pii secundi, idest, anno 1459.* Mas sempre conservou as dignidades, e occupaçoens em que El Rey seu Irmão o collocara, ao que tudo satisfazia por meyo das providencias necessarias.

105 Foy tomar posse da sua Igreja, e nella residio formalmente todo o tempo preciso para reformar muitas cousas, que

que dependiaõ de emenda naquelle Bispado. Consta que reprimio a soltura, com que viviaõ naõ só os Seculares, mas tambem os Ecclesiasticos. E porque estes haviaõ introduzido muitos abusos na administraçaõ dos Sacramentos, elle poz todo o cuidado, e conseguiu que se administrassem, como era devido; livrando tambem as Igrejas de algumas indecencias, que nellas se commettiaõ, quando se louvava a Deos: de sorte, que purificando-as com admiravel zelo de tudo, o que lhe pareceo reprehensivel, em todas fez que o culto Divino se exercitasse na ultima perfeiçaõ. Foy huma das suas singulares prerogativas esta de promover por todos os modos que podia, o aceyo nas funçoens pertencentes ao louvor de Deos dentro das suas Igrejas: de tal modo, que o Infante D. Fernando seu Tio, na Capella propria, que instituio para si, sendo elle já Religioso (posto que de pouca idade) com a familiaridade do parentesco, o admittia a dar algumas direcçoens estimaveis pela idéa, e bom gosto, que sempre teve em semelhantes ministerios. E como o dito Bispo desde menino foy criado na Religiaõ, onde tanto se exercitou em funçoens Ecclesiasticas feitas com summo primor, veyo a adquirir hum taõ admiravel habito de as praticar bem, que em nenhuma sofria a mais leve imperfeiçaõ.

106. O mesmo Rey seu Irmaõ lhe concedeo faculdade para mandar abrir em certas partes minas de prata, ouro, cobre, e estanho: o que consta de huma carta, achada na Chancellaria daquelle Monarca em hum livro da Torre do Tombo; a qual carta foy passada em Lisboa no anno de 1462. Tambem por este tempo lhe mandou por huma carta, que se conserva no Archivo do Convento das Religiosas de São Bernardo da Villa de Arouca, que fosse pessoalmente a este Convento, e alli se informasse da vida, e milagres da Rainha Dona Mafalda, filha del Rey D. Sancho primeiro, que casou em Castella com El Rey D. Henrique primeiro; a qual antes de consumar o matrimonio se retirou para este Reyno, e no mesmo Convento de Arouca (edificio magnifico, que ella fundou) naõ só viveo santamente; mas até depois de estar sepultada, provou o Ceo que gozava a presença de Deos por meyo de taõ raras maravilhas, quantas na terra lhe tem adquirido huma continua, e nunca interrupta veneraçãõ. Esta justamente cresceo, depois que com assistencia do Bispo de Lamego Martim Affonso Mexia se

Acçoens admiraveis do seu governo.

Amizade com seu Tio D. Fernando.

Faculdade que teve para abrir Minas.

Chancel. lib. 1.
pag. 101.

Mandado ao Convento de Arouca.

fe abrio o sepulchro, e se lhe achou o corpo incorrupto, bem figurado, e cheiroso.

Sua inteireza na
execução da
justiça.

107 Foy o Senhor D. Frey Joaõ Manoel taõ amante da justiça, e taõ zeloso da jurisdição Episcopal, que antepunha a defenfa della ao mais attendivel respeito. Pela obrigação de a conservar, naõ distinguia a qualidade das pessoas, que lha offendiaõ; desorte, que com resolução mais que grande, chegou a resistir á vontade del Rey, sem reparar que delle era creatura, e vivia dependente. Constoulhe, que os Reys passados se haviaõ chamado á posse com alguns Padroados de Igrejas, que pertenciaõ aos Bispos daquella Diocese: e achando ser verdadeira a informação, que sobre essa materia se lhe dera, se dispoz a encontrar os provimentos, que o Rey existente fizese dellas. Com effeito succedeo vir-lhe ás mãos huma provisãõ, pela qual El Rey D. Affonso V. fazia mercê a hum Padre Luiz Martins, de o apresentar nas Igrejas de Santa Maria da Aranha, da Matta, e de Santo Estevão de Penamacôr; elle a naõ quiz aceitar: e para mostrar, que o Monarca nada disto devia fazer, lhe moveo pleito, que seguiu até final sentença, por virtude da qual, desannexou as ditas Igrejas do Padroado Real, e as encorporou na Mitra.

Resiste a huma
apresentação
da Igreja de
Santa Maria:

Quanto El Rey
o estimava.

Confessa El Rey
que he seu Ir-
maõ.

108 Mas naõ obstante encontrar El Rey nelle estas repugnancias, que as fazia a fim de conservar illesa a sua jurisdição; sempre o amava, e naõ perdia occasião de lhe promover o respeito. Basta para confirmação desta verdade o seguinte successo, que devemos transcrever. „ Estava El Rey no Paço de Alca-
„ çova em huma festa conversando com o Principe D Joaõ, e
„ entrou o Bispo a ver El Rey, que recebendo-o com especial
„ acolhimento, o Principe lhe fez taõ pouco, que o Bispo sahio
„ sentido; o que El Rey percebeo, e disse ao Principe estas pa-
„ lavras: *Desagravay ao Bispo, que he vosso Tio.* E queren-
„ do satisfazer logo com o que El Rey lhe mandava, sahio da
„ casa, e chegou ao alto da escada, por onde o Bispo descia,
„ e o chamou: e voltando chegou ao Principe, que o abra-
„ çou, dizendo-lhe em voz, que todos ouviraõ: *Perdoay*
„ *Bispo, que naõ estar informado com certeza das razoes, que*
„ *entre nós havia, me fez tratar-vos com menos favor, do que*
„ *vossa pessoa merecia.* O Bispo, que era dotado de talento, e
„ discrição, lhe respondeo: *Senhor: a quem seu pay encobrio o*
Real

Real Sangue, que lhe déra a natureza, bem he que vossa Alteza lhe negue, o que por elle merece.

109 Dalli em diante contrahiraõ taõ particular amisade, que foy notoria, e ficou bastantemente provada com as finezas, que este Principe fez a seu respeito depois da morte delRey D. Affonso V. seu pay, o qual falleceo em Cintra em 8 de Agosto de 1481. Dellas daremos depois noticia; porque restaõ para referir algumas acçoens suas do tempo, em que ainda vivia seu Irmão ElRey D. Affonso. Por hum firme documento, que se acha no Archivo da Igreja de São João da Villa de Abrantes, consta, que confirmou com sentença a composiçaõ, que entre si fizeraõ os Padres desta Igreja, e os da Igreja de São Vicente da mesma Villa. Tambem por sentença, assinada na Cidade da Guarda aos 11. de Março de 1467, confirmou vários privilegios, que seu antecessor D. Frey Vasco concedeo ao Reverendo Cabido; a qual sentença se guarda no Archivo do mesmo Cabido no maço setimo, numero quarto. E porque os negocios da Coroa o chamavaõ muitas vezes á Corte, e não se podia escusar de assistir nella, quando ElRey seu Irmão o chamava; nesta mesma Cidade fazia algumas cousas pertencentes ao governo do seu Bispado. Achámos, que estando em Lisboa, deo licença aos moradores da Villa de Iarmello para celebrarem a festa do Corpo de Deos; a qual licença lhe foy concedida por huma carta de 9 de Julho de 1471; o que tudo consta do Archivo da Sé da Guarda no appendice do Inventario numero 24.

110 Considerando finalmente ElRey na utilidade, que lhe resultava de ter ao Bispo sempre a seu lado, instou com elle, para que de todo se recolhesse a Lisboa; para o que se recorria ao Papa, que era naquelle tempo Sixto IV. a fim de lhe dar Coadjutor para governar o Bispado, convindo o Monarca, em que o dito Coadjutor houvesse de ser D. João Ferraz, particular amigo do Bispo, para quem renunciara a Igreja de Ceuta, em que lhe succedeo. Dado pois o consentimento, e recorrendo-se ao Summo Pontifice, este lhe concedeo o despacho da supplica por Bulla passada em Narni aos 24. do mez de Julho de 1476; de sorte que por esta Bulla o Papa o não absolveo do vinculo com a quella Igreja, nem a suppoz vaga; mas só nomeou para a governar no espirital, e temporal, ao referido

Amisade com
o Principe D.
João.

Sentenças que
confirmou.

Licença que
concedeo

Coadjutor do
seu Bispado

64 *Chronica dos Carmelitas*

rido D. João Ferraz, que fô depois da morte do senhor D. Frey João Manoel foy propriamente Pastor daquella Igreja, como bem se explica o mesmo Sixto IV. em outra Bulla, que em seu lugar havemos de transcrever, passada em Roma em 31. de Outubro do sobredito anno, na qual por palavras expressas diz o seguinte : *Nos nuper de venerabilium Fratrum nostrorum consilio, & assensu, dicto Joanni Episcopo Egitanensi, ipso consentiente, ad regimen, & administrationem Ecclesie Egitanensis, sibi in hujusmodi regimine, & administratione in spiritualibus, & temporalibus certum coadjutorem dedimus, &c.*

Conserva se nas
Prelazias da Re-
ligião.

supra num. 31.
& 32.

Annos que go-
vernou a Pro-
vincia.

*Archiv. do Conv.
de Lisboa,*

Vigarios do Bis-
po.

III Porém ainda que foy exaltado a todas aquellas dignidades, e honorificos empregos, nunca largou os lugares, e Prelazias, que antes de ter as outras, o Reverendissimo Padre Geral Frey João Faci, e o Papa Eugenio IV. lhe haviaõ conferido na fórma, que deixamos escrito: de sorte que por hum modo nunca visto neste Reyno, nem talvez imitado em outros, ao mesmo tempo era Bispo (primeiro de Tiberiades, depois de Ceuta, e ultimamente da Guarda) Capellaõ mór, primeiro Ministro, e juntamente Commissario Apostolico, Provincial desta Provincia, e (o que mais he de admirar) até Prior deste Real Convento de Lisboa. Em todas estas occupaçoens teve ao mesmo tempo exercicio, chegando a governar a Religião neste Reyno, naõ menos que 35. annos, que se contaõ desde o de 1441, em que entrou naquellas Prelazias da Ordem, até acabar a vida no de 1476. E posto que alguns Escriitores suppoem, que ainda vivera mais annos dos 35 do governo desta Provincia, he certo que naõ viraõ huma Escriitura, feita em Lisboa aos 5 de Julho de 1488, pelo Tabelliaõ Braz Affonso, entre partes o Provincial, e mais Religiosos deste Convento; e D. João Manoel Camareiro mór delRey D. Manoel, sendo ainda Duque de Beja, e senhor de Viseo. Nesta Escriitura se diz: *que os Religiosos convem no contrato contbeudo nella pelas obrigaçoens, que deviaõ ao Senhor Bispo da Guarda, que muitos annos governara a Provincia, e fallecera sendo Provincial.*

III2 Para governarem o Convento, e a Provincia, puzha o nosso illustrissimo Bispo Provincial vigarios; alguns dos quaes achamos assinados em várias Escrituras feitas naquelle tem-

tempo, quaes foraõ o Padre Frey Joaõ da Charneca, Frey Vasco Pinto, o Padre Presentado Frey Alvaro de Estorga, Frey Gomes, e outros: e he de advertir, que quando eltes escreviaõ os seus nomes, ajuntavaõ a declaraçaõ de fazerem as vezes do Illustrissimo Bispo, repetindo tambem as dignidades, que este Senhor gozava. Basta para exemplo, trazermos á noticia dos curiosos huma das taes Escrituras, que se guarda no Archivo deste Convento, pela qual os Religiosos della se obrigaõ a terem por valiosa a doaçaõ, que o Santo Condestavel fez da Capella de Nossa Senhora do Pranto, (hoje chamada da Piedade) ao Escrivaõ da sua puridade Gil Ayres Moniz, para si, e seus descendentes: materia, da qual já tratámos no Tomo primeiro da nossa Historia. Principia pois a Escritura na fôrma seguinte: *Em nome de Deos amen. Saibaõ, quantos este instrumento de confirmaçaõ virem, que no anno do Nascimento de nosso Senhor JESU Christo, de mil quatro centos, e sessenta e nove annos, aos vinte e tres dias do mez de Dezembro na Cidade de Lisboa, dentro do Mosteiro de Santa MARIA do Carmo da dita Cidade, na casa do Capitulo do dito Mosteiro, estando ahi os honrados Religiosos, a saber, o Bacharel Frey Alvaro, Vigario do dito Mosteiro por o Reverendo senhor D. Frey Joaõ Bispo da Guarda, e do Conselho del Rey Nosso Senhor, e seu Capellaõ mór em estes Reynos de Portugal, Vigario Apostolico da dita Ordem de Santa MARIA do Carmo, eo Bacharel Frey Gonçalo. &c.*

Cómo se assinavaõ nas Escrituras.

113 Desde que este inclyto Varaõ entrou a governar a Provincia, cuidou muito no seu augmento, assim espiritual, como temporal. Mandou continuar algumas óbras do Convento, que o Santo Condestavel, por causa da sua morte, deixou no interior do mesmo Convento imperfeitas. Muito aos seus Vigarios recommendava esta diligencia, e com effeito no seu tempo se fez o Claustro antigo, que depois se reformou, e se lhe deo a figura, que conserva de presente. Em attençaõ sua, o Marquez de Villa-Viçosa, que foy segundo Duque de Bragança, fez mercê a este Convento de Lisboa, de que no Reguengo de Sacavem, sem detrimento, nem despeza dos Padres, se entregassem os dez moyos de trigo, e dez pipas de vinho, que elle, e seu Irmaõ o Marquez de Valença D. Affonso lhe mandavaõ dar em partes mais distantes: a qual mercê

Obras que fez no Convento.

mercê que recebeu este Convento a seu respeito.

Chron. tom. 1.
num. 291. & seq.

Chron. del Rey
D. Manoel part.
1. cap. 1.

Author da fun-
dação do Con-
vento de Cola-
res.

Infra num. 155.

Obras que escre-
veo.

Abb. Biog. Bar-
boz. Bibliot. Lu-
si. tom. 2.

Armas de que
usou.

consta da carta, que já transcrevemos no Tomo primeiro da nossa Historia. Nella diz que o concedia por lho pedir o *Senhor Bispo da Guarda*; sendo muito de advertir, que nas duas vezes, que nelle falla, sempre o trata por senhor; final evidente do grande respeito, com que o estimava, ainda quando se considerava Neto Del Rey D. João da boa memoria, como no principio da carta se intitula. O certo he (como escreveo Damiaão de Goes na Chronica del Rey D. Manoel) que este insigne Prelado foy *homem, que por sua doutrina, e geração valeo muito.*

114 Elle foy o Author da fundação do Convento dedicado á Senhora Santa ANNA, que esta Provincia tem proximo á Villa de Colares, pela occasião de ser Testamenteiro de hum grande Medico Físico Mór deste Reyno, seu particular amigo: materia, em que fallaremos com a necessaria diffusão no lugar competente, quando com especialidade tratarmos do mesmo Convento. Não obstante viverão occupado com os ministerios dos seus governos, compoz várias obras, que talvez por não haver ainda naquelle tempo o uso das impressas, não se divulgaraõ em fôrma, que se podessem perpetuar no Mundo. No anno de 1456, por Bulla, que teve do Papa Eugenio IV. fez para a Collegiada de Ourem huns Estatutos, pelos quaes os Conegos se governaraõ até o anno de 1543, no qual D. Fernando de Vasconcellos, e Menezes, Arcebispo de Lisboa, lhes escreveo outros, que actualmente observaõ. D. Nicolao Antonio na Biblioteca antiga affirma, que o dito illustrissimo Bispo, além de outras várias obras, compuzera *a Regra de viver em paz*: e acrescenta, que o Doutor Jorge Cohim, Theologo da nossa Ordem, lhe escrevera a vida, a qual tinha em Roma o Padre Frey Luiz Péres de Castro, Regente do Convento Capital da Ordem, chamado Santa Maria da Transpontina. Porém o insigne Abbade de Sever mostra, que o Escriitor desta obra fora D. João Manoel filho deste, de quem já fallámos.

115 As armas, de que usou (segundo o que achámos depois da precisa averiguação) foraõ as mesmas, das quaes até o presente sempre tem usado a illustrissima casa dos Manoeis deste Reyno; as quaes unia ás da Ordem, postas estas em hum meyo escudo da parte mais nobre. Em alguns retratos seus antiquissimos temos visto pintadas as armas da Religião, e as Reaes em

em hum só escudo, rematado com huma Coroa, que se orna de insignias Espiscopaes. As armas, que vio o Doutor Manoel Pereira da Sylva Leal em huma carta do mesmo illustrissimo Bispo no Archivo da Sé da Guarda, poderiaõ ser abertas só para servirem de sello nas Provisões competentes ao Bispado: e como nellas não chegou a distinguir, nem as letras, nem as figuras, ao mesmo tempo, que claramente vemos outras, nas quaes podemos fazer inteira fé, não he justo, que usando de conjecturas nos metamos em confusões. Outras evidentes provas poderíamos dar á cerca da verdade, que seguimos, senão cuidássemos em evitar prolixidade em materias de menos substancia; bastando considerar-se, que os descendentes das casas de tão alta gradação não degeneraõ do braço do Fundador, antes cuidaõ muito, em que os ramos (como adiante veremos) em tudo correspondaõ ás formalidades do primeiro tronco.

116 Chegado pois o senhor D. Frey Joaõ Manoel ao fim dos seus annos, contando muitos de idade, occupados nos ministerios da sua Igreja, e no serviço da Religião, de que foy amantissimo filho; poucos mezes depois de haver renunciado o governo, e toda a administração do Bispado da Guarda, enfermou gravemente. Conhecido o perigo de vida, se dispoz, como verdadeiro Religioso, para a conta, que tinha de dar ao Creador, a quem entregou o espirito no fim do anno de 1476, na Companhia, e com assistência dos nossos Carmelitas seus subditos: de sorte que chegando huma Bulla do Papa Sixto IV. passada em 31. de Outubro do mesmo anno, como adiante diremos, na qual o absolvía das Prelasias da Religião, já a morte o havia livrado destes onerosos empregos. Pouco importa que alguns Escriitores fallem com differença no anno do seu fallecimento; porque nenhum dos que dizem o contrario, viraõ os documentos oppostos á sua opiniaõ. Basta, para que aos outros fique inattendivel, ver-se a Escritura, que acima allegamos, e os veridicos Authores, a quem seguimos.

117 Feito o funeral com a magnificencia, que requeria a qualidade, e merecimento daquelle illustrissimo Prelado, deraõ ao seu corpo sepultura na Capella, em que havia mandado enterrar os pays, a quem honrava com este titulo por causa da educaçãõ, que delles, como fica dito, na sua infancia recebera: chamava-se a Capella naquellle tempo dos Santos Reys, pela razãõ,

As que se viraõ na Guarda.

Sua ultima enfermidade, e morte:

Regeita-se huma opiniaõ á cerca do tempo, em que morreu.

Supra num. 1114

Onde foy sepultado.

Supra, n. 85.

68 *Chronica dos Carmelitas*

*Chron. tom. I. n.
1512.*

Onde se guardão
seus ossos.

*Chron. tom I. n.
1655.*

Escritores Do-
mesticos da sua
vida.

Escritores estra-
nhos.

que declarámos no Tomo primeiro da nossa Historia. Porém nunca deixou de ser dedicada a Nossa Senhora da Conceição, titulo, que depois de faltar nella o precioso painel da adoração dos Reis Magos, lhe ficou permanente. Agora he conhecida pela denominação do verdadeiro Orago, que sempre nella presidio, que he (como fica insinuado) de Nossa Senhora da Conceição. Daqui se trasladaraõ seus ossos para o cemiterio dos Religiosos, que fica no lanço do Claustro da parte do Poente, ao qual damos a denominação de Capitulo velho, do qual fizemos memoria no allegado Tomo primeiro. No dito Capitulo junto á columna, que ao entrar nos fica ao lado esquerdo, se vê o seu jazigo razo com huma campa, em que se abriu o seguinte Epitaphio: *Aqui jaz D. Frey João Manoel, Bispo que foy da Guarda, Religioso do Carmo.*

118 Deste famolo Carmelita escreveraõ muitos, e graves Authores, que na Historia merecem as primeiras atencões. Dos domesticos, os insignes Padres Frey Jeronymo da Encarnação na estimada Chronica do Santo Condestavel. Frey Jorge Cotrim no seu Carmelo Lusitano manuscrito, do qual fazemos especial apreço part. 2. Cap. 4. fol. 207. Frey Manoel das Chagas no livro das festas, que este Convento fez na Canonização de Santo André Corsino, Cap 9. fol. 77. o Padre Mestre Frey Manoel Romaõ nas Elucidações sobre os Tratados da Sagrada Ordem Carmelitana, Elucid. 27. fol 265. O insigne Padre Mestre Fr. Daniel da Virgem MARIA no seu livro intitulado Vineia Carmeli pag. 501. n. 896. e tambem no segundo Tom. do seu Espelho Carmelitano part. 2. tom. 2. pag. 935. num. 3275. Frey Marcos Antonio Alegre de Cassanate no seu Paraíso do Carmo Stat. 4. Æst. 16. Cap. 283. pag. 353: O Veneravel Padre Mestre Frey João Bautista Lezana no tom 4. dos seus Annaes, pag. 856. num. 4 e pag. 894. num. 6. e o Padre Mestre Frey Manoel de Sá nas suas Memorias Historicas, tom. I. pag. 213. num. 302.

119 Dos estranhos escreveo com admiravel erudição o insigne Padre Mestre D. Antonio Caetano de Sousa no tom. XI. da Historia Genea logica da Casa Real Portugueza part. 2. livr. 12. Cap. 1. O qual para persuadir a verdade de tudo, quanto ha nesta materia averiguou alguns escritos particulares dos Genealogicos, a quem se deve inteiro credito, quaes são

Gaf-

Gaspar Barreiros, que viveo no tempo delRey D. Joaõ III. Frey Francisco de Lisboa da Ordem Serafica do mesmo tempo, o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, e outros, que os curiosos poderaõ ver no Tomo allegado. Escreveraõ mais Manoel Alvares Pereira em hum dos livros das Familias da Nobreza de Portugal, emendadas pelo Conde de Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. O Padre Francisco da Cruz na sua Biblioteca Lusitana, fol. 139. e 417. Manoel Severim de Faria Chantre da Sé de Evora nas suas Memorias manuscritas, que se conservaõ na Livraria da Casa de Vimieiro, volume 30. fol. 553. e 575. O erudito Joseph Freire de Montarroyo Mascarenhas no seu Nobiliario das Familias de Portugal, Tom 1. fol. 305. O Doutor Frey Bernardo de Brito nos elogios dos Reys de Portugal, Elog. 12. pag. 92. e na Chronica de Cister, part. 1. livr. 6. Cap. 36. O Padre Antonio de Vasconcellos nos Anacefaleoses dos Reys de Portugal pag. 165. num. 9. Pedro de Mariz nos Dialogos dos Reys do mesmo Reyno, Dialogo. 4. Cap. 5. pag. 212.

120 Tambem escreveraõ Luiz Coelho de Barbuda nas Emprezas Militares de Lusitanos liv. 3. fol 67. O Padre Manoel de Sousa Moreira no Theatro Genealogico da Casa de Sousa, pag. 830. approvado pelo insigne Joseph de Faria: Rodrigo Mendes Sylva, no Cathalogo Real de Hespanha, fol 10. e 121. O Padre Antonio Carvalho da Costa na sua Corografia Portugueza, Tom 3. Liv. 2. tract. 8. Cap. 2. pag. 180. e Trat. 8. Cap. 47. pag. 620. O Licenciado Jorge Cardozo no Agiologio Lusitano tom. 3. pag. 690. L. C. Jacobo Vvilhelmo Inorhf no primeiro Tomo Genealogico das Familias Italianas, e Hespanhoes, que na lingua Latina se imprimio no anno de 1701. pag. 127. Nicolao Antonio na Biblioteca Hispanica Part. 2. liv. 9. Cap. 7. Manoel Pereira Leal Catalogo dos Bispos da Guarda §. 24. D. Manoel Caetano de Sousa no Cathalogo dos Bispos Titulares, pag. 172. e além de outros, que parece já desnecessario repetirmos, ultimamente o Doutissimo Abade de Sever Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana Tom. 2. pag. 689. onde com a sua natural elegancia tudo diz, quanto do nosso illustrissimo Bispo poderiamos desejar; sendo o seu elogio aquelle, que grandemente o acredita, porque he fundado nas mais sevéras leys da verdade.

121 A'vis-

Mais Escriitores
estranhos,

Erros de Manoel
de Faria Sousa.

121 A² vista pois de tantos, etão authorizados Escri-
tores, que sem discrepância confessaõ, e provaõ a innegavel
filiação Regia do senhor D. Frey Joaõ Manoel; naõ se deve
attender para quem erradamente disse, (e affirmou por certo)
que o Serenissimo Rey D. Duarte naõ tivera filho illegitimo.
Tal foy Manoel de Faria, e Sousa (Europa Portugueza, tom.
2. part. 3. Capitul. 2. pag. 354.) que naõ obstante ser Author
de tanta distincão, sempre, como homem, he convencido
em vários erros. Disse no seu Epitome Capitul. 2. pag. 354.
que o nosso illustrissimo D. Frey Amador Arraes, (cuja vida
havemos de escrever em lugar competente) fora Bispo de
Leiria, tendo-o sido de Portalegre: Que o nosso Veneravel
Frey Joaõ Sobrinho fora da esclarecida Religiaõ dos Prêga-
dores, sendo Carmelita; e o que mais he de notar, que naõ ha-
vendo no tempo delRey D. Affonso V. outro Religioso deste
nome, elle, depois de affirmar que fora Dominicano, faz
menção de outro no mesmo tempo, que escreveo ser Car-
melita, e Martyr. Europ. Portuguez. tom. 3. part. 3. Cap.
11. pag. 207. Disse mais na vida delRey D. Pedro, Ibid.
tom. 2. part. 2. Capitul. 4. pag. 190. num. 34. que a Mãy
do Mestre de Aviz se chamara Maria Pinheira; e na vida do
mesmo Mestre, sendo já Rey (ibid. part. 3. Capitul. 1. pag.
387. num. 58.) affirmou, que tivera por mãy a Theresa Lou-
renço: além de outros exemplos, que poderiamos aqui re-
petir. E assim como, ou por falta de mayor averiguação,
ou por descuido, se enganou nestas circumstancias; pelas mes-
mas causas deixaria talvez de escrever na vida delRey D. Du-
arte o nome deste seu filho, a quem os Historiadores pelo
seu Real nascimento respeitaõ, e toda a Ordem Carmelita-
na, pelo muito que a honrou, levanta firmes Estatuas.

CAPITULO VI.

*De outras memoraveis particularidades, que respeitaõ ao mes-
mo Illustrissimo Bispo. Da-se noticia de hum grande final de
amor, que mostrou aos Religiosos Carmelitas D. Nuno
Manoel, inchyto ascendente da illustrissima Fami-
lia dos Condes de Atalaya.*

122

O Papa Pio II. no primeiro do mez de Fe-
vereiro de 1459 concedeo ao senhor D.
Frey Joaõ Manoel licença para poder tes-
tar de quanto houvesse adquirido: em virtude da qual, aos 14.
do mez de Agosto de 1475. instituiu hum Morgado para D.
Joaõ Manoel, e por falta de successão masculina para D.
Nuno Manoel. Ambos eraõ Irmãos, e precederia hum a ou-
tro pela antiguidade do nascimento. Mas declarou o Instituidor,
que em quanto hum, (e na sua falta o outro) não tivesse ida-
de capaz de governar o dito Morgado, sua mãy Justa Rodrigues
Pereira (cuja nobreza reconhecerã todos, os que della fazem
memoria) seria administradora; e que chegando á idade de
vinte e cinco annos tomaria posse, sem que sua mãy ficasse
obrigada a lhe dar conta do que até aquelle tempo recebera:
de sorte que acontecendo faltarem ambos sem successão, a
mesma sua mãy, em quanto vivesse, seria administradora; e
por sua morte nomearia pessoa leiga, e de bom viver, que
o administrasse, e esta faria o mesmo. Diz tambem naquella
instituição, que como D. Nuno Manoel ficava pobre, D. Joaõ
Manoel lhe deixaria livre a herança de Justa Rodrigues Pe-
reira sua mãy; e que se assim o não fizesse, passaria logo o
Morgado a D. Nuno Manoel. Tudo consta de huma Escritura
feita no dia, e anno já nomeado pelo Tabelliaõ Fernão Ro-
drigues, e (segundo elle declara) nas casas do muito honra-
do Religioso, o senhor D. Frey Joaõ Bispo da Guarda, e
Capellaõ mór: e se acha a dita Escritura no Tomo terceiro das
que pertencem a este Convento, e tambem no Cartorio do
Escrivaõ das Capellas, em que foy lançada.

1459.

Morgado que
instituiu.

Infra num. 124.

Condições com
que o deixou.

123. Af-

Obrigaçãõ que
para isso teve.

Advertencia a
respeito da sua
opiniãõ.

Os dous Cara-
lheros legitima-
dos.

*Chron. del Rey D.
João II.*

Sua Mãe reco-
lhida no Con-
vento que edifi-
cou.

*Agiol. L. f. tom
1.º com. Let. D.
pag. 114.*

123 Assim obrou o Illustrissimo Bispo pela obrigaçãõ, que concorria para cuidar no augmento daquelles dous Cavalheros; a qual he taõ notoria, que naõ seria necessario repetila para se saber; mas só nella fallamos pela circumstancia, que aos Leitores se fará patente. Poderá parecer aos escrupulosos menos decente, o tratar-se da successãõ de hum fogeito, que tinha obrigaçãõ precisa de naõ deixar descendencia. Porém os descuidos nos homens depois de remediados, naõ devem reputar-se injuriosos ainda quando na presença de Deos os delictos depois de lavados com a penitencia ficãõ esquecidos: e assim como em grandes Santos as culpas, que se lhes repetem depois de justificados, naõ lhes offendem a veneraçãõ; assim a este inclyto Prelado naõ desacredita (depois de compensado com virtudes proprias de Religioso) hum esquecimento do Estado, em que entrou devoto, e acabou penitente.

124 No anno de 1475. El Rey D. Affonso V. legitimou aos nomeados D. João Manoel, e D. Nuno Manoel, declarando-os por filhos do Bispo da Guarda D. João: e naõ só por este conhecido pay eraõ produçoens do sangue Real, mas tambem gozaraõ por sua mãe Justa Rodrigues Pereira indubitavel nobreza; porque seus avós eraõ fidalgos da casa dos Infantes D. Fernando, e D. João; e ella teve a honra de criar aos seus peitos ao felicissimo Rey D. Manoel, de quem hum dos dous filhos era colago, e sempre delle foraõ ambos tratados com suma distincção. A D. João Manoel fez seu Camareiro mór, e a D. Nuno Manoel Guarda mór da sua Real pessoa; sendo assim, que já El Rey D. João II. lhes havia feito a mercê, de que pudessem usar de *Dom*, que naquelle tempo era hum singular distintivo de grandeza. Justa Rodrigues Pereira querendo dar ao Mundo huma publica demonstraçãõ da reforma da vida, e da sua conversãõ para Deos, fundou na Villa de Setuval o observantissimo Convento de JESUS das Religiosas Capuchas da primeira Ordem de Santa Clara, o mais antigo de todos, os que com este asperrimo Instituto se fundaraõ depois em Portugal. No dito Convento se recolheo para servir a Deos, e o fez dando tantos, e taõ raros exemplos de virtude, que morreo com opiniãõ de Santa, e no Agiologio Lusitano tem lugar proprio entre as pessoas veneraveis.

125 De D. João Manoel, que casou insignemente, procedem illustrissimas Familias, e por linha recta os Senhores da casa de Alconchel, e Fermozele. De D. Nuno Manoel (a quem esta nossa Carmelitana Provincia se confessa devedora) procede por huma authorisadissima varonia a esclarecida casa dos Condes de Atalaya, que pelo seu alto principio se acha gloriosamente aparentada com outras da primeira, e da mais qualificada fidalguia. O lugar de Guarda mór da pessoa delRey, que occupou este Cavalheiro, era, pelas suas preeminencias, de tão superior graduação, como consta da noticia delle, que os curiosos podem ler na Historia Genealogica do erudito Padre D. Antonio Caetano de Sousa, e na Geografia Historica do famoso Padre D. Luiz de Lima. Foy tambem Almotacé mór; e não só pelos honrosos empregos que exercitava, mas pelos singulares dotes, de que o havia ornado a natureza, se fez tão estimavel, que dentro, e fóra do Paço se constituhio credor da benevolencia de todos. Manifesta era a amizade, que com elle em toda a vida conservou ElRey D. Manoel. Sempre o trouxe ao seu lado, pela confiança, que delle fazia. Nas jornadas, que este Monarca fez no anno de 1498 a Castella para jurarse Principe herdeiro, e no anno de 1502. de romaria a Santiago, sabemos que o acompanhou; e era D. Nuno Manoel tratado com distincção tão particular, que por ella melhor se provava o seu relevante merecimento.

126 Igual aceitação conseguio na graça delRey D. João III. que lhe fez muitas honras. Deste Monarca foy tambem Guarda mór, e do seu conselho, assim como no tempo delRey D. Manoel. Foy senhor de Salvaterra de Magos com todos os direitos, e rendas desta Villa, e seu termo, cuja jurisdição este mesmo Rey lhe deo de juro, e herdade. Foy tambem senhor das Aguias, e da Erra, Commendador, e Alcaide mór da Idanha a Nova. Do seu grande talento, e excellentes predicações dura nas tradições huma firme memoria: e entre nós já mais se extinguirá a lembrança da sua piedade. Era mais que grande a devoção, que sempre teve a nossa Mãe Santissima, e Senhora do Carmo; havendo-se de tal modo com todos os seus Religiosos, que não satisfeito da profunda reverencia, que lhes professou na vida, até na morte lhes deo huma publica demonstração do seu cordeal affecto.

Tom. II.

K

127 Dei-

Descendencia de
D. João Manoel.

Descendem de D.
Nuno Manoel os
Condes de Atala-
ya.

Tom. II. pag. 421
Lima tom. I. pag.
444.

Quanto o esti-
mou ElRey D.
Manoel.

Quanto o esti-
mou ElRey D.
João III.

Terras que poss-
uiu.

Convento, que
mandava fundar

127 Deixou no seu Testamento, que em Salvaterra se fundasse hum Convento da nossa Ordem, onde houvessemos de louvar a Deos, e servir á sempre Virgem MARIA nossa Mãe. Verdade he, que esta determinação não teve effeito; porque D. Fradique Manoel primogenito, e successor da casa do mesmo D. Nuno Manoel, cedeo a Villa de Salvaterra a El Rey D. João III. que a quiz com todos os seus Termos para o Infante D. Luiz seu irmão: e por equivalente lhe deo as Villas de Tancos, Atalaya, Cinceira com os seus Termos, Aldêas, e outras jurisdições. Desta maneira ficou D. Fradique Manoel desobrigado da fundação do Convento na terra, que já não era sua: e os Religiosos considerando nas muitas enfermidades, que em tempo de Estio se padecem naquelle terreno, aonde não podiaõ deixar de viver continuamente, não fizeraõ as diligencias, que podiaõ, para se executar com licença do mesmo Rey, e do Infante, a vontade do Testador. Porém nada basta a fazernos menos lembrados da obrigação, em que este Cavalheiro nos deixou; e por nos faltarem os meyo de outro desempenho, damos da nossa gratidão o mais expressivo final, que sem violencia pôde caber nos presentes escritos.

Da-se noticia por-
que senão cumprio
este legado?

Onde jaz o seu
corpo.

128 Jaz D. Nuno Manoel (como dissemos) em magnifica sepultura na Capella mór de nossa Senhora de JESUS desta Corte, onde descançaõ as illustres cinzas dos seus inclytos descendentes, que sempre na qualidade mostraraõ ser producções de tão alto tronco. Muito amou este nosso Convento de Lisboa ao seu segundo neto o Illustrissimo D. João Manoel, Bispo que foy de Viseo, e de Coimbra, Arcebispo de Lisboa, e Vice-Rey de Portugal. Havia contrahido firme amizade com o Provincial entaõ existente nesta Provincia, que era o Reverendissimo Padre Mestre Frey João Coelho, Varaõ conspicio nas sciencias, e consumado nas virtudes, o qual pelos seus singulares predicaõs foy depois eleito Bispo de Cochim. Por essa razã, e tambem pelo especial affecto, que teve ao nosso habito, depois que ultimamente residio em Lisboa, frequentava a nossa Igreja, e nas funções solemnes as authorisava com a sua pessoal assistencia entre os Religiosos no Coro. Porém quando esperavamos, que ao seu amor se houvessem de seguir as obras, que poderia exercitar naquelles dous sublimes lugares de Arcebispo, e Vice-Rey, a morte o impedio; porque em pou-

D. João Manoel
Vice-Rey de Por-
tugal. Quanto per-
demos com a sua
morte.

poucos mezes de governo nos privou deste Prelado. Foy sepultado com as honras devidas na mesma já nomeada Capella, que mandou lavrar para seu jazigo; deixando aos seus affeicoados saudosa lembrança, para lhe fazerem no theatro do Mundo plausiveis os merecimentos.

129 He actualmente senhor desta nobilissima casa com todos os seus Estados, e Dominios D. Joaõ Manoel de Noronha, VI. Conde de Atalaya, Conselheiro de Guerra, Governador da Torre de Belem, Governador das Armas de Alemtejo, e Director da Infantaria de todo o Reyno; depois de haver occupado os postos de General de Batalha, de Mestre de Campo General, Governador, e Capitão General do Reyno de Angola. Este respeitado Heroe com as suas raras virtudes, e preclarissimas acçoens tem administrado á fama taõ continuos assumptos, que desde o anno de 1697, em que assentou praça de Soldado, até a hora presente, são incessantes os seus elogios; porque com as occasioens crescem os incentivos para os seus applausos, e estes lhe vão lavrando a Estatua, que lhe hade perpetuar o nome no Templo da Memoria. Do seu valor bastantemente admirado nas Campanhas, são mais as provas, do que as vozes, que o devem publicar; mais os testemunhos, do que as pennas, que o hajaõ de referir. Em toda a guerra contra Castella não largou da mão a espada, nem o inimigo occupou terreno, que esta defendeo. Como se tivesse imperio sobre a fortuna, nunca lhe foy contraria; porque procedendo continuamente vencedor, não só se coroou de gloriofos triunfos, mas sempre os conseguiu acompanhados de summa felicidade. Entre as excellentes virtudes, que o constituem perfeito, muito resplandece a generosidade de animo, com que nas acçoens mostra, que he Principe; sabendo em tal fórma unir a exterior gravidade (competente ao decoro) com a affabilidade necessaria para o trato politico; que nelle se admiraõ juntas as prerogativas de muitos famosos homens, com o primor de parecer sempre o mesmo sem variedade.

D. Joaõ Manoel
de Noronha VI.
Conde de Atalaya

Seu Elogio

CAPITULO VII.

Do que obrou o Papa Sixto IV. quando a elle recorreo o nosso Reverendissimo Padre Geral contra a perpetuidade do governo deste illustrissimo Prelado. Da-se noticia de algumas resoluçoens, que no seu tempo se tomaraõ; especialmente do novo Breviario, que entaõ recebeo a Provincia.

Effeitos de hum dilatado governo.

Inquietaçoes dos Religiosos.

Recurso do Padre Geral ao Papa.

130 **F**Oy muito dilatado o governo deste Prelado: chegou a durar, como já dissemos, não menos que trinta e cinco annos; causando já aos subditos conhecida impaciencia, não por outra razão (ao que parecia) senão pela extensão do tempo que durava. Verdade he, que por estarem os mais honorificos lugares da Provincia occupados com hum só fogeito, depois de assumpto para mais alta Dignidade, não se fazia soffivel, que os benemeritos vivessem quasi impossibilitados para os mesmos cargos. Daqui se originou alguma inquietação nos animos dos Religiosos menos favorecidos; porque na esperança de melhorarem de adiantamento, se a caso prevalecesse outro partido, fizessem a possível diligencia por lançarem de si aquelle chamado jugo, que por lhes não ser grato, lhes parecia intoleravelmente pesado. Interpondo appellaçoens, chegaraõ a recorrer a alguns Tribunaes: e porque o poder de Prelado neste Reyno era superior a toda a opposição, vendo os queixosos, que nos recursos ficavaõ totalmente desattendidos, e que de se declararem contra taõ authorizada pessoa, se lhes seguiria o serem maltratados; alguns passaraõ a Roma, e com honestos pretextos espalharaõ taes clamores, que os Ministros da Curia se precisaraõ a ouvillos, e os que deviaõ conhecer da causa, lhes acháraõ razão.

131 O nosso Reverendissimo Padre Geral, que entaõ existia o insigne Frey Christovão Martignono Brigiense, querendo evitar toda a occasião de discordias, e introduzir a paz universal entre os Religiosos Portuguezes, que tanto com a sua boa observancia o edificavaõ, entrou a supplicar ao Summo

mo Pontifice Sixto IV. que de poder absoluto mandasse absolver dos governos desta Provincia aquelle Prelado. Com a prudencia necessaria poz na presenca de Sua Santidade os justificados motivos, que se offereciaõ para se concluir a nova fôrma de governo perpetuo, que se introduzira em Portugal, opposta totalmente ao uso commum da Religiaõ. Fez lhe manifestos os fundamentos, pelos quaes se deviaõ os fogeitos repartir pelos diversos empregos de Prior Provincial, e Prior Local de hum Convento; porque da confusaõ de serem ambas as occupaçoens regidas por huma só vontade, resultavaõ os consideraveis damnos, que as Leys universaes da Ordem, e municipaes das Provincias pertendiaõ evitar. E posto que sempre abonou ao Prelado, como o seu virtuoso procedimento merecia; só inflou contra a perpetuidade do governo, pertendendo, que os Religiosos usassem da liberdade das suas eleiçoens, para que voluntarios houvessem de fazer sacrificio a Deos da obediencia, que por este modo deixaria talvez de ser meritória, porque procediaõ violentos.

132 Era o Reverendissimo Padre Geral notavelmente attendido de Sua Santidade, naõ menos pela sua muita labedoria, que pelas suas heroicas virtudes. Pouco havia, que fora por elle enviado a Alemanha a tratar com o Emperador Federico alguns importantes negocios da Igreja: o que tudo executou taõ conforme aos desejos do Papa, que d'elle ficou fazendo hum grande conceito. Nessa occasiaõ lhe concedeo a especial graça (que goza toda a nossa Religiaõ) da Bulla, que por conter copiosissimos privilegios, e innumeraveis indulgencias, se denomina *Mare magnum*. E como o Reverendissimo Supplicante na opiniaõ do Beatissimo Legislador merecia inteiro credito, logo lhe deferio ao requerimento, concedendo-lhe huma Bulla, que foy passada em 31 de Outubro de 1476, na qual mandava ao Illustrissimo Bispo Provincial, que se houvesse por desobrigado dos empregos, que exercitava entre os Carmelitas; porque lhe suspendia, e tirava totalmente a jurisdicãõ, ainda que fosse concedida por Breves Apostolicos; e que os Religiosos fariaõ o seu Capitulo conforme as Leys, e costume da Religiaõ, obedecendo só, e desde logo ás ordens do seu Geral: o qual Decreto daremos a ler no fim deste Volume, fielmente extrahido do primeiro tomo do nosso Bullario, onde,

Prudencia com
que recorreo.

Quanto era o P.
Gral attendido
do Papa,

Bulla do Papã
Sixto IV. Contra
a perpetuidade do
governo.

Documen-
to IV.

78 *Chronica dos Carmelitas*

onde anda encorporado. Nelle acharão os Leitores tudo, o que temos referido: posto que não produzio effeito; porque (como acima dissemos) quando chegou a esta Cidade, já com a morte havia o Veneravel Prelado concluido os exercicios, e pensoens do governo.

Supr. num. 116.

38. Religiosos que fallecerão.

Tom. I. n. 579.

Infra num. 160.

Resolução acerca da clausura dos Novicos

133 Do seu tempo nos faltaõ totalmente as memorias; porque o primeiro livro da Provincia, em que estas se enthesouravaõ, teve descaminho. O que nos consta he, que nos trinta e cinco annos fallecerão trinta, e oito Religiosos, hum dos quaes foy o virtuosissimo Doutor Frey Antão da Madre de Deos, de quem já elcrevemos a vida entre os famosos fogeitos, que pertenceraõ ao nosso Convento de Moura. Outro foy o insigne Varão Frey Constantino Pereira, cujas noticias terãõ adiante lugar mais proprio, e lerãõ expendidas, quando neste mesmo Provincialado tratarmos do nosso Convento de Santa ANNA da Villa de Colares, do qual elle lançou os primeiros fundamentos. Dos trinta e seis, ainda que muitos forãõ doutissimos, e exemplarissimos, não ficaraõ as acçoens individuadas em fôrma, que se possaõ distintamente referir: antes de algumas (que eraõ dignas de imitação) não alcançamos os nomes dos seus fogeitos. Mas he certo, que este Convento foy hum dos que naquelle tempo mais floreceraõ em sciencia, e santidade.

134 Sabemos mais, que nos annos do governo deste Prelado se tomaraõ várias resoluçoens para reforma da Provincia, as quaes sempre tiverãõ observancia. Huma foy, que os Novicos depois de professos ficariaõ na obediencia de hum Mestre, que delles teria cuidado, sem os vexar com os rigores do anno da approvaçaõ; mas fazendo, que separados da communicaçãõ dos Sacerdotes, continuassem na applicaçãõ das doutrinas competentes ao ministerio do Corô, em quanto não eraõ admittidos aos estudos mayores; e havendo-os no mesmo Convento, viviriaõ com o retiro proprio de irmãos; da qual fogeiaõ não ficariaõ isentos, senãõ depois de recebida a Ordem de Diacono. O mesmo acordo haviaõ tomado no anno de 1440 os Vogaes da Congregaçãõ Geral, que se celebrou no Convento Astense da Provincia de Lombardia, debaixo da presidencia do Reverendissimo Padre Geral Frey João Faci, contando o decimo anno do seu governo. Alguns exemplos pode-

deriamos allegar a respeito da irrefragavel observancia, que sempre na Provincia teve esta antiga, e bem fundada Ley; porém basta mostrarmos que qualquer irmaõ ao sahir daquella clausura, até depois de concluido o tempo destinado, não ficava isento do Mestre sem despacho do Provincial *in scriptis*; segundo consta de hum dos taes despachos, feito conforme o uso daquelle tempo na lingua Latina, o qual diz assim: *Frater Johannes.... exeat, liberéque communitati sacerdotum adhaereat.* Frey Joaõ (não se percebem os caracteres do cognome) pode sahir do Coristado, e assistir livremente na Communidade dos Sacerdotes.

135 Tambem nos consta, que o mesmo Prelado de commum consentimento dos Padres chamados do governo, que julgamos serem os Definidores, mandou que entre nós fosse admittido o novo Breviario, que no anno de 1462 fez publicar o Beato Joaõ Soreth nosso Reverendissimo Geral, o qual Breviario foy emendado, e posto em melhor fórma (a respeito do mais antigo) pelo insigne Doutor Frey Ivo Govele Britano; e se determinou, que delle usassem os nossos Religiosos Portuguezes, porque não se oppunha em nada ao Breviario Aymericano, do qual esta Provincia desde o principio da Religião neste Reyno havia aprendido as Horas Canonicas, com que em todos os dias do anno louvava a Deos, e aos seus Santos: antes do mesmo Breviario constava, que guardado o nosso Rito particular, com diminuição de algumas cousas desnecessarias, só trazia demais algumas festividades admittidas pelo Capitulo Geral proximo: o que tudo se devia ao ardentissimo zelo do sobredito Padre Geral, que muito cuidava nas utilidades commuas da nossa Ordem, vencendo os grandes trabalhos, que repetidas vezes o puzeraõ em desasocego, e a vida em perigo. A resolução, que se tomou, diz assim.

136 *Dominus Episcopus, & Carmelitarum in Lusitania Provincialis, de unanimi venerabilium Patrum sociorum assensu decrevit, singulisque sibi inferioribus mandavit, quòd ad communem usum omnium accipiatur novum Breviarium, opere, & studio R. Ivonis Govelis Britonis directum, & à Reverendissimo Patre Generali Domino Johane Soreth univèrsam Ordinem nostrum regente, proximè divulgatum. Ita faciendum curavit, quia notum est, prædictum Breviarium nequaquam contradicere antiquiori*

Ay-

Exemplo do que se resolveo acerca dos mesmos Novicos.

Aceitação de hum novo Breviario.

Adverte-se a razão, que occorreo para ser accito.

DECRETO
Do Bispo Provincial com os Padres do Governo.

Aymericano, à quo antesignani nostri Horas Canonicas Deo, & Sanctis ejus quotidie solvendas didicerunt; imò servato Ritu, delectisque non necessariis, insertas festivitates, juxta placitum Generalis Capituli, facili methodo demonstrat; quæ omnia debentur ferventi zelo ejusdem Reverendissimi Patris, qui pro utilitate Religionis nulli parceret labori usque ad vitæ periculum. Non aliter fiat, &c.

Breviario, do
qual ficou a Pro-
vincia;

Trithem de Ori:
& progres. Carm.
cap. 8.

Tom. 1. n. 324 &
supr. num. 17.

Noticia do nosso
primeiro Cere-
monial.

137 Até aquelle tempo sempre os Carmelitas Portuguezes usaraõ do Breviario, Missal, e Ceremonial, que a Ordem recebeo do Patriarca Antiocheno, Aymerico de Malafayda, Legado Apostolico; approvados pela Igreja Jerosolymitana, onde a nossa Religiaõ teve o seu principio. Os melhores Historiadores affirmãõ, e expressamente o refere o insigne Abade Trithemio, que quando os nossos Religiosos perseguidos dos Saracenos ultimamente se retiraraõ da Palestina para várias partes da Europa no anno de 1238, trouxeraõ consigo os livros necessarios, que competiaõ á sua profissãõ Religiosa, quaes eraõ os da sua Regra, Constituiçoens, Ceremonial, e por consequencia o Breviario. Assim o exprime pelas palavras seguintes: *Unde anno Domini millesimo ducentesimo tricesimo octavo, coacto in unum concilio totius ordinis in Monte Carmelo, multi de Prioris licentia, & consilio Fratrum, Palestinam egressi sunt; & cum Regula, Ordinario suo, ac Statutis Europam, unde venerant, reversi.* E como (segundo dissemos já no Tomo primeiro da nossa Historia) para este Reyno de Portugal vieraõ alguns Portuguezes (cujos nomes ficaõ expressados) e eraõ daquelles, que na Cidade de Jerusalem haviaõ recebido o nosso habito, estes trouxeraõ para a nossa Provincia ostaes livros do seu uso. Mas como naquelle tempo naõ eraõ impressos, facilmente se consumiaõ, e naõ perseveravaõ, de sorte, que hoje se podessem ver, e estimar.

138 Com tudo temos noticia, que o Ceremonial vindo para este Reyno no tempo daquella transmigraçaõ (que se julga ser o proprio que as Leys municipaes da Provincia muitas vezes allegaõ) durou manuscrito em pergaminho muitos seculos no Convento da Villa de Moura. A letra era Gothica, e a tinta bastantemente apagada; mas ainda se percebia a distincçaõ dos capitulos, e artigos, que entre outros finaes indicavaõ huma antiguidade gloriosa. O Padre Frey Pedro das Chagas, de quem

quem fazemos o grande conceito, que fica expressado, pela summa curiosidade, que tem de se applicar a semelhantes instrumentos, o vio, e o leo muitas vezes; lembrando-se ainda agora do descaminho, que teve entre pessoas menos consideradas, que por entenderem não haver no dito livro mais do que huma desnecessaria velhice, o entregaraõ ao fogo desfeito em bombas, para festejarem a São João em huma noite do seu nascimento: delgrça, a que talvez ficáraõ tambem sogeitos outros papéis de importancia (entaõ desprezados por velhos) que não apparecem. Por falta delles tem o dito Convento de Moura perdido algumas regalias: e nós ficámos tambem na perda do dito Ceremonial bastantemente prejudicados; porque nos privamos da gloria de conservar esta Provincia as primeiras regras, que para o Culto Divino recebemos da Igreja Hierosolymitana pelo seu proprio Directorio, já na Religiaõ esquecido, mas ainda em Portugal em muitas cousas observado.

Descaminho
que teve.

139 O dito Breviario novamente admittido tinha o seguinte titulo: *Incipit Breviarium fratrum Beatae MARIAE de Monte Carmeli extractum, & excerptum de approbato usu sepulchri Hierosolymitanae Ecclesiae, cujus finibus dictorum Fratrum Religio sumpsit exordium*; e he digna de reflexaõ a clausula daquella Acta, que declara haver sido aceito, porque em nada contradizia ao Breviario antigo, do qual usaraõ sempre os nossos primeiros Carmelitas Portuguezes; como insinuando, que se tivesse cousa alguma opposta, ou á sua gloriosa antiguidade, ou ao nosso Rito particular, nesse caso o não poderiaõ receber em virtude das Leys Municipaes da Provincia, as quaes pelas suas já ponderadas circumstancias se observaraõ inteiramente. Porque ainda que no Capitulo celebrado no anno de 1469 se publicou hum Decreto, para que em toda a Religiaõ houvesse uniformidade em tudo, o que pertencia ao culto Divino, com tudo se houvesse cousa contraria ao que a Provincia observava por obrigaõ positiva, primeiro deviaõ os Presidentes della serem ouvidos; e não tendo lugar as replicas, ou cedendo o Soberano do direito, que tinha á subsistencia dos actos declarados no Instrumento, só entaõ seriamos precisados a concorrer para a dita uniformidade: não por outro motivo, senaõ pelo que fica insinuado; porque as outras Provincias da Ordem não se obrigaraõ a conservar as antiguidades, que esta em nome dos Prelados futuros pro-

Titulo daquelle
novo Breviario.

Reflexão sobre o
modo, com que foy
aceito.

Onde se ha de
tratar acerca dos
nossos Brevia-
rios, e Ceremo-
nial.

metteo, não só seguir, mas quanto lhe fosse possível defender.

140 Opportuna occasião se nos offerecia aqui para darmos noticia dos additamentos, e reformas do nosso Breviario, Missal, e do livro das Ceremonias. Porém como nessa materia fazemos particular Dissertação; a ella nos remetemos, bastando dizer, que supposto tenhamos no tempo presente obrigação de conformar os nossos Breviarios com os Romanos nas couzas essenciaes, e commuas (mas não em muitos accidentes, e várias particularidades, que perseverão isentas de mudança na forma, que se hade explicar no lugar citado) não era assim, o que succedia naquelles primeiros seculos da erecção desta Provincia. Hoje temos Decretos Pontificios, que (salvando as circunstancias competentes á nossa antiguidade) dispoem que nas couzas, que precisamente carecião de emenda, fossem os ditos Breviarios correctos, e expurgados, segundo a norma do Breviario tambem correcto da Igreja Romana. Porém no tempo, em que esta Provincia teve principio, quando os Principes Christãos cuidavaõ em conservar livre do jugo Sarraceno a Cidade Santa de Jerusalem, donde a nossa Religião trouxe o seu principio; não tinhamos outro Rito, nem livros, que nos dirigissem, senão pelos costumes praticados na Igreja de Jerusalem, e nas outras dos Conventos Capitaes da Ordem, donde sahimos para muitos dos que agora felizmente occupamos na Europa.

Primazia da
Igreja Romana

Breviario Mo-
zarabico.

Supr num 49

141 Nem havia em toda a Lusitania naquelles tempos (como he notorio) o uso do Breviario Romano, e menos os Ritos desta Igreja; sendo que pela singularidade de assistir nella o Vigario de Christo, a todas excede na excellencia, e (a respeito de cada huma) merece a primazia: mas isto he para a reconhecermos por Cabeça, e para lhe darmos toda a veneração, que devemos, e não para voluntariamente cedermos, em seu obsequio, daquellas antigas observancias, que os mesmos summos Pontifices não reprovão, antes as permitem. O que nos consta de fidedignos Escritores he, que neste Reyno prevaleceo nos primeiros seculos da Christandade o Breviario Mozarabico. Depois que El Rey D. Affonso Henriques, vencidos os Mouros, como já insinuámos, tirou do dominio delles a Cidade de Lisboa, sendo primeiro Bispo della pelos annos de 1098. D. Gilberto Inglez, este introduzio na Sé (e por consequencia em toda a sua Diocese para uso dos Ecclesiasticos, que

lhe

Ihe eraõ fogeitos) o Breviario, e Missal da Igreja de Serisbury em Inglaterra na Provincia de Ultonia. Duraraõ os Ritos daquella Igreja de Serisbury até o governo delRey D. João o III. que teve principio no anno de 1522. Entaõ o Cardeal Infante D. Affonso, filho do felicissimo Rey D. Manoel, depois de ser Arcebispo de Lisboa, cuidou em admittir na sua Diocefe o Breviario Romano, que com effeito foy juntamente recebido nas outras Igrejas do Reyno, que não tinhaõ motivo particular para conservarem differentes Ritos: o que tudo por palavras expressas affirma D. Rodrigo da Cunha, a quem citaremos na Dissertação.

O da Igreja de Serisbury.

Breviario Romano em Portugal.

142 Presidia entaõ na Igreja de Deos o Papa Clemente VII. a quem succedeo Paulo III. no anno de 1534. E sendo que na occasiaõ presente muitas Communidades, ou por obsequio, ou por alguma razã particular, se conformaraõ com o dito Breviario, e seguiraõ os Ritos daquella Igreja; sempre a nossa Provincia continuou na perfeita observancia do Breviario, Missal, e Ceremonial da Igreja Hierosolymitana. Tudo se verifica pelos dous Breviarios desse tempo, que se guardaõ na Bibliotheca deste Convento de Lisboa, hum do Reverendissimo Padre Geral Frey Nicolao Audeth impresso no anno de 1543; outro do Reverendissimo Frey João Baptista Rubeo impresso no anno de 1575, nos quaes (além das differenças, que se encontraõ a respeito do Romano) lemos o seguinte titulo: *Breviarium Carmelitanum secundum usum Ecclesie Hierosolymitane, & Dominici sepulchri, &c.* Do mais, que com a successã dos tempos tem occorrido nesta materia, diremos no promettido lugar; concluindo agora com a reflexã, de que os taes Prelados eraõ taõ zelosos das suas veneraveis antiguidades, que até para aceitarem, o que mandavaõ os Reverendissimos Padres Geraes, (aos quaes como subalternos tinhaõ obrigaçaõ precisa de obedecer) só naquelles pontos o executavaõ com as cautelas, que podiaõ caber dentro dos termos da inferioridade.

Permanencia do nosso Rito Hierosolymitano.

Breviarios antigos da Provincia

143 He tambem de ponderar o grande louvor, que o expressado Decreto dá ao nosso Geral o Beato João Soreth, dizendo que á sua fervorosa diligencia se devia o ficar a Religiaõ melhorada com o novo Breviario, assim por crescerem algumas festividades de Santos da nossa especial devoçaõ, como pelo methodo facil, com que nelle o Officio Divino se propunha. O

Reflexão sobre o que se diz do B. Soreth, e se explica, o que delle se quiz dizer no Decreto.

certo he , que nenhum elogio basta a engrandecer as maravilhas accoens deste Santo Prelado, em cuja vida (que em livro particular corre elegantemente escrita) poderaõ os Leitores achar obras dignas de se verificar, que no seu peito ardia hum zelo verdadeiramente Eliano. E com superabundante fundamento alli mesmo se declara, que naõ se poupava a nenhum trabalho para conseguir as utilidades da nossa Ordem até o ultimo perigo da vida, porque muitas vezes a desprezou por conseguir o bem dos subditos; ainda dos que menos affectos lhe desauthorisavaõ o caracter, quando com a prudencia necessaria estabelecia a observancia das virtudes nos Conventos menos reformados. Na Cidade de Liege por alta disposiçaõ de Deos chegou a escapar da morte, que teve diante dos olhos no anno de 1463, sem outra causa mais, que por sahir a buscar o Bispo daquella Igreja, a quem o povo amotinado naõ queria obedecer. O mesmo tumulto, que concorreo contra o Bispo, entendendo, que o Veneravel Prelado lhe seguia o partido, o acommetteo sacrilegamente, e até o seu Convento o perseguio, naõ só com injurias, mas com violentas mãos, que nelle os cegos Diocesanos puzeraõ, maltratando-o juntamente com gravissimos golpes de páo, e de ferro: o que tudo o servo de Deos tolerou com invicta paciencia, e com resignaçãõ merecedora de hum premio eterno.

Acção mais memoravel deste governo.

144. Porém o que no governo do Illustrissimo senhor D. Frey Joã Manoel se fez mais memoravel, foy a fundaçãõ do nosso Convento da Villa de Colares; hum dos que actualmente goza esta Provincia. E porque delle occorrem muitas particularidades capazes de serem referidas, declarando neste lugar todas, as que achámos pertencer ao dito Convento, dellas trataremos com a diffusãõ necessaria, como de assumpto proprio, que com advertencia reservamos para a seguinte parte.

CHRONICA DOS CARMELITAS

DA ANTIGA, E REGULAR OBSERVANCIA
Nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios.

P A R T E II.

DA FUNDAÇÃO, FUNDADOR, E MAIS
particularidades pertencentes ao nosso Convento da villa de
Colares, destinado para Recolêta da Provincia.

C A P I T U L O I.

*Das disposições necessarias para se effectuar a fundação
do Convento.*

145

ACHA-SE este Convento edificado na
visinhança da celeberrima villa de Co-
lares. He da invocação de Santa AN-
NA, e o terceiro da Provincia; memo-
ravel, não menos pelos seus Fundadores, que pelos exempla-
rissimos Religiosos, que sempre o authorisaraõ. Neste Capi-
tulo daremos primeiro noticia do sitio, e mais disposições para
a erecção do Convento; depois trataremos da devota fabrica
delle, e dos filhos de virtudes sublimes, que alli florecêraõ.

Declaração da
materia.

§. I.

Expoem-se hum a Compendiosa noticia da villa de Colares.

146

HE esta villa pela amenidade do seu terreno,
e pureza dos seus ares, hum das mais no-
meadas, e conhecidas do nosso Reyno. Fica em distancia de
cinco leguas de Lisboa para a parte do Noroeste, situada ao
pé da famosa serra de Cintra, superior a hum fecundissimo val-
le;

Descrição da
Villa.

Rio das *Maçans*

le, ao qual os Naturaes vulgarmente chamaõ *Varzea*. Esta se estende pelas fraldas da mesma terra em distancia de huma legua com pouca differença, que se termina no Oceano, onde vay desaguar o rio *das Maçans* pelo mesmo rumo do Noroeste. He o tal rio formado das copiosas aguas, que por muitas partes se despenhaõ da quella altissima, e dilatada terra, cingindo-a toda pelas raizes; só com a differença, de que em outro valle, que corre desde a Ponte redonda, onde acaba a descida da villa de Cintra, até chegar á vista da varzea, se chama *Galamares*, e dalli até o Oceano se denomina *das Maçans*, por causa das muitas, que cahidas das arvores, e misturadas com as aguas apparecem boyando em toda a distancia, por onde se lhe dilataõ as correntes. Até no mar largo, em muitas leguas, chegaõ os navegantes a ver estes frutos, e por elles conhecem, que estaõ proximos á terra; porque desta leva o rio ao Oceano aquelles infalliveis sinaes.

Etymologia de *Galamares*.*Infra num. 151.*

Noticia da varzea.

147 O nome *Galamares* variou com o tempo, e se corrompeo o vocabulo com alguma anteposição de letras; porque antigamente o sitio alli se chamava *Alagamar*, por causa de chegar a elle a maré, e na sua enchente succedia alagar-se o Valle. Entaõ era o rio caudaloso, e navegavel. Entrava no Oceano por hum canal fundo, e limpo, pelo qual as embarcaçoens mayores daquelle tempo se encaminhavaõ até a villa de Colares, onde havia sufficiente porto, em que surgiaõ. Em differentes occasioens (como depois veremos) chegaraõ alli navios armados em guerra, e expugnaraõ o famoso Castello, onde alguns valerosos Capitaens triumpharaõ dos Regulos, que o habitavaõ. Actualmente o mesmo rio corre com diminuição tão perceptivel nas aguas, que pelo Estio por todas as partes delle se vadêa. Isto procede não só de correrem as aguas da terra em menos abundancia; mas tambem porque as do rio se divertem por várias prezas para beneficio dos pomares, embebendo-se muita na terra, pelo impedimento das arêas, que na barra se amontoaraõ. Estas tem alli formado tantos baixos, e tão dilatados parceis, que apenas pôde chegar á boca do rio (quando o tempo he favoravel,) algum pequeno batel, mas sempre com perigo.

148 As aguas deste gracioso rio saõ de qualidade tão admiravel, que por onde correm, deixaõ a terra fecundissima de ren-

rendosos pomares, compostos de excellentes frutos. Na varzea são tantas, e tão baítas as arvores frutíferas nascidas de huma, e outra parte do rio, que em toda ella, na mayor força da calma, se acha sem interrupção huma sombra continuada. A differença dos frutos (que são peras, maçãs, marmellos, e outros igualmente saborosos) servem de recreação aos sentidos; dando a conhecer, que os primores da arte, empenhada em concertar hum bellissimo ramalhete, não poderia idear outro de tanta fermosura, como nesta varzea de todo o seu frondoso arvoredado lhe fabricou a natureza. A experiencia mostra, que este valle sustenta a Lisboa de fruta em todo o anno, porque não ha dia, em que não entrem nesta Cidade muitas cargas, assim da que sazoadada se colhe do ramo, como da que se poem de guarda para servir em melhor tempo. Para se exaggerar a quantidade dos frutos, que ha na varzea, basta saber-se, que todos os seus pomares são abertos, e não se prohibe ás pessoas estranhas, que entrem nelles, e comão até latisfazerem a vontade, como se fossem seus donos. O que mais se estima he, serem tão saudaveis, que nunca fazem dâmino. Attribue-se á bondade das aguas, que os rega; porque tambem neste rio se tomão banhos, e se julgaõ utilissimos para remediar efficaçamente muitas enfermidades; sendo com effeito esta Villa (pelas conveniencias, que a humanidade encontra para a sua boa conservação) de tal modo grata, que os sogeitos de melhor gosto a intitulaõ: *Paraiso de Portugal*.

149 Chama-se *Colares* do famoso Castello de *Colir*, que neste sitio edificara huma senhora natural de Alemanha, a quem o nosso incomparavel Joaõ de Barros na idéa, que inventou para divertimento dos curiosos, intitula Condessa de Compa. Aconteceo pois (se he que póde aqui ter lugar semelhante noticia) que assistindo ella em Dinamarca, o seu Principe lhe matou o marido, e temerosa de algumas consequências, que a ameaçavaõ, ajuntou as suas joyas, e recolhidas com todo o precioso da sua casa, veyo em duas náos, acompanhada de alguns familiares, que a quizerão seguir, trazendo tambem consigo tres filhos, e entrou por aquelle rio, parecendo-lhe que estaria mais segura entre Mouros (que entaõ dominavaõ este Reyno) do que talvez entre Cotholicos, onde poderia chegar o empenho, e prevalecer a violencia do seu inimigo. Contemplando pois

Quantidade de
frutos, que pro-
duz.

Qualidade das
aguas.

Etymologia de
Colares.

Barr. Chron. de
Clarim. cap. 31.

Senhora que foy
desta terra.

88 *Chronica dos Carmelitas*

pois na amenidade do lugar, e querendo ter algum descanso nos seus trabalhos, mandou pedir a ElRey Zeylam, senhor de Lisboa, que fosse servido darlhe alguma parte daquella terra para nella habitar, observando a ley propria, foygeita só ás ordens do Regulo, pelo que respeitava ao corpo. Zeylam reflectindo mais no interesse pelloal, que na piedade, da qual se fazia digna a supplicante, conveyo no que lhe pedia, com tanto, que pela terra lhe houvesse de dar cem pezos de ouro, e trezentos de prata.

Compra que fez da terra.

150 A condeffa, vendo que de outro modo não podia conseguir o seu intento, se resolveo a comprar a terra. Mas porque lhe faltava o dinheiro para o entregar com a promptidão, com que se lhe pedia, deo tres colares de ouro em penhor: e Zeylam os aceitou com o partido, de que não sendo resgatados dentro em tres annos, (ainda que o seu valor era em dobro) ficariao sendo inteiramente seus. Ajustado por este modo aquelle contrato, logo, como senhora da terra, com a diligencia dos seus, edificou o Castello, ao qual (respeitando aos Colares, que dera em penhor) chamou *Colir*; e o pronunciou conforme o seu idioma, onde assim se escrevia a palavra *Colar*. A² sombra deste Castello, que era famoso, se foraõ edificando muitas casas, que constituiriaõ povoação distincta, com o mesmo nome de *Coliris*, proferido assim naquelle tempo, em quanto durou a pronuncia Alemãa; mas depois que alli prevaleceraõ os Portuguezes, todos (conforme o nosso idioma) a denominaaõ *Colares*.

Fundação do Castello.

Calçada do Albernaz.

151 A hum dos filhos da Fundadora, que por sua morte herdou o Castello, e nelle viveo alguns annos, o tomou á força de armas hum Regulo chamado Morbanfo. Vencido este, entraraõ outros a dominar a povoação, entre os quaes houve hum mais celebrado, do qual actualmente conserva o nome huma calçada, que encaminha para o palacio, que antes fora o tal Castello, e lhe chamaõ a calçada do Albernaz. Depois que a nação Portugueza sacodio de si o jugo Mahometano; e aquella povoação, com o nome de villa, pertenceo á sua Coroa, sempre conservou, como fabrica memoravel, o Castello: e para lembrança da sua muita antiguidade, a mesma villa (a quem deo o seu primeiro foral ElRey D. Diniz) o tomou por armas, das quaes ainda a Camera usa nos sellos, e nas partes

Armas da Villa.

tes publicas, onde se vé que tem por armas hum Castello entre arvores: estas, que indicaõ a fecundidade do paiz, e aquelle, que mostra o principio da povoação.

152. Porém ainda que conservado o Castello, delle se serviaõ os officiaes da Camera para os ministerios do governo commum; com tudo ha mais de cem annos, que fazendo gosto de viver naquella villa D. Diniz de Mello de Castro, (sogeito de grande respeito, e particular distincção; porque havia sido Bispo de Leiria, de Viseo, e da Guarda, e Regedor das justças deste Reyno) conseguiu da mesma Camera o dominio, e a posse do tal Castello. Neste, mudada a figura, fabricou hum curioso Palacio para sua habitação, que ainda existe dentro da villa, e o gozaõ os seus nobilissimos herdeiros. Delle he actualmente senhor Antonio de Mello, e Castro. As casas da Camera, e cadêa se fizeraõ em outro lugar. E posto que a villa no tempo presente se acha com pouco augmento, ainda tem dentro em si, e no seu termo trezentos, e sessenta vizinhos. A sua Parochial Igreja de fabrica magestosa he do titulo de Nossa Senhora da Assumpção, e nella se celebraõ com aceyo os Officios Divinos. Tem casa de Misericordia, e differentes Ermidas dedicadas a vários Santos, que saõ bulcados com votos, e com frequentes romagens.

153. Daremos agora noticia dos senhores desta villa, desde que sahio da Coroa, até que lhe tornou a pertencer, o que prevenimos para melhor intelligencia das doações, e mercês, que muitos dos taes senhores fizeraõ ao nosso Convento, segundo o que em seu lugar havemos de escrever. A primeira pessoa particular, que possuio esta villa, depois de conquistada aos Mouros, foy o nosso invicto Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. ElRey D. João I. lha deo juntamente com outras villas, por huma carta de 20 de Agosto, feita em Santarem por Fernão Domingues na Era de Cesar de 1423; que corresponde ao anno do Nascimento de Christo de 1385, cuja cópia se achará no primeiro Tomo da nossa Historia, e he o IV. dos Documentos, que alli se imprimiraõ. Com palavras expressas diz assim: *Facimus publicam donationem de istis villis cum suis Castellis... Colares cum suis terminis & reguenguis*. Este magnanimo Heroe, quando repartio as suas terras, deo a de Colares ao seu neto D. Affonso, Conde de Ourem, e Marquez de Valença, o qual

Edificio. que se fez no lugar do Castello,

Quem he senhor do tal palacio,

Parochia da villa.

Senhores da Villa de Colares,

O Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Chron. tom. I. pag. 802.

D. Affonso Conde de Ourem

Infanta Dona
Isabel.

Docum.V.

Infanta Dona
Isabel filha.

Infanta Dona
Brites.

Seu f'ho ElRey
D. Manoel.

Foral, e mer-
cês que lhe fez.

fez dellas doação a sua irmã a senhora D. Isabel, filha do se-
nhor D. Affonso, Conde de Barcellos. Tudo consta de huma
carta de confirmação delRey D. Duarte, feita em Santarem
por Lopo Affonso aos 29 do mez de Novembro de 1433. Na
mesma carta se declara, que na dita doação affinaraõ o Conde
de Barcellos, como pay, e curador, que era do dito D. Af-
fonso, e tambem D. Fernando Conde de Arrayolos, e Mar-
quez de Villa-Viçosa, que na falta de successão havia de pós-
fuir aquella terra, como irmão, e herderio que era do Conde
de Ourem D. Affonso. Foy esta doação feita em Coimbra aos
7. de Novembro com licença delRey, passada aos 4. do dito
mez, tudo no mesmo anno; o que melhor mostrará o Documen-
to, que para confirmação de outros pontos vay no fim deste
Volume.

154 Desposando-se a senhora D. Isabel com seu Tioo
Infante D. João, Mestre da Ordem de Santiago, e Condesta-
vel de Portugal, veyo a herdar a villa de Colares sua filha mais
velha a Infanta Dona Isabel, mulher que foy delRey D. João
o II. de Castella. Passou depois deste casamento o dominio da
villa á Infanta Dona Brites, irmã da que fora ser Rainha, a
qual Dona Brites se desposou com seu primo o Infante D. Fer-
nando, Duque de Viseo, Mestre das Ordens de Christo, e de
Santiago, Condestavel de Portugal. Deste matrimonio tive-
raõ seis filhos. O successor, e herdeiro daquella illustrissima
casa foy D. Manoel, que naõ obstante ser pela ordem do nas-
cimento o ultimo dos seus irmãos, dispoz a Divina Providencia,
que viesse a ser na authoridade o primeiro; porque subio ao
throno, e cingio a Coroa deste Reyno de Portugal; e foy
sempre no seu governo taõ glorioso, que entre os outros Mo-
narcas mereceo a antonomasia de Rey felicissimo. Por morte
da Infanta Dona Brites, herdou ElRey D. Manoel seu filho
a villa de Colares, e logo que della foy senhor, lhe deo no-
vo foral no anno de 1516, como consta de hum livro da Came-
ra da mesma villa. Tambem lhe fez mercê de que os seus mora-
dores naõ paguem portagem, mandandolhes commutar a pen-
saõ, que até alli tiveraõ, de pagar o quarto dos frutos, em certo
estipendio annual, que por hum modo suave contribuem sem
violencia. Desde aquelle tempo até o presente se tem esta vil-
la conservado na Coroa com vários privilegios, concedidos
pelos

pelos Reys successores, que não repetimos, por serem (ainda que memoraveis) alheios do nosso Assumpto.

§. II.

Do Casal chamado vulgarmente da Torre, aonde o nosso Convento de Colares teve o seu primeiro assento. Da-se noticia do Bemfeitor, que o deixou para esse fim.

155 **E**M distancia de hum legua daquella villa para a parte do Norte, no termo da villa de Cintra, ha hum casal, chamado em tempo mais antigo de *Miguel Joanes*, e agora da *Torre*; o qual se estende pela planicie de hum monte eminente ao lugar de Nafarros. Deste casal foy senhor hum insigne Medico, chamado *Mestre Henrique*, Físico mór do Reyno no tempo delRey D. Duarte, de quem mereceo a graça, e com ella a estimação devida ao seu talento. Por causa da summa devoção, que tinha ao nosso Santo habito, tratava a todos os Carmelitas com particular veneração, e com os deste Convento de Lisboa conservava estreita amizade. Havia consagrado a nossa Mãe Santissima do Carmo hum tão fino amor, que pela continuada assistência diante da sua Sagrada Imagem desta Igreja se dava a conhecer extremo. Como não teve herdeiros forçados, e sempre entendeu, que a mesma Senhora lhe dera as riquezas, que possuia, assentou comsigo deixalas ao Convento de Lisboa. E porque julgava que o seu casal da Torre tinha boa capacidade para nelle se fundar hum Convento da nossa Ordem, onde a Mãe de Deos fosse servida dos seus filhos, e venerada dos Fieis, deo primeiro parte dos seus pios desejos a ElRey, declarando-lhe que já naquelle lugar havia feito hum Capellinha chamada *Oratorio*; e depois lhe pedio licença, para que fabricado alli hum Convento com sua Igreja, podesse possuir para seu patrimonio a herdade, que elle lhe queria deixar com as condições, que constaria de hum instrumento, que se havia de fazer sobre a forma do seu contrato.

156 ElRey louvando-lhe muito a resolução, e querendo fazer-lhe a graça pelo mesmo theor da supplica, lhe mandou passar a dita licença por hum carta, feita pelo Tabellião Joanne Esteves em Lisboa a 14. de Novembro de 1436, na qual

Tom. II.

M 2

carta

Nome antigo do
casal.

Quem foy se-
nhor delle.

Sua determina-
ção.

Licença delRey
D. Duarte.

Declaração necessária.

Documento VI.

O Mestre Henrique se declara:

Elige o Testamenteiro.

Morte do Mestre Henrique.

carta se expendem as confrontações do dito casal, e as circumstancias mais necessarias, para que a licença ficasse em todo o tempo firme, e valiosa. E porque poderia succeder, que o Bemfeitor não chegasse na sua vida a concluir o intento, e que depois da sua morte houvesse duvida na concessão, que lhe pedia; querendo tambem o dito senhor concorrer para o effeito daquella fabrica, fez declarar, que o Mestre Henrique não só a poderia erigir em sua vida, mas deixar por sua morte, que fosse levantada, e que então gozasse das rendas, que lhe eram applicadas, para o que seriam conseguidas as outras licenças, que eram precisas. Tudo consta de huma cópia da mesma carta, que, como Documento notavel, damos a ler no fim da Historia, entre os que para ella muito conduzem.

157 Concluida esta diligencia, continuou o Físico mór as expressões do seu affecto, dirigido com especialidade á nossa Mãe Santissima. E posto que com todos os nossos Religiosos conservava huma boa harmonia, com tudo a nenhum correspondeo tão familiarmente, como ao Provincial, que então era o senhor D. Frey João Manoel Bispo de Ceuta, e Capella mór. Pelo cabal conceito, que sempre teve da actividade, e prudencia deste Prelado, e não menos pela confiança que fez da sua antiga amisade, lhe descobrio o seu peito, participando-lhe o animo, com que estava, de deixar as fazendas, que possuia no termo de Cintra, ao Convento do Carmo de Lisboa, com a condição de se fundar o Convento, que desejava, no casal já nomeado. E porque as suas occupaçoens não lhe davao lugar a retirar-se da Corte para assistir ao edificio; nem podia em vida ceder do patrimonio, que agora lhe applicava (porque dessas rendas se ajudava para conservar a decencia do seu trato) havia determinado, que o tal Convento se fabricasse depois da sua morte, conforme as condições declaradas no seu Testamento. Juntamente lhe pediu licença para o nomear a elle seu Testamenteiro, para que fosse o executor da sua ultima vontade, no caso que lhe sobrevivesse. O Provincial lhe agradeceo a fineza com razões tão discretas, e com tanta affabilidade, que competindo politicamente ambos, cada hum queria mostrar que ficava devedor ao outro.

158 Succedendo pois fallecer o dito Mestre Henrique no fim do anno de 1449, aceitou o senhor D. Frey João Manoel (co-

(como lhe promettera) o ser seu Testamenteiro. Mas porque não podia satisfazer pessoalmente a esta dependencia , deo procuração a seu criado Gonçalo Pires Boto , para que em seu nome , e do Convento , como herdeiro tomasse posse do casal , e dos bens annexos , que lhe competião. Chegando para esse effeito á villa de Cintra , os Officiaes de justiça tiverão duvida a dar a dita posse ao Convento , por falta de authoridade da Rainha , que elles deviaõ mostrar , por ser (como as outras Rainhas) senhora daquella terra. Recorreo então o illustrissimo Prelado á serenissima senhora Dona Isabel, mulher delRey D. Affonso V. assistente na Cidade de Evora , representando-lhe tudo o que se passava no presente caso , para que quizesse mandar ás suas justiças , que aos Religiosos deste Convento metessem de posse do casal com o Oratorio , e mais rendas , que lhes pertenciaõ , a fim de se executarem as disposições do Testamento , em ordem ao serviço de Deos , e de sua Mãy Santissima , que muito se lhes recomendára. Promptamente determinou a Rainha , que não tendo Gonçalo Pires Boto duvida em que os Religiosos tomassem a dita posse, os seus Juizes lha dèsssem logo sem contradicção , ou embargo : o que fez por huma carta escrita na mesma Cidade de Evora por Gil Fernandes aos 28 de Dezembro do dito anno de 1449 , cuja cópia se achará no fim do Volume.

159 Com esta ordem partiraõ para Cintra a tomar posse da herdade os Padres Frey Rodrigo Subprior , Frey Joaõ da Charneca , Frey Joaõ de Alpedrim , Frey Diogo de Beja , Frey Martinho de Evora , e tambem Gonçalo Pires Boto : este em nome do senhor Bispo Testamenteiro , e os Religiosos em nome deste Convento. E não tendo duvida alguma os Juizes , ouvido Gonçalo Pires Boto , logo o Escrivaõ Luiz Pires lhes foy dar com todas as solemnidades costumadas a dita posse, mandando ao rendeiro , e lavrador do casal (que então era hum Esteve Annes da Zibreira) que não acodisse com os frutos , e moveis do dito casal , senão ao Convento de Santa MARIA do Carmo de Lisboa : o que tudo consta de hum instrumento , feito pelo mesmo Escrivaõ Luiz Pires nas casas do Tabelliaõ Affonso Annes em Cintra , aos 20 de Janeiro de 1450 , cuja cópia se achará juntamente com a carta da Rainha entre os outros Documentos. Isto assim executado , convocou o senhor D. Frey Joaõ

Procurador do Testamenteiro.

Recurso para a posse dos bens.

Documento. VII.

Posse que se foy tomar.

Nome de hum rendeiro.

Documento VIII.

Accepção do ca-
sal para se fun-
dar Convento.

Joaõ Manoel os Padres do governo, e lhes propoz a vontade do Testador, declarada na verba do Testamento, para que com o parecer de todos se houvesse de fazer mais acertadamente o que fosse razão. Ponderadas pois as circumstancias, que occorreraõ, e achando-se, que haviaõ justificadas causas para se fundar o novo Convento, se assentou com o consentimento de todos, que se lhe dèsse principio, elegendo-se para seu Fundador Religioso tal, que naõ só cuidasse com boa intelligencia no material do edificio, mas que tambem com o exèmplo das virtudes edificasse.

§. III.

Do virtuosissimo Padre Frey Constantino Pereira, destinado para fundador. Da-se noticia do edificio, que erigio no casal da Torre.

Sobrinho do São
to Condestavel.

Suas grandes
virtudes.

*Chron. dos Cem.
Reg. p. 1. lib. 4.
cap. 12. pag. 211
n. 12.*

*Corogr. Port tom
3. lib. 2. n. 8. e.
47.*

160 **A** Sistia neste Convento de Lisboa o famoso Padre Fr. Constantino Pereira, ornado de virtudes heroicas, e hum dos melhores talentos, que authorisavaõ a nossa veneravel Communidade. Naõ temos individual noticia dos seus progenitores: só nos consta, que foraõ illustres, e que elle era sobrinho do nosso inclito Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o qual com o seu conselho o persuadio a deixar o seculo para servir a Deos na Religiaõ de sua Mãy Santissima. Fazendo-o assim, e mostrando aquelle egregio Varaõ, que nas suas acçoens queria obrar sem delvio de seu perfeito estado, foy taõ amado do Santo Condestavel, que mais por este motivo, do que ainda pela razão do proximo parentesco, o tratava com distincão, e da sua intelligencia se valia em alguns particulares de grande importancia. Pelos admiraveis progressos da sua sempre reformada vida veyo este insigne Religioso a ser dentro, e fóra do Reyno taõ conhecido, e venerado, que os Escritores naõ só domesticos, mas tambem estranhos, em tratando d'elle, repetem excellentes elogios. O Padre D. Nicolao de Santa Maria, procurando dar a conhecer a gloria, que pelos seus filhos teve esta nossa Provincia, chegou a escrever, que bastava para a fazer respeitada, o haver recolhido a este illustre Varaõ. O Reverendo Antonio Carvalho da Costa, diz que era Va-

Varão de admiraveis virrudes. O Licenciado Jorge Cardoso fallando da sua justificada vida, affirma, que toda ella fora humma continua oração, e meditação. Outros graves Authores distinguindo algumas das suas virtudes sublimes, vem todos a concordar, que fora hum dos Carmelitas Portuguezes mais dignos de interminavel memoria.

*Agol. Lusit. tom 2.
1. p. 135. e 142.
L. D.*

161 A este pois tão benemerito, como proporcionado Ministro para aquelle emprego, elegeo o senhor D. Frey João Manoel, (como Superior que era da Provincia) para que por serviço de Deos, e utilidade da Religião, fosse habitar no casal da Torre, onde daria principio á desejada fundação; porque não só elle, mas todos os Padres do governo julgavaõ, que só o seu ardente zelo era capaz de erigir aquella fabrica sagrada com a brevidade, que se pertendia. O servo de Deos, que em nada tinha vontade propria, obedeceo á do Prelado com perceptíveis demonstraçoens de extraordinaria alegria. Esta se fundava não só no gosto de lhe acharem prestimo para servir a Provincia (ao mesmo tempo que sua humildade lhe persuadia ser dos seus filhos o mais inutil) mas tambem na consideração, de que retirado dos estrondos da Corte, poderia melhor entregar-se á vida contemplativa, e solitaria dentro do Ermo, onde lhe seguravaõ, que se incluia o dito casal, para cujo socego o dirigiaõ as propensoens do seu genio. Sempre as deo a conhecer pelo pafmoso recolhimento, com que vivia dentro dos Claustros, onde habitava, de tal modo abstrahido da communicação com os parentes, e até do trato familiar com os Religiosos, que com estes só nos actos da Comunidade se avistava; e com aquelles apenas fallava, quando assim o pedia alguma acção de caridade. Todo o tempo queria occupar com Deos por meyo de hum mental, e nunca interrupta Oração.

*Eleição que dele
se fez.*

*Conformidade
do seu genio.*

162 Entre os muitos discipulos, que este servo de Deos ajuntou na escola dos seus santos exercicios, hum dos mais aproveitados foy o exemplarissimo Padre Frey João de Santa ANNA, do qual fallaremos a seu tempo, como de fogeito memoravel, não só pelas virtudes, que exercitou, mas tambem pelos honorificos lugares que servio. Porém agora he preciso referirmos, que sendo este ainda de pouca idade, posto que muito adiantado na observancia Regular, foy destinado para companheiro do insigne Padre seu director. Ambos se puzeraõ lo-

*Companheiro
que levou.*

O P. Fr. João
de S. ANNA
se retira.

go a caminho para o sitio, onde haviaõ de levantar o padraõ do novo Convento, e alli em quanto se lhe deitaraõ as primeiras linhas, e se preveniraõ os materiaes, hum, e outro se entregou totalmente á vida contemplativa, renovando naquella solidaõ a Eremitica observancia dos primitivos habitantes do Sacro Carmelo. O Padre Frey João de Santa ANNA, precisado de occasiaõ urgente, se recolheo a este Convento de Lisboa. Ficou o Padre Frey Constantino Pereira dando principio á óbra com tanto desvêlo, que parecia estar sempre ajudado de muitos superintendentes; porque o seu augmento não se julgava ser por concurso, de quem estava destituido até do seu socio. Conseguiu com effeito fabricar alli hum Igreja com seu campanario, e alguns commodos para os Religiosos, que com elle houvessem de assistir; óbra, ainda que regular, sem a grandeza, e sumptuosidade, que lhe pedia o animo, porque foy primeiro conveniente experimentar a capacidade do territorio, para depois se estabelecer a conservação dos Conventuaes.

Prudencia na primeira fundação

163 Veyo pois o tempo a mostrarlhe, que era inutil todo o trabalho applicado á execuçaõ do edificio, assim pela esterilidade da terra, só propria de paõ, e de gados, como pela falta de visinhos, que se podessem aproveitar das doutrinas dos Religiosos. Alguma diligencia fez por vencer as difficuldades, que se lhe propunhaõ na producçaõ do arvoredos, necessario para refrigerio dos ditos Conventuaes na quadra do Estio, por ser intoleravel a calma, que reverbera da impressaõ do sol sobre as muitas arêas do sitio; o qual por ser totalmente desabrigado, nelle reinaõ com irreparavel furia os ventos, que são nocivos á saude. Grande era o desgosto do Fundador, vendo a desproporçaõ do lugar para a permanencia do Convento, ao mesmo tempo, que na serra de Cintra fronteira divisava entre as suas notaveis asperezas muitos assentos frondosos, que com suavissima amenidade convidavaõ os animos, e dispunhaõ os espiritos para se empregarem socegradamente na contemplação de Deos. Neste assumpto discorria com alguns devotos, que attrahidos da boa fama da sua justificada vida, concorriaõ das povoaçoens menos distantes a ouvir os seus saudaveis conselhos, e a se encommendarem nas suas oraçoens; crendo piamente, que o Senhor as ouvia para lhes conceder

Desejos de melhorar de sitio.

ceder beneficios. E como se fosse este o meyo, que o mesmo Senhor havia prevenido para se pôr em execução o desejo do seu servo, da qui se seguiu hum tão ditoso fim, que se dá a conhecer effeito especial de huma altissima, e talvez já esperada providencia.

§. IV.

Donovo sitio, que na Boca da Mata foy doado ao Fundador. Da se noticia da primeira Ermida, que alli erigio dedicada á Senhora Santa ANNA, onde habitou até acabar a vida.

164 **E**Ntre os mais affectivos devotos do nosso habito era conhecido hum Sebastião Vaz, casado com Ignez Esteves, moradores no sitio da Bem-posta, termo da dita villa de Cintra. Como amantes que eraõ da notoria virtude do Padre Frey Constantino Pereira, a quem algumas vezes visitavaõ no seu retiro, estimaraõ a occasião, que se lhes offereceo, de poderem darlhe gosto; de tal modo, que chegasse a ver satisfeito o seu louvavel intento. Possuiaõ huma sesmaria nas vertentes da mesma serra de Cintra imminente á villa de Colares, que por ordem da Infanta D. Isabel, senhora desta villa, lhes havia feito mercê Lourenço Martins seu Escudeiro: e ficava a dita sesmaria no lugar, que chamaõ a *Boca da Mata*, partindo com a quinta de Milides para a parte Oriental, e para a Occidental com a serra. E posto que naõ havia ainda alli cultura, nem outra cousa mais, do que huns pardieiros; com tudo, bem mostrava a terra ter aptidão para produzir todo o genero de frutos, e o seu ambito capacidade para hum fermoso Convento, que (á semelhança do Capital da nossa Ordem) fosse levantado na quebrada desta serra, assim como o outro no declivo do Monte Carmelo.

Devotos do P.
Frey Constantino.
no.

Sesmaria, de q
eraõ senhores.

165 Para este fim os dous casados doaraõ ao dito Padre a sesmaria do modo que a possuiaõ, com as taes casas velhas: o que entaõ executaraõ por huma Escriitura feita no dia 16 de Julho (proprio da Commemoração solemne de nossa Mãe Santissima, e Senhora do Carmo) pelo Tabellião Braz Annes no anno do Nascimento de Christo de 1457, cuja cópia da-
Tom. II. N mos

Doação, que nos
fizeraõ della.

Document
to IX.

mos a ler entre os outros Documentos. Alli se achará, que estimulados das boas obras do servo de Deos fizeraõ a tal doação, para que houvesse de usar daquella terra, como de cousa propria, para tudo o que lhe fosse conveniente, transferindo o dominio della não só á pessoa do sobredito Fr. Constantino Pereira, mas a todos os seus herdeiros, e successores, sem outra pensão mais, que a de pagarem estes aos senhorios da terra o quarto, na mesma fôrma que á sua pessoa fora concedida. Não he explicavel a consolação espiritual, que ao Veneravel Fundador resultou de ver, que o Ceo o favorecia por meyo de tão maravilhosa providencia: e tomada sem contradicção a posse daquelle terreno, deo graças ao Senhor pelo recebido beneficio; porque agora concorriaõ todas as circumstancias, para que o seu louvor houvesse de ser permanente no sagrado Edificio, que pela amenidade do sitio a todos se faria grato.

Pensão de pagar o quarto.

Applicação á nova fabrica.

O P. Frey João de S. ANNA companheiro.

166 Suspendida pois a obra regular, que paulatinamente continuava no casal da Torre, cuidou em adiantar a nova fabrica da Boca da Mata; ficando aquella primeira fundação frustrada, da qual ainda existem alguns vestigios, e se chegaõ a ver as paredes, e campanario da Igreja. E como para concluir com brevidade o seu desejo, necessitava de Companheiro, que juntamente com elle fogueitasse os hombros ao grande pezo do novo trabalho, conseguiu, que outra vez o virtuoso Padre Frey João de Santa ANNA lhe fizesse sociedade, mostrando nesta obra hum zelo igual, ao que se lhe percebia em qualquer occasião de servir a sua Communidade. Mas prevendo, que o edificio (conforme a planta, que mandaraõ delinear) gastaria tempo bastante, primeiro que podesse chegar á sua perfeição necessaria; e considerando, que era indecencia viverem, sendo Religiosos, onde não houvesse casa de Oração, para se praticarem os exercicios proprios do nosso Instituto, suppriraõ a esta falta por hum admiravel modo, que sendo casual, pareceo bem fundado.

Primeira Ermida dedicada á Senhora Santa ANNA.

167 Tomadas as medidas para o mesmo Convento, que de presente existe, quasi no meyo das terras da selmaria, entre tanto que não dava lugar a ser habitado, lavraraõ os dous Padres na parte mais baixa (onde hoje estã o muro da cerca na defcida para Colares) hum pequena Ermida com o nome de *Oratorio*, que por causa da sua especial devoção dedicaraõ á So-

be-

berana Avó de Christo a Senhora Santa ANNA. Ainda se conserva, e com effeito vimos as suas paredes com azulejos antigos, e com a porta, que para ella déra ferventia, tapada de pedra, e cal no dito muro. Desta gloriosa Matrona fizeraõ eleição para Orago do novo Convento, julgando com justa causa, que mediante a sua infallivel protecção, chegariaõ ao fim das felicidades, que lhes annunciava hum tão fausto principio. Neste decente Oratorio (ainda que pequeno; porque só era para ser frequentado interinamente) celebravaõ os taes Religiosos os Officios Divinos com tanta edificação dos Fieis, que estes não cessavaõ de applaudir o fervor do espirito daquelles venerandos Ministros de JESUS Christo. Ao Padre Frey Constantino Pereira, como mais antigo, e bem experimentado na pratica da sciencia Moral, concorriaõ os moradores do districto a consultar, como a Oraculo, os particulares de mayor ponderação: e o achavaõ tão prompto para os aconselhar amigavelmente nas duvidas graves, que cediaõ em beneficio temporal; como incansavel para os ouvir, e absolver com utilidade de suas almas no Sacramento da Penitencia.

168 Continuou este exemplarissimo Varaõ em fazer a Deos notaveis serviços naquella nova casa, onde com o titulo de Vigario perseverou quasi seis annos, que se contaraõ até o de 1463. Em todo esse tempo não dispensou comsigo no rigor da vida, que exercitara, depois de adquirir o meritorio habito de estar apartado das creaturas, conversando sempre com Deos no Ermo. Mas nem por isso se esquecia do beneficio necessario para aquelle nunca cultivado terreno, destinado para Cerca do novo Convento; mandando romper os matos, plantar arvores frutiferas, e dispor tudo o que ficava dentro dos seus limites, em tal fórma, que podessem os Religiosos encontrar tambem alli para os sentidos alguma recreação. Nas obras do Convento não podia entaõ cuidar por falta de meynos; porque dependiaõ de consideraveis despezas. E como não havia quem para ellas concorresse, senaõ a Provincia, e esta por se achar muito no seu principio, não tinha fundo capaz de fazer esse dinheiro prompto; em quanto o prevenia, executava o zeloso Vigario aquellas cousas, que se podiaõ remediar sem tanto gasto. Assim se conservou: até que achando-se solitario, em occasião, que o devoto Padre Frey Joaõ de Santa ANNA esta-

Exercícios Re-
gulares.

Como alli vivia
o Fundador.

Morte do Vene-
ravel Frey Con-
stantino Pereira

va detido em Lisboa, e os outros subditos casualmente distantes; quiz o Senhor darlhe o premio dos seus grandes merecimentos. Então o chamou para si, mediante huma suave morte, que todos julgaraõ ser preciosa nos seus Divinos ólhos.

Mez, e anno em
que fallece.

Jorg. Card. tom.
1. pag. 122. o
142. L. D.

Mem. Hist. tom.
2. pag. 338

Mostra-se o en-
gano que houve
neste particular.

Infra. num. 171
& seq.

169 Aconteceo o seu transito no dia 14 de Fevereiro do dito anno de 1463: e certamente se equivocou o Escriitor do Agiologio Lusitano, quando pondo a este servo de Deos entre os fogeitos de notoria santidade, disse, que fallecera a 14 de Janeiro; assim como tambem se enganou em affirmar que fora no anno de 1490. Bem advertimos, que o Padre Mestre Frey Manoel de Sá (pelo que achou no livro dos Obitos, onde o assento da morte do dito Padre se elcreveo sem a necessaria averiguação) seguiu o mesmo parecer. Porém nenhum destes Authores vio os firmes, e indubitaveis monumentos, que declaraõ a verdade. Esta evidentemente se prova com os instrumentos passados em publica fôrma da posse, que os Religiosos deste Convento de Lisboa foraõ tomar (por morte do mesmo illustre Varaõ) de quanto lhe pertencia em Colares. Ostaes instrumentos vaõ copiados nos lugares, que abaixo citaremos, e logo no primeiro se vé, que foy passado no dia 19 de Fevereiro do dito anno de 1463. Nomeando pois ao Padre Frey Constantino Pereira, diz: *Que se hora finara da vida deste Mundo,* e mais abaixo repete: *que se veyo em este mez a finir;* donde claramente se convence, que o dito Padre fallecera aos 14 de Fevereiro do anno de 1463: de sorte que os quatro dias, que medeaõ entre o de 14, que foy o do transito, e o de 19, em que se requereo a posse, era o tempo necessario para chegar a noticia ao Carmo de Lisboa, e poderem os Religiosos executar em Colares aquella diligencia, com as circumstancias, que agora distintamente se declaraõ.

CAPITULO II.

Do que aconteeo , quando por falta do Fundador os Religiosos quizerão continuar na posse do Sagrado Edificio , que elle deixara. Declaraõ-se algumas particulares mercês , que ao nosso Convento fizeraõ os senhores da villa de Colares, e os Provinciaes desta Provincia.

170

DEpois da morte do virtuoso Padre Frey Constantino Pereira, geralmente chorada pela grande caridade, com que a todos tratava na vida, succedeo que Lourenço Martins (no qual acima fallamos) Juiz dos direitos da villa de Colares, de que era senhora (como já dissemos) a Infanta Dona Isabel, obrou da maneira seguinte. Meteo-se de posse da dita sesmaria, e a entregou juntamente com a Ermida, e tudo o mais, que alli fizera o servo de Deos, a hum Alvaro Mendes de Abreu, escudeiro do Arcebispo de Lisboa, para que a gozasse como sua, em quanto a dita Infanta não julgava a quem verdadeiramente pertencia. O seu fim era segurar o quarto daquelles frutos, que tocava á dita senhora; porque com essa condição se havia dado ao primeiro possuidor Sebastião Vaz. Mas sabendo-se neste Convento do Carmo a duvida, que ao administrador das terras da Infanta se offerecia á cerca de serem os Religiosos, os que deviaõ continuar na posse do lugar, e dos seus edificios, acodiraõ os Prelados a evitar todo o prejuizo, que á Religião se podia seguir. Para esse fim nomearaõ por successor daquelle virtuoso Padre, feito Vigario da nova casa, ao Padre Frey Pedro de Chellas, fogueito capaz de se fiar delle o emprego, e todas as diligencias, que concorriaõ para a sua conservação.

171 Mandaraõ este exemplar Religioso em companhia do Subprior do mesmo Convento de Lisboa, chamado Frey Antonio, á villa de Colares, para que mostrando o direito, que a Religião tinha para se restituir á sua antiga posse, a tomassem judicialmente. Chegando os ditos Padres, e achando as cousas no estado, que temos dito, requereraõ ao Juiz dos direitos Lourenço Martins; que a elles, como a legitimos successores, e her-

Instrução que
houve na nossa
sesmaria;

supr. num. 164.

Novo Vigario.

Requerimento
para a posse da
quelle sesmaria.

Resposta do Juiz
aos direitos

Documen-
to X.

Recurso á In-
fanta Dona Isa-
bel.

Documen-
to XI.

Resposta, e man-
dado da dita In-
fanta

e herdeiros do Padre Frey Constantino Pereira, fizesse entregar quanto por sua morte se lhe havia achado, porque em nome da Religião o vinhaõ receber; mandando a Alvaro Mendes de Abreu, que despejasse a sesmaria, que por nenhum titulo a podia possuir. Ao dito requerimento respondeo o Juiz, que o nomeado escudeiro tinha em si a administração daquella terra, como em deposito, até que a Infanta sua senhora determinasse, quem a devia occupar; porque a elle só tocava informar, o que sabia nesta materia, mas não resolver a duvida, que dera occasião áquelle procedimento; o que tudo se passou por certidão de 19 de Fevereiro de 1463, na qual acima fallamos, que trasladada em publica forma, a transcrevemos no fim deste Volume.

172 Em tal caso recorreo a Religião á Infanta Dona Isabel, mostrandolhe com clareza a sua indubitavel justiça, para que lhe deferisse, e podesse com ordem sua cobrar, o que de outro modo se lhe negava; sendo a sesmaria, segundo constava dos Documentos, que lhe apresentaraõ, herança propria, que livremente lhe pertencia. O despacho, ou resolução da Infanta consta de hum publico instrumento, que tambem vay copiado entre as outras provas, feito em Colares pelo Tabelliaõ Braz Anes no primeiro de Março do mesmo anno. O que aconteceu foy, que tornaraõ os ditos Padres áquella villa: e Fr. Antonio, Subprior do Carmo de Lisboa, apresentou ao tal Juiz hum Alvará da Infanta, que poucos dias antes lhe dera, assinado pelo seu Contador Estevão Rodrigues, no qual lhe fazia saber, que por parte da Religião do Carmo lhe fora mostrada huma certidão, pela qual constava o impedimento, que o novo Vigario da Casa, e Oratorio de Santa ANNA achara para viver nelle com a mesma posse, que antes tivera o Padre Frey Constantino Pereira; sendo certo (como ella vira) que a doação do Bemfeitor Sebastiaõ Vaz havia sido não só a favor do dito Frey Constantino Pereira, mas de todos os seus herdeiros, e successores, que eraõ os filhos da sua Religião: e que ouvida a resposta delle dito Lourenço Martins, na qual attestava, que com effeito dera a sesmaria ao nomeado Sebastiaõ Vaz, tinhaõ os Religiosos, por esse titulo, justa razão para possuirem aquella terra, e seus edificios: e por tanto ella lhe mandava, que tomasse primeiro posse do dito lugar, e do mais, que a este per-

ten-

tenceffe, e obrigando-se os taes Religiosos alhe pagarem a ella o quarto dos frutos, assim como faziaõ os possuidores das outras herdades do seu Reguengo, os metesse logo de posse da sesmaria, e seus edificios, na fôrma, que lhe requeriaõ.

173 O Administrador Lourenço Martins, sem repugnancia, ou embargo, executou inteiramente tudo o que lhe foy mandado; ficando a Religiaõ desde aquelle tempo até o presente na posse pacifica deste sitio. Depois se ampliou, e cresceo mais o ambito do terreno; porque a Infanta Dona Brites, mãy (como já dissemos) do Serenissimo Rey D. Manoel, sendo lenhora da villa de Colares, nos fez a seguinte mercê. Mandou a Fernão Gonçalves, seu Escudeiro, e Almoхарife, que ao Padre Frey João Namorado, Vigario da casa de Santa ANNA, dêsse huma porção de terra, que o mesmo Prelado lhe pedira, acima da Bocca da Mata, para que elle, como senhor, a podesse lavrar, e della dispor na fôrma, que lhe parecesse, como de cousa propria. Assim o executou pontualmente o Almoхарife, metendo-o de posse da nova sesmaria com as infinitas circumstancias: o que tudo consta de hum Instrumento feito em Colares por Heytor Rodrigues, Escrivão do Almoхарifado desta villa, aos 13 de Setembto de 1498, o qual Instrumento se guarda no Archivo daquelle Convento, lançado no livro do seu Tombo.

174 A mesma Infanta por supplica do dito Vigario (a quem muito estimava por causa das suas virtudes, e letras) havia já livrado ao Convento de pagar o quarto das novidades da primeira sesmaria, com a qual condicão (conforme acima dissemos) se concedera aos successores do virtuoso Padre Frey Constantino Pereira: graça, que tambem se estendia aos possuidores futuros. Tudo consta de huma carta da mesma senhora, que vay copiada entre os outros Documentos, por ella assinada, e escrita em Beja por Sylvestre Nunes aos 27 de Fevereiro de 1497. Nella se faz menção de hum Alvará de sua irmã a Infanta Dona Isabel, pelo qual havia já absolvido aos Religiosos de pagarem a mesma pensão: e a senhora Dona Brites mandou por esta carta, que dalli em diante, elles, e os seus successores gozassem o mesmo privilegio. Seu filho o Serenissimo Rey D. Manoel não só teve por boas, e confirmou todas as datas de terras, que lhe constara haver concedido sua mãy, e Tia

Entraõ os Religiosos na posse.

Nova sesmaria por mandado da Infanta Dona Brites.

Documento XII.

A mesma Infanta nos livrou de pagar o quarto.

Documento XIII.

Mercé del Rey
D. Manoel.

Documen-
to. XVI.

Quanto obrou
sendo Vigario
o P. Frey João
Namorado.

Requerimento á
cerca da renda
applicada ao no-
vo Convento.

Largá-se-lhe o ca-
sal da Torre.

e Tia; mas juntamente em huma carta, que assinou, nos concedeo outro favor. Vem a ser: que poderia o Convento de Santa ANNA de Colares, e os Religiosos delle ter, e possuir, e desfrutar para sempre quaesquer bens, que lhes fossem dados, ou deixados até a valia de trinta mil reis, ainda que estivessem no Reguengo pertencente á Coroa. Foy esta carta feita em Almeirim por Antonio Affonso aos 10 de Mayo do anno de 1519, e vay copiada entre os Documentos.

175 Sendo pois eleito Vigario para este novo Convento o dito Padre Frey João Namorado, então começaraõ as suas obras a ter conhecido augmento; porque concorria para ellas não só com as propensoens do genio, mas com o respeito, que adquirio na Provincia, bastante a conseguir dos Prelados os necessarios subsidios. Antes do seu governo os Religiosos assistiaõ nos commodos, que juntos á Ermida da senhora Santa ANNA o Fundador Frey Constantino Pereira fizera; posto que era hum pequeno edificio, ainda nesse tempo intitulado *Oratorio*. Nem a este se havia applicado renda, que lhe servisse de patrimonio; porque o casal da Torre, visto que nelle senão fabricara o novo Convento, ficava pertencendo ao Carmo de Lisboa. Mas considerando-se que sempre esta herdade seria bem applicada, largando-se ao tal Oratorio para subsistencia dos Religiosos, que nelle viviaõ; sendo assim que o dito novo Convento se erigio para supprir ao que o Mestre Henrique rogara, que se fundasse no seu casal; assentiraõ os Prelados ás representações, que sobre esta concessão lhes fazia o Vigario eleito. Empenhava-se tambem para o mesmo fim o virtuoso Padre Fr. João de Santa ANNA, que como amante do primeiro Fundador, de quem fora companheiro, e igualmente zeloso da Religião, cuidava nos meos precisos, para que o ideado edificio tivesse permanencia. Era então Provincial o Padre Mestre Fr. João Dias, o qual com beneplacito do Prior, Subprior, e Religiosos graves deste Convento, fizeraõ ao de Colares doação do dito casal. E porque na Patente, que passaraõ, se exprimem algumas condições, que devemos declarar; parecendo-nos não menos conveniente mostrar, que tambem o Vigario eleito assinou; daremos a ler o mesmo Instrumento, o qual fielmente copiado com toda a antiguidade dos seus termos, he do theor seguinte.

176 „ **F**rey Joaõ Dias Provincial que hora som dos
 „ frades da Ordem da Virgem MARIA do
 „ Carmo em estes Reynos de Portugal com o Prior, e Padres,
 „ e Frades do Convento de Lisboa, considerando nós o grande
 „ desfalcamento, e mingua de Mosteiros em esta Provincia, e
 „ querendo acrescentar alguns Mosteiros, e Oratorios, have-
 „ mos por bem em serviço de Deos, ser ajudado por este Con-
 „ vento de Lisboa hum novo Oratorio, que he em Colares;
 „ porque o dito Oratorio se nom pôde governar, senaõ com
 „ ajuda deste Convento de Lisboa: e como assim seja, que ho
 „ Oratorio he feito a serviço de Deos, e augmentamento da
 „ dita Provincia, temos por bem, e ordenamos de lhe appro-
 „ priar hum casal, que o dito Convento de Lisboa tem, e ha no
 „ termo de Cintra, para se governarem os frades, que no di-
 „ to Oratorio estiverem; o qual dito casal logo de feito lhe
 „ apropriamos: e os ditos frades, que no dito Oratorio esti-
 „ verem, seraõ obrigados a cantarem as Missas por alma do
 „ Mestre Anrique, cuja alma Deos haja, o qual deixou o dito
 „ casal ao dito Convento de Lisboa: e desencarregamos nos-
 „ sas consciencias, e pomos em as suas. E por esta maneira ho-
 „ avemos por outorgado, e conjunto ao dito Oratorio para sem-
 „ pre, con ho carrego das ditas Missas, e com tanto que estem
 „ frades no dito Oratorio, e nom frade: e com esta condiçom o
 „ deixa de si o dito Convento de Lisboa ao dito Oratorio; porque
 „ assim nos parece ser serviço de Deos, e prol desta Provincia.
 „ Feita aos 16 dias do mez de Julho de 1487. Frey Joaõ Dias
 „ Provincial. Fr. Joaõ de Santa Maria Prior do Carmo. Subprior
 „ Frey Joaõ Namorado, &c.

177 Com este grande soccorro, e por meyo da viva in-
 telligencia do novo Vigario, teve feliz principio a obra do mes-
 mo Convento, que de presente existe, cujos alicerces se abriraõ
 em lugar mais eminente a respeito do sitio da Ermida. Mas ain-
 da que na mayor necessidade de bom zelador da dita obra faltou
 aquelle memoravel Prelado; com tudo para que o sagrado Edi-
 ficio naõ se atrazasse, supprio com a sua assistencia pessoal o no-
 meado Padre Fr. Joaõ de Santa ANNA. A este exemplar Reli-
 gioso instituio perpetuo Administrador da mesma obra o nosso
 Reverendissimo Padre Geral Frey Pedro Terrasse no anno de
 1503, que foy o primeiro do seu Generalato. Desde entaõ se

Tom. II.

O

em-

PATENTE
do P. Mestre
Provincial
Fr. Joaõ Dias.

Condição de ce-
lebrarem as Mi-
ssas.

Da-se principio
à obra do novo
Convento.

Administrador
dos seus bens.

Supr. num. 182.

Santa ANNA
Orago da nova
Igreja.

empregou aquelle bom Religioso na conclusão do edificio em tal fórma, que o seu zelo ministrava assumpto para as mais raras admiraçoens. Dedicando a Igreja do novo Convento ao mesmo Soberano Orago da primeira Ermida, empregou a sua mayor devoção na Senhora S. ANNA, em cujo ineffavel nome muito se gloriava. Já nesse tempo havia crecido o numero dos Conventuaes, necessarios para a celebração das Missas, com que ficaraõ pensionados, e tambem para os ministerios dos Officios Divinos, que para merecerem a benevolencia dos moradores daquelle distrito, os faziaõ (sendo elles poucos) com muita perfeição.

Remuneração
da Santa ao seu
devoto.

178 Aconteceo pois, que a Soberana Mãe da Mãe de Deos, como pontualissima em remunerar beneficios, querendo corresponder ao que este seu devoto lhe continuava na elegante fabrica, que para seu permanente culto erigia, o exaltou no anno de 1708; fazendo maravilhosamente, que por meyo não ordinarios (como em seu lugar havemos de referir) fahisse eleito Provincial desta Provincia, com geral aceitação, até dos que pelas suas graduacoens, e pela ventagem dos annos, poderiaõ julgar, que para gozarem semelhante dignidade estavaõ primeiro. Nesta occupação não se descuidou de pertender os augmentos da nova casa desta sua inclyta Advogada, porque entãõ adquirio várias esmolas de pessoas pias, que em seu obsequio concorreraõ para aquelle Convento. Como no seu tempo todas as Religioens Mendicantes costumavaõ pedir esmolas pelas povoacoens circumvisinhas, elle mandou, que este Convento de Lisboa não continuasse em receber as que lhe davaõ os Fiéis das duas villas de Cascaes, e Cintra, para que dellas se podesse utilizar o Convento de Colares. E para demonstração do fervoroso desejo, com que solicitava os seus interesses, querendo, que no tempo futuro não occorresse duvida, ou embargo, que houvesse de embaraçar, ou desfazer a doação, que dos rendimentos do casal da Torre lhe fora concedida, cuidou em deixalla de tal modo corroborada, que nunca fosse falivel.

Aplicação de
esmolas.

Nova doação do
casal da Torre.

179 Para esse effeito na mesma occasião de Capitulo, com o consentimento, não só do Gremio, mas de todos os Conventuaes de Lisboa, fez nova doação do mesmo casal ao dito Convento de Colares, declarando por firme, e valiosa a primeira; e juntamente pedindo a necessaria confirmação do Reverendissimo

fimo Padre Geral, ou de Sua Santidade. Para que a todo tempo constasse este acordo, e para se requerer com elle aos Superiores, o mandou lançar em huma declaratoria, e rogatoria Patente, que affinou com os seus Definidores, e tambem com os Conventuaes deste dito Convento de Lisboa, cujas Rubricas não se pôdem perceber, e só lemos distintamente a firma do Provincial. Ainda no Original se conserva inteiro o selo, de que então usava a Provincia: e posto que entre os mais Documentos damos a ler hum transumpto no idioma Latino, no qual a dita Patente foy passada, sempre aqui a transcreveremos traduzida na Lingua materna; porque as suas clausulas, e condiçoens muito authorisaõ a nossa Historia.

Documento XV.

180 „ **F** Rey Joaõ de Santa ANNA humilde Prior
 „ Provincial da Ordem da Beatissima, e sem-
 „ pre Virgem MARIA do Monte do Carmo da Provincia de
 „ Portugal, juntamente com os Veneraveis Definidores do pre-
 „ sente Capitulo Provincial, celebrado no Convento de Lisboa
 „ da dita Provincia de Portugal no dia 28 do mez de Mayo do
 „ anno de 1508. Nós com authoridade, e consentimento de to-
 „ dos os honrados Padres, e Irmãos do dito Convento de Lis-
 „ boa, nemine discrepante, considerando no serviço, que faze-
 „ mos a Deos, na honra, e augmento da nossa sagrada Religião,
 „ e principalmente desta Provincia de Portugal, havemos por
 „ segura, constante, e firme in perpetuum rei memoriam, a doa-
 „ ção, e traslação, que se fez dos redditos da herdade, ou ca-
 „ sal (e não de outra cousa) do Mestre Henrique, para se re-
 „ formar o Convento de Santa ANNA novamente edificado,
 „ e para sustento dos Frades, que nelle existem; os quaes ren-
 „ dimentos estão no termo da villa chamada vulgarmente Cin-
 „ tra, e o Convento está junto á villa de Colares. E além disto
 „ lhe concedemos as esmolas das duas villas, que ficam na visin-
 „ hança do mesmo Convento de S. ANNA, chamadas Cintra,
 „ e Cascaes, com todos os seus termos; com esta condição, que
 „ os taes frades existentes no dito Convento de S. ANNA, fi-
 „ quem obrigados a celebrar em cada hum anno trinta e cinco
 „ Missas rezadas de *Requiem* pela alma do dito Mestre Henri-
 „ que, e dos seus Bemfeitores: no que todos nós os sobreditos
 „ Padres convindo uniformemente, mandamos fazer o presente
 Tom. II. O 2 „ testimu-

PATENTE
do P. Pro-
vincial Frey
Joaõ de San-
ta ANNA.

Obrigaçõ de
certo numero de
Missas.

„testimunho, ou Instrumento, que com as proprias mãos assiná-
 „mos, e mandámos sellar com o sello da Provincia; suppli-
 „cando a Sua Santidade, e tambem ao nosso Reverendissimo
 „Padre Geral, e aos Reverendos Padres Vogaes do nosso
 „Capitulo Geral, que se dignem confirmar esta nossa Paten-
 „te, e tudo na mesma fôrma, que nella se contém, e muito
 „melhor, se for possivel, o que com os joelhos em terra espe-
 „ramos. Dada neste Convento de Lisboa aos 15 do mez de
 „Junho, anno do Senhor de 1508. Frey João de Santa ANNA
 „Provincial.

C A P I T U L O III.

*Da confirmação das doações, que este Convento de Lisboa fez
 ao de Colares; e da dispensa, que da Santa Sé Apostolica al-
 cançou a nossa Provincia para a mudança deste Convento.
 Da-se noticia do sitio, em que se acha agora fundado.*

Representação
 do Provincial ao
 Reverendissimo
 Geral.

181

Quanto foy at-
 tendida..

Documen-
 to XIV.

O Veneravel Provincial considerando, que
 a elle, como Administrador das rendas do
 novo Convento, competia solicitarlhes o
 estabelecimento; e valendo-se desta boa occasião, tomou á sua
 conta representar ao Reverendissimo Padre Geral (juntamen-
 te com as doações feitas do casal da Torre áquelle Conven-
 to) algumas miudezas, que lhe parecerão convenientes. Fez-
 lhe presente o numero dos alqueires de paõ, que nesse tempo
 rendia o dito casal, com diminuição consideravel a respeito do
 que actualmente o Convento recebe, por estarem então mui-
 tas das suas terras occupadas com gados, e agora cheyas de
 feras: de sorte, que o dito Geral comprazendo-se muito no
 zelo daquelle bom Procurador, e estimando o procedimento
 da Provincia em Ordem a mais se dilatar com a erecção de no-
 vos Conventos, tudo fez na mesma fôrma, que lhe foy sup-
 plicado. Confirmou, e de novo fez as ditas doações por hu-
 ma Patente, que enviou ao mesmo Provincial, sellada com o
 sello antigo da Ordem, que se conserva no Original. Deste ti-
 ramos huma cópia no idioma Latino, em que foy escrito, que
 damos a ler entre os outros Documentos, e aqui o transcreve-
 re-

remos na lingua vulgar, para que aos Leitores se fação manifestas todas as suas clausulas.

182 „ **F**rey Pedro, Mestre Geral, e humilde servo
 „ de toda a lagrada Ordem dos frades, e freiras da Gloriosissima Virgem MARIA do monte do Carmo.
 „ Ao nosso muito amado em Christo o Reverendo Provincial da Provincia de Portugal Frey João de Santa ANNA, Sacerdote professo da mesma Ordem, saude, e aproveitamento dos jucundos frutos dos trabalhos. Como quer que vos tenhamos feito perpetuo administrador do lugar dedicado a Santa ANNA, da nossa Ordem do Convento de Lisboa, de commum consentimento do Provincial, do Definitorio, e de todos, e cada hum dos Conventuaes do mesmo Convento, querendo aumentar o dito lugar, movido de caridade fraternal lhe deo, e assinou para seu patrimonio, certas medidas de trigo, que em termos proprios se chamaõ *alqueires*, com a assignação dos rendimentos dos limites, que na Patente passada pelo Provincial, e Definidores, se declaraõ; Nós pela authoridade do nosso Generalato, mediante estas presentes letras, approvamos, confirmamos, ratificamos, e de novo concedemos ao dito lugar o mesmo, que lhe foy doado, só com este preceito, e condição, que os frades assistentes no mesmo lugar de Santa ANNA seraõ obrigados a celebrar em cada hum anno as trinta e cinco Missas de *Requiem aeternam*, &c. que o Mestre Henrique deixou pela sua alma, e dos seus Bemfeitores; mandando a todos, e a cada hum dos nossos inferiores de qualquer preeminencia, grão, e condição que seja, assim em commum, como em particular, que nas sobreditas cousas contheudas nestas letras, vos não ponhaõ, nem ao dito lugar impedimento algum: em fé do que mandamos passar as ditas presentes letras, selladas com o nosso sello grande manual, e por nós assinada. Dada em Roma no Convento de São Martinho in Montibus, aos 25 de Julho do anno do Senhor 1509. Terrasse.

PATENTE do Reverendissimo Padre Geral.

Pensaõ com que ficaõ das Missas

183 Como o governo deste Provincial (conforme diremos em seu lugar) foy muito dilatado; em todo o tempo que teve de Prelado sempre ajudou ao novo Convento, não só com as esmolas, que lhe podia applicar, mas com o beneficio da

Concurso do Provincial para as obras

da sua assistencia pessoal. Deixava quem supprisse as obrigaçoens do seu cargo neste Convento de Lisboa, e passava ao de Colares a continuar cuidadosamente na administração das obras. Neste exercicio se occupou com tanto gosto, que concluido o seu governo, se retirou de todo para aquelle Ermo, onde em serviço de sua gloriosa Advogada, amparado da sua sombra, como se no edificio, que lhe erigia, destinasse tambem para si o sepulchro, acabou a vida deixando os exemplos, que haõ de constar, quando d'elle fizermos a merecida memoria.

Escrupulos, e
cuidados, que se
excitaraõ.

184 Depois da sua morte, entraraõ os Padres do governo da Provincia em grandes duvidas á cerca da mudança do Convento para a villa de Colares, onde se achava já fundado, largando-se o sitio do casal da Torre, que para esse effeito, e com esse encargo nos deixou o Mestre Henrique. Desde entaõ começaraõ a lembrar-se, que por este modo naõ estava satisfeita a obrigação, nem verdadeiramente cumprida a vontade do Bemfeitor. E posto que nisto, sem controversia, assentavaõ até os menos escurpulosos, com tudo naõ se acabava de ajustar o meyo de ficar o Convento de Lisboa livre do tal encargo; porque he certo, que muitos annos desfrutara aquelle casal (que consta andar entaõ arrendado em cinco moyos de paõ) e fazia pezo nas consciencias dos que podiaõ emendar esse descuido, ver que este Convento, como senhor daquellas rendas, cobrava huma, e dera ao novo Convento de Colares outras, sem encher as condigoens do Testamento. Neste caso eraõ as razoens, que occurriaõ para o escurpulo, tantas, quantos, para se lhe acodir com o remedio, os pareceres.

Veja-se o num.
supra 182.

Intelligencia de
huns.

185 Diziaõ huns, que sempre seria conveniente acabar-se a primeira Capella, que no casal principiara a edificar o Mestre Henrique; porque o seu intento fora, que alli, e naõ em outra parte, se fundasse hum Convento, em que a Mãe de Deos fosse dos seus filhos servida, conforme constava por palavras expressas na licença, que ElRey D. Duarte lhe dera, na qual se lê esta clausula: *Que elle fizera hum Oratorio, e queria d'elle fazer Mosteiro em honra de Santa MARIA, ao qual queria em sua vida, ou depois de sua morte deixar, e dotar a dita herdade, &c.* Em tal caso entendiaõ, que era mayor a utilidade do que a perda da Religiaõ; porque supposto estar já em bons termos a nova Casa consagrada á Senhora Santa ANNA, era cer-

Docum 6. sup. n.
156.

Tomo II. Parte II.

III

to, que fazendo-se esta outra dedicada (como pedia o Testador) a nossa Mãe, e Senhora do Carmo, se multiplicariaõ na Provincia os Conventos. Acrescentavaõ, que os Termos das villas de Cintra, onde estava o casal, e o de Colares, onde o novo Convento se erigia, eraõ distintos, e que visto não se poder supprir com este ao outro, que se mandara lavrar naquelle differente Termo; ainda que a provincia ficasse com algum empenho, cuidasse em se aproveitar da occasião de polluir mais huma casa, posto que agora fosse pequena; porque com o tempo, e com a devoção dos Fiéis, poderia ser ampliada, ou (como succedeo á de Santa ANNA) novamente erigida com grandeza.

186 Outros com melhor accordo reflectiaõ, que a esterilidade do lugar, e pobreza da terra (depois de huma tão larga experiencia, qual fizera o virtuoso Padre Frey Constantino Pereira) dera occasião á mudança do dito Convento: e depois que hum Varaõ de tanto espirito não podera conservar-se naquella aspereza, como seria facil, que outro, talvez de menos esperanças, houvesse de vencer por meyo naturaes, o que só dependia de huma milagrosa providencia. Achavaõ, além disto, que já na casa de Santa ANNA os Conventuaes satisfaziaõ em parte as condiçoens do Testamento; porque celebravaõ as Missas, que o Mestre Henrique deixara para se dizerem annualmente. O que supposto, dispensada a ultima vontade do Bemfeitor, por quem na Igreja gozava de authoridade para o fazer (em ordem á circumstancia de ficar o Convento neste, ou naquelle lugar) cessaria todo o escrupulo. Não convinhaõ no projecto, de que a Provincia, sendo destituida de opulencia, houvesse de se applicar á fabrica de dous Conventos, ao mesmo tempo, que se lhe difficultava o chegar com hum á sua ultima perfeição.

187 Durou esta indifferença, em quanto não houve Prelado com resolução, que usasse daquelle meyo: até que celebrando-se em Moura Capitulo no anno de 1542, permittio o Senhor, que sahisse eleito Provincial hum dos mais beneméritos filhos desta Provincia. Este foy o Padre Frey Diogo de Colares, que não só pelo amor da Patria, da qual recebeo o cognome, mas pelo affectivo genio, que tinha de concluir as cousas em tempo habil, querendo pôr de parte esta dependencia, e acabar totalmente o Convento de Santa ANNA, obrou da

Parecer de outros,

Resolução, que se tomou nesta materia,

Recurso a Sua
Santidade

Documen-
to XVII.

B R E V E
para a vali-
dade da mu-
dança do Cõ-
vento.

da maneira seguinte. Propoz ao mesmo Gremio, que o elegera, a gravidade da presente materia: e parecendo a todos conveniente a resolução de se recorrer á Santa Sé Apostolica, succedeo, que o dito Gremio com o conselho do novo Provincial, achando-se ainda em acto Capitular, escreveu ao Summo Pontifice Paulo III. supplicando-lhe aquella dispensa com hum exacta informação de tudo, o que na realidade havia passado, e acontecia de presente. Ouvio Sua Santidade a proposta: e querendo satisfazer aos desejos dos supplicantes, deo cõmissão *viva vocis oraculo* ao Cardeal Antonio do titulo dos Santos Quatro Coroados, seu Penitenciario, e principal Ministro do seu governo, para que ao Provincial, e mais Padres do Gremio respondesse, concedendo-lhes em seu nome a graça, que pretendiaõ. Assim o executou o Cardeal Commissario por hum Breve, que copiado do seu original Latino, vay transcripto entre os outros Documentos: e o daremos tambem aqui a ler traduzido pelo theor seguinte.

188 „ Antonio pela misericordia Divina Presby-
„ tero Cardeal do titulo dos Santos Quatro
„ Coroados. Aos amados em Christo Prior Provincial, e a to-
„ dos os Gremiaes do Capitulo Provincial proximamente con-
„ gregado no Convento de Moura da Ordem da Bemaventu-
„ rada Mãe de Deos, a Virgem MARIA do Monte do Car-
„ mo da Provincia de Portugal, saude no Senhor. Por vós nos
„ foy apresentada hum supplica, na qual se continha. Que hum
„ homem nobre chamado Henrique, no tempo passado havia
„ disposto edificar hum Convento da dita vossa Ordem no termo
„ da villa de Cintra, que está na Diocese de Lisboa, e com
„ effeito principiou a levantar nesse lugar hum Igreja, que não
„ pôde acabar, nem lhe chegou a pôr o tecto por causa da sua
„ morte; mas consignoulhe para seu patrimonio hum herda-
„ de, e algumas terras com pomares no circuito da mesma Igre-
„ ja: e sendo que ha mais de cem annos, que o tal edificio te-
„ ve principio, nunca nelle se bolio mais; antes dentro das pa-
„ redes, que haviaõ de servir para a Igreja, está hum curral de
„ gado, sem que já mais nesse lugar se chegasse a celebrar os
„ Officios Divinos; e que o Convento de Lisboa da mesma
„ Ordem, metendo-se de posse do casal, e dos redditos, que
„ foraõ

„forão dados em dote á dita Igreja, os recebera desde a morte
 „do dito Henrique ; e occorrendovos agora, que não havieis
 „satisfeito a vontade do tal defunto, determinasteis satisfazer
 „esta obrigação, querendo fabricar alli huma casa Regular da
 „vossa Ordem. Ma porque na distancia de huma só legua do
 „mesmo casal tendes junto á villa de Colares, que he da mes-
 „ma Diocese, huma habitação de Religiosos feita desde o
 „mesmo tempo, intitulada de Santa ANNA, com a qual os
 „moradores da villa, e de todos aquelles contornos tem gran-
 „de devoção ; e alli se achão já acabadas muitas officinas, de
 „sorte que com facilidade se porá na sua ultima perfeição hum
 „Convento Regular ; e além de que ficando dous Conventos
 „da mesma Ordem tão visinhos em terras, onde as esmolas são
 „tenues, não se poderão commodamente sustentar ; e vos pa-
 „rece, que se deve continuar o Convento, que se acha adian-
 „tado, por estar em lugar mais proprio ; pelas quaes razoes
 „desejais, que a outra Igreja, que o dito Henrique deixou des-
 „coberta, e imperfeita, para alli se fundar Convento, como
 „era sua vontade, com applicação dos rendimentos da herda-
 „de, e bens, que lhe dotara ; fique supprida, e a sua vontade
 „satisfeita com o novo Convento de Santa ANNA, a quem ha-
 „ja de pertencer o patrimonio, que pertencia, ou poderia per-
 „tencer ao outro, que ainda se havia de fazer naquelle lugar ;
 „transferido para esta Casa de Santa ANNA todo o direito, do-
 „minio, e posse do outro, posto que se não faça, por se haver
 „por transferido para este tudo o que poderia pertencer ao do
 „outro lugar no caso que se fizesse ; e para isso vos he necessa-
 „ria licença da Sé Apostolica, a quem recorreis, supplican-
 „do com humildade, que misericordiosamente vos dê oppor-
 „tuno remedio. Por tanto Nós attentos ás vossas supplicas,
 „com authoridade do Papa Nosso Senhor, de quem temos a
 „primeira administração do governo ; e tambem por seu espe-
 „cial mandado, que delle para este effeito recebemos *viva vocis*
 „oraculo, pelo theor destas presentes letras vos concedemos,
 „que em lugar do dito Convento, que segundo a vontade do
 „defunto Henrique, se havia de fabricar na Igreja, que deixou
 „descuberta, possais edificar, onde tendes a habitação dos Re-
 „ligiosos com o titulo de Santa ANNA, Convento Regu-
 „lar da vossa Ordem com sua decente, e proporcionada Igre-

Concessão
Apostolica.

„ ja; e que para esta, e para o dito Convento, aqui edificado
 „ com o titulo de Santa ANNA, se transfira a obrigação, que ti-
 „ nheis de edificar o Convento na Igreja, que actualmente está
 „ deixada; vindo a pertencer a esta Igreja, e Convento de
 „ Santa ANNA todos os bens, direitos, e possessões, que á
 „ outra pertenciaõ, e poderiaõ pertencer. E dahi em diante
 „ vos havemos por livres, e isentos do encargo de fabricar o
 „ outro Convento, naõ obstante as Constituiçoens, e Orde-
 „ naçoens Apostolicas, e os Estatutos, e costumes, assim Pro-
 „ vinciaes, como Synodales da dita Ordem, posto que sejam
 „ firmados com juramento, e corroborados com alguma con-
 „ firmação Apostolica, naõ obstante tudo o mais que se offerecer
 „ em contrario; prevenindo com tudo, que aquella Igreja se-
 „ ja bem paramentada, e que nella se celebrem em cada hum
 „ anno algumas Missas pela alma do dito Henrique. Dado em
 „ Roma na Casa de São Pedro sob nosso sello do officio da Peni-
 „ tenciaria aos 29 do mez de Novembro no anno oitavo do
 „ Pontificado do Papa Paulo III. nosso Senhor, &c.

Conclusão das
 obras do Con-
 vento.

Descreve-se o si-
 tio, em que está
 fundado.

Nossa senhora
 de Milides

Parte da serra

189 Desta maneira ficaraõ os animos dos Religiosos so-
 cegados, e se concluireaõ as obras daquelle devoto Santuario
 na fôrma, que actualmente existe em hum sitio, ainda que de-
 sertto, taõ ameno, e delicioso, que nos parece conveniente dar
 succinta noticia delle aos Leitores. Acha-se o Convento fun-
 dado em hum sufficiente plano, que ao subir-se da villa de Co-
 lares para a parte do Meyo dia pela serra de Cintra, fica fron-
 teiro ao Norte, e eminente ao lugar de Milides, celebre pela
 antiquissima Ermida da Mãe de Deos com o titulo de Senhora
 de Milides, cuja milagrosa imagem infunde respeito, e a vimos
 com interior consolação. Affirmaõ os Naturaes, que esta fora
 a primeira Parochia da villa, erigida com menos grandeza nos
 primeiros annos, em que era huma pequena povoação. Ficando
 pois o Convento no mais proporcionado lugar, que para elle
 se descobrio; a serra pelo mesmo rumo se vay elevando a huma
 taõ consideravel altura, que fica superior a todos os sublimes
 montes daquelle dilatada circumferencia. Apparece por alli orna-
 da de muitas arvores silvestres com gratas verduras, por causa
 da abundancia das aguas, que se despenhaõ, regando muitas
 produçoens totalmente incultas; porque o inacessivel do terre-
 no, e a demasia dos seus amontoados penedos naõ admittem
 bene-

beneficio. Por falta deste se conserva nos seus matos quantidade de caça, cuja montaria se defende, e com boas cautelas se guarda para divertimento dos Principes.

190 Em huma gruta, que fica a hum lado, onde a terra, que cahe do alto, tem formado hum dilatado valle, corre em torno a celebre mata chamada das *Avelans*; taõ densamente copada, que se não distingue porção de terreno, o qual não se veja ornado de aprafivel ferosura. Colhem-se estes frutos livremente, e com abundancia: livremente, porque El Rey, que tem nelles o dominio, os não prohibe; com abundancia, pela boa qualidade do sitio, que sendo para outros frutos pouco liberal, só daquelles he em todos os annos fecundissimo.

191 Para o Noroeste vay a serra declinando até se igualar com o valle junto ao Oceano: e dalli pela parte Occidental da marinha torna a subir, até que fórma o alto promontorio da Roca, que aos mareantes serve de firme demarcação para buscarem a barra de Lisboa. Mas deixada essa parte, e fallando na que á vista do Convento fica para o Sul, he toda cultivada com rendosos pomares, e curiosas Quintas, cujas casas em proporcionada distancia de humas a outras no labyrintho de frondosos arvoredos constituem hum delectavel paiz. Para o Norte em toda a dilatada esfera, a que se pôdem estender os olhos, se distingue hum consideravel numero de lugares, muitas casas de prazer com a exterior composição de vinhas, e pomares. Na planicie, que fica inferior á villa, se divisa a deliciosa varzea, em que acima fallamos: e depois della, empregando-se a vista mais ao largo, apparece huma incomprehensivel porção do mar Oceano, por onde continuamente passaõ os navios, que frequentaõ o rumo do Norte. Tambem se distinguem as embarcaçoens ligeiras dos pescadores, que quotidianamente andaõ payrando no mesmo mar; causando aos sentidos de quem as observa, taõ certa recreação, que podem prevalecer as tristezas, e acabaõ de se extinguir os mais importunos cuidados.

192 He alli frequente o despenho das fontes, suavissima a melodia das aves, e o Estio he taõ moderado, que diminuindo o rigor desta ardente quadra, em toda a sua duração se experimentaõ os suaves effeitos da Primavera. O mimo dos frutos convida o gosto, a pureza das aguas ajuda a nutrição, e a temperança dos ares infunde saude: de sorte, que todas aquellas

Mata das avelans.

Cabo da Roca.

Rumo do Sul

Banda do Norte

Vista da varzea, e do Oceano.

Regalos do estio

delicias juntas (sem haver perigo de perturbação popular, por causa da solidão do sitio) fazem que o verdadeiro Religioso levante o pensamento ao Ceo, e o conserve unido continuamente com Deos. E concluidas por este modo as noticias previas, com que aos Leitores deviamos prevenir, observada a formalidade da nossa Historia, escreveremos agora tudo o que pertence ao material, e tambem ao formal do mesmo Convento, chamando para este lugar, quanto delle até o tempo presente se póde referir; porque além do exame, que sobre os seus particulares fizemos por meyo de muitas diligencias pessoas, occorre a estimabilissima circumstancia de ser a gloriosa Santa ANNA Orago desta casa, para que em seu obsequio não fique parte, que deixemos de participar a todos.

C A P I T U L O IV.

Do edificio do Convento com toda a fabrica material, que lhe pertence.

§. I.

Da Igreja, e suas Capellas.

193

DAndo principio á descripção deste Edificio pela sua parte mais nobre, que he a Igreja, tem (como as mais famosas do Mundo) o portico principal para o Occidente, pelo qual se entra por hum adro de bom artificio. He Igreja fermosa, e de huma só nave. Do portico até a ultima parede da Capella mór, onde assenta o retabolo, tem cento e vinte cinco palmos: porém o corpo da Igreja até o arco exterior da mesma Capella, tem de comprimento oitenta e quatro palmos, trinta e tres de largo, e quarenta e oito de alto, contando-se até á fimalha, em que pega a abobada, que he repartida em paineis. A dita Capella mór pela parte interior tem de comprimento quarenta e hum palmos, vinte e quatro de largo, e trinta e seis de alto até a fimalha da abobada, que he primorosamente obrada de estuque, e bem guardada de ouro. O Altar he magestoso, e assenta sobre hum largo presbyterio, para o qual se sobe por tres degrãos de pedra

Para onde fica o
Portico.

Medidas de toda
a Igreja, e Ca-
pella Mór.

Altar, e seu or-
natu.

la-

lavrada. O seu ornato he precioso; e consta (álem dos curiosos ramos de excellentes flores artificiaes, que o enfeitão) de muitas peças de prata bem lavrada, que o enriquecem.

194 O retabolo he de talha moderna, cuberto de ouro, e matizes. Foy da Capella da Senhora Santa ANNA deste nosso Convento de Lisboa, que depois de reformada, se largou, e veyo a servir á mesma Santa nesta sua Igreja. Em hum magnifico throno dentro da Tribuna, que fica em meyo do retabolo, estaõ collocadas tres sagradas imagens de estatura natural feitas no ultimo primor: huma de nossa Mãe Santissima do Carmo com o Menino JESUS no braço, e com a mão direita offerecendo aos Fiéis o portentoso Escapulario da Ordem: da parte direita a da gloriosa Santa ANNA, a quem depois da Mãe de Deos, como a Orago da casa, se deo o lugar mais digno: da outra parte a do seu inclyto Esposo o Senhor São JOAQUIM; ambas correspondentes na escultura, e iguaes na perfeição. No mesmo lugar ha sufficiente commodo para se expor á adoração dos Fiéis o Santissimo Sacramento. Entre as columnas dos lados descansão em peanhas sacadas as fermosas Estatuas dos nossos Patriarcas; a de Santo Elias da parte do Evangelho, e a de Santo Eliseo da parte da Epistola. Na boca da Tribuna estaõ collocadas duas perfeitas Imagens das inclytas Virgens Carmelitanas, ambas insignes Meistras das doutrinas de Christo, Santa Theresa de JESUS, e Santa Maria Magdalena de Pazzi.

195 Na mesma Capella se fez hum espaçoso Coro com boas cadeiras de bordo, cujos espaldares encostaõ nas paredes dos lados. Estas estaõ almofadadas de excellentes pedras de várias cores, sobre as quaes correm no alto primorosas pinturas em distintos paineis de Santos da Ordem. Para os dias festivos tem a mesma Capella armação de damasco carmezim com galoens de ouro fino, proprio daquelle lugar, obra utilissima, que sem gravar a Comunidade fez, sendo Prior, o Padre Fr. Luiz do Rosario; o qual por causa do grande zelo, que mostra ter nos bens deste Convento, para augmento d'elle, foy segunda vez eleito Prior no Capitulo proximo. No dito Coro, ou neste seu lugar, desde a fundação da Igreja, em que se contaõ com pouca differença trezentos annos, sempre os Religiosos fizeram as suas funcões solemnes: e pelo que respeita ao Santo exercicio da Oração mental, alli o praticaraõ sem perturbaçoes do

Retabolo da Capella.

Imagens do Throno.

Coro baxo.

Cortinado.

espiç

espírito aquelles Veneraveis Padres, que na vida conservaraõ opiniaõ de santidade, e depois da morte adquiriraõ fama de milagrosos.

Padroeiro da
Capella Mór.

Escritura do
contrato.

196 No anno de 1612 sendo Prior o Padre Frey Antonio Bautista, e Provincial desta Provincia o insigne Padre Presentado Frey Braz Tostado, conseguiu o Padroado desta Capella para si, e seus illustres herdeiros o Doutor Diniz de Mello, e Castro, que depois foy Bispo de Leiria, de Viseo, e da Guarda, e Regedor das justiças do Reyno. Determinando pois que este fosse o lugar do seu enterro, declarou, que tambem nelle seria depositado o corpo de Braz Correa: o que tudo consta de huma Escritura de contrato, feita aos 23 de Agosto do dito anno, em Lisboa dentro da Cella do nomeado Provincial, pelo Tabelliaõ Simaõ Antunes, entre partes o nomeado Doutor Diniz de Mello, e Castro, e o dito Prior, naõ só como Prelado, mas tambem como Procurador, que mostrou ser da sua Communidade; cujas cópias se acharaõ no Cartorio do mesmo Convento, e na Torre do Tombo. Em virtude do dominio, que desde entaõ aquelle Cavalhero adquirio, assimelle, como todos os que por algum proximo parentesco lhe dizem relaçaõ, tem feito deposito dos seus cadaveres na dita Capella, segundo consta dos Epitafios, que se lavraraõ em distintos mausoléos, e actualmente se conservaõ em várias campas.

Sepultura do
Presbyterio.

outra sepultura.

197 No presbyterio da parte do Evangelho está em sepultura raza huma campas, onde se vé esculpido hum escudo de armas partido em palla: na parte direita seis arruellas em duas pallas: na esquerda seis besantes entre huma Cruz doble. Sobre o Escudo ha chapeo Prelaticio, e fóra delle a hum lado a insignia de Regedor, e ao outro a de Pastor Ecclesiastico com a inscripçaõ seguinte: *Sepultura de D. Diniz de Mello, e Castro, filho de Francisco de Mello de Castro, e de Dona Brites Nobre, Bispo que foy de Leiria, de Viseo, e da Guarda, do Conselho de Sua Magestade, e Regedor das justiças deste Reyno de Portugal. Faleceo aos 25 de Dezembro de 1640.* No pavimento da Capella está outra campas de sepultura raza, na qual da parte superior se esculpiraõ estas letras H. S. E. elogo se vé a seguinte inscripçaõ: *Fr. Emmanuel de Mello Francisci de Mello de Castro, & D. Beatricis Nobilis dilectus filius, Religione, virtute, ac in sua singulari pietate: Hanc sepulturam sibi soli edificavit. Ann. D. 1638.*

198 No

198 No meyo de cada huma das paredes dos lados está metido hum sumptuoso mausoléo , ambos obrados de excellentes pedras brancas, e pretas, semelhantes entre si no primor da architectura. No feixo do arco do dito mausoléo, que fica ao lado do Evangelho, se vê hum Escudo fretado de correas, repassadas humas por outras, e na face da Urna se lê o seguinte Epitafio: *Esta Capella he de Braz Correa, e nella se diz por sua alma huma Missa quotidiana com seu Responso; e para se enterrar a mandou fabricar, e ornar, e a dotou de cincoenta mil reis de renda Diniz de Mello, e Castro seu herdeiro, a quem pertence o Padroado, e a seus herdeiros; e todo o direito, que se contém no contrato, que fez com os Religiosos desta Casa, que está no seu Cartorio, e na Torre do Tombo M. P.* No feixo do arco do outro lado o Escudo he differente, porque está esquartelado. No primeiro quartel tem seis arruellas postas em duas pallas: no contrario seis besantes entre huma cruz doble: no segundo huma aguia, e no contrario hum leão; timbre a mesma aguia. Na face da Urna, depois das letras D. O. M. tem este Epitafio: *Petro de Castro Domino de Ferreira Sanguinbedo, Parada, Lofofo, Cartelpam de Freitas, Ceixel, Prefecto Arcis de Melgaço, & Castro Leboreiro, á proavis habitis, conjugi D. Beatrici de Mello, filio Francisco de Mello, ejusque uxori D. Beatrici Nobili, Nepotibus Emmanueli, & Joanni de Mello: Dionysius de Mello de Castro avo integerrimo, patri optimo, fratribus desideratissimis M. F.*

199 No meyo do pavimento da Capella ha hum nobre carneiro. Nelle foy sepultado no fim do anno de 1689. Antonio de Mello de Castro, Governador, e Vice-Rey, que foy do Estado da India. Em 7. de Abril de 1718 foy tambem alli sepultado seu filho Caetano de Mello, e Castro, Commendador de São Miguel de Azamar na Ordem de Christo, Governador, que foy de Sena, e de Pernambuco, Vice-Rey, e Capitão General do Estado da India, que governou com prudencia, e com reputação das armas Portuguezas. Pertence actualmente o dito Padroado a seu filho Antonio de Mello, e Castro, o que affirmamos por ser o que satisfaz as obrigaçoens do contrato. Não ha outra alguma sepultura dentro desta Capella, cujo pavimento fica hum palmo mais levantado a respeito do chaõ da Igreja; e do Cruzeiro se separa mediante humas grades, que

Mausoléo dos lados.

O da parte do Evangelho.

O da parte da Epistola.

Carneiro da Capella.

A quem pertence o Padroado.

Capellas do Cruzeiro.

A que foy de S. ANNA.

Indulgencias concedidas á sua Irmandade.

Primeiro Breve suspenso.

Bulla que está em seu vigor.

que occupaõ o vaõ entre as duas Cadeiras que saõ dos Prelados.

200 No Cruzeiro ha duas fermosas Capellas fundas. A da parte do Evangelho até o anno de 1706 foy consagrada á Senhora Santa ANNA, Orago (como já dissemos) do antigo, e novo Edificio. Alli desde os primeiros annos, que começou a receber obsequiosos cultos dos moradores da villa, foy esta gloriosa Matrona servida de huma florentissima Irmandade, composta de numerosas pessoas de hum, e outro sexo, com Estatutos approvados, pelos quaes sempre se governaraõ, posto que de presente se acha extinta; ou porque tem afroxado o zelo de quem a podia conservar, ou porque a opulencia dos visinhos tem diminuido com perceptivel detrimento das casas mais ricas. Já no anno de 1587 havia esta Irmandade alcançado do Papa Sixto V. hum Breve de muitas Indulgencias, que principia: *De salute Gregis Dominici*, &c. o qual ainda se guarda no Archivo daquelle Convento. Nelle pela formalidade quasi ordinaria de semelhantes graças concedia Sua Santidade aos ditos Confrades no dia do seu ingresso, (confessando-se, e commungando) Indulgencia plenaria, e remissaõ dos peccados; de sorte que tambem concedeo o mesmo espirital beneficio aos que no dia da festa daquella gloriosa Santa, e nos do Nascimento de Christo, da vinda do Espirito Santo, da Annunciaçãõ, e gloriosa Assumpçãõ da Sempre Virgem MARIA visitassem a dita Igreja; acrescentando-lhes outras Indulgencias, que para os Confrades não tinhaõ limitaçaõ de tempo. No mesmo Breve da parte exterior se achá escrita a aceitaçaõ, que d'elle fez o Arcebispo de Lisboa pelas seguintes palavras: *Manda Sua Illustrissima Senhoria, que esta Bulla se cumpra, e guarde, como em ella se contém 15 de Outubro de 1587.*

201 Mas posto que destes espirituas beneficios os Irmãos desta Confraria se utilizaraõ alguns annos, com tudo no de 1606 ficou este Breve (como todos os mais) suspenso, e as graças d'elle foraõ revogadas pela Ordem geral que publicou o Papa Paulo V. mediante a Bulla do dito anno, que principia *Romanus Pontifex*. E porque o animo do Summo Pontifice não era privar aos Fiéis dos Celestiaes soccorros, que em beneficio das almas se dispendem dos Thesouros da Igreja, mas só examinar os Indultos dos seus antecessores, para reduzir a clareza os que padeciaõ confusaõ; elle mesmo por nova Bulla passada no anno de

de 1610, que vinha a ser o sexto do seu Pontificado, a qual principia pelo mesmo theor da outra: *De salute Gregis Domini*, lhes concedeo (para gozarem perpetuamente) as mesmas, e talvez mais amplas Indulgencias, e graças. Foy este Breve dado, como em confirmação do que aos ditos Confrades havia já o Papa Sixto V. outorgado; e se guarda no Archivo do mesmo Convento de Colares. Delle entre os mais Documentos daremos a ler a cópia.

Document-
to XVIII.

202 Traslada da pois no dito anno a Santa Imagem daquelle Soberana Matrona da Capella collateral para o Altar mór, collocaraõ os Religiosos em seu lugar a Sagrada Imagem de JESUS Christo crucificado, que desde muito tempo estava exposta em huma Capella interior do Convento, edificada aonde chamaõ a Sacravia. O motivo que tiveraõ, foy a continuação dos milagres, que o Senhor fazia aos que na presença desta sua Santissima Imagem lhe supplicavaõ os necessarios beneficios. E porque naquelle quasi occulto lugar, nem todos os seus favorecidos lhe podiaõ pessoalmente corresponder com a fatisfação dos seus votos, resolveraõ-se os ditos Religiosos a fazella patente aos Fiéis na Igreja, e fóra da clausura, onde tambem as pessoas femininas lhe podessem livremente gratificar os favores; vendo, e adorando naquella Sagrada Cópia o Omnipotente Author das experimentadas maravilhas. A sua trasladação para a dita Capella (que desde entaõ se intitula do Senhor JESUS) se executou com estrondosa festa, a qual se concluiu com huma solemnissima procissão. Em huma grande Tribuna aberta na parte superior do retabolo, que he deboa talha dourada, está com a possível decencia a Santa Imagem, e para conciliar entre os seus devotos mayor respeito, só nas festas feiras, e nos dias festivos se mostra ao povo. Nos outros dias, quando occorre motivo particular, tambem se descobre; mas primeiro se acendem luzes, e os assistentes a adoraõ ajoelhados.

Capella do Se-
nhor JESUS.

Imagem milã?
grossa.

203 Com a esmola recebida de hum generoso devoto do mesmo Divino Senhor ficou esta sua Capella bem paramentada. E posto que tem outras cousas memoraveis, nada tanto a authoriza, como a Real assistencia do Santissimo Sacramento, que alli se guarda em hum precioso Tabernaculo, firmado sobre a banqueta do Altar. Daqui se reparte aos Fiéis na Sagrada Mesa Eucharistica com a decencia, e veneração devida á sua

Santissimo sa-
cramento.

A quem pertence esta Capella.

suprema Magestade. Antonio Rodrigues da Rocha, e sua mulher Leonor Coelha se constituirão senhores desta Capella; que a conleguiraõ para seu jazigo, e de seus herdeiros: o que melhor consta de hum a Escritura feita em Colares pelo Tabelião Francisco de Mariz aos 30 de Janeiro de 1614. Della estaõ actualmente de posse os herdeiros do Dezebargador dos Aggravos, Pedro de Almeida do Amaral já defunto, e alli sepultado; Cavalleiro professo da Ordem de Christo, que pela sua pessoa, e letras, foy não só conhecido, mas grandemente estimado nesta Corte.

Capella de Santa Luzia.

204 A outra capella, que lhe corresponde da parte da Epistola, he da Gloriosa Virgem, e Martyr Santa Luzia, cuja devota Imagem está collocada no meyo de hum retabolo de talha dourada: e aos lados se veneraõ differentes Reliquias de Santos, encaixilhadas em meyos corpos, e braços. Com esta milagrosa Santa tem os moradores daquelles distritos especial devoção: e além das muitas romarias que lhe fazem, sempre em cada hum anno, por indispensavel voto, lhe consagraõ hum solemne festa com Sermaõ. Em hum a pedra embutida na parede da parte do Evangelho se lê a seguinte memoria: *Capella de Brites Vaz, com Missas de obrigação conforme o contrato; a qual pagou, do- tou, e fabricou da sua terça. A mais fazenda herdou este Convento por parte do seu filho, o Padre Frey Cosme dos Santos; falleceo a 7 de Mayo de 1614. Tem actualmente a posse desta Capella Manoel Francisco Aroche.*

A quem pertence.

Corpo da Igreja

405 As paredes do Corpo da Igreja, até hum a proporcionada altura, estão primorosamente azulejadas; obra, que junta com outras (que mostrará a Historia) mandou fazer em beneficio deste Convento em tempo, que era Provincial, o Padre Mestre Fr. Philippe de Santa Theresa, Prelado, cujo zelo para o aceyo do que respeitava ao culto Divino, foy tão notorio, que em toda a Provincia deixou padroens bastantes a lhe eternizarem a estimação, e o nome. Movido do mesmo zelo, mandou continuar (até que poz na ultima perfeição) hum Coro alto, que ideou, sendo Provincial o Padre Mestre Fr. Jorge de Carvalho. Depois de acabado o dito Coro, vistas as finas pinturas que apparecem entre as suas columnas, serve de encher, e ornar sufficientemente a Igreja. Em todo o pavimento desta não ha sepultura digna de memoria. He a dita Igreja com o seu Adro sagra-

Coro alto.

sagrada pelo nosso Illustrissimo D. Fr. Christovão Moniz, Bispo Titular de Reona, e Coadjutor do Bispado de Evora, o qual celebrou esta solemne função. Ao pé da Cruz chamada da Sagração, que se arvorou no fim do Adro, ao descer do Convento para a villa, se acha esta noticia gravada com letras mayúsculas em pedra capaz de resistir á corrupção do tempo; E dizem assim: *O Bispo D. Frey Christovão Moniz, Religioso do Carmo, sagrou esta Igreja até este lugar no anno de 1528.*

Quem sagrou a Igreja

§. II.

Das partes mais principaes do Convento.

206. **E**Ntrando-se pela Portaria (que fica ao Norte) antes do portico, ha hum atrio com tres arcos de pedra da parte exterior. No interior abre a porta para huma casa espaçosa, e clara, na qual entre outras pinturas está hum retrato de estatura natural, que por constante tradição se affirmar ser a verdadeira effigies do virtuoso Padre Frey Constantino Pereira. Neste publico lugar o collocarão os Religiosos para lembrança de que fora daquelle Edificio o primeiro Fundador. Segue-se hum claustro perfeitamente quadrado, com boas columnas de pedra, que cercaõ algumas arvores de espinho. Da parte direita ha huma porta, pela qual se entra para a Sacraria, em que está a ferosa Capella, donde se trasladou para a Igreja a Soberana Imagem de JESU Christo nosso Redemptor crucificado. Porém no mesmo Altar se collocou outra não menos devota do mesmo Senhor também cravado na Cruz, que até aquelle tempo estivera em huma das Ermidas da Cerca. Debaxo do Altar se vê hum primoroso Tumulo, composto de pedras de differentes cores bem lavradas, no qual esteve depositado o corpo do nosso Veneravel Frey Estevoão da Purificação, que neste Convento (como adiante escreveremos) viveo penitente, e acabou os seus dias com opiniaõ de Santo. Na parte do Evangelho ha hum letreiro, que diz: *Esta Capella he de Antonio Trancozo Correa, e de sua mulher Maria Jácome, a qual elles fizeraõ á sua custa, e a dotaraõ de renda, e fabrica, com obrigação deste Convento lbe dizer todas as semanas huma Missa das Chagas, e huma cantada pelos Santos para sempre, Era de 1612.*

Casa da Portaria

Primeiro Claustro.

Sacraria, e sua Capella.

Supra n. 202.

Onde foy sepultado o Veneravel P. Frey Estevoão.

Sancristia, e seu
ornato.

Torre, e seus fi-
nos.

Segundo Clauf-
tro.

Cella que foy do
Veneravel P. Fr.
Esteuaõ.

207 Fronteira a esta Capella corre a Sancristia, que he hum grande casa quadrada, e muito clara, por ter hum fermosissima janella aberta para o Poente. Todas as suas paredes se achão cubertas de paineis, e singulares laminas, que lhe servem de permanente adorno. Os caixoens são bem obrados, e tudo o que nelles se guarda para ornato da Igreja, e ministerio dos Altares, he perfeito. Os paramentos são ricos, e as peças de prata se reformáraõ; fundindo-se algumas das antigas, para que os Vasos Sagrados se houvessem de lavar pelo estylo moderno. Defronte da porta desta casa começa a levantar-se a Torre, que he quadrada, e de altura competente á Igreja. Fecha a parte superior com abobada, sobre a qual assenta hum remate piramidal, tendo tambem sobre os quatro angulos piramides com igual figura feitas de pedra. Tem dous finos (bastantes para os finaes necessarios) de excellentes vozes. São os mesmos da fundação do Convento, que durando seculos, até aqui se conservaõ inteiros: e o mayor, que he de bastante grandeza, succedendo cahir da Torre em occasiaõ que o dobravaõ, se cravou na terra, que tem dureza de saibro, e por hum modo, que pareceo mais que ordinario, ficou sem defeito. Tem conhecida virtude contra as tempestades, de sorte, que cedendo estas ao ecco das suas vozes, he na estimacão dos moradores circumvisinhos contra o furor dos rayos poderoso defensivo.

208 Por detraz da casa da Sancristia, e pelo mesmo pavimento, se vay para o segundo Claustro, que em comparaçãõ do primeiro he mayor, mais alegre, e mais regular. Tem columnas de pedra bem lavradas entre distintos arcos, sobre cada hum dos quaes ha hum janella rasgada: e como por este modo vem a ser muitas em numero, formaõ nos quatro lãgos das varandas fermosa galeria. Nesta descoberta quadra entre os arcos se lavrou hum jardim, em que se plantaõ muitas flores sobre curiosos alegretes. No meyo ha hum chafariz, pelo qual com algum artificio corre a agua, que se participa de hum dos tanques da cerca. No lãgo do Poente ha várias cellas cubertas de abobada, em que se accomodaõ os Religiosos Conventuaes. Em hum, em que assistio até acabar a vida o Veneravel Padre Frey Esteuaõ da Purificaçãõ, se lavrou em memoria do mesmo servo de Deos, hum decente Capella, dedicada á Purissima Virgem MARIA Mãe de Deos com o titulo da Conceiçãõ

ceição, obra que pouco depois da morte deste santo Religioso mandou fazer, sendo segunda vez Prior deste Convento. o illustre Padre Frey Sancho de Faro, de quem havemos de falar a seu tempo: e dispoz, que o Altar se fabricasse das taboas da barra, em que o Veneravel Padre recostava o corpo, quando enfraquecido das penitencias lhe permittia algum breve descanso.

209 Porém no anno de 1700, sendo Provincial desta Provincia o Padre Mestre Frey João Baptista Roffino, a enriqueceo na fórma, que actualmente existe; ornando-a de tantas, e tão exquisitas preciosidades, que he hum dos mais estimaveis Santuarios de todos aquelles contornos. No retabolo, que he de custosa talha dourada, preside a Santa Imagem da Mãe de Deos, feita de vulto, e digna de se empregar nella as atenções pelo primor da escultura. Ha outras imagens pequenas de vários Santos: e entre muitas peças ricas, que enchem o Altar, he sobre todas preciosa huma lamina pintada em Roma, do nosso Redemptor, caminhando com a Cruz ás costas para o Calvario; cousa tão rara, que os mais peritos Artifices se admirão de ver a singularidade do debuxo, e a subtileza do pincel; de sorte que as acções alli representadas tem hum tal espirito, que sendo desanimadas, parecem de pessoas vivas.

210 Muito ennobrecem o interior desta Capella dous fermosos Santuarios de grandes, e autenticadas Reliquias, bem ordenadas por differentes nichos, humas em braços, outras em meyos corpos, que representam os seus proprios Santos. As paredes dos lados estão cubertas de excellentes laminas, as mais dellas originaes dos melhores Mestres, que tem produzido Roma: e sem haver porção das mesmas paredes, que não esteja revestida, ou com estas laminas, ou com talha dourada, tambem o tecto se vê custosamente pintado. Aqui costumão os Religiosos celebrar Missa, para o que se fizeram os ornamentos necessarios, e foraõ á Soberana Mãe de Deos offerecidos pelo mesmo Padre Mestre, tão amante deste Convento, como daõ a conhecer os finaes, que deixou da sua affectiva inclinação. Nas festividades mayores da mesma Senhora, a Missa he solemnemente cantada: e nos sabbados de todo o anno concorre a Comunidade a cantar de noite com summa devoção em seu louvor a Ladainha, e muitas Commemorações. He naquella Convento o mais

Depois de feita
Capella, quem
a enriqueceo.

Seus Santuários;
e mais adornos.

Exercícios, que
alli se fazem.

o mais accomodado retiro, que os Religiosos tem para a frequencia da sua Oração; porque alli a fazem occulta, sem que sejaõ, ou perturbados, ou applaudidos.

Livraria, quem
a ampliou.

Casa do Capitulo.

Para alli se trasladaraõ as reliquias do Veneravel P. Fr. Eftevaõ.

Refeitório.

Dormitorio alto.

211 A ultima cella deste lanço serve de livraria, composta de muitos volumes, de Predica, e de Moral, dos quaes o dito Padre Mestre Frey Joaõ Baptista Rosino por Breves Apostolicos, e licenças, que tirou do nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Joaõ Feixó de Villa-lobos, lhe fez doação. No outro lanço, que he o do Sul, está no mesmo Claustro o Capitulo, onde os Conventuaes se ajuntão a ouvir as suas culpas reprehendidas pelo Prelado; servindolhes juntamente esta casa de Cemiterio para enterro de seus corpos. Na parede do Nascente encosta hum Altar com capacidade para se celebrar nelle Missa. Em huma das sepulturas do pavimento está aberto em pedra raza o seguinte letreiro: *Aqui jaz o Veneravel Padre Frey Eftevaõ da Purificação, Varaõ insigne em virtude.* Para este lugar se trasladaraõ as Reliquias deste servo de Deos (como depois diremos) por se evitar o culto, que os favorecidos da sua protecção lhe davaõ, antes que para esse effeito a Sé Apostolica houvesse concedido a necessaria permissaõ: que posto naõ reprovava, nem impede o dar-se aos Fieis, que acabaõ a vida com opiniaõ de Santos aquella respeitosa veneração, que cabe nos termos da piedade humana; he certo, que antes de lhes qualificar as virtudes, lhes prohibe o culto publico.

212 No mesmo lanço está a entrada para a casa do Refeitório, que he proporcionada para a grandeza do Convento. Até as meyas paredes se vê ornado de fino azulejo moderno, e a casa he notavelmente alegre por causa das duas grandes janelas, que tem abertas para o Poente. Seguem-se outras officinas inferiores, que correm pelo mesmo pavimento, com a providencia de lhe entrar na cosinha por hum resisto toda a agua necessaria para os seus ministerios. Junto ao Refeitório está a porta, que dá servintia para a Cerca. Mas fallando primeiro no Dormitorio alto, para elle se sóbe por huma larga, e suave escada de pedra, que fica defronte da Sacravia. No lanço do Poente correm as cellas, em que se accomoda a mayor parte da Comunidade, sendo a primeira a Prioral, actualmente renovada por huma idéa propria de Corte. No lanço Meridional está a casa chamada de fogo. No contrario, que he o Setentrional

nal está o Noviciado, onde sempre se educarão muitos, e insignes Varoens, que florecerão nesta Provincia, dandolhe famoso lustre com as letras, interminavel credito com as dignidades, e com a observancia das virtudes gloria immortal.

Noviciado

§. I.

Da Cerca, e da abundancia da agua, que a rega.

Cerca, e seu pomar.

213 Descendo-se para a Cerca pela porta, que (como acima dissemos) fica junto ao Refeitório, antes que se entre nella, ha hum largo passeyo na distancia de todo o Dormitorio do Poente, o qual passeyo vay acabar na porta chamada do carro. No meyo do muro, que neste sitio fica da parte do Poente, está hum grande porta, pela qual se entra para hum notavel pomar fechado sobre si, cheyo de arvores, assim de espinho, como dos melhores frutos, de que o Paiz he abundante. Daqui recolhe o Convento sufficiente subsidio para o seu gasto; porque reservados os frutos, que (conforme o tempo) são precisos para a Communidade, e vendidos os mais, dão para outras despezas. Para regar este copioso numero de arvores entra o Convento na repartição da agua, que vem da serra com diferentes applicaçoes entre os moradores da villa. Utiliza-se desta agua o Convento dous dias em cada semana, que são as segundas, e terças feiras; singular mercê, que nos fez El Rey D. João III. por hum carta por elle assinada, e escrita em Almeirim por Pedro da Costa aos 14 do mez de Dezembro de 1556. Até o presente sempre esta mercê teve observancia, e os Religiosos estão na antiquissima posse de tão estimavel beneficio, sem o qual sentirião os seus pomares notorio detrimento.

Agua de repartição.

Documento. XIX.

214 Corre este pomar pelo declivo da serra para a parte da villa, a contestar com a mata de Milides, vindo a acabar, aonde nos primeiros annos da fundação esteve (como acima dissemos) a primeira Ermida dedicada á Senhora Santa ANNA. Mas deixado este pomar, e principiando a subir pelo restante da Cerca da parte Meridional, se vê logo o tanque, onde a dita agua, que vem da serra, se recolhe para se encaminhar por entre as arvores. Na vizinhança do mesmo tanque corre a perenne fonte de agua nativa, da qual em todo anno, sem nunca faltar, bebem

Supra num. 167.

Tanque inferior

Tanque donde se bebe.

bebem os Religiosos. Esta agua he purissima, e por essa razao muito saudavel. Della fez especial conceito ElRey D. Joao V. nosso senhor, que Deos guarde, na occasiao, em que por nos fazer honra, visitando aquelle Convento, a bebo; e executadas por ordem sua algumas curiosas diligencias, se assentou, que era das melhores entre as de boa qualidade. Tem virtude especial contra as enfermidades de pedra, bem provada com a certeza de nao haver memoria, que algum dos Conventuaes houvesse ja mais padecido algum acometimento de tao pezado achaque.

Ermida de Santo Alberto.

Tanque novo.

Sua figura.

Motivo para o haver.

215 Pouco distante da fonte ha huma pequena Ermida, que foy dedicada ao nosso glorioso Santo Alberto Drepanense: e por esta parte se encontrao muitas arvores de boa sombra, onde os Religiosos, depois de satisfeitas as obrigaçoens da Comunidade, vao buscar algum alivio, para melhor continuarem os seus quotidianos exercicios. Voltando-se para o Nascente, e subindo-se ao sitio mais alto, que para a parte da serra comprehendem os muros da Cerca, chega-se ao fermosissimo tanque novo, que proximamente mandou alli fabricar, sendo Provincial, o Padre Mestre Frey Filippe de Santa Theresia com despezas da Provincia, mas com generosidade propria do seu animo. Nao se fez a custa do Convento, ou porque este nao ficasse gravado com os empenhos, que o tal Prelado desejava evitar, ou por querer talvez deixar para abono dos seus zelosos cuidados no beneficio dos Conventos mais essa prova. He este tanque de tao consideravel grandeza, que cabem no seu vao mais de novecentas pipas de agua. Porém sendo pela grandeza memoravel, ainda se faz mais plausivel pelo primor da sua elegante figura. Em torno do lago ha distancia bastante para passeio, sobre pavimento lageado, com assentos tambem de pedra fixos em paredes, que se levantarao da banda do Setentriao, Nascente, e meyo dia. Todas sao guarnecidas com quartelas, e se erigiraao tao altas, para que no tanque, até na mayor forza da calma, se ache sombra. A agua corre precipitadamente para o lago pela boca de hum grande Delfim feito de marmore; sendo esta obra em tudo tao magestosa, que comparado o tanque com os mais famosos daquelles distritos, compete na grandeza com os mayores, e nos primores do artificio nenhum o excede.

216 O motivo, que occorre para se lavar este novo tanque, foy o seguinte. Andavao os Prelados daquelle Convento

nota-

notavelmente desejosos de terem mais agua, com que podessem regar a Cerca; porque a da repartição, que lhes fora concedida nos dous dias da semana, não bastava a satisfazer toda a necessidade das arvores. E reflectindo, que pela serra abaixo desde a vizinhança do Convento dos Religiosos Capuchos da Reforma de S. Pedro de Alcantara, situado naquella eminencia, até algumas terras nossas, que ficão em pouca distancia dos muros da mesma Cerca, corria agua em abundancia, que elles poderiam aproveitar; se dispuzeraõ a pedilla a ElRey D. Filippe III. que nesse tempo cingia a Coroa Portugueza. Com effeito lhe representaraõ as despezas, que inutilmente haviaõ feito para descobrirem agua, ao mesmo tempo, que pelas vertentes da serra, onde propriamente chamaõ o *Vimal do Duque*, havia aquella agua perdida, da qual até alli, nem Sua Magestade, nem pessoa alguma particular se aproveitava; e que visto não resultar damno algum á sua fazenda, lhe supplicavaõ a mercê de se poderem elles utilizar da dita agua, que á sua custa meteriaõ dentro da Cerca do Convento. Acabava de ser naquelle tempo terceira vez Provincial o Padre Mestre Frey Antonio do Espírito Santo, foyejo grandemente respeitado na Corte; e concluia tambem o seu Priorado no Convento de Santa ANNA o Padre Frey Paulo da Sylva, que neste particular trabalhou muito, respeitando só o beneficio da Communidade para o futuro, e não a phantastica gloria, que lhe poderia resultar de o conseguir no seu tempo.

217 ElRey, ouvida a boa informação, que pela nossa parte deo o Juiz de Fóra da villa de Cintra, foy servido concedernos aquella mercê por hum Alvará, que assinou, e mandou que valesse como Carta sem passar pela Chancelaria, dispensando para este effeito as Ordenações em contrario. Foy o dito Alvará feito em Lisboa por Luiz de Lemos a 7 de Outubro de 1605. Vay copiado entre os otros Documentos, e nelle se acharaõ expressadas todas as circumstancias, que no dito recurso occorreraõ. Quando se chegou a conseguir o intento, estava já eleito para o Convento de Santa ANNA novo Prior. Este foy o Padre Frey Cosme dos Santos, acima nomeado, Tambem o Provincial era outro, a saber, o insigne Padre Doutor Frey Manoel Tavares, que doze dias antes foy eleito no Capitulo, que em 24 de Setembro do mesmo anno celebraraõ os nossos

Suplica para se nos dar agua da serra.

Prelados que governaraõ,

Mercê delRey D. Filippe III.

Documento XX.

Prelados daquelle tempo,

130 *Chronica dos Carmelitas*

fos Padres no Convento da Vidigueira : porém a recebida mercê foy universalmente applaudida; porque o beneficio era commum, e já esperado de todos.

Posse que os Religiosos tomaraõ

Que Religiosos foraõ.

Documento XXI.

Quando se fez o tanque.

118 Recolhido o novo Prior ao Convento, apresentou o Alvará del Rey ao Juiz ordinario da villa de Colares, em cujo termo estava o sitio do Vimal do Duque, para que judicialmente lhe dêsse a posse, que pertendia tomar da agua, que se lhe concedera. Era naquelle tempo Juiz Jorge Damiaõ, e Tabelliaõ do publico, e judicial, Antonio Velho da Fonseca. Acompanha-dos estes das necessarias testemunhas, acharaõ-se no Vimal com o Prior, e com os dous authorisados Padres Frey Estevaõ da Purificação, e Fr. Jorge Carrasco; este que foy Mestre de justiça eleito no anno de 1617. Prior do Carmo de Lisboa, de cujos merecimentos faremos em lugar proprio a devida memoria; e aquelle, que com o titulo de Veneravel ministrará aos presentes escritos hum dilatado assumpto. Na presença pois das testemunhas tomaraõ os ditos Padres com as ceremonias em Direito costumadas a posse que pertendiaõ, da qual passou o dito Tabelliaõ hum Instrumento feito no mesmo Vimal aos 13 de Dezembro do mesmo anno de 1605, o qual vay tambem copiado no fim do Volume.

219 Mas ainda que com tanta felicidade nos foy logo concedida aquella mercê; com tudo passaraõ-se mais de cem annos, sem que o Convento tivesse meyo de poder introduzir na Cerca aquella abundancia de agua, em que já tinha dominio. A razão era; porque bem consideradas as despezas, que em óbra tão importante se haviaõ de fazer, não acabavaõ os Prelados de se dispoem para a sua execuçaõ: até que cobrada no anno de 1740 certa quantia de dinnheiro, que para o mesmo fim fora applicado, logo se meteo maõ á óbra: e precedendo os judiciaes exames, que para se encanar a agua foraõ necessários, chegou-se a finalizar o intento no anno de 1743. O principal Mestre de toda a óbra foy hum nosso Irmão Leigo chamado Frey Joseph dos Santos, que antes de receber o habito, havia sido no seculo insigne Pedreiro: o qual depois de concluida esta óbra, que lhe fora encarregada, achando-se Conventual na Vidigueira, acabou a vida temporal em Outubro de 1746. Mas ainda que se conseguiu o introduzir-se a agua do Vimal dentro da Cerca, occorria a urgente necessidade de hum tanque

que capaz de receber toda a agua, que se devia aproveitar. Do dinheiro applicado para a obra não sobrou cousa alguma; porque as despezas depois de feitas, se acharaõ mayores do que antes pareciaõ, quando eraõ só consideradas.

220 Neste caso acodio com admiravel providencia (na fôrma, que já expuzemos) o Padre Mestre Frey Philippe de Santa Theresã, a quem de algum modo se fica devendo o poder aquella Cerca daqui em diante ajudar muito ao patrimonio do Convento; porque supposto estar o tanque (por direcção sua) em lugar, donde as aguas se distribuem para toda a terra, que cercaõ os nossos muros, nenhuma porção della se deixará sem cultura. Não ha em toda a Cerca cousa digna de memoria, senão a Ermida, que no mesmo alto se encoستا ao muro da estrada, que pela boca da Mata se encaminha para o lugar do Penedo. Desta Ermida se tirou para a Capella da Sacraria a Sagrada Imagem (em que já fallámos) de JESU Christo crucificado, por ser de estatura mayor, do que pedia a pequenez da Ermida. E como esta nem sempre se achava assistida dos Religiosos de espirito, que continuamente (como em rigoroso deserto) a podessem frequentar; assentou-se com acerto, que trasladada a Santa Imagem para hum Altar competente à sua grandeza, lhe ficasse substituindo outra manual, que o Eremita podesse consigo levar, e trazer nas occasioens do seu retiro. Forãõ estas Ermidas edificadas; logo que naquelle sitio se estabeleceraõ os nossos primeiros solitarios, tão extremosamente ob-servantes da vida contemplativa, que este reformado Convento no seu tempo, não só pela particularidade de estar edificado em hum tão delicioso, e aprazivel monte, mas por serem os seus habitantes semelhantes aos primitivos da Palestina, em tudo era, como parecia, transumpto do Carmelo.

*Providencia do
Prelado mayor da
Provincia.*

Supr. num. 215.

*Ermida do Se-
nhor JESUS da
Cerca*

Sup. n. 206.

Imagem.

CAPITULO V.

De algumas cousas particulares do mesmo Convento, especialmente da eleição, que delle se fez para Recoleta da Provincia.

221

Até quando os
Prelados forão
Vigarios.

Primeiro Prior
do Carmo.

Com o titulo de Vigarios continuaraõ os Prelados deste Convento a presidir nelle até 5 de Abril do anno de 1591, no qual por ordem superior (como em seu lugar diremos) se procedeo a Capitulo no Convento de Lisboa. Presidio o Padre Mestre Frey Miguel de Carrança, Vigario Geral, e Commissario Apostolico nas Provincias de Castella, e Portugal. Sahio eleito Provincial o Padre Mestre Fr. Antonio do Espirito Santo, hum dos mais authorisados filhos desta Provincia, que segunda vez era chamado para o mesmo emprego, bem merecido pela boa satisfacção, que deo de si no primeiro Provincialado. Neste Capitulo se constituiu casa Regular esta de Santa ANNA, elegendo-se Prelado com a denominação de Prior para a reger. Este foy o Padre Frey Aleixo do Salvador, primeiro na serie dos que gozaraõ semelhante titulo, e digno do lugar pelo seu talento, e virtudes. Mas sempre ficou o dito Convento de Santa ANNA tendo nos Capitulos Provinciaes a terceira voz, attendendo-se, naõ ao novo titulo dos Prelados, mas á antiguidade da sua primeira fundação.

Casa do Noviciado.

Hum dos seus
authorisados
filhos.

222 He huma das duas casas de Noviciado, que tem a Provincia: e nesta se educaraõ Noviços de tanta authoridade, e distincção, como ha de mostrar a Historia. Hum dos que no tempo presente se faz mais credor da nossa memoria, he o Reverendissimo Padre Mestre Frey Ignacio de Oliveira, Penitenciario da Basilica de S. Pedro em Roma, aonde assiste ha muitos annos com publica estimacção; Socio, e Secretario Geral, sendo o primeiro, que se intitulou *Assistente Geral* para as Provincias Carmelitanas Portuguezas; actualmente Ex-Geral da Ordem por nomeação pessoal de Sua Santidade; Varaõ insigne nas Divinas, e humanas Letras, conspicuo pela pessoa, e exemplarissimo nas virtudes; o qual entre outras grandes honras, que alcançou naquella

la Curia, he muito especial, a que teve de assistir como Theologo no Concilio, que o Santissimo Padre Benedicto XIII. celebrou na Basilica de São João de Latram desde o dia 15 de Abril até 20 de Mayo de 1725.

223 Entheloura este Convento algumas particulares Reliquias, que estão expostas á veneração dos Fieis. As memoraveis são as seguintes: De Santo Ambrosio Doutor da Igreja, de S. Basilio Magno, do Patriarca São Bento, dos Martyres São Calixto, São Cosme, São Donato, São Feliciano, São Fortunato, S. Innocencio, São Placido, São Policarpo, São Prospero, São Theodoro, São Victor, e dos Santos Innocentes. Porém as mais notaveis são duas; huma de Santa Ceferina Virgem, e Martyr; e outra (que he a cana inteira de hum braço) de Santa Christina tambem Virgem, e Martyr. Ambas trouxe de Roma o nosso famoso Padre Mestre Frey Francisco da Natividade, bem conhecido pela antonomasia de *Latino*; Varaõ douíssimo, que muito floreceo neste Reyno, e deo grande lustre á nossa Provincia. Este fez doação das taes Reliquias ao Convento no anno de 1706: e desde esse tempo, com approvação sua, e dos outros gravissimos talentos, que resplandecerão neste Convento de Lisboa, sempre de ambas as Santas se rezou com Rito Duplex Minus da segunda Classe, sem haver detrimento no seu culto; da primeira aos 24 do mez de Mayo, da segunda aos 14 de Março.

224 A festa principal, que este Convento celebra com a possível grandeza, e com a honorifica assistencia dos filhos das outras Sagradas Religioens, moradores nos seus Conventos vizinhos, he a da Senhora Santa ANNA; Orago da casa. Nesta occasião se executa o mesmo, que nos mais Conventos em dia do nosso Santo Patriarca; por se conservar o antigo costume dos primeiros habitantes da mesma casa, fundado na extremosa devoção, que áquella soberana Matrona, desde que foy alli collocada, professão todos os moradores do distrito. Nesta solemniissima occasião ainda se conserva, com grande complacencia nossa, o antigo, e louvavel uso, nascido da reciproca amizade, que dura, e sempre hade prevalecer entre nós, e os observantissimos Religiosos Capuchos (em que já fallámos) chamados da serra, por terem o Convento na sua alta eminencia, pouco distante do nosso. Os ditos Religiosos são os que nos mi-

Suas Reliquias

Bemfeitor de algumas.

Festa da Senhora Santa ANNA

Reciproca amizade dos dous Prelados vizinhos

ministraõ os officios do altar : e o seu Padre Guardiaõ, ou quem lhe faz as vezes, canta a Missa. O mesmo pratica o Prior de Santa ANNA no Convento da Serra, acompanhado, e assistido da sua Communidade na festa do Patriarca Saõ Francisco; gloriosa harmonia, que hum indiscreto zelo pertendeo interromper, e a vontade Divina faz conservar.

Instituição da
casa da Recoleta

Comissario Ge-
ral que concorre.

225 No Capitulo, que se celebrou neste Convento de Lisboa em 9 de Abril de 1617, se destinou o dito Convento de Colares para Recoleta da Provincia, por concorrerem nelle as circumstancias conducentes para huma vida, não só reformada, mas penitente; e quasi Eremitica. Tudo se fez a instancias do Veneravel Padre Frey Ettevaõ da Purificação, o qual desde que no anno de 1605 esteve Conventual nesta casa, e vio a capacidade do sitio para aquelle intento, de tal modo se inflamou nos desejos de o conseguir, que não cessando das diligencias precisas, experimentou o concurso de Deos para este fim. E posto que foy dilatada a esperança de ver effectuada a sua pertençaõ; como eraõ precisas algumas disposições, e estas se concluiraõ antes do dito anno, teve a sua supplica lugar para sahir bem despachada no presente Capitulo. Nelle presidio o Padre Mestre Frey Theodoro Estrago, Procurador Geral de toda a nossa Ordem; e por especial commissão do nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Sebastião Fantono, Visitador Geral das Provincias de Castella, e Portugal. Sahio então eleito Provincial o virtuoso Padre Mestre Frey João de Santo Thomás, hum dos Prelados mais amantes da obervancia Regular, que teve a Provincia, como se verá, quando lhe chegarmos a escrever a vida. E porque o dito Provincial era tambem empenhado na presente resolução, ouvidos os Religiosos de espirito, que estavaõ dispostos a darem principio áquella melhorada vida, se fizeram logo os particulares Estatutos, que na Recoleição inviolavelmente se haviaõ de observar. Por serem os primeiros, que teve aquella Reforma, escritos por estes insignes Varoens sem prolixidade, aqui os transcreveremos, copiados do seu original na forma seguinte

ESTATUTOS
primeiros, que
teve a Recoleta
de Colares.

262 I „ **P** Rimeiramente mandamos, e encarregamos ao Padre Prior, faça guardar a nossa „ Santa Regra, e Actas do Reverendissimo Padre Geral Syl- „ vio, e as presentes.

II „ Man-

II. „ Mandamos, que regularmente vão ás Matinas á meya
„ noite, e que todos os dias tenham duas horas de Oração men-
„ tal; no Verao das cinco até ás seis horas da manhã, e á tarde
„ das cinco até ás seis. No Inverno, das seis até ás sete pela ma-
„ nhã, e á tarde das quatro até ás cinco.

III. „ Mandamos, que as Completas sejam o derradeiro ex-
„ ercicio do Convento: de modo, que acabadas se guarde silen-
„ cio até a Prima dita do dia seguinte, conforme ao que man-
„ da a nossa Santa Regra.

IV. „ Exhortamos aos Religiosos do dito Convento, que
„ tomem por si todos os dias de jejum disciplina, excepto na
„ Quaresma, e Advento, em que tomarão segundas, quartas, e
„ sextas feiras, e sabbados: e da Pascoa até a Exaltação da Cruz
„ ás sextas feiras sómente.

V. „ Mandamos, que nenhum Religioso receba para seu
„ uso particular algum dinheiro, ou outra qualquer cousa; mas
„ tudo o que se der, ou mandar a qualquer Religioso se ponha
„ na Communidade.

VI. „ Ordenamos, que nenhum Religioso peça licença por
„ nenhuma via, para sair fóra do Convento: e sómente hi-
„ raõ, quando a obediencia os mandar.

VII. „ Todos os dias depois de jantar teraõ huma hora de
„ recreação, a qual se gastará em conferencias espirituas.

Fr. Theodoro Stracio Procurador de la Orden del Carmen
en la Curia Romana, Commissario, y Visitador General della
en Hespaña, y Portugal.

227 Havia no mesmo Capitulo sahido eleito Prior se-
gunda vez daquelle Convento o Padre Frey Antonio Bautista,
succedendo no lugar ao insigne Padre Mestre Frey Martinho
Moniz, Varaõ, que pelos seus relevantes merecimentos (como
se verá na Historia) não só foy duas vezes Provincial desta Pro-
vincia, mas depois de outros extraordinarios empregos veyo
a ser nomeado pelo Papa Innocencio X. Bispo do Porto. Foraõ
os taes Estatutos aceitos pelo novo Prior, e mais Religiosos
Conventuaes, que os haviaõ de observar: e como muitos des-
tes eraõ filhos da doutrina do Veneravel Padre Frey Estevaõ,
mostravaõ todos hum animo igual ao seu, para darem gloria a
Deos no modo de seguir a mayor perfeição do Estado Religio-
so. Com effeito observaraõ sem variedade a nova fórma de vida
em

Prior que entaõ
era,

Observancia dos
Estatutos.

em quanto lhes não faltou a companhia do Veneravel Padre. Mas como no mesmo anno o Senhor o chamou para si com as particularidades, que depois veremos; temendo os seus zelosos discipulos, que com a morte de tão util Director viesse a acabar, o que elle felizmente principiara, cuidaraõ no modo mais prompto de conseguirem, que os Estatutos fossem confirmados com authoridade Apostolica, e por este meyo indispensaveis ordinariamente na Provincia.

Recurso para a
confirmação.

228 Para esse fim se fez petição em nome do Provincial existente, e tambem do Prior, e mais Recoletos, ao Illustrissimo Collector deste Reyno de Portugal Octavio Accaromboni Bispo de Fossomburgo, para que dando aos Estatutos o vigor da sua Confirmação, mandasse debaixo de graves penas aos Prelados, que com diligencia, e cuidado os fizessem observar, sem que já mais por algum pretexto consentissem, que se frustrasse o effeito dos taes Estatutos, que muitos Religiosos queriaõ voluntariamente guardar, e o não poderiaõ conseguir, se os Prelados mayores concorressem para qualquer minima relaxação: o que visto, e bem examinado por aquelle Ministro, usando dos poderes Apostolicos, que lhe eraõ concedidos, mandou passar a dita confirmação pelo theor seguinte.

Confirmação
dos Estatutos
pelo Collector do Reyno.

229 „ **O** Ctavio Accaromboni por mercê de Deos,
„ e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Fossomburgo, e Collector Geral Apostolico de Sua Santidade,
„ com poderes de Nuncio nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, &c. A quantos esta Provisão virem, fazemos saber,
„ que havendo respeito ao que o Reverendo Padre Provincial, de Nossa Senhora do Carmo dos ditos Reynos, e ao Padre Prior, e Religiosos do Convento de Colares da mesma Ordem, em sua petição na primeira folha destes papéis escrita dizem; Auctoritate Apostolica a Nós concedida, e de que usamos nesta parte, confirmamos, e approvamos os Estatutos, que do dito Convento se fizeraõ no Capitulo Provincial proximo passado. E outro si com a mesma authoridade Apostolica confirmamos, e approvamos a resolução, que tambem do dito Convento se fez; notificando assim aos Superiores, que hoje são da dita Ordem, e pelo tempo forem; e aos Religiosos della, e do dito Convento, a que pertencer; e lhes
„ man-

mandamos a todos, e a cada hum delles *in solidum* em virtude de Santa Obediencia, e sobpena de excommunhaõ *ipso facto incurrenda*, que em nenhum tempo impeçaõ, nem encontrem *directe, vel indirecte, quovis quæsito colore*, a dita casa de Recoleiçaõ, nem seus Estatutos. E sob a mesma pena mandamos aos Reverendos Padres Provinciaes, que em seus Capitulos procurem, que fique sempre com vigor a sua observancia, provendo a dita casa de Religiosos, que se offercerem para a guarda dos taes Estatutos; e em tudo cumpraõ, e inteiramente guardem esta nossa Provisão, como nella se contém. Dada em Lisboa sob nosso final, e sello a 20 de Agosto de 1619. Gaspar Gallette Abbreviador da Legacia a fez. Octavio Bispo.

230 Destes progressos se deo inteira conta ao nosso Reverendissimo Geral, que ainda existia, o Padre Mestre Fr. Sebastião Fantono; o qual estimando muito a eleiçaõ, que daquelle Convento se fizera para Recoleta, e querendo dar aos Estatutos o vigor, e firmeza, que estava da sua parte, os aceitou, approvou, e confirmou por palavras expressas, que saõ do theor seguinte: *Auctoritate nostra harum serie, visis supradictis Statutis, editis à Reverendo admodum Patre Magistro Theodoro Stracio, olim Visitatore nostro Hispaniarum, & Portugaliæ, pro Domo nostra Sanctæ ANNÆ oppidi de Colares, illa acceptamus, & approbamus, & confirmamus, ea que inviolabiliter observari mandamus. Harum fide datum Romæ die 20 Junii 1620. Fr. Sebastianus Fantonus Generalis Carmelitarum.*

231 No anno de 1624, achando-se nesta Provincia o Padre Mestre Frey Valerio Ximenes de Embun com o emprego de Visitador Geral Apostolico, e com outros, que em seu lugar diremos; e visitando o dito Convento de Santa ANNA, fez para elle humas particulares Actas no seu idioma Castelhana. Constaõ de 14 Capitulos, nos quaes se contêm muitas cousas uteis: e depois de lidas em Comunidade aos 4 de Outubro do dito anno, se lançaraõ no livro chamado Magistral, onde as vimos. Pelos annos adiante em beneficio da exacta observancia Regular do mesmo Convento, se multiplicaraõ para elle as Actas em tal quantidade, que humas confundem as outras: de sorte, que saõ poucos os Provinciaes, e Visitadores, que deixassem de achar novidades para acrescentarem às resolu-

Confirmação
do Padre Geral

Actas para a
mesma reforma

Outras, que se
seguirão.

Ao Reverendissimo
Padre Villa-lobos.

Supra n. 209.

Duração da dis-
ciplina Regular

goens dos seus antecessores. Até o nosso Reverendissimo Padre Geral Frey João Feixo-o de Villa-lobos (que visitou pessoalmente o dito Convento) depois de recolhido ao da Transpontina em Roma, escreveu no seu idioma Castelhana outras diffusas Actas para aquella Recoleição, ás quaes Actas se costuma dar o titulo de *Estatutos novos*. Estes foram passados no dito Convento da Transpontina aos 15 de Junho de 1697, e nelles se assinou este Reverendissimo Padre Geral. Guardaõ-se no Cartorio do mesmo Convento; e consta, que se lavraraõ por instancias do Padre Mestre Frey João Bautista Roffino (no qual acima fallamos) louvavelmente empenhado na estreita observancia da Reforma Religiosa, que no dito Convento pertenceo estabelecer sobre o seguro fundamento da vida commua.

232 Os successos, que depois destas diligencias occorrem, ficaõ para seu tempo. O que agora nos toca referir he, que nesses annos persistio invariavel dentro daquelles Religiosos claustrs a disciplina Regular com todo o rigor da pertendida Reforma. Nem afrouxou, em quanto duraraõ vivas as memorias do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, e se viraõ exemplos dos seus virtuosos companheiros. Depois de faltarem os empenhados na perfeição desta vida, não he muito, que declinasse a inteira observancia daquelle santo proposito; porque a acceptação dos Estatutos particulares sempre se deixou á liberdade de cada hum, dos que os quizessem abraçar; visto que ninguem com violencia os podia constrear a mais, do que na profissão se haviaõ fogueitado. Mas como a mão Divina não he abbreviada, talvez que se estenda a trazer sempre para o seu mais exacto serviço os mesmos, que sem obras de superogação guardaõ as Leys commuas da Ordem; porque he pouco, ou nada para Deos, o dispor que vivaõ só para elle, e mortas totalmente para o Mundo as creaturas racionais, que extrahidas do seculo lhe são já dedicadas; quando he certo, que das pedras insensiveis póde fazer, que para gloria sua se animem, e se levantem filhos de Abrahão.

CAPITULO VI.

*Do muito, que os Religiosos se tem defendido para gozarem a
isenção, e socego, em que actualmente vivem.*

233 **C**onveniente parece não deixarmos em si-
lencio alguns especiaes favores, que os
Religiosos deste Convento em defenſa da
propria justiça receberão do Ceo, mediante o patrocínio da
Senhora Santa ANNA nas occasioens, em que podendo ficar
vencidos, prevalecerão victoriosos. Passados poucos annos, de-
pois que se fundou o Convento no mesmo sitio, em que existe,
começaraõ os nossos desafeiçoados adesejar-se, de que na
terra tivesse o dito Convento terras proprias: e excitando du-
vidas na presença de quem podia dellas tomar conhecimento,
pertenderão privalo das antigas mercês, que os senhores das
mesmas terras lhe fizeraõ. Lembraraõ-se primeiramente de hum
Alvará del Rey D. Manoel, passado em Lisboa aos 15 de Abril
do anno de 1512; para que André Gonçalves, Almoxarife
de Cintra, fosse ver a demarcação, que tambem com ordem
sua fizera na terra o Ouvidor da Alfandega de Lisboa Bal-
thazar do Prado. No dito Alvará mandava El Rey, que os lu-
gares da terra, que eraõ defezos, não fossem dados a nenhu-
mas pessoas: o que supposto, arguiaõ contra o Convento
os seus emulos dizendo; que visto não lhe serem aquellas terras
dadas por algum destes Ministros, nem confirmadas as doa-
çoens dellas pelo mesmo Soberano, não podia ter nellas do-
minio. Este foy o seu fundamento; mas taõ pouco subsisten-
te, que delle resultou mayor segurança, para o Convento se
radicar na sua primeira posse.

234 A razão vem a ser; porque o dito Convento mos-
trou, que nos annos de 1463, e de 1498, em que as Infantas
Dona Isabel, e Dona Brites lhe fizeraõ aquellas mercês das ter-
ras pertencentes a Colares, eraõ absolutas senhoras desta villa,
cujo Almoxarifado sempre foy distincto do de Cintra. E se El-
Rey no Alvará claramente fallava das sesmarias da terra de Cin-
tra, que pertenciaõ á sua Coroa, como podiaõ elles applicar

Inquietação
acerca da nossa
sesmaria da ter-
ra.

Motivo, que ecci-
tara.

Razoens por
parte do Con-
vento.

o mesmo Alvará ás terras de Colares, proprias das taes senhoras, que como de cousa sua, podiaõ dellas fazer as mercês que lhes parecesse? Nem havia obrigação precisa da Confirmação del-Rey, para que estas mercês ficassem sendo valiosas; porque as terras destas sesmarias naquelle tempo não eraõ bens da Coroa, cuja falta houvesse de prejudicar ao Rey successor; mas eraõ bens livres, que de hum Infanta passou a outra, e desta ao Rey existente, por ser seu filho, e herdeiro. Com tudo para mais abundancia de prova, apresentou o dito Convento hum Carta do mesmo Rey D. Manoel, escrita por André Fernandes na villa de Alcouchete aos 29 de Julho de 1495, pela qual confirmava todas as mercês das Infantas Dona Isabel sua Tia, e Dona Brites sua mãy, fazendo expressa menção das que ás mesmas senhoras concederaõ, e confirmaraõ os Reys seus antecessores. Esta Carta se achou na Torre do Tombo, e foy copiada do livro primeiro dos Misticos a folhas 44, e vay copiada entre os Documentos no lugar, que fica citado.

Veja-se supra n.
153. Docum. V.

Novas diligencias
contra o
Convento.

235 A vista do que allegou o Convento, foy o projecto dos seus emulos não só desatendido, mas totalmente desprezado. Porém não se desvaneceu o intento dos que lhe causavaõ a inquietação; porque vendo que os Prelados hiaõ plantando pinheiros, e outras arvores nas terras, em que elles tinhaõ duvida; e que tambem as aforavaõ a diferentes pessoas, fizeraõ taes diligencias, que El Rey D. João III por causa destas, e de outras semelhantes queixas, feitas pelos que se fingiaõ zelosos da sua fazenda, mandou demarcar a dita serra, a fim de se ficar verdadeiramente conhecendo quaes eraõ as terras da Coroa. Para esta importante diligencia fezeleição de hum Ministro bem experimentado, e capaz de corresponder com inteira satisfação ao que se lhe encarregava: e achando, que no Doutor Corregedor Amaro Fernandes concorriaõ todas as circumstancias, que elle desejava, lhe deo as ordens para o que havia de executar: e foraõ taõ rigorosas, como consta da Carta, que lhe mandou escrever pelo theor seguinte.

CARTA
del Rey D.
João III. pa-
ra hum Mi-
nistro.

136 „Doutor Amaro Fernandes. Eu El Rey vos
„envio muito saudar, e mando-vos, que vos
„informeis do Juiz dos Coutos, e guardas da serra da villa de
„Cintra, e assim por algumas pessoas antigas sem suspeita, dan-
„dolhes

„dolhes o juramento dos Santos Evangelhos, que lhes por vós
 „será dado, por onde se guardou sempre a dita serra, informan-
 „dovos tambem com o regimento della, por onde achares que
 „he coutada da dita serra, e sempre se guardou, a fassais logo
 „demarcar, e pôr marcós, e divisoens. Em tudo o que achar-
 „des tomado, e feito dentro das demarcaçoens sem minha li-
 „cença, e provisão, o mandareis logo derrubar, e desfazer;
 „pondo ás partes aquellas penas, que vos bem parecer, que
 „mais se não entremetaõ, nem fação cousa alguma na dita serra
 „sem minha licença: e de tudo fareis autos bem declarados, dos
 „quaes mandareis os traslados authenticos a Manoel de Mello,
 „meu Monteiro mór, e os proprios entregareis ao dito Juiz dos
 „Encoutos; o que assim cumprireis com diligencia, e escrever-
 „meheis, o que nisso ha, e achardes, e fizerdes. Jorge da Costa
 „a fez em Lisboa 12 do mez de Setembro de 1554. REY.

237 O Ministro, que não só pela recommendação da Carta, mas por algumas particulares instruçoens, conhecia o grande empenho, que ElRey tinha, de que a execução do seu mandado fosse bastantemente exacta; sem attender a nenhuns respeitos politicos, por antepôr a todos o serviço do Soberano, obrou em beneficio da Coroa, quanto entendeu que era justiça, segundo consta dos autos (que vimos) da mesma demarcação. Por toda a parte da serra, onde achou terras delRey occupadas com plantas, ou com edificios, por diminutos que estes fossem, os destruiu, e arrancou as plantas. Assim o fez em hum ferradinho, que apenas levaria huma quarta de trigo de semeadura; sem attender que era cousa tenue, e bemfeitoria de hum Luiz Fernandes, guarda da mesma coutada. Desfez a pequena horta de hum Braz Eannes. Mandou arrazar hum resto de muro, que pertencia á fazenda de João Luiz o Prêgo; e tambem huns ferrados de pedra de Gonçalo Alvares, e de Fernam Henriques. O que mais he de admirar, que havendo D. Luiz de Castro, Senhor de Cascaes, dado de selmaria a João Affonso huma terra, em que fez hum ferrado; e a Simão Fernandes outra terra mayor, em que mandara fabricar de novo humas Assenhas com sua Cerca; sem embargo de se lhe protestar, que as taes terras eraõ daquelle Cavalhero (taõ illustre, como respeitado na Corte) elle por entender que pertenciaõ a ElRey, fez logo deitar abaixo, quanto nellas se havia levantado.

Execução do
Ministro:

Lugares da serra
destruidos.

Prova da isen-
ção do Ministro

Conta dada a
ElRey.

Justificação ju-
dicial que fez o
Prior,

238 Obrando pois o Ministro com tanta inteireza, não achou nas selmarias do nosso Convento já lavradas, e menos nas terras, que occupavaõ seus foreiros, porção alguma, que entrasse pela serra delRey, ás quaes houvesse de fazer damno: o que se não pode attribuir ao respeito do nosso carácter, porque o do Principe prevaleceo: e bem se vio, que sendo D. Luiz de Castro pela sua qualidade sogeito tão distinto, não teve nesta parte lugar a veneração, por muitos titulos devida à sua illustrissima pessoa. E para se perceber a grande prudencia do Corregedor, ajustada com a rectidão da sua consciencia, basta lerse, o que á cerca da presente execução respondeo a ElRey na conta, que por escrito lhe deo; a qual conforme está portado por fé do Escrivão diz assim: *Posto que dentro da demarcação se achasse estarem outras algumas bemfeitorias, por serem muito antigas, segundo a informação, que elle Corregedor tomou, e por ellas se parecia serem feitas de cem annos, e mais; o Corregedor houve por acertado fazer aqui menção dellas, e não dar sobre ellas vexação ás partes, por lhe não parecer ser serviço de Deos, nem de Sua Alteza: sômente das atras declaradas, por serem cousas novas; porque destas lhe parecia, que era tenção de Sua Alteza, que se derrubassem.* Acharaõ-se pois as terras do Convento tão fóra dos limites da serra, pertencente pelo Almojarifado de Cintra á Coroa, que até das excluidas por justa piedade para não padecerem damno, ficaõ separadas. Tudo consta de hum Instrumento tirado em publica fórma pelo Escrivão das Coutadas de Cintra, e Colares, João Teixeira Palha de Mendoça; que o fez com despacho do Juiz Geral das Coutadas do Reyno o Doutor Antonio de Freitas Branco, em Cintra aos 22 de Outubro de 1697, e se guarda no livro das mercês Reaes no Cartorio do mesmo Convento.

239 Bastante motivo era este para ultimamente se reprimir o orgulho dos nossos competidores. Mas nem por tanto ficou a Hydra da emulação infecunda de cabeças; porque no anno de 1622, quando se compoz a Cerca do dito Convento na fórma, que de presente existe, foraõ taes as opposições, e duvidas excitadas para o inquietarem, que o Prior, que entaõ era o Padre Frey Jeronymo Coelho, se precisou a fazer huma justificação judicial, a fim de mostrar, que cercava só as terras dos seus limites. Assim consta do publico Instrumento, que da

da dita justificação fez em Colares o Tabellião Luiz Pestana de Brito aos 29 de Junho de 1623; mediante a qual, ficaraõ os desgostosos por algum tempo convencido, mas não para sempre defenganados.

240. Ainda no anno de 1669 se levantou contra a posse, que o Convento tem das sesmarias na serra, huma nova cabeça. Tal foy João Camelo, Meirinho das Coutadas de Cintra, o qual tornando a pôr em questaõ a mesma duvida tantas vezes decidida, denunciou de hum foreiro das nossas terras, chamado Leão Vaz Bernardes; porque o alcançou fazendo rotêa em huma Quinta sua, sem mais fundamento, que ter para si, que a dita Quinta estava fabricada na parte da serra, que pertencia a ElRey. Feitas pois as necessarias vistorias pelo Juiz das Coutadas do Reyno, Pedro Fernandes Monteiro, acompanhado dos officiaes da mesma Coutada, pronunciou sentença a favor do foreiro do Convento, absolvendo-o da denunciação, e declarando por palavras expressas: *Que não só poderia usar da dita rotêa, mas tambem da mais terra, que constava por seu antigo aforamento, e titulo do Convento, junto aos autos; por que lhe pertencia tudo o que fosse aguas vertentes: e que se poderia demarcar, assistindo á dita demarcação o Juiz da Coutada de Cintra, para não haver mais duvida.* Foy esta sentença dada em Lisboa aos 11 de Outubro do dito anno de 1669; ficando o author do pretendido damno sem credito, e com a pensão de pagar as custas.

241. Não he menos memoravel o grande trabalho, que a Comunidade daquelle Convento padeceo com a Camera, e povo da villa de Colares sobre a mudança da estrada (que entã corria contigua á porta da Igreja, e portaria do mesmo Convento) para o lugar mais alto, por onde actualmente se encaminha, para se descer á mesma villa de volta pela Quinta chamada dos Gatos, e para se subir á povoação do Penedo. Era entã Prior no dito Convento de Santa ANNA naquelle anno de 1537 o Padre Frey Rodrigo de Mertola, hum dos mais zelosos, e activos Prelados, que com utilidade, e honra o governaraõ. Considerando pois na intoleravel inquietação, que a Comunidade padecia com o continuo estrondo das campainhas (das bestas carregadas de fruta) dos almocreves, e das gritarias destes ao tangelas, instou com o nosso Illustrissimo D. Frey Bal-

Novo trabalho,
que se originou;

Sentença a fa-
vor de hũ nob-
re Foreiro.

Contenda com a
Camera da vilã

Prior do Con-
vento.

cha-

Bispo Media-
neiro.

thasar Limpo, que nesse tempo, elevado á dignidade de Bispo do Porto, assistia na Corte; para que del Rey, com quem tinha grande valimento, lhe alcançasse a seguinte mercê. Pedio-lhe huma ordem positiva, para que com ella podesse mudar para mais longe a dita estrada, pela mesma razão, que já influíamos, da grande perturbação, em que viviaõ os Religiosos; sendo que para exercitarem o espirito na alta contemplação de Deos, lhes era preciso, que se evitasse aquella proxima causa da perniciosa distracção dos sentidos exteriores.

Aceitação do
Alvará del Rey.

242 Conseguida a Ordem del Rey D. João III. que a deo por hum Alvará passado no mesmo anno; o Illustrissimo Bispo o mandou ao Prior, que sem demora o aprelentou á Camera da villa. E posto que os Vereadores, e Juiz logo o aceitaraõ, dispondo, que tudo se cumprisse, como no dito Alvará era mandado; com tudo, depois que a mesma Camera subio ao sitio do Convento, e affinalou o rumo, que a nova estrada havia de seguir, occorreraõ tantos disturbios, e taes violencias do povo, feitas em detrimento da Communidade, que não bastando a pôr em quietação aos moradores daquella villa toda a efficacia do Prior, e Conventuaes, foy preciso, que o mesmo Bispo apparecesse pessoalmente em Colares, para compôr com a sua boa persuasão, e authoridade tão horrendas controvertias. Sabendo os Vereadores, e Juiz, que o dito Bispo era chegado ao Convento para aquelle fim, o foraõ logo cumprirmentar; usando todos da urbanidade, e politica propria de semelhantes fogeitos, que sempre costumão fer os mais honrados da Patria.

Bispo D. Fr. Bal-
thasar Limpo em
Colares.

243 O Bispo mostrando-lhes o agrado natural, de que fora dotado; e querendo pôr em obrigação aos mesmos, para quem procurava meynos de ser favorecido, conseguiu que por entraõ se não fallasse nos controvertidos pontos: do que ficando cuidadosos os Vereadores, succedeo no dia seguinte, o que consta do Instrumento de todos aquelles successos, cujas palavras transcreveremos, e dizem: *Que viera á Camera (da villa) o Senhor D. Mestre Balthasar Bispo da Cidade do Porto, frade que foy da Ordem (do Carmo) e pedira, e rogara aos officiaes, e povo da dita villa, que lhes aprouvesse, por alguns honestos respeitos, de mudarem aquelle caminho, e a sua serventia por outra parte, que não fosse por diante da porta do Convento, como hia, e*

ven-

rendo os ditos officiaes, concelho, e povo, que era cousa honesta, lhes aprouve de se mudar o dito caminho, e serventia, que não fosse perante as portas do dito Convento: o que passara no anno de trinta e sete (sobre mil, e quinhentos) o tempo que vier em verdade; e que logo se foraõ os ditos officiaes, e o Bispo deste Frey Rodrigo, e outros fraaes, e o povo ao dito lugar, e Casa de Santa ANNA; e que todos juntamente abalizaraõ com canas, e sinaes o caminho, que novamente elles os Padres haviaõ de mandar abrir, e fazer a serventia, e caminho puvrico.

244 Por este modo soube aquelle exemplarissimo Prelado executar o effeito, que se pertendia: e o dito Prior Fr. Rodrigo de Merto'a, querendo tambem dar huma publica satisfacção do muito, que a todos ficava obrigado; em seu nome, e da Comunidade obrou em semelhante conjuntura a Religiosa accção, que consta do mesmo Instrumento, no qual pelas seguintes palavras se lê *Que tudo assim bem visto, e praticado por huma parte, e outra, disserra o dito Frey Rodrigo, que era muito contente de se fazer o caminho, e serventia, por onde fora abalizado, e que por hi se fizesse, e se comprisse o Alvará de sua Alteza, como se nelle continha: e se poz em giolhos com a cabeça descuberta o dito Fr. Rodrigo perante os ditos officiaes, e povo, dizendo, que lhe perdoassem pelo amor de Deos, e que lhe tinbaõ feito esmola, e mercê de assim mudarem o dito caminho pelo dito lugar, por onde estava abalizado, e que fossem amigos, e bem querentes, e por todos assim serem concordes, abriraõ logo o dito caminho, e serventia.*

245 Mas não obstante todas estas diligencias, como as vontades eraõ muitas, e algumas pessoas do povo ficavaõ descontentes, foraõ tão insupportaveis as violencias, que no fazer, e desfazer do caminho sobrevieraõ, que para evitar estas, e outras mayores ruinas, se precisou o Prior do Convento a recorrer ao Juiz conservador da Religião, para que tomando conhecimento da causa, a defendesse. O Juiz, que era naquelle tempo Matheus de Fontes, Chantre da Sé de Lisboa, procedeo logo contra os ditos officiaes da Camera (aos quaes seguia o povo) passando contra elles hum Munitorio. A este vierão com embargos; mas não sendo recebidos, mandou o dito Ministro Apostolico com pena de excomunhaõ, *ipso facto*, e de duzentos cruzados (ametade para as obras de São Vicente,

Accção Religiosa do Prior.

Novas violencias.

Acode o Juiz Conservador.

146 *Chronica dos Carmelitas*

e outra ametade para as obras do mesmo Convento de Santa ANNA) que o caminho novamente aberto na forma, em que fora abalizado, se conservasse a beneficio dos Religiosos, visto ser vontade de Sua Alteza, que assim lhe concedera pelo Alvará aceito em Camera; de sorte, que os Vereadores só depois de verem desembainhada a formidavel espada da Igreja, quando por nenhum outro modo lhe podéraõ resistir, se vieraõ a fogueitar. A dita sentença do Juiz Conservador foy dada em Lisboa no dia, e anno, que consta do Instrumento, em que todos os referidos successos se contêm, passado em publica forma pelo Tabelliaõ Manoel Baracho, depois de os trasladar do original de letra antiga, e o fez em Lisboa em 20 de Agosto de 1709. O qual novo Instrumento juntamente com o seu Original se guarda no Archivo do mesmo Convento, lançados ambos em hum livro, que tem por titulo: *Carmo da Recoleta de Santa ANNA de Colares,*

Instrumentos
delles successos.

246 Muito tiveraõ que merecer os Religiosos daquelle Convento por causa das contradicções, que em alguns dos seus particulares encontraraõ nos Parochos da Igreja de Colares. Estes por comprazerem com o povo, a quem compete o Padroado, e apresentação da dita Igreja; tambem concorreraõ para vários pleitos contra nós, dos quaes ficámos naõ só vencedores, mas com a utilidade de muitos arestos para o tempo futuro. A primeira occasiaõ, que aos Padres daquelle Convento se offereceo para se desgostarem com os Curas da dita Parochia, e a seu exemplo, com outros das Igrejas visinhas, foy no anno de 1553, sendo Provincial desta Provincia o reformedissimo Padre Frey Manoel de Goes. Succedeo pois, que mandando o Arcebispo de Lisboa D. Fernando algumas Provisões circulares aos Parochos da sua Diocese, para effeito de evitarem nas suas Freguezias o abuso de pedirem nellas esmola algumas pessoas, que sem razãõ, ou direito divertiaõ as que os Fieis poderiaõ dar a quem licitamente as devia receber; elles quizerãõ comprehender os nossos Religiosos na dita prohibiçaõ. E naõ obstante sabermos, que pela profissaõ eraõ Mendicantes; e que estavaõ no costume de se ajudarem da liberalidade dos seus Bemfeitores; ainda assim, por conhecida tenacidade, se oppoz o Parocho da villa aos peditorios, que entãõ fazia o Convento: em tal forma, que foy ao Prelado preciso recorrer ao Illustrissimo Arcebispo

Recurso ao Ar-
cebispo

po de Lisboa, o qual ouvida a semrazão dos Parochos, e querendo favorecer a nossa justiça, mandou passar a nosso favor hum Alvará, o qual sendo intimado ao Cura, e tambem aos outros imitadores do seu procedimento, ficaraõ os Religiosos, não só restituídos ao seu antigo privilegio, mas de algum modo melhorados de novas conveniencias. Aqui transcreveremos o Alvará, que he do theor seguinte.

247 „ **D**Om Fernando Arcebispo de Lisboa Capel-
laõ mór del Rey meu senhor, &c. Fazemos
„ saber aos que este nosso Alvará virem, como pelas Provi-
„ soens, que temos passado sobre os peditorios, não entende-
„ mos por isso prejudicar em cousa alguma aos Padres do Car-
„ mo; pelo que por este mandamos aos Curas, a que for mos-
„ trado, que encommendem a seus freguezes, que fação suas es-
„ molas ao Mosteiro de Santa ANNA da Ordem de Nossa Se-
„ nhora do Carmo, termo de Colares: e damos licença aos Pa-
„ dres da dita Ordem, que livremente peçaõ, como costumão.
„ E mandamos, que lhes não ponhaõ impedimento algum ao
„ poderem fazer, sem embargo de nossas Provisões em con-
„ trario; e assim se cumpra. Dado em Lisboa sob nosso final, e
„ sello, aos onze do mez de Novembro. Philippe Tavares, Es-
„ crivaõ da Camera o fez de 1553. D. Fernando Arcebispo
„ de Lisboa.

ALVARÁ
do Arcebispo
de Lisboa.

248 Serenada por algum tempo esta tempestade, levantou-se outra mayor no anno de 1608, sendo entaõ Prior o famoso Padre Mestre (de quem já fallámos) Frey Jorge Carraço. Pertendeo o Cura de Colares, que entaõ existia, fazer com que não fosse a sepultar á nossa Igreja de S. ANNA pessoa alguma: e diligenciando com os seus freguezes, que o ajudassem nesta parte, até a respeito dos que nos seus Testamentos deixavaõ declarado, que os seus corpos fossem levados á dita Igreja, impedia aos Testamenteiros a execuçaõ. Porém logo que a Religião teve noticia de taõ escandaloso empenho, queixando-se ao Vigario Geral deste Arcebispado, o Doutor Diogo Soares, que era juntamente nosso Conservador; este remediou pontualmente o pertendido damno. Ouvidas as nossas razoens, com a authoridade concedida pelos Summos Pontífices, especialmente com a do Papa Paulo V. que elle declarou haver confirmado o

Contenda com
hum Cura.

Supra num. 1182

Provimto pe-
la parte da Re-
ligião.

mesmo Indulto, passou contra o dito Cura hum Munitorio com pena de excommunhaõ mayor, *ipso facto*, e com a de cem cruzados para obras pias; mandando-lhe que no peremptorio termo de tres dias desistisse da força, que injustamente fazia ao Convento; ao qual Munitorio o Cura obedeceo, e ficaraõ os Religiosos desde entaõ pacificados nesta parte. Foy o Munitorio passado aos 9 de Outubro do dito anno, e o seu original se guarda junto com outros importantes Instrumentos no Archivo do mesmo Convento.

Contenda com
os Confrades do
Santissimo S.
cramento.

Mandado con-
tra elles.

Sup. n.º 245

249 Porém no anno seguinte, que foy no de 1609, teve a Comunidade nova molestia com os Irmãos do Santissimo Sacramento da mesma Parochia, sem que o Cura mediaſse a nos livrar do pleito, que veyo a acabar por virtude de huma decisiva sentença. Descendo pois a dita Comunidade á villa a hum acompanhamento, pertenderaõ os taes Irmãos preceder aos Religiosos no mais digno lugar, tomando-o depois delles, e naõ adiante, com as outras Confrarias, conforme o costume. Bem conheceraõ os Padres o motivo da nova contenda; mas por evitarem as consequencias, que resultaõ das porfias, protestando sempre com a possivel prudencia, naõ convirem na sua indecente, e nunca praticada tençaõ, recorreraõ ao Doutor João Travassos, Desembargador da Relação Ecclesiastica, e juntamente Vigario Geral deste Arcebispado de Lisboa, nomeado pelo seu illustrissimo Prelado D. Miguel de Castro, para que lhes deferisse contra aquelle mal considerado intento. O Ministro fazendo logo passar mandado contra os ditos Irmãos por hum acordaõ da Relação, onde se fez presente o requerimento; naõ só lhes estranhou o quererem praticar contra os Religiosos aquella novidade fóra do estylo do Reyno; mas com effeito os obrigou a cederem da tal pertençaõ pela indecencia, que resultaria ao caracter Religioso: de sorte, que foraõ notificados os Mordomos (chamados de presente *Mesarios* da Irmandade) pelo Padre João Rodrigues Capellaõ de Santo Antonio do Penedo, para que desistissem do intento. Assim o fizeraõ sem replica por hum termo, que affinaraõ em Mesa aos 23 de Abril de 1609. Este termo, e o da notificação do Padre João Rodrigues com o original da Sentença (que foy dada em Lisboa aos 25 de Fevereiro do dito anno) se achaõ no livro, em que acima fallamos, pertencente ao Archivo do mesmo Convento.

250 Porem a contenda mayor, e mais consideravel, que o dito Convento teve com os Parochos daquella villa, foy a seguinte. O Padre Alvaro Morgado, sendo alli Cura no anno de 1634, intentou, que a nossa Communidade descesse a Freguezia a acompanhar a Procissão do Santissimo Sacramento no dia do Corpo de Deos, com o fundamento, de que os Religiosos, não obstante ficarem distantes da Villa, e serem os caminhos para ella fragosos, vinhaõ a enterros, Officios, e Sermoes: e com o mesmo trabalho deviaõ assistir a esta solemnissima acção, da qual suppunha que não estavaõ isentos. E posto que os Irmãos da Confraria do Senhor, ainda resentidos da occasião passada, desejavaõ ficar agora vencedores; com tudo, o Cura foy o que se declarou parte, e o que por diferentes modos pertendeo, que a Communidade se sujeitasse ao novo encargo por força de obrigação. Vendo pois, que por outros meys não conseguia o intento, esperou que fosse fazer a visita daquella Parochial Igreja o Doutor Antonio Carvalho de Perada, Arcipreste da Sé de Lisboa, por Commissão do Reverendo Cabido em Séde Vacante aos 31 de Agosto do dito anno; e propondo-lhe, como culpa escandalosa, o que pelas suas circumstancias não era, nem leve falta, acabou com o Visitador, que entre outros Capitulos da visita lhe deixasse este, que vay fielmente copiado.

Nova contenda
com outros Cu-
ras.

251 *Mando ao Padre Cura, e mais pessoas, assim Ecclesiasticas, como seculares desta Freguezia, que não chamem, nem admittaõ aos ditos Religiosos para officios, enterramentos, Missas, ou Prêgaçoens, que nesta Freguezia se fizerem, em quanto com effeito não forem acompanhar a dita Procissão do Corpo de Deos, ou fizerem termo de o fazer: o que cumprirão as sobre-ditas pessoas sob pena de excommunhaõ mayor, ipso facto incurrenda, e de cincoenta cruzados para a Santa Cruzada, e meirinho.*

Capitulo de hã
Visitador contra
o Convento.

252 O Padre Frey Joaõ Bautista, que era entaõ Prior do Convento, dando parte do que succedia ao insigne Padre Mestre Frey Martinho Moniz (que em 6 de Mayo do mesmo anno fora eleito Provincial) com approvação sua recorreo ao Superior Ordinario por meyo de embargos contra o dito Capitulo, para os quaes alcançaraõ provisão. Correndo pois a causa os seus termos, e sendo della Relator o Doutor Francisco da

Recurso ao Ar-
cebispo.

Relator na Relação.

da Cunha, Desembargador da Relação Ecclesiastica desta Corte, tivemos a nosso favor sentença da dita Relação, que foy escrita em nome do mesmo Relator, e por elle assinada, sottoscrita pelo Escrivão Antonio de Queiroz Fragozo, e passada pela Chancelaria do Arcebispado. E porque o Parocho da dita Freguezia de Colares era parte, logo a elle, e a seu Coadjutor foy a sentença intimada, e ambos notificados por Manoel Moreira da Cunha, Alcaide da villa, para a cumprir com effeito. Esta diligencia se fez no dia 24 de Julho de 1635. E porque a sentença faz menção da vestoria, que houve do nosso caminho, pela qual se conheceo, que o Convento estava fóra dos limites, e muito álem da distancia, em que o Sagrado Concilio Tridentino obrigaria a Communidade a acompanhar a dita procissão, não podendo em tal caso ser por Direito constangida a observar o preceito do dito Concilio, justo parece transcrevermos a sentença, que he do theor seguinte.

Acordão da Relação a nosso favor.

253 *Acordão em Relação, &c. que vistos estes Autos, Capitulo de Visitação embargado, porque se mandou que os Padres do Mosteiro de Santa ANNA de Colares da Ordem do Carmo não fossem chamados para os enterramentos, e outras cousas, sem hirem á procissão de Corpus da dita villa, embargos, com que se veyo por parte dos ditos Padres ao dito Capitulo, que lhe foraõ recebidos, contrariedade a elles, prova da medição feita, disposição do Sagrado Concilio, e declarações sobre elle dos Eminentissimos senhores Cardeaes, e Doutores, que as seguem, julgaõ os ditos embargos por provados, e mandaõ que pelo dito Capitulo da visitação se não faça obra aos embargantes, &c. o Chantre de Lisboa. Peixoto, Cunha, Motta, Cabral.*

Posse de não hirem á Procissão

254 Em virtude da presente decisão, ficaraõ os Religiosos metidos na sua antiga posse, usando da liberdade de hirem, quando eraõ chamados, á Igreja da villa, e às do seu termo a fazer Officios, e tudo o mais, que costumavaõ; sem que no espaço de 42 annos em quanto duraraõ as memorias do pleito, pessoa alguma os perturbasse, para acodirem ao ministerio, do qual os julgaraõ isentos. Até que no anno de 1677 entrando a ser Cura da mesma Parochia o Padre Silvestre Nunes Franco, e vendo o Capitulo daquella Visita, seguiu o projecto de o fazer observar. Sem attenção ao Convento, nem respeito á sentença da Relação, quiz novamente obrigar os Religiosos, a que em

Nova Contenda sobre o mesmo ponto.

em acto de Communidade acodissem á Procissão : e porque o não executaraõ, prohibio aos freguezes o admitilos nas acçoens, em que antes os occupavaõ ; mostrando-se elle, no modo de os excluir dos Officios Divinos (em que deviaõ ser admittidos por seus Coadjuutores) taõ excessivamente empenhado, que em todos estes actos exterioros fabricava contra si proprio evidentes provas ; de que contra os Religiosos commettia força, e fazia violencia,

255 Era nesse tempo Juiz Conservador Apostolico da nossa Religião o Doutor Domingos da Cunha Barreto, Prior da Igreja de S. Jorge desta Corte, e Protonotario Apostolico de Sua Santidade, de quem com especialidade o Convento de Santa ANNA fizera eleição, para que o houvesse de defender nas occasioens, em que poderia ser perturbado da posse das suas regalias, e isençoens. E visto que este se achava nos termos de se valer da sua jurisdição (amplissima em semelhantes casos) a elle recorreo, para que procedendo contra o Cura Sylvestre Nunes Franco com censuras, e com as mais penas de Direito, fosse o dito Convento de Santa ANNA continuando na sua posse, que desde logo ficou provada pelo Acordaõ, que com a mesma petição de recurso offerencia ; e juntamente com ella huma certidão de Manoel de Sousa Neto, Escrivaõ publico do judicial da dita villa de Colares, pela qual constava, que aos 8 de Junho do mesmo anno de 1677 notificara pela dita sentença ao nomeado Parocho, estando na Igreja ; onde respondera, que tinha de pôr embargos a tudo. Mandando o Conservador passar com effeito o Munitorio ; e sendo notificado o Parocho, veyo com embargos por via de excepção declinatoria para outro Juizo ; querendo provar, que o capitulo da visita estava em seu vigor, visto que o Illustrissimo Arcebispo mandara, que todos, os que se deixaraõ naquella Parochia, se guardassem ; ao que elle não podia faltar, senaõ com a culpa de inobediente.

Recurso ao Juiz Conservador.

Munitorio contra o Cura.

256 Os ditos embargos não foraõ recebidos ; porque como o Cura se oppozera a perturbar aos Religiosos da posse, em que estavaõ, de serem chamados pelos freguezes para os enterros, Officios, e Missas ; e o Illustrissimo Arcebispo só mandara guardar os Capitulos, que não estivessem revogados ; julgou o Ministro, que o Embargante havia feito força, e violencia aos Embargados ; em cujos termos mandou, que fosse notificado com

Embargos regeitados.

com as penas comminadas no Munitorio, para que desistisse da violencia. Regeitados por este modo os embargos, interpoz o dito Padre Sylvestre Nunes Franco huma appellação *ad Sanctam Sedem*, que lhe foy só recebida no effeito divolutivo: e publicado este despacho, sendo o Juiz Conservador requerido por parte do Prior, e Religiosos do Convento de Santa ANNA, para que lhes mandasse passar sua sentença tirada do Processo, a fim de se lhe dar a sua devida execução; elle assim o mandou pelo theor, que consta de hum Instrumento do Archivo do mesmo Convento de Colares, passado em publica fórma, o qual contém os Autos; donde extrahido só o que serve á inteireza da nossa Historia, e deixada muita parte da mesma sentença, que por agora nos pareceo desnecessaria, diz o seguinte.

Sentença do
Juiz Confer-
vador.

257 *Pela authoridade Apostolica a mim concedida, e de que uso nesta parte... Mando em virtude de obediencia, e sob pena de excommunbaõ mayor ipso facto incurranda ao Padre Sylvestre Nunes Franco, Cura da Igreja da villa de Colares, que da notificação desta minha Apostolica carta de sentença em sua pessoa, a tres dias primeiros seguintes, que lhe assino em fórma Canonica, dando repartidamente hum dia por cada termo, e admoestação Canonica, elle sob pena de excommunbaõ mayor, ipso facto incurranda, desista com effeito da força, e violencia, que faz ao Reverendo Padre Prior, e mais Religiosos do dito Convento de Santa ANNA da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e os não obrigue a birem na Procissão do Corpo de Deos; nem por essa causa lhes impida directé, nec indirecté poderem ser chamados dos Fieis, para birem aos enterros, Officios, Missas, e Sermoes, na mesma Igreja de Colares, para que forem chamados, e os conserve na posse, em que estão de assim o fazerem, titulada com a dita sentença: e para assim o fazer lhe imponho a dita pena de excõmunbaõ mayor ipso facto incurranda, e a de quinhentos cruzados applicados na sobredita fórma (ás despesas da Reverenda Camera Apostolica) E bem assim sob a mesma pena de excommunbaõ, ipso facto, dentro no mesmo termo de tres dias dará, e pagará ao Reverendo Padre Prior, e Religiosos do dito Convento de Santa ANNA do Carmo, a quantia de tres mil, duzentos, e quarenta e nove reis de custas, que na dita causa se fizeraõ, &c. Aliás não o comprindo assim muito inteiramente o dito Reo o Padre Sylvestre Nunes Franco, nem entregando as ditas custas, o bey*
por

por incorrido na sentença de excômunhaõ mayor ipso facto acima declarada, e procederey contra elle com as mais censuras, e procedimentos executorios, e de Direito necessarios, para cuja declaração aggravação, e réaggravação o cito, e chamo, e have-rey por citado, e chamado. E pela mesma authoridade Aposto-lica mando aos ditos Clerigos Notarios, e mais Officiaes, &c. sob pena de excommunhaõ, e de cincoenta cruzados applicados pela dita maneira, que sendolhes esta presentada, e com ella re-queridos da minha parte, a notifiquem, como nella se contem, ao dito Padre Cura Sylvestre Nunes Franco, e da notificação pas-saráõ sua certidão em fôrma, que faça fé, para eu com ella ao diante proceder, como me parecer direito, e justiça. Dada em Lisboa sob meu final, e sello aos 27 do mez de Agosto de 1677 Manoel Monteiro da Sylva, Notario Apostolico, e dos Autos a sobscreevo. Doutor Domingos da Cunha Barreto,

258 Com o temor do imminente golpe desta fulminante espada, que na mão dos seus successores deixou São Pedro, lo-go o Parocho cedeo da sua fatal tenacidade: e por causa deste poderoso monumento os outros Parochos até o tempo presen-te sempre desfistiraõ de semelhante pertençaõ. Tem succe-dido nos nossos dias, que alguns Visitadores, vendo aquelle capitulo da Visita, e naõ lhes constando haver o processo, que referimos, mandaraõ notificar ao Prior para hir com a Commu-nidade á Procissão; porém assim que lhes mostraõ as sentenças, cedem do intento, e suspendem a execuçaõ. Mas nem por es-sa causa, nem pela mais forçosa de estar o Convento situado fó-ra do distrito disposto pelo Sagrado Concilio Tridentino, dei-xaõ os Prelados de obrar o que devem no dia daquella solem-nissima Procissão; porque mandaõ voluntariamente Religiosos, que incorporados com os Clerigos da Freguezia, fazem de-baixo da sua Cruz o obsequio, que com a propria, depois de tantos pleitos, se poderia constituir obrigaçaõ.

259 Mas ainda que por este caminho se deo fim ás contendas, que nos moveraõ os ditos Curas, naõ faltou ou-tro, que por motivos, ou respeitos particulares procurou inquie-tar aquelle Convento com desabono dos seus Religiosos. Tal foy o Padre Luiz Pereira no anno de 1693, sendo Provincial desta Provincia a primeira vez, o Padre Mestre Frey Antonio da Cunha. Succedeo prégar naquella Parochial Igreja hum

Venceraõ os Re-
ligiosos.

Acção pia que
obraõ.

Outra contenda
em differente
materia.

Religioso da dita casa de Santa ANNA, dos melhores, e mais doutos do seu tempo: e porque (segundo o que consta de huns Autos, que logo citaremos) o dito Parocho se achava prejudicado em não ser elle, o que se utilisasse da esmola deste, e dos mais Sermoens da sua Igreja, que todos pertendia prégar; impoz ao Religioso a affectada culpa de ter no Sermao torcido os Sagrados Textos, para os applicar satyricamente contra elle. Com esta queixa sem outra prova conseguiu do Prior de Bucellas, que por commissão do Illustrissimo Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, fora fazer a visita da dita Parochia, que entre alguns capitulos da mesma visita deixasse o seguinte: *Que nenhum Religioso do Carmo fosse mais admittido a prégar naquella Igreja de Colares, sem licença especial do mesmo Arcebispo, que individuassee poder prégar na dita Igreja, o que mandava debaixo da pena de Excommunhaõ mayor.*

Recurso da Religião ao Arcebispo.

Acordaõ da Relação Ecclesiastica.

Supr. num. 245.

Elogio do Reverendo Cura actual.

260. O Provincial, que foy hum dos mais zelosos Prelados do bem da Religião, recorrendo ao mesmo Arcebispo com embargos ao dito capitulo; e mostrando na Relação, para onde a causa foy commettida, a verdade do successo, e os reprehensiveis motivos, que o Padre Cura tivera para aquelle injusto procedimento, ficou o dito capitulo de visita revogado por sentença, que se proferio pelo theor seguinte: *Acordaõ em Relação, &c. Julgaõ os embargos recebidos por provados vistos os Autos: e declarando o Capitulo embargado, mandaõ que o Padre Cura da Igreja de Colares não impida aos Religiosos embargantes o prégaem na dita Igreja, mostrando Patente, e approvaõ com licença para prégaem neste Arcebispado na mesma forma, que se observa com os mais Religiosos, e Clerigos deste Arcebispado, &c. Lisboa 27 de Setembro de 1695.* Por este modo ficou aquelle Parocho ultimamente convencido, e nós desagravados, segundo consta do Instrumento, que foy passado em nome do mesmo Illustrissimo Arcebispo no 1 de Outubro do dito anno, e se guarda no livro já citado daquelle Archivo.

261. De condiçaõ muito differente he o Reverendo Parocho, que actualmente existe naquella Igreja, o Padre Joseph Lopes Pereira, tão despido dos interesses mundanos, e tão ornado das virtudes proprias do seu estado, que ficará o seu nome perpetuamente memoravel. He notoria a utilidade, que do seu exemplo recebem as almas, que pertencem ao seu cuidado: e

... tam-

e tambem se faz patente a boa harmonia, que sempre teve, e de presente conserva com todos os Religiosos do nosso Convento; os quaes agradecidos, e reverentes confessão os singulares effeitos, que recebem da sua urbanidade, e prudencia: de sorte, que sem perda, nem o mais leve detrimento dos seus direitos, sabe venerar o merecimento daquella Religiosa Comunidade, unica no seu territorio, onde conhece, que ainda dura fresca a lembrança dos muitos servos de Deos, que deraõ fausto principio á permanente observancia daquelles claustros. De todos os que pôdem honrar os nossos Escritos, faremos menção. Mas porque os progressos, e virtudes de cada hum se haõ de ler em distintos lugares, conforme a chronologia dos tempos, para que a noticia deste Convento não vá destituida das memorias de algum dos seus benemeritos habitantes, anteporemos agora (com sofrimento de quem pôde dispensar o rigor da boa formalidade) a portentosa vida do insigne Mestre, dos que no mesmo Convento mais resplandeceraõ em meritorias obras espirituaes: e será não de tal modo diminuta, que fique no silencio alguma das suas acçoens notaveis, nem tão extensa, que exceda os termos de Epitome.

CAPITULO VII.

*Vida do Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação, bon-
ra immortal desta Provincia. Da-se noticia dos seus pro-
gressos, até que se dispoz a servir só a Deos no
estado mais perfeito.*

262 **H**Um dos mayores beneficios, que a Omnipotencia Divina fez a esta nossa Carmelitana Provincia Portugueza, foy o concederlhe para seu filho este Apostolico Varaõ tão armado de celestiaes virtudes, que não só nos authoriza com a sua plausivel memoria, mas nos encaminha para o Ceo com os seus rarissimos exemplos. E porque neste Volume se buscaõ não só as noticias das cousas notaveis, que merecem andar nas vozes da Fama; mas tambem as acçoens de Religiosos Santos, capazes de serem imitadas; aqui se acharão referidas as do nosso Veneravel

Declaração ne-
cessaria.

vel Portuguez, para que dellas se utilizem, os que defejaõ enca-
minhar seus passos pela estrada da Bemaventurança. Hiremos
pois distintamente fallando em tudo, o que a respeito do servo
de Deos se póde estimar por admiravel, sem faltarmos a cir-
cunstancia alguma gloriosa; porque saõ muitas as que occur-
rem, ou já elcritis, ou só conservadas na tradiçaõ.

§. I.

Da sua Patria, Pays, Nascimento, e Infancia.

Sua naturalida-
de.

Tom. 1. Part. II.
pag. 131.

Seus pays vir-
tucos.

Amigos dos po-
bres.

O pay sendo fia-
dor.

263 **O** Veneravel Padre Frey Estevão da Purificaçaõ
nasceo na famosa villa de Moura, hum das
principaes, e mais nomeadas de toda a Provincia do Alemtejo;
a qual sendo (como já dissemos) o primeiro berço da nossa Re-
ligiaõ em Portugal, foy tambem gloriosa Patria deste servo de
Deos, que tantos credits tem conferido a esta Provincia. Cha-
mou-se seu Pay Antonio Rodrigues Còtel, e sua mãy Margari-
da Rodrigues Sortelha, ambos de sangue puro, de nobreza co-
nhecida, de notoria piedade, e de costumes santos. Naõ eraõ
muito abastados de bens temporaes; mas viviaõ honradamente,
com decencia, e sem luxo. Eraõ o exemplar dos casados, geral-
mente bem quistos na terra, porque o temor de Deos, que mos-
travaõ em todas as suas acçoens, os inclinava a que perdoassem
facilmente aos seus proximos, se acaso havia quem por força
de genio, deixava de lhes corresponsder ao merecimento. Para
fazerem bem aos pobres estavaõ sempre taõ promptos, que os
lanços de caridade para com elles mais pareciaõ effeitos de
amor paternal, do que soccorros para a necessidade; pois até
com detrimento proprio proseguiaõ a remediar as indigen-
cias alheyas.

264 **D**o pay se refere, que ficando por fiador de hum
homem pobre, a fim de livralo da vexaçaõ em que o puzera hu-
ma divida; sendo depois preciso satisfazer ao credor a quantia;
a que se obrigara, andou sobre maneira afflicto de ver, que nem
tinha o dinheiro, nem pessoa de quem se valer para que o soc-
corresse. Mas o Senhor, que tem a seu cuidado remediar as ne-
cessidades de quem por seu amor obra semelhantes finezas;
dispoz, que vindo o dito Antonio Rodrigues Còtel de ouvir

...mo T Missa

Missa na Igreja de São Francisco (Patriarca amantissimo da pobreza, a quem muito se encômendara) e entrando casualmente em casa de huma pessoa de sua obrigação, sem intento de lhe praticar o incômodo que sentia, esta lhe offereceo a mesma quantia de dinheiro, que lhe era necessaria, para que o tivesse em seu poder, e delle usasse como do seu, no que lhe fosse preciso; dizendo, que o fazia pelo justo receyo de que lho furtassem. Conheceo a maravilha, e deo por tão grande mercê a Deos as devidas graças.

Providencia de Deos.

265 Em huma occasião indo aos seus Olivaes, e vendo, que hum pobre lhe varejava as azeitonas, se escondeo, até que o pobre se ausentou com todas as que pôde levar. Sendo depois reprehendido de quem teve noticia deste seu raro sofrimento, respondeo, que elle não devia injuriar a hum miseravel homem, que aquillo fizera talvez por necessidade. Outras semelhantes provas da sua caridade deo sua mulher Margarida Rodrigues Sortelha, as quaes deixamos de referir; porque o nosso principal assumpto são as virtudes do filho: mas sempre foy conveniente saber-se, que já de seus piíssimos pays havia herdado as boas qualidades, que o constituirão não só virtuoso, mas na opiniaõ do Mundo, Bemaventurado.

Ação de caridade com hum pobre.

266 Nasceo pois esta venturosa creatura no dia 14 de Fevereiro de 1571. Foy baptisado na Parochial Igreja de São João Baptista da mesma villa, em cujo distrito tinhaõ os pays a sua habitação. Dos sete filhos, que daquelles consortes sahiraõ á luz, o nosso Veneravel Frey Estevão da Purificação foy o quarto, e o que causou a sua mãy, ao desprender-se do carcere do ventre, mais excessivas dores. A propria mãy o criou a seus peitos, sem fiar de pessoa differente o ministrarlhe o primeiro alimento; tudo por alta providencia do Senhor, para que este seu escolhido servo juntamente com o leite bebesse as boas inclinações, que a devota mãy lhe podia communicar. Da sua infancia não achamos noticia memoravel; mas só temos a que nos dá hum dos Escritores da sua vida, bem que he digno de toda a fé, porque com elle viveo, e foy seu inseperavel companheiro. Diz (depois de escrever as grandes virtudes da mãy, e falando na idade infantil do menino,),, que ella o levava comfigo á Igreja, e fazia pôr de joelhos, e rezar, ensinando-lhe nomear ,, primeiro o Pay do Ceo, que o da terra á volta dos embarços ,, da

Dia do seu nascimento.

Fr. Luiz da Ap. prez. Vid. do Paz. Fr. Estevão Cap. 2. n 3.

„ da lingua ; e a tomar o nome da Virgem MARIA na boca „ primeiro , que o seu proprio de mãy.

Pereira que plântou.

Seus frutos offercidos a Deos.

Outros repartidos pelos filhos.

Acçoens de virtude do Santo menino.

Fugia de pessoas de outro sexo.

267 Sendo já capaz do uso da razão , deo evidentes indícios , de que peregrinaria no Mundo pelo caminho da perfeição : e não deixaremos em silencio o seguinte successo , que muito lhe acredita a virtude naquelles primeiros annos. Trouxe para casa o menino huma vergonteia de pereira , e com curiosidade , que parecia não caber em idade tão tenra , a plantou com a propria mão no seu quintal. Logo cresceu , e se fez tão viçosa , que em pouco tempo , dentro do mesmo anno , deu cinco flores , e sem alguma se perder , deu cinco peras , que sua mãy no dia de São João Bautista colheo maduras. E parecendolhe , que esta novidade persuadia mysterio , as mandou offerecer por mão do mesmo menino ao Santissimo Sacramento. O que mais admirou foy , que no mesmo anno tornou a arvore a dar o mesmo numero de flores , e produziu outras cinco peras , que a mãy colheo maduras no dia do Nascimento de nosso Redemptor JESU Christo , e as repartio pelos cinco filhos , que então com ella existião , lançando a todos huma benção com summo prazer. Fazendo nesta materia reflexão o Escriitor da sua vida , diz. „ Parece ainda , dava Christo nosso Redemptor ensayando a este seu discipulo em a devoção das cinco Chagas , que depois de Varaõ „ tão impressas trazia em sua alma.

268 No tempo , que aprendia a ler , e escrever , se observou , que todas as horas desocupadas eraõ para o serviço de Deos ; e então convidava os outros meninos para irem á Igreja de Santo Agostinho a fazer oração : e muitas vezes , sendo elle o Director , alli se disciplinavaõ. Com esta mortificação já naquella idade castigava o corpo , fazendo por encubrir aos olhos humanos os taes exercicios , que se haviaõ de perceber dentro em casa : e houve occasião , em que se vio estar escondendo o instrumento dos acoutes em hum lugar occulto do seu aposento. Nunca delle constou a mais leve travessura ; antes nas suas acçoens deo sempre reconhecer huma tão rara modestia , que parecia de Varaõ perfeito. Da communicação com as pessoas de outro sexo , desde aquelle tempo , em que não podia ter lugar a tentação , fugio em tal forma , que lhe ficou por habito o desviar-se dellas : e por essa causa , com a mercê de Deos , sempre triunfou dos perigos , em que o poz o demonio , como se aquellas pre-

pre vençoens fossem felices annuncios das suas futuras victorias.

269 Da primeira escola passou ao estudo da lingua Latina, em que muito aproveitou; porque a soube na ultima perfeição. No tempo, em que de pouca idade aprendia os rudimentos, observavaõ seus pays, que sempre para exercitar actos de virtude estava promptissimo. Quando vinhaõ a casa pedir esmola para certa Contraria da Mãe de Deos, não mostrava descanço, em quanto a não davaõ, e fazia diligencia, para que sempre fosse concedida pela sua mão. Abstinha-se notavelmente de todo o genero de regalos, satisfazendo-se só com a comida ordinaria nas horas proprias: de sorte, que se lhe offerenciaõ algum mimo de couza de comer, ou se antes de hir para o estudo, a mãe lhe dava alguma porção de alimento, pontualmente a aceitava, mas não para si, senão para a repartir, ou com os pobres, ou com os outros meninos, que o acompanhavaõ na oração, e exercicios, que com elles fazia nas Igrejas, para onde os chamava, e aonde como Mestre os dirigia.

Suas acções senão do estudante.

sua abstinencia dos regalos.

§. II.

Da vocação, que teve para ser Religioso. Da-se noticia do Convento, onde tomou o habito, e das exemplares acções, que obrou até os trinta e cinco annos de sua vida.

270 **T**Eve o menino Estevoão especial devoção com a milagrosa Imagem de nossa Mãe Santissima do Carmo, que se venera no Convento daquella villa. Não se passava dia algum, em que a não fosse visitar, orando na sua augusta presença com devoção tão admiravel, que a todos compungia. Da frequencia das visitas feitas á Mãe de Deos, procedeo a continua communicação, e trato familiar, que teve com os Religiosos do mesmo Convento. E afeiçoando-se ao nosso santo habito, entrou em hunstaõ efficazes desejos de o receber, que sem dilatar as diligencias, que devia fazer para ser admittido na Religião; propoz os seus pios intentos ao Prelado mayor da Provincia, que entaõ se havia eleito o Padre Mestre Frey Joaõ Cayado. A este Provincial supplicou que fosse servido recebelo, mostrando, que para esse fim o chamava a propria vocação. Asentio o Prelado aos seus rogos, estimando as boas qualidades que nel-

Devoção a Nossa Senhora do Carmo.

Afeiçoão ao nosso habito.

nelle concorriaõ ; porque a sua honestidade era notoria , e a todos se fazia patente a sua boa inclinação para as virtudes. Com effeito depois das diligencias necessarias , lhe mandou lançar o habito no Convento da villa da Vidigueira , que dista de Moura cinco leguas , e he (como depois veremos) o quarto em numero dos que constituem esta Provincia.

Infra Part IV.

Profissão Religiôsa.

Caso notavel de hum pomba.

Sendo Corista.

Artista em Lisboa.

271 Neste Convento, chamado de Nossa Senhora das Reliquias, teve o seu noviciado, e professou, posto que não he possível acharse noticia do tempo certo da sua entrada na Religião. O Escritor da sua vida, que foy seu contemporaneo, e amigo, dá a entender, (ainda que o não affirma com expressão) que fora no mez de Agosto; pois no tempo, em que tomara o habito, acontecera o caso seguinte, que transcreveremos pelas suas mesmas palavras,, Hum dia de Nossa Senhora das Neves de madrugada (falla da virtuosa mãy do nosso Veneravel) ouvio hum estrondo na janella da casa, onde estava. Abrio as portas, e achou hum pomba, a qual entrou no sobrado, onde esteve por hum anno, e quando lhe faltava a comida, descia aos baixos, e logo tornava para cima. Vindo o outro dia de Nossa Senhora das Neves do anno seguinte, se poz a mesma pomba na janella, por onde tinha entrado, e dando hum vôo, não appareceo mais... Póde-se bem cuidar, se estaria aqui debuxado o anno do noviciado do Padre Frey Estevão, que naquelle tempo tinha já tomado o habito da Virgem Nossa Senhora.

272 No anno do seu noviciado, e em quanto foy Corista, sabemos, que sempre viveo exemplarmente. Não ficaraõ noticias de acçoens memoraveis; ou porque ainda naquelles tempos não andava tão unido com Deos, que obrasse as maravilhas que se viraõ, quando executou as virtudes em grão heroico; ou porque não se fazia reflexão nas que depois todos applaudiaõ. Do Convento da Vidigueira veyo para este de Lisboa a estudar Filosofia no Curso, de que foy Lente o doutissimo Padre Mestre Fr. estevão de Santa ANNA, em occasião, que se celebrou neste mesmo Convento aos 15 de Janeiro de 1595 Capitulo Provincial, do qual foy Presidente o Reverendissimo Padre Geral Frey João Estevão Chizzola, e sahio eleito Prelado mayor da Provincia, o Padre Mestre Frey João da Costa. E como o dito Frey Estevão da Purificação mostrou notorio apro-

veir

veitamento , acompanhado de virtudes sólidas , mereceo que o nomeassem para hir ao nosso Collegio de Coimbra estudar Theologia : e com effeito foy admittido , e eleito Collegial no primeiro de Outubro de 1595.

Estudou Theologia em Coimbra.

273 Muito prova , que já naquelle tempo tivera hum exemplarissimo procedimento, a particular estimação, que delle fizeram os seus Lentes , que todos foraõ sogeitos dos mais sábios, virtuosos , e authorisados desta Provincia. Hum foy o insigne Doutor Frey Angelo Pereira , que depois subio a ser Bispo Titular de Martyria, Coadjutor do Bispado de Coimbra, de quem a seu tempo havemos de escrever a vida: e sabemos que este, sendo venerador dos professores da virtude , chamava ao Collegial Frey Estevoã o seu mais amado. Outros foraõ o Illustre Padre Presentado Frey Diogo de Mello; o Religiosissimo Padre Mestre Doutor Frey Thomé de Faria, que depois foy eleito Bispo Titular de Targa, Coadjutor do Arcebispado de Lisboa: todos dignos de grande conceito, como em seu lugar mostrará a nossa Historia. Na Aula da Universidade ouvia as liçoens do nosso famoso Mestre o Doutor Frey Manoel Tavares, proprietario da Cadeira de Escoto ; e do Eximio Padre Doutor Francisco Soares, da Sagrada Companhia de JESUS, dos quaes era tratado com especial distincção pelo conhecimento , que tinhaõ da sua já publicada observancia. Sobre todos o amava com familiaridade no trato o nosso Illustrissimo Bispo de Portalegre D. Frey Amador Arraes, que entãõ (dando raros exemplos) vivia no Collegio, e compunha o erudito livro dos seus Dialogos.

Estimado dos seus lentes;

Nomes dos ditos Lentes.

274 Acabados os seus estudos , e vista a grande capacidade , que mostrou no exame , que fez perante os seus Mestres , o Provincial lhe concedeo Patente de Prégador, e Confessor , para que com estas occupaçoens servisse a Deos em beneficio dos Fiéis. Gastou nos Santos exercicios do seu caracter, com utilidade notoria das almas , alguns annos, até contar 35 de idade ; semeando por alguns Conventos da Provincia o graõ do Evangelho , e reduzindo para Deos , por meyo do Sacramento da Penitencia , a muitas pessoas esquecidas da sua obrigação : de sorte , que sendo buscado como singular Director das consciencias , merecia que delle para esse fim fizessem eleição os que desejavaõ seguir a vida espirital. A mais dilatada

Prégador, e Confessor

Affistencia no
Convento da Vi-
digueira.

affistencia, que teve, foy no Convento da Vidigueira, que ama-
va, por se lembrar, que nelle pela profissão nalcera para a mãy
de Deos, de quem prezava muito chamar-se filho. Estando
no dito Convento, quiz o Senhor provar o seu animo, dando-
lhe a padecer hum trabalhosa afflicção interior nascida de escru-
pulos, semelhantes a outros, que o mortificaraõ no Collegio
de Coimbra. Os que agora sentia, em quanto o mesmo Senhor
lhe não acodio com o remedio, não só lhe prejudicaraõ a lau-
de, mas quasi se dirigiraõ a lhe offenderem o entendimento.

Aprehenção, q
o affligia.

275 A sua mayor desconfiança consistia em julgar-se tão
peccador, que não poderia salvar-se. Conhecia que esta sua apre-
henção não passava de ser hum fantastico pensamento; mas pa-
ra vencelo lhe eraõ necessarias forças mayores do que lhe pa-
reciaõ as proprias. Tinha para si, que quando rezava o Officio
Divino, não satisfazia, conforme era obrigado, ás horas Cano-
nicas. Repetia por esta causa os Psalmos, e Liçoens muitas ve-
zes. O temor de faltar a Deos com a pensão de Sacerdote o des-
consolava. Os conselhos que nessa materia lhe davaõ os Padres
Espirituaes, ainda que eraõ bem aceitos, não lhe desterravaõ a
perplexidade. Chegou a tanto o excessso da sua mortificação,
que para alivio de tamanho trabalho, foy afflir com elle na
mesma cella hum Religioso de notoria sciencia, e provado es-
pirito; o qual cuidava em lhe desvanecer aquelles continuos cui-
dados, que mais pareciaõ effeitos de enfermidade, que pro-
duçoens de outro principio. O muito que nestas occasioens pa-
deceo, eo prompto remedio com que em breve tempo veyo a
gozar a tranquillidade da alma, o mesmo servo de Deos o decla-
ra em hum elegante carta, escrita a outro Religioso, que ferido
da mesma afflicção o consultou para seguir o seu dictame. E
como na carta tem os Leitores muito que admirar ácerca da re-
signação, que devem ter na vontade Divina, e da confiança, que
haõ de pôr no patrocínio da Sempre Virgem MARIA, aqui a
transcreveremos na fórma, que achamos impressa.

Tranquillidade,
que conlegiuo.

CARTA I.
Escrita a hũ
Religioso so-
bre o Patro-
cinio da Vir-
gem Maria.

276 **O** Dulcissimo JESUS more, meu irmão, em
sua alma, e se aposente em seu Coração, pa-
ra que abrazando-o com o fogo do seu amor, o ensine a amar,
e não temer demasiado. Compadeçome muito da sua enfer-
midade, pelo que já passsey nesta vida, estando no Collegio;
de

,, de que será boa testemunha o Padre Frey Clemente, e os An-
 ,, jos do Ceo, a quem peço louvem ao Senhor, por me haver
 ,, livrado de tão escuras, e perigosas trevas; e lhe agradeçaõ por
 ,, mim, o que eu não sey, nem posso agradecer. Chamolhe en-
 ,, fermidade, porque realmente o he; mas o demonio faz por se
 ,, aproveitar della muitas vezes para seus intentos. Quando vê,
 ,, que nos não póde fazer cahir em culpas, faz-nos cahir em re-
 ,, ceyos, e temores dellas demasiados; para que assim chegue hum
 ,, homem a offender a Deos por demasiado temor, ou por dema-
 ,, fiada soltura, em que muitas vezes daõ os que se vem nestes es-
 ,, crupulos: *Quorum primus ego sum.* Mas louvores ao meu
 ,, JESU, que com paciencia infinita me soffreo em hum extremo,
 ,, e noutro já extremado em confusões, e desconfianças, já sol-
 ,, to em dissoluções, e desforamentos, já reluctando de huma
 ,, parte a outra, como doudo, e sem fizo; e o bom JESUS a
 ,, soffrer, e a ter máo. Até que venceo sua paciencia meus desa-
 ,, tinos: prevaleceo sua bondade contra minha malicia: bendito,
 ,, e louvado seja elle para sempre. Dailhe graças por mim, meu
 ,, irmão, e conviday a toda essa Santa Congregaçãõ a fazer o
 ,, mesmo; pois me livrou da garganta de Satanaz, que o officio
 ,, dos Anjos he fazerem festas, e alegrias, e cantarem ao bom
 ,, JESU na conversãõ de hum peccador, que tanto á sua cus-
 ,, ta se levantou. Meu irmão, o remedio, com que me achei
 ,, bem deste mal, foy o Nome de JESUS, e de MARIA, por
 ,, meyo do Rosario da Virgem. Puz em minha vontade rezalo: e
 ,, quando na Ave MARIA chegava a JESUS, e MARIA, dizia
 ,, estes nomes com sentimento; de maneira, que chegava ao co-
 ,, raçãõ. Irmão meu, em JESU Christo, não vos sey dizer como
 ,, se foy desfazendo o que me tinha cuberto o coraçãõ, e tão
 ,, cuberto, que parece não tinha coraçãõ; porque temia cousas,
 ,, que hey vergonha dizelo. Seja o Senhor louvado. Irmão fa-
 ,, zey esta devoçãõ, mas seja com este sentimento ao tempo,
 ,, que chegardes a estes Nomes: ou senão de quando em quando
 ,, dizey: *Louvado seja o dulcissimo Nome de JESUS*, e isto com
 ,, o coraçãõ, e continuay, vereis maravilhas do Senhor. Não
 ,, temais meu irmão demasiadamente; que he invençãõ do de-
 ,, monio para desacreditar a essa Congregaçãõ de JESUS. Isto
 ,, he o que o inimigo do genero humano pertende: isto deseja,
 ,, isto busca, porque sente a guerra que lhe fazem. Tende ani-

„ mo, e braday no coração por JESUS, e dizey muitas vezes
 „ MARIA, e obedecey com muita confiança ao vosso Confes-
 „ sor, e o que vos disser, fazeyo, e descuidaivos de tudo á sua
 „ conta: e cuido será o Padre Frey Clemente bom Mestre;
 „ porque ninguem vos ha de querer levar ao Inferno, e muito
 „ menos o bom JESUS, a quem custastes tanto. A elle vos en-
 „ tregay, e dizey: *Senhor meu JESU Christo, eu naõ vos heide*
 „ *offender mortalmente; antes perderey a vida. Pois com isto fa-*
 „ *zey vós de mim o que quizerdes. Se quereis que assim viva, se-*
 „ *ja eu sempre vosso, e nem bum ponto de vós me aparte, como*
 „ *determino, e proponho com vossa ajuda. Entaõ com vosco, mas*
 „ *que seja no Inferno, lá hirey, se vós me mandardes em vosso*
 „ *amor. Fazey de mim o que quizerdes.* Fazey irmão, esta de-
 „ voção, que eu todos os dias faço, antes que saya da Cella. Pe-
 „ di á Virgem Nossa Senhora, que vos alcance de seu Unigenito
 „ Filho, que havendo de offendelo, primeiro que chegueis a
 „ isso, sejais alanceado, e isto de verdadeiro coração: e se af-
 „ ffirm o fizerdes todas as manhãas de proposito, vivey seguro em
 „ JESUS, e quieto em MARIA, que he a Estrella do Mar, e
 „ Norte seguro da nossa Carreira. Ella vos alumie, e encaminhe,
 „ como fará, se fizerdes isto que digo, como o digo. Porque:
 „ *Quid mirum, si vocantibus adsit* (diz São Bernardo) *qua non*
 „ *vocantibus præest?* Tende muita confiança em Deos nosso Se-
 „ nhor, e esperay em sua Divina bondade com animo constante;
 „ porque sendo isto assim, sabey, que será principio de grandes
 „ mimos. Eu louvo ao Senhor, que por sua infinita misericor-
 „ dia, naõ por meus merecimentos, nem paciencia verdadeira
 „ que tivesse, experimentey esta bondade do meu JESUS, pe-
 „ los merecimentos da Virgem, que me governou. Naõ conto
 „ a ordem, porque ha mister mais tempo: *Sustine Dominum, &*
 „ *expecta manus ejus, & voca MARIAM,* que seja comnos-
 „ co. Amen. A 25 de Fevereiro de 1612.

§. III.

Do modo, com que Deos o encaminhou para a mayor perfeição, e dos Santos exercicios, em que se adiantou no primeiro anno depois da sua Conversão.

277 **T**Endo a idade, que fica declarada de trinta e cinco annos com pouca differença, o chamou totalmente o Senhor para o estado da mayor perfeição, dispondo-o por hum dos meynos, com que costuma attrahir a si os seus servos: de sorte que sendo a vida do Veneravel Frey Estevão até alli exemplar, passou a ser santa. Não houve mudança de extremo vicioso para outro contrario, qual he o da virtude; porque (segundo fica dito) os costumes deste Religioso sempre foram louvaveis. Porém, como expõem o seu Chronista, *naõ estava de todo livre de algumas imperfeições, e venialidades, as quaes, posto que nos naõ tiraõ a graça de Deos, tiraõ com tudo a estreita amizade, e familiar trato com elle; e fazem no amor deste Senhor o effeito, que faz a agua, quando se lança no vinho, esfriando, e afroxando nossos corações no seu serviço: pois estas ninharias em que empregamos a affeição, nos levaõ delle naõ pequena parte.*

Chamado para
o caminho da
mayor perfeição

278 O modo com que o Senhor o separou inteiramente da conversação do Mundo, foy ferindo-o com huma gravissima enfermidade, da qual lhe resultou grande lesão no sentido de ouvir: e posto que já neste sentido experimentava algum defeito, naõ era notavel. Agora padecia esta falta de tal maneira, que a naõ ter elle na vontade Divina taõ constante resignação, seria tormento. Porém foy este golpe aceito com tanto gosto, que affirmava ficar mais apto para perceber as vozes interiores do Senhor; chegando a dizer muitas vezes a hum amigo: *Entenda Padre, que o dia, que Deos me cerrou os ouvidos do corpo, me abriu os da alma.* E julgando-se restituído á saude, que nesta enfermidade perdera, affirmou distintas vezes ao seu Padre Espiritual: *Que a sua resignação lhe merecera soberanos effeitos; porque com ella adquirio o ficar trocado em outro homem muito differente do que antes era, com muita paz no espirito, e total Jocego na consciencia.*

Defeito grave no
sentido de ouvir

279 Na mesma occasião lhe deo o Senhor huns efficazes desejos de fazer penitencia: e aproveitando-se deste auxilio, a execu-

Declarado contra si, e contra o Mundo.

executou com o rigor, que depois diremos. Sobreveyolhe ao mesmo tempo hum prompto aborrecimento das cousas do Mundo, ao qual dalli em diante tratou como a inimigo. Contra elle declarou continua guerra, e com os brios, que lhe infundia a consideração, de que pelejava debaixo das bandeiras de JESU Christo, como seu soldado; nem fazia caso do que podiaõ dizer os homens, nem dos juizos, que os menos prudentes houvessem de formar á cerca da sua conversão.

Seu grande recolhimento.

280 No primeiro anno daquella Divina vocação (segundo o que elle declarou aos seus Directores) por especial favor da liberalidade do Altissimo, teve sempre hum grande recolhimento interior, e hum modo de Oração perfeita: *de tal sorte, que lhe era muito facil andar na presença de Deos encontrando-se as vistas a cada passo: já metido naquelle pégo profundo, e immenso de sua Divindade, já abraçado, e unido com a Santissima humanidade, de Christo Nosso Senhor. E assim, em se pondo na oração, não sentia distrabimento, que lhe dèsse muita pena; porque tinha Deos cuidado de lhe facilitar o caminho espiritual naquelles principios, para que depois podesse sustentar as securas interiores, que lhe havia de dar.* Chegoulhe á mão no mesmo tempo o livro da Oração, e meditação do Veneravel Padre Fr. Luiz de Granada, hum dos mais esclarecidos professores do sagrado Instituto Dominicano: e assim que o leu, reflectindo na pureza das suas solidas doutrinas, logo o recebeu por Mestre do seu espirito, usando daquelles santos exercicios pela sua mesma ordem, e confessava, que devia a sua felicidade, primeiro a Deos, que lha concedera, e depois áquelle santo varão, que o instruiu para a saber conservar.

Juizo que fez do livro do Padre Granada.

on
117

Fugia da comunicação humana.

281 Em todo este tempo lhe foy por extremo penoso o tratar com as creaturas, sem haver pessoa humana, que ao buscalo para algum fim politico, lhe não occasionasse martyrio. Evitava quanto podia o ver luz; porque em parte lhe impedia o quotidiano recolhimento interior, em que andava. Sempre dormio sobre a terra dura, sem mediar entre esta, e o seu corpo mais, que huma grosseira cuberta. No mesmo tempo usou de rigorosa abstinencia, não só a respeito do comer, mas tambem do vinho, do qual totalmente se absteve. Então foy excessivo nas penitencias, e mortificações do corpo: e padecendo nelle tanto, se diz, que andava (como quem não sente, nem padece) gozando

Excesso de suas penitencias.

do ſucceſſivamente da preſença do Senhor, que trazia diante dos ólhos da alma, para nunca ſe perverter dos ſeus bons propoſitos. Com tudo de tal modo debilitou o ſeu corpo neſte anno, que ſendo antes muito robuſto, ficou totalmente deſtituido de forças; e pelo aſperrimo caminho, que ſeguia, ſe o Prelado não interpuzesse a ſua authoridade para lhe moderar os excessos, acabaria com preſſa a vida, viſto que della ſantamente ſe conſtituiu verdugo.

282 Mas ainda que em muitas couſas o obrigou a exercitarſe com moderação, em algumas deixou que prevaleceſſe o que parecia crueldade, a fim de ſobrefahir mais o merecimento. Baſta ſaber-ſe que o ſervo de Deos nunca diſpenſou comſigo em comer fóra da meſa da Communidade, e a ſeu tempo. Tambem he certo que fóra da meſa commua nunca bebeo agua: e aſſim quaſi ſempre andava com ſede, principalmente de Verao, fazendo por eſte modo huma das mais rigorosas penitencias que podia; porque he conſtante, que no Convento da Vidigueira ſaõ mais que nos outros excessivas as calmas. Nas mais virtudes diſtintamente ſe exercitou em tal fórma naquelle anno (que foy como noviciado da ſua vida perfeitiſſima) que parecia levantar nelle hum ſingular modelo para as obſervancias, que pretendia ſeguir até a morte. Aſſim o podemos affirmar; porque depois que pela voz Divina foy chamado, nunca declinou da vida celeftial, que fez na terra; nem ſe lhe conheceo differença no exercicio das virtudes, eſpecialmente no rigor das penitencias, mais, ou menos moderadas, conforme pedia a occaſião.

283 Foy muito de admirar a felicidade com que venceo todas as ſuas paixoens; triumpho, que na eſtimação dos Myſticos he o mayor, e o mais glorioſo. Conhecidamente ſe lhe percebeo eſta continua victoria nos effeitos da ira; porque della foy algumas vezes enganado com a mentida razão de zelo: o que com frequencia ſuccede a muitos, que hallucinados julgaõ ſer acção de virtude, o que na realidade he vicio do amor proprio; tendo-ſe por fervorosos, quando melhor ſe deviaõ chamar freneticos, porque respiraõ furores nas circumſtancias, em que he mais precisa a prudencia. Porém depois da ſua vocação teve o Veneravel Padre Frey Eſtevaõ aquelle inimigo taõ domado, que pela ſuavidade das palavras, e brandura das acçoens, bem moſtrou

Só comia, e bebia em acto de Communidade.

Virtudes em que ſe exercitou.

Triunpho das proprias paixões

trou, que na sua alma habitava o Espirito Santo, parecendo por essa razão na terra hum homem do Ceo.

Caso que prova
o seu animo in-
trepido.

Mertola in ejus
vita

284 No seu animo não teve lugar aquelle medo pueril, com que o inimigo costuma tentar aos principiantes : e desta victoria são sufficientes provas os successos, que se referem pelo modo seguinte. ,, Estando o Padre Frey Estevoão fazendo oração ,, em huma Igreja á prima noite, olhou para diante de si, e vio ,, hum vulto muito horrendo, e espantoso sobre huma sepultura. Fez a natureza seu officio : arripião-se os cabellos, fuge o ,, sangue para o coração, e fica de todo sobressaltado. Porém jul- ,, gando isto por invenção do demonio para o tirar da oração, ,, pediu favor a Deos, e não se bulio donde estava, até que des- ,, appareceo a fantasma. Caso notavel, e muito para trazerem ,, na memoria, os que vivem soltamente. Porque no dia seguin- ,, te estando elle pensativo sobre esta visão, vio abrir a mesma ,, sepultura, e perguntando, quem se havia alli de enterrar, dis- ,, serão que certo homem, o qual (segundo o mesmo Padre Fr. ,, Estevoão referio) dava muito má vida a sua mulher, e estava ,, della apartado, e era muy vicioso, e deshonesto. Este mise- ,, ravel homem ao tempo, que sua alma partio desta vida, per- ,, mittio Deos, que fosse visto deste seu servo em vulto tão hor- ,, rendo, e espantoso; porque como he pay, nunca permite ,, males, de que não tire bens. O Veneravel Padre tirou daqui ,, hum grande animo para prégar contra os peccadores, que vi- ,, vem soltamente; e outros grandes frutos, que lhe augmen- ,, tarão para com Deos os merecimentos.

Caso grave com
hum energume-
no.

285 Em outra occasião mostrou a mesma fortaleza de animo, para se não vencer de semelhantes temores, que lhe causou o demonio. Havia este entrado no corpo de hum rapaz, a quem primeiro perseguio visivelmente, transformando-se em diferentes figuras; e depois lhe tomou posse do corpo, no qual produzia os lastimosos effeitos da sua insupportavel assistencia. Recorreo o pay deste Energumeno ao Provisor de Evora (que era o Doutor Luiz da Sylva de Brito) para que lhe nomeasse Exorcistas experimentados, que houvessem de acodir a tão urgente necessidade, visto que o enfermo assistia em huma Aldea daquelle Arcebispado. Nomeou o Provisor ao nosso Veneravel, para que em companhia de outro Religioso da mesma Ordem obrassem, o que no caso presente deviaõ. Feitos os Exorcis-

orcismos, obedecia logo o demonio, mas tornava; até que em certo dia, no qual tres vezes chegou a entrar no corpo do afflicto rapaz, por virtude Divina, applicada por aquelles Ministros, sahio de todo. Mas querendo vingar-se dos vencedores, e não tendo outro meyo para o executar, esperou que o Veneravel Padre Frey Estevão entrasse na Oração: e a fim delhe impedir o recolhimento, em que costumava gozar os favores do Ceo, fez na casa taes estrondos, e tão formidaveis cousas, que ao espirito mais intrepido causaria horror. Porém o valeroso Ministro levantando o pensamento a Deos, e suppondo que estava dalli distante muitas leguas, triunfou dos seus execrands desatinos. Então conheceo, que Deos com o muro da sua infallivel providencia cerca aos seus servos, para que os não possa offender aquelle inimigo, que supposto he poderoso, tem as licenças limitadas.

286 Sobre tudo fazia-se admiravel o continuo desamor, com que tratava a sua propria pessoa, ao mesmo tempo, que amava em Christo ao seu proximo com o mayor extremo. Não fazia caso do que lhe houvessem de estranhar, nem de que lhe lançassem em rosto aquellas accoens, que elle, ou por inadvertencia obrava com desagrado alheyo, ou por utilizar aos homens fazia com o coração em Deos; e repetia: *Não me dá, que digão publicamente estas cousas. Além disto, a meus Confessores dou licença, que possam pregoar meus peccados pelas praças.* Affirmava mais, que fazia gosto de se confessar aos Prelados, para que tendo noticia da sua consciencia, o podessem governar melhor, e acertar com a cura, de que sua alma necessitava. Mas isto affirmava com o desejo, que estava da sua parte, não procurando que este se effeituasse; porque não ignorava, o que deve o Confessor obrar por força de sua obrigação.

287 Certo Religioso lhe estranhou hum dia o estar elle ajoelhando muitas vezes diante de pessoas seculares, que o viao, dizendo-lhe que era mostrar singularidade naquelle costume; pois não obstante ser louvavel em si, com tudo por não ser praticado dos mais, poderia occasionar murmuração. Ao que elle satisfez assim mesmo de joellos, como se achava, com os olhos no Ceo, e lhe disse: *Padre essa palavra he do Mundo, o qual sempre trouxe bandeira levantada contra meu Senhor JESU Christo, e a traz ainda hoje, e he seu inimigo capital. Porque razão lhe farey eu a vontade? Que me dá a mim de me verem, ou de me não*

Não se offendia
de publicarem
os seus defeitos.

Resposta que deo
a quem o repre-
hendia.

Obras de virtude em publico.

rem? Eu quero alguma cousa do Mundo? Ponha-se delado. Eu me havia de correr de ser vosso discipulo, meu bom JESUS? Taõ pouco fizeste vós por mim? Por essa causa não duvidava de fazer algumas boas obras em publico; porque só respeitava a occasião, em que poderia ser do agrado de Deos, ficando-lhe sempre occulta a intenção, e não reparando para as avaliações do conceito humano. Todas estas tinha por falsas; porque ordinariamente se delaproprião dos bens da alma conducentes para a salvação, que não têm preço por cousas, que nada valem: o que bem ponderou em huma carta digna de memoria, escrita a huma Religiosa da nossa Ordem, da qual daremos a ler a cópia seguinte.

CARTA II.
Escrita a huma Religiosa sobre o conceito, q̃ faz o Mundo.

288 „ **O** Divinissimo Sacramento, onde está real,
„ e verdadeiramente o amoroso Esposo das
„ nossas almas, communique a essa sua muitas enchentes da sua
„ graça, e transforme toda em si, para que seja hum vivo retrato
„ seu, e imagem muy conforme a elle, para que assim alcance
„ o fim, para que foy creada, que he a gloria promettida, a quem
„ for muito conforme á Imagem do Filho de Deos. Minha
„ irmã para sabermos estimar esta alma, importa muito esta
„ consideração, que faz aqui nesta sua, do muito, que custou a
„ JESU Christo; porque quem trouxer diante dos olhos esta
„ consideração, fabelahá estimar, e não venderá a pobre alma
„ taõ barata a Satanaz, como muitos desatinadamente a vendem:
„ huns por qualquer interesse de huma palha, outros por
„ hum pontinho de honra, outros por hum gostosinho abominavel.
„ Ah quem déra hum brádo, que soára por todo o Mundo, e que
„ perguntaraõ todos, porque bráda este frade doudo?
„ E eu lhe respondera: *Quanto mais doudos saõ, e sem fizo,*
„ *os que não sabem estimar a sua alma, nem tela na conta, que*
„ *merece?* Dará hum menino a pedra preciosa por huma maçãa,
„ porque não tem juizo para estimar a pedra preciosa. Dará o
„ cego, e louco mundano a joya, e preço da sua alma, por hum
„ ponto de honra, porque não tem razão: he louco, e sem
„ juizo. O Senhor a cuda: o Senhor no lo dê a todos, &c.

CAPITULO VIII.

Continuaõ-se as noticias do mesmo Veneravel Padre, pelo que respeita aos exercicios, e effeitos da Oraçaõ.

289 **A** Lém da Oraçaõ mental, e contemplaçaõ continua, em que o Veneravel Padre Fr. Estevaõ se exercitou depois da sua final vocaçaõ, usava de hum grande numero de Oraçoens vocaes: e para satisfazer aos que as reputavaõ excessivas, attribuindo elle a que o Senhor poderia cessar das delicias, que lhe concedia nos recolhimentos, dizia: *Ainda que o meu JESUS não queira fallar comigo, nem por isso deixarey de fallar com elle.* Dava tambem a entender, que se ajudaria do uso das jaculatorias, quando lhe faltasse a devoçaõ sensível, ou nas palavras, ou finalmente nas inspiraçoens interiores. E como não lhe foy possível encobrir os taes exercicios vocaes, succedeo que por obediencia do Prelado os escreveo todos, e lhos entregou, referindolhe fielmente quanto em cada dia rezava, que para utilidade dos Leitores, prevendo nós, que alguns se poderãõ aproveitar de taõ santo estimulo para a imitaçaõ, aqui os copiaremos na fórma, que estaõ escritos.

Sua Continua
Oraçaõ.

§. I.

Suas oraçoens vocaes quotidianas postas pela mesma ordem, que eraõ proferidas.

290 „ **P** Rimeiramente de noite me levanto, e digo
„ as Matinas, e Horas da Cruz. Logo presen-
„ tando-me a Deos, faço por discorrer em breve tempo por
„ minhas culpas, e tenho dellas o arrependimento que posso, e
„ digo a Ladainha dos Santos com suas oraçoens todas.
„ Logo digo: *Meu Senbor JESU Christo, vós já morrestes pe-*
„ *los homens, e não ha quem vigie comvosco, e se compadeça de*
„ *vossa Paixaõ. Por ella vos peço hajais misericordia de mim: e*
„ digo dez vezes o Pater Noster, e Ave MARIA, e quatro ve-
„ zes o Credo. Dizendo isto, vou discorrendo pela Paixaõ des-

Oraçoens vos
cabe.

„ desde o Horto até ser Christo pregado , e levantado na Cruz,
 „ com o sentimento, e luz, que o Senhor quer dar.

291 „ Arvorado Christo , faço o final da Cruz na testa,
 „ na boca , e no peito, dizendo em cada huma : *JESU Nasaræne*
 „ *Rex Judæorum* , *miserere nobis* : e escrevo na testa o titulo da
 „ Cruz , e o nome da Virgem MARIA , que ensinou Christo a
 „ hum seu devoto para ser livre de perigos. Então digo: *Gloria*
 „ *Patri* , & *Filio* , & *Spiritui Sancto* , &c. Esta devoção , e a de
 „ cima mostrou Deos serem-lhe agradaveis com casos maravi-
 „ lhosos.

292 „ Apôs disto faço huma devoção á Virgem Nossa
 „ Senhora, que importa para a hora da morte, dizendo: *Virgem*
 „ *MARIA Mãe de Deos* , *assim como o Padre Eterno com a ma-*
 „ *gnificencia da sua Omnipotencia vos levantou a tão alto throno*
 „ *de dignidade, que sejais a mais poderosa , que ha no Ceo , e na*
 „ *terra ; assim vós me ajuday agora , e na hora da minha mor-*
 „ *te, destruindo todo o poder de meus inimigos. Ave MARIA*
 „ *gratia plena &c.*

„ *Virgem MARIA Mãe de Deos , assim como o Filho com ineffa-*
 „ *vel sabedoria vos encheo de conhecimento da Santissima Trinda-*
 „ *de, mayor que de todas as puras Creaturas , e vos dotou de tan-*
 „ *ta luz , que allumiais o Ceo , e a terra ; eu vos peço Senhora,*
 „ *me ajudeis agora , e na hora da minha morte ; e alcanceis conhe-*
 „ *cimento de Fé , de maneira , que não seja tentado de alguma*
 „ *ignorancia. Ave MARIA gratia plena , &c.*

„ *Virgem MARIA Mãe de Deos , assim como o Espirito San-*
 „ *to vos dotou de tanta suavidade de amor , que sejais a mais*
 „ *amorosa, que todas as creaturas ; assim vós me ajuday agora,*
 „ *e na hora da minha morte : e alcançay , que tanta suavidade de*
 „ *amor se derrame em minha alma , que toda a pena , e amargu-*
 „ *ra me seja suave. Ave MARIA , &c.*

293 „ Logo digo: *Benedicamus Patrem , & Filium cum*
 „ *Sancto spiritu* , dando-lhe graças por haver assim levantado a
 „ Virgem Nossa Senhora ; e digo á mesma Virgem N. Senhora
 „ huma Antiphona: *Virgo MARIA non est tibi similis orta in mun-*
 „ *do, &c.* pedindolhe me alcance do seu Bemdito Filho, que an-
 „ tes eu seja alanceado, que offendelo com huma culpa mortal.

294 Digo huma Antiphona a Santa ANNA , outra a São
 „ JOAQUIM , que me alcancem ser verdadeiro devoto da Vir-
 „ gem

gem Nossa Senhora. Outra a São Francisco, que me alcance
 ,, ser de voto da Paixão: outra a São Lourenço, que me alcan-
 ,, ce espirito de fortaleza para poder sofrer o que Deos for fer-
 ,, vido dar-me.

295 ,, Dizendo estas cousas, confidero a Christo na Cruz
 ,, espirar, encômendando ao Padre o Espirito, onde nos encô-
 ,, menda a nós. Aqui confidero a lançada, que lhe deraõ, e o dei-
 ,, xaraõ como cousa abominavel, e excommungada. E pedindo
 ,, licença á Virgem Nossa Senhora, digo, ou com a mente, ou
 ,, com a boca: *Eu vos quero meu JESU, eu vos quero: e faço*
 ,, com o nosso Christo, quando o tenho comigo, ou com a Cruz
 ,, das contas, o officio de Joseph, e Nocodemus, despregando-o
 ,, da Cruz. Entre tanto digo hum Responso pelos defuntos com
 ,, aquella Oração: *Deus, qui nobis in Sancta Syndone, qua corpus*
 ,, *tuum sacratissimum de Cruce depositum, & á Joseph involutum*
 ,, *fuit, passionis tue vestigia reliquisti: concede propitius, per*
 ,, *mortem, & sepulturam tuam, ut ad resurrectionis gloriam per-*
 ,, *ducamur, qui vivis, & regnas, &c.* pela qual se tira huma al-
 ,, ma do Purgatorio.

296 ,, Christo tirado da Cruz, digo huma Antiphona ao
 ,, Espirito Santo, que purifique meu coração para o sepultar
 ,, nelle. Outra Antiphona á Virgem Nossa Senhora, pedindo-
 ,, lhe ajuda das especies aromaticas das suas virtudes. Outra a
 ,, seu Esposo São JOSEPH, pedindolhe o ornato, e riquezas
 ,, do Ceo, das flores de suas graças: e assim considerando o co-
 ,, ração puro com estes cheirosos unguentos, e flores, sepulto
 ,, ao Senhor, dizendo: *In pace factus est locus ejus, & habita-*
 ,, *tio ejus in Sion.* E sepultando-me com elle, digo: *In pace in*
 ,, *idipsum dormiam, & requiescam:* e dizendo aquelles Versos
 ,, do Psalmo: *Benedic anima mea Domino, & omnia, quæ in-*
 ,, *tra me sunt, nomini sancto ejus, &c. Renovabitur ut aquila*
 ,, *juventus tua;* recolhome, e durmo, se ha tempo.

297 ,, Pela manhã dou graças ao Senhor por me chegar
 ,, a ver, e pela luz da Fé, que me deu, dizendo: *Graças vos dou*
 ,, *Senhor, que me livrastes das trévas da infidelidade; e me dés-*
 ,, *tes a luz da vossa Fé: graças vos dou, que me livrastes das tre-*
 ,, *vas da ignorancia gentilica, e me destes a luz da vossa verdade,*
 ,, *e do vosso Evangelho: graças vos dou, que me livrastes das tré-*
 ,, *vas da culpa, e me communicastes a luz da graça: graças vos*
 ,, *dou*

Aqui faz menção
 dos escrúpulos su-
 pranum. 257.

„dou, que me livraſtes dos temores deſordenados, e me deſtes a
 „luz de voſſo temor ſanto, e ſuave: graças vos dou, que me li-
 „vraſtes dos enganos, e falſidades dos inimigos da minha al-
 „ma. Então peço a confirmação de todas eſtas mercês, e di-
 „go: Daime Senhor huma Fé viva, eſperança firme, caridade
 „perfeita, e humildade verdadeira. Daime graça perpetua, dai-
 „me luz, e conbecimento de todas as verdades: daime voſſo te-
 „mor ſanto, e ſuave: daime conbecimento de todos os inimigos
 „de minha alma, e vitoria de todos elles: daime paſſar por todos
 „os perigos deſte Mundo em paz: daime não cabir: livraime
 „com voſſa poderofa mão.

298 „Logo digo o Hymno: Jam lucis orto ſydere, com
 „o verſo Benediſtus, qui venit in nomine Domini: e rep. Deus Do-
 „minus, & illuxit nobis, e a oração: Corda noſtra quaſumus
 „Domine, venturae feſtivitatis ſplendor illuſtret, quo mundi hu-
 „jus tenebris carere valeamus, & perveniamus ad patriam cla-
 „ritatis aeternae. Per Chriſtum Dominum noſtrum. Digo mais,
 „Senhor meu JESU Chriſto: Scio, & intimè doleo, me totam tuam
 „ſubſtantiam diſſipaffe, cum amorem tibi debitum in Creaturis
 „tuis laſcivè collocaverim. Nunc autem inopiam meam conſide-
 „rans, & egeſtatem cognoscens, famelico appetitu ad viſcera
 „miſericordiae redeo. Radiis tuae gratiae, quaſo mihi occurras: tuae
 „pietatis oculis me cognoſce, amplexare, & osculare me osculo
 „pacis. E faço aqui ratificação dos votos, dizendo: Eu vos
 „prometto obediencia, pobreza, e caſtidade até a morte; quo-
 „niam tu ſolus Sanctus, tu ſolus Dominus, tu ſolus altiffimus
 „JESU Chriſte cum ſancto Spiritu in gloria Dei Patris amen.

299 „Poſto de joelhos ſaúdo a Santiffima Trindade,
 „dizendo todo o Hymno Adeſto Sancta Trinitas com ſeu verſo,
 „e Oração. Logo ſaúdo a JESU Chriſto, dizendo: Salve JESU
 „Chriſte, Deus cordis mei, Deus meus, Creator meus, conſer-
 „vator meus, Redemptor meus, ſanctificator meus, glorificator
 „meus, Deus meus, & omnia. Aqui lhe faço huma encômen-
 „dação, dizendo: Domine JESU, ſplendor Paternae gloriae, in
 „quem deſiderant Angeli proſpicere; doce me facere voluntatem
 „tuam, quia Deus meus es tu; ut à ſpiritu tuo bono deductus, ad
 „beatam illam perveniam civitatem, ubi eſt dies aeternus, & unus
 „omnium ſpiritus; ubi eſt vera ſecuritas, & ſecura aeternitas; eter-
 „na tranquillitas, & tranquilla felicitas; felix ſuavitas, & ſua-

Tomo II. Parte II. 175

„vis jucunditas, ubi tu cum Patre, & Spiritu Sancto, Sanctis
 „tuis es lux vera, satietas plena, gaudium consummatum, &
 „felicitas perfecta in sacula seculorum. Amen.

300 „Então saúdo a Virgem Nossa Senhora, dizendo:
 „Salve candidum Liliū fulgidæ, semperque tranquille Trini-
 „tatis; rosaque præfulgida cœlicæ amœnitatis, de qua nasci, &
 „de cujus lacte pasci Rex Cœlorum voluit, divinis in fluvionibus
 „animas nostras pascere. E faço mais huma encommendação,
 „dizendo: O Domina mea, semper virgo Dei Genitrix MARIA,
 „me in tuam benedictam fidem, ac singularem custodiam, & in si-
 „num misericordiæ tuæ hodie, & quotidie, animam meam, & cor-
 „pus meum tibi commendo; omnem spem meam, & consolationem
 „meam, omnes misérias, & angustias meas tibi committo, ut per
 „tuam Sanctissimam intercessionem, & perpetua merita, omnia mea
 „dirigantur, & disponantur opera, secundum tuam, tuique Filii
 „voluntatem: qui vivit & regnat in sacula seculorum. Amen.

301 Saúdo a Santa Cruz, dizendo: Salve Crux Sancta,
 „salve Mundi gloria, vera spes nostra vera ferens gaudia: si-
 „gnum Salutis, salus in periculis, vitale lignum vitam portans
 „omnium. V. Hoc signum Crucis erit in cœlo. R. Cum Dominus
 „ad judicandum venerit, edigo a oração da Cruz. Saúdo
 „tambem ao meu Anjo da guarda, dizendo: Salve Angele Dei,
 „qui custos es mei, pietate superna tu me governa, ne peream
 „morte æterna. V. Angelo suo Deus mandavit de me. R. Ut custo-
 „diat me in omnibus viis meis, com a oração do Anjo da Guar-
 „da: Deus, qui ineffabili providentia, &c. Saúdo a Santo Este-
 „vão, dizendo: Ave Diaconorum Senior Stephane, &c. com
 „seu verso, e oração. Saúdo a todos os Bemaventurados, di-
 „zendo: Salvete flores mundi, rosæ Cœli, Angeli, Archangeli,
 „Throni, Dominationes, Principatus, Virtutes Cœlorum, lau-
 „date Dominum de cœlis. V. Adorate Dominum. R. omnes An-
 „geli ejus, com a Oração dos Anjos: Deus, qui miro ordine
 „Angelorum, &c. Aos Santos digo: Omnes electi Dei nostri me-
 „moramini ante Deum, ut vestris precibus adjuti, mereamur,
 „& vobis adjungi, com o verso, e oração de todos os Santos.

302 „Depois como reconhecendo as mercês, que Deos
 „me tem feito, dandome o recolbimento para me recolher, e o
 „vestido para me cobrir, digo assim: Senhor tendes feito como bom
 „Senhor, daime fazer eu como bom servo. Digo logo tres vezes o

Pa-

„ *Pater noster*, e *Ave MARIA* com o Hymno: *Monstra te esse matrem*, á Virgem N. Senhora, com o verso *Ecce ancilla Domini*, que he a minha alma rendida a Deos: e beijando a terra com humildade, digo a oração de Nossa Senhora: *Concede misericors Deus fragilitati nostræ præsidium*, &c. Examino a conciencia, aparelhandome para a confissão; a qual feita, digo algumas orações; e considerando algum mysterio da Paixão, que me mostre o amor grande, que Deos me tem, e como nelle só está todo o meu remedio, faço por desejar hum grande disposição para o receber. E assim dizendo o Hymno, *Veni Creator*, &c. com as Orações, me vou a dizer Missa. Nella offereço Christo á Santissima Trindade, cada dia em seu differente passo da Paixão. A 1.ª segunda feira no Horto: á terça açoutado; á quarta coroadado, á quinta com a Cruz ás costas, á festa crucificado, ao sabbado nos braços de Nossa Senhora, ao Domingo resuscitado, e com esta consideração o recebo.

303 „ Depois recolhome, e faço pelo agazalhar, e unir-me com elle, dizendo algumas orações, e ganhando algumas indulgencias; e vou-me á Missa do dia, onde rezo as Horas, e algumas devoções conforme ao tempo, e ganho algumas indulgencias, e quando levantaõ ao Senhor, digo aquelle Hymno de Santo Thomáz: *Adoro te devotè latens Deitas*, &c.

304 „ Como sey que tem tãgido a comer, dou graças ao Senhor pelo cuidado, que tem de mim, dizendo a *Magnificat*, e considerando quantos se occuparaõ em negociar aquelle comer, e tudo ordenado por Deos para mim. Quando entro no Refeitório digo: *Senhor, vós me mandais comer, concedeime, que não haja excessão*. Entaõ digo *Benedicite* com a benção da Mesa. Quando como, considero aquelle comer, que he hum substancia, e participação de Deos.

305 „ Acabado o comer, e graças, senaõ sobrevem alguma cousa de pobres, vou correr os altares. Depois me vou ao ministerio dos pobres, que vem. Acabadas as Vesperas (senaõ ha impedimento) tenho recolhimento. Rezo o Rosario de Nossa Senhora, e vou meditando os mysterios de nossa Redempção com a devoção, que o Senhor ha por bem dar-me, se eu a não estorvo: e se não he entaõ, he quando posso. Rezo tambem a Coroa de Nossa Senhora, e a de Christo, e digo quinze Magnificas a Nossa Senhora: aos Coros dos Anjos

„ digo

„ nove , e outras. Digo sete vezes a *Salve Rainha* aos sete gozos
 „ da Senhora , e ganhaõ-se Indulgencias. Digo cinco vezes o
 „ *Pater Noster* , e *Ave MARIA* á honra das cinco dores mayo-
 „ res , que teve a Virgem Nossa Senhora , e outros tantos ás
 „ Chagas , e tres á Santissima Trindade. Digo memorias, vin-
 „ te , pouco mais, ou menos. Digo á Cruz o Psalmo : *Te decet*
 „ *Hymnus Deus* com sua Oração : e ao Sacramento o Psalmo :
 „ *Omnes gentes plaudite manibus* , com sua memoria , e hum *Pa-*
 „ *tér Noster* , e *Ave MARIA*. Então discorro pelas contas , di-
 „ zendo , *JESUS MARIA*, tantas vezes, quantos dias são passa-
 „ dos desde o dia da Encarnação até o presente, em que estou,
 „ pelas Almas do Purgatorio. Digo as Horas da Cruz todas, e as
 „ Horas de São JOSEPH , mais a Ladainha de Nossa Senhora,
 „ e outra Ladainha da Santissima Trindade com alguns Santos,
 „ com quem tenho devoção.

306 Além destas obrigaçoens quotidianas pelos dias da
 „ semana, acrescento ao Domingo o Rosario do nome de JESUS,
 „ dizendo dez vezes : *JESU, MARIA, JOSEPH, sejaõ com as*
 „ *nossas almas* , então hum *Credo* ; e vou continuando com isto
 „ até que faço hum Rosario, como o de Nossa Senhora. Digo pe,
 „ la manhã hum Hymno com *Benedictus Dominus Deus Israel*,
 „ e Antiphona á Ressurreição : e á tarde outro Hymno com a
 „ *Magnificat*. A 1.ª segunda feira digo Vesperas, e hum Nocturno
 „ com Laudes pelos defuntos. A 2.ª terça o Rosario de JESUS, e
 „ pela manhã ao Hymno com que saúdo a Santissima Trindade,
 „ acrescento hum *Benedictus* ; e á tarde torno a dizer o Hymno
 „ com a *Magnificat*. A 3.ª quarta feira digo os Psalmos Graduaes: á
 „ quinta o Rosario do Santissimo Sacramento, a saber: *Louvado,*
 „ *e exaltado seja o Santissimo Sacramento, fruto do Ventre da Vir-*
 „ *gem MARIA*, e isto dez vezes com *Gloria Patri* no fim; e assim
 „ vou discorrendo até fazer hum Rosario, como o de Nossa Se-
 „ nhora. Digo tambem pela manhã neste dia hum Hymno com
 „ *Benedictus* ao Santissimo Sacramento; á tarde outro com a *Ma-*
 „ *gnificat*. Digo mais neste dia o officio do Espirito Santo. A 4.ª fes-
 „ ta feira os sete Psalmos Penitenciaes, correndo alguns altares de
 „ joelhos, até que os acabo. Digo mais neste dia outro Rosario
 „ pela obrigação da Confraria , porque sou Confrade. Ao sab-
 „ bado reso o Officio de Nossa Senhora, e quando não posso di-
 „ zer isto no mesmo dia, digo-o no outro.

que contém direções para as almas no caminho da perfeição. Seja a primeira huma, que escreveo a certa pessoa tocada de espirito de penitencia, exhortando-a a que se aproveite dos auxilios Divinos, e profiga nos bons propositos, a que dára principio, a qual fielmente copiada he do theor seguinte.

CRATA IV
sobre a per-
severança no
bom propo-
sito.

316 „ **O** Espirito Divino more nessa sua alma, que
„ he Mestre singular de todas as sciencias, e
„ de toda a sabedoria do Ceo. Doutrina sua parece, a que mos-
„ tra nesta carta. Este conhecimento, e este arrependimento ef-
„ feitos seus parecem; pois se parecem tanto com os que fez San-
„ to Agostinho no livro das suas confissoens, ensinado por este
„ soberano Mestre. Pegolhe muito agradeça a este Senhor tan-
„ tos mimos em pago de tantos deservigos, como diz, que lhe
„ tem feito: este agradecimento com humildade sera hum meyo
„ muito efficaz para conservar as presentes mercês recebidas, e
„ ainda receber outras de novo; porque não he o agradecimen-
„ to das mercês recebidas outra cousa, senão huma chave, com
„ que abrimos seus thesouros, para delles largamente sermos ri-
„ cos de outras vindouras. Lembrelhe, quantas mostras este Se-
„ nhor tem dado do muito, que lhe quer, e de quanto deseja seu
„ amor. Encommendolhe tambem muito a confiança nel-
„ le. Huma alma devota, que não sentia em si ainda mais que
„ semelhantes desejos, se consolava com esta consideração: Se-
„ nhor, que he o que pertendestes de mim, quando me chamastes?
„ Quando por mim morrestes, quando por mim nascestes? Ne-
„ nhuma outra cousa sem falta, senão salvação: dar-me o vosso
„ Ceo, e vossa gloria. Pois Senhor, se quando eu ainda nem desejar
„ vossos bens sabia, me fizestes tanta mercê, como he possivel que
„ agora, que eu as desejo, mas negueis? E com isto ficava conso-
„ lada. O que pertendia era avivar os desejos, e assim esperar
„ com muita confiança a perfeição; e com muita humildade,
„ oração, e perseverança, bater ás portas do Pay das miseri-
„ cordias.

Mãos effeitos da
recahida na cul-
pa.

317 „ Encômendolhe o receyo de huma recahida depois
„ de tantos chamamentos. Chama o Senhor ás vezes com mi-
„ mos, ás vezes com castigos, e tudo são misericordias; mas
„ elle sabe o termo de nossas maldades: e por ventura seja a der-
„ radeira a primeira, que tornar a commetter. Algumas almas,
a quem

„a quem Deos tem chamado, e tem em sua casa por suas, induzidas
 „pelo demonio com confiança nas misericordias de Deos anti-
 „gas, se passaõ ao bando do inimigo, com intenção de tornar
 „logo, e não morrer neste passo: desejando com o máo Profe-
 „ta Balaam morrer morte de justos, e viver vida de peccado-
 „res. Mas por justos juizos de Deos lhe succede, o que succe-
 „deo aos dous filhos de Elimelech, de que faz menção a Sagrada
 „Escritura. Estes por huma fome, que houve em Belém terra
 „Santa, se foraõ a Moab terra de gentios, não para morar, se-
 „nãõ, *ut peregrinentur ibi*, como peregrinos, de passagem, pa-
 „ra passarem a fome, e tornarem á terra de Deos. Porém de
 „repente os tomou a morte no lugar, que escolheraõ para pas-
 „sar parte da vida. Isto mesmo succede aos que, estando na
 „terra Santa da graça, com a fome dos seus appetites se passaõ
 „á terra da culpa, não para alli morrerem, mas com intento
 „de se tornar. Permite Deos por seus justos juizos, que a hi os
 „tome a morte de repente, e acabem em seus peccados; porque
 „de ordinario quem mal vive, mal morre: nem he digno de tor-
 „nar a morrer na terra santa, quem quiz sahir-se della para viver
 „na perigosa Região de Moab, digo, do peccado, comprehen-
 „dendo-o aquella terrivel sentença de Jeremias: *Plangite eum,*
 „*qui egreditur, quia non revertetur ultra, nec videbit terram na-*
 „*tivitatis suæ*: Choray ao que se sahe, porque não tornará mais,
 „nem verá a terra onde nasceo. Aqui saõ bem empregadas as
 „lagrimas; porque por ventura se hum se aparta de Deos, e da
 „sua Igreja, ou da terra dos vivos, onde nasceo huma, e mui-
 „tas vezes por graça, morrerá morte temporal, e eterna, sem
 „tornar á ditosa terra, que deixou, e despresou.

318 „ Consideremos, que se por ventura huma vez tor-
 „narmos a pôr os pés na terra dos vicios, nos enlaçaremos,
 „e porẽmos em occasião de nunca nos apartar delles. Por tan-
 „to não tenhamos por seguro o viver em estado, em que não
 „queiramos morrer. Desatino he fazer detença hum só dia de
 „vidã em lugar, onde não queiramos, que nos tomasse a morte;
 „quẽ por ventura aquelle dia será o derradeiro, ou o principio
 „de perseverar no peccado sem fim, e sem remedio. E pertẽn-
 „dendo ter dous Paraísos, hum na terra carnal, outro no Ceo
 „celestial, os perderemos ambos. Assim succedeo a hum Er-
 „mitaõ muito penitente, e muito favorecido de Deos. Vio em

re-

Caso raro de hum
Ermitaõ.

„servilo, nem amalo a elle, senão servirnos, e amarnos a nós:
 „que se eu o não amo pelo que elle he (que he todo o bem) se
 „não pelo que he para mim, este amor he interesseiro. Não se-
 „quer assim amado o bom JESUS, senão por si, sem mais al-
 „gum interesse; porque este he o verdadeiro amor. Se eu não
 „heide servir a Deos, mais que em quanto me dá gozinhos, nem
 „grado, nem graça. Neste livro, que lhe mando, verá as repof-
 „tas das duvidas, que me pede: particularmente de como ha-
 „de ter Oração, e a postura, e composição do corpo, quando
 „orar; a qual deve ser aquella, em que acharmos mais disposi-
 „ção para o espirito poder orar; porque também se o corpo
 „está opprimido, o espirito não se levanta; porque são amigos
 „unidos. Mas não seja a composição tal, que traga sono, ou
 „frieza ao espirito, &c.

Necessidade da
oração Mental

312 Era acerrimo em defender a necessidade, que todos
 tem da Oração mental; lembrando-se, que era ponto princi-
 pal da Regra, que professava, o meditar de dia, e de noite na
 Ley de Deos. Este conselho cumpria tão exactamente, que pa-
 ra não faltar á sua execução, vivia entre os Religiosos, como
 se para tratar com elles estivesse ausente. E como o defeito de
 ouvir era grande, o mais tempo fallava só com quem podia sem
 vozes explicar-se, e ser bem percebido no interior do seu co-
 ração. Por causa do mesmo defeito, lhe era mais que aos ou-
 tros Religiosos necessaria no Coro, e actos de Comunidade a
 attenção; porque supposto lhe não ser possível accommodar-se com
 as vozes dos companheiros, reparava para os movimentos, ac-
 ções, e ceremonias, e as seguia com uniformidade aos affir-
 mantes. Na observancia das ditas ceremonias era tão pontual, e
 tanto desejava acertar em todas, que havia feito concerto com
 hum Religioso, de rezar por sua tenção huma Ave MARIA
 em cada huma das vezes, que o emendasse; de sorte, que esta
 santa promessa também se entendia, se lhe fizesse o beneficio de
 lhe advertir em toda a materia a mais ligeira falta.

Como pertendia
ser advertido nos
actos de Comuni-
dade.

Contrato co ou-
tro Religioso.

313 Com outro Religioso havia feito outra meritoria
 convenção, de se esperar hum a outro com certo final exterior,
 para se não esquecerem de Deos. Consistia o final em pôr hum
 braço sobre outro em forma de Cruz: e era de admirar a summa
 alegria, que mostrava nas occasiões, que lhe anticipavaõ esta
 lembrança; desejando todos ver, quando elle fazia esta acção pe-
 la

la graça, de que era acompanhada, e pela summa devoção, que infundia. E ainda que depois de se entregar àquella vida quasi Angelica, reprimia de tal modo as paixões, que tudo no semblante parecia serenidade de animo; com tudo custava-lhe muito a soffrer, que algum Sacerdote, ou Irmão, por costume, deixasse de fazer profunda inclinação ao dizer-se o *Gloria Patri*; ou que nas ceremonias faltasse á perfeição necessaria: o que tudo nascia do grande zelo, que sempre teve da honra de Deos, e particular amor á virtude da Religião.

Reverencia ao
Gloria Patri,

314 Bastava empregar os olhos nos que se descuidavaõ de obrar na presença de Deos perfeitamente, para ficarem emendados, e compungidos; sendo hum dos mais estimaveis abonos da sua sublime virtude os effeitos maravilhosos, que produzio em differentes fogeitos. Os que se encômendavaõ na sua Oração, eraõ de tal modo bem succedidos, que os dissolutos na vida se convertiaõ para Deos, e os menos perfeitos melhoravaõ de tal modo, que chegavaõ a merecer opiniaõ de santidade. Muitos foraõ os Religiosos, que com meritoria emulação lhe seguiraõ o exemplo, e o imitaraõ no rigor das penitencias; sendo elle o Ministro das confissoens de cada hum, e o Director de todos.

Effeitos da sua
Oração:

315 Da sua escola sahiraõ muitos, que com as austeridades da vida, e santos progressos até a morte, haõ de servir de singular ornamento á nossa Historia, quando no tempo dos seus transitos fizermos delles memoria. Os mais finalados discipulos deste grande Mestre foraõ os seguintes Religiosos, estimados todos por veneraveis: os Padres Frey Antonio da Luz, Fr. Francisco de Azevedo, Frey Diogo de São JOSEPH, Frey Antonio Homem, Fr. Manoel de Mello, e outros, que usavaõ dos seus conselhos, e eraõ da sua Oração continuamente favorecidos. Aos que viviaõ ausentes aconselhava, e dirigia por cartas cheyas de espirito, que se constituem naõ só dignissimas de estimação, mas de que os Leitores as imprimaõ na memoria para bem regular as suas acçoens: e ainda que muitas correm já estampadas, com tudo como poderia succeder, que os livros, em que vem algumas, por causa da sua muita antiguidade, houvessem de faltar; e as Chronicas das Provincias saõ os Archivos, em que se guardaõ todas as suas memorias, posto que já ouvidas, e repetidas; sempre transcreveremos aqui algumas das ditas cartas, que

Religiosos a que
utilizou com a
doutrina.

que contém direçoens para as almas no caminho da perfeição. Seja a primeira huma, que escreveo a certa pessoa tocada de espirito de penitencia, exhortando-a a que se aproveite dos auxilios Divinos, e profiga nos bons propósitos, a que dêra principio, a qual fielmente copiada he do theor seguinte.

CRATAIV
sobre a per-
severança no
bem propo-
sito.

316 „ **O** Espirito Divino more nessa sua alma, que he Mestre singular de todas as sciencias, e de toda a sabedoria do Ceo. Doutrina sua parece, a que mostra nesta carta. Este conhecimento, e este arrependimento feitos seus parecem; pois se parecem tanto com os que fez Santo Agostinho no livro das suas confissoens, ensinado por este soberano Mestre. Peçolhe muito agradeça a este Senhor tantos mimos em pago de tantos deservigos, como diz, que *lhe tem feito*: este agradecimento com humildade será hum meyo muito efficaz para conservar as presentes mercês recebidas, e ainda receber outras de novo; porque não he o agradecimento das mercês recebidas outra cousa, senão huma chave, com que abrimos seus thesouros, para delles largamente fermos ricos de outras vindouras. Lembrelhe, quantas mostras este Senhor tem dado do muito, que lhe quer, e de quanto deseja seu amor. Encommendolhe tambem muito a confiança nelle. Huma alma devota, que não sentia em si ainda mais que semelhantes desejos, se consolava com esta consideração: *Senhor, que he o que pertendestes de mim, quando me chamastes? Quando por mim morrestes, quando por mim nascestes? Ne-umbuma outra cousa sem falta, senão salvação: dar-me o vosso Ceo, e vossa gloria. Pois Senhor, se quando eu ainda nem desejar vossos bens sabia, me fizestes tanta mercê, como he possível que agora, que eu as desejo, mas negueis?* E com isto ficava consolada. O que pertendia era avivar os desejos, e assim esperar com muita confiança a perfeição; e com muita humildade, oração, e perseverança, bater ás portas do Pay das misericordias.

Mãos e feitos da
recabida na cul-
pa.

317 „ Encômendolhe o receyo de huma recabida depois de tantos chamamentos. Chama o Senhor ás vezes com mimos, ás vezes com castigos, e tudo são misericordias; mas elle sabe o termo de nossas maldades: e por ventura seja a deradeira a primeira, que tornar a commetter. Algumas almas,

a quem

„a quem Deos tem chamado, e tem em sua casa por suas, induzidas
 „pelo demonio com confiança nas misericordias de Deos anti-
 „gas, se passaõ ao bando do inimigo, com intenção de tornar
 „logo, e não morrer neste passo: desejando com o máo Profe-
 „ta Balaam morrer morte de justos, e viver vida de peccado-
 „res. Mas por justos juizos de Deos lhe succede, o que succe-
 „deo aos dous filhos de Elimelech, de que faz menção a Sagrada
 „Escritura. Estes por huma fome, que houve em Belém terra
 „Santa, se foraõ a Moab terra de gentios, não para morar, se-
 „não, *ut peregrinentur ibi*, como peregrinos, de passagem, pa-
 „ra passarem a fome, e tornarem á terra de Deos. Porém de
 „repente os tomou a morte no lugar, que escolheraõ para pas-
 „sar parte da vida. Isto mesmo succede aos que, estando na
 „terra Santa da graça, com a fome dos seus appetites se passaõ
 „á terra da culpa, não para alli morrerem, mas com intento
 „de se tornar. Permite Deos por seus justos juizos, que a hi os
 „tome a morte de repente, e acabem em seus peccados; porque
 „de ordinario quem mal vive, mal morre: nem he digno de tor-
 „nar a morrer na terra santa, quem quiz sahir-se della para viver
 „na perigosa Região de Moab, digo, do peccado, comprehen-
 „dendo-o aquella terrivel sentença de Jeremias: *Plangite eum,*
 „*qui egreditur, quia non revertetur ultra, nec videbit terram na-*
 „*tivitatís suæ*: Choray ao que se sahe, porque não tornará mais,
 „nem verá a terra onde nasceo. Aqui saõ bem empregadas as
 „lagrimas; porque por ventura se hum se aparta de Deos, e da
 „sua Igreja, ou da terra dos vivos, onde nasceo huma, e mui-
 „tas vezes por graça, morrerá morte temporal, e eterna, sem
 „tornar á ditosa terra, que deixou, e despresou.

318 „Consideremos, que se por ventura huma vez tor-
 „narmos a pôr os pés na terra dos vicios, nos enlaçaremos,
 „e poremos em occasião de nunca nos apartar delles. Por tan-
 „to não tenhamos por seguro o viver em estado, em que não
 „queiramos morrer. Delatino he fazer detença hum só dia de
 „vidã em lugar, onde não queiramos, que nos tomasse a morte;
 „que por ventura aquelle dia será o derradeiro, ou o principio
 „de perseverar no peccado sem fim, e sem remedio. E perten-
 „dendo ter dous Paraísos, hum na terra carnal, outro no Ceo
 „celestial, os perderemos ambos. Assim succedeo a hum Er-
 „mitaõ muito penitente, e muito favorecido de Deos. Vio em

Caso raro de hã
Ermitaõ.

Advertencias
necessarias.

„revelação, como hum grande salteador, que andava
„daquelle lugar, teve tão heroica dor dos seus peccados, quan
„do morreo, que logo foy levado ao Ceo. O Ermitão, antes
„santo, vendo isto, disse: Se assim se dá o Paraíso do Ceo a
„quem gozou tão bem o da terra, eu para que me mato com
„penitencias? Irei gozar do Mundo, e lá no fim me converte-
„rey. Indo com estes intentos sem ordem, e tão danados, che-
„gando a passar hum rio, a ponte se affundio, e elle juntamente;
„e assim se atogaraõ todos seus intentos: alli se perderaõ todos
„seus serviços, e penitencias, e sua alma, antes santa; por se
„sahir da terra Santa á terra de Moab, e do peccado, ficou nel-
„la, e se condemnou. Caso lastimoso, e digno de ser chora-
„do com lagrimas de sangue, como diz Jeremias: *Choray ao*
„*que se sae, porque não tornará mais.* Com intento de tornar
„sahio elle, porém lá ficou: caso para se sentir, caso para se
„arrecear, caso para temer. Acolhamonos ao bom JESUS, que
„com os braços abertos nos receberá, abraçando-nos com seus
„pés em a Cruz, como a Magdalena, pelas lagrimas, pela ora-
„ção, pela penitencia, e digamos com hum alma santa: *Non di-*
„*mittam te, nisi benedixeris mihi;* Não vos deixarey Senhor, não
„me sahirey de vossa casa, até que me lanceis aquella benção, on-
„de se incluem todas as bençoens: *Vinde abençoados de meu Pay*
„*a receber o Reyno, que vos está guardado desde o principio do*
„*Mundo, que he a gloria.* Rogue ao Senhor por mim, e lá
„nessa sua communicação com o Esposo do Ceo meta hum
„petição minha, e he, que me dê lagrimas para chorar meus
„peccados passados, e graça para não commetter outros. E sen-
„do caso, que haja perigo de commetter algum, antes que che-
„gue a esse passo, me atravessem tantas lanças de fogo, que
„logo se consuma a vida. Isto peço, isto rogo, isto quero, isto
„me alcance, e não haja falta, que eu não faltarey tambem nas
„minhas fracas oraçoens.

319 Outra carta igualmente digna de apreço pelos sau-
daveis documentos, que contém, escreveo a duas Religiosas
amantes da reforma regular; exhortando-as a ter só com Deos,
e não com as creaturas a sua continua conversação. He do theor
seguinte.

320

„**M** Inhas irmãas em Christo, o Espírito Santo
 „more nessas suas almas, para que sejaõ sem-
 „pre hum jardim de delicias do amoroso cordeiro, Christo JE-
 „SUS, Esposo leal, e verdadeiro, Esposo suave, e fermoso,
 „Esposo fiel, e amoroso das almas, onde desce a ter seus rega-
 „los, como elle confessa: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.*
 „Ainda que se entende isto de todas as almas Santas, particular-
 „mente falla das Virgens puras conforme aquelle dito da Espo-
 „sa: *Dilectus meus mihi, & ego illi, qui pascitur inter lilia.* En-
 „tre os Lyrios se apacenta, nas almas das Virgens tem seus re-
 „galos, suas delicias, e sua gloria. E por isso diz bem, que o
 „Esposo para ella, e ella para o Esposo; porque se este amoroso
 „Senhor he a gloria de huma alma pura, tambem huma alma
 „pura he para elle gloria: e para isso quer na sua Igreja ter jar-
 „dins de lyrios, digo clausuras de Religiosas Virgens, e puras,
 „apartadas, e fechadas a tudo o que não he de seu gosto; para
 „que assim nas suas almas limpas, e despejadas de tudo o que he
 „terra, e cuidados della, tenha lugar a seu gosto; como elle
 „revelou a huma alma santa, dizendo: *Que só no coração de Ge-*
 „*trudes* (Religiosa pura, estando ainda na terra,) *é no Santissi-*
 „*mo Sacramento, achava lugar a seu gosto, e estava á sua vontade.*
 „Na verdade os que vivem no Mundo, andaõ taõ cheyos das
 „cousas da terra, e trazem os coraçãoens taõ entulhados dos cui-
 „dados della, que ainda que o esposo queira ter lugar a seu gos-
 „to, o não póde ter; pois as cousas do Mundo lho não dão:
 „e parece está entalado, e contra seu gosto. Pois para isto haja
 „clausuras de almas puras, e apartadas da terra, para ter nellas
 „lugar, e juntamente delicias. Isto quer dizer *Freira* em latim,
 „*Sanctimonialis*. Santo quer dizer cousa apartada da terra, e Mo-
 „nialis, cousa solitaria. A Religiosa, que não he tal, faz grande
 „aggravo ao Esposo. Estar fechada ao Mundo com grades de
 „ferro, com muros de pedra, e ter toda via o Mundo lá fecha-
 „do no coração pela afeição, pelos desejos, e pelos tratos,
 „estranha-o muito Deos.

CARTA VI
 que contém
 vários docu-
 mentos.

A respeito de S.
 Getrudes.

321 A nossa Santa Madre Theresa conta, que tendo hu-
 „ma conversação (que devia não ser má, pois ella era Santa)
 „Christo com huma visão lhe déra a entender, que lhe não agra-
 „dava tal amisade. Confessa a Santa, que a afeição lhe fazia crer,
 „não ser a visão verdadeira. Mas o Esposo que não gostava de
 Tom. II. Aa „ella

Caso de Santa
 Theresa.

„ ella ter aquella amisade, e a queria toda para si ; estando huma
 „ vez fallando , vio hum Sapo , que vinha para onde estavaõ ,
 „ de lugar, donde se não podia esperar tal animal: e assim pare-
 „ ce foy cousa ordenada por Deos para a fazer cahir na conta ,
 „ como cahio. Mas o ter Sapo, o com que lhe deo a entender, o
 „ que pretendia , que era não ter conversação, nem trato da ter-
 „ ra , tem mysterio ; porque este animal nella se cria , e quanto
 „ mais tem della, mais feyo, e abominavel he. Bem mostrou
 „ aqui, quaõ asquerosas , e nojentas saõ para elle as almas Reli-
 „ giosas dadas ás conversações do Mundo. E quaõ rigorosamen-
 „ te haja de castigar, mostrou no castigo, que fez em a mulher de
 „ Loth, depois que sahio de Sodoma, a qual não tornou lá com
 „ os pés , senaõ com os ólhos; e por isso a converteo em estatua
 „ de sal. E para que em sal ? Diz Santo Agostinho, que para da-
 „ qui tomarmos sabor. O sal isto faz nas iguarias, e este sal da
 „ estatua isto ha de fazer nas almas, dandolhes sabor , quero di-
 „ zer , sabedoria , para que fique sabendo quanto Deos estranha
 „ tornar ao Mundo com os ólhos , com o coração , com os cui-
 „ dados, com a afeição , e tratos : huma alma, que delle sahio,
 „ aprenda a ser do numero das Virgens sábias , de quem diz o
 „ Evangelho, que *Intraverunt cum eo ad nuptias , & clausa est*
 „ *janua*. Serraraõ-se a tudo o que he Mundo: e que lhe ficou dis-
 „ so ? Ficarem com o Esposo gozando de seus Divinos desposo-
 „ rios , de seus regalos, e favores espirituaes ; que elle dá muito
 „ bom lugar a quem lhe dá lugar a elle no coração desocupado
 „ do Mundo. Dá grandes regalos a quem lhos dá a elle, que he o
 „ que diz a Esposa : *Dilectus meus mihi , & ego illi*, e bem o ex-
 „ perimentaõ as almas , que esquecidas do Mundo, só trataõ do
 „ Esposo, como lemos nas historias.

Adverências para
se fugir do Mun-
do.

322 „ Cuidaõ os mundanos , que se não pode viver sem
 „ trato , e conversação do Mundo. Diga-o a Magdalena, que
 „ esteve trinta annos no deserto sem conversação de gente. Di-
 „ ga-o o outro Ermitaõ, de quem conta Severo, que esteve no
 „ monte Sinay setenta annos , sem conversar com os homens;
 „ antes fugia delles , por mais diligencia que punhaõ por lhe fal-
 „ lar : e a hum que alcançou isto , perguntando-lhe a razãõ ,
 „ porque fugia tanto da conversação dos homens , respondeo :
 „ *Quem he frequentado, e visitado dos homens , não pôde ser visi-*
 „ *tado dos Anjos*. Disse bem , e assim he ; porque elle devia ter

as visitas dos Anjos, vivia sem as dos homens. A Magdalena, porque não fallava com a gente, sete vezes no dia era visitada dos Anjos. O Bautista porque deixou a conversação dos homens, gozou da de Deos, como elle revelou a hum Abade, dizendo, que na cova, onde elle vivia no deserto, havia estado o mesmo Deos. Ditosa troca! Esta lemos dos Santos, esta não querem os mundanos, pois não querem deixar o Mundo. Deos não sofre companhia tão contraria, como he a do Mundo. Não fallo eu ainda das visitaçoens visiveis, como tiverão muitos Santos, que delle se apartaraõ, senão das almas, que apartadas do Mundo, e perdidas as saudades delle, vivem em continuas saudades do Ceo. Oh que regalos recebem na conversação de Deos, e na oração! Estes não merecem, os que querem gozar dos regalos do Mundo.

323. O Senhor, que he doce Esposo, terá por sua misericordia ensinado bem a vossas Reverencias esta verdade. Queira elle darlhes muita da sua graça para serem morada sua, que sendo-o, elle pagará muito bem a pouxada, como costuma fazer. Vejaõ aquelle regallo, que fez á nossa Madre Santa Thérêsa: entre outros este particular pelo bom agazalhado, que lhe fazia. Conta ella que costumava dia de Ramos commungar; e considerava como os Judeos, depois de levarem a Christo nosso Senhor, e o meterem na Cidade com tanta honra, nenhum houve, que o convidasse a jantar: tal he o Mundo, taes seus favores: aqui paraõ: de maneira, que foy necessario ao bom JESUS hir jantar a Ephrem, que cuidou he huma legua, ou não sey quanto. E a Santa com esta consideração da descortezia dos Judeos commungava, e o recebia, dizendo: *Senhor, ficai-vos comigo, jantay hoje comigo, já que os Judeos vos não querem.* Foraõ tão agradáveis ao Esposo estes gazalhados, que huma vez commungando, ficou em hum raptio suavissimo, e parecialhe que estava banhada em sangue, e era grande a suavidade. Entaõ lhe disse o Esposo: *Vez aqui, bem te pago com estes regalos os gazalhados, que me fazias, e assim quero que o sangue, que derramey com tantas ancias, e afflicçoens, gozes tu com tanta suavidade, e gloria.* Assim fação minhas irmãas em Christo JESUS. Este Natal communguem com esta consideração, dizendo: *Meu bom JESUS, que não tendes lugar, nem volo daõ na estalagem: Non erat ei locus in*

Reparo que fez
a mesma Santa
Thérêsa.

, *diversorio. Vedes aqui Senhor esta vossa Esposa?* Abri Senhor este peito, entray nestas entranhas, tomay o lugar, que mais vos convêm, assentaivos neste coração, tomay posse desta alma, e deste corpo: tudo vos entrego, porque tudo he vosso. Peço tambem minhas irmãas, no sangue do Cordeiro, me queiraõ fazer participante de suas oraçoens, &c.

§. III.

De alguns maravilhosos effeitos da sua Oração applicada em beneficio de diferentes pessoas.

Terras q̃ experimentaraõ seus beneficios.

Paz que deixou e reforma nas vidas.

Visão maravi-
lhosa.

324 **D**ignos de particular memoria foraõ os effeitos da Oração deste servo de Deos, que com admiração, e utilidade experimentaraõ os moradores das terras, onde elle residira. Em todas aconteceraõ portentos merecedores de gloriosa fama; especialmente nas villas de Moura, Vidi-
gueira, Portel, Villa de Frades, Colares; e nas Cidades de Évora, Beja, e Lisboa, que gozaraõ por mais tempo a assistencia de taõ santo Varaõ. Consta, que nas povoaçoens nomeadas se reconciliaraõ entre si, e trocaraõ em amizade as discordias, mais de quatro centas pessoas inimigas, que perseveravaõ em odio; naõ só vencidas da efficacia, com que o Veneravel Padre as persuadia; mas patrocinadas da Oração, com que a favor de cada huma recorrera ao Author da paz. Foy tambem conhecido o effeito da sua Oração na grande refórma de costumes, que naquelle tempo tiveraõ os moradores da villa de Moura; porque sendo estes por natureza bellicosos, e aproveitando-se cegamente das liberdades militares, he constante que viviaõ com dissolução. Porém o Veneravel Frey Estevaõ intercedendo, e empenhando-se com o Senhor, para que nesta sua Patria prevalecesse a virtude, seguiu-se á sua Oração huma taõ notoria felicidade aos taes moradores, que buscando a Deos, e detestando, o que naõ era do seu serviço, vieraõ a ser exemplares, e ainda saõ conhecidamente devotos.

325 **H**uma pessoa Secular de conhecida nobreza, desejava compôr a vida em tal fórma, que houvesse de seguir o estado da mayor perfeição. Para elle se dispunha, porém naõ acabava de executar o intento; porque as difficuldades, que se lhe propunhaõ, lhe causavaõ molestia tão sensivel, como se estivesse

pa decendo dores agudas. Para effectuar os seus bons desejos, se valeo das Oraçoens do Veneravel Padre Frey Esteuaõ, e passados poucos dias, vio em sonhos, que hum Religioso da Ordem do Carmo fazia do Ceo dous tiros de fogo, hum para sua casa, outro para a de certa pessoa, com quem tinha razão de parentesco. Acordou alegre, e teve logo sentimento interior, que o Religioso era o Veneravel Padre: e succedeo que se verificou a visão, no que se vio em ambas as pessoas; porque seguindo as instruçoens do mesmo servo de Deos, fizeram huma vida perfeita, e os levou o Senhor para si (como affirma o Escriitor do presente cálo) *com huma morte santissima.*

326 Em huma grande inquietação de espirito, que padecio hum Religioso de certa Ordem, se provou bem o quanto o Senhor obrava pelas Oraçoens deste seu amado servo. Consistia a afflicção do Religioso em ver, que havia negocio forçoso de seus parentes, e que para beneficio de muitos convinha, que elle o tomasse á sua conta, porque de outro modo se perderia com irremediavel prejuizo. Mas como era esculpulofo, e considerava, que de nenhum modo se devia embarçar com negocios seculares, visto que precisamente o perverteriaõ do serviço da Religião, valeo-se das Oraçoens do Veneravel Padre Fr. Esteuaõ. Foy coufa maravilhosa ver, como o Senhor por hum caminho não esperado, e com promptidaõ mayor do que cabia no tempo, tudo remediou em tal fórma, que o Religioso ficou livre da inquietação, os parentes remediados, e a virtude da Oração do medianeiro muito acreditada.

327 Mayor foy o prodigio, que com juramento dado em juizo depoz Tristaõ Barbosa de Carvalho, criado delRey, e seu Ministro, morador nesta Cidade de Lisboa na rua da Oliveira. Começou o demonio a perseguir de tal modo a sua casa, que não só inquietava a gente della, e a vizinhança com horrofos estrondos, mas passando o seu furor a excessos, chegava a molestar com pancadas a elle, e a sua mulher. E depois de mortificar muito a huma filha do mesmo Cavalhero (que era exemplarissima na vida, e nos costumes) lhe fez visivelmente travessuras, que não cabiaõ na esphera natural; até que hum dia a tirou por violencia de casa, e a encaminhou para o lugar de Belem, donde a livrou Deos de hum notavel precipicio. Depois de muitos Exorcismos, que fez o Padre Antonio da Costa, Capellaõ de

Acode a huma
afflicção de es-
pirito,

Prodigio q̃ ex-
perimētou Tris-
taõ Barbosa.

de D. Alvaro da Sylveira, por ser Sacerdote de virtude, e de grande espirito; vendo que as perseguiçoens continuavaõ, e os terrores cresciaõ, buscou ao Veneravel Padre Frey Estevoã (que entaõ assistia neste Convento de Lisboa) dando-lhe noticia do seu notavel trabalho, e esperando que por meyo de suas oraçoens o houvesse o Senhor de aliviar, porque já deste Santo Religioso se referiaõ maravilhas.

Oraçoens applicadas.

328 Exhortou-o o servo de Deos, para que ao mesmo Senhor offerecesse aquella mortificaçaõ, e lhe prometteo, que por taõ notoria necessidade offereceria á Virgem Nossa Senhora todo aquelle mez (que era o de Novembro) a Coroa, que lhe costumava rezar. Succedeo pois que no fim do mez se ouviraõ na casa gemidos, e outros sinaes de sentimento, dados pelo mesmo demonio: e restituindo ao dono della por modo naõ esperando hum caixá de oculos, que lhe escondera; dentro della vinha hum escrito, que se entendeo ser daquelle inimigo; cujas dicçoens eraõ mal formadas, com falta de letras, que faziaõ as palavras quasi sem sentido, começando humas, e naõ acabando outras. Conheceo Tristaõ Barbosa de Carvalho, que este portentoso obrara o Senhor por efficacia das oraçoens do seu fiel servo; e rendendolhe as graças por taõ estimavel beneficio, o Veneravel Padre lhe respondeo, que se naõ fiasse do demonio, porque havia de tornar; mas que rezasse certa devoçaõ, que lhe ensinou; e estivesse seguro, que naõ só ficaria livre dos damnos, mas totalmente vencedor de quem os causava.

Cessou da sua inquietação.

329 Com effeito assim aconteeo; porque dalli a alguns tempos tornou o demonio a inquietar a casa; mas assim que se fazia a devoçaõ, cessavaõ os estrondos, até que com este remedio ficaraõ todos livres daquelle porfiado inimigo. Para dar mais lustre á presente noticia, poremos aqui humá carta, que o nosso Veneravel escreveo ao mesmo Tristaõ, na qual lhe insinua alguns conselhos dignos de reflexaõ, e he do theor seguinte.

CRATA VI
a Tristaõ Barbosa.

330 **O** Espirito Santo more nessa sua alma, e em toda essa casa, para que nem espiritos malignos a empeçaõ com sua malicia, nem espiritos do Ceo fallam com o seu favor. A devoçaõ contra este inimigo se ha de fazer às Chagas de Christo Nosso Senhor; às quaes se acolhia o B. São Bernardo, quando se via acossado desta fiera besta, e
ave

„ave de rapina Satanaz : *Quoties diabolus mihi insidias parat*
 „(diz o Santo) *confugio ad vulnera Dei mei , & fugit* : de mo-
 „do que fugia como pomba perseguida do falção seu inimigo
 „mortal. Pois aqui nos acolhamos : e dizendo o derradeiro Pa-
 „ter noster , e Ave MARIA , que se lhe offerecerá ao lado , se
 „dirá a Ave MARIA á Virgem Nossa Senhora , para que nos
 „recolha nelle como porteira da *Sancta Sanctorum* , onde fique-
 „mos seguros. He devoção de importancia. Eu não faltarey
 „tambem em huma Coroa , que digo á Virgem Nossa Senhora
 „todos os dias , e entrará essa casa nella por todo este mez. Não
 „trate com elle por modo de graças , que he mal feito : trate-o
 „como inimigo nosso , e de Deos , com odio capital ; que ahi es-
 „tá o odio bem empregado , e não no proximo , que por mayor
 „peccador que seja , póde ainda vir a ser grande Santo. Mas esse
 „blasfemo , e pay das mentiras , inimigo declarado de Deos ,
 „e dos homens , tratalo como quem he. O Senhor seja em to-
 „dos , &c.

331 Depois que o demonio se ausentou de todo , e dei-
 xou livre a casa , mandando o Senhor della ao Veneravel Padre
 por escrito os agradecimentos do recebido beneficio , elle lhe
 respondeo da maneira seguinte. „Louvado seja o Senhor , que
 „taõ bom he , taõ Sábio , taõ Fiel , e taõ Verdadeiro em todas
 „suas cousas ; taõ Poderoso , e taõ Misericordioso , que nos deo
 „huma Mãy taõ Poderosa , que juntamente fosse sua , para que
 „tudo podesse. Não dá Deos trabalhos para matar , para provar
 „fim : que ser amigo de Deos só na bonança , nem grado , nem
 „graça : *Verus amor de spe juris non sumit* , dizia hum Santo.
 „Quando eu via que o demonio tantas vezes nos sabbados fazia
 „mais força , onde tanta devoção há desta Senhora , sempre me
 „pareceo , não havia de deixarnos taõ boa Mãy , sem acodirnos
 „com ajuda contra taõ cruel , e fedorento carniceiro. Louvado
 „seja o Senhor , que tal Mãy nos deo. Invocada seja em o Se-
 „nhor tal Mãy , e taõ sublimada Creatura. Ella nos valha , ella
 „nos ajude. Amen.

332 A hum menino de doze annos , que no de 1616 o
 Marquez de Villa Real trazia em seu serviço , sobreveyo huma
 tão mortal enfermidade de febre aguda em Lisboa , que não
 obstante ser de taõ pouca idade , o sangrarão no termo de quatro
 horas tres vezes. Como o Marquez o amava muito , e via que o

CARTA VII
 Ao mesmo
 em reposta
 de agradeci-
 mento.

Prodigio feito
 em hum meni-
 no.

pe-

perigo era evidente, e se não podia vencer por meos humanos; lembrando-se ao mesmo tempo das maravilhas, que se referiaõ do Veneravel Fr. Estevaõ, valeo-se do Prelado, rogando-lhe que lho mandasse a casa. Assim que chegou á cama do menino, e logo que por satisfazer aos rogos do Marquez resou dous Evangelhos, se despedio; ficando ainda o enfermo taõ quebrantado, que a todos se representou haver chegado ao ultimo termo da vida. Mas ao sahir da porta, voltou para dentro, e fallou, como se naquelle instante tivesse alguma revelação, dizendo aos circunstantes, que confiassem em Deos, porque o menino havia de melhorar. No mesmo ponto despertou o enfermo com sinaes taõ firmes de recobrar saude, que as testemunhas do successo começaram a dar vozes de alegria, dizendo: *Milagre, milagre, que o menino está saõ*. Tudo depoz o Marquez com algumas circumstancias pertencentes ao mesmo portento.

Maravilha q̃ experimentou Manoel Pinheiro.

333 A Manoel Pinheiro de Macedo, Cavalleiro da Ordem de Christo, e Thesoureiro da Tapeçaria del Rey, morador no Castello desta Cidade, livrou das terribilissimas dores, que lhe ficaraõ de huma grande quèda. Balthasar Alvares Cirurgiaõ del Rey o curava, e sem que os remedios obrassem nelle com a desejada efficacia, só melhorou depois que o Veneravel Padre, rogado do mesmo enfermo, lhe resou hum Evangelho na Sacristia deste Convento, onde o buscou trazido em braços. Succedeo pois, que restituído á saude, mediante a Oração do Servo de Deos, foy por seus pés para casa, dando ao Senhor as graças pelo beneficio, e acclamando a virtude do Veneravel Padre.

Outra feita a favor de Dona Mariana da Sylva.

334 Não menos admiravel foy o prodigio, que experimentou Dona Mariana da Sylva, filha de Roque da Sylva de Escovar, Cavalleiro Fidalgo da casa de Sua Magestade, morador em Lisboa. Ao mesmo tempo que padecia huma grave esquinencia, lhe sobreveyo huma erisypela de qualidade taõ maligna, e de taõ insoportaveis dores, que desconfiados os Medicos, chegaraõ a dizer, que só de Deos lhe poderia vir o remedio. Nesta afflicção recorreo ao Padre Frey Estevaõ, mandando-lhe rogar, que por caridade a viesse ver: o que fazendo o santo Varaõ, assim que lhe resou algumas oraçoens, e lhe poz sobre o pescoço o sagrado Escapulario, immediatamente a enferma o moveo sem dores; sendo que até alli de nenhum modo o executava. Continuou milagrosamente a melhora, até que a enferma

ferma ficou de todo restituída á saude: posto que com a suave penção de rezar cinco vezes o Padre nosso, e Ave MARIA, com grande confiança, em memoria da lançada, com que foy aberto o Sacrosanto lado de Christo. Assim lho mandou o Veneravel Padre Frey Estevão. Por estas, e outras semelhantes maravilhas, que constaõ do livro da sua vida, todos, ainda antes da morte, lhe reconhecerão o merecimento, e acclamaraõ a Santidade.

CAPITULO IX.

De algumas particulares virtudes suas; e do modo, com que as praticava entre as Creaturas.

§. I.

Da sua rara humildade.

335 **D**ando principio ás virtudes, que este servo de Deos exercitou, escreveremos antes das outras a profunda, e verdadeira humildade, que em todas as suas acçoens deo a conhecer, e fez imitar. Bem mostrou, que era legitimo discipulo de Christo, por que sempre entre os outros julgou de si, que era menos; fazendo desta heroica virtude tal aprego, que pelas demonstraçoens exteriores, e pelos affectos das palavras, lhe chamavaõ geralmente o *Santinho*. Por causa desta virtude, mostrava andar sempre pelos pés dos outros Religiosos, querendo ser abatido, e delles despresado: e se em algum, ou em outra pessoa estranha, reconhecia sinaes de agazalho, que parecessem honras, dizia que eraõ feitas *a hum saco de palha*. Quando sahia á rua, e sentia, que os Seculares pela veneração, que lhe tinhaõ, lhe chegavaõ a cortar o habito, e a fazer outros semelhantes extremos, pedia ao Companheiro, que de nenhum modo os publicasse, confessandolhe muitos defeitos proprios, para lhe persuadir, que todo aquelle bom conceito era alheyo do seu merecimento.

336 Fazia gosto, de que cada hum dos mesmos Religiosos lhe advertisse as faltas, que nelle notasse, e dellas pedia a todos perdaõ, lançando-se por terra nas portas, por onde passavaõ: tudo sem affectação, mas sô com intento de livrar-se com

Tom. II.

Bb

estas

Conceito que de si fazia.

Chamado o *Santinho*.

Seas humilhaçoens em nomes que tomava.

estas humiliaçoens dos perigos, a que andão fogueitos, os que seguem o estado da mayor perfeição. Parecendolhe acertado o conselho de seu Mestre o Veneravel Frey Luiz de Granada, que era fazer-se *sola do sapato*, porque não lhe occorria modo de melhor exaggerar o seu desejado abatimento. Por lhe parecer que os ministerios mais humildes do Convento eraõ os da cozinha, muitas vezes por sua livre vontade a varria, lavava a louça, e punha a casa em limpeza, sem perdoar aos hombros o trabalho de carretar sobre elles a agua necessaria, e o mais que se offerecia para alivio dos serventes.

Doutrina sua á
cerca desta vir-
tude fingida.

337 Esta virtude trazia elle no coração, ou na vontade para a executar, e não só no entendimento para a conhecer; pois do modo de a ter, não para a seguir, mas só para nella fallar, não se segue utilidade, antes grande prejuizo ás almas. Ao virtuoso Padre Frey Luiz da Appresentação, com quem o servo de Deos se confessava, disse hum dia em presença de outros Religiosos: *Muitos ha, que todos se empregão em dizer de si, que são huns grandes peccadores, e que não prestão para cousa alguma: porém se outrem acerta de lho dizer, não falta mais que desafião: os taes não tem verdadeira humildade, senão fingida, e falsa. E replicandolhe hum, dizendo; que bastaria que os taes fossem havidos por menos perfeitos naquella virtude, respondeo: Approvo o dito em caso, que o tal não obre, nem falle com fingimento; mas tambem digo, que louvo mais o obrar as virtudes, que o metaphisicar sobre ellas.*

Promptidão em
obedecer aos Re-
ligiosos.

338 Se lhe pediaõ alguma cousa, do que cabia na sua possibilidade, e o não executava logo, avaliava esse descuido por hum grande peccado, do qual com muita humildade pedia perdão. Assim aconteceu hum dia, em que o Padre Sancristão lhe rogou, que tomasse á sua conta o fazer huns ramalhetes para os altares: e porque se demorou por causa de outras occupaçoens, quando advertio nesta falta, foy logo buscar ao Religioso, e prostrado a seus pés, como se contra elle houvesse comettido huma gravissima culpa, lhos beijou, segurando-lhe, que dalli em diante, com o favor de Deos, teria huma notavel emenda. Em outra occasião pedio a hum irmão Corista, que lhe puzesse hum pé sobre o rosto, e lho pizasse bem. Quanto mais o Religioso recusava fazello, tanto elle mais instava, para que não duvidasse tratalo com desprezo: e porque de outro modo o não

Prova do seu
abatimento.

podia vencer, lhe disse: *Irmão meu, não ha que ter escrupulo. São Francisco fez o mesmo, imitemo-lo nós.* Vendo finalmente, que não conseguia o intento, satisfez o desejo, que tinha de se ver abatido, com se lançar por terra, e beijar ao Corista os pés, tendo por certo, que nelles se exaltava.

339 Sendo pois nestas, e outras acçoens de humildade tão extremo, tudo fazia com tal espirito, e tanto a tempo, que nunca houve malicioso, que nelle descobrisse apparencia, e muito menos alguma realidade de hipocrisia. Outras miudezas pôdem os curiosos ver no livro da sua vida, que todas provaõ ser a sua virtude tão sólida, como admiravel. Nesta materia em beneficio de quem lhe deseja imitar a humildade, transcreveremos aqui algumas cartas suas, cada huma das quaes he documento digno da mais reverente attenção. Seja a primeira, a que escreveo a huma Senhora, que procurou ouvir a sua doutrina, e elle lha administrou na fórma seguinte.

Como era solta
da esta sua vir-
tude.

340 **B** Emdito, e louvado seja o Omnipotente, que assim se rende ás almas humildes, e singellas, e fuge das almas soberbas, e resfolhadas. Dos humildes, diz São Dorotheo, que são como as arvores carregadas de fruto, que o mesmo fruto as abaixa, e lhes abate os ramos. As espigas, que estão bem gradadas, e cheyas de grão, o final he estarem inclinadas para a terra; assim os que estão mais visitados de Deos, e tem recebido mayores dons d'elle, andaõ mais humildes, e dos mesmos dons tomaõ occasião para confundir-se mais, e andar mais temerosos. São Gregorio diz, que assim como o que recebe emprestado grande quantidade de dinheiro, se alegra com o emprestimo, assim tambem o sobressalta o cuidado de o haver de pagar, e fica bem temperada a alegria do recibo com o receyo de não poder cumprir a seu tempo com a obrigação: desta maneira os servos de Deos quando mais recebem, entaõ se conhecem por mais individados, e se tem por mais obrigados a servilo; e parecelhes que não cor- respondem ás mayores mercês com mayores serviços, nem a mayores graças com mayores agradecimentos. Vêm, e entendem, que qualquer, a quem Deos houvera dado o que lhes deo a elles, o usara melhor. Esta he huma das considerações, que os traz muito confundidos: ver, que não sómente lhes ha

CARTA VIII.
sobre a hu-
mildade.

„ de Deos pedir conta dos peccados commettidos, mas tambem
 „ dos benefícios recebidos. Sabem, que a quem dá muito, mui-
 „ to lhe pedirá; e a quem mais entregou, mayor conta dará, co-
 „ mo Christo disse no Evangelho. São Macário diz, que os fer-
 „ vos de Deos se confidêrao com os dons, que delle recebem, co-
 „ mo depositarios, e thesoureiros, que tem a fazenda de seus Se-
 „ nhores, aos quaes não vem va gloria com a fazenda, pois não
 „ he sua: antes andaõ em temor, e cuidado da conta, que lhe
 „ haõ de pedir della, se por sua culpa se perder.

Em outra parte diz.

CARTAX
 A' cerca da mes-
 ma virtude.

341 „ **M**inha irmãa, engana-se comigo. Não sou
 „ tão humilde, que deixe de lhe escrever
 „ por esses respeitos, que cuida, a saber, por não verem minhas
 „ santidades. Minhas *necedades*, isso pôde melhor dizer, mi-
 „ nhas friezas, minhas ignorancias. Se alguma cousa aconfe-
 „ lho, ou digo de virtude, logo cuida, que eu o faço? Bem
 „ aviado está o cuidado, e a imaginação. Eu tambem estou
 „ bem aviado; pois dou occasião a se cuidar de mim outra cou-
 „ sa do que há. Vós meu bom JESUS, diante de quem não cabe
 „ engano, sabeis quem eu sou, e sabeis minha intenção. Minha
 „ irmãa, por escrever essas cousas, que leyo em livros, ou me
 „ parecem bem, não imagine, que as faço, não se engane. E
 „ se faço alguma cousa, Deos sabe de que maneira: hora disto
 „ não trato. Sómente quero por amor das Chagas de JESUS,
 „ amor doce das nossas almas, que senão engane comigo, nem
 „ faça alardes de virtudes imaginadas em seu juizo, deste pec-
 „ cador: como ella tem esse seu juizo dotado de fingeleza do
 „ Divino Espirito, cuida como tal, cousas do espirito. Seja as-
 „ sim, já que o Senhor lhe deo esse thesouro de cuidar de todos
 „ bem. Lance tudo a bem; mas não seja para o andar dizendo;
 „ porque entãõ cuidaõ os outros, e ficaõ com opiniaõ do que
 „ por ventura não he. Cada hum por si cuide, e imagine, que
 „ se tiver esta imaginação simples do Divino Espirito, todo o
 „ corpo será resplandecente, e não haverá engano, nem have-
 „ rá refolho.

342 „ Ditoa a alma, bem afortunado o espirito, que as-
 „ sim he favorecido do Divino Espirito: bemaventurada a
 „ pomba simples, a quem aquella Divina Pomba assim tem en-
 „ rique-

„riquecida. Aqui está toda a nossa riqueza: na intenção boa de
 „cuidar de todos bem, e fazer todas as obras com boa inten-
 „ção, ordenadas sempre ao serviço de JESUS, que este he o
 „esmalte de ouro, que lhe dá o preço. Sem ella as obras não se
 „pódem chamar boas, nem de preço, pois lhe falta este, que
 „he o preço de todas ellas. Bem póde huma andar vestida de sa-
 „co, e burel, e outra de algum panno bom: e ter esta mais me-
 „recimento, que aquella, por respeito da intenção; porque esta
 „póde fazelo por não dar penas a seu marido, e occasião de po-
 „der tomar outros amores: porém com huma vontade muito
 „prompta ha de desfazer-se de tudo, se souber, que he serviço
 „de Deos, ou dahi se segue offensa sua. Não fallo em vaidades
 „superfluas, e demasias: não fallo em mascaras, de que algumas
 „mulheres usão de seus unguentos, que isso não me parece póde
 „nunca ser aceito ao Senhor, nem haverá marido, que tal quei-
 „ra a sua mulher. Fallo de vestido honrado, limpo, e bem con-
 „certado; que quando por esta occasião se faz, entendo pode ter
 „mayor merecimento, por respeito da intenção, que a outra
 „vestida de sacro, onde a intenção não he tão forte. Perdoe
 „minha irmãa, que cuido hey sido perluxo no exemplo: mas he
 „tão necessaria esta boa intenção, em quem trata de servir a
 „Deos, que tudo he necessario para o declarar bem. O que que-
 „ro he me perdoe o atrevimento de me querer fazer tão Mestre,
 „não sendo ainda discipulo, em fim he escrever, já que quer que
 „assim o faça.

Diz mais em outra parte.

343 „ **O** Espirito santo more nessa alma como San-
 „gue de JESUS redimida, e com o seu amor
 „penhorada. Quero logo tirala de hum piedoso engano, em que
 „cuido está ácerca de mim, como mostra na sua carta. Eu não
 „tenho revelações, nem trato com Deos, tão particulares, co-
 „mo na sua parece cuida de mim. Esses mimos faz o Senhor a
 „quem o tem bem servido, e he bem puro: mas a mim? a mim?
 „Não digo mais, sou hum Religioso, que deseja salvar-se; e que
 „assim aconteça a todos, e que ninguem se perca; mas essas vi-
 „sitações, nem eu as mereço, nem as quero, se não forem pa-
 „ra gloria do Senhor. Lá no Ceo as espero para sempre da sua
 „Divina Misericordia com o favor da Má de Misericordias.
 „Peça

CRATA X.
 sobre a mes-
 ma materia.

„ Peça ao Senhor me dê hum espirito tão valeroso , que rompa
 „ por todos os contrastes desta carne , deste mundo, e deste ad-
 „ versario infernal o demonio, inimigo cruel, besta fêra , e insa-
 „ ciavel, que nunca se farta de nos fazer mal. E se cá, onde tem
 „ o poder sobre nós tão limitado , he tão tyranno , que fará no
 „ Inferno, quando ficaõ já de todo por suas as miseras almas.

§. II.

Da especialidade, com que amava, e fazia amar a Deos.

Fazia o mesmo
que aconselhava

344

NO amor de Deos, e delapego do Mundo foy
 tão extremo, como veremos nas acçoens,
 que nos mostrará a Historia. Fazia o mesmo , que aconselhava,
 não só por palavras , mas por escritos; persuadindo sempre as
 pessoas de sua obrigação, que por amor de Deos se deviaõ deixar
 os parentes , e tudo o mais, quanto era creado : e para que cons-
 te mais claramente a singularidade de espirito do servo de Deos,
 aqui transcreveremos duas cartas suas, feitas para senhoras, que
 sobre esta materia lhe pediraõ conselhos. Huma he do theor
 seguinte.

CARTAXI
sobre o desla-
pego dos bês
do Mundo.

345

„ **O** Espírito Santo more na alma de V. m. para
 „ que com a luz da sua graça se defengane de
 „ quem he o Mundo , e tudo quanto nelle ha : sejaõ parentes,
 „ sejaõ amigos, tudo tem suas faltas ; só Deos he amigo ver-
 „ dadeiro , em quem não ha, nem póde haver falta; amigo leal,
 „ a quem em todo o tempo , e a toda a hora achamos com os
 „ braços abertos. Minha irmãa, na hora da morte, que deseja
 „ boa, não lhe podem ser bons os parentes , antes se por amor
 „ delles fez alguma cousa na vida fóra do serviço de Deos, entãõ
 „ lhe será bem grande impedimento para a salvação. Só a Chris-
 „ to , e á Virgem sua Mãy ha de achar , e elles sómente lhe pó-
 „ dem ser bons; por isso com este Senhor se abraça agora na vida,
 „ para que o ache na morte. Não se inquiete desordenadamen-
 „ te por amor dos parentes , trate-os com caridade por amor de
 „ Christo, mas não faça por seu respeito cousa contra Christo.
 „ Esteja muy conforme com a vontade deste Senhor; tome tu-
 „ do como da sua mão. Se o irmão a não quizer, nem os netos,
 „ Christo a quer , e nelle tem irmão, e netos, e tudo. Não se ma-
 „ te, não se inquiete, que as cousas do Mundo fazem como quem
 „ são.

Diz

Diz outra carta.

346 „ **M**inha irmãa faz bem de desejar contentar
 „ sómente ao fermoso, amoroso, gracioso,
 „ e verdadeiro Esposo Christo JESUS: só a elle servir, e por el-
 „ le servir a todos; mas fóra delle nenhuma cousa, antes lança-
 „ das. Ponha-se todo o Mundo em huma força, que assim o ti-
 „ nha posto São Paulo. Seja parente, seja adherente; como o
 „ não vir na bandeira de Christo, he inimigo; não tenha que fa-
 „ zer com elle: isso me parece he seguir a bandeira do Cordeiro.
 „ E como o Mundo, a Carne, e Diabo trazem a sua levantada
 „ contra a do Cordeiro, de força haõ de encontrar-se; por isso
 „ armar bem com paciencia, e pedila ao Capitão Christo JESUS,
 „ que não faltará com as armas aos Soldados.

347 Bem se vio a constancia deste Veneravel Padre no
 serviço de Deos, quando na villa de Moura seus irmãos, e pa-
 rentes padeceraõ os trabalhos, que ainda hoje são memoraveis.
 Por occasião de huma morte, que alli se fez, tanto padeceo toda
 a geração dos Coteis, que andou por muito tempo arrastada, e
 fugitiva. Succedeo pois ser o morto hum Cavalhero da mesma
 villa com amigos poderosos, donde resultou, que entre alguns
 parentes do Veneravel Frey Esteuaõ degolados em estatua en-
 trou hum seu irmão: de sorte, que assim deste, como dos mais
 parentes ficaraõ as fazendas confiscadas, e elles desterrados. Tu-
 do soffreo aquelle Santo varaõ com tal firmeza de animo, que era
 para admirar, não só a neutralidade, com que fallava nos taes
 successos, mas os alentos, que por escrito persuadia a quem ti-
 nha razão forçosa para os sentir. O mais he, que quando o occu-
 paraõ para lhes valer nos seus livramentos, por haver já concilia-
 do na Corte hum grande respeito, e por envolver esta causa mui-
 tas razoens de caridade, elle se eximio de tudo, por não trocar o
 serviço de Deos pelo dos homens. Porém não ficou esta fineza
 sem remuneração; porque o Senhor, que tem a seu cuidado os
 desempenhos da obrigação dos justos, infundio no coração de D.
 Aleixo de Menezes Arcebispo de Braga, e Vice-Rey de Portu-
 gal, hum taõ efficaz desejo de patrocinar este negocio, que sem
 o Veneravel Padre lhe fallar nelle, o tomou á sua conta, e o poz
 scorrente, intervindo tambem para esta felicidade várias pes-
 soas illustres, que ao mesmo servo de Deos conheciaõ, e pelas
 suas virtudes o amavaõ.

348 Com

CARTA XII.
 á cerca de se
 buscar só a
 Deos.

Constancia no
 serviço de Deos.

Remuneração q̃
 teve pela sua fir-
 meza de animo.

Quanto padecce
com os impru-
dentes.

Caso grave que
lhe succedeo.

Como se portou
na injuria que se
lhe fez.

Modo com que
a referio.

348 Com estas mortificaçoens, e com outras muitas, que padecce na Religiaõ, ás quaes o Escritor da sua vida chamou affrontas, e por modestia deixou de as referir, augmentou para com o Senhor os merecimentos. He de crer, que teria naõ pouco, que padecer entre os menos prudentes, que desestimaõ as sinceras acçoens da virtude, como se fossem defeitos da boa capacidade; porque nos diferentes genios, dos quaes se compoem huma Communidade, nem todos se unem para fazer juizo do bem, nem o Prelado se livra de cahir, como homem, nos enganos, que o induzem a obrar mal. O certo he, que teve muito que soffrer; mas sempre com tanta resignaçã na vontade Divina, que estimava as injurias por mimos do Ceo. Deixando os casos domesticos, e fallando de outros mais publicos, basta referirmos o seguinte. Estando no Convento da Vidigueira soube, que o Prelado dera palavra de emprestar ao Mordomo de huma festa alguns ornamentos, e peças ricas pertencentes á nossa Igreja. E como havia preceito com censura do Prelado mayor, para se naõ emprestar para fóra cousa alguma daquellas, lembrou elle ao Prelado a obrigaçã que tinha, e fazendo-a o dito Prelado manifesta ao Mordomo, juntamente lhe negou depois de lembrado, o que antes sem advertencia lhe promettera.

349 Instou o empenhado da festa com o Prior, e vendo que o naõ podera vencer; porque o fundamento naõ era capaz de contrariedade, constandolhe tambem que o zeloso Frey Estevaõ fora a occasiaõ de se frustrar o seu empenho, rompeo no seguinte desatino. Vencido de colera o chamou de parte, e o descompoz de quantas palavras injuriosas lhe suggerio o demonio: ás quaes o Apostolico varaõ deo ouvidos, e as tolerou mais como morto, que como mortificado: de sorte, que o mesmo aggressor da irreverencia ficou por si proprio convencido da sũma paciencia, com que o Veneravel Padre mudamente o reprehendia. Sendo depois o mesmo Padre obrigado a referir o successo, a quem por justos motivos o devia perfeitamente saber, usando primeiro de huma heroica repugnancia, e naõ podendo depois resistir á obrigaçã, cedeo da sua vontade, e se explicou em tal fórma, que as suas palavras saõ efficazes argumentos de huma admiravel perfeiçã: *Atégora (respondeo) lhe naõ dey conta destas cousas, por temor, que o meu JESUS me privaria da consolação interior, que as palavras daquelle homem me causavaõ.*

Seja

Seja o Senhor para sempre louvado: muito alegre, e contente estou de padecer com elle. Queirame sua Divina misericordia dar graça, para que sempre, em quanto viver, sofra com alegria.

350 Mas ainda que nada sentia, quando semelhantes injurias eraõ dirigidas á sua propria pessoa, com tudo não podia tolerar, que a outras pessoas virtuosas se fizessem ou afrontas, ou cousa alguma, que lhes causasse escandalo. Entaõ depondo a paciencia de Cordeiro, mostrava ferocidade de Leaõ, nascida do zelo contra os inimigos do bem espirital: e quando não podia de outro modo acudir, por quem obraua com o coração em Deos, e sabia que por serviço deste Senhor padecia contradiçoens, e trabalhos, não cessava de o consolar, e darlhe esforços para proseguir o bem começado. Nas ausencias dava os seus conselhos por cartas taõ cheyas de espirito, como saõ todas as suas. Sobre esta materia transcreveremos huma escrita a certa creatura devota, que tinha muito que sofrer, e lhe acodio com a consolação da maneira seguitte.

Como sentia as afrontas alheyas

351 **O** Espirito Santo more sempre em sua alma, e lhe communique muito de sua graça, para que com sua luz veja o que lhe importa para bem o servir, e com sua fortaleza ponha tudo o que conhecer por bem, em execução; e assim conhecendo bem, e obrando-o, vá subindo de virtude em virtude, até chegar ao monte Santo de Siao da gloria amen. Minha irmãa em Christo JESUS, muito me alegrey com a sua carta: e ainda que sempre folguey de ler as suas, agora particularmente me consolou esta pelas novas, que me dá dos mimos, que o Senhor lhe faz. Grande mimo he o da perseguição, e grande o conhecelo por tal. Em particular essa sua, pois se parece tanto com a de Christo JESU Senhor Nosso, que sem o merecer, já lhe chamavaõ endemoninhado, já doudo, já comilaõ. Ah meu bom, e amado JESU, quão ditosa he a alma, que por vosso amor padece muito! Que ainda que seja falso, entaõ se parece muito mais com vosco.

CARTA XIII.
sobre o desprezo, que se deve fazer das perseguições do Mundo.

352 O demonio não sofre ver caminhar para o Ceo as almas: logo trata de lhe impedir o caminho, logo toca a caixas contra ellas, logo se poem em armas, logo saem os seus soldados ferindo, ou com a lingua, ou com as mãos. Porém Deos, que tudo póde, a quem de verdade se recolhe á sua bandeira,

Tom. II.

Cc

, assim

„ assim defende , que faz, que todos estes golpes cayaõ sobre o
 „ mesmo inimigo , comendo-se , e roendo-se de pura inveja ,
 „ por ver que as almas devotas , como pedras preciosas, com es-
 „ tes mesmos golpes ficaõ esculpidas, e lavradas, para serem col-
 „ locadas no edificio soberano da eterna Bemaventurança. Pa-
 „ ciencia , com muitas graças a Deos Nosso Senhor , que tudo
 „ permite para mayor bem nosso. Continúe muy amiudo com a
 „ conversação do bom JESUS , recolha-o em sua alma , e des-
 „ cubralhe seus trabalhos, que ainda que elle os sabe muito bem,
 „ folga de nós lhos lembrarmos com humildade, e reconheci-
 „ mento de nossa fraqueza, e pedirmos-lhe remedio, como a
 „ unico remediador de todos elles. Rogue muito de coração ao
 „ Senhor ; faça muitos mimos, e mercês a todos esses, que a
 „ perseguem, e que lhe dê paciencia, e humildade verdadei-
 „ ra, e abraçe-se de coração com tudo que vier, porque tudo
 „ vem de sua mão , e tudo elle permite ; ainda que venha por
 „ meyo de inimigos, e por caminhos contrarios a Deos , elle o
 „ permite, e não se move huma palha sem sua vontade.

353 „ Cuido quer o Senhor provar agora esta sua humil-
 „ dade, com que tão ordinariamente se confessa por peccadora,
 „ que o tem já tomado por titulo. Quando esta confissão , e opi-
 „ nião, que hum de si tem, nasce de verdadeira humildade, fol-
 „ ga muito, quando lhe chamaõ peccador; porque vê conformaõ
 „ os pareceres dos outros com o seu. Que confessarme eu por
 „ mayor peccador do Mundo, e não soffrer, que mo digaõ, não
 „ he verdadeira humildade, antes leva soberba. Rogue ao Se-
 „ nhor, já que me deo a conhecer esta verdade, me dê a abraçar-
 „ me com ella, e comprilla perfeitamente. O melhor meyo para
 „ hum vir a ser Santo, he o sofrimento dessas perseguiçoens , as-
 „ quaes se levaõ bem , conhecendo-nos a nós, quaõ merecedo-
 „ res fomos de todos nos perseguirem, pois nós perseguimos
 „ com os peccados ao Creador de tudo. E se huma alma se conhe-
 „ ce bem, e vê que por seus peccados merecia estar debaixo dos
 „ pés dos demonios no inferno, ferida, golpeada, e perseguida,
 „ atormentada, e desprezada delles , sofre muito bem as perse-
 „ guiçoens das creaturas , e tudo lhe parecem mimos em com-
 „ paração do que merecia. Ao seu Confessor por nenhum modo
 „ encubra nada: não queira mais credito, que para com Deos.

Outra carta sua sobre a mesma materia.

354 „ **O** Espírito Santo more sempre em sua alma
 „ com particulares crescimentos do seu amor.
 „ Oh quem alcançara muitas lagrimas para desfazer todo o hu-
 „ medo, que ha neste coração, para poder atear nelle o amor
 „ de JESUS! Elle me seja JESUS, amen. Esse desejar, e pedir,
 „ não livramento de trabalhos, senão paciencia para os sofrer,
 „ he doutrina do Mestre do Ceo Christo JESUS. Os trabalhos
 „ não somente nos grangeão grande premio no Ceo, mas ainda
 „ nos seguraõ o caminho para elle. Diz São Jeronymo, que o
 „ navio de nossa alma no mar deste Mundo, onde vay fazendo
 „ sua viagem para o Ceo, na bonança se perde, e nos trabalhos,
 „ e tormentas se assegura. Os que vão para a India, na tormenta
 „ se perdem, e com bonança vão seguros: mas em nossas almas
 „ he pelo contrario, que a bonança para ellas he tormenta muy
 „ perigosa, e nella fazem naufragio de ordinario.

355 „ A vida descansada traz consigo vicio, e vicios;
 „ e assim as mais prosperidades da terra. Daqui vinha que os
 „ Santos em pago dos serviços, que tinhão feito a Deos, lhe pe-
 „ diaõ trabalhos. Santo Agostinho dizia: *Senhor, aqui me abra-
 „ zay, aqui cortay, e não me perdoeis.* Job, exemplo da pacien-
 „ cia, no meyo de suas mayores desconfortações, e trabalhos, di-
 „ zia: *Quem fora tão ditoso, que podera acabar com Deos me
 „ despachar a hum petição, e ficaria consolado.* Pois saibamos,
 „ que petição he a de hum homem tão affligido? *Ut non parcat,*
 „ que me não perdoe, que não tenha dó de mim, que corte, que
 „ abraze! Assim o sentem os discipulos de Christo; porque nos
 „ seguraõ o caminho do Ceo para o alcançarmos, e nos acres-
 „ centão a Coroa para reynarmos. Dizia São Gregorio: *Que
 „ mayor mercê fazia Deos a hum pessoa em lhe dar paciencia
 „ para sofrer trabalhos, que em lhe tirar os mesmos trabalhos;*
 „ porque em tirando-lhos, fica em perigo de se esquecer de Deos,
 „ e se perder: e soffrendo-os com paciencia, fica subindo ao
 „ mesmo Deos, por quem os sofre, e recebendo grandes favo-
 „ res, e premios.

356 „ Não tem lido, minha irmã, e conhecido o estylo, com
 „ que o Senhor trata os seus, que he com mimos, e com açou-
 „ tes, alternando estas cousas, para que nos açoutes não desfa-

„leção, e nos mimos não se ensoberbeçaõ? Os bem experi-
 „mentados nas coulas do Senhor, mais estimaõ os trabalhos,
 „que os regalos; porque quando recebem estes, ficaõ obrigados
 „a Deos, e naquelles lhes fica Deos obrigado a elles. Note bem
 „isto; que se Deos regala, e faz mimos aos seus, he para logo
 „se porem a paciencia. Comecemos por Christo no Jordaõ, taõ
 „favorecido do Ceo. A voz do Padre o acclamou por filho
 „muito amado: o Espirito Santo em fôrma de pomba desceo
 „sobre sua cabeça; tudo favores soberanos. Porém logo foy le-
 „vado do Espirito ao deserto para ser tentado, para jejuar, e
 „passar tantas noites, e dias sem abrigo, nem regalos huma-
 „nos. A Virgem Nossa Senhora: vem o Anjo darlhe a embai-
 „xada da Santissima Trindade; concebe do Espirito Santo em
 „suas Entranhas o Filho de Deos, taõ cheya de graças: porém
 „logo a manda caminhar pelas montanhas de Judéa a visitar
 „Santa Isabel.

357 O nosso Padre Santo Elias no deserto: traz-lhe hum
 „Anjo de comer; porém logo o manda levantar, e caminhar
 „quarenta dias: *Surge, grandis enim tibi restat via*. Não vos man-
 „da Deos de comer, não vos faz regalos para estardes descança-
 „dos dormindo, senão para caminhar, e trabalhar. Os demais
 „Santos, e servos seus por esta estrada foraõ: por isso esteja
 „nesta doutrina bem, e tome tudo da mão do Altissimo com
 „humildade, e faça-se forte com oraçoens. O conselho de co-
 „mo se ha de haver naquella materia, tome-o com Christo cru-
 „cificado: e eu lhe pedirey, lhe dê o que lhe importa. Rogue-
 „lhe V. m. tambem me governe, e conforme a sua vontade, e
 „leve da sua mão, e em sua graça: mas que seja pelas brazas do
 „Inferno; porque com sua graça tudo poderey. O' ditosa tro-
 „ca, ó felice commercio, ó grande Bemaventurança! Chegar
 „hum alma a ser toda, toda morada de JESUS! Que sendo elle
 „toda a Bemaventurança, cheya delle a alma devota, fica toda
 „Bemaventurada. Ah minha irmãa, quem podera obrar assim,
 „como fallo! O Senhor seja comigo, e me dê espirito para lhe
 „saber entregar o coração de todo, de todo, de todo. Amen.

§. III.

Do amor, que teve ao seu proximo, e do muito, que o exercitou com os pobres.

358 **E**xtremosa foy a caridade do Veneravel Padre Fr. Estevaõ para o seu proximo. Fez conceito, de que tudo, quanto a seu respeito obrava, era não só por amor de JESU Christo, mas feito á mesma pessoa de Christo. Principiando pelos continuos beneficios, que delle recebiaõ os pobres, devemos affirmar, que delles foy hum amantissimo pay. Em todos os Conventos, em que assistio depois da sua ultima vocação, teve sempre á sua conta o cuidado preciso na sustentação dos ditos pobres: de sorte, que sendo outro o porteiro, elle era o que na portaria lhes repartia as esmolas. Para elles as adquiria como para familia propriamente sua, e nunca se dava a conhecer mais alegre, que nas occasioens, em que os podia satisfazer com abundancia. No Convento da Vidigueira teve principio este seu santo exercicio: Continuou no de Lisboa com igual espirito: de sorte, que não só distribuia as esmolas com os que chegavaõ á Portaria, mas a muitos, que se envergonhavaõ de as pedir: e a mulheres recolhidas, que andavaõ em hum rol, mandava quotidianamente por ministros fieis o necessario sustento.

359 Pelos mesmos ministros mandava visitar, e levar presentes aos prezos dos carceres, e tambem aos das galês, e com tanto aceyo, que causava admiração. O virtuoso Padre Fr. Luiz da Apresentação refere, que algumas vezes o vira estar compondo os taes regalos para os prezos com tanta curiosidade, e primor, que parecia irem para a presença de alguma pessoa da mayor distincão; porque além do preciso concerto, os cobria de flores, e ramos cheirosos; e o recado, que dava ao portador, era o seguinte: *Dizey a esses meus irmãos, que o Santissimo Sacramento lhes manda essa caridade.* E succedendo perguntar-se-lhe, a quemibia o tal regalo, respondia: *Mando-o a meu Senhor JESU Christo.* Da porção, que lhe punhaõ na mesa, logo a partava huma parte para dar aos pobres, á qual chamava o *quinhaõ de Christo*: dizendo, que não era bem *deixar-lhe os seus sobejos*. Até estando enfermo fazia a mesma repartição. O allegado Padre Apresentação presenciou, que estando elle na cama por causa de molestia, e trazendolhe hum pequeno frango, tirou o melhor del-

Pay dos pobres

Teve a seu cuidado o sustento delles.

Regallos q' lhes mandava.

Tirava de si parte para lhes dar.

delle, e o poz sobre huma fatia de paõ. Comeo o mais, e dizendo-lhe o Padre, porque naõ acabava tudo, vulto ser taõ pouco, respondeo, alludindo a hum pobre, e ao impedimento, que tinha para lhe naõ repartir as esmolas: *Este bocadinho, Padre meu, he para o menino JESUS, já que lhe naõ posso dar mais.*

O que fazia, e dizia quando os encontrava.

360 Quando pelos caminhos, ou pelas ruas encontrava pobres, lhes fazia tanta festa, como se visse alguns Embaixadores do Ceo. Se tinha chagas, punha-se de joelhos, e lhas beijava: e quando as via em alguns enfermos, depois de executar aquella meritoria acção, agradecia muito a Deos a mercê de lhe naõ fazer participante de semelhantes males. Assim aconteceu em huma occasião, em que vio huma mulher pobre com o rosto lastimosamente ferido, e quasi sem figura. Entaõ com os olhos no Ceo exclamou, dizendo: *Senhor, donde vos mereci eu naõ me dardes este mal, e darde-lo a esta pobre? Por ventura naõ tenbo eu peccados, que o mereciaõ? Por ventura naõ fora isto justo castigo das minhas culpas?*

Esmola que fez de huma camisa

361 Naõ sofia ver a algum pobre sem camisa; considerando que naõ tinha huma só, e que elle possuia duas, as quaes conservava, por naõ faltar á obediencia do Prelado. Querendo hum dia remediar com huma dellas a certo pobre, que muito necessitava, foy para isso pedir licença ao Prior. Este lha negou com o fundamento, de que depois naõ teria que vestir. Mas succedendo estarem presentes dous Sacerdotes, e sentidos de ver que o servo de Deos voltava desconsolado, acabaraõ com o dito Prior, que lhe concedesse por aquella vez a licença: o que assim feito, quando depois o Veneravel Padre lhe veyo dar o agradecimento diante dos mesmos intercessores, lhe disse o Prelado, como satisfazendo-o, ou como dandolhe huma modesta reprehensão, que se lembrasse do Texto: *Charitas ordinata incipit a se ipsa*; que a caridade bem ordenada começa por si mesma: porém elle com huma louvavel summissão lhe respondeo: Tam- bem Vossa Reverencia achará na Escritura, que *Charitas non querit, quæ sua sunt*: isto he, que a caridade naõ olha para o interesse proprio.

Prompta resposta a respeito da caridade.

Lavou com as suas mãos a camisa de hum pobre.

362 Hindo pregar ao termo de Portel, e vendo alli hum pobre com a camisa pouco limpa, lha fez despir, e com as proprias mãos a foy lavar a hum ribeiro. Depois de enxuta lha vestio, dando com esta acção singular exemplo aos que a testimu- nha-

nharaõ. Em certo dia o viraõ pelo claustro do Convento da Vidigueira com hum pobre nos braços, tirando da fraqueza forças por conduzi-lo a lugar, onde o pudesse curar de huma grande chaga, que tinha em hum braço queimado: e como se lhe conhecia algum defeito no juizo (posto que andava livremente pelos seus pés) elle com o zelo de servir ao dito pobre, o não quiz largar dos braços, sem lhe dar boa accomodaçaõ. Delle tratou por muitos dias com grande amor, e assim a este, como a os outros necessitados vestia, com huma particularidade merecedora de se referir. Hia com os pobres á Igreja, e pondo-lhes junto ao altar a ropa, lhes mandava: *Que tirassem para si aquella esmola, que Christo lhes dava, e não cuidassem que lha dava Frey Estevaõ.*

Caridade com
outro pobre.

363 Repartindo huma vez a esmola aos pobres, e vendo que hum delles não comia, lhe perguntou a causa. Respondeo-lhe, que se achava indisposto, e que a presente comida lhe poderia ser nociva. Entaõ ajoelhado lhe pediu pelas Chagas de Christo perdaõ do erro, que commettera em lhe dar couza, que lhe houvesse de fazer damno: e depois de se desculpar perante todos, foy buscar outra comida propria de enfermos, a qual sendo-lhe ministrada com muitas satisfaçoens para o persuadir, que ignorava a sua molestia, deixou aos circunstantes admirados, e enternecidos. Assim que os pobres acabavaõ de comer, e de darem graças, quasi todos os dias lhes beijava os pés: e executando este acto de humildade devotamente em certa occasiaõ, que hum Religioso, por velo taõ fervoroso, o estava contemplando, lhe disse: *Padre, que hey de fazer, já que tenbo pouco, que lhes dar, senaõ beijar-lhes os pés?* Edificativa era a tristeza, que mostrava no semblante, quando chegavaõ á esmola poucos pobres; assim como era pasmosa a alegria, que dava a conhecer, quando via hum grande numero delles diante de si. A diminuiçaõ de comer, menos o affligia; porque se não chegava, hia logo ao Prelado, e lhe merecia bom despacho na supplica feita com grande humiliaçaõ, dizendolhe: *Padre, tive hoje muitos hospedes, he necessario mandarnos Vossa Reverencia dar mais alguma caridade.*

O que ebrou cõ
hum, que estava
enfermo.

Provas do mu-
to q̃ desejava re-
mediar aos mē-
digos.

364 Mas para que nunca succedesse, que alguns houvessem de voltar sem esmola (o que poderia acontecer, não havendo outra providencia) se constituiu cospinheiro dos mesmos pobres, fazendo para elles panella particular, principalmente quando en-
ten-

Feito cospinheiro
dos mesmos po-
bres.

tendia, que os sobejos não bastariaõ, ainda que fossem ajudados da sua esmola ordinaria. E a tanto se estendia com cada hum sua caridade, que de todos tratava, assim como hum cuidadola mãy se pôde haver com seus filhos. Aos feridos curava, ungiendo-os com o azeite da alampada de Nossa Senhora, aos que traziaõ os vestidos rotos, e menos aceados, obrigava a que lhos dêssem para os pôr em limpeza, cozendo-os, e remendando-os. A muitos fazia a barba: e como verdadeiro pay daquella não pequena familia, mostrava ter nella tal delvélo, que nenhuma occupaçaõ o divertia dos seus ministerios. Até da Oração se levantava para hir á portaria a remediar algum pobre, se vinha fóra do tempo costumado, havendo quem lhe fizesse aviso; porque como nas pessoas dos taes pobres reconhecia hum transumpto de Christo, não escrupulizava de interromper o seu santo exercicio, na consideração, de que hia servir ao mesmo Senhor representado naquella figura.

Como os servia nas suas necessidades.

Solicitava velos, e saber dellas.

Como os servia, quando commu-
gavaõ.

Estimava, e agrade-
cia a fereõ se-
pultados com hon-
ra.

365 Tal era o amor, e tanto o zelo, que mostrava com estes seus filhos, que se lhe tardavaõ, chegava ás janellas á ter a consolação de os esperar: e procurando noticias dos lugares donde assistiaõ, se não vinhaõ á esmola, mandava logo saber pelos seus ministros a causa da sua falta, para lhes acudir com o possível remedio. Depois da esmola lhes fazia práticas espirituas, exhortando-os a que frequentassem os Sacramentos. No tempo da Quaresma se os via chegar a elles, tinha cuidado de lhes procurar Confessores, que lhes dêssem bons exemplos. No dia que commungavaõ, lhes accrescentava a esmola, dizendo, *Que eraõ hospedes de JESU Christo*. E porque foy notorio o zelo deste servo de Deos na sustentação dos pobres, muitas pessoas, que tinhaõ espirito de dar esmolas, punhaõ em seu poder quanto podiaõ, para que elle fosse o distribuidor, e despenheiro. Não eraõ os donativos tão diminutos, que não chegassem a fazer as despesas com que elle vestia a muitas donzellas recolhidas, e a pessoas, que pelos seus estados, não se atreviaõ a mendigar: de sorte, que alguns senhores, e senhoras avaliavaõ por annuncio de serem as suas esmolas gratas a Deos, o verem que as distribuiaõ humas mãos, no juizo commum dos homens, estimadas por santas.

366 A tanto se estendia o seu affecto para com os pobres, que até se gloriava de ver que eraõ sepultados com honra, se lhe

conf-

constava, que a tiveraõ no funeral. Sabemos que fallecendo na Vidigueira hum dos mendigos mais deploraveis pela sua grande miseria, a quem elle acodia com ventagem; e tendo aviso, que o haviaõ sepultado com pompa, e caridade mayor da costumada, escreveo aos que para essa obra de misericordia concorreraõ, huma carta de tantos agradecimentos, como se o beneficio fosse executado em algum seu legitimo irmão. A's mesmas pessoas honradas que eraõ favorecidas, encarregava oraçoens pelos seus bemfeitores, como consta de huma carta sua para huma das mesmas creaturas, que pela parte, que faz ao nosso intento, diz o seguinte: *Pegolbe que por tres dias arreyo faça alguma devoção ao Santissimo Sacramento, e nelle á Santissima Trindade, que a hi assiste toda, e ás Cbagas de Christo, que nelle se representaõ, e á Virgem Nossa Senhora, que nunca se apartou da Cruz: por hum negocio de hum homem honrado, muito importante para os pobres.*

Orações porquê
favorecia aos po-
bres,

367 Aos que via inclinados a favorecer á pobreza, os es-
forçava para que não desistissem do seu bom proposito: e quan-
do lhes não podia exhortar por palavras, o fazia por carta, co-
mo se vê em huma escrita a pessoa que vivia distante; e pelo que
faz ao nosso intento, referindo hum caso, que lhe podia servir
de exemplo, diz assim: *Já que faz bem a essa gente pobre, lembrolhe, que diz o Espirito Santo, que a esmola he huma tocha acesa, que levamos diante. Ob quanto importa esta luz! Lembro mais, que diz Christo Nosso Senhor, que quem faz bem ao pobre, faz bem a elle: e tem mostrado esta verdade com muitos milagres, particularmente neste: Hum homem, a quem Deos deo conhecimento das culpas, desejava choralas, e não podia; e assim andava confuso, e muito atormentado com este pensamento; porque via o pezo de suas culpas, e de sua fealdade, e desejava lavalas com lagrimas para se aliviar, e não podia chorar. Hum dia sabio de casa, e à porta achou hum pobre muito denegrado, e muito desprezível. Tornou-se logo a recolher para dentro, e trouxe-lhe esmola: e lembrando-lhe o que Christo diz, que no pobre está elle, fez esta conta. E assim posto de joelhos diante do pobre, disse em seu coração fallando com Christo no pobre: Senhor, esta esmola recebey vós, que he o que vos posso agora dar, que o coração, nem sey dar-volo, nem posso. Vós fazey delle o que quizerdes. Foy couja maravilhosa, que logo alli foy tanta a dor, e sentimento, que*

Como os esfor-
çava para conti-
nuarem.

CARTA XV
ácerca do q se
adquire pela
esmola, que
se faz.

lhe foy necessario recolherse outra vez para casa. E diz o Author, que isto conta, que elle conbecce este homem depois muy favorecido de Deos Nosso Senhor.

§. IV.

Da sua extremosa caridade com os enfermos, com os hospedes, e com os serventes.

368.

Constituido en-
fermeiro,

FOy exemplarissima a sua caridade com os enfermos, continuamente exercitada com os de casa; porque muito por seu gosto era sempre enfermeiro nos Conventos, em que assistia. E porque em certo tempo hum Prelado o aliviou deste officio; por ver que a debilidade, em que o deixou huma queixa grave, não soffria os trabalhos da occupação, cahio em huma tão profunda tristeza, que de nenhum modo a podia encobrir. Tudo era dar boas informações de se achar restituído ás suas antigas forças: e vendo que por este meyo não lhe restituia o ministerio, que lhe havia tirado, pediu com profunda humildade, que ao menos lhe fosse permittido lavar a louça dos doentes, e fazer outros serviços menos custosos; o que sendo-lhe concedido, não cessava de o agradecer, mostrando dalli em diante huma tão permanente alegria, que provava ser a antiga tristeza occasionada de lhe faltar a occupação, que agora se lhe permittia.

369

Como servia aos
doentes.

Sendo pois enfermeiro no Convento da Vidigueira, não he crível o trabalho, que sobre si tomava em beneficio dos seus doentes. Elle lhes compunha as camas, e os servia nos actos mais humildes, a que podia chegar o desempenho da sua obrigação. Para precisar a comer aos que padecia fastio, procurava primeiro saber, de que Santos, ou Santas erao devotos, e depois com huma piedosa industria, e bem aceita porfia, a cada hum rogava que comesse, dizendo: *Tome este bocado primeiramente á honra da Santissima Trindade.* Recebido aquelle, fazia tomar outro á honra de algum dos mysterios da Paixão de Christo, logo outro á honra da Virgem Nossa Senhora, e entao lhe pedia o mesmo pelos Santos, que elle havia confessado serem da sua devoção, acrescentando: *Que não era justo, que deixasse de fazer por elles cousa tão pouca.* O que mais admirava era o fervor com que se occupava em tudo o que podia servir á enfermaria. Para ella des-

Cuidado em tu-
do o que lhes
pertencia.

distillava todas as aguas necessarias, trazendo para esse fim a seus hombros a lenha, e algumas vezes madeiros de consideravel pezo; de sorte, que causava confusão o ver-se, que quando os outros Religiosos pelo Verao tomavaõ as suas recreações na horta, estava elle asloprando o fogo na cozinha.

370. Tudo isto executava com muito gosto, e quando lhe perguntavaõ o que hia fazer ao tempo de se empregar no ministerio dos enfermos, respondia: *Padre, quero mandar buscar huma purga para meu Senhor JESU Christo: Vou dar aviamento para sangrarem a meu Senhor JESU Christo: Vou passar as ameixas, vou distillar as aguas para suas enfermidades.* Estas excellentes obras de caridade foraõ na presença do Senhor taõ acertas, como provaõ differentes casos, dignos de serem manifestos. Porém basta que se faça reflexão em hum, para que se verifique o muito, que o Veneravel Padre Frey Estevão, por este modo, agradava a Deos. Réferiremos pois huma revelação, que teve da maneira seguinte.

371. Havia em outro Convento da Provincia hum Religioso, de quem se affirmava, que fazia rigorosissimas penitencias, e que vivia com summa austeridade. Estas noticias de tal modo se imprimiraõ na alma do Veneravel Padre, que não podia escusar-se da santa emulação, que tinha de imitalo, parecendo-lhe, que desta maneira agradaria muito melhor a Deos. Porém este Senhor, que sempre acode com a precisa consolação aos seus justos, lhe propoz a tempo, que o dito Padre dormia, esta representação. Vio ao mesmo Religioso, a quem desejava imitar, com humas disciplinas na mão castigando-se rigorosamente, e gemendo com as dores, que a Deos offerencia por seus peccados; e quando mais se inflamava nos desejos de executar em seu obsequio semelhante tormento, se vio a si mesmo metido entre as panellas do comer dos pobres, e no ordinario ministerio, em que se occupava com os enfermos. Tratou no outro dia este caso com o seu Confessor, que era homem douto, e pelas circumstancias antecedentes inferio, que era obra de Deos, de sorte, que lhe explicou a visão com as seguintes palavras: *Quiz Deos mostrar a Vossa Reverencia, que se as asperexas, que esse Padre usa, lhe são agradaveis, também se dá por servido na caridade, que Vossa Reverencia usa com os pobres, e enfermos: ao que elle com as mãos levantadas ao Ceo respondeo humilde-*

Respostas, q da-
va ácerca dos
seus ministerios.

Emulação santa
a respeito das
penitencias.

Visão notavel a
respeito de si
mesmo.

mente: *Que ao mesmo Senhor fossem dadas infinitas graças.*

Como servia aos
hospedes.

que lhe succo-
deo com hum

Comperencia
virtuosa.

Comperencia
virtuosa.

372 *Igualmente caritativo se mostrou com os hospedes, que vinhaõ aos Conventos, em que elle assistia. Logo que chegava de fóra algum Religioso, lhe tomava a capa, e o chapéo, e fazendo-lhe muitos agazalhos, procurava trazerlhe agua para os pés, e tudo o mais executava, quanto podia desempenhar a sua caridade fraternal. E quando o hospede era fogueito de boa opiniaõ, ainda que fosse secular, com o mesmo affecto o servia, como se para esse ministerio estivesse destinado, só a fim de se aproveitar dos seus conselhos, e de ver se achava nelle alguma perfeiçaõ, que houvesse de seguir. Entre outros hospedes, a quem servio com summo prazer no Convento de Santa ANNA de Colares, o mais finalado foy o virtuosissimo Padre Estevaõ André, do habito de São Pedro, Varaõ verdadeiramente Apostolico, que na Cidade de Evora foy Collegial da Purificação, e em todo aquelle Arcebispado foy conhecido por homem santo. Communicava-se este bom Sacerdote por escrito com o dito Veneravel Padre, posto que nunca se viraõ; mas he certo, que se amavaõ muito pela boa harmonia, que entre si faziaõ as virtudes de ambos. Recolliendo-se pois da Universidade de Coimbra para a villa de Monchique do Reyno do Algarve, donde era natural, fez caminho por Lisboa, só por visitar no dito Convento de Colares aquelle amigo, como querendo delle despedir-se pessoalmente, porque pouco viveo, depois que se retirou: bem que o Veneravel Padre Frey Estevaõ lhe correspondeo á fineza; porque tambem se ausentou deste Mundo em poucos dias, acabando ambos a vida temporal dentro de hum mez.*

373 *Mas pelo que respeita ao nosso intento, foy de admirar a caridade, com que o servo de Deos se houve no agazalho de tão digno hospede. Sobre outros actos meritorios, que entaõ exercitou, foy chegar a lavarlhe os pés com as proprias mãos. Repugnava o hospede, instava o Ministro; este, por mostrar humiliaçaõ a quem reconhecia digno de mais authorizado fervente, querendo-lhe beijar os pés; aquelle por não ver inferior a si, a quem venerava por Director, e Mestre. Nesta Santa contenda vieraõ a ficar ambos vencidos, e vencedores: o Veneravel Padre Frey Estevaõ, porque com effeito conseguiu lavarlhe só hum dos pés: o hospede, porque alcançou que elle cedesse de lhe lavar o outro.*

374 Não foy menos extremo o amor, que teve aos criados, e serventes dos Conventos, em que assistia. Fazia-lhes suas praticas, exhortando-os a que se confessassem. Convidava-os para o Capitulo, onde lhes dizia Missa, e alli lhes lembrava os dias que eraõ de guarda, e de jejum, para que os não ignorassem, como se delles fosse Parocho. Não se punha no altar, sem que estivessem juntos; e porque alguns eraõ remissos, e o faziaõ esperar mais do que podia, chegou a dizer muitas vezes ao Padre Presentado Frey Luiz da Apresentação: *O Senhor me leve em penitencia de meus peccados o trabalho, que tenho de os fazer ajuntar.* Depois da Missa lhes fazia suas Estações, e distribuia contas com os que alli estavaõ sem ellas, com a obrigação de rezarem. Delles era continuo Orador para se lhes fazer algum bem, e conforme os seus procedimentos, assim os patrocina, ou reprehendia. Se algum obrava acção digna de louvor, não lhe faltava em lhe adquirir o premio; assim como lhe não impedia o castigo, quando se lhe propunha que era necessario para a emenda: mas se este ficava por conta sua, o dava de tal modo, que se penalizava a si, para que se seguisse a correcção alheya.

375 Assim o deo a conhecer no Convento da Vidigueira, onde havia hum escravo da Communidade, que se desmandava no vinho. Não cessava o servo de Deos de o persuadir a que largasse aquelle vicio pelo risco, em que trazia a sua salvação: e vendo que os seus conselhos nada aproveitavaõ, recorreo ao Prelado para que o castigasse. O Prelado lhe difficultou o remedio, dando-lhe a saber as muitas diligencias, que sem effeito se haviaõ repetido para o mesmo fim: e vendo que o zeloso Padre lhe contradizia as razões, tomou a prudente resolução de lhe fazer total entrega do escravo, para que, como seu subdito, cuidasse na cura da sua alma. Convencido de ver que obedecendo ao Superior, o ajudaria Deos em beneficio do escravo, o encômmendou a este Senhor nas suas orações. Daqui se seguiu, que cahindo o delinquente na mesma miseria, o Veneravel Padre o castigava pelo seguinte modo nunca usado. Depois que o via restituído ao seu juizo, se punha diante delle, e descobrindo as proprias costas, tomava na sua presença huma rigorosa disciplina: e entre outras palavras que dizia a volta dos açoutes, eraõ estas: *Praza a Deos que te emendes: praza a Deos que te emendes.* Continuando aquelle tormento com differentes expressões de caridade,

Como se havia
com os serven-
tes

seu medianoiro;

O que lhe succ-
cedo com hum
escravo do Con-
vento.

Como o castiga-
va.

de, quando acabava a disciplina lhe dizia: *Vez aqui o que tu merecias; não te quero castigar, senão a mim: quero ver se de mim te compadece, já que te não compadece de ti.*

O trabalho que
com elle teve.

376 Confundia-se o culpado de ver tão injustamente castigada a innocencia: e ainda que por algum tempo se emendava, como o vicio era antigo, tornava a reincidir na culpa. Grande foy o trabalho, que o servo de Deos tolerou, não só na molestia, que lhe sobrevinha ao corpo, mas tambem na afflicção interior, que lhe resultava, de não se atrever a julgar só por si, se o escravo estava nos termos de ser condemnado. Quando este vinha da villa, e elle lhe via alguns sinaes no gesto, chamava Religiosos, para que pelas palavras lhe informassem do que sentia, para assim corroborar a sua presumpção, dizendolhes: *Nunca Deos queira, que eu julgue mal de ninguem, pois elle quiz, que eu fosse surdo.* Em huma occasião, em que os circunstantes se provocaraõ a riso pela desordem, com que o delinquenté fallou, deo o Veneravel Padre em si muitas bofetadas em final de sentimento, e exclamou dizendo: *Valhame Deos, valhame Deos, que havemos de approvar o vicio deste miseravel? Que não havemos de sentir a offensa que faz ao seu Deos, e Creador? Que não havemos de chorar o risco da sua salvação? Não são por ventura materias estas de muito escrupulo?*

Como sentio que
delle se provo-
cassim a riso.

Enfermidade do
escravo.

377 Continuando pois com as suas caritativas admoestagaens, e disciplinas por algum tempo, foy Deos servido ferir ao escravo com huma enfermidade grave, na qual se viraõ os effeitos das oraçoens, e penitencias do Santo Medianeiro, pois com ellas alcançou, que se dispuzesse para a morte com todas as circumstancias, que a podiaõ fazer ditosa. Repetidas vezes se confessou, dando sempre claros indicios da sua contrição. Não cessava dos colloquios, que dirigia a huma Sagrada Imagem de JESU Christo crucificado, e outra da Virgem MARIA Senhora Nossa, Mostrava-se muito agradecido ao Veneravel Padre Frey Estevão pelas mortificaçoens, que com elle tivera no tempo passado, e pelo trabalho presente de ser naquella doença o seu enfermeiro: de sorte, que conhecendo estar proximo a dar conta ao Creador das culpas, que commettera, e pedindo aos Religiosos, que o ajudassem com oraçoens, para que sua alma fosse do mesmo Senhor bem recebida, dando finalmente provaveis indicios da sua salvação, pagou o tributo á morte

Afflido do ser-
vo de Deos na
morte.

pagina 215

te, deixando aos assistentes santamente invejosos della ; porque a todos se representou ser propriamente hum transito para melhor vida.

378 Do mesmo rigor contra si para remediar o delito alheyo usou em certa occasião, em que hum sogeiro obstinado no seu odio, não lhe dava ouvidos para lhe admittir as razoes, com que o persuadia a reconciliar-se com o seu contrario. Vendo pois a tenacidade da creatura a tempo, que na presença de muita gente a admoestava, chegou para hum canto da casa, e alli se começou a disciplinar com a severidade mayor, que podia caber em todas as suas forças. Os circunstantes movidos de compaixão a respeito do innocente, e provocados da ira contra a pessoa culpada, levantaraõ tão altamente as vozes, que a mesma pessoa que dera occasião a este excesso, cahio com hum mortal accidente. Suspendida entaõ a disciplina, e acodindo todos ao enfermo; assim que o magoado Padre lhe resou hum Evangelho, tornou a si, prometendo emenda da sua pertinacia, e querendo dar á parte, a quem aborrecia, toda a necessaria satisfação por amor de JESU Christo.

Como convenceo a huma pessoa obstinada.

§. V.

De alguns singulares effeitos da mesma virtude da Caridade.

379 **N**unca se negou a fazer bem ao seu proximo á custa do mayor trabalho, antepondo a todas as suas boas obras alguma occasião, que se lhe offerecia de encaminhar para Deos as almas, que podiaõ melhorar de estado com a sua protecção, ou fossem buscadas pessoalmente, ou servidas por escrito. Assim o dá a conhecer o principio de huma carta mandada á pessoa, que o consultou sobre materia grave, que por ser de honra dependia de segredo, e de conselho prompto. Diz assim: *O Espirito Santo more na sua alma, e lhe dê muito da sua graça, para o servir em paz, e temor santo. Encômendame segredo no negocio: bem em segredo fica; pois não conheço quem me escaeveo, nem ainda o quero saber. Bastame saber, que he alma renida com o Sangue de meu bom JESUS, para eu correr a Cidade de Lisboa a pé descalço, a troco de a salvar: e por qualquer alma do mais minimo, e abatido, farey o mesmo, pois qualquer custou muito ao meu JESUS.*

Beneficio, q' fazia ao proximo.

Resposta que deu por escrito.

380 O que

Castigo de quem
desprezava o seu
conselho.

380 O que mais fazia temer aos noticiosos da virtude deste Santo Religioso, era o evidente castigo, que o Senhor dava a quem fazia menos caso dos seus conselhos. Entre outros horrendos casos, que achamos proporcionados para o intento, basta referirmos o seguinte. Soube, que estava em termos de hir dar conta a Deos hum homem, que necessitava de grandes soccorros para a sua alma; porque a vida fora estragada, e eraõ publicos os delitos, dos quaes devia ter para com Deos verdadeira penitencia, e dar ao Mundo de alguns escandalos a necessaria satisfação. Com repetidas instancias o mandou persuadir a que se confessasse perfeitamente, e a hum Religioso douto rogou, que se quizesse encarregar do bem daquella alma, persuadindo tambem vocalmente ao enfermo a sua certa condemnação, se persistisse no apeço, com que estava ás cousas do Mundo, e assim a outros cuidados que não lançava fóra de si. Aos conselhos do Veneravel Padre, e aos do Confessor, que o instrua, chamava escrupulos, e impertinencias, até que em miseravel estado passou deste para o outro Mundo, sem deixar indício algum de se converter para o Senhor.

O que sentio em
sonhos hum Sa-
cerdote.

381 Na noite seguinte affirmou o Sacerdote, a cujos conselhos elle não dera ouvidos, que padecera muito em sonhos, e que no corpo sentio sinaes, de que não era imaginação o tormento que lhe sobreveyo. Vio pois que o homem fora condemnado ao Inferno, donde viera em companhia de hum demonio; e que sem proferir palavras, dava huns ays notavelmente lastimosos, nos quaes se explicava, e o persuadia, que a sua pena mayor consistia em não ter seguido os seus conselhos, nem abraçado as admoestaçoens do Padre Frey Estevoão. E sendo este Sacerdote dignissimo de se lhe dar inteiro credito, affirmava, que antes, e depois deste successo, nunca pela alma deste infeliz principiou oração alguma applicada por sufragio, que a podesse levar ao fim; tendo sempre hum sentimento interior, de que não estava em lugar, onde lhe podessem aproveitar as ditas oraçãoens, e os sacrificios: e que querendo vencer a repugnancia do espirito, apenas acabava (posto que violentado) as taes oraçãoens, quando exprimia a condição seguinte: *Se posso, ou se estás em lugar, que te aproveite, quando não, fiquem applicadas por estas, e por aquellas almas.*

Repugnancia ao
rezar por hũ de-
funto.

382 Até aos animaes se estendiaõ, e chegavaõ os effeitos do seu caritativo genio. Aos domesticos fazia mimos, e dava de comer; dizendo, que tambem eraõ creaturas de Deos. A nenhum matava; nem podia ver, que lhe fizessem damno; de forte, que ainda aos que lhe podiaõ causar mortificaçaõ, se contentava com os desterrar. Pelos que são proveitosos ao ministerio da vida humana, se havia necessidade, tambem applicava oraçoens; e mostrava mayor affeição ás aves canoras, porque julgava que com as suas harmonias davaõ louvores ao seu Creador. Só haviaõ cahido no seu desagrado os pardaes, por malignos; pois observava a inimidade natural que tem com as andorinhas, das quaes descompoem os ninhos. Huma vez lhe ouvi-raõ dizer mostrando-se muito queixoso delles. *Não posso levar á paciencia a má condiçaõ daquelles passarinhos, que sem aquelloutros lhes fazem porque, lhes vão furtar os ninhos. Certo que se me esfria a vontade de lhes fazer bem. Mas olho por outra parte a cor, que tem do habito do Bemaventurado São Francisco, de quem sou muito devoto.*

Caridade com os animaes

Desagradava-se dos pardaes.

383 Muito superior era a caridade, que exercitava com os defuntos. Além da grande vigilancia, que tinha com os corpos antes de sepultados, costumava applicar pelas suas almas grande numero de oraçoens, que intitulava esmolas. Algumas ficaõ expressadas entre os exercicios, que acima escrevemos. Outras eraõ por elle pretendidas dos amigos, das quaes não dava conta. Mas he certo que por todos os caminhos procurava para as ditas almas os possiveis suffragios. No Convento da Vidigueira conservava em lugar publico huma medálha, chamada vulgarmente *Veronica*, com as almas do Purgatorio esculpidas, e vendo que algum Sacerdote acabava de celebrar Missa, a fazia tomar nas mãos, para que se lembrasse de lhes dizer hum Responso. O mesmo executava com os Irmaõs da casa, e com os seculares, quando commungavaõ; querendo, que cada hum dellsè às almas sua esmola de oraçoens, ou que por ellas offerecesse o merecimento da Communhaõ: e costumava dizer: *Que não era bem deixar perder as gottinhas de Sangue de Christo, que nas indulgencias se nos communicavão.* Cuidava tambem na boa accõmodaçaõ dos ossos dos ditos defuntos, trazendo para lugar decente os que achava separados; dizendo, na intelligencia, de que eraõ de pessoas Christãas, mortas no gremio da Igreja, *que ain-*

Oraçoens feitas pelos defuntos.

As que procurava pelas almas do Purgatorio.

Cuidado com os ossos dos ditos defuntos.

da havião de estar sobre o Ceo Empyreo; pois essa conta lhe fazia a mesma Igreja nas bonras, que lhes dava na terra.

Graça especial
para consolar os
tristes.

384 Para consolar aos tristes, e afflictos, tinha dom particular, e graça natural. Não sofria, que os filhos de Deos, por successos mundanos, tomassem paixão, devendo consolar-se com o seu Redemptor, e buscar nelle toda a occasião de alegria, considerando no bem, que dos trabalhos da vida nos resultaõ para gozarmos o premio depois da morte. Na occasião, em que certo Religioso se achava gravemente ferido de hum accidente de melancolia, tanto a tempo lhe repetio as palavras do Psalmo 68, entendidas do desamparo de amigos, e companheiros, em que Christo se achava nas tristezas do Horto, que fez hum admiravel effeito. Entrou pois no aposento, onde o Religioso estava retirado por força de seu mal, e lhe disse, *Sustinui qui simul contristaretur, & non fuit: & qui consolaretur, & non inveni.* Com isto se interrompeo a consideração do enfermo, e reflectindo na mesma graciosidade do Veneravel Padre, deo ao coração alentos, e sem outro remedio se restituiu á saude. Isto por differentes modos aconteceu repetidas vezes: e porque tambem por escrito consolava a pessoas do seu conhecimento, que nas suas repostas pertendiaõ o seguro alivio de várias paixões, copiaremos aqui huma carta sua, tão cheya de espirito sobre este ponto, que aos Leitores poderá servir para se ajudarem dos seus conselhos em occasiões semelhantes. Diz assim.

Hum Texto que
applicou.

CARTA XVI.
em que dá
cõselhos pa-
ra alivio de
afflicções.

385 „ **M**Eus irmãos no Sangue do Cordeiro sem
„ mágoa Christo JESU, parentesco que só se
„ deve estimar; pois nos faz filhos do Padre, irmãos de Christo,
„ e herdeiros da Bemaventurança, onde igualmente havemos
„ de viver para sempre: onde a multidão dos herdeiros não es-
„ gotará a herança, nem os bens de huns leraõ occasião de in-
„ veja a outros; antes igualmente se alegrarão com as riquezas
„ alheyas, como se fossem suas. Irmãos meus verdadeiros em
„ Christo, bem vejo he isto excessõ de amor, cuidarem, que pos-
„ so eu homem fraco, e miseravel, dar consolação a huma alma,
„ officio só do Divino Espirito Santo Consolador. Bem sey que a
„ largueza deste Senhor faz, que o que he seu proprio, fação tam-
„ bem os pequenos por communicação sua, que não he avaro.
„ Poderoso he para fazer, como, faz dos mudos eloquentes, dos
„ ru-

3, rudes sábios, e dos tristes consolação de todos. Elle seja
3, sempre hum Paraíso de alegria espiritual dessas almas, que o
3, desejão, e com as abundantes, e perennes aguas de sua gra-
3, ça faça crescer as flores das virtudes, que tem plantado nellas;
3, e plante, e regue outras muitas de novo, e faça dellas huns
3, jardins para recreação, e delicias do esposo amoroso Christo
3, JESUS, que tem por delicias morar com os homens. Por isso
3, se ficou entre elles, e não deseja outra cousa, senão de morar
3, nelles, nos corações, nas almas, nas consciencias, na vonta-
3, de, no entendimento, e em todo o homem. Por isto o quer to-
3, do desoccupado, solto, e desembaraçado da terra para descan-
3, çar, e ser todo nosso; porque em quanto o não he, não des-
3, cança: em quanto se nos não entrega todo, que he todo o bem,
3, em quanto não temos estas riquezas, para não desejarmos ou-
3, tras, e para descansarmos, não descança. Pois isto peçamos
3, ao bom JESU muito de coração, para que o alcancemos nel-
3, le, e elle em nós.

CAPITULO X.

*Da perfeição, com que observou os tres Votos de Obediencia, Po-
breza, e Castidade. Referem-se alguns successos memoraveis
pertinentes à mesma materia.*

386 **M**uitos, e especiaes exemplos nos deixou
o Veneravel Padre Frey Estevão da Pu-
rificação no modo, com que perfeitamen-
te observou os seus votos de Obediencia, Castidade, e Pobreza.
Trazendo sempre diante dos olhos a conta, que havia de dar ao
Senhor, da guarda daquellas tres virtudes, que solememente lhe
promettera, foy em cada huma espelho sem mancha. E ainda que
em todas as mais virtudes foy digno de ser imitado, nestas, em
que fez profissão, subio ao grão mais sublime da heroicidade
Religiosa. E porque em todas obrou maravilhosamente, dire-
mos sem prolixidade, o que em cada huma se faz singular.

387 Consta que na pobreza foy tão exacto, que não só
fatisfez com inteireza os preceitos da Regra, e Constituições da
Ordem; mas com affecto particular a esta santa virtude obrava
Tom. II. Ee 2 com

Virtudes q guardou por voto.

Exacção na po-
breza.

O que dizia ácer-
ca desta virtude.

com superogação em tudo, o que podia conduzir para sua mayor perfeição. Do amor, que teve aos pobres, segundo o que já expressamos, se póde colligir a estimação que fazia de o ser, de sorte, que algumas vezes dizia: *Se meus parentes andassem pedindo de porta em porta, então me honraria mais delles, com tanto, que fossem virtuosos.* Era de ouvir, e admirar, quando elle praticava ácerca das excellencias da pobreza. Repetia, *que nos não devíamos contentar com a falta do superfluo; mas que com muita alegria aceitassemos ainda a do necessário: e que não se julgasse algum de nós por verdadeiro pobre, em quanto tivesse sentimento, por lhe tirarem as cousas do seu uso.*

Alfayas da cella.

388. Na sua cella não haviaõ mais alfayas, que as pertencentes ao ministerio dos pobres, e dos enfermos. A sua cama era composta de mantas grosseiras sobre hum estrado com encofio de palha, em que reclinava a cabeça. Conservava alli huma Sagrada imagem de JESU Christo crucificado de muita devoção, e alguns livros espirituaes; de sorte, que fóra do que dizemos, nada havia no seu aposento, mais do que alguns instrumentos de mortificação. Porém nenhuma destas cousas avaliava por suas; porque chegava a pedir com instancia ao Prelado, que lhe trocasse a cella, e tambem o proprio habito, que vestia, a fim de mostrar, que nem do uso do preciso era Senhor: o que com effeito o Prelado, por lhe dar essa consolação, mandou fazer algumas vezes, e elle o executava logo com grande contentamento. No Convento de Colares destinado para a Recoleição, onde os Religiosos sem outras diversoens se empregavaõ nos exercicios do Coro, e contemplação, desejou, e chegou a solicitar, que as cellas estivessem sempre abertas: *Porque (dizia) o pobre de Christo não tinha, que lhe podessem furtar; e se alguma cousa tinha, de que se temesse, pelo mesmo caso a não devia ter.*

Suas camisas, e
habito.

389. As camisas, de que usou, foraõ sempre, ou de estampanha, ou de estopa grossa; e do mesmo panno eraõ os seus lenços, sem admittir ropa interior de outra qualidade. O habito era conforme a Comunidade lho dava, posto que pouco lhe durava depois da sua melhorada vida; porque os seus devotos affirmo do mesmo habito, como da capa lhe cortavaõ muitas partes, que estimavaõ como reliquias: de sorte, que nenhuma cautela era bastante a evitar estes piedosos excessos, que elle sentia, e não

naõ lhe era possível occultar. Os mais vestidos, que tambem recebia da Communidade, eraõ de panno muito ordinario: e quando se hiaõ gastando, elle por suas mãos os remendava juntamente com os dos pobres, para os quaes nesta occupação grandemente se esmerava.

390 Nenhuma cousa, por minima que fosse, se atrevia adar, nem ainda com o titulo de esmola, sem licença expressa do Prelado. Das licenças tacitas de nenhum modo se queria aproveitar, por entender. *Serem huma porta patentissima para entrar o vicio da propriedade, pelos abusos, que logo se introduzem.* Por este respeito naõ podia acabar comfigo aproveitar-se da concessão do Prelado para poder, sem lhe dar parte, distribuir por amor de Deos, cousas minimas em casos de necessidade. Poz em seu proposito, que a nossa Regra tudo manda fazer *in verbo Domini*; e entendendo que falla do Prelado, que está em lugar de Christo (como na mesma Regra se nos lembra) renunciada totalmente a posse até da vontade propria nos actos de caridade, para tudo pedia licença, ainda que com o risco de importunar ao Prelado com a repetição dos recursos. Prova esta verdade o seguinte successo, digno de memoria pelas suas presentes circumstancias.

Como usava das
licenças dos Prelados.

391 Havendo de fazer bem a hum pobre no Convento de Colares, foy para este fim pedir ao Prior seis licenças dentro de huma hora: a primeira para hir ajudar ao Padre Frey Antonio da Luz (Varão virtuosissimo, que já nomeámos, e de quem havemos de fazer distinta memoria) que o pertendia lavar: a segunda para lhe dar huma camisa depois de lavado: a terceira para gastar hum pouco de cheiro em lha perfumar: quarta para lhe dar tambem hum toucador: quinta para lhe fazer mercê de hum lenço, que podia escusar, e ficava bem empregado; porque naquella hora (que era na tarde de huma sexta feira) estava amortalhando a seu Senhor JESU Christo, e por isso tratava ao pobre com mayor caridade: ultima para lhe dar huma gota de vinho, que no seu lugar ficara no Refeitório. Cada huma destas licenças foy pedir por sua vez, e em todas mostrou huma taõ rara isenção dos bens terrenos, que ficou a excellencia da sua pobreza qualificada, e conhecidas com ella outras muitas virtudes concomitantes.

As muitas que
lhe pediu huma
vez.

392 Dos primores desta virtude andava taõ perfeitamente prevenido, que fugia de aceitar alguma das peças, que
entre

Nada aceitava
dos Religiosos.

entre os Religiosos huns costumão offerecer a outros (ainda que fossem imagens, ou cousas semelhantes) dizendo, que era tentação, ou loucura, cativar o coração, e a liberdade espiritual ainda destas cousas licitas. Trazia ao pescoço certas reliquias em hum caixilho de latao: e só por ver que nunca tirava o Relicario de si, chegou a pedir hum dia ao Prelado, que o desse a quem lhe parecesse; porque ainda que pelo bem que continha, era muito do seu gosto, *mais queriã ser verdadeiro pobre.* Tambem a Missa, que a Ordem dá livre em todas as semanas aos Religiosos, para que a possuão applicar por quem for sua vontade; só por não usar do seu arbitrio, e não gozar deste beneficio, como a elle devido, de tal modo era aceita, que só a dizia, quando o Prelado determinadamente mandava; pois de outro modo, esta mesma consolação de poder satisfazer com suffragios algumas obrigações Religiosas, lhe occasionava tristeza.

Sua Castidade:

Sua pureza

Chegou ao grão mais perfeito.

Como fugia das mulheres.

393 A respeito da castidade, se pôde colligir, qual seria depois de Religioso a sua observancia, se trouxermos á memoria o que este santo Varão obrava sendo menino. Consta, que em todos os quarenta e sete annos de sua idade o livrou Deos dos perigos, que o poderiam levar a algum precipicio; sendo esta mercê do Senhor hum como premio, que conferio a este servo pelo merecimento, que com a guarda da pureza fez desde a primeira idade. Antes da sua ultima vocação não deixou de padecer alguns estímulos, e muitas batalhas interiores, das quaes, por alta providencia, sahia vencedor, e se mostrava agradecido ao Omnipotente Author de tão plausiveis victorias. Porém depois que foy chamado (diz o Escriitor da sua vida) *lhe concedeo Deos esta virtude no grão mais perfeito, que os Mestres da vida espiritual nella considerão; não sómente tirandolhe as tentações, mas ainda livrando-o das illusões nocturnas do inimigo.*

394 Nunca com elle pôde alguem acabar que se sentasse perto de mulheres: nem havia necessidade justa, que o movesse a pôr a mão em cousa, que ainda exteriormente lhe houvesse de pertencer; de sorte que até quando ás enfermias rezava algum Evangelho, não se atrevia a fazerlhe sobre a cabeça o sinal da Cruz. Sabendo em certa occasião, que huma senhora illustre lhe estranhava este seu modo, parecendolhe que elle deixava de fazer alguma acção precisa, a satisfez dizendo: *Não tenha pouca fé, que não perde o Evangelho, nem o sinal da Cruz* sua

sua efficacia por falta desta cerimonia: entenda, que não he necessaria. Outras vezes sendo advertido, mostrava, que não entendia: e ainda que visse alguns conhecidos sinaes, de que os circunstantes celebravaõ o seu desvio, tudo dissimulava, sem que portanto cedesse da sua opiniaõ, que era constante, e sabida entre as senhoras da Corte; e posto que algumas a conhéciaõ por exotica, as mais devotas a estimavaõ, como singular motivo para edificacão.

395 Huma das mesmas senhoras, que affeçoada á sua grande virtude, lhe professava especial veneracão, fez notaveis instancias, para que elle se houvesse de sentar em hum coxim do estrado, onde lhe recebia a visita. O seu fim era velo de mais perto, para que tambem fossem as suas vozes percebidas mais commodamente, visto o defeito, que o servo de Deos padecia no sentido de ouvir: porém elle resistindo ás diligencias, sem recear o desgosto, que causava a quem o tratou sempre com tão rara politica; mais quiz conservar o seu santo proposito parecendo rustico, do que perdelo por merecer os creditos de cortezaõ. Depois que se despedio, foy reprehendido pelo companheiro, dizendolhe, que fora menos attento em não condescender com a devoção de pessoa tão grave: ao que elle com a profunda humildade, com que em semelhantes occasioens respondia, disse: *Pádre não me estranhe, que sou hum miseravel. Padre meu, como póde estar o fogo com estopas? Assim me importa tratar, e o Senhor, que me conhece, o sabe. Não vê Vossa Reverencia, que coxins são o proprio assento de mulheres? Pois entenda, que tal sou eu, que me he necessario fugir até donde ellas se assentaõ.*

Como se eximio de se sentar junto a huma senhora.

396 A outra Senhora de muita idade, que o importunou para lhe dizer algumas cousas em segredo, respondeo, depois de ver que lhe não attendia a outras forçosas razoes: *Não olhará Vossa Senhoria, que he mulher, e eu homem?* Houve huma, que esperando da propria grandeza, o haver de especializar-se em lhe communicar em segredo particulares de importancia: e chegando para esse effeito a escrever-lhe com a efficacia, que se póde suppor em huma tão illustre pessoa empenhada; elle lhe respondeu tambem por carta o seguinte. *Minha irmãa em Christo, muito tempo ha, que me não falla mulher; nem eu soubéra que toada tem as suas palavras, senão ouvira já em outro tempo; e nem depois; minha irmãa, de pay, e mãy consentirey que me falle, por ser*

Que respondeo á outra senhora.

Resposta de huma carta.

O que usava
com suas irmãs

ser necessario para isso chegar a boca ao ouvido. Tudo executou assim mesmo, como aqui se escreve: e depozeraõ testemunhas oculares, que era tal o seu resguardo no trato com suas proprias irmãs, que até a huma, que tinha muito menina, quando dava alguma cousa era fazendo prato do escapulario, por se não pôr em perigo de lhe tocar na mão; e ainda se desviava, mostrando que della fugia. A sua irmã, que muito o excedia nos annos, reprehendeo, por lhe vir em sua casa fallar com a cabeça descuberta, e menos composta: e por julgar, que daquella maneira via hum objecto menos decente, se mostrou desgostado, e cobrio os olhos.

Fugia de encontrar
mulheres.

397 Não passava por caminho, por onde houvesse de encontrar mulheres; de sorte, que sendolhe necessario hir por aquella parte, retrocedia, e rodeava, ainda que se lhe propuzesse o trabalho de vencer mayores distancias. Obrando pois outras finaladas acçoens, que mostravaõ a pureza da sua conciença, não só fugia de amizades com pessoa de differente sexo, mas abominando o admittirem os Religiosos algumas pequenas dadas com o pretexto de correspondencia licita, várias vezes lhe ouviraõ dizer: *Padres meus, não sabem, quanto inquietaõ amizades? Estes presentinhos, este folgar de ver, e de falar: Valhame Deos, quanto damno causaõ! Padres meus, he inferno, olhem que he inferno: fujaõ, fujaõ de devoçoens, e entendãõ, que sey por experiencia, quanto inquietaõ.* E moralizando as palavras do Evangelho de São João no Capitulo segundo, onde se acha, que na mesa primeiro se poem o bom vinho, e depois o máo, dizia; *que tambem o demonio punha primeiro o vinho do amor natural, para depois pôr o torpe, que era, o que S. Paulo muito sentia, escrevendo aos de Galacia no Capitulo terceiro, ver que aos bons principios se seguiãõ mãos fins: Ut cum spiritu caperitis, nunc carne consummami.*

Quanto se alegrava
de obedecer.

398 Na obediencia foy tão singular, que causaõ compunção os actos desta virtude, que santamente exercitou. Destituído sempre da propria vontade, não tinha outra, que a dos Prelados: e não conhecia esta por alheya; porque a estimava por sua. Não havia para elle hora mais alegre do que aquella, em que executava alguma cousa por obediencia: e entãõ mostrava no semblante hum tal prazer, que a todos se faziaõ patentes os jubilos da sua alma. Por essa razãõ querendo os Prelados dar-

darlhe gosto, lhe mandavaõ fazer algumas acçoens escusadas, que lhe não poderiaõ vir á imaginação, e as punha em publico com pontualidade tanta, que edificava. No Convento de Colares, estando em acto de Communidade jantando, lhe mandou o Prior, que se levantasse da mesa, e não comesse. Assim o fez tão diligente, que lançou fóra o bocado que mastigava, e se poz de pé no meyo do Refeitório. Agradecendo depois muito a quem d'elle se lembrara, disse: *Que fora aquella mortificação muito bem dada, e justo castigo da suagula, porque fora aquelle bocado grande.*

Que fez, e disse quando lhe mandaraõ, que não comesse.

399 Outra vez lhe mandou o Prior insperadamente, que cantasse, e elle sem duvidar entoou a *Magnificat*. Quando sahia fóra, ainda que o companheiro fosse mais moço, sempre lhe dava o melhor lugar, e se lhe declarava seu subdito, tendo-lhe tal obediencia, qual poderia ter ao Prior do Convento. Rendia continuamente as graças a Deos, por haver conseguido o beneficio de lhe tirar toda a repugnancia, que podia ter para se conformar com as insinuaçoens do Prelado, e de lhe não permittir desejo algum de mandar. Em certa occasião disse: *Já o Senhor tem convencido bem minha dureza em materia de obedecer, por muitas cousas, que me pareciao difficultosas, e quasi impossiveis: e elle me mostrou por experiencia nos bons successos que tive-raõ, quanto he servido de eu já mais não repugnar.* Entre outros casos que referia para provar o intento, hum foy, que estando no Convento da Vidigueira, e mandando-o o Prelado prègar a São Pedro de Pomares, que dalli dista mais de duas leguas, sem lhe dar quem o guiasse por caminho, que não sabia; elle sem se atrever a replicar, se poz na mula do mesmo Convento, com a esperanza de achar a quem fosse perguntando. Mas como era perto da noite, e não appareceo pessoa alguma, de quem se houvesse de informar, largando as redeas á mula, esta o levou á porta do Mordomo: e vendo na volta para casa a confusão dos caminhos, que cegamente acertara, attribuiu a favor especial da providencia Divina feito a si, não como a Frey Estevaõ, mas como a Religioso obediente.

O que fez, quando lhe mandaraõ cantar.

Caso maravilhoso que lhe succedeo.

400 Humas Religiosas de conhecida virtude entraraõ em pios desejos de o verem; e ainda que para esse fim repetiraõ muitas diligencias, nunca por vontade do servo de Deos o poderaõ conseguir: até que se empenharaõ com o Prelado, que o

O que disse a humas Religiosas, que o desejavaõ ver.

mandou, e elle o fez pontualmente sem a mais leve repugnancia: e depois que chegou à sua presença, logo lhes disse: *Minhas irmãs, em cousas de obediencia não ha de haver senão tomar o Convento às costas, se assim lho mandarem: não he bem, que haja replicas, nem por-se a julgar, se he bem mandado, ou mal.* A este proposito costumava elle explicar-se com os Prelados, repetindo aspalavras do Plalmo 70. *Ut jumentum factus sum apud te.* Queria dizer, que por conta delle corria porlhe o pezo das obrigaçoens, que fosse servido, e da sua parte estava considerar, que o mandava em nome de Deos para emmudecer, e sustentar a carga.

Quanto sentia,
que os Prelados
lhe dessem satis-
façoens.

401 O que muito o affligia era ver, que algum Prelado lhe declarava a causa, porque dispunha, que elle fizesse esta, ou aquella obrigação: de sorte, que atalhando lhe, com a costumada humildade, o intento, logo lhe dizia: *Padre Prior, não se canse com isso: basta que Vossa Reverencia mo mande.* Acha-va-se em certa occasião impossibilitado para hir a pé fallar a hum pessão de muita distincção, que se valeo do Prelado para que lho mandasse a casa: e como o impedimento era notorio por causa da sua molestia, determinou o dito Prelado, que fosse em hum cadeira, em que o vieraõ buscar. Propoz elle o inconveniente, que lhe occorria a respeito de se meter na cadeira; e vendo que não parecia ser aceito, e que o Prelado principiava a tirarlhe o escrupulo, acudio logo dizendo: *Padre Prior, não ha para que mais gastar tempo. Manda-o Vossa Reverencia? Pois ainda que seja hir embandeirado em hum coche, birey de boa vontade.*

Como observou
o que lhe man-
dou o Prelado
acerca do silen-
cio.

402 Fazendo hum prtica com grande edificacção dos ouvintes acerca das utilidades do silencio, quiz o Prelado remunerarlhe aquelle serviço com lhe dar occasião de merecimento, e nestes termos logo o buscou, e lhe disse. *Não falle Vossa Reverencia daqui até ámanhã a taes horas.* Foy para admirar a alegria, com que recebeo o preceito, como da mão de Deos; e tão pontualmente o satisfez, que até aos que o saudavaõ, não respondia: e assim por estes, como por outros semelhautes actos, subio tanto, que chegou ao summo grão da perfeicção da obediencia. Por observar inteiramente esta virtude, até aos conselhos da nossa Regra, e Constituicoens se sogeitava com a mesma inviolabilidade devida aos preceitos. No Coro, Sancristia, Refeitório, e outros lugares, onde se nos manda guardar silencio

per-

perpetuo, nunca fallava; e se havia necessidade que o constrangesse, fazia por se explicar sem vozes, com alguns sinais expressivos dos conceitos.

403 Até os conselhos particulares, que se lhe davaõ, quando para consolação sua os pedia, guardava perfeitamente, sem discrepar delles, até que lhos dispensasse o mesmo de quem os ouvira. Assim aconteceu em huma occasião, em que por estar o Prior fóra do Convento, deo conta ao Presidente delle, dos grandes escrúpulos, que lhe ficavaõ de algumas praticas com Seculares, que o buscavaõ com frequencia. Fundavaõ-se os seus escrúpulos em cuidar que poderia proferir palavras demais, e tinha por provavel, que da superfluidade dellas se seguiria peccado. Respondeo-lhe o Presidente: *Pois vossa Reverencia tem escrúpulo das palavras demasiadas, quando alguém lhe quizer fallar, digalhe isto: Irmaõ meu, o que vos importa para a vossa salvação he, que vos confesseis muito bem geralmente; depois frequentay os Sacramentos; rezay o Rosario de Nossa Senhora com a perfeição possível, fazey as penitencias, com que boamente poderdes, ouvi Missa cada dia, e day esmolas conforme vossas possibilidades.* Ficou entaõ muito satisfeito, dizendo, que este Regimento lhe parecia vindo do Ceo. Porém entrou depois em novos trabalhos; porque as pessoas de respeito o constanciaõ a dizer mais: e tantas foraõ as dispensas pedidas por naõ fallar aos conselhos, que foy preciso dispensalos de todo, para que elle ficasse pacificado, e os desejos das suas doutrinas mais que antes favorecidos.

404 Era taõ extremo o seu respeito para com os Prelados, que entendendo estar algum queixoso delle, ainda que a queixa fosse apparente, elle mesmo com grande humiliação tomava por si o castigo, confessando sempre, que eraõ effectos da sua maldade. Assim aconteceu em certa occasião, em que o Prior lhe deo a saber a culpa de que o accusara hum pobre; segurandolhe, que na repartição das esmolas se houvera mais liberal para outro. Elle ficou do que ouvira taõ affustado, que sem dizer palavra alguma por hum breve espaço; e julgando, que taõ enorme delicto se devia castigar com muitas bofetadas, logo as começou a dar em si, dizendo com lagrimas, e repetindo: *Esse sou eu: esse sou.* A mesma penitencia se condemnou outra vez, em que fez juizo contra alguns Religiosos, que com riso celebra-

Como observava os conselhos

Como se portava com os Prelados ao parecer culpado.

Ecclesi. 3.

Que dizia contra si para evitar a offensa de Deos.

Com o reprehendia nos pulpitos

Advertencia necessaria.

vão as palavras toscas de hum Irmão Leigo, avaliado por simples. E posto que no principio lhe pareceo, que a razão do seu sentimento procedia de zelo, depois confessou, que era effeito de sua má inclinação, repetindo com o Ecclesiastes, que havia *tempus flendi; & tempus ridendi.*

405 Com este modo de se castigar a si, injuriando-se, e desejando, que todos o maltratassem, se desempenhava com Deos, quando lhe referiaõ, que algum Religioso faltava á sua obrigação, ou ao respeito devido aos Prelados. E querendo satisfazer por cada hum a pena que merecia, para desviar a todos de semelhantes procedimentos, muito de véras lhes fallava, dizendo: *Irmãos, irmãos, quando vos o inimigo tentar para fazerdes algum peccado, vinde-vos antes a mim, daime de bofetadas: pague o rosto de Frey Estevão, e não o do bom JESUS, que vos não fez, por onde assim o trateis. Injuriay, e affrontay a Frey Estevão: não injurieis, nem affronteis a vosso Creador.* Com semelhantes expressões, e com percutião no proprio rosto, costumava tambem nos pulpitos reprehender aos peccadores; os quaes convencidos de verem, que sendo elles os culpados, tomava o castigo hum innocente; compungidos, e verdadeiramente contritos, detestavaõ as culpas, e dellas com grande gloria de Deos, e contentamento do Ceo, faziaõ publicas penitencias.

CAPITULO XI.

De algumas singulares devoçoens, que teve, e ensinou, não só com o exemplo, mas por escrito.

406 **C**onveniente nos pareceo não deixar em silencio esta materia, sendo tão util; porque he certo, que as almas desejosas de agradar a Deos, e a seus Santos, estimaõ as novas idéas, que se lhes propoem para lhes darem louvor. Notaveis são as que inventou este Santo Religioso, para se exercitar nos obsequios devidos a JESU Christo em diferentes Passos de sua sagrada Paixaõ; respeitando igualmente ao laudavel Instrumento da sua morte, e á sempre Virgem MARIA, á qual por Mãe do mesmo Senhor, e dos peccadores, sempre do Veneravel Padre Frey Estevão

foy especialmente amada, e com extremo affecto servida. Mas porque nestes limites não cabe a individual noticia de todas, e creveremos só de cada huma o que julgamos ser digno de imitação.

§. I.

Devoção á Sagrada Imagem de JESU Christo, e á sua Santissima Cruz.

407

O Ardentissimo affecto, que o servo de Deos em toda a vida professou a JESU Christo, se estendendo a mostrar, que tambem exteriormente o estimava por inseparavel companheiro. De noite, e de dia conservava sobre o peito huma Santa Imagem do mesmo Senhor crucificado, e só com ella entre os braços dormia. Nas festas feiras, em memoria de sua Sagrada Paixão, usava de outra Cruz notavelmente pezada, que em seus descubertos hombros recebia, e com ella caminhava de joelhos, dando certo numero de passos, com huma corda de esparto ao pescoço, e muitas vezes com os pés descalços. A este grande trabalho se seguia huma rigorosa, e indispensavel disciplina: e com a mesma corda ao pescoço dormia nas noites de quinta, e sexta feira. Neste ultimo dia, em todas as semenas sem apartar da memoria os tormentos, que o nosso Redemptor padecera, bem ponderados na sua Santa Imagem, a todos que encontrava, sem lhe darem occasião, dizia: *A estas horas bia meu Senhor JESU Christo caminhando de casa de Caifaz para casa de Pilatos. A outros dizia: A estas horas estavaõ acontando a meu Senhor JESU Christo. Ao meyo dia tornava: A estas horas levantavaõ na Cruz a meu Senhor JESU Christo: de forte, que lembrando a cada hum dos Religiosos o Passo, que correspondia á hora, em que lhe fallava, nunca tomava na boca o ineffavel nome de nosso Redemptor (assim como tambem o de sua Mãe Santissima) que para mostrar a posse, que nelles tinha, não dissesse: Meu Senhor JESU Christo: A Virgem minha Senhora.*

Crucifixo que tinha sempre consigo.

Lembrança dos Passos da Paixão de Christo.

408 Era seu louvavel costume ajoelhar, ou fosse em lugares occultos, ou publicos, diante de todas as Cruzes, que se lhe punhaõ diante dos olhos; dilatando-se esta devoção a venerar igualmente attencioso aquellas Cruzes, que sem artificio, casualmente pelas ruas, ou estradas se formavaõ. Depois de as adorar, as desfazia, por não soffrer, que as imagens do Instrumen-

Ajoelhava a todas as Cruzes, e beijava as que podia.

to de nossa Redempção houvessem de ser pizadas. A mesma genuflexão fazia, quando ao abrir as cartas via a Cruz, com que alguns Christãos louvavelmente as principiaõ. E porque este antigo costume lhe parecia bem, nas cartas, que a não traziaõ, elle a figurava com o dedo, e logo a beijava; exprimindo pelo mesmo modo a sua devoção, quando nas leituras encontrava os doces nomes de JESUS, e de MARIA. Se acontecia fallar com algum Cavalleiro da Ordem de Christo, assim que lhe via a Cruz no peito, sem temor de ser a sua devoção havida por hum quasi effeito de simplicidade, com os joelhos em terra alli a beijava. E occasião houve, em que inflammado no zelo de ver sempre exaltada a Santa Imagem da Cruz, chegou a pôr-se de joelhos com as mãos levantadas em acto de Comunidade no Capitulo deste Convento de Lisboa para pedir aos Religiosos: *que em reverencia da mesma Sagrada Cruz, não só a venerassem nos altares, e em partes semelhantes, mas que não consentissem estar em lugares indecentes.*

Applaudia, e visitava as Cruzes, que se levantavaõ.

Reprehenção no tavel acerca da Cruz não ser feita.

409 A's Cruzes, que de novo se levantavaõ, applaudia com demonstraçoens festivas, cantandolhe os Hymnos, e Antiphonas, que a Igreja lhe costuma applicar. Assim aconteceu ao collocar-se hum nova Cruz sobre o Calvario do Adro da nossa Igreja da Vidigueira. Depois das suas já sabidas visitas, hum Religioso de sua confiança entendendo, que elle se recolhia, lhe ovio dizer: *Padre, temos ainda hum visita para fazer, havemos de hir visitar a santa Cruz, e levarlhe hum offerta.* Chamou pois os Religiosos que appareceraõ, e com elles foy cantar á nova Cruz hum *Te deum laudamus*, acompanhado de outros louvores expressivos do fino amor, com que tudo lhe dedicava. Etal era o zelo de ver este Santo final reverenciado, que bastava, que na sua presença alguem o fizesse com imperfeição, para lhe resultar desgosto. Assim o prova hum sentença sua, com que reprehendeo á certos Religiosos pela maneira seguinte. Em occasião, em que o Veneravel Padre trazia a manga provida para algum daquelles meninos, a quem mandava benzer, e repetir a doutrina Christãa, os taes Religiosos lhe disseraõ por graça, que se os convidasse, tambem elles fariaõ o final da Cruz: e fazendo-o na realidade com alguma pressa, immediatamente o Apostolico Varaõ se levantou, dizendo: *Agora quero eu pregar, e benzendo-se vagarosamente com humas cruces bem feitas,*

tas, proseguio: *Esta he, Padres meus, a Cruz de Christo, em que todos nos havemos de salvar. A Cruz, as avessas (como aqui vi fazer) he Cruz de São Pedro: esta bastou para elle, mas não basta para nós.*

410 Com o mesmo Santo final remediava muitas cousas, que dependiaõ de favor do Cco: e houve occasiaõ, em que lhe foy especialmente revelada a efficacia da mesma Cruz, para conseguir alguns effeitos maravilhosos. Assim o experimentou a tempo, que delle se valeo certo Religioso, para que Deos o livrasse da vangloria, de que era grandemente tentado nos exercicios de Prégador. Depois que o Veneravel Padre tratou com Deos ácerca do melhor antidoto, que podia achar contra taõ mortifero veneno, conheceo, que fazendo o Religioso em si muitas vezes o final da Cruz, ficaria victorioso. Esta verdade lhe foy mostrada na clara visãõ de hum Missal dourado, e de encadernação primorosa, sobre o qual lhe mandavaõ fizesse Cruzes: de sorte, que no ornato do Missal (em que se contém os Evangelhos, que o Religioso expunha) se figurava a vangloria, e nas Cruzes o remedio. Sendo pois este applicado, promptamente se converteo em humildade, o que antes fora amor proprio. A taõ vehemente affecto, dirigido á Santissima Cruz, correspondeo o Senhor, não só dando-se nella a ver ao nosso Veneravel Padre pelos differentes modos, que mostrará a Historia; mas repetindo finezas em desempenho do muito, que semelhante devoção lhe era agradavel.

Pela Cruz me
receo favores do
Cco.

Visãõ ácerca da
vangloria.

§. II.

Devoção ás Chagas de Christo, com as instrucções dadas na seguinte Carta, que escreveo a huma Religiosa da Ordem de São Bernardo.

411 „ **O** Bom JESUS seja sempre para essa sua alma
„ ma JESUS, que he toda a consolação, e
„ salvação: Esposa do innocente Cordeiro feroso, e sem ma-
„ cula. A sua carta recebi, e a informação, que o portador me
„ deo da sua boa pertençaõ, e desejos de acertar no caminho da
„ virtude, taõ facil, e taõ escuro. Facil digo para aquelles, a
„ quem o Senhor, que he luz, e guia, quer communicar seus
„ rayos, claros, e graciosos: e estes sem duvida, seguindo-o não

CARTA XVII.
sobre os the-
souros que se
encôtraõ nas
Chagas de
Christo.

„conhecem, nem sentem algumas trevas. Merecem esta graça
 „os humildes, que conhecendo sua ignorancia, e fraqueza, se
 „rende ao parecer da gente espiritual, e douta, ou aos pos-
 „tos em lugar de Christo, como são os Prelados, e Confes-
 „sores. Porém não assim aos soberbos, não assim aos confiados
 „no seu parecer, que he essa sua luz, como a da candeia, que
 „com qualquer vento se apaga, e fica ás escuras. E para estes,
 „oh como he escuro o caminho do Ceo! Para os que querem
 „seguir sua vontade, e não a dos Prelados, ainda que seja ao
 „parecer, humano desvario: Oh como he escuro o caminho da
 „salvação!

412 „Irmãa, pertende carta minha com tantas ancias,
 „tendo hum carta tão copiosa, e de tanta consolação, como são
 „as Chagas do bom JESUS; carta, onde está toda a sabedoria,
 „como diz o Bemaventurado S. Paulo, e São Francisco o enten-
 „dia, quando fallando com o mesmo Senhor, dizia: *Sejaõ doutos,*
 „*e Sábios em qualquer sabedoria todos os outros, que a mim só*
 „*vós me bastais. Só em saber quem vós sois, e saber quem eu*
 „*fou, fico sufficientemente Sabio, e douto; porque aqui leyo toda a*
 „*sabedoria, que se pôde saber, e desejar.* E assim he, que aqui
 „se lê a boa doutrina para bem viver: aqui se acha o bom
 „conselho para não errar: e por isso disse o mesmo Senhor á
 „Santa Madre Theresa de JESUS: *Quando quizeres tomar*
 „*conselho, seja diante de hum Crucifixo; porque sem falta aqui*
 „*o achará sem nenhum engano, quem com fé, e verdade o buscar.*

413 „São tambem carta de toda a consolação espiritual
 „estas Divinas Chagas, e como tal a liaõ os Santos, e a lêem to-
 „dos os que a entendem, e pertendem verdadeira consola-
 „ção, despidos de toda a consolação da carne, e humana; por-
 „que, como diz o Melifluo Bernardo, bem douto, e instruido
 „na lição desta carta, *Naõ se dá consolação do Ceo, aos que es-*
 „*tão fartos da consolação da terra; porque he a consolação Di-*
 „*vina tão delicada, que não admitte outra qualquer grosseira.* E
 „com razão; porque como ella por si só basta para encher tudo,
 „admittir outra he descortezia, e he digno de perder tudo,
 „quem com tudo se não sabe contentar.

414 „São estas Divinas Chagas tambem carta de amo-
 „res do Espolo Divino; e nellas lemos o muito que nos amou,
 „e nos ama; porque se as feridas são testemunhas do amor, amor
 „pro-

„ provado , e abonado com tantas , e tão mortaes feridas , com
 „ testemunhas tão abonadas , como são as cinco Chagas , onde
 „ nos mostra suas entranhas , quem terá delle sospeita alguma?
 „ E quem haverá , que se não dê por obrigado , e se renda ao
 „ amor deste Senhor ? Só a elle busque , só a elle ame , e só
 „ nestas Chagas se recolha , e só dellas trate , e só dellas viva
 „ contente , e consolado ? Muito bem entendo a lição des-
 „ ta carta soberana aquella devota Matrona , de quem escreve o
 „ glorioso São Jeronymo , que morrendo-lhe o marido , ficoulhe
 „ hum filho ou dous. Era isto como hum porto , em que podiaõ
 „ parar , e sahir suas desconfortações : porém foy o Senhor
 „ servido de lhos levar juntamente com o pay. E quando todos
 „ cuidavaõ , que fizesse ella grandes extremos , entãõ se foy pôr
 „ de joelhos diante de hum crucifixo , e começou naquellas Cha-
 „ gas a ler amores soberanos do Divino Esposo; e assim com hum
 „ rosto alegre , e risonho , toda abrazada em amor , disse: *Jà vos*
 „ *entendo , Senhor , já vos entendo : só me quereis. Até agora me*
 „ *levava o marido parte do amor ; os filhos tambem sua parte: ago-*
 „ *ra vejo , que o quereis todo: todo , Senhor , he vosso , e só a vós quero.*

415 „ Oh que palavras para huma alma , a quem o Se-
 „ nhor chama para a Religião , posta aos pés de hum Crucifixo
 „ bem conhecida da mercê , que o Senhor lhe fez em alivrar dos
 „ perigos do Mundo , dos trafegos da casa , dos descontos do
 „ marido , e filhos ! Rendida de tantas mercês , e a tantos bene-
 „ ficios , diga: *Senhor , quem vos moveo a fazerdes tanto caso de*
 „ *mim , deixando tantos no Mundo ? Sem duvida , nenhuma ou-*
 „ *tra cousa , senão o amor particular , que me tendes , e desejo*
 „ *de eu particularmente vos amar. Para isto me mandastes dei-*
 „ *xar pay , mãy , irmãos , e parentes. Eu vos entendo bem ;*
 „ *só me quereis. Quando estava no Mundo , todos estes tinhaõ sua*
 „ *parte em meu amor. Vós ficaveis com muito pouco , sendo devi-*
 „ *do a vós só tudo : e se me mandastes deixar a todos , foy para só*
 „ *em vós empregar todo o amor. Eu aceito o partido: nestas Chagas*
 „ *me recolhey , e nellas me recebey.*

416 „ Ah quem podera acabar de persuadir a todas as Es-
 „ posas de Christo esta verdade , e que todas a seguiraõ; porque
 „ sem duvida he obrigação sua , e isto lhe pede Christo. Mas ay
 „ dor ! Quão poucas esposas fieis tem o Bom JESUS ! Hum ho-
 „ mem deo conta ao Padre Frey Gil , Varaõ verdadeiramente

Religioso, e hum dos companheiros do Padre São Francisco,
 „ que desejava, e pertendia ser Religioso. Respondeolhe Fr. Gil:
 „ Já que quereis ser Religioso, hede primeiro, e matay vosso pay,
 „ e mãy, e irmãos, e a todos os vossos Parentes. Ficou espanta-
 „ do o homem: Não vos mando (replicou o santo Varaõ) que
 „ mateis vossos parentes com a espada material, senão com a es-
 „ pada espirituul: e que proponhais em vosso coração, que to-
 „ dos ficão mortos: então vinde, e entreguaios a Deos. Isto en-
 „ sinou Christo Nosso Senhor no Evangelho, e o Santo o de-
 „ clarou desta maneira: e assim ha de ser, sobpena de não serem
 „ nossas almas verdadeiramente esposas de Christo. Como ha
 „ de entregar o coração a Christo, quem o tem tão repartido?
 „ Como ha de darlhe todo o amor, quem o tem tão despedaça-
 „ do? O' Padre, que ha de fazer huma Religiosa, que ha mil-
 „ ter huma cousa, e outra? Digo, que huma alma, que de to-
 „ do se tem entregado a Christo, que lhe basta a pobreza da Re-
 „ ligião. Que quem tambem quer demasias, não se trata como
 „ esposa deste Senhor, senão como esposa mundana. A es-
 „ posa de Christo quéla elle com hum habito, com que se cubra,
 „ e hum paõ, com que se sustente: e quando o habito for remen-
 „ dado, e o paõ só com humas sardinhas, ou legumes, então he
 „ mais agradavel a seus ólhos, mais adornada para se poder pre-
 „ sentar á sua vista, e ás suas Chagas.

417 „ Mas quem será tão ditosa, que chegue a este esta-
 „ do? He verdade: singular deve ser, muito unica deve ser,
 „ poucas devem achar-se; porque se vemos tantas, que não só
 „ não deixaõ os parentes, que lhes deo a natureza, senão que
 „ buscaõ outros, que a afeição, e o interesse lhes representa pa-
 „ ra lhes entregarem o coração: e o amor tão repartido, que po-
 „ de caber a JESUS? E se estas não acabaõ de se desapegar des-
 „ tes seus parentes desleaes, como se desapegarão as outras dos
 „ seus parentes naturaes? Poucas devem de ser. Couza singu-
 „ lar. Como tal, e como unica, a convida Christo com a lição
 „ de suas chagas, quando nos seus cantares diz: *Vinde pomba*
 „ *minha, recolheivos nos agulheiros da pedra.* Pela pedra se en-
 „ tende Christo: pelos agulheiros suas Chagas. A ellas convida
 „ a sua pomba. Não falla de muitas, senão de huma. Os luga-
 „ res, as moradas, os agulheiros são muitos: porém unica a
 „ que se dispoem para se recolher em elles despida de toda a af-
 „ fei-

„ feição, e interesse do Mundo, e de parentes. Queria Christo
 „ que fossem muitas, e para isso fez muitas moradas, e mui-
 „ tos lugares. Isto pedia seu amor: isto sua bondade: e casas
 „ tinha para muitos; porém nossa maldade, nossa baxeza, nossa
 „ ingratitude poem o negocio em termos, que diga elle: *Venba*
 „ *humã* me por isso lhe chama pomba. Não diz rouxinol, não
 „ diz canario, como as que usão de grades, e de musicas; senão
 „ pomba, cujo lugar he solitario, cujas musicas são gemidos.
 „ 418 „ Oh que agazalhado acha huma destas nas chagas
 „ de JESUS, recolhida a hum canto, e posta aos seus pés! Que
 „ gemidos, que sandades, que lagrimas de tanta consolação!
 „ Destas eraõ as que diz Santo Agostinho, que quando na Ora-
 „ ção fallando com Deos se desfazia em lagrimas, sentia grande
 „ consolação: *Bene mihi erat cum illis*. Pois lagrimas não nas-
 „ cem de tristeza? Ah que lagrimas, que derrama huma pomba
 „ aos pés de JESUS, por JESUS, elle as sabe adoçar, e ficam
 „ sendo musica suavissima, e não tristeza: e por isso pomba, cuja
 „ musica são gemidos: por isso pomba, porque quem hade gozar
 „ desta lição, desta consolação, desta carta, ha de não sómente
 „ apartar-se, como digo, de todo o trafego, e despedir-se de todas
 „ as inquietaçoens do Mundo, e contentar-se com o lugar soli-
 „ tario do seu Mosteiro, e da sua cella; mas tambem ha de ser
 „ pomba sem fel, sem contradicção ás suas superioras: não ha de
 „ haver fel, nem azedo. Tudo lhe ha ser muito doce. Não ha
 „ de ser fel para suas irmãs, agra, e azeda, senão a todas sogei-
 „ ta: salvo quizerem tirala do amor de Christo, que então não
 „ são irmãs.

419 „ Bem vejo, que se huma Religiosa quizer fazer o
 „ que tenho dito, logo ha de haver mil contradicçoens: humas lhe
 „ chamarão douda; outras lhe cuspirão no rosto: quero dizer,
 „ hiraõ contra isso: e neste caso ser pomba, recolher, e gemer
 „ com JESUS: não fazer caso de taes pareceres. Ha de ser tam-
 „ bem pomba sem fel no sofrer as enfermidades sem queixas,
 „ sem murmuraçoens: antes com singeleza de pomba render, e
 „ gemer. Não digo queixar, senão gemer de sentimento, do que
 „ padeceo o Bom JESUS; porque se eu não posso sofrer humas
 „ pequenas dores, que faria o Bom JESUS em carne viva? Ge-
 „ mer tambem, e chorar seus peccados; e tomar em desconto
 „ delles essas enfermidades.

offi 420 *Seja tambem pomba em entender a Christo, que
 ,, lhe chama pomba minha, e as suas pombas, as suas esposas,
 ,, tanto que entraõ nellas chagas, logo participaõ dellas, logo
 ,, são enfermas. Santa Clara tanto enferma, e sempre tão alegre,
 ,, que o mesmo Confessor se espantava. Entendia a voz do Esposo,
 ,, so, que assim trata as suas esposas. A nossa B. Madre There-
 ,, sa tão enferma, porém muy varonil, e muito esforcada. Por-
 ,, que se o Senhor dá as enfermidades, dá-as como Esposo, que
 ,, ama, e assim não são para matar, senão para provar, e para
 ,, coroar. He elle tão amigo de nos dar grande coroa no Ceo,
 ,, que sofre muito bem padecermos a essa conta grandes traba-
 ,, lhos na terra, pois a esses responde a coroa no Ceo; e assim aos
 ,, mais chegados, e mais de sua casa, dá mais. Na sua cruz, onde
 ,, elle esteve, quem teve o primeiro lugar, foy sua Mãe: e por
 ,, aqui veremos a estima das enfermidades, e dos trabalhos, e
 ,, quanto valor hão de ter diante de nossos olhos.*

421 *„ Façame caridade de me dizer todos os dias cinco
 ,, Ave Marias às Chagas do Bom JESUS; e logo huma à Virgem
 ,, N. Senhora Mãe de Deos, e Mãe nossa: porque não ha outro
 ,, meyo para poder entrar nellas moradas das Chagas de JESUS
 ,, mais accomodado, que ella, pois tem as chaves, que (como diz
 ,, o Bemaventurado São Bernardo) determinou Deos de não fa-
 ,, zer mercês, senão por mãos de MARIA; e assim parece lhe en-
 ,, tregou as chaves de todos os seus Thesouros. Quem quizer ser
 ,, rico acuda a ella; porque nem he escaça, nem póde pouco, nem
 ,, lhe falta amor, nem condição. Mãe he, Rainha he, Senhora he
 ,, de todo o Univerlo, &c.*

§. III.

Devoção especial, que teve ao Santissimo Sacramento da Eucharistia.

422 **P** Elos grandes, e continuos obsequios feitos ao Santissimo Sacramento da Eucharistia dava o fervo de Deos a conhecer, que este Soberano Mysterio era objecto principal da sua mayor devoção. Em final do muito, que a JESU Christo amava, considerando-o debaixo daquellas especies Sacramentaes, nunca da sua Divina presença se retirava sem mostrar violencia. Alli se demorava, não só para repetir os doces colloqnios, com que lhe offercia profundissimas adora-
 ções,

Assistencia que
 lhe fazia.

çoens; mas tambem para estudar, escrever, e exercitar outros actos decentes, que julgava ficarem só bem acabados, quando os proseguia á vista do Sagrado Tabernaculo: e alli ficava tão prezo de amor, que muitas vezes, por mais que pertendia occultar alguns dos seus effeitos, não lhe era possível, antes excitado de hum quasi necessario impulso, deo vozes, e com os braços abertos exclamou dizendo: *O' verdade, verdade, verdade! O' Senhor, quão amigas da alma, e do entendimento são vossas verdades! Por esta verdade, Senhor, mil vidas. Que mais certa verdade meu Deus, que estardes vós debaixo das especies Sacramen-*

Vozes nascidas de amor.

423 Por meyo destes suaves clamores publicava a sua robusta Fé de sorte, que aos que lhe poderiaõ contradizer o gosto de exercitar-se no estudo dos Sermoens, e de outras acçoens familiares diante do Sacramento, dizia: *Que pois haviaõ de ser companheiros eternamente no Ceo, bem era que na terra se não apartassem.* E fazendo-se vigilante guarda do respeito devido á soberana Magestade do Rey dos Ceos, não tinha sofrimento para faltar com alguma modesta reprehensãõ a quem ao seu Sacrosanto corpo deixava de dobrar os joelhos. Assim aconteceu em certa occasiãõ, que hum Religioso foy buscar luz a alampada, e por descuido não fez a reverencia costumada. Entãõ o Veneravel zelador da honra Divina com palavras hum pouco asperas o reprehendeo, dizendo: *He possível, que entra V. Reverencia na casa alheya sem fallar ao dono della, que o está vendo entrar? Esta cortezia se usa entre os do Mundo? Pois se elles não sofrem estes desprimores, porque os sofrerá o Bom JESUS? Por ventura não está elle dentro daquelle Sacratio tão perfeitamente como nos Ceos? Sim esta por certo, sim por certo, sim por certo. Eu o creyo assim meu Bom JESUS: muy bem o creyo: assim he, que estais abi; Mas nem por isso o Religioso se mostrou offendido, ou queixoso; porque em semelhantes occasioens se lançava aos pés dos mesmos a quem reprehendia: e constituindo-se merecedor de castigo, dalli não se levantava sem conseguir o perdão.*

Provas da sua Fé, e do seu zelo

Reprehensãõ, q deo.

424 Nos três dias da Semana Santa, desde a quinta feira até o Domingo de Pascoa, assistia continuamente na Igreja, sem della se apartar de dia, ou de noite, por não desamparar ao Santissimo Sacramento exposto no Sepulchro. E querendo algumas vezes no anno repetir este mesmo obsequio pedia ao Prelado

Obsequios feitos ao mesmo Senhor Sacramento.

do

do licença para ficar de noite no coro ; posto que lhe resultava meritoria desconsolação de a conleguir poucas vezes, por ter o Prelado respeito ás suas indisposições. Mas he sem duvida, que tomou á sua conta fazer em cada dia certo numero de visitas ao Santissimo Sacramento : nas quaes se mostrou ainda mais fervoroso, depois de lhe chegar a noticia, que o Senhor mandara á nossa Gloriosa Virgem Santa Maria Magdalena de Pazzi, que trinta, e tres vezes cada dia o visitasse no Sacrario, por ser esta devoção muito do seu agrado. Nas quintas feiras celebrava ao mesmo Santissimo Sacramento no Templo da sua alma huma festa com a solemnidade, que cabia nos limites do seu coração, e eraõ de ouvir os Hymnos *Pange lingua Sacris solemnibus*, e outros, que engraçadamente cantava ; mostrando naquelles actos exteriores os intimos affectos, que ao Sagrado pão dos Anjos consagrava.

Renova o Sacramento.

425. Por causa da sua manifesta devoção, lhe haviaõ os Prelados concedido licença, para ser elle o que sempre renovasse nas quintas feiras o Sacramento ; e com effeito o executava com tanta consolação de sua alma, que não sabia como cabalmente houvesse de agradecer aos mesmos Prelados tão estimavel beneficio. Por sua conta estava a decencia do Tabernaculo, o ornato do Altar, o aceyo da Capella ; o que tudo pelas proprias mãos compunha com tanto primor, que parecia concorrer para o mesmo desempenho o ministerio dos Anjos. Nos Conventos, em que se achava, sempre queria fazer, ou assistir ao fazer das hostias, para que nenhuma fosse ás mãos dos Sacerdotes com o mais soffrivel defeito. Não esperava, que o Sancristão lavasse os corporaes, e sanguinhos ; pois para este serviço, e tambem para varrer toda a Igreja, de tal modo se prevenia, que não era bastante a roubarlhe a occasião deste merecimento diligencia alguma, posto que fosse prompta, ou anticipada.

Fazia as Hostias, e tratava do Altar.

Apresentava-se ao Santissimo Sacramento

426. Quando lhe era preciso sair fóra do Convento, primeiro se apresentava ao Santissimo Sacramento : e levando o companheiro a tomarlhe a mesma obediencia, dizia a respeito do Mundo, e das conversações com os seculares: *Vamos fazer oração, e peçamos a Christo Nosso Senhor, que nos livre da boca do lobo.* Em entrando em alguma villa, ou lugar, onde houvesse Igreja com Sacrario, fazia grandes instancias, para que esta fosse a primeira casa, onde houvesse de entrar, dizendo : *Que*

havia

havia fallar primeiro ao mais honrado. E se por causa da pressa, ou pela resistencia do Companheiro o não conseguia, ajoelhando em lugar, donde visse a Igreja, dalli fazia ao Sacramento hum breve oração. O mesmo usou nesta Cidade, quando passava por alguma Freguezia; ou Convento. Se occorria difficuldade para nella entrar; posto que as portas estivessem cerradas, sempre com os joelhos, e com a boca em terra, lhes fazia reverencia do meyo da rua. E tanto trazia na memoria os louvores daquelle Sacrosanto Mysterio, que em muitas cartas, em que devia responder a materias differentes, de todas se abstrahia, e (segundo os exemplos, que mostra o Escriitor da sua vida) entrando a discorrer neste assumpto, só com elle gastava o papel, e o tempo.

427 Daqui se póde inferir, qual seria a sua devoção ao celebrar o Santo Sacrificio da Missa. Tendo saude, e forças, por nenhum caso deixou de offerecer a Deos este incruento Sacrificio: e algumas vezes dissimulava as queixas, que lhe poderiaõ servir de impedimento, a fim de o não privarem da consolação espiritual, que recebia. Dispunha em tal fórma as suas jornadas, que sempre lhe ficava lugar de celebrar Missa: e em toda a occasião se preparava com tanto socego de animo, e com tal modestia, que a todos edificava. Succedeo hir hum dia para o altar quasi desfalecido por falta de alimento, e ficar só com o Paõ Sacramentado tão satisfeito, e com tantas forças, que tangendo-se depois á Mesa, teve escrupulo de comer, por achar em si, que delle não havia necessidade. Tendo huma vez nas mãos a Hostia depois de Consagrada, nella se vio huma luz fermosissima, a qual (conforme a expressão do depoente) dizia ser, *como quando os rayos do Sol fazem reverberação em hum espelho.* Outras visoens se referem da mesma qualidade, que muito acreditaõ a particular aceitação, que o Senhor fazia dos obsequios deste seu servo; sendo para agora mais que todas propria, a que a respeito do mesmo Veneravel Padre declara o Escriitor da sua vida, dizendo, que huma alma justificada *o vira unido com o Santissimo Sacramento.*

Devoção ao celebrar Missa.

Luz que se lhe vio na hostia Consagrada.

*Devoção, que em toda a sua vida professou á Mãe de Deos
MARIA Santissima Senhora Nossa.*

Affecto ao San-
to exercicio do
Rosario.

428 **N**ão cabem no abbreviado termo deste Epitome as muitas, e excellentes provas, que o Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação deixou do filial amor, com que sempre servio áquella Soberana Senhora. Já em diferentes numeros ficaõ expressados alguns especiaes favores, que a gloriosa Primogenita das creaturas lhe fez, mediante o seu Santissimo Rosario. Sempre foy delle tão devoto, que não só o rezava quotidianamente, mas com huma santa inveja de quem o sabia offerecer com perfeição, fazia por introduzir nos corações de todos huma prompta vontade para se applicarem a este santo exercicio. Conta-se, que vindo da villa de Portel para a da Vidigueira; e perdendo o caminho buscou hum pastor para que lho ensinasse: succedeo achalo junto ás suaz ovelhas com as contas na mão rezando devotamente o dito Rosario. Admirado do que vira, começou logo a dar bofetadas em si dizendo: *Ab pobre de mim! Pobre de mim! Que servem melhor os pastores, e idiotas a Deos, do que eu, que sou Religioso, e Pregador.*

Por seu conselho
mediante o Ro-
sario, succede hu
prodigio.

429 Com o Rosario não só alcançou da Mãe de Deos favores para si, mas tambem foy medianeiro das maravilhas, que outras pessoas conseguiraõ da mesma Senhora. Basta referirmos o milagroso successo de hum Antonio Dias Soldado, que padecendo desde muito tempo sem humano remedio huma terribilissima enfermidade com dores agudas, não experimentou o bem que desejava, senão depois que teve a protecção, e seguiu o conselho do nosso Veneravel Padre. Andando pois o enfermo por várias Romarias, a fim de ver se os Santos, de quem se amparava, lhe valiaõ na presença de Deos, houve quem lhe lembrou, que se ajudasse das Orações do Religioso Santo da Vidigueira chamado *Fr. Estevão*. Logo com muita fé o buscou no Convento de Nossa Senhora das Reliquias, e depois que este servo de Deos se levantou da Oração, em que á mesma Senhora supplicara pela saude do tal enfermo, fallando com este lhe disse: *Irmão, quereis vós ter saude? Pois tende grande confiança naquella purissima Virgem, e rezay com grande devoção o seu*
Rosa-

Rosario, e não vos vades desta casa, que ella vos acudir á. Ungindo-lho pois com o azeite da alampada da Senhora, depois que ambos lhe offerecerão o seu Rosario, ficou o enfermo milagrosamente livre do mal; de cujo beneficio deo primeiro á Mãe de Deos as graças, e depois ao Veneravel Frey Esteuaõ mostrou hum evidente final, de que sempre confessaria dever á efficacia da sua Oração este celestial beneficio.

430 Conservando-se com muito gosto em huma Confraria de Escravos da Virgem Senhora, cumpria com pontualidade, quanto manda o seu regimento. Jejuava os sete dias, e celebrava com licença do Prelado as sete Missas, que nelles se contém; honrando tambem quanto podia com o numero septenario os sete annos do desterro da mesma Senhora: e tanto presava esta denominação de Escravo da Mãe de Deos, que chegou hum dia a exprimir a hum amigo este gosto pelas palavras seguintes: *Eu, Padre, não me considero escravo da Senhora, de qualquer modo, senão destes escravinhos pequenos, a quem as Senhoras tem como filhos; porque os criaõ em casa, e muitas vezes lhes dão o peito: e assim lhe chãmaõ os taes mãy Senhora, e ellas lhes querem como a seus filhos.*

Exercicios em obsequio da mãy de Deos.

431 Jejuava em todas as vespersas das festas da Mãe de Deos a pão, e agua, dizendo, que lera muitas historias, pelas quaes constava, que a mesma Senhora por este obsequio alcançava para os peccadores na morte confissão, e arrependimento das culpas. E posto que nunca deixou de satisfazer a esta devoção; com tudo veyo tempo, em que o Prelado lha commutou, segundo consta de huma carta do mesmo servo de Deos, na qual, fallando ao nosso intento, diz: *Eu, meu irmão, estou mal, que tendo Sermoens para pregar, adoço, e fico perdendo estas boas occasioens. Pedi ao Senhor, ut nolit me reprobare à pueris suis. O Padre Prior me cõmutou os jejuns de Nossa Senhora em pregaçoens: e quando tinha quatro para pregar neste Agosto, cabi em huma cama. O Senhor se lembre de mim: e a Mãe de misericordias me não deixe, pois não tenho outro remedio senão a ella, para me valer para com seu precioso Filho.* E escrevendo a outro Religioso, com quem tratava espiritualmente, tambem lhe dizia: *Meu Irmão, folguey de me escreverdes a consolação, que sentistes, quando estaveis para morrer, em haver sido devoto da Mãe das Misericordias. Assim fora eu seu devoto verdadeiro, como tenho por*

Jejuava a pão, e agua nas vespersas das festas de N. Senhora.

Comutação destes jejuns.

certo valer então a quem de verdade a serve. Tambem eu na minha enfermidade do anno passado, quando estava com humas desconfortações pela desordem dos humores, que parece devia ter alguma semelhança áquelle Tãdêre do Bom JESUS no Horto; então tive hum sonbo de muita consolação, em que a Virgem Nossa Senhora em figura de Estrella me quiz fazer mercê, &c.

Fé que teve no
Santo Escapula-
rio.

O que obrava
este Santo final
dado pela sua
mão.

Prodigios, que
Nossa Senhora
obrou a seu res-
peito.

432 Daqui se colligem os especiaes beneficios, que a Virgem Nossa Senhora lhe concedeo por este modo tão admiravel. Porém, o que sobre tudo lhe abonava a devoção, era a grande fé, que sempre teve na virtude do Santo Escapulario. Deixamos de referir a especial estimação, que delle fez em toda a vida, publicando, que seria o impenetravel escudo, com que havia de triunfar dos seus infernaes inimigos. Mediante pois este santo final, fez por todas as partes, em que residio, notaveis maravilhas. E como estas eraõ publicas, contendiaõ os Fieis na diligencia de o receberem da mão do mesmo Veneravel Padre; julgando-se por felices aquelles, que o chegavaõ a merecer: que supposto tinha o Santo Escapulario já em si toda a efficacia necessaria contra os perigos, dos quaes nos quiz livrar a Soberana Authora deste incomparavel beneficio; com tudo parecia assentar melhor aquella preciosa dadiva, sendo conferida por humas tão virtuosas mãos. Entre outras pessoas, que tiveraõ este desejo, houve hum virtuosa donzella, que por estar muito distante, se valeo de hum parenta, para que lhe conseguisse do servo de Deos hum dos Escapularios, que distribuia. Elle lho deo, e lançando-o, quem o levaria ao pescoço da donzella com as orações, que o mesmo Ministro havia ensinado, assim que disse á Virgem Senhora, *que lha entregava, e que della tomasse posse*, immediatamente morreo a donzella, sem que semelhante successo fosse esperado. A todos pareceo esta morte digna de se applaudir por boa, e preciosa. Della sabendo o Veneravel Padre, rogou á mesma creatura que dalli em diante quizesse offerecelo á Virgem Nossa Senhora por aquelle modo, para ver se conseguia o mesmo ditoso fim.

433 Notorios foraõ outros prodigios, que Nossa Mãe Santissima do Carmo obrou em abono da virtude deste seu amado filho. Sendo enfermeiro no Convento da Vidigueira, alcançou, que hum Religioso quasi moribundo se restituísse milagrosamente á saude, depois que por seu conselho prometteo á Se-

nhora de orar em todos os dias, que lhe restassem de vida, hum hora diante da sua Imagem. A hum servente do mesmo Convento a aconselhou, que promettesse confessar-se em todas as festas da mesma Senhora: e posto elle em oração a tempo, que o servente sem esperança de saude padecia humas trabalhosas intermitencias, dellas por modo admiravel ficou totalmente livre; correspondendo-lhe a Soberana Mãe de Deos com estas finezas a extremosa devoção, com que a servio na vida, e lhe continuou a té a morte.

CAPITULO XII.

De outras cousas notaveis dignas de memoria, que respeitam á vida, e morte do mesmo Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação.

§. I.

Recolhe-se o servo de Deos ao Convento de Colares, onde escondido as venerações acaba a vida temporal com morte preciosa.

434

Chegou com effeito a hora feliz, em que o Veneravel Padre vio executado o gosto, que sempre teve de observar no Convento de Santa ANNA de Colares a reforma, que com forças descobertas pertendera. Foraõ entã de admirar as novas difficuldades, que a respeito da sua vida ultimamente occorreraõ, ; porque se julgava ser sua assistência pessoal tão necessaria em Lisboa, que os moradores desta Cidade a pertenderaõ embargar; dizendo huns, que da sua ausencia se havia de seguir aos pobres consideravel detrimento; e protestando outros, que com a falta da sua doutrina talvez recahiriaõ nas escuras trevas da culpa muitas almas, que com a clara luz da sua direcção se conservavaõ em graça. Porém a necessidade, que se offerecia de ser elle a pedra fundamental de tão santa Recoleição, fez que prevalecesse o seu intento: de sorte, que acompanhado dos fervorosos imitadores do seu espirito, se recolheu naquelles devotos claustros aos 2. de Mayo de 1617. Desde este dia viveo tão intimamente unido com Deos, e de tal modo elevado na contemplação

Tom. II.

Hh 2

dos

Vencidas algumas difficuldades, recolhe-se ao convento de Colares.

Como fugia ao
trato cō as crea-
turas.

dos bens celestiaes, que para as cousas terrenas parecia morto.

435 O que neste retiro mais lhe agradava, era ver, que podia esconder-se melhor aos olhos humanos, e livrar-se mais facilmente das publicas veneraçoens, que as pessoas illustres, e humildes lhe davaõ na Corte. De todas pertendia fugir, mas para as evitar naõ eraõ bastantes nenhuma diligencias. O Escriptor da sua vida fallando nesta materia com genuina expressaõ, diz: „ Que a veneraçaõ, que se lhe tinha, era incomparavel, e que „ naõ podera chegar a mais do que havia chegado a fama de „ suas virtudes nesta Cidade, onde o vinhaõ ver muitas pes- „ soas de longe: e indo pelas ruas sahiaõ de suas casas, e se „ punhaõ de joelhos diante d'elle, pedindolhe a bençaõ, e bei- „ jandolhe o habito; recrescendo às vezes tanta gente que „ alguns dos seus devotos arrancaraõ espadas para o defenderem „ da gente popular, que o tinha cercado, sem poder ir atraz, ou „ adiante. O que mais he de admirar (prosegue) que até os Gran- „ des da Corte, e Fidalgos muito illustres se tiravaõ dos coches, „ e se apeavaõ dos cavallo para fazerem o mesmo.

Estimado do Vi-
ce-Rey deste Rei-
no.

Do Arcebispo de
Lisboa.

Do Arcebispo de
Lisboa.

Do Colecção Ge-
ral.

Dos Religiosos
estranhos.

436 O Arcebispo de Braga D. Aleixo de Menezes, que era naquelle tempo Vice-Rey de Portugal, lhe teve Grande respeito, bem provado com a devoçaõ, com que muitas vezes lhe beijava a capa. Gastava em ouvir a este santo Varaõ tempo taõ largo, que mostrava naõ se poder apartar de sua companhia, quando a podia conseguir. E succedendo hir ao Paço obrigado da obediencia, entrava logo a fallar ao Vice-Rey, ficando muitos Senhores da primeira condiçaõ esperando, que elle sahisse, sem que o serem preferidos por Varaõ de tanta virtude, lhes offendesse o decoro. O Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro o cortejava, e attendia com demonstraçoens dignas do seu merecimento. Com mayor extremo de affecto, e de urbanidade o communicava o Illustrissimo Colecção Geral deste Reyno Octavio Accaromboni, Bispo de Fossomburgo, de quem já fallámos. Repetidas vezes o visitava pessoalmente, e com especialidade sabendo, que estava molestado na Enfermaria. Quando elle servo de Deos entrava em algum Convento das Religioens estranhas, toda a comunidade concorria a cumprimentalo: e usando-se com elle das ultimas honras, só praticadas entre os Prelados, vinha tambem o Mestre com os seus Nôviços a receberem d'elle a bençaõ. As senhoras (especialmente as da

205

205

205

Illustrissima casa de Aveiro) lhe professavaõ huma extraordinaria devoção: e considerando-se elle em certa hora mortificado, por causa de huma das mesmas senhoras, que fazia diligencia para que o Superior, assentindo aos seus rogos, lho mandasse á sua presença; assim respondeo ao Religioso, que o pertendia: *Digalhe Vossa Reverencia quem eu sou, que eu lhe fico, se não canse muito pela minha vida.*

437 Destes mayores obsequios, por serem todos repugnantes á sua singular modestia, se considerava mais de sembarçado naquelle Ermo; donde não sahia ás povoaçoens, senão a administrar os actos de caridade, e Sacramentos, que precisamente se lhe offerenciaõ. E porque já se achava atenuado de forças, os mesmos Prelados lhe hiaõ á mão a muitos exercicios, que totalmente lhe prejudicavaõ á saúde; deixando-lhe só o encargo de servir aos pobres, porque do summo gosto, com que o fazia, tinhaõ por certo, que lhe resultava alivio. Com tudo não quiz o Prior eximilo de hum Sermaõ de grande empenho, que lhe encômendou para satisfazer aos desejos dos nossos Reverendos Padres Carmelitas descalços do Convento de Cascaes. Havia naquelle anno chegado o Indulto para se rezar da gloriosa Doutora Santa Theresa de JESUS em cinco de Outubro, por ser o dia da deposição do seu corpo, como consta da Bulla do Papa Paulo V. que se acha no Tomo II. dos Bullarios da nossa Ordem; posto que no anno de 1668 o Papa Clemente IX, por outra Bulla, que se acha no mesmo Bullario, mandou, que desta Santa se rezasse aos XV. daquelle mez. E querendo os ditos Padres que esta sua primeira festa ficasse authorizada com hum taõ digno Pregador, que vulgarmente era chamado o Padre Santo, fizeram aquella diligencia pelo caminho seguro de ser o Prelado quem o mandasse. O servo de Deos, que era especialmente devoto desta gloriosa Santa, mostrou, que estimava a occasião, que se lhe propunha de a servir: e pedio ao mesmo Prior, na hora de se pôr a caminho, licença para applicar por si a Missa, que havia celebrar no dia da festa. Conseguida a licença, e chegando áquelle Convento, pregou taõ altamente, e com tal persuasão nas suas doutrinas, que os doutos se admiraraõ, e todo o auditorio lhe correspondeo com lagrimas de compunção.

438 Depois do Sermaõ lhe sobreveyo immediatamente huma febre, com a qual se recolheo muito alegre ao Convento de

De muitas Senhoras.

Quanto estimava o retiro.

Sermaõ q̃ pregou de Sãta Theresa de JESUS.

Febre que lhe sobrevoyo.

Declaração fei-
ta ao Confessor,
e ao Prelado,

de 16 de Novembro
de 1611

Conhecimêto q
teve do dia cer-
to de sua morte

Favores do Ceo
na enfermidade.

Favores do Ceo
na enfermidade.

de Santa ANNA, onde lhe continuou a mesma febre alguns dias, sem que elle se queixasse, até que por escrupulo se entregou ao Enfermeiro. Declarada a doença, chamou ao seu Padre Espiritual, e lhe disse: *Padre, tenha-me hum segredo, e pegolhe que o não diga a pessoa alguma.* Promettendo fazelo assim, continuou. *Esta enfermidade he obra de Santa Theresa, e effeito das suas oraçoens. Ella me alcançou esta mercê de Nosso Senhor, pedindo-lhe eu na Missa, que lhe disse em Cascaes. Vossa Reverencia me faça caridade de me hir ouvindo huma confissão geral estes dias, que a quero fazer com elle, porque sabe já da minha consciencia desde o tempo, que estivemos ambos na Vidigueira. Quero aparelharme para a conta: ajudeme com oraçoens, e tenha paciencia.* Com as mesmas cautelas descobrio este segredo ao Prior, que era (como já dissemos) o Padre Frey Antonio Bautista; dando a entender a cada hum, que lhe fora revelada a occasião da sua morte, para a qual ultimamente se prevenia; porque visto ser esta noticia para si de tanto gosto, tambem o teve de que pelo modo possivel a participassem ambos.

439 Sendo pois esta circumstancia bastante a constituir ao servo de Deos hum dos Bemaventurados, que morrem no Senhor; occorreo motivo mais relevante para assim o affirmarmos: e vem a ser; que não só conhecéo haver de se lhe seguir daquella enfermidade infallivelmente a morte, mas tambem lhe foy revelado o dia certo, em que esta havia de acontecer. Prova-se com a reposta, que deu ao seu Confessor, quando lhe participou a noticia, que ouvira do Medico ao tomarlhe o pulso, de que *apenas poderia durar duas horas*, lembrando-lhe, que nellas dêsse ao Creador as graças de tantos benefícios. Elle então com profunda humildade disse: *Naõ, naõ Padres, á manhã, á manhã.* E na mesma tarde, que era de huma quinta feira 16 de Novembro, levando com grande trabalho hum caldo, repetio: *A manhã se acabará tudo isto.* Assim aconteceu, não como o Medico julgou, mas como elle profetio. Porém antes que chegasse esse ultimo dia, em todos os que durou a enfermidade, conhecida por grave, não he explicavel o muito, que o servo de Deos padecéo de ancias, e dores. Foy mimoso do Ceo pelas grandes provas, com que o Senhor quiz experimentar a sua invicta paciencia, até que chegado ás vísitancias da morte, começou a gozar muitas consolaçoens de espirito; por-
que

que então foy o Divino Remunerador servido favorecelo com diferentes vilões, das quaes se nos escondem as noticias, e só duas se fizeraõ patentes, porque as mandou publicar a obediencia.

440 Na primeira se vio a si mesmo collocado em hum alto monte entre os Anjos, e Santos, que o convidavaõ a louvara Santissima Trindade, e o punhaõ entre si como pertencente á sua companhia, e todos juntos por algum tempo differaõ em altas vozes: *Bem dita, e louvada seja a Santissima Trindade Padre, Filho, e Espirito Santo, Tres Pessoas, e hum só Deos.* Na outra vio a JESU Christo na Cruz com o braço direito despregado, como quem o abraçava, em final de que o queria amparar. Tambem da Santissima Virgem MARIA alcançou naquelle tempo especialissimos favores: de sorte, que já para elle o viver no Mundo era tormento, e só lhe causava alivio o considerar, que era chegada a hora de poder apresentar-se ao seu Creador, que já na terra lhe participava taõ celestiaes delicias. Chegando pois a enfermidade ao seu ultimo extremo, quando entendeo ser a hora de pedir a Santa-Unção, a esperou animosamente com os braços em Cruz; tendo a consolação de haver recebido com licença do Prelado o Sacramentado corpo de Christo em todos os dias delempeidos, desde que esteve impossibilitado para offerecer a Deos no Altar o mayor dos sacrificios.

441 Na mesma occasião, em quanto o Prior compunha o Vaso para voltar com os Santos Oleos, levantou os ólhos da consideração a Deos, e na presença da Communidade exclamou dizendo: *Senhor, muitas graças vos dou, por me chegardes a este estado. Vosso sou, e para vos gozar fuy creado: em vossas mãos me entrego. Do Mundo não quero cousa alguma: só a vós de seja minha alma, Deos meu. Perdoame os peccados, que contra Vossa Divina Magestade tenho commettido, e levaim a vossa vista. Não tenha o inimigo infernal parte alguma nesta alma, que tanto á vossa custa resgatastes.* Fallando immediatamente a todos os Religiosos, lhes pediu perdão, dizendo: *Perdoem-me Padres, e Irmãos meus, todos os aggrávos, e escandalos, que de mim tem recebido; que de t.õ grande peccador, como eu, não havia que esperar senão semelhante paga. Não lhes pareça, Padres meus, que fio dos meus merecimentos alguma cousa; porque sómente tenho posta minha confiança no Sangue de meu JESUS, e na intercessão da Virgem minha Senhora.*

442 Pro-

Primeira vista
notavel;

Outra admira-
vel vista.

Extrema Unção.

Exclamação, q
fez.

Colloquios ás sa-
gradas Imagens.

Salir no dia
do seu transi-
to.

Hora, dia, e an-
no do seu transi-
to.

Retrato, que se
lhe fez.

Noticia da sua
figura.

Sinaes de prede-
stinado no seu ca-
daver.

442 Prossequindo depois ternissimos colloquios ás sagra-
das Imagens de Nosso Redemptor crucificado, e de sua Mãe
Santissima, que a cada instante tomava nos braços para lhes im-
primir nas mãos, e nos pés devotissimos osculos, e dizendo (na
fôrma que fica declarado) o dia do transito, entregou o seu in-
nocente espirito nas mãos do Creador á meya hora depois da
meya noite ao entrar em huma sexta feira, que se contavaõ 17
de Novembro do anno de 1617. Até o ultimo bocejo sempre
contervou o seu perfeito juizo, e depois da alma separada ficou
o seu venerando corpo tão cheyo de sinaes proprios dos predesti-
nados, que logo se julgou ser aquella morte feliz, e das que o
Senhor costuma dar aos seus Justos. No mesmo instante, com o
original á vista, se lhe tirou huma copia muito ao natural, don-
de se multiplicaraõ os transumptos de pincel, e de estampa, que
hoje veneramos. Conformaõ-se estes com a discreta pintura, que
doutamente delineou o nosso insigne Frey Luiz da Apresenta-
ção, companheiro, amigo, e Director do mesmo Veneravel
Padre, de quem, a respeito da sua figura, refere o seguinte:
*Era o Padre Fr. Estevoão de meãa estatura, de poucas carnes ain-
da em saude, e na enfermidade ultima chegou a tal estado, que
não tinha mais que a pelle sobre os ossos. Era muito calvo: tinha
o cabello muito delgado, que tirava a cor de castanha, e com pou-
cas brancas: o rosto algum tanto comprido, e seco: o nariz pro-
porcionado com o rosto, alto, e delgado: os olhos tiravaõ a pretos,
ainda que não muito: a barba bastantemente povoada: a cor do
rosto muito palida, e significadora das suas penitencias.*

§. II.

*Depois da sua morte obra Deos maravilhosos portentos para
abonar a constante opiniaõ, que ha da Santidade deste seu servo.*

443 **N**ÃO he possivel escreverem-se aqui todos os
prodigios, que achamos haverem acontecido,
depois que o espirito se apartou do corpo deste santo Varão. No
mesmo corpo (dentro dos tres dias, em que esteve exposto an-
tes de sepultado) se começaraõ logo a ver com admiracão os
effeitos da Divina Omnipotencia. Até o Domingo á noite, em
que se cerrou o caixaõ, e se cobrio o monumento com huma pe-
zada campã, sempre os seus membros estiveraõ flexiveis, e de
tal

tal modo tractaveis, que mais parecia de hum vivo dormindo, que de pessoa defunta. O seu respeitado cadaver lançou de si suavissimo cheiro, que perceberão testemunhas, muitas em numero, e pela sua qualidade merecedoras de credito. Chegou tambem a luar; em tal forma, que o Padre Sebastião Alvares, Cura da Parochial Igreja de Colares, e o Padre Antonio Gomes com alguns Seculares, querendo certificar-se do que viaõ; e parecendolhes, que a cor do rosto se mudara, ficando, *como a de hum homem affrontado em tempo de calma*, fizeram experiencia, e acharão, que não só do rosto, mas do pescoço, e tambem do peito vertia suor. Esta novidade moveo de tal modo os animos dos Fiéis, que a não mediar a prudencia daquelles Sacerdotes tão circumspectos, poderião as suas venerações subir a tão alta esfêra, que chegassem a ser culto.

444. Estando o corpo já composto para ser conduzido para o lugar do deposito, succedeo que Domingos Leitaõ, assistente naquella villa, amigo especial que fora do servo de Deos, experimentou milagrosamente a seguinte mercê. Padezia no peito huma cruel, e antiga dor, havida por incuravel: e chegando com elle ao Veneravel corpo, a tempo que lhe beijava os pés, ficou totalmente livre da molestia. Mas tendo depois escrúpulo de passar huma certidão, que se lhe pedia ácerca do presente successo, lhe tornou a dor; de cuja maravilha elle mesmo admirado, pediu ao servo de Deos perdaõ, e novamente favor, que com effeito conseguiu; ficando para sempre livre da queixa, e em quanto viveo, obrigado a confessar a divida ao seu Bemfeitor.

Prodigio feito
em Domingos
Leitaõ.

445. No mesmo dia do seu transito obrou o Senhor pelos merecimentos de tão benemerito servo a seguinte maravilha. Tinha o Doutor Diniz de Mello, e Castro (de quem acima fallámos) sendo naquelle tempo Desembargador do Paço, hum escravo Mouro, natural de Argel, moço de 26 annos, tão pertinaz na sua seita, que de nenhum modo admittia occasião, de que lhe resultasse veraluz da Fé. Trazia este hum regalo para o Veneravel Padre, (entendendo estar ainda vivo) por mandado dos sobrinhos de seu senhor, fidalgos daquella terra, que eraõ Francisco de Mello, e Luiz de Mello; por quanto Dona Luiza da Sylva, e Dona Angela de Mendonça, pela devoção, e amor, que ao dito Padre professavaõ, tinhaõ cuidado de lhe mandar muitas vezes nas enfermidades o comer feito com aceyo. Porém

Maravilha grande
de da conversão
de hum infiel.

o Mouro, que ordinariamente o trazia, só por não communica com os Religiosos, o entregava ao Porteiro, e logo voltava. Com tudo, neste dia entrou pelo Convento mostrando grande alvoroço para ver o corpo (segundo tambem elle chamava) do *Padre Santo*. Hum Religioso, que tudo presenciou, valendo-se desta boa conjuntura, o instruiu para que beijando a mão ao *Padre* lhe pedisse, que lhe alcançasse luz de Deos, para conhecer a verdade em beneficio da sua Salvação. Assim o fez, posto que na opiniaõ dos circunstantes pareceo tornar para casa sem colher fruto da sua diligencia. Porém o Senhor, que tanto abonava a virtude daquelle Santo Religioso, querendo mostrar, que o tomara para instrumento das mudanças da sua poderosa mão, e tocando no coração ao Mouro, fez com que no outro dia todos presenciassem, e applaudissem a sua conversão.

Vozes que deo o
Mouro.

Dia destinado
para o. Bauti-
z. c.

446 Aconteceo pois, que ajoelhado o Mouro a tempo, que conduziaõ o Venerando cadáver para a sepultura, deo vozes, dizendo: *Quero ser Christão; porque a Ley dos Christãos he boa*. Os Fiés, cheyos de consolação, louvarão a Deos: e com especialidade o fizeram os Senhores do escravo, admirados de verem a facilidade, com que sem golpes se rendeo a dureza de hum coração tão obstinado. Mas ainda que só a aceitação da Ley de Christo bastasse a fazer o presente successo memoravel, com tudo, o que o constitue mais portentoso, e mais proprio da protecção do nosso Veneravel Padre, he a seguinte circumstancia. Como os Religiosos virão, que o Cathecumeno instava para que lhe não retardassem a sagrada ablução do Baptismo, julgando que na primeira oitava da Festa do Nascimento de Christo estaria bem instruido na Fé; e capaz de receber aquelle Sacramento, ajustaraõ, que nesse dia celebrariaõ a função. Conveyo elle na proposta com muito gosto, e ainda melhor constandolhe, que era dia dedicado ao Proto-martyr Santo Estevo, de quem o seu Veneravel Protector tomara o nome, que tambem a elle, em seu obsequio, determinavaõ impôr. Mas achando os ditos Religiosos, que ainda não estava bastante catequizado, em veneração do mesmo Sacramento, lhe deferiraõ para tempo mais largo a sua recepção. Daqui resultou ao Cathecumeno tal desgosto, que no dia desta noticia chegou a privar-se até do alimento necessario para a conservação da vida.

447 Nesta grande afflicção de animo não lhe faltou o Ceo com a prompta consolação ; porque estando elle dormindo na noite seguinte, lhe appareceo o mesmo Veneravel Padre cercado de luzes, e depois que o despertou, para que o visse claramente, lhe disse: *Eu sou o Padre Frey Estevão, morto neste Mundo, mas vivo no outro. Não vos desconsoléis por vos não baptisarem à manhãa. Como estiveres melhor nas orações, sereis baptisado.* Ditas estas palavras se despedio, ficando o seu favorecido tão animado com a visão, que no dia seguinte a foy logo referir ao Convento, repetindo com todos os possiveis affectos de sua alma: *Que se os seus Naturaes soubessem estas cousas, todos se havião de converter.* Dizia mais: *Que se fosse senhor de todos os Reynos do Mundo, certamente os dera só para receber o Baptismo naquella dia.* Deixamos as mais consequencias deste successo, por ficarem separadas do presente assumpto, que se poderia estabelecer ainda mais com outros portentos, que nos dous livros da vida do servo de Deos, e da sua Trasladação se expendem com uniformidade,

Appar'ção do Veneravel Frey Estevão.

Depois della, como se explicava o Moura.

448 Foy aquelle Venerando corpo sepultado em hum nobre Carneiro, que Antonio Trancofo Correa mandou lavar para si, e seus herdeiros na Capella (em que já fallámos) da Sacraria. E sendo que desde muito tempo estava acabada, nunca até alli sepultou nella algum dos seus parentes, nem os ossos de seus filhos, que determinara depositar no mesmo jazigo, e sempre por huma occultarepugnancia (que agora mostrava ter sido mysteriosa) fora reservando para si todo o lugar do pavimento da Capella. Porém dalli em diante se privaria desse gosto pelo respeito devido ás cinzas daquelle Santo Varaõ, a quem cordalmente servia com o uso do Carneiro, que ainda se conservava intacto. Até nesta particularidade foy o Veneravel Padre Frey Estevão imitador do seu amado JESUS; porque as disposições de Antonio Trancofo Correa se encaminharão por tal modo, que veyo elle a conseguir para o seu corpo (conforme a reflexão do seu Chronista) huma sepultura nova de pedra, que para si mandara lavar aquelle homem nobre da villa

Capella, onde o Veneravel Padre foy sepultado.

449 Os prodigios, que pelo tempo adiante se seguirão, e os que ainda de presente se experimentão, mediante o patrocínio deste Veneravel Religioso, pedem lugar mais amplo, para que se houvessem de expor com as suas precisas circumstancias.

Como obra senão do Invocado,

Reliquias, que se
conservão.

Reliquias, que se
conservão.

Reliquias, que se
conservão.

Deſta meſma Hiſtoria conſtará, que o Veneravel Padre appare-
ceo a diferentes Religioſos em occaſioens de lhes adminiſtrar
prompto remedio aos ſeus males. Não falta aos ſeus devotos,
ſendo invocado, como teſtimunhaõ mais de oitenta peſſoas,
que depuzeraõ os maravilhoſos beneficios, que por ſua me-
diacão lhes foraõ conferidos. Com igual efficacia obra por meyo
de ſuas ſantas Reliquias; poſto que pela diſculpavel ambicão,
que os Fieis tiveraõ de as receber na occaſião, em que as podião
entheſourar, tanto as dividiraõ para chegarem a muitos, que
já ſão diminutas, e taõ raras, que não chegaõ a todos. O que vi-
mos do ſeu uſo em hum cofre na arca de clavia da do meſmo Con-
vento de Santa ANNA, foy hum retalho de ropa interior de li-
nho, e duas particulas, huma, que affirmaõ ſer do ſeu habito, ou-
tra da capa.

§. III.

*Executa-se a ſolemne, e feſtiva trasladação do ſeu venerando
cadaver.*

Livro da noticia
da ſua traslada-
ção.

Documen-
to XXII.

Diligencias dos
Religioſos para
a trasladação.

450 **O** Noſſo famoso Frey Pedro da Cruz Juzarte
imprimio no anno de 1662 hum curioſo li-
vrinho de oitavo, que contem com individuação o motivo, que
occorreo para eſte luſtroſo acto, e as feſtas, que nelle ſe fizeraõ.
Em tudo ſe conforma com hum Inſtrumento paſſado em publica
forma pelo Eſcrivaõ da Camera da villa de Colares Antonio
Machado de Freitas aos 14 de Outubro de 1623, no qual affina-
raõ os Religioſos do Convento, os Vereadores da meſma Ca-
mera, e hum copioſo numero de teſtemunhas. Entre os Docu-
mentos, que vaõ no fim do volume, o daremos a ler fielmente
copiado do ſeu Original. E porque neſta materia não occorre
dizer mais, do que ſe refere nos allegados eſcritos daquelle Au-
thor, que entaõ vivia, e foy teſtemunha quaſi ocular, deſixa-
das as reflexoens, e ſó repetindo o que pertence á noſſa Hiſto-
ria, diz (ainda que por diferentes palavras) a ſeguinte ſubſtancia.

451 Andavaõ os Religioſos daquelle Convento com
grandes deſejos de verem o corpo do Veneravel Padre trasla-
dado para lugar mais decente; porque ainda que a ſua ſepultura
era authorizada, com tudo a reverencia, que todos moſtravaõ
ter a taõ precioſo Theſouro, os inclinava a ſolicitarem meyos
de o poderem collocar em parte, onde ficaffe levantado da terra.

O que

O que mais os excitava, era ser o pavimento do carneiro notavelmente humido, por causa da muita agua, que a ferra por aquelle lado do Convento costuma verter: e neste caso esperavaõ achar algum dos muitos devotos do servo de Deos, que se quizesse encarregar das despesas daquella obra. Era costume dos mesmos Religiosos no dia 17 de Novembro, (por ser o do transito do Veneravel Padre Frey Estevão) ornarem a Capella do Senhor JESUS da Sacrvia em todos os annos, cobrindolhe as paredes, não só de bons cortinados, mas de muitas obras Poeticas, feitas em seu louvor. Levantavaõ Altar, onde celebravaõ Missas, e cantavaõ a da Terça com solemnidade em honra de Deos, e acção de graças, por lhes haver dado naquelle santo Companheiro hum tão admiravel exemplo de virtudes.

452 Succedendo pois achar-se presente no dia desta função (que os Religiosos celebravaõ no anno de 1622) Antonio Trancoso Correa, senhor da Capella, e mostrando o muito que estimava qualquer obsequio feito em memoria do Veneravel Padre, deo motivo, a que o Sancristão do Convento (que era nesse tempo o Padre Frey Francisco da Purificação) lhe fallasse, dizendo: *Que para ultimo desempenho da sua amizade com o servo de Deos, se deliberasse a lhe fabricar hum Mausoléo competente á grandexa da Capella, assim para que estivesse mais authorizada, como para obrigar ao mesmo Santo Varão, a que na presença do Senhor (onde piamente criaõ os Fiéis, que elle assistia) fosse medianeiro dos beneficios, que elle desejava conseguir do Ceo.* Poucas razoes foraõ necessarias para persuadir a quem já se mostrava afeito: de sorte, que inflammado no desejo de executar promptamente esta obra, antes que praticasse o seu intento, fez a diligencia seguinte.

453 Na occasião, em que neste Convento de Lisboa se celebrava congregação Definitorial do anno de 1623, fez o dito Antonio Trancoso Correa huma petição supplicando ao Definitorio, *que lhe segurasse o não ser já mais extrahido da sua Capella o corpo do Veneravel Padre Frey Estevão, ou pelo menos, a mayor porção das suas Reliquias, em que entrasse a cabeça; que nesse caso lhe mandaria erigir hum sepulchro digno de receber em si tão precioso deposito.* O Provincial de commum parecer do Gremio, não só lhe concedeo o que pedia, mas com palavras muito expressivas lhe agradeceo a resolução. Vendo então o Bem-

Piedade de Antonio Trancoso Correa.

Recorre ao Definitorio.

Manda fazer o
Mausoleo

Bemfeitor o despacho, e satisfazendo-se notavelmente da urbanidade dos Religiosos, ao mesmo tempo que o estimulava a devoção, buscou na Corte hum dos seus mais insignes Architectos, para que delineasse a primorosa Urna, que com effeito se lavrou por excellentes Artifices, toda de pedraria, em que entrão finos jaspes, e outras pedras de cores todas brunidas, obra magnifica, que actualmente existe, e anda bastantemente individuada no livrinho, que acima allegamos.

Dia eleito para a
função.

Supr. num. 437.

454 Asentadas as outras peças, menos a pedra de cima da Urna, em que se haviaõ de incluir os veneraveis ossos do Padre, se ajustou, em que a sua trasladação se celebrasse em hum Domingo, que se contavaõ 22 de Outubro de 1623. E como os Sagrados Canones prohibem o honrar-se com solemnidade publica qualquer defunto, ainda que florecesse em vida com opiniaõ de santidade, e morresse conservando sempre a mesma opiniaõ; para se salvar esta disposiçaõ de Direito, se transferio para esse dia a festa, que se devia celebrar a Santa Thereza de JESUS no dia cinco do dito mez, por lhe ser entaõ dedicado. Unindo-se pois aquella festa principal esta como accessoria, depois de conseguidas as licenças necessarias, se deo principio á acção oito dias antes, os quaes tiveraõ principio no Sabbado aos 14 do mesmo Outubro. Neste dia de tarde se ajuntaraõ naquelle Convento os Juizes, Vereadores, Escrivaens, e Pelloas principaes, que se achavaõ na villa, com toda a Clerozia, para testemunharem os successos do acto.

Abre-se a primeira sepultura.

Receita de Foz
de Foz

455 Acabadas as Vesperas, foraõ todos em seguimento dos Religiosos á Capella do Senhor JESUS, que estava bem paramentada. Alli fez o Padre Prior Fr. Jeronymo Coelho requerimento aos Juizes, que estivessem advertidos no que se obrava, e aos escrivaens que portassem por fé quanto succedia, a fim de se lavrar o Instrumento, que se lhes fazia preciso. Mandando-se pois abrir a porta do Carneiro, desceo abaixo o dito Prior com o Padre Frey Antonio Bautista: e despregando o caixaõ, em que (havia seis annos menos hum mez) estava o corpo do veneravel Padre; o acharaõ desteito, mas com suave cheiro, que naturalmente não podia ser esperado em hum taõ humido, e subterraneo lugar. Do antigo caixaõ se foraõ passando suas Reliquias para outro, fabricado no ultimo primor; concorrendo os assistentes a oscular com grande consolação, e decencia a cana de hum braço,

co, que para esse effeito se lhes facilitou. O que se lhe vio totalmente incorrupto, foy o cerebro, ou (para fallar com clareza) *toda a massa dos miolos dentro da Caveira*, com a sua cor natural; e com veyas de sangue; do que ficaraõ os circunstantes notavelmente admirados; porque naõ lhes constava haver exemplo de incorrupção de algum corpo veneravel em parte semelhante, e deraõ pelo que presenciaraõ as graças a Deos, a quem confessavaõ admiravel nos seus Santos.

Miolos incorruptos.

456 Conduzido (depois de composto) o novo caixão das Reliquias por todo aquelle nobre acompanhamento á Capella Mór, alli foy pregado, e sellado com os sellos do Convento, e da Camera da villa. E dando-se por finalizada a função daquelle dia, se começaraõ os Religiosos a prevenir para o Domingo destinado, em que se havia de fazer a procissão solemne. A Igreja, e claustros, e todas as paredes publicas do Convento se armaraõ com grande custo, cuja noticia de tal modo se divulgou, que concorreraõ a ver a função, naõ só as pessoas desembaraçadas daquelles contornos, mas familias inteiras de Lisboa, Santarem, e de outras povoaçoens distantes. No dito Domingo de manhã foy taõ numerofo o concurso de gente de hum, e outro sexo, e de todas as condiçoens na Igreja (sem caberem nella, nem ainda no adro) que foy necessario dizerem-se algumas Missas no claustro, a fim de se accommodarem os ouvintes. Na festa, que de manhã se principiou por estrondosa musica, prégoou com a sua costumada elegancia o nosso insigne Padre Mestre Frey Francisco da Sylva; e de tarde fez outro Sermaõ admiravel o nosso virtuoso Padre Frey Luiz da Apresentação.

Procissão com as Reliquias.

457 Concluiu-se no fim da tarde o Acto com huma bem ordenada procissão, composta dos homens mais distintos, ou pelas qualidades, ou pelos empregos; de todas as Confrarias do distrito, de muitos Religiosos graves de diferentes Ordens, dos Parochos, e mais Clerigos de ambas as villas de Cintra, e Colares, dos Juizes, e Vereadores em corpo de Camera: e em seguimento do Thesouro, que todos acompanhavaõ, hia hum tumulto sem ordem, que grandemente augmentava o applauso. O precioso cofre dos ossos do santo Varaõ era levado aos hombros dos Religiosos seguintes. O Guardiaõ de Santa Cruz dos Padres Capuchos daquella serra; o Guardiaõ de

Pessoas que acõpanharaõ.

de Santo Antonio dos Recoletos de Cascaes; hum Religioso da Ordem de São Jeronymo do Convento de Penha Longa; e outro nosso Carmelita Descalço da mesma villa de Cascaes; ambos dos mais graves da sua Communidade, que por justo impedimento dos seus Prelados lhes faziaõ as vezes. E parando todos na Capella do Senhor JESUS, depois das costumadas ceremonias, depositaraõ no Mausoléo já preparado aquelle inestimavel; e Santo penhor, sem mais Epitafio, que o seu nome, nem outro elogio, que a sua mesma fama.

CHRONICA DOS CARMELITAS

DA ANTIGA, E REGULAR OBSERVANCIA
Nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios.

P A R T E III.

DO QUE ACONTECEO NA PROVINCIA,
desde o anno de 1476 até o de 1522.

C A P I T U L O I.

Do Quinto Capitulo Provincial celebrado neste Convento de Lisboa, e do que aconteceu na Provincia, em quanto durou o presente governo.

458

VAGÁRAÕ por falecimento do Illustrissimo Senhor D. Frey Joaõ Manoel as duas Prelasias mayores desta Provincia. Ao mesmo tempo chegáraõ as Or-

dens do nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Christovaõ Martignono para a celebração do Capitulo, na forma já declarada. Porém antes de referirmos os successos delle, he preciso tirarmos huma equivocação chronologica, que encontramos em alguns Escriitores ácerca do anno certo, em que com effeito se fez o dito Capitulo. O Padre Presentado Frey Jorge Cotrim no seu Carmelo Lusitano diz, que fora no anno de 1471, e que o governo dos novos Prelados durara até o de 1478. Mas ainda que dos seus escritos fazemos grande conceito, nesta parte os regeitamos; porque já dissemos, que o Illustrissimo Bispo acabara a vida no anno de 1476: e como he certo, que por sua morte se convocou o Capitulo, fica tambem indubitavel, que a dita acção se praticou neste mesmo anno, e não no de 1471.

459 Equivocou-se pois o Author, porque não vio a Es-critura, pela qual consta, que o senhor D. Frey Joaõ Manoel

Tom. II.

KK

mor-

1476.

Anno em que se
celebrou este Capitulo.

Carm. Lus. par. 2. cap. 7. pag. 114. v.

Supra n. 116.

Razoens que occorrem para a equivocação q' houve.

*Supra num. III.**Infra Docum. IV.*

morrera sendo actualmente Provincial, como fica dito; nem o Breve, pelo qual o Papa Sixto IV o absolvira das taes Prelacias, passado no anno já nomeado de 1476. Não vio este Breve; porque supposto chegar depois que o Illustrissimo Provincial era falecido, ficou sepultado; e não se fez publico senão no anno de 1715, quando sahio impresso o primeiro Tomo dos Bullarios da nossa Ordem, onde tambem se acha copiado na pagina 318. Não vio a Escriitura; porque só casualmente a poderia encontrar. E como em muitas de a foramentos feitos nos ditos annos de 1471, e seguintes, vio affinados os mesmos, que depois sahiraõ eleitos Prelados, com grande fundamento inferio, que desde entaõ governaraõ a Provincia, e este Convento de Lisboa. Mas não conheceo, que entaõ affinaraõ as taes Escrituras só como Vigarios daquelle Illustrissimo Prelado, e não como Superiores absolutos, visto que nesse tempo ainda elle vivia, e governava.

*Provincial V.**M. Fr. Fernando de Santa Maria,**Seus predicados, e boa direcção.**Seu rectidão no governo.*

460 Celebrando-se finalmente o novo Capitulo neste Convento de Lisboa no fim do anno de 1476, sahio eleito Provincial o famoso Padre Mestre Frey Fernando de Santa Maria. Grande foy a consolação espirital, que aos Religiosos resultou do acerto da presente eleição; porque o novo Prelado era na estimação commua tão benemerito do emprego, que antes de entrar nelle, já dos mesmos Religiosos recebia obsequios, só devidos ao caracter de Superior. Foy Varaõ perfeito; notavelmente observante das Leys da Religiaõ, onde por essa causa adquirio a gloriosa fama de virtuoso. Professou a sciencia de Theologia, em que foy graduado, e nella depois de ter a muitos discipulos no Convento de Moura, veyo a ser no seu tempo hum dos mayores talentos, que teve a Corte. Igualmente dirigia os seus discipulos pelo caminho do Ceo, por ser o amor, e temor de Deos o principio de toda a sabedoria; querendo, que da sua escola sahisses utilizados, não só no conhecimento das causas exteriores; mas tambem na observancia das virtudes moraes, que deviaõ praticar em beneficio das proprias conciencias.

461 O que fazia a este Prelado mais amavel era a docilidade do genio, e a particular attenção, com que tratava aos seus inferiores. Era tão pontual em conferir o premio, como recto em administrar o castigo; sem que por causa deste ficasse

se algum dos que o recebiao escandalizado ; pois executava por tal modo os effeitos da justiça , que emendava a culpa , sem mostrar desamor ao culpado. O seu gosto nesta parte consistia em emendar com tal prudencia os erros, que ficasse lucrando para Deos os que nelles cahiraõ. Comprindo desta maneira as obrigaçoens de Prelado (sempre acompanhadas de amor paternal) trazia aos subditos taõ satisfeitos, e alegres, que serviaõ pontualmente a Religiao , naõ só obrigados da observancia do Instituto, que professavaõ, mas attrahidos das attençoens ; que ao mesmo Prelado deviaõ.

462 Teve dote especial para evitar discordias, e restituir amizades. Ou fosse pelo profundo respeito , que havia adquirido , ou por graça natural , que a Divina Providencia lhe dera , sempre os animos revoltosos, por meyo de qualquer persuasão sua, ficavaõ pacificados. Daqui procedeo, que achando este exemplarissimo Prelado a Provincia notavelmente inquieta , quando fogeitou os hombros ao trabalho do governo , e havendo muitas vontades rebeldes , e entre si oppostas por causa dos recurlos passados ; o mesmo foy entrar a compor aquellas diffençoens , que cederaõ do seu orgulho os genios mais altivos, e fogeitarem-se todos á razaõ. Recolhidos aos Conventos alguns Religiosos , que em seguimento das suas appellaçoens haviaõ deixado a Patria, descansou naquelles annos esta Provincia em tanta tranquillidade, que por ella davaõ os seus filhos muitos louvores a Deos , e entendiaõ, que eraõ obrigados a repetir-lhe as graças, por lhes haver neste Prelado concedido o meyo mais efficaz de conseguirem aquelle ditoso fim.

463 No mesmo Capitulo foy eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Presentado Frey Alvaro de Estorva , fogeito dignissimo da occupaçaõ pelo seu grande talento. No tempo, em que governou o Illustrissimo Senhor D. Frey Joaõ Manoel , teve por muitas vezes neste Convento o emprego de seu Vigario , e em todas satisfez taõ perfeitamente as obrigaçoens do seu cargo , que se habilitou para agora o elegerem absoluto Prior do Convento, naõ só com gosto dos Vogaes , mas com geral applauso dos mesmos Religiosos , que lhe ficavaõ subordinados. Era tambem dotado de hum coraçãõ candido , e de genio suave, de sorte, que sem já mais usar de asperezas, conseguia dos subditos observarem a reforma da disciplina

Tom. II.

KK 2

regular,

Dote particular
de fazer pazes

Quietação da
Provincia.

Prior VIII
Frey Alvaro de
Estorva.

Suas virtudes, e
genio.

regular com merecimento, e sem queixa. Geralmente o estimavaõ na Corte pelas suas virtudes, e letras. Nos pulpitos adquirio fama de Prégador singular entre os melhores do seu tempo; durando até o presente esta successiva noticia, que por ser verdadeira, nunca enfraqueceo, nem variou na tradiçaõ.

Sua rara economia.

464 Convindo com o Provincial nas propensoens para tudo o que cedia em utilidade commua, com elle concorreo para a segurança de muitas rendas deste Convento por meyo das boas diligencias, que fez para os aforamentos dos bens, que por outro modo nada poderiaõ produzir. Tudo consta das Escrituras, que neste Cartorio de Lisboa se achão por elle assinadas, não só quando foy Vigario, mas depois que teve o caracter de Prior; donde se deduz huma genuina prova da sua louvavel economia. E sendo que pela graduacaõ era Religioso grave, tambem pela qualidade da pessoa teve no seculo bastante distincão. Porém tanto por esta parte se desconhecia, que só da nobreza da sua profissão se lembrava, para proceder como verdadeiro filho da Mãe de Deos, cujo habito recebera por affecto, e por vocacaõ.

Falta de noticias

Revogaçaõ de graças, e privilegios.

Sup. n. 32.

465 Do tempo deste governo nos faltaõ totalmente as memorias, mais por omissaõ de quem teve a seu cargo o escrevelas, do que por diminuicaõ de successos gloriosos; porque entãõ florescia a Religiaõ em tal fórma, que os progressos dos seus filhos neste Reyno tiveraõ permanente lugar nas incessantes vozes da fama. O que nos consta he, que no terceiro anno do mesmo governo, quando se contava o de 1478, se revogaõ todas as graças, e privilegios, que o Illustrissimo Bispo da Guarda, sendo Provincial, concedera a vários Religiosos. O motivo, que teve para as conceder nesta Provincia, foy, o considerar-se Vigario Geral della; e parecerlhe, que cabia na sua jurisdicão o passar algumas Patentes em virtude daquella delegaçaõ, que tivera não só do mesmo Geral da Ordem, mas da Santa Sé Apostolica, segundo o que fica dito. Porém tomando-se conhecimento desta materia na Congregaçaõ Geral, que a Ordem celebrou no Convento Brexienfe da Provincia de Veneza no dito anno: e assentando, que as taes Patentes, ou graças contheudas nellas foraõ invalidas, e nullas, succedeo, que o Reverendissimo Padre Geral Frey Christovaõ Martingnono, Presidente da mesma Congregaçaõ, assim o declarou, e por virtude

de daquella resolução tudo se executou tão promptamente, que para se impedir o seu effeito, ou para se suspender a execução, não tiverão lugar os requerimentos, nem se admittirão replicas.

466 Verdade he, que no mesmo Capitulo se mandou, que o Provincial de Aragoão viesse pessoalmente a esta Provincia com os poderes do Reverendissimo Padre Geral, para tomar conhecimento dos taes privilegios, e executar aquella ordem. Mas tambem he certo, que o dito Prelado não chegou a vir a este Reyno, e que os prejudicados cederaõ em obsequio da Obediencia; posto que passados alguns annos, por novos motivos que sobrevieraõ, se precisou o Geral successor a mandar a esta Provincia Visitador Estrangeiro, como em seu lugar diremos. No tempo destes Prelados, e no mesmo anno já nomeado de 1478 chegou a esta Provincia a Concessão do Reverendissimo Padre Geral, para que o dito Provincial podesse dispensar com os seus subditos na abstinencia de comer carne, e nos jejuns mitigados na Regra, por Breve do Papa Eugenio IV, em que já fallámos; e depois de algumas duvidas, que dentro da mesma Religião se excitaraõ, foy novamente entendido, conforme o Indulto do Papa Sixto IV. passado no anno 1476: e desde entãõ nos aproveitamos daquelle privilegio, que se estendeo por toda a Ordem, segundo mostra o Decreto do Capitulo Geral do anno de 1484, declarado no fim das nossas Constituiçoens.

467 Durou o governo destes Prelados tres annos, que se contaraõ até o de 1479. No seu tempo faleceraõ 13 Religiosos em toda a Provincia. Destes se nos escondem as noticias individuaes, sendo que confusamente sabemos, que muitos foraõ virtuosissimos. O que mais resplandeceo entre todos, foy o Padre Fr. Joãõ do Santo Espirito, Varaõ, que coroado de merecimentos, pagou o tributo á morte, depois de haver empregado no serviço de Deos, e da sua Religião a mayor parte da vida. Foy Prior (como já dissemos) deste Convento de Lisboa; e o governou com a satisfação, que se podia esperar de hum sogeito escolhido para exemplar da Observancia em hum tempo de tantas virtudes sublimes, quantas no mesmo Convento exercitaraõ o seu Fundador, e os Religiosos de vida espiritual seus coexistentes.

Visitador Geral
nomeado.

Dispensa da ab-
stinencia da car-
ne.

Tempo que dur-
ou o governo.

Treze Religiosos
falecidos.

Supr. n. 23.

CAPITULO II.

Do Provincialado do Veneravel Padre Doutor Frey Joaõ Sobrinho, VI. Prelado mayor, e hum dos inclitos filhos desta Provincia.

Expoõe-se a materia do capitulo.

468

TEmos chegado á difficuldade mais grave, que se considerava em toda a Chronologia da nossa Historia. Mas conhecida a equivocação, em que vários Escretores se confundirão, fica totalmente destruido o seu fundamento : e agora he justo, que em desempenho da nossa obrigação, mostremos a verdade contra a errada supposição de huns, que seguirão outros, até que vierão quasi todos a concordar no mesmo engano. Desfeito este, e estabelecida a noticia do tempo, em que o nosso Veneravel Padre Doutor Frey Joaõ Sobrinho, ou (como o denominarão muitos) Consobrinho, fora Provincial, escreveremos as cousas notaveis, que occorrerão no seu governo ; antepondo a estes successos a memoria da sua exemplarissima vida, tão copiosa de acçoens admiraveis, que se fará não só plausivel, mas dignissima de imitação.

§. I.

Da-se noticia do tempo certo, em que este Veneravel Padre foy Provincial.

1479.

Motivo de certa experiencia.

469

Coelho. Chron. da
Ord. lib. 1. cap.
21. pag. 91. e 92.

SAbemos com toda a certeza, que este insigne Varão fora Provincial desta Provincia ; e que a governara desde o anno de 1479 até o de 1486. Quem disse, que nunca tivera o tal emprego, foy pelo que leo no Compendio do nosso erudito Padre Mestre Frey Simaõ Coelho, o qual querendo exaggerar o muito, que o servo de Deos fugira do trato com os Principes, que mais o estimarão, disse : *Nunca já mais seguiu a Corte, nem lemos delle, que em algum tempo fosse Prelado.* E como aos estranhos não competia o exame deste ponto, huns foraõ allegando aos outros, de sorte, que até os domesticos prescindiaõ nesta materia. Porém ainda que o tal conceito podesse ter lugar antes de se dar balanço ao Cartorio deste Convento de

Lis.

Tomo II. Parte III. 263

Lisboa, já agora será imprudencia o duvidar-se nesta verdade, depois que no dito Cartorio se acharão os firmes monumentos, que a comprovaõ. O primeiro que os descobrio, foy o Padre Presentado Fr. Jorge Corrim, o qual com zelo notorio, e irremuneravel trabalho vio distintamente todos os papeis antigos, que achou no Archivo: e depois de averiguados varios documentos, sem fazer caso algum do que neste ponto escrevera aquelle mais antigo Chronista, mostrou no seu Carmelo Lusitano, o que antes se não conhecera com infallibilidade. Esta foy mais vigorosa depois de outras evidentes provas, que ou a fortuna, ou a nossa mayor diligencia descobriraõ.

Diligencia do Pa-
Presentado Co-
rim.

Carm. Lus. fol.
116.

470 Deixadas outras, basta fazermos publica huma Patente do mesmo Veneravel Padre, na qual assinou como Provincial no anno de 1482; mandando nella, que os Conventos da Provincia fizessem preces pelo bom successo do Capitulo Geral, que por morte do nosso Reverendissimo Padre Geral Fr. Christovão Martignono se havia de celebrar no Convento de Avinhaõ em França, e diz assim: *Frater Joannes, Domiro favente, Sacrae Theologiae Doctor. Omnibus fratribus nobis in hoc Regno Portugalliae subjectis, & in Conventibus hujus Provinciae commorantibus precipimus, singulosque eorum hortamur, ut pro felici eventu Capituli Generalis proximè celebrandi Avenione, quotidie preces ad mensẽ effundant. Ulixb. die 1 Maii 1482. Doctor Sobrinho Provincialis.*

Prova evidente

PATENTE
do Doutor
Fr. João So-
brinho Pro-
vincial.

471 Daquí se deduz a mais convincente razão, que poderíamos desejar para contradizermos (sem esperar instancias) a todos aquelles Escriitores, que affirmão haver o dito Doutor Sobrinho falecido no anno de 1475. Muitos saõ, e de grande credito, os que assim o escreveraõ. Taes vem a ser os Padres Mestres Fr. João Bautista Lezana, Francisco de Santa Maria, D. Nicolao de Santa Maria; e além de outros, o nosso Licenciado Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano, a quem cita, e segue o Padre Mestre Frey Manoel de Sá. Porém o mesmo foy equivocar-se o primeiro, que seguirem os outros successivamente a sua allegação, e ficar falsificada huma noticia, que na realidade he muito differente da que se acha escrita. Assim acontece com esta taõ alheya da verdade, pelo que se encontra nos allegados Autores, quanto vay de acabar aquelle Veneravel Padre a vida no anno de 1475, ou entrar a governar a Provincia no de 1479.

Autores, que se
enganaraõ,

Sã mem. Hister.
Tom. 1. pag. 235.

Exa-

Motivo da equivocação.

Trith. de vir illust.
tr. pag. mib 36.

Diferença de termos.

Goelh. Chron. ut
supra

Engano, ou equivocação de Author grave.

Supra. n. 169.

Como se convence.

Infra Decum. X.

Examinado o motivo desta equivocação, foy ; porque escrevendo (antes que nenhum dos outros) o insigne Abbade Trithemio Benedictino hum tratado dos Varoens Illustres da nossa Ordem, e fallando do dito Doutor Fr João Sobrinho, disse que resplandecera naquelle anno ; o que consta das seguintes palavras: *Claruit anno Domini 1475.*

472 Traduzindo depois o Padre Mestre Frey Simão Coelho no seu livro tudo, quanto o doutissimo Abbade escrevera do servo de Deos no idioma Latino, e pondo-o na lingua materna, tambem se explicou pelo termo *resplandeceo*. Porém os que não fizeraõ a necessaria reflexaõ no dito termo, o equivocaraõ com *obiit*, e começaraõ a dizer, que fora o anno da sua morte aquelle, no qual o Abbade Trithemio só quiz mostrar, que elle vivia ; pois ninguem duvida, que esta he a frase commua dos Escriitores, quando ignoraõ o anno da morte do fogeito, de quem fallaõ. Destas equivocacoens se achãõ a cada passo nos Authores da primeira estimaçaõ, talvez em materias, que verdadeiramente não podiaõ ignorar ; e com tudo, por falta de reflexaõ, escreveraõ cousa muito differente, do que estava no livro, que allegavaõ. Grande numero de exemplos poderiamos referir, se fossem necessarios. Mas he certo, que cessa toda a contrariedade, ou duvida no presente caso, visto aquelle estimavel documento, copiado do Original, que se guarda no Archivo deste Convento.

473 Pelo que toca á noticia do erudito Jorge Cardoso (com o devido respeito ao seu grande talento) não he a primeira cousa, em que achamos haver-se enganado, como ordinariamente acontece aos que escrevem por informaçãõ. Já sabemos que affirmou, haver o nosso Veneravel Frey Constantino Pereira falecido em Colares no anno de 1490: e com tanta asseveraçaõ, que o Padre Mestre Frey Manoel de Sá o estimou por certo. Visto agora o Auto, que se fez da posse, que os Religiosos por sua morte tomaraõ, dos bens, que elle administrava, consta indubitavelmente, que acabara a vida não menos que 27 annos antes; porque já no dia 19 de Fevereiro de 1463, em que a dita posse foy pertendida, se achava morto, segundo consta do Instrumento allegado, que vay no fim do Volume,

474 Tambem o nosso Veneravel Lezana escreveo mal informado, dizendo, que este Prelado fora eleito Provincial no

Ca-

Capitulo, ou Congregação Geral, que se celebrou em París; presidindo o Bemaventurado João Soreth, Geral que então existia. Verdade he que alli se nomeou Provincial para esta Provincia; e foy hum dos 23, que então se elegerão. Porém este foy o Illustíssimo D. Frey João Manoel, que nesse tempo havia já 15 annos, que exercitava o mesmo emprego; e o continuou (como fica dito) 20 annos mais, que se concluíraõ (sem haver nullo duvida) no de 1476. Duas equivocacoens se descobrem nesta mesma noticia; huma consiste em se attribuir ao Doutor Frey João Sobrinho o que fora concedido a D. Frey João Manoel; outra em dizer, que fora nomeado Provincial no Capitulo daquelle anno celebrado em París; quando he certo, que o elegerão no de Brexa, congregado no anno de 1478, como abaixo mais largamente diremos: o que tudo se conforma com as acçoens do mesmo Prelado, executadas nos annos, que acima dizemos, segundo o que nos deixou escrito o Padre Presentado Cotrim; e tambem vay coherente com o livro intitulado *dos Obitos*: de sorte, que o contrario do que agora referimos, não se pôde chamar, nem opiniaõ, nem duvida, mas só falta de noticia dos presentes successos.

Qual foy o Provincial eleito no Capitulo Geral de París.

Supra n. 113.

Duas equivocacoens neste caso

Infra num. 435.

§. II.

Compendio da vida deste Santo Prelado.

475 **N**asceo o Veneravel Padre Doutor Frey João Sobrinho nesta Cidade de Lisboa; trazendo de ambos os seus progenitores qualificada nobreza. Seu pay foy da nobre familia dos Sobrinhos, e sua mãy da dos Coelhos. Muito teve por este principio que agradecer ao Supremo Author da natureza; porque lhe concedeo mais este dote, além da excellencia das heroicas virtudes, que lhe adquiriraõ a nobreza da alma, mais que nenhuma outra estimavel entre os que professão, e sabem observar as Leys Christaãs. Desde a puericia começou a merecer entre os seus Naturaes geral applauso, pelo muito, que desde então se adiantou, e permaneceu nos costumes santos. Fazendo eleiçãõ de estado, quiz o de Religioso, e por especial affecto a nossa Mãy Santissima do Carmo recebeo com grande gosto o seu habito, e professou o nosso Carmelitano Instituto no Convento da sua mesma patria. No estudo da

Naturalidade, e nobreza.

Eleiçãõ de estado.

Grammatica havia tido anticipado aproveitamento; e no das Artes, que dispoem para outros mayores, levou taõ conhecidas ventagens aos seus condiscipulos, que os Prelados o antepuzeraõ a todos, e á custa da Provincia (conforme a resolução que nella havia) o mandaraõ para Inglaterra a estudar as sciencias competentes á sua profissão na Universidade de Oxonia.

Supra n. 9.

Titulo, que teve de grande Mestre.

476 Nesta florentissima Academia se constituiu em poucos annos taõ insigne, que não só mereceo, que os seus Mestres em tempo habil lhe ornassem a cabeça com a insignia Dou-
toral nas Faculdades da Sagrada Theologia, e Direito Canoni-
co; mas conseguiu, que os mesmos illustrissimos Academicos o honrassem com o titulo de *Magister ter Maximus*; o qual estendendo-se, e vulgarizando-se dentro, e fóra daquelle Reyno, não foy pelo nome proprio taõ conhecido, como pela antonomasia de *Grande Mestre*. Assistindo no Collegio de N. Senhora de Athem, e oppondo-se ás Cadeiras, veyo a ser Lente de Prima; e por dilatados annos exercitou o honorifico emprego de Re-
gente daquella Universidade; donde sahio para este Reyno taõ perfeitamente instruido nas virtudes moraes, como consumado nas Divinas, e humanas Letras.

Lente de Prima em Athem.

Insigne Pregador.

477 He noticia constante de todos os Escretores das suas acçoens, que fora Prégador de fama; dotado de graça particular para agradar a todos, e de Apostolico espirito para ser bem aceito de cada hum dos ouvintes. O que mais admirava, era o especial estylo, com que profundamente discorria em qualquer materia das suas expostas doutrinas. E por esta causa veyo a conciliar tanto, e taõ commum respeito entre os mayores Prégadores do seu tempo, que todos, sobindo a opulpito, se elle se achava presente, lhe faziaõ gloriosa reverencia, e não continuavaõ sem lhe tomarem vénia, dizendo commumente ao principiar: *Sob a Correccão do Grande Mestre*; costume, que teve principio em Inglaterra, e nunca deixou de ser observado em Portugal.

Vénia que se lhe tomava.

Concurso para o ouvir.

478 Tal foy o conceito do seu talento nos pulpitos, que por mais que os frequentava, nunca podia faciar o gosto dos seus ouvintes. Concorriaõ estes ás Igrejas, onde elle prégava, taõ fervorosos, e anticipados, que para effeito de tomarem lugar, muitos madrugavaõ. Ordinariamente os seus auditorios eraõ authorisados; porque tambem se compunhaõ de sogeitos dou-
tissimos, e de pessoas muito illustres, procurando todos por este

caminho a utilidade, huns das doutrinas para a reforma das vidas, outros dos discursos para modelo do estylo Ascetico. Em todas as Igrejas (e sempre) era o concurso quasi immenso, de sorte, que tendo esta nossa Igreja do Carmo huma das mayores, não só da Corte, mas de Hespanha, não cabia no seu ambito a quantidade de individuos, que faziaõ diligencia por se accommodarem; sendo por effacaula preciso ao Veneravel Padre prégar em hum pulpito, que se levantava junto á porta principal da dita Igreja, para que o podessem tambem ouvir, os que ficavaõ no adro.

Prégava á porta da Igreja.

479 Foy muito especial a devoção, que sempre teve ao Santissimo Sacramento da Eucharistia. Em reverencia do mesmo Sacramento nunca chegou a celebrar Missa, que antes de hir para o Altar a não lesse primeiro toda, ou na cella, ou em parte, onde estivesse livre de perturbação; mostrando-se nesta diligencia tão devoto, que muitos, vendo que de nenhum modo a dispensava, ficavaõ admirados. Não presumiaõ fer estudo; porque não ignoravaõ, que era muito douto: nem supunhaõ effeito do escrupulo; porque em tudo mais se dava a conhecer livre desta impressaõ: até que perguntando-lhe hum seu particular amigo a causa deste quotidiano cuidado, respondeo: *Que eraõ tantos, e tão grandes os Mysterios daquelle Santo Sacrificio, que não sofria falta alguma, nem no entendimento, nem na leitura.*

Preparaçãõ para dizer Missa.

Huma reposta sua.

480 Na Oraçãõ gastava o tempo, que lhe era possível desoccupar dos exercicios dos Sermoens, em que foy incansavel. Tambem os fazia pelas praças, quando a occasiã o pedia, e nelles chegava a vaticinar cousas futuras, que déraõ a conhecer, que o Senhor tambem lhe concedera o dote de Profecia. Com individuação sabemos de huma, que actualmente achamos verificada, e no tempo, em que a proferio, não podia ser prevista. Disse ao seu auditorio em hum dos taes Sermoens: *Que a Synagoga grande dos Judeos (que ainda naquelle tempo lhe era permittida nesta Cidade) havia de ser casa dedicada á Virgem Senhora nossa com o titulo da Conceição.* Pelos annos adiante assim aconteeo; porque hoje he huma das boas Igrejas da Corte, depois que expulsos della os Judeos, e purificada, pertenceo á Ordem de Christo com o titulo de Conceição dos Freires.

Prégava pelas Praças.

Hum seu vaticinio.

Foy Inquisidor

481

Grande successo
com hum JudeoSua proteſtação
da Fé;Mestre delRey
D. Affonso V.Não accitou di-
gnidades

Supra num. 470.

Muitos Escriitores, especialmente os Padres Meſ-
tres Lezana, Daniel da Virgem Maria, e Joaõ Baleo, affirmão,
que fora Inquisidor; poſto que não declaraõ a formalidade do
ſeu exercicio. O certo he, que não tiveraõ neſta Cidade os Ju-
deos do ſeu tempo mayor flagello. Não ſó fazia por convencer-
lhes a pertinacia com genuinas explicaçoens das Sagradas Ef-
crituras, em que foy notavelmente pratico; mas (quanto po-
dia caber na ſua diligencia) cuidou em lhes deſtruir as máqui-
nas, principalmente as que ſe ordenavaõ á publica obſervancia
da Ley Moſaica, tolerada neſte Reyno. Alguns caſos ſe con-
taõ por tradiçaõ menos diſtintos. O mais notavel, que achamos
eſcrito, foy, que perguntando-lhe em certa occaſiaõ o Rabi
mayor dos ditos Judeos, aonde eſtava Deos, quando fizera o
Mundo? Elle lhe lançou maõ ás barbas, e tendo-o ſeguro, lhe
reſpondeo, dizendo: *Judeo, quando Deos fez o Mundo, eſtava
em ſi meſmo.* Contra os Hereges foy igualmente zeloso da Fé,
tendo-a ſempre taõ lembrada, que expoz a vida aos trabalhos
ſem temor das conſeſquencias, que o ameaçavaõ. He memo-
ravel entre graves Authores a Proteſtação da meſma Fé, que
elle eſcreveo pouco antes de pagar o tributo á morte, na qual
moſtrava as realidades com que a perſuadia. Eſte tratado ma-
nuſcrito ſe conſervou muitos annos na Livraria do noſſo Con-
vento de Lisboa; poſto que já no tempo do Padre Meſtre Frey
Simão Coelho ſe dizia, que em partes andava mudado, e di-
ferente do ſeu original.

482 DelRey D. Affonso V. de quem fora Meſtre, ſe-
gundo affirma D. Nicolao Antonio, mereceo extraordinarias
eſtimaçoens. Muitas vezes o buſcava peſſoalmente, e com elle ſe
detinha dentro da cella largo eſpaço de tempo. Conſta, que
lhe vinha communicar negocios de ſua alma, porque ſempre
achou nelle conſolação, e bons conſelhos. E ſendo que o Mo-
narca lhe offereceo algumas dignidades, nunca as aceitou; hon-
rando-ſe apenas com o exercicio de ſeu Prégador. Quanto mais
favorecido era do Soberano, tanto cuidava em ſe moſtrar me-
nos exaltado; não ſeguindo já mais a Corte, nem querendo ou-
tra couſa, que cumprir com a ſua obrigação, como miniſtro do
bem eſpiritual, quando do Principe era conſultado, e ouvido.
Deſte ſummo delapego das dignidades mayores ſe originou o
entender-ſe falſamente (como acima moſtramos) que não ha-

via sido Prelado dentro da Religião ; sendo que ainda em vida do mesmo Rey D. Affonso começou a governar esta Provincia com os acertos, e mais circumstancias, que (como logo veremos) farão o seu Provincialado perpetuamente memoravel. O erudito Abbade de Sever foy o que melhor se explicou, dizendo deste Veneravel Padre, *que nunca aceitou lugar, que o privasse do amavel retiro da sua cella.*

483 A sabedoria deste inclyto Varaõ foy não só conhecida, mas bastantemente provada pelas muitas, e singulares obras, que compoz em diferentes materias. Rogado do Reitor do Real Collegio de Santa Maria de Athem escreveu hum livro de *Justitia commutativa, & Arte campforia, ac alearum ludo*, o qual se imprimio em París no anno de 1496. Escreveo mais hum Tratado de *Conceptione Deiparæ*, do qual faz menção Marracio na Bibliot. Marian. part. 1. pag. 793. *Compendium operis conflatile Magistri Francisci Mayronis. Regimento de ouvir com perfeição o Santo Sacrificio da Missa*, composto para o uso do Principe seu discipulo. Tratados Filosoficos sobre Aristoteles, Tratados Theologicos, e sermoens vários, que sempre se conservarão manuscritos na Bibliotheca deste Convento. Genealogia, e Origem dos Bragançoens, da qual obra dá noticia Joaõ Soares de Brito no seu Theatro Lusit. L. I. n. 32. Escreveo finalmente a Protestação da Fé, em que já fallámos, que affirma o Doutissimo Abbade de Sever haverse impresso. Este mesmo Author na sua Bibliotheca Lusitana faz hum copioso Catalogo dos Escriitores, que ou lhe escreverão a vida, ou lhe applaudirão com elogios os seus grandes merecimentos.

484 Porém deixados muitos, basta referirmos os seguintes. O mesmo erudito Abbade Diogo Barbosa Machado no livro, e lugar já citado. O Abbade Spanhinenle, Joaõ Trithemio no Trat. de *Viris illustrib.* Frey Simaõ Coelho no Compendio das Chronicas do Carmo livr. 1. Cap. 21. Jorge Cardoso no Agiologio Lusitano Tom. 1. pag. 107. 112 &c. o Padre Mestre Francisco de Santa Maria no seu Anno Historico die 11. Januar. D. Nicolao de Santa Maria, na Chronica dos Conegos Regrantes part. 1. liv. 4. Cap. 12. pag. 221. D. Nicolao Ant. na Bibliot. Vet. tom. 2. lib. 10. Cap. 16 pag. 227. Fr. Manoel Roman. Elucid. 27. fol. 276, o Padre Mestre Lezana tom. 4. Annal. pag. 937. Fr. Daniel da Virgem Maria, Vinear Car.

Naõ deixou de ser Provincial.

Abb. Did. Barb. Bibliot. Lus. L. J. de Fr. Joaõ Sobr.

Obras que escreveu e imprimio.

Abb. de Sever. Bibliot. Lus. ut supra.

Escriitores da vida deste Veneravel Doutor.

270 *Chronica dos Carmelitas*

Carmel. pag. 501 num. 897. João Baleo no Catalogo dos Es-
critores Britannicos cent. 8. Frey Miguel Munhoz Propugnacul.
Eliæ liv. 2. tit. 3. cap. 1. pag. 322. Frey João Pinto de Vitoria
Hierarch. Carmel. pag. 399. e o Padre Presentado Frey Jorge
Cotrim no seu Carmelo Lusitano, part. 2. cap. 8. fol. 116. Po-
rém nenhum dos outros tratou das suas acçoens no tempo, em
que foy Provincial: só o ultimo fez memoria dellas, declaran-
do os annos, em que exercitou o seu emprego, posto que dimi-
nuto a respeito do mais que agora diremos.

§. III.

*Expoem-se os successos da Provincia no tempo daquelle governo,
que teve fim com a preciosa morte do Veneravel Provincial.*

Quando o no-
meação Prelado

485

1479.

*Provin-
cial VI.*

Conceito q̃ delle
se fazia.

Celebrando-se com effeito no Convento de
Brexia do Estado de Veneza Congregação
Geral, no dia do Espírito Santo, do anno de 1478, e lembrando-
se aquelles authorisados Gremiaes não só dos excellentes predi-
cados, mas de outras circumstancias, que concorrião no Vene-
ravel Padre Doutor Frey João Sobrinho, o nomeação Provin-
cial desta Provincia. Presidio então o Reverendissimo Padre
Geral Fr. Christovão Martignono, que como empenhado no
augmento commum da Religião, cuidava tambem no particular
das Provincias; sendo esta de Portugal, a que lhe deveo o mayor
desvéllo, desde que no anno de 1476 lhe começou a acodir com
a sua paternal protecção. Tomando á sua conta vencer as repug-
nancias, que o Veneravel Padre sempre teve aos governos, o
capacitou de tal modo, que veyo a sogeitar-se ao trabalho, dan-
do a conhecer, que nisto fazia hum grande sacrificio em obse-
quio da obediencia. Mas não obstante ser eleito no dito anno,
quando tambem foraõ nomeados outros Provinciaes para diffe-
rentes Provincias, sempre esperou, que o Padre Mestre Frey
Fernando de Santa Maria acabasse no principio do anno seguin-
te o seu governo: de sorte, que veyo o novo Provincial (sexto
em numero entre os deste Reyno) a entrar no seu emprego no
anno de 1479. Ainda nesse tempo vivia ElRey D. Affonso V,
o qual mostrou o muito, que estimava o acerto desta eleição;
porque assim elle, como o Principe successor veneravaõ taõ pu-
blicamente as virtudes deste Santo Religioso, que no seu con-
cei-

ceito não havia outro dentro nos nossos claustros mais benemérito do emprego.

486 Na mesma occasião foy nomeado para Prior deste Convento de Lisboa o Padre Frey Jorge da Cruz, o nono em numero a respeito dos que tem occupado o mesmo lugar. Foy Religioso muito reformado, e digno de ajudar no governo os pios intentos, que o dito Provincial sempre conservou, de que na Provincia perseverasse o rigor da mais estreita observancia. Porém deste triennio não temos outra noticia mais, que haverle novamente publicado a revogação das graças, e privilegios, em que já fallámos; ou porque no anno antecedente não ficaram totalmente extintas; ou porque se determinou tempo prefixo, em que houvessem de espirar. Sabemos que ambos os Prelados governaram com grande augmento da Religião, conservada inalteravel a paz entre os Religiosos. Não houve que sentir na Provincia mais, que a consideravel perda do nosso amante Protector, e declarado devoto ElRey D. Affonso V. (no qual acima fallamos) que faleceu em Cintra aos 28 de Agosto de 1481: Fizeraõ os ditos Prelados em memoria do muito, que o commum, e particular da Religião lhe devia, as demonstraçoens competentes ao seu Real caracter, que apenas seriaõ bastantes a exprimir o affecto, mas não capazes de corresponder cabalmente á obrigaçãõ.

487 Entrando o anno de 1482, era chegado o tempo de se concluir o governo dos taes Prelados. Celebrou-se Capitulo Geral em Avinhão de França aos 26 de Mayo, dia do Espirito Santo do mesmo anno, para cuja felicidade mandou o nosso Provincial fazer as Preces, que se contém na Patente já referida. Com effeito se conseguiu hum glorioso successo; porque com particular aclamação daquelles dignissimos Gremiaes sahio pacificamente eleito Geral o Reverendissimo Padre Mestre Frey Poncio Raynaudo. E ficando ao seu arbitrio a nova eleição de Provincial para este Reyno, mandou, que o mesmo Veneravel Padre Doutor Fr. Joaõ Sobrinho continuasse; porque delle se lhe referiaõ tantas virtudes, que lhe pareceo conveniente, para conservação desta Provincia, não aceitar as esculas, com que humildemente instava para ficar com o merecimento de obedecer livre da preeminencia de a mandar. Neste anno pois, cingindo já a Coroa Portugueza ElRey D. Joaõ II. serenovou a juris-

Prior IX.

O Padre Fr. Jorge da Cruz.

Supra num. 465

Morte delRey D. Affonso V.

Supr. num. 482

1482.

Celebração do Capitulo Geral.

Supr. num. 470

Continua o Doutor Fr. Joaõ Sobrinho o Provincialado.

risdição daquelle Prelado, que pela prudencia, e bom modo, com que dirigia aos subditos, não lhes foy penosa a sua duração.

Prior X.

Frey Gomes.

Rapozo.

488 Deo então fim ao seu governo o Prior deste Convento Frey Jorge da Cruz, e entrou no mesmo lugar (sendo o decimo na serie dos taes Priores) o famoso Padre Frey Gomes Rapozo, Religioso tão reformado nos costumes, e de tão raros exemplos, que se fazia credor de commum applauso dentro, e fóra dos claustros. Pela semelhança, que tinha com o Provincial nas propensoens do genio, e no zelo do serviço de Deos, com elle de tal modo concordava no estabelecimento da boa observancia Regular, que parecia residir nos seus distintos corações huma só vontade. Nesta continua harmonia se conservava até o fim dos governos, que ambos durarão o mesmo tempo. A este Religioso Varão chegaraõ alguns fogeitos, pouco versados na Historia desta Provincia, a dar o mesmo cognome do Illustrissimo Bispo de Hebron Fr. Gomes de Santa Maria; errando crassamente em lhe apropriarem tambem o mesmo titulo do Bispado, sendo que nem teve esta dignidade, nem aquelle cognome. Outros querendo proceder com segurança, só o nomeaõ Frey Gomes, affectando ignorancia do Sobrenome. Porém agora manifestamente apparece, que se chamou Fr. Gomes Rapozo, sem lhe ficar, em que se confunda com aquelle Illustrissimo Prelado, mais que na excellencia de muitas virtudes, porque este novo Prior as teve relevantes, á imitação das que o inclyto Bispo praticou em grão heroico.

*Equivocação á
cerca do seu no-
me.*

*Morte do Duque
D. Fernando.*

1578.

1578.

489 No tempo deste governo aconteceu o tragico successo do terceiro Duque de Bragança D. Fernando, a quem seu cunhado El Rey D. João II. por motivos alheios do nosso assumpto, mandou tirar a vida em publico cadafalso na Cidade de Evora. E como pela mesma formada culpa foraõ todos os seus bens, e Estados confiscados, e passaraõ para a casa Real, tive- raõ os nossos Prelados hum grande receyo, ou de perderem, ou de não cobrarem tão cedo os dez moyos de trigo, e dez pipas de vinho, que este Convento de Lisboa sempre recebeo no Reguengo de Sacavem, depois que para sustento dos seus Religiosos lhes fizeraõ mercê deste donativo os Marquezes de Villaviçosa, e de Valença, Illustrissimos Neros do Santo Condestavel; porque sobre esta novidade, que bastava para perturbar a prompta cobrança, que sempre tivemos naquelle Almoxtari- fado,

do; occorria haver ElRey confinado todas as rendas do tal Reguengo para pagamento de hum grande quantia, de que era credor o Bispo D. Fr. Joã da Guerra. Com tudo eraõ os ditos Prelados taõ attendidos na Corte, que recorrendo por hum petição a ElRey, e politicamente ao Bispo, este cedeo logo da cobrança da renda, que nos tocava, e ElRey novamente nos concedeo no mesmo Reguengo o paõ, e vinho, que antes nos fora dado: o que fez por hum carta, que deixámos copiada no primeiro tomo da nossa Historia.

Recurso a ElRey
para certa renda

Tom. II. p. 895.

490. Mas he necessario, que os Leitores fação reflexão no paragrafo, que vay com o numero 893, e lhe accrescentem tres palavras; e hum linha inteira, que agora achamos terem escapado ao Compositor na Imprensa, e as declaramos com letra grifa, para que melhor se conheça a falta. E como desta se segue á nossa Chronologia hum erro crasso, toda esta advertencia he precisa, para que a proposição se lêa conforme o Original, que diz o seguinte: O Veneravel Padre Mestre Frey Joã Sobrinho, Varaõ doutissimo, e virtuosissimo, que foy eleito *segunda vez, successivamente* Prelado no anno de 1482, em occasião, em que tambem sahio eleito Prior deste Real Convento de Lisboa o famoso Padre Frey Gomes Raposo, depois de acabar o seu triennio o insigne Padre Frey Jorge da Cruz, &c. A estes descuidos esteve foyeito aquelle volume, como se vê em outra semelhante falta, que está no paragrafo do numero 276, mas como ainda se conheceo a tempo de ser remediada, foy supprida com hum declaracão posta nas emendas do mesmo volume. A falta presente bem se mostra, que não póde ficar supprida de outra maneira.

Advertencia
necessaria.

491. Neste mesmo governo teve principio o dizer-se nesta Provincia ao benzer da mesa no dia, e por toda a oitava da festa do Nascimento de Christo, em lugar dos versos *Oculi omnium, e Edent pauperes*, este que agora anda impresso nos Breviarios: *Verbum caro factum est alleluia, & habitavit in nobis alleluia*: assim como tambem no dia, e por toda a oitava da Pascoa da Ressurreição: *Hæc est dies, quam fecit Dominus, alleluia: exultemus, & lætemur in ea alleluia*. Procedeo sem duvida esta novidade de se haver assim mandado no Capitulo Geral proximo do anno de 1482, no qual diz Paleonidoro, que estas cousas, e outras mais, que pertenciaõ ao Officio Divino, por

Versos da benção
da Mesa.

Resolução, que
se tomou.

elle declaradas, se haviaõ julgado por convenientes, e se determinaraõ por ley. Com esta noticia concorda o assento, que se tomou na Provincia, que diz: *Ad maiorem Dei laudem fiat, sicut decretum est in recitandis versibus Verbum caro.. in die Nativitatis Domini, & per Octavam. Eodem modo, Hæc est dies in festo Resurrectionis, & per Octavam, ad introitum Mensæ, demptis aliis; sunt enim aptiores: in quo omnes convenimus. Mensæ Tabellæ affigantur. Die 23. Decembris Anno 1482 Provincialis.* Para mayor louvor de Deos se execute, como nos foy mandado, o resarmos em lugar dos versos costumados, ao entrar á mesa, os outros, que saõ mais proprios; a saber, no dia do Nascimento de Christo, e sua Oitava, *Verbum caro*; e no da Pascoa da Resurreiçaõ, e sua Oitava, *Hæc est dies*. Nisto convimos todos: para o que se façaõ escrever os ditos versos na taboa da bençaõ da dita mesa. 23 de Dezembro de 1482 Provincial.

14 Religiosos fa-
lecedor.

Sup. n. 79.

492 Durou o presente governo sete annos, que se terminaraõ (como acima dissemos) no de 1486. Neste tempo faleceraõ na Provincia 14 Religiosos. O primeiro delles foy o doutor, e virtuoso Padre Fr. Vasco Pinto, VI Prior deste Convento de Lisboa, de quem já fallámos. Doze, ainda que deixaraõ sabidos os seus nomes, por estarem escritos no livro dos Obitos; com tudo, não achamos delles acção alguma especial, que se deva referir. Seria talvez por causa do grande descuido dos nossos Padres antigos, que agora não podemos remediar; e só nos queixamos de que nos falem os assumptos de muitas virtudes, e letras, que haviaõ de ajudar a nossa penna, para que a mesma Provincia com os multiplicados progressos dos seus illustres filhos ficasse ainda mais gloriosa.

Morte deste Ve-
neravel Provin-
cial.

493 O ultimo dos que entaõ acabaraõ a vida, foy o mesmo Veneravel Provincial, sempre estimado por homem Santo, e na morte mais que antes favorecido da mesma opiniaõ. He tradiçaõ constante, abonada com os escritos de graves Authores, que a sua morte se originara do veneno, que os Judeos seus declarados inimigos lhe mandaraõ dar por industria de alguns sequeazes: de sorte, que até os mais escrupulosos de fallarem nestamateria com asseveraçaõ, affirmãõ, que com effeito houvera essa sospeita. O certo he, que a piedade humana publica, que o seu transito fora precioso nos olhos Divinos: e que (por se entender, que padecera por odio dos inimigos da Fè) Manoel de

de Faria, e Souza, os Padres Antonio de Vasconcellos, Frey Diogo Coria, Fr. Miguel de Fuente, e outros authorisados Es- critores o intitularão Martyr, e o collocaraõ, entre os que per- tencem a esta classe, nos seus Catalogos: e se houve algum, que duvidasse appropriarlhe expressamente aquella denominação, confessou que para a ter lhe não faltava o merecimento. Muitos lhe deraõ o predicamento de Beato; no que reflectindo ad- vertidamente o nosso famoso Mestre Lezana, para confessar, que merece este titulo, affirma, que lho não dá, porque a Igreja o não tem declarado. Seguindo pois a torrente dos mais Escri- tores, não lhe devemos negar o tratamento de *Veneravel*.

494 Quanto ao dia do seu felice transito, não achamos outra noticia, que a participada por Jorge Cardoso, o qual af- firma ser a 11 do mez de Janeiro. Assim o transcrevemos, pos- to que no anno (já acima declarado) de 1486. E concluindo as memorias do Grande Mestre, honra do Lusitano Carmelo, gloria interminavel da Patria, vivo exemplar de Prelados, e nunca fallivel modelo de Religiosos Santos, o Douror Frey Joaõ Sobrinho, só nos resta dizer, que o seu corpo (depois das merecidas honras) foy sepultado no Cruzeiro desta nossa Igre- ja do Carmo, em hum jazigo, que fica fóra do arco da Capella Mór, debaixo do pulpito, em que se canta o Evangelho; sepul- tura antiga, e propria dos Coelhos seus nobres parentes. Esta se distinguia das outras pela campa, que era preta com letras de metal. Alli descansão as suas honradas cinzas, esperando a universal ressurreição dos mortos, para se restituir do vir- tuoso espirito, com o qual sobirá a gozar as eternidades do premio, que (como piamente cremos) já o supremo Remu- nerador dos merecimentos lhe começou a despendar nos glo- riosos Tabernaculos da vida.

Escritores, que
intitularão Mar-
tyr.

Vid. A.A. cit.
Supr. n. 484.

Dia, e anno do
seu transito.

Supra num. 492

Onde foy sepul-
tado.

CAPITULO III.

Do Provincialado do Padre Mestre Frey Joaõ Dias, e do que consta haver acontecido na Provincia, em quanto durou o seu governo.

1486.

Provin-
cial VII.O Padre Mestre
Fr. Joaõ Dias.Quanto era zelo
fo da Religiao.Deo patrimonio
ao Convento de
Colares.Supra num. 175.
e 176

Prior XI.

M. Fr. Joaõ de
Santa Maria.

395

N

O anno 1486 se procedeo a Capitulo neste Convento de Lisboa, e nelle sahio eleito Provincial hum dos mais reformados Religiosos da Provincia. Este foy o Padre Mestre Frey Joaõ Dias, que na Sagrada Theologia era jubilado, Varão egregio, cujo nome foy tão conhecido, como respeitado na Corte. Para elle concorreraõ todos os que eraõ empenhados na utilidade publica, por julgarem, que não havia na Carmelitana Familia Portugueza outro mais habil para solicitar, e estabelecer o augmento da Religiao. No emprego desempenhou cabalmente a expectação dos seus afeiçãoados; porque veyo a exceder a muitos dos seus antecessores no zelo do bem commum, e na vigilancia dos meys competentes para a conservação do culto Divino nos Conventos. Elle foy o primeiro, que poz os ólhos no de Colares para lhe dar patrimonio, sem o qual por espaço de quarenta annos viveraõ alli com trabalho alguns Religiosos. Fez-lhe com effeito doação (como fica dito) do casal da Torre, com tanto, que nunca alli residiria hum Religioso só, posto que ainda entaõ fosse Hospicio; porque o seu intento era estabelecer a observancia Regular: e para hum sufficiente numero de subditos com o seu Vigario bastava esta subsistencia.

496

No mesmo Capitulo foy eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Mestre Frey Joaõ de Santa Maria, que tambem na faculdade de Theologia era graduado. Ambos estes Prelados haviaõ sido Noviços no dito Convento; tendo a gloria de serem os primeiros, que professaraõ o nosso Instituto dentro dos seus claustros. No seu tempo começou a Provincia a sentir algumas inquietaçoens, das quaes se nos fazem manifestos vários effeitos, posto que ignoramos a causa. Se houvessemos de usar das conjecturas, não seria difficiloso descobrir a origem das taes discordias; porém como dellas se não segue, nem

nem gloria á Provincia, nem utilidade aos Leitores, basta expormos os successos do Provincialado futuro, para que se possa inferir, qual fora o principal motivo de se alterar a antiga paz, que perseverou no tempo dos seus Prelados antecedentes. O dito Provincial, que foy o VII. e o Prior, que foy o XI. na ordem dos que tiverão semelhantes empregos, governarão tres annos, que se concluirão no de 1489. Delles apenas encontramos as memorias seguintes.

Tempo q̃ governa
rão os deus
Prelados.

497 Publicou-se na Provincia hum Decreto, pelo qual se prohibio a todos os Religiosos debaixo de gravissimas penas, o recorrerem a pessoas seculares, (ainda sendo Principes) para alcançarem com o seu patrocínio os lugares da Religião: o qual Decreto depois se renovou, e se acha actualmente confirmado por Bullas Pontificias, especialmente por huma do Papa Clemente VIII. tão expressiva de várias circumstancias, que causão horror. Naquelle tempo mandou observar o tal Decreto a Congregação Geral, em que presidio o nosso Reverendissimo Geral de toda a Ordem Frey Poncio Reynaudo, e a fez celebrar no famoso Convento de Rupecula, ou Rocchietta aos 26 de Março do anno de 1488. Justamente chamamos a este Convento famoso, por ser memoravel entre os mais celebres da Ordem, por causa da Sagrada Imagem da Soberana Mãe de Deos, que na sua Igreja preside, a qual Imagem foy milagrosamente achada naquelle sitio. E posto que se fizeraõ diligencias para ser collocada em outra parte, mostrou o Ceo com portentos, que este, e não outro era o lugar destinado para se erigir o precioso Santuario, que hoje a Provincia de Provença venera nas visinhanças de Genebra; sendo (em contraposição desta Cidade, que he infame asylo dos apostatas da Religião Christã) huma das mais devotas Casas da mesma Virgem Senhora, aonde os que perseverão firmes na Fé, encontraõ o mais certo refugio.

Decreto que se
publicou na Pro-
vincia.

Mandado pelo
Capitulo Geral

Lezan. Tom. 4.
Annal. ann 1489
pag. 362. n. 6.

489 Foy ainda mais formidavel o Decreto, que no mesmo tempo deste governo se publicou na Provincia contra os Religiosos della, que recorressem aos Juizos Seculares em causas, que se deviaõ litigar dentro dos claustros com appellação dos Prelados ordinarios para o Reverendissimo Padre Geral da Ordem, e delle para a Santa Sè Apostolica. Este Decreto veyo com pena de excommunhaõ mayor *ipso facto*. Para elle deraõ occasião os litigios passados, que já insinuamos: e para se evita-

Contra os q̃ re-
correrẽ aos ju-
zos Seculares.

Supra. n. 130.

rem

rem os abusos, que se poderiaõ seguir daquelles mãos exemplos, foy precisa esta resolução, que naquelles tempos teve inviolavel observancia, segundo mostrará o successo, que no seguinte Capitulo havemos de referir. Não transcrevemos aqui o Decreto, porque nos pareceo escusado, visto que a sua mesma substancia se acha nas presentes Constituiçoens da Ordem, pelas quaes toda a nossa Religião geralmente se governa, cujas expressas palavras, traduzidas da lingua latina, dizem o seguinte:

Constituição da
Ordem traduzi-
da Part. 3. Cap.
5. n. 3.

o 1.º observam
o 2.º observam

o 3.º observam
o 4.º observam
o 5.º observam

Officio da Co-
roa do Senhor.

Onze Religio-
sus falecidos

o 6.º observam

499 Todos os nossos Regulares de hum, e outro sexo, de qualquer dignidade, estado, e condiçaõ que sejaõ, que por algum pretexto, ou affectado titulo se atreverem a appellar para os Tribunaes seculares, ou a elles recorrem; pela authoridade de Clemente VIII. ficarão incurso em sentença de excommunhaõ, reservada (excepto no artigo da morte) ao Summo Pontifice Romano; e serãõ para sempre privados dos seus officios, sem que possaõ já mais exercitar algum dos lugares da Religião: e sem outra alguma declaraçãõ, eo ipso ficarão privados de voz activa, e passiva. Nas mesmas penas incorrerão os seus sequazes, e conselheiros, que por algum modo directo, ou indirecto concordarem com elles em semelhante procedimento: de sorte, que se os taes Religiosos forem aggravados injustamente dos seus Prelados, em tal caso poderãõ recorrer (como sempre no tempo passado fizeram) ao Geral da Ordem, ou ao Protector, ou ao Vice-Protector della na Curia Romana, ou finalmente ao Summo Pontifice, que nesse tempo existir, porque he o supremo Juiz na Igreja de Deos.

500 Entãõ teve tambem principio nesta Provincia o Officio Duplex, que rezamos da Sagrada Coroa de espinhos de JESU Christo Nosso Redemptor; festividade, que a nossa Ordem ainda celebra na festa feira da primeira semana depois da Pascoa. No tempo, que durou o dito governo, faleceraõ na Provincia onze Religiosos, cujas vidas não escrevemos por nos faltarem as noticias com a individuaçaõ necessaria. Os mais distintos entre outros foraõ os Padres Frey Vicente de JESUS, Frey Estevaõ da Sylva, Fr. Manoel Gadelha, e Fr. Vasco da Natividade. E posto que pelo descuido dos antigos nada podemos affirmar delles com clareza, com tudo sabemos, que foraõ fogeitos conhecidos na Corte, e pelos seus louvaveis procedimentos nella muito estimados; de sorte, que huns pela profis-

saõ as letras, e outros pelo esplendor das virtudes tiveraõ taõ permanente applauso na voz da fama, que até quando se nos escondem as suas heroicas acçoens, sempre nos consta, que tiveraõ relevantes merecimentos.

CAPITULO IV.

Dos dous Capitulos Provinciaes, que se fizeraõ no anno de 1489.

Da-se noticia do Visitador Geral, que presidio no ultimo.

501 **C**oncluido o triennio, em que governou aquelle Prelado, se procedeo a Capitulo no anno de 1489. Foy com effeito celebrado neste Convento do Carmo de Lisboa, e nelle sahio eleito Provincial o Padre Mestre Frey Joaõ de Santa Maria, que dava fim ao emprego de Prior do mesmo Convento. De hum occupação subio a outra, porque entenderaõ os Vogaes, que os seus merecimentos o faziaõ credor de todas. Na mesma occasião sahio eleito Prior deste dito Convento o Padre Frey Jorge da Cruz, chamado segunda vez para este lugar; porque o havia já occupado (como fica dito) sendo Provincial o Veneravel Doutor Fr. Joaõ Sobrinho. E como entaõ expressámos as prerogativas, de que fora dotado, bem se vê, que estas o constituirão benemerito da mesma honra. Veyo o Provincial a ser o VIII, e o Prior o XII. na série dos que exercitaraõ estas Prelasias. Porém sendo ambos taõ dignos dos seus empregos, occorreraõ na occasião de Capitulo tantas inquietaçoens, e taõ graves duvidas, que as suas consequencias seraõ sempre lembradas nesta Provincia; porque o Reverendissimo Padre Geral, que entaõ existia, Fr. Poncio Raynaudo deu hum publico demonstração, de que o dito Capitulo fora do seu desagrado, naõ pelo que respeitava ás pessoas dos Prelados, porque a experiencia depois mostrou o muito que as estimava; mas por algumas circumstancias das eleiçoens, que o precisaraõ a proceder com justiça taõ exacta, que o mesmo effeito desta virtude, aos que ignoravaõ a causa pareceo excessão.

502 O que nos consta he, que na Congregação Geral de Rupecula, celebrada no anno antecedente, se havia com-

met-

1489.

Provincial VIII.

M. Fr. Joaõ de Santa Maria.

Prior XII

Frey Jorge da Cruz.

Supra n. 436.

Capitulo do desagrado do Reverendissimo P. Geral.

Provincial nomeado no Capitulo Geral.

Visitador Gerál
que veyo á Pro-
vincia.

Prelados depof-
tos.

Como se houve-
raõ neste caso.

Supra n. 498.

O que determino
nou o Visitador.

mettido ao Reverendissimo Padre Geral a nomeação do Provincial desta Provincia Portugueza; e ao mesmo tempo sabemos, que o dito Provincial fora eleito em Capitulo celebrado neste Convento. Daqui se seguiu, que o mesmo Reverendissimo Geral mandou a este Reyno hum seu Commissario com o caracter de Visitador desta Provincia, e tambem da de Castella, para que tomasse conhecimento de tudo o que em Portugal se havia obrado por differente modo, do que devia ser conforme as Leys, e costume da Religião. Veyo com effeito o dito Commissario, e Visitador Geral com todos os poderes necessarios. Este foy o insigne Padre Mestre Frey Guihelmo Tolozzano, bem conhecido na Religião pelo seu talento; e tambem veyo a ser o primeiro Vigario Geral estrangeiro, que se vio na Provincia. Quando entrou neste Convento de Lisboa, havia poucos mezes, que os novos Prelados estavaõ de posse dos seus empregos. Porém o Visitador começando logo a conhecer daquellas já insinuadas circumstancias, e achando, que os ditos Prelados não estavaõ legitimamente instituidos, a ambos depoz dos officios, sem outra acção mais, que proceder novamente a Capitulo, como qual se concluiu o governo passado, que só durou oito mezes: chegando-se a ver dentro deste Convento em hum só anno dous Capitulos; de sorte, que annullado o primeiro, veyo o outro a celebrar-se com os acertos, que depois diremos.

503. Nesta occasião mostraraõ os Prelados depostos a exemplar generosidade dos seus Religiosos espiritos; pois conformando-se com a vontade do Superior estiveraõ por tudo aquillo, que ao seu Commissario Geral pareceo mais conveniente. Não só cederaõ da propria defenfa; mas com actos positivos deraõ a conhecer, que nos governos não entraraõ com ambição; e que posto estavaõ proximamente prohibidos (conforme o Decreto publicado no anno antecedente) para recorrerem aos Tribunaes Seculares, e á protecção dos Principes, he certo, que na presença do mesmo Visitador poderiaõ allegar muitas razoes que lhe demorassem o procedimento, quando não bastassem a frustrara resolução. Mas de tal modo se comprometteraõ no seu juizo, que em obsequio da obediencia não duvidaraõ ficar pre-emptoriamente privados do exercicio das suas Prelacias: de cuja humildade se mostrou o Visitador tão edificado, que habilitando-os para o serviço da Religião em todos os Capitulos;

que

que depois se houvessem de celebrar, tambem lhes concedeo as honras, e privilegios, que aos Prelados respectivamente saõ concedidos, depois de concluidos com tranquillidade os seus governos. Deste acordo, que tomou o dito Visitador, claramente se deduz, que a severidade da sua justiça não procedeo de culpas, que tivesse de hum, e de outro Prelado; mas só de alguns defeitos essenciaes, que occorreraõ em ambas as eleicoens.

504 Nos oito mezes, que durou este governo, não achamos haver acontecido na Provincia cousa memoravel. O Prior, e mais Religiosos deste Convento de Lisboa fizeraõ varios aforamentos, que não tem circumstancias capazes de serem referidas. Só devemos lembrar, que aforaraõ em huma só vida a Lazaro Latom, Judeo de profissão, as casas, que foraõ de David Negro, e ainda o Convento as possue. Estas saõ as que ficaõ fronteiras á porta travessa da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, chamada vulgarmente *dos Freyres*, que foy (como fica dito) synagoga dos mesmos Judeos. O tal aforamento se lhe fez pelo foro de outras casas, que elle tinha no *Alquimin*, sitio, onde actualmente está a rua a que chamamos dos ourives da prata, e por outra parte contestavaõ com Villa-nova de Gibraltar. Este nome davaõ naquelle tempo a huma travessa estreita, que da mesma rua dos ourives da prata vem para a Tinturaria, que depois se chamou Judiaria grande, e agora *Jubetaria*. Para que o dito aforamento fosse valido, houve expressa licença del Rey D. Joaõ II, e do Arcebispo de Lisboa D. Jorge da Costa; porque sem as taes licenças não podiaõ os Judeos naquelle tempo aforar fazenda alguma, nem aos Religiosos era permitido aforarem a elles: noticia, que nos pareceo conveniente participar aos curiosos de semelhantes antiguidades.

505 Faleceraõ na Provincia nos ditos oito mezes oito Religiosos. Os mais conhecidos foraõ os Padres Fr. Diniz Botelho, Fr. Jeronymo do Amaral, e Frey Affonso Machado. No mesmo numero se comprehende o Illustrissimo D. Frey Martinho de Sotomayor, Doutor Theologo, e Bispo Titular de Tripoli, Varaõ insigne nas Divinas, e humanas letras, de quem já no tomo I. da nossa Historia escrevemos a vida, e agora só o nomeamos, por ser este o anno da sua morte.

506 Celebrando-se pois Capitulo no mesmo anno de 1489 por ordem do Comissario, e Visitador General

Aforamento de humas casas.

Supra n. 490.

Alquimin, rua dos ourives da prata.

Licença para se aforar aos Judeos

8. Religiosos falecidos.

Tom. I. n. 590.

Capitulo Provincia.

Provin-
cial IX.
O P. Fr. Luiz
Machado.

Prior XIII.
Fr. Rodrigo de
Beja.

Quietação da
Provincia.

Aforamento dos
moinhos de Cor-
royos.

Quê assinou no
tal aforamento.

Geral Frey Guilherme Tolozzano, e presidindo nelle com a authoridade, que lhe fora concedida, sahio eleito Provincial o Padre Frey Luiz Machado, o IX dos que occuparaõ o lugar de Prelado mayor da Provincia, e hum dos mais dignos entre os benemeritos de semelhante emprego. Sahio tambem eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja o XIII. na serie dos ditos Prelados locaes. Para se lhe conferir esta honra, só concorreo a sua notoria capacidade; porque a teve (como ha de mostrar a Historia) para occupaçoens mayores, e para outras mais altas dignidades. Repartindo-se os mais lugares por sogeitos benemeritos, e detendo-se o Visitador algum tempo na Provincia, ficou esta em tranquillidade tão admiravel, que se chegaraõ a extinguir atè as occasioens mais remotas das duvidas, e controversias passadas. Tudo se deveo á summa prudencia do Commissario Geral, que obrando com justiça, a executava por tal modo, que deixava satisfeitos aos mesmos, que em outras circumstancias se poderiaõ mostrar queixosos.

507 Existiraõ os dous Prelados no seu governo quatro annos, que se concluireaõ no de 1493, sem oppressão dos subditos, e com applauso universal da Corte. A primeira acção, que achamos de ambos, logo que deraõ principio aos seus empregos, foy hum aforamento, que fizeraõ em tres vidas a Vicente Annes, dos moinhos, que o Santo Condestavel doou a este Convento, e vem a ser os mesmos, que actualmente possuimos em Corroyos termo da villa de Almada. Escrevemos esta noticia, (que talvez parecerá escusada) para que conste, que este foy o primeiro aforamento, que se fez dos taes moinhos com a obrigação, de que o dito Vicente Annes pagaria em cada hum anno a este Convento seis moyos de trigo da terra do melhor, postos no seu celeiro, sem despeza alguma da Communidade. He tambem conveniente, que se veja a novidade, de que bastando assinar no Contrato o Prior do dito Convento com os Deputados da fazenda, que entre nós se denominaõ propriamente *Clavarios*; tambem nelle assinaõ o Provincial, e o Visitador Geral, como consta de huma Escritura, que se guarda no Archivo do mesmo Convento, feita aos 19 de Setembro do referido anno: e posto que entaõ o aforamento pareceo util, veyo depois a mostrar a experiencia, que era prejudicial: donde procedeo o

fica-

ficarem os Prelados prohibidos para celebrarem outros semelhantes, na fôrma que em seu lugar diremos.

508 No tempo deste governo foy notavelmente applaudida a eleição, que toda a nossa Ordem Carmelitana fez do Cardeal D. Jorge da Costa para seu Protector; que pois concorria a circumstancia de ser nacional deste Reyno, e nosso afieçoado, dêraõ os Prelados solemnemente as graças a Deos por tão estimavel beneficio. Não sabemos com certeza o dia, e anno desta sua promoção; mas he indubitavel, que já exercitava este emprego a 8 de Novembro de 1491; porque o Papa Innocencio VIII. (que tambem fora Protector da nossa Ordem, sendo Cardeal com o nome de João Baptista Cibo) lhe mandou por letras Apostolicas, passadas nesse dia, e anno, que fizesse executar a Bulla do Papa Sixto IV, na qual prohibia o transito dos Religiosos da Congregação de Mantua para os nossos, debaixo da gravissima pena de excommunhaõ *late sententia*, reservada ao mesmo Summo Pontifice. E como este Convento de Lisboa era obrigadissimo ao dito Cardeal (porque nas dependencias que delle teve, pela razão de seu Diocesano, o achou sempre propicio) agora que por novo titulo se considerava na sua protecção, persuadia o muito, que a estimava nos continuos repiques dos sinos, e nos outros festivos finaes, que incessantemente reperia.

509 No fim do anno de 1492 foraõ na Provincia aceitas duas resoluções da Congregação Geral celebrada em Roma no mesmo anno, para que entre nós se guardassem como Leys, das quaes fizemos expressa aceitação: a primeira, que não poderia ser nesta Provincia encorporado algum Religioso sem licença daquella, em que recebera o habito; a segunda, que os irmãos da vida activa, aos quaes commumente chamamos Leigos, tivessem nos vestidos exteriores alguma differença dos Sacerdotes: de sorte, que as suas tunicas fossem curtas, que o Escapulario lhes não passasse dos joelhos, e as capas fossem tambem curtas, e feitas com menos roda. E posto que estes Decretos já nesta Provincia não tenhaõ observancia; porque nos Breves das filiações costumão os Sũmos Pontifices benignamente dispensar, quando falta esta condição; e vemos que os ditos irmãos vestem igualmente com os Sacerdotes sem differença alguma no habito, e na capa; sempre he conveniente saber-se que houve na

Cardeal Protetor
D. Jorge da Costa.

Quarto o estimou esta Provincia.

1492.

Resolução acerca das encorporações.

Acerca dos Irmãos da vida activa.

Provincia aquelle uso, para que tambem se conheça a diversidade, que vay deste áquelle tempo.

12 Religiosos
falecidos.

Supra n. 495

Infra num. 486.
e 501.

510 Doze Religiosos falecerão na Provincia nos quatro annos do governo destes Prelados. Os mais dignos de memoria são os seguintes; o Padre Mestre Frey João Dias, que acabou de ser Provincial no anno de 1489. O Padre Frey Estevão de JESUS, Lente actual neste Convento de Lisboa, e em toda a Corte estimado pela excellencia do seu engenho: O Padre Frey Diogo Namorado, notavelmente attendido entre os mais Religiosos. Delle achamos o nome muitas vezes repetido em vários Escritos. O Padre Frey Jorge da Cruz, que fora duas vezes Prior, tão exemplar nas virtudes, como acima fica insinuado. O Padre Frey João Barberio, e outros menos conhecidos, dos quaes não temos noticias com individuação.

CAPITULO V.

Do quadriennio, em que foy Provincial o Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja. Da-se noticia do Vigario Provincial, que governou a Provincia até se fazer nella Capitulo.

Congregação ge-
ral celebrada
em Roma.

Sen. Presidente
Dom Jorge da
Costa.

Supr. num. 508.

511

JÁ dissemos, que no anno de 1492 se havia celebrado Congregação Geral da Ordem. Teve principio no dia 10 de Junho, que era a Vigilia do Espirito Santo, e se fez em Roma no

Convento de São Martinho in Montibus. Nella presidio o nosso Cardeal Protector (de quem já fallámos) D. Jorge da Costa, hum dos mais famosos Principes Ecclesiasticos, que conheceo o Mundo; o qual depois das muitas dignidades, e empregos, que teve neste Reyno, onde foy Bispo de Ceuta, Sylves, Porto, Viseo, e Evora, Arcebispo de Braga, e de Lisboa, mereceo, que o Papa Sixto IV por nomeação del Rey D. Affonso V. o creasse Cardeal do titulo dos Santos Pedro, e Marcelliano. No tempo, em que presidio nesta Congregação Geral, tinha o titulo de Santa Maria Trans-Tiberim, e de Bispo Albanense, que lhe déra o Papa Innocencio VIII no anno de 1481; posto que sempre foy mais conhecido pelo nome deduzido da sua Patria, que era a villa de *Alpedrinha* na Provincia da Beira. E como
nesta

nesta Congregação Geral se deo conta dos successos já referidos da nossa Provincia, ponderando-se então a summa tranquillidade, em que de presente se achava, por causa da grande prudencia dos Prelados, que a região; e prevenindo-se o meyo mais conveniente para se conservar a paz, que nella deixara o Visitador; se commetteo a eleição do novo Provincial, que havia de entrar no anno seguinte, ao Reverendissimo Padre Geral da Ordem Frey Poncio Raynaudo, que proseguia no governo, e naquelle tempo contava o undecimo anno do seu Generalato.

512 O dito Reverendissimo Geral, que estava bem informado das grandes prerogativas, e relevantes merecimentos do Prior deste Convento, julgando que da sua capacidade podia fiar a conservação da paz, muito necessaria entre os Religiosos; usando da authoridade, que para esse effeito lhe fora concedida, o nomeou por Patente sua, Provincial desta Provincia. Ficando pois os subditos notoriamente satisfeitos com a nomeação do novo Prelado, logo que delle tiverão noticia, mostraraõ notavel contentamento na sua aceitação. Lida com effeito a sua Patente, ficou reconhecido por Provincial o Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja, que (segundo fica dito) acabava de ser Prior do nosso Convento de Lisboa, e veyo a ser o X na serie dos ditos Provinciaes. Teve o seu governo principio no anno já declarado de 1493, e juntamente foy nessa occasião eleito Prior deste Convento o Padre Fr. João Namorado, o XIV dos que occuparaõ este lugar; foyeito dignissimo de semelhante emprego, não menos pela reforma da vida, que pela docilidade do genio.

513 Começaraõ os dous Prelados a desempenhar-se nas suas occupaçoens com tanto zelo do bem commum, e taõ notorio amor da Religião, que assim no espiritual, como no temporal deixaraõ aos seus successores admiraveis exemplos para serem imitados. O Provincial mostrando-se incansavel na vigilancia dos Conventos, não só cuidava em reformar os que já a Religião possuia, mas em ampliar a Provincia com a fundação de alguma nova casa: e como era foyeito taõ douto, e taõ virtuoso, foy não só das pessoas particulares, mas tambem dos Principes grandemente attendido. O Prior fazendo-se muito distinto no augmento dos bens da sua Comunidade, sem faltar á assisten

cia

Commissão de
Capitulo Geral
para a nomea-
ção de Provin-
cial.

1493.

O Padre Geral
a quem elego?

*Provin-
cial X.*

Fr. Rodrigo de
Beja.
Supra. n. 506.

Prior XIV

Frey João Na-
morado.

Zelo de ambos
os Prelados

Applicação do
Provincial.

Tempo que go-
vernou o Prior

Prova-se, e não
acabou o gover-
no com a vida

Supra num. 163.

Contenda com
Braz Annes ácer-
de hum moinho

Quem conheceu
da causa.

Os Prelados an-
teem a obri-
gação, e não
faltão ao respei-
to,

cia dos Officios Divinos, occupava todo o tempo livre na arrecadação das rendas, que lhe pertenciaõ, cortando pelo proprio delcango, a fim de trabalhar nas dependencias do dito Convento: posto que no lugar só perseverou hum anno, não porque lhe faltasse a vida, como erradamente achámos escrito em huma publica memoria da Provincia; mas porque renunciou o governo por algumas razoes particulares, que totalmente ignoramos. Quem disse que acabara anticipadamente o Priorado por occasião da morte, he certo, que não teve noticia, de que elle cinco annos depois de renunciar o emprego, no de 1498 foy Vigario Prior do Convento de Colares: o que consta do Instrumento tirado em publica fôrma da posse, que tomou de huma sesmaria, da qual lhe fez mercê para o mesmo Convento a Infanta Dona Brites. Do dito Instrumento, que foy passado aos 13 de Setembro daquelle anno, já fizemos menção, e he o XII entre os Documentos deste volume.

514 A occasião, que occorreo para alcançar aquella mercê, foy a seguinte. Logo que deo principio a este seu Priorado do Carmo de Lisboa, succedeo, que hum Braz Annes, morador no lugar da Amora, termo da Villa de Almada, e criado particular da mesma Infanta, preocupado de ver, que lhe resultaria grande conveniencia, mandou fabricar hum moinho immediato ás marinhãs das vaccas, que pertenciaõ á Capella do Santo Condestavel. Assim que o zeloso Prior teve noticia da obra, a mandou em tempo habil embargar pelo juizo privativo do Conservador do seu Convento, onde mostrou a violencia, que se lhe fazia na perturbação da posse, em que o dito Convento estava das terras, que lhe foraõ doadas. Era naquelle tempo nosso Juiz Conservador hum D. Pedro, Commendador de Santa Anna, nomeado pelo Papa Nicolao V, mediante hum Breve especial, passado em Roma no anno de 1436: e tomando conhecimento da causa, porque achou bem provada a força, que o dito Braz Annes fazia aos Religiosos, proferio contra elle huma diffinitiva sentença, na qual mandava, que o tal moinho se desfizesse, e fossem os Religiosos conservados na posse daquellas terras tão livres, como o Santo Condestavel lhas deixara.

515 Não ignoravaõ os Prelados, que o dito Braz Annes era da obrigação, e do patrocínio da Infanta, senhora da villa de Almada, e seu Reguengo; tão venerada no Reyno, como

mo mãy que era de muitos Principes, entre os quaes sempre conciliou mayor respeito o felicissimo D. Manoel, que dalli a dous annos, no de 1495 subio ao throno, e cingio a Coroa da Monarquia Portugueza. Porém o zelo, que tinhaõ dos bens da Cõmunidade, era tanto, que sem faltarem às attenções praticadas em semelhantes circumstancias, proseguiraõ a causa, e com publicas diligencias procuraraõ a justiça do seu Convento. A Infanta, poito que desejava o interesse do seu criado, favorecendo-o, quanto podia nesta parte, nem por isso se mostrou queixosa dos Prelados; mas antes com prudencia lhe chegou a louvar o empenho, com que solicitavaõ para si o bom exito do pleito. Em quanto este durou, parecendolhe, que se poderia escusar de fazer alguma demonstração com os mesmos Prelados, esperou a ultima decisão do Ministro. Porém sabendo, que o Convento vencera, e que por virtude da sentença se havia de botar a baixo, e desfazer a obra do moinho, entaõ interpoz a sua authoridade, para que se naõ executasse a dita sentença, como o Prior determinava, naõ em prejuizo alheyo, mas em beneficio da nossa propriedade.

Sentença, que alcançamos.

516 Mandou pois a dita Senhora chamar á sua presença naõ só ao Prior Frey Joaõ Namorado, mas tambem ao Provincial Frey Rodrigo de Beja, e com a possivel efficacia lhes propoz o desejo que tinha de favorecer nesta occasiaõ a Braz Annes: e depois de usar com elles as attenções proprias da sua natural benignidade, além de outras razoens, com que os persuadio, lhes disse: „ Que supposto o dito moinho naõ moer com agua „ salgada dos seus esteiros, senaõ com agua doce, que vinha „ das abertas do caminho de Cifimbra, lhes rogava, que (por „ lhe fazerem a ella esse obsequio) suspendessem a execução „ da sentença; naõ permittindo, que o moinho se derrubasse; „ mas antes concedendolhe, que a demanda se houvesse alli por „ acabada: que pois lhes dava a conhecer a sua vontade notoria- „ mente empenhada, e elles eraõ os arbitros da execução, espera- „ va que lhe fizessem este gosto, pelo qual se lhes mostraria taõ „ agradecida, como a toda a sua Religiaõ fora sempre afei- „ çoadada.

Empenho da Infanta Dona Brãtes.

517 Naõ podendo entaõ os Religiosos resistir ao empenho, e menos contradizer as razoens da Serenissima Infanta, lembrados do muito, que a nossa Provincia lhe era devedora, e per- sua-

Cederaõ os Prelados áquelle empenho.

suadidos, que era mayor o lucro, que lhes resultava de conservarem a sua graça, do que a perda, que poderia ter de deixarem o moinho ao seu criado, ambos cederaõ logo da sua justiça, e mostraraõ, que a esta insinuação da sua vontade obedeciaõ como a inviolavel preceito. Assim o fizeraõ com expressões tão gratas áquella Senhora, que dalli em diante (como se verá na Historia) nunca se offereceo dependencia da Religião, em que ella a não servisse promptamente: de sorte, que até nas pertencenças, que tivemos com o mesmo Monarca, applicou tão efficazes diligencias, que fez gosto de parecer igualmente interessada. Como se aprelente causa fosse propria, mandou pagar todas as custas dos autos; e não aceitando a desistencia, que os Prelados faziaõ do que tocava ao Convento, a hum, e a outro fez especiaes favores, quando se lhe offereceraõ occasiões de os executar. Ao Prior Frey Joaõ Namorado, sendo depois Vigario do Convento de Colares, deo para o mesmo Convento a nova sesmaria, que actualmente possue, e perdoou o quarto, que devia pagar dos frutos das suas terras, na fórma que já fizemos menção. Ao Provincial Frey Rodrigo de Beja patrocinou para a fundação do nosso Convento da villa da Vidigueira, pelo modo, e com as circumstancias, que em seu lugar diremos.

Favores da
ma Infanta.

Sup. n. 173.

1494.

Prior XV.
O P. Bacharel
Fr. Nuno de Almeida.

518 Renunciou com effeito o Padre Frey Joaõ Namorado o lugar de Prior deste Convento, depois de o haver occupado hum anno incompleto. Entrou a substitui-lo outro Religioso não menos benemerito, qual foy o Padre Bacharel Frey Nuno de Almeida, o decimo quinto na serie destes Prelados. Começou a governar com grande acerto no anno de 1494, e com igual felicidade deo fim ao emprego junto com o Provincial no anno de 1497. No tempo destes Prelados os Conventos se conservaraõ em paz, e os Religiosos viveraõ com edificação dos Fieis. Não deixaremos em silencio a seguinte noticia; porque ainda que pareça menos precisa pelo que he em si; sempre se faz necessaria pelo que respeita aos administradores das rendas deste Convento de Lisboa.

Aforamento do
Esteiro da Amora.

519 O dito Prior Frey Nuno de Almeida com os Religiosos deputados para o tal ministerio aforaraõ a hum Joaõ da Rocha o Esteiro, que fica da parte do lugar da Amora (chamado vulgarmente o porto da Rapoza) com seu salgado, cháos, abras, e terras, para que elle podesse fazer, onde melhor lhe parecesse.

recesse, huns moinhos com quatro moendas, com a obrigação de pagar de foro ao mesmo Convento em cada hum anno por cada huma das moendas doze alqueires de trigo da terra: e convierão, em que os ditos moinhos seriaõ acabados dentro em dous annos depois de feita a Escritura do tal aforamento, que só teria vigor por dous quinze annos: e que depois de feitos, no caso que se vendessem, pagariaõ de laudemio só a quarentena. Com estas condiçoens se celebrou aquelle contrato. Entenderão então os ditos Religiosos, que haviaõ obrado cousa muito util; porém veyo depois o tempo a descobrir, que o dito aforamento não fora acertado pelas consequencias, que constaõ de huma memoria antiga do nosso Cartorio, que mais nos excitou a fazelas patentes.

520 Aconteceo pois que o dito Joaõ da Rocha vendeo os taes moinhos a hum D. Gonçalo Coutinho, de quem os herdou hum seu filho. Por morte deste ficaraõ a sua mulher, a qual por seu falecimento os vinculou, obrigou, e deo aos Religiosos do Convento de S. Domingos de Azeitaõ com o encargo de duas Missas quotidianas, e com a pensão de pagarem a este Convento o mesmo foro, que até alli sempre recebera por conta dos taes moinhos. Porém no seu testamento não declarou, que estes se achavaõ já vinculados á Capella do Santo Condestavel. Tomaraõ com effeito aquelles Religiosos posse, e começaram a receber a renda dos moinhos: do que sabendo os nossos Prelados, assim o Provincial, que era nesse tempo o Padre Fr. Bento Bom, como o Prior Frey Sebastiaõ de Fontes, occupando terceira vez este lugar pelo anno de 1548, mandaraõ ao Procurador mayor da Provincia Frey Lopo do Alemo, que desse hum libello contra os ditos Religiosos Dominicanos, por se acharem intruzos, e estarem desfrutando a propriedade, que não era sua. Durou a demanda alguns tempos, até que tivemos a nosso favor a sentença, em virtude da qual foraõ elles removidos da posse actual, que haviaõ adquirido, e foy novamente dada aos Religiosos deste Convento do Carmo de Lisboa, que dos ditos moinhos eraõ verdadeiros senhores. Nesta occasiaõ o amor prescindio da justiça; porque de tal modo huma, e outra Religiaõ defendeo a causa, que ficou intacta a reciproca, e bem estabelecida amisade, que notoriamente prevalece entre ambas.

Cõsequencias do
dito aforamen-
to.

Pleito acerca do
dito moinho, q
alli se fez.

Alcançamos
sentença.

290 *Chronica dos Carmelitas*

Provincialado
memoravel.

Supra n. 517.

521 O que fez a este Provincialado mais memoravel foy a fundação (em que acima tocamos) do nosso famoso Convento da Vidigueira, que nesse tempo se começou a edificar, sendo o Padre Presentado Fr. Rodrigo de Beja o que conseguiu a gloria de lhe lançar os primeiros fundamentos. Mas porque as obras duraraõ nos annos do governo dos dous Provinciales seguintes, neste caso, por não interrompermos as outras acçoens dos taes Prelados, visto que tambem concorreraõ para aquella fabrica sagrada, concluiremos primeiro os outros successos da Provincia, seguindo a Chronologia dos tempos, e depois faremos de todo o Convento daquella villa huma distincta memoria.

Vigario Geral
mandado á Pro-
vincia,

522 Florescia entaõ neste Convento de Lisboa o insigne Padre Mestre Fr. Gonçalo Fialho, de quem havemos de referir, em lugar mais proprio, as suas grandes prerogativas, posto que nesse tempo tinha só a graduação de Presentado. A este doutissimo Varaõ mandou o Reverendissimo Geral, que ainda presidia na Ordem, o Padre Mestre Frey Poncio Raynaudo, huma patente de seu Vigario Geral neste Reyno; querendo com ella juntamente condecorarlhe a pessoa, e darlhe jurisdicção para alguns calos mayores, que dependiaõ de semelhante providencia. Lida a patente em Capitulo, foy com sincero animo dos Prelados bem aceita, e elle ficou reconhecido dos subditos, que já o veneravaõ pelos seus merecimentos, e agora lhe rendiaõ obediencia pelo novo caracter.

1497.

Presidente da
Provincia.

Prior XVI
O P. M. Fr. Joaõ
de Santa Maria.

Supra num. 502.

523 No anno de 1497 acabaraõ o seu governo o Provincial, e tambem o Prior deste Convento: e por causas, que totalmente se ignoraõ, não se elegeo Provincial na Provincia por tempo de cinco annos, que tantos se contaõ até o de 1502. O que sabemos he, que o Presentado Fr. Gonçalo Fialho foy continuando no governo da dita Provincia com o titulo de Vigario. Naquelle anno de 1497 se fez eleição de Prior deste Convento, para successor do que entaõ acabara o lugar, e sahio o Padre Mestre Frey Joaõ de Santa Maria, que fora deposto do Provincialado (como acima dissemos) no anno de 1489; dando-se nesta acertada promoçaõ huma sufficiente prova para nos persuadirmos, de que o Visitador (como já insinuamos) não procedera contra elle por lhe achar defeitos pessoaes. Veyo o dito Padre Mestre Fr. Joaõ de Santa Maria a ser na Ordem dos Piores

Tomo II. Parte III. 291

res o XVI: e governando o seu Convento dous annos, que se terminárao no de 1499, nelles não achamos haver acontecido cousa notavel. Nem podemos descobrir o motivo, porque instituindo-se Provincial para esta Provincia na Congregação geral do anno antecedente; celebrada no Convento de Nimes da Provincia de Narbona, que foy (como he constante) aos 3 de Junho de 1498; não chegou a exercitar o seu emprego, porque nos tres annos seguintes (segundo fica declarado) durou a Vigairaria daquelle insigne Prelado.

*Não se elegao
Provincial.*

1499.

524 No dito anno de 1499 occupou o lugar de Prior deste Convento o mesmo Presentado Fr. Gonçalo Fialho, que foy o XVII, e teve este cargo juntamente com os outros no seguinte triennio, que se completou no sobredito anno de 1502. Do seu tempo não ficarao memorias, nem occorre cousa digna de referirmos. Nos nove annos do governo daquelles Prelados, e do Vigario Provincial falecerao na Provincia 19 Religiosos. Os mais famosos foraõ os Padres Frey Rodrigo Velho, Fr. Pedro Carvalho, Frey João Machado, Frey Lourenço Dias, Fr. Antonio Namorado, e Fr. Pedro de Moura, sendo o ultimo dos que entraraõ neste numero o Padre Bacharel Fr. Nuno de Almeida, Prior XV, que (como acima dissemos) havia acabado o seu governo no anno de 1497: e posto que nem deste, nem dos outros nomeados nos ficaraõ individuadas as prerogativas; com tudo sabemos, que entre os do seu tempo se distinguiraõ pela ventagem das sciencias, e observancia das virtudes.

*Prior XVII
O P. Presentado
Fr. Gonçalo Fialho.*

*19 Religiosos
falecidos.*

Supra. n. 518

CAPITULO VI.

Do Provincialado do Padre Mestre Fr Jeronymo de Santa Maria.

525 **P**Rocedeo-se a Capitulo neste Convento de Lisboa no anno já referido de 1502, por determinação do nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Poncio Raynaudo, pouco antes de acabar a vida, que foy muito necessaria para o bem, e augmento da Religião, pelo notorio zelo, com que sempre se oppoz aos que lhe perturbavaõ a paz. Grande foy o gosto, que desta acção resultou aos nossos Religiosos, não porque o Prelado presente

Tom. II. Oo 2 hou-

*Morte do nosso
Reverendissimo
Padre Geral;*

1502.

*Provin-
cial XI.*Frey Jeronymo
de Santa Maria.Confusão q' houve
com o nome
deste Prelado*Prior XVIII.*
Frey Sebastião
dos Anjos.*Prior XIX.*
Fr. João Gale-
go.Decreto que se
publicou na Pro-
vincia.

houvesse cahido no seu desagrado; mas por verem que ao futuro faziaõ por eleição. Votando pois no Padre Mestre Frey Jeronymo de Santa Maria, sahio eleito Provincial, e foy o XI. da Provincia. Houve quem o quiz confundir com o Virtuossissimo Padre Mestre Fr. Jeronymo de Brito, de quem faremos em seu lugar distinta memoria. Nasceo a equivocação de acharem o nome deste novo Prelado escrito sem cognome: e como o Padre Mestre Fr. Jeronymo de Brito foy tão famoso na Provincia, se entendeo (sem outro abono mais que os seus relevantes merecimentos) que elle fora nesta occasião eleito Provincial. Porém toda a duvida se dissolve facilmente, não só porque o Catalogo mais certo, que ha neste Convento declara, que o Provincial se chamava, como acima dizemos; mas porque visto o livro antigo das profissoens, nelle se acha que o Padre Mestre Frey Jeronymo de Brito professara aos 6 de Novembro de 1558; e he certo, que houve na Provincia, e floreceo naquelle tempo o Padre Mestre Fr. Jeronymo de Santa Maria, fogeito, que pelos seus predicaos se fez digno de tão honorifico emprego.

526 Na mesma occasião de Capitulo sahio eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Presentado Fr. Sebastião dos Anjos, do qual não alcançamos noticia alguma, que possamos referir. Foy o XVIII em numero, e não chegou a completar hum anno de governo; porque com a vida acabou a sua occupação. Entrou a substituir-lhe o lugar, e continuou até o fim do governo do Provincial, eleito Prior o Padre Bacharel Fr. João Galego, o XIX dos Prelados locaes deste Convento, Varrão muitas vezes nomeado em várias Escrituras daquelle tempo; porém delle só nos consta ser dotado de grande engenho, e fazer-se conhecido pela sua literatura. Durou o presente Provincialado tres annos, que se contaraõ desde o de 1502 até o de 1505. E sendo que no de 1503 se celebrou o Capitulo Geral de Placencia, em que sahio eleito Geral da Ordem o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Pedro Terrasse; nelle se mandou, que o Provincial desta Provincia continuasse o seu governo, o que com effeito executou com applauso universal dos domesticos, e dos estranhos; porque a todos eraõ notorios os seus acertos.

527 No seu tempo não aconteeo na Provincia cousa notavel. Só nos consta, que se mandou intimar hum Decreto, em que se impunhaõ gravissimas penas aos Religiosos, que re-
cor-

recorressem aos Principes senhores, e a quaesquer pessoas, que não fossem do corpo da Religião, revelando-lhes os segredos, que eram occultos dentro dos claustros, e referindolhes infamias contra os seus Superiores: e se publicou, que assim esta, como as outras resoluções do dito Capitulo geral se observassem inteiramente na Provincia, por serem conformes a boa observancia, que nella desejavaõ conservar. Não transcrevemos o tal Decreto; porque a sua substancia se contém nas Constituições da Ordem, que são commuas a toda a Religião: e ninguém ignora, que esta Ley se estabeleceo para se castigar com rigor aos seus transgressores.

528 Faleceraõ neste triennio onze Religiosos, e alguns muito estimados pelas virtudes, e empregos da Ordem. O primeiro foy o Prior, em que acima fallámos, Fr. Sebastião dos Anjos. Tambem acabou a vida o Padre Mestre Fr. João de Santa Maria, que duas vezes fora Prior deste Convento, e no anno de 1489 Provincial: memoravel pela resignação, que sempre teve nos trabalhos, sem haver algum bastante a lhe contrastar a firmeza do seu magnanimo coração. Faleceo mais o famoso Padre Frey Gomes Raposo, Prior que foy deste Convento no anno de 1482, de quem acima referimos algumas virtudes, que lhe adquiriraõ a boa opiniaõ, em que ficou o seu nome sempre duravel entre os outros daquelles Veneraveis Religiosos, que nos deixaraõ exemplos para a imitação. Fizeraõ-se igualmente dignos de memoria os reformados Padres Fr. Antonio Mosinho, Frey Gonçalo de Christo, e Frey Pedro de Tavora; este, que sobre outros predicaos teve a qualidade do illustre sangue, que lhe manou dos seus progenitores Chefes deste appellido; e os dous, que pela exacta observancia da Regra, Constituições, e Directorios da Religião, se deraõ a conhecer, e a estimar na Provincia por singulares. Fizeraõ muitos serviços a Deos, retirados da communicacão dos seculares, com os quaes unicamente tratavaõ para os utilizar com alguns conselhos, não só no Sacramento da Penitencia; mas tambem nos pulpitos, e quando eraõ particularmente consultados. Por meyo destas, e de outras boas obras, que Religiosamente exercitaraõ, cre a piedade humana, que por este meyo vieraõ a conseguir na morte hum ditoso fim.

11. Religiosos
falecidos.
Supr. n. 526.

*Supr. num. 596;
501 e 523.*

Supra n. 488.

CAPITULO VII.

Vida, e governo do muito Virtuoso Padre Frey Joaõ de Santa ANNA, hum dos mais dignos Provinciaes deste Reyno, onde tambem foy Vigario Geral dos Carmelitas Portuguezes.

Declaração ne-
cessaria.

529

PAra mayor clareza da historia, visto que os merecimentos da vida deste exemplarissimo Religioso o elevaão ás Prelasias mais authorisadas da Provincia, he preciso, que fallemos com distincão, dando primeiro a ler as suas mais notaveis acçoens, e fazendo depois menção dos successos do seu Provincialado. Deixaremos as circumstancias da sua morte para as expendermos no anno de 1523, que foy o do seu felice transito: e agora faremos memoria daquellas acçoens, cuja noticia se conserva em alguns escritos, posto que com diminuicão notavel em muitas cousas essenciaes, que desejavamos saber, e não conseguimos descobrir.

§. I.

Compendio da vida deste Veneravel Provincial.

Naturalidade, e
nobreza.

530

Eleição de esta-
do.

Supra n. 166.

seu director es-
piritual.

NAsceo o famoso Padre Frey Joaõ de Santa ANNA nesta Cidade de Lisboa, de progenitores nobres; posto que não consta distintamente os nomes delles; porque a fim de se esquecer de tudo o que era do mundo, nelle tambem deixou o appellido da honrada familia, de que fora descendente. Por especial vocação renunciou as liberdades do seculo: e querendo sacrificar-se a Deos mediante o Estado Religioso, elegeo ser filho da particular adopção da Mãe de Deos na Ordem Carmelitana, por-lhe ser dedicada. Recebeo com effeito o nosso habito, e professou neste Convento patrio, onde nos poucos annos, que então contava de idade começou a dar muitos exemplos de virtude sólida. Florescia no mesmo Convento aquelle santo Varaõ, que já nomeámos, Frey Constantino Pereyra, pay espiritual de muitos servos de Deos, que desejavaõ caminhar para o Ceo pela segura estrada da mayor per-

perfeiçãõ, e cuidando em fazerse do numero dos que lhe seguiaõ as doutrinas, o tomou por seu Director. Sem ja mais buscar outros documentos para regular os progressos da vida, governou sempre a sua consciencia pelos dictames de taõ provado Mestre, que só por morte deixou de lhe administrar saudaveis exemplos.

531 Sendo insigne Latino, não se entregou ao estudo das sciencias, que dentro dos claustros exaltaõ aos seus professores: e fez por se authorisar mais pela pratica das virtudes, do que pela graduacão nas Faculdades, em que pela sua rara capacidade poderia sahir eminente. Presumem alguns, que deixara de seguir os estudos mayores, por falta do subsidio necessario para a sua conservacão nas Universidades publicas, onde esta Provincia (por Ley expressa) costumava assistir com as despezas necessarias a muitos dos seus filhos. Porém considerada a providencia, que já naquelle tempo havia a respeito dos estudos neste Convento, não se deve admittir aquella conjectura; porque he certo, que então floresciaõ os Doutores mandados ás ditas Universidades nos primeiros annos da instituicão da Provincia: e como depois de recolhidos, ensinavaõ as sciencias proprias da nossa profissãõ, assim aos domesticos, como a muitos estranhos, que vinhaõ ás nossas aulas, entre elles teriaõ devido lugar o Padre Frey Joãõ de Santa ANNA, se por este caminho quizesse alcançar estimaçoens no Mundo, e augmentos na Religiaõ. O que o divertio dessa diligencia foy a summa applicacão que teve aos exercicios espirituaes, julgando, que a arte de amar, e de viver continuamente unido com Deos lhe era mais util, do que o conhecimento das cousas naturaes, ou a especulacão das materias, que immediatamente não conduzem para a faude da alma.

532 Assim se verifica; porque logo que se ordenou de Sacerdote, deixando a Corte, e com ellatudo o que o poderia divertir da sua continua oraçãõ, acompanhou (como já insinuamos) ao seu Director, e com elle viveo quasi solitario, primeiro no Casal da Torre, onde só havia aspereza; e depois na Ermida da Senhora Santa ANNA de Colares, quando o lugar, onde agora temos o Convento, era totalmente deserto. Grande foy o gosto que sempre teve de habitar neste sitio, por ser dedicado àquella gloriosa Santa Matrona, a quem professou taõ obsequiosa devoçãõ, que até se honrou com o seu nome,

to-

Privou-se dos estudos mayores.

Razãõ porque se não adiãtou nelles

Acompanhou ao Veneravel Frey Constantino Pereira.

Supra num. 162.

Devoçãõ q teve á Senhora Santa ANNA.

296 *Chronica dos Carmelitas*

tomando-o para lhe substituir o appellido pessoal, que delectimara. Mas porque a sua virtude era manifesta, e os Prelados se precisavaõ a servir do seu prestimo em dependencias, que só queriaõ fiar da sua provada capacidade; succedeo que de huma, e outra parte o chamaraõ distintas vezes, e em todas obedeceo; por saber que este na presença de Deos he o mayor dos sacrificios.

Sua Cõstina ora-
çãõ.

533 Muito se admiravaõ todos de verem o seu continuo recolhimento. Fõra dos actos da Communidade, e das occasioens, em que naõ se devia escusar de ouvir aos ditos Prelados, todo o mais tempo gastava na meditaçãõ da vida de JESU Christo, discorrendo em cada hum dos dias da Semana em differente Passo da sua Paixaõ. E tal era o fervor com que se empregava na ponderaçãõ daquelles altissimos Mysterios, que se faziaõ perceptíveis os seus sentimentos; porque em semelhantes occasioens derramava copiosas lagrimas. Castigava continuamente o corpo com asperas penitencias. Os seus jejuns eraõ de tal modo frequentes, que os de paõ, e agua já se naõ podiaõ contar, e os ordinarios chegavaõ a ser quotidianos. Santamente inimigo contra o mesmo corpo, descarregava sobre elle taõ pezados golpes das disciplinas, que sempre o trazia lastimado: e sobre as dores, que as severas penitencias lhe causavaõ, tinha outras mortificaçoens taõ excessivas, que muitas vezes era preciso, que o Mestre do seu espirito, ou lhas moderasse, ou totalmente lhas impedisse.

Suas grandes pe-
nitencias.

Quanto obrava
por amor de
Deos,

Quando foy Vi-
gario no Hospicio
de Colares.

Supra n. 160.

534 Por amor de Deos obrava tudo o que se lhe pedia, ainda que de o fazer se lhe seguisse intoleravel trabalho. Ao seu proximo servia com pontualidade tanta, que naõ dependia de outras provas para dar a conhecer a sua ardente caridade. E sendo que o devoto Padre Frey Constantino Pereira passou desta para melhor vida, ficando elle muito na flor dos seus annos, nem por isso deixou de conservar os dictames da primeira educaçãõ: de sorte, que de pouca idade foy seu successor na Vigaria do Convento de Colares, posto que entãõ era Hospicio. He porém de advertir, que naõ entrou nesta occupaçaõ immediatamente depois da morte daquelle santo Varaõ, porque já dissemos, que lhe substituiu no emprego o Padre Frey Pedro de Chellas, segundo consta das memorias do mesmo Convento; mas fim depois deste Vigario, do qual se faz mençaõ no Auto da

da posse, que já allegamos. No mesmo tempo em que o Hospicio esteve a seu cargo, começaram as obras do novo edificio a mostrar grande adiantamento: e o Veneravel Padre o erigia com tanto zelo, que até depois de acabar a sua occupação, quando assistia habitualmente em Lisboa, visitava com frequencia a dita Capella, constituindo-se então procurador das taes obras, das quaes, por nomeação do Reverendissimo Padre Geral Fr. Pedro Terrasse (como já dissemos) veyo a ser perpetuo superintendente.

Supra num. 180.

535 Já a sua virtude era tão notoria, que criaõ nella até os menos pios, e não duvidavaõ de a confessar os mais esculpulos. Tambem ao Paço chegou a noticia das suas rigorosas penitencias: e alli começou a ser tão venerado, que os Principes por confiarem nos seus merecimentos, se encômendavaõ nas suas oraçoens, quando pertendiaõ do Ceo alguns particulares beneficios. El Rey D. Manoel, que no anno de 1495 empunhou o Sceptro desta Monarquia, foy o que fez da sua exemplarissima observancia mayor conceito: de tal modo, que celebrando-se Capitulo em Mayo de 1505 neste Convento, chegou a insinuar aos Gremiaes, que para serviço de Deos, e utilidade da Religiaõ era conveniente, que elegeassem ao Padre Fr. Joaõ de Santa ANNA Provincial; que não obstante lhe faltar o ornamento das letras, as virtudes o habilitavaõ para qualquer emprego. Prevalecendo pois a vontade do Soberano (posto que sem violencia da liberdade necessaria em semelhante caso) sahio aquelle insinuado Padre eleito Provincial: e occorreraõ na presente occasiaõ circumstancias tão admiraveis, que se chegou a entender, que Deos favorecia este facto; de sorte, que os Religiosos de graduacão, a quem a Prelasia nesta conjunctura se julgava pertencer, cederaõ voluntariamente em obsequio não só do Monarca empenhado, mas do mesmo Padre Fr. Joaõ de Santa ANNA, que á imitacão dos Santos despresadores das dignidades, fugia das que o buscavaõ; e só aceitou o Provincialado, porque lho não consentiraõ rejeitar.

Fama da sua virtude.

1505.

Gosto que El Rey D. Manoel mostrou de que fosse Provincial

*Provincial XII.
Fr. Joaõ de Santa ANNA,*

536 No seu governo exercitou acçoens tão proprias de verdadeiro Prelado, que em muitas serve ainda hoje de modelo aos successores. Elle foy o inventor da edificativa acção de servir o Provincial pessoalmente á mesa no Refeitorio em certos dias, comendo, depois que acaba a Communidade. E

Inventou o serviço á Mesa.

Traduzio em
Portuguez as cons-
tituições, e ce-
rimonial da Or-
dem

assim este, como em outros exercicios humildes foy tão singular, que a todos compungia. Da perfeita observancia das Leys da Religião foy tão zeloso, que em beneficio dos subditos menos peritos na Latinidade, para que todos as podessem guardar com melhor intelligencia, traduzio na lingua materna as Constituições da Ordem. O mesmo fez ao Ceremonial antigo, para que ninguem allegasse ignorancia nas faltas, que contra elle commettesse; fazendo-se tão declaradamente Defensor dos Ritos particulares do nosso uso, que por nenhum motivo, nem superior respeito declinava da sua devida execução. Huns, e outros escritos se liaõ na Communidade em dias determinados, para que desta maneira tivessem delles noticia os que não fossem curiosos de os estudar. Do dito Ceremonial traduzido ainda vimos huma cópia manuscrita com alguns termos proprios do nosso idioma naquelle tempo. Por esta ultima obra mereceo applauso, e foy o seu nome posto no catalogo dos Escriitores da Ordem.

Providencia cõ
os Conventos.

Supra n. 180.

Sup. n. 182.

1510.

Prorogação do
seu governo.

537 Notavel foy a sua providencia com os Conventos da Provincia, e digna de louvor a vigilancia, com que os guardava, e defendia de tudo o que no espiritual, e temporal lhe poderia causar prejuizo. Ao Convento de Colares fez a nova doação, que fica expendida, do casal da Torre para o seu patrimonio. e já dissemos, que elle fora o que alcançou do Reverendissimo Padre Geral a confirmação dèssa graça. Ao Convento da Vidigueira, que ainda no seu tempo se edificava, acodio com os subsidios, que em seu lugar se haõ de referir. Teve a felicidade, de que sendo o seu governo tão dilatado, nunca entre os Religiosos aconteceu occasião de discordias, nem os Conventos nos seus interesses experimentaraõ o mais leve detrimento; porque elle, como delvelado Pastor, sempre com os olhos abertos sobre os distintos rebanhos do Carmelo Portuguez, em cada hum dos apriscos dos seus claustros expunha a vida por defendellos; e não cedia ao mayor poder, quando lhe era preciso punir pelos seus privilegios, e segurar-lhes as isenções.

538 Tão manifestos eraõ os acertos deste bom Prelado, e andavaõ de tal modo sabidos os favores delRey feitos a elle, e por sua causa aos nossos Conventos, que chegando o quinto anno do seu governo, e querendo largalo, não lhe foy possível. Succedeo pois, que neste anno de 1510, celebrando-se em

em Napoles Congregação Geral, em que presidio o nosso Reverendissimo Frey Pedro Terrasse no oitavo anno do seu Generalato; e havendo o nosso Provincial rogado que lhe mandasse successor, ou commissão para se proceder o Capitulo, o não conseguiu. Verdade he, que a dita Congregação deixou ao arbitrio do Reverendissimo Padre Geral a nomeação do novo Provincial para a nossa Provincia: porém não obstante a repugnancia, que achava no Padre Frey João de Santa ANNA para continuar no emprego, attendendo não só ao gosto, que dava ao nosso Monarca, mas tambem ao beneficio, que fazia aos Conventos da dita Provincia, nomeou ao mesmo antigo Provincial, para que se conservasse no emprego. Obedeceu o servo de Deos; mas não desistio do empenho de dar fim á occupação, com diligencias mayores, applicadas por diferentes meynos.

vêcida a sua repugnancia

539 Faleceo no anno seguinte aquelle Reverendissimo Geral: evendo o nosso Provincial, que no anno de 1513 se convocava a Capitulo em Roma para se eleger o novo Principe da Religião, tambem se prevenio com huma renuncia, que mandou appresentar ao mesmo Capitulo Geral, para que no caso, que por algum empenho superior o quizesse conservar na Prelazia, não tivesse lugar aquella prorogação, que na presente circumstancia não poderia effectuar-se. Celebrou-se com effecto o dito Capitulo no Convento de São Martinho in Montibus de Roma, presidindo o Eminentissimo Cardeal Segismundo Gonzaga nosso Protector. Sahio eleito Geral no dia 22 de Mayo do dito anno o Reverendissimo Padre Mestre Bautista Mantuano, applaudido pelas letras, venerado pelas virtudes: e constando na presença dos illustres Padres do Gremio, por huma parte a renuncia do novo Prelado, bem fundada nos muitos annos, que contava de idade, e nos oito, que havia já presidido na Provincia; e por outra parte as supplicas dos subditos exaggerada na precisão, que havia da sua capacidade, favorecida do agrado do Rey; mandaraõ, que nesta Provincia se procedesse logo a Capitulo, até o qual teria o Provincial presente a mesma jurisdição, e que a respeito do Prelado futuro, o elegessem á sua vontade os mesmos, que depois lhe haviaõ de obedecer.

Renuncia que appresentou.

Novo Geral eleito.

1513.

540 Convocando-se pois a Capitulo neste Convento de Lisboa, aconteceu hum caso sem exemplo, e nunca imitado

Foy reeleito o mesmo Provincial.

Quem lhe alcan-
çou a conserva-
ção no lugar.

Quando acabou
o governo;

na Provincia; porque sahio reeleito Provincial o mesmo, que deo occasião ao Capitulo, a fim de se eximir do governo. Então se persuadio aquelle virtuoso Padre, que Deos assim o determinava, e que os Religiosos, que o desejavao, procediao sinceramente: em cujas circunstancias, contando de idade naquelle tempo mais de oitenta annos, foygeitou os hombros ao pezo da Prelazia com os olhos no Ceo, donde esperava que o mesmo Deos lhe mandasse o alivio, que tanto appetecia. Affirma-se, que ElRey D. Manoel lhe procurara a conservação, que depois teve no mesmo Provincialado: e só por este modo poderia permanecer os nove annos, que depois exercitou este emprego; porque resolvendo-se no mesmo Capitulo Geral, que dalli em diante os Provinciaes não tivessem mais de seis annos de governo; e havendo hum Decreto, ou Constituição do Papa Leão X passada aos 22 de Mayo de 1517, para que o governo dos ditos Provinciaes não excedesse o tempo de tres annos, he certo, que o memoravel Padre Frey João de Santa ANNA, sem especial derogação desta Ley, não exercitaria naquelle tempo os ditos nove annos de governo continuado, que se terminarao no de 1522. Veyo pois a acabar o tempo da Prelazia no anno seguinte ao da morte delRey D. Manoel, que aconteceu no de 1521; dando-se bem a conhecer, que este inclyto Monarca, em quanto lhe durou a vida, conservou aquelle Prelado no lugar, onde com a sua insinuação o collocara.

§. II.

Dá-se noticia dos Prelados Locaes deste Convento, que existiraõ, e dos successos notaveis, que acontecerão no tempo deste Provincialado.

Prior XX.
M. Fr. Gonçalo
Fialho.

Supr. num. 524.

524

Supra n. 538.

541 **N**A occasião deste mesmo Capitulo sahio eleito Prior deste Convento de Lisboa o Padre Presentado Fr. Gonçalo Fialho, sendo segunda vez chamado para o dito emprego, que da primeira vez começou a exercitar no anno de 1499. Teve agora o vigesimo lugar no Catalogo dos taes Prelados. Governou com os acertos, que delle se esperava, cinco annos, que se contarao até o de 1510; tempo, em que o Padre Provincial devia acabar de ser Prelado mayor. Mas como (segundo o que acima dissemos) foy novamente constituido no emprego, sahio então eleito Prior do dito Con-
vento

Tomo II. Parte III. 301

vento de Lisboa o authorisadissimo Padre Presentado Fr. Christovão Moniz, de quem não individuaamos agora as memorias, porque as reservamos para lugar mais competente, qual he o do seu Provincialado. Foy o vigesimo primeiro em numero a respeito dos outros Priores. Já naquelle tempo os seus merecimentos o habilitavaõ para os cargos: e nestes da Religiaõ se deo a conhecer benemerito da dignidade Episcopal, que lhe foy conferida com as nobres circumstancias, que entaõ lhe engrandeceraõ a pessoa, e agora lhe eternizaõ a memoria.

Prior XXI.
Fr. Christovão
Moniz.

542 Logo que entraraõ no governo o Provincial, e o Prior Frey Gonçalo Fialho, no mesmo anno de 1505 venceram o grande pleito, que este Convento de Lisboa teve com Duarte Brandaõ, de quem no Tomo I. da nossa Historia fallamos, Fidalgo da casa del Rey, e Senhor da villa de Buarcos. E porque esta noticia envolve particularidade notavel, que deve ser lembrada, não he razãõ que a deixemos em silencio. Havia o dito Cavalhero aforado para si a este Convento o Moinho de Corroyos, do qual acima fallamos, com apensãõ de nove moyos de trigo, que lhe pagaria em cada hum anno. E faltando a esta condiçaõ, com grande detrimento da Communidade, prejudicada naquella diminuicaõ da sua renda, foy preciso, que por justiça se lhe tirasse o dito moinho: para o que mostrou o Convento a nullidade, que houve no contrato; porque o Santo Condestavel deixara o dito moinho para seu patrimonio com a declaracãõ, de que nunca seria aforado a pessoa alguma defesa em Direito, e com as qualidades, que se provavaõ no dito Duarte Brandaõ, o qual era na realidade pessoa poderosa, e de proba nobreza; predicaos, que sendo os mais honorificos para as estimaçoens do Mundo, só para celebrar validamente o tal contrato lhe serviraõ de impedimento.

Pleito, em que
vencemos a Du-
arte Brandaõ.

Tom. I. n. 1394.

Sobre o afora-
mento do moi-
nho de Corroyos

Supra num. 507.

Julgou-se por
nullo.

543 Conseguida com effeito pela nossa parte sentença no Juizo das Capellas, se meteo este Convento novamente de posse do tal moinho, que achou damnificado, e fez consideravel despeza na sua reedificaçaõ. Conhecendo entaõ os Prelados por experiencia o grande prejuizo, que o Convento recebia de semelhantes aforamentos; não só pelas ruinas, que sobrevinhaõ ao edificio, mas pelas vexaçoens, e violencias, que respeitavaõ aos Religiosos; excitados do heroico zelo que tinham dos bens do dito Convento, sollicitaraõ opportuno remedio pa-

Nova posse do
moinho.

Recurso ao Papa
Julio II.

Documen-
to XXIII.

B R E V E
do Papa Ju-
lio II. para
se não a fo-
rar o moinho
de Corroyos.

para que os seus successores em nenhum tempo houvessem mais de aforar o dito moinho. O mais prompto que lhes occorreo, foy pedirem ao Papa Julio II, que nesse tempo governava a Igreja de Deos, hum Breve, pelo qual prohibisse debaixo de graves penas aos ditos Prelados o aforarem o dito moinho a pessoas de distincão, visto ser esta a ultima vontade, de quem o doara: o que ouvido de Sua Santidade, passou o dito Breve no anno de 1507, do qual damos a ler huma cópia entre os documentos, e aqui o transcreveremos traduzido na lingua materna pelo theor seguinte.

544

„ **J**ulio Papa. Aos amados filhos Carmelitas sa-
„ de, e Apostolica benção. Por quanto pela vos-
„ sa parte nos foy exposto, que o Conde cha-
„ mado Nuno Alvares Pereira, além de fundar o vosso Con-
„ vento de Nossa Senhora do Carmo da Cidade de Lisboa,
„ deixou para sustento vosso hum certo moinho, que está no
„ termo de huma villa, cujo nome he Almada, do Arcebispa-
„ do de Lisboa, com condição, que o tal moinho nunca seria
„ aforado a pessoas poderosas. E por quanto correndo o tempo,
„ os Religiosos do dito Convento o aforaraõ, e alienaraõ a cer-
„ tas pessoas nobres, e poderosas contra a vontade, e mandado
„ do dito Conde, de que resultaraõ grandes damnos ao dito
„ Convento, assim nas injurias dos Religiosos, como na perda
„ da fazenda. E inclinados á vossa petição, mandamos a vós, e
„ aos Prelados, que ao diante forem do dito Convento de
„ Nossa Senhora do Carmo de Lisboa, de qualquer grão,
„ ou condição que forem, que de hoje em diante não possaõ
„ aforar, nem alienar debaixo de qualquer pretexto, ou titulo
„ que for, o dito moinho ás taes pessoas nobres, e poderosas
„ prohibidas pelo Direito, e pelo dito Conde: o que vos man-
„ damos com pena de excommunhaõ *lata sententia*, assim aos
„ que o aforarem, e alienarem, como tambem aos que o rece-
„ berem aforado, e alienado: o que entendemos *ipso facto*, e
„ sem nenhuma outra declaração. Da qual excommunhaõ não
„ poderãõ ser absolutos, senão pelos Romanos Pontifices,
„ excepto no artigo da morte, dando primeiro a satisfação de-
„ vida. De mais do que mandamos pelas presentes letras, que
„ os ditos aforamentos, e alienações, que nos ditos moinhos se
„ fizerem, sejaõ invalidos, nullos, e de nenhum vigor ainda
„ que

Tomo II. Parte III.

303

„que sejaõ feitos com ignorancia, ou com sciencia. Dado em Ro-
„ma no Palacio de S. Pedro, debaixo do final do Pescador em
„oito dias de Outubro, e no quarto anno do nosso Pontificado.

545 Todas estas cousas eraõ patentes a ElRey, que
amava muito ao Provincial, e para tudo o que cedia em utilida-
de, assim dos Conventos em particular, como geralmente da
Provincia, concorria, quando o mesmo Prelado o occupa-
va. E como lhe pareceo mal, que os Religiosos por meyo de
aforamentos alienassem os taes moinhos, havendo-os o Santo
Condestavel deixado para patrimonio do Convento de Lisboa;
informado tambem dos damnos, que este mesmo Convento re-
cebera do aforamento feito a Duarte Brandaõ, em cujo poder,
naõ só o moinho, mas as fazendas annexas padeceraõ notavel
detrimento; tomou a resolução seguinte. Mandou por hum seu
Alvará, que nunca mais se fizesse aforamento do tal moinho de
Corroyos a nenhuma pessoa sem expressa ordem sua, sobpena
de ficar o dito aforamento nullo. No mesmo Alvará mostrou,
que obrava daquella maneira, naõ por lhe ser assim pedido;
mas por zelo da Religiaõ, querendo que a Comunidade de
Lisboa em nenhum tempo experimentasse por aquella parte
prejuizo semelhante ao que sentira de presente. Aqui transcre-
veremos o dito mandado delRey, que sendo feito por carta,
tambem se lhe deo o nome de Alvara, e he deste theor.

Como ElRey D.
Manoel concor-
reo para o moin-
ho.

Seu zelo nesta
parte.

546 „EU ElRey mando a vós Provincial do Mos-
„teiro de Santa Maria do Carmo de Lisboa,
„que nós sabemos, que tendes humas asenhas no termo da villa
„de Almada, onde chamaõ Corroyos, as quaes leixou o Con-
„destabre D. Nuno Alvares ao dito Mosteiro para sustentamen-
„to dos Frades, e pessoas delle; e muitas vezes sois requerido
„por algumas pessoas, que lhas aforeis, o que fazia muito pre-
„juizo á dita casa. Pelo que vos encõmendamos, e mandamos,
„que naõ aforeis as ditas asenhas a nenhuma pessoa, quem quer
„que seja, sem nosso especial mandado: e fazendo-se o contra-
„rio, havemos o tal aforamento por de nenhum vigor. Com-
„pri-o assim. Feita em Lisboa aos vinte e seis de Julho. Damiaõ
„Dias a fez anno de mil quinhentos, e doze. Rey.

ALVARÁ
delRey D.
Manoel para
se naõ afo-
rar o dito
moinho.

547 O mesmo confirmou ElRey D. João III. seu filho,
segundo consta do que se lê nas costas do original, e diz assim:

Cõfirmação delRey
D. João III.

Eu

1518.

Segundo Visita-
dor Estrangeiro
que veyo a esta
Provincia.

Edificado da sua
boa observancia.

o Provincial
constituido Vi-
gario Geral.

Eu ElRey hey por bem, e mando, que este Alvarà delRey meu Senhor, que santa gloria haja, destoutra parte escrito, se cumpra, e guarde assim, e da maneira, que nelle he contheudo; porque assim me praz. Feito em Evora aos sete de Junho. Antonio Paes a fez anno de mil quinhentos, e vinte e quatro. Rey. O dito original se guarda no Cartorio deste Convento em huma gaveta chamada *dos Reys*: e he certo que estas resoluçoens de Sua Santidade, e dos Reys valeraõ muito; porque até o presente sempre o Convento conservou por sua conta o dito moinho, e fazendas annexas, livres do detrimento, e prejuizo, que sem esta providencia naõ poderia evitar.

548 No anno de 1518 veyo visitar esta nossa Provincia Portugueza o Provincial actual dos Carmelitas de Aragoã, que era o Padre Mestre Frey Pedro de Estancia, Varaõ insigne, e pelas suas grandes prerogativas memoravel. O Reverendissimo Padre Geral Fr. Bernardino Landuccio, que havia sido eleito no anno antecedente de 1517, foy o que o nomeou, e lhe deo commissão para esta visita Geral das Provincias de Hespanha, em que tambem se incluia a de Portugal. Chegando pois o dito Visitador Commissario Geral a exercitar o seu emprego nos Conventos da dita Provincia, ficou taõ edificado da sua boa observancia, que nada teve que emendar, e só achou muito que applaudir a respeito do desempenho, com que cada hum dos Prelados procedia na sua obrigaçaõ: de sorte, que veyo mais a servir de testemunha da sublime virtude do Provincial, e da grande sabedoria do Prior deste Convento de Lisboa Fr. Christovão Moniz, do que a outro effeito. Assim o mostrou; porque voltando deste Reyno sem innovar, nem reprehender na Provincia cousa alguma, tanto engrandeceo os dous Prelados na presenca do Reverendissimo Padre Geral, que este se precisou a fazer huma publica demonstraçaõ do seu agradecimento, dando a cada hum distincto premio, que pareceo diminuto a respeito do muito, que mereciaõ ambos.

549 Ao Provincial mandou huma honorifica patente, pela qual o constituiu seu Vigario Geral neste Reyno; occupaçaõ, que exercitou nos dous ultimos annos do seu governo. Ao Prior confirmou neste mesmo emprego por outra naõ menos attenciosa patente, que com grande repugnancia foy aceita, mas por virtude della proseguio este Prelado até acabar o go-
ver-

verno juntamente com o do Provincial, no anno (acima declarado,) de 1522. Entaõ veyo a ter o insigne Padre Frey Christovão Moniz 12 annos de Prelado Local; e o virtuoso Padre Fr. João de Santa ANNA 17 de Provincial, posto que se achava já em idade decrepita, porque contava pouco menos de cem annos.

550 No tempo destes dous Prelados, por devoção do Prior, se trasladaraõ os veneraveis ossos do Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira do pavimento da Capella Mór para o tumulo de alabastro, que entaõ se havia collocado em outra pequena Capella, fabricada para o intento: e se celebrou essa função com a solemnidade, e circumstancias, que no Tomo I. da nossa Historia referimos. O mesmo Prior fez neste Convento, e na Igreja delle muitas obras, especialmente na dita Capella Mór, a qual ornou de retabolo, e pinturas, como tambem ficou dito: e por sua morte, depois de ser Bispo, e de estar fóra da Religião, deixou para o uso da mesma Igreja algumas alfayas preciosas, que havemos de declarar, quando na occasião de lhe escrevermos a vida, fallarmos á cerca do seu testamento.

551 Faleceraõ na Provincia em todo o tempo, que durou o presente governo, 35 Religiosos; alguns dos quaes muito se especialisaraõ pelos empregos, que tiveraõ, e pelas virtudes, que exemplarmente praticaraõ. Os mais famosos foraõ o Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja, Provincial X, que acabou o governo no anno de 1502, e teve a gloria de fundar o nosso Convento da Vidigueira, deixando-o por sua morte bastante adiantado por causa do seu extraordinario zelo, que applicou em continuar as obras daquelle sagrado Edificio. Os Padres Fr. João Galego, e Fr. João Namorado, ambos Priorres, que foraõ deste Convento de Lisboa: o primeiro (que foy o XIX) no Provincialado antecedente; e o segundo, (que foy o XIV) no anno de 1493. Do primeiro consta, que nos deixou admiraveis exemplos de virtudes heroicas; e do segundo sabemos, que além de merecer pelo seu religiosissimo procedimento grande opiniaõ de virtude, lograva na Corte boa estimação, não só das pessoas particulares, mas tambem dos Principes, que o honravaõ a elle, e por sua causa utilizavaõ os nossos Conventos. O Padre Frey Pedro Namorado da nobre familia do seu appellido: O douto Padre Mestre Frey Estevoão da Resurreição,

Supra. n. 540.

Tempo que governaraõ os dous Prelados.

Trasladação do Santo Condestavel,

Tom. I. n. 1031.

35 Religiosos falecidos.

Nomes de alguns

que com grande credito da Religião havia lido Artes, e ensinava actualmente Theologia. O modesto Padre Presentado Frey Bartholomeu de Moraes; os reformados Padres Presentado Fr. Antonio de Gouvea, Frey Pedro de Andrade, e Frey Paulo da Annuniação.

Nomes de outros Religiosos famosos.

552 Acabaraõ tambem a vida temporal, deixando firmes esperanças, de que foraõ gozar a eterna, o reformadissimo Padre Mestre Frey Jeronymo de Santa Maria, que no triennio passado tivera o emprego de Provincial, governando a Provincia com tal prudencia, que ficou memoravel: O Padre Frey Alvaro da Estrella, dotado de muitas prerogativas. O venerado Irmaõ Frey Mathias de JESUS, que professando a vida activa, e podendo seguir o estado Sacerdotal (para o qual teve conhecida sufficiencia) quiz por vontade propria servir a Deos nos ministerios humildes, que só exercitaõ os Religiosos Convertos: além de outros (que por menos conhecidos não lhes transcrevemos os nomes.) O Padre Frey Joaõ das Reliquias, tomado o cognome da invocação da Mãe de Deos, que preside na Igreja do nosso Convento da villa da Vidigueira, cujas noticias individuaremos neste lugar, que pela Chronologia dos annos he o mais proprio.

CHRONICA DOS CARMELITAS

DA ANTIGA, E REGULAR OBSERVANCIA
Nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios.

P A R T E IV.

DA FUNDAÇÃO, E DE TUDO O MAIS, QUE PERTENCE
ao nosso Convento da villa da Vidigueira.

C A P I T U L O I.

*Da-se particular noticia desta villa, e do sitio, onde se fundou
o nosso Convento.*

553 **A** VILLA da Vidigueira, hoje memora-
vel entre as mais famosas da Provincia
do Alemtejo, está fundada em hum a vis-
tosa, e alegre planicie na distancia de
sete leguas da Cidade de Evora para a parte do Sul; e de qua-
tro para o Nordeste da Cidade de Beja, em cuja Comarca
se comprehende. Teve principio na pequena Aldea, que huns
affirmaõ estar no sitio chamado *Alfayates*, e *Ferrarias* na var-
zea do Zambujal; outros a suppoem junto á Ermida de Santa
Clara. O seu primeiro nome foy *Videira*, por causa da quanti-
dade de vinhas, das quaes he o seu territorio fecundissimo. No
tempo delRey D. Affonso III. era esta povoação diminuta: e
porque o dito Monarca cuidou muito no augmento da Cidade
de Beja, povoando-a de novos moradores, e procurando os
meyos convenientes, para que os lugares da sua visinhança se
houvessem de ampliar; deo as terras daquella villa ao Mestre
Thomé, Thesoureiro da Sé de Braga, para que este, pelo do-
minio que nellas tinha, as mandasse povoar de casaes vindos da
Diocese, em que residia, por ser abundante de gente menos
abastada, que na Vidigueira (como depois a denominaraõ) te-
ria melhorada accommodação. O insigne Padre Bluteau diz,

Tom. II.

Qq 2

que

Sua situação

Seu primeironõ
me, e etymolog
gia.

que fora ElRey D. Sancho II, o que fizera a dita mercê áquelle Thesoureiro: porém averiguado o tempo, julgamos ser mais certa a noticia, de que a fizera o Monarca seu successor.

Senhores, que a
possuiraõ, e mã-
daraõ povoar.

554 Com effeito assim o executou o Mestre Thomé: e depois que a povoação cresceu com o mayor numero de visinhos, a deixou com as terras adjacentes a seus sobrinhos, e herdeiros Pedro Fernandes, que era Conego, e Pedro Peres Ragoeiro da mesma Sè, Martim Annes, e Vasco Annes. Porém estes alienaraõ a dita povoação, transferindo o dominio, que nella tinhaõ, ao Arcebispo D. Martinho de Oliveira; o qual desejoso de possuir huma herdade chamada *Chão da veleira*, fez troca com ElRey D. Diniz por Escritura celebrada em São Francisco de Lisboa aos 13 de Agosto de 1306; dandolhe a dita Vidigueira, e recebendo aquella herdade, onde passados dous annos instituiu o grande Morgado de Oliveira, do qual este sitio he a cabeça. O Rev. Antonio Carvalho da Costa deixou escrito, que a dita troca se fizera no anno de 1304, e que o morgado se instituiu no de 1306. Porém a noticia que damos, he participada pelo insigne indagador de semelhantes antiguidades, o Padre Frey Francisco de Oliveira da Sagrada Ordem dos Prégadores, a quem devemos grande parte do que ácerca desta villa referimos.

Chovegr. Port. tom
2. pag. 480 in fi-
ne.

Mercê que del-
la fez ElRey D.
Diniz.

555 ElRey D. Diniz em 7 de Outubro de 1315 fez mercê desta povoação, e terras da Vidigueira a sua sobrinha Dona Isabel, filha de seu irmão D. Affonso, senhor da Cidade de Portalegre, e mulher de D. João senhor de Biscaya; a qual senhora gozou desta mercê juntamente com sua filha Dona Maria, e sua neta Dona Joanna. ElRey D. Fernando em 7 de Julho de 1367 a deo a Vasco Martins de Melo, para que tivesse o dominio della só em sua vida: e como esta lhe durou pouco, depois de feita a mercê, logo no anno seguinte, que foy o de 1368, o mesmo Monarca em 6 de Janeiro a deo a sua filha illegitima Dona Isabel, senhora de poucos annos, para a possuir, quando tivesse idade de casar (como estivera ajustado) com D. João Affonso de Menezes. Este casamento se desfez; porque se veyo a celebrar com D. Affonso, Conde de Gijon, filho tambem não legitimo delRey D. Henrique II de Castella, de cujo illustissimo consorcio deduzem o seu alto principio, além de outras grandes casas, que se extinguiraõ, a dos Marquezes de Angeja, a dos

dos Condes de Arcos, e de Valladares com o appellido de *Noronha*.

556 ElRey D. Joaõ I fez mercê da mesma povoação com todas as suas terras ao nosso inclyto Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e se entende que foy no anno de 1385. Quando este magnanimo Heroe repartio as terras, que o dito Monarca lhe havia dado, com os criados, e companheiros, que na campanha o ajudaraõ em defenſa da Coroa Portugueza, largou parte das rendas da Vidigueira, e as deo no anno de 1393 a Affonso Esteves Perdigaõ. No anno de 1412, querendo El-Rey revogar as mercês das terras doadas, para as encorporar na Coroa, ponderadas as consequencias, que já no Tomo I ficaõ escritas, succedeo, que por hum amigavel concerto veyo outra vez a Vidigueira com as mais terras adjacentes para o poder do Santo Condestavel. Este senhor fez depois firme doação della em 4 de Abril de 1422 a seu neto D. Fernando Marquez de Villa-Viçosa, que tambem foy Duque de Bragança. Nesta grande casa ficou o dominio da dita villa, até que o Duque D. Jaime por hum a Escritura celebrada na Cidade de Evora em 17 de Novembro de 1519 a largou ao famoso descobridor da India D. Vasco da Gama, que em satisfação lhe deo quatrocentos mil reis de juro, e quatro mil cruzados em dinheiro.

557 A esta villa deo foral ElRey D. Manoel, achando-se em Lisboa no primeiro de Junho de 1512; e della fez Conde ao mesmo D. Vasco da Gama, a quem honrou com outras mercês dignas dos seus grandes merecimentos. Nesta illustrissima casa se conserva o dominio da dita villa, cujos Condes saõ juntamente Marquezes de Niza. Com o tempo se foy augmentando a mesma villa de tal modo, que actualmente consta de 656 fogos, em que se comprehendem pouco menos de tres mil pessoas; pois havendo curiosidade em se examinar este numero, consta, que só as pessoas que chegaõ á Sagrada Mesa da Communhaõ, vem a ser duas mil trezentas, e vinte e seis. He cercada de largos, e fermosos rocios, em hum dos quaes está fundada a Igreja Matriz, que he a terceira das que se tem destinado para se administrarem nella os Sacramentos aos Fiéis.

558 A primeira foy a Ermida de Santa Clara, a qual ainda servia de Parochia no anno de 1534, porque entaõ a visitou o Padre Luiz Alvares de Proença. A segunda foy a Ermi-

ElRey D. Joaõ I
a quem a deo

Doada pelo Santo
Condestavel

D. Vasco da Gama
Conde desta
villa.

Noticia, e descripção da
mesma villa.

Sua Igreja Matriz.

310 *Chronica dos Carmelitas*

da, que houve de Santa Margarida, edificada no sitio, onde no anno de 1620 se erigio a Casa da Misericordia; ficando a tal Ermida dentro do seu claustro, onde hoje he celeiro, porque a Imagem da Santa se trasladou para a Igreja da mesma casa. E como a dita Freguezia era rendosa, succedeo, que D. Francisco da Gama Conde II da Vidigueira apresentou nella seu filho D. Manoel da Gama, cuja apresentação foy confirmada por Breve do Papa Pio V, passado em 10 de Outubro de 1570, e remetido ao Deam de Evora, Simão Mascarenhas, para que delle fosse o executor. Porém o dito D. Manoel da Gama renunciou a tal Igreja ao Padre Pedro Lopes Pinto, deixando reservada para si huma grossa pensão. Veyo este fidalgo a padecer depois grandes trabalhos; por quanto no tempo das alteraçoes deste Reyno, quando Castella se introduzio nesta Côroa, seguiu o partido do senhor D. Antonio Prior do Crato, e por essa causa esteve muitos annos prezo no Convento de Avís.

D. Manoel da
Gama.

Fundador da
nova Matriz.

559 A terceira Igreja he a de São Pedro erigida determinadamente para Parochia, onde agora se administra os Sacramentos. Foy edificada á custa do Prior já nomeado Pedro Lopes Pinto, natural de Cuba, lugar, que na grandeza, e numero de moradores excede a muitas, e famosas villas. He a dita Igreja de tres naves, magestosa, e bem ornada. Tem seu Thezoureiro, e Beneficiados, que ajudaõ a celebrar os Officios Divinos. No retabulo da Capella Mór preside a Imagem de São Pedro, tendo aos lados as de Santa Clara, e de Santa Margarida, por haverem sido Oragos daquella Igreja, posto que em differentes sitios. O dito Prior levantou este sagrado padraõ, que lhe eterniza a memoria; dando fim ao edificio no anno de 1590; porque no primeiro de Abril deste dito anno elle mesmo celebrou alli a primeira Missa. No Coro, onde se depositou o seu corpo, se lê o seguinte epitafio: *Sepultura do Padre Mestre Pedro Lopes Pinto, Prior que foy desta Igreja 38 annos: em seu tempo se fez, e acabou. Faleceo dia de Nossa Senhora da Conceição de 1614 annos.*

Imagẽ de Christo
milagrosa.

560 Na Capella Mór da Igreja da Misericordia (que se affirma ser fundada no anno de 1620) ha huma milagrosa Imagem de JESU Christo Crucificado, que pelos continuos beneficios feitos aos Fiéis he com frequencia visitada, não só dos moradores da villa, mas dos povos de todo o Alentejo, que na sua

Tomo II. Parte IV.

311

sua santissima presença vem de romaria offerecêr votos ; pretendendo huns o remedio de suas urgentes necessidades, e gratificando outros os favores , que do mesmo Senhor maravilhosamente recebem. Foy naquelle lugar collocada no dia 27 de Mayo de 1691 depois de huma solemne procissão disposta por D. Vasco Luiz da Gama, VII Conde da Vidigueira, VII Almirante do mar da India, e III Marquez de Nisa. Este Cavalhero foy hum dos que em seus hombros a conduzirão da Matriz para aquella Igreja, interessando-se no applauso, por ser a Santa Imagem dadia de sua Mãy Dona Brites de Vilhena, filha dos Condes de Obidos, e segunda mulher de D. Francisco Luiz Balthasar da Gama VI. Conde da Vidigueira, VI Almirante do mar da India, II Marquez de Niza, Deputado da Junta dos Tres Estados, General da Cavallaria da Provincia da Beira, Governador do Reyno do Algarve, e dos Conselhos de Estado, e Guerra.

Quando foy collocada.

561 Houve no mesmo dia huma grandiosa festa, para a qual concorreraõ com especialidade os nossos Religiosos. Pregou com a sua costumada erudição o Padre Mestre Fr. Antonio de Almeida, hum dos mais authorisados sogeitos desta Provincia, que do mesmo Convento da Vidigueira era Prior; e depois de occupar outros honorificos lugares, faleceo no Convento de Setuval aos 11 de Novembro de 1724, com o predicamento de Provincial absoluto, e Definidor perpetuo. Substituiu esta Sagrada Imagem o lugar de outra semelhante mais antiga, á qual a Rainha Dona Luiza de Gusmaõ, pela saude delRey D. Afonso VI, deixou renda certa, para se conservar na sua presença sempre acesa huma alampada.

Festa solemne, que se fez.

562 Ha tambem na Vidigueira hum Convento de Religiosos Capuchos da reformada Provincia da Piedade, que lhes fundou no anno de 1545 D. Francisco da Gama, II Conde desta villa, II Almirante do mar da India, e Estribeiro Mór delRey D. Joaõ III. O Reverendo Antonio Carvalho da Costa affirma, que a dita fundação fora no anno de 1595: mas não tem razão ; porque computado o tempo da existencia daquelle Cavalhero claramente se vé, que tem o Convento 50 annos de mais antiguidade, da que o nomeado Author lhe attribue. Era porém o sitio da primeira fundação de tal modo doentio, que os Religiosos o largaraõ, buscando outro laudavel, em que eri-

Convento dos Religiosos Capuchos

erigirão novo Convento, onde actualmente residem. Deste segundo se lançou a primeira pedra em 18 de Julho do anno de 1701. No de 1716 começaram a viver nelle de assento os Conventuaes, e na sua Igreja celebrou a primeira Missa o Provincial daquella Santa Provincia Frey Lourenço de Evora, tão conhecido, como respeitado pelas suas grandes virtudes.

Recolhimento no
bre de Carme-
litas:

563 Ha de mais hum famoso Recolhimento da nossa Ordem com toda a regularidade, e boa observancia de hum perfeito Convento. A este dêraõ principio duas irmãas nossas Terceiras, ambas naturaes da Cidade de Beja, e de vida muito exemplar; as quaes levando comfigo outras servas de Deos animadas de igual espirito, e vestindo o habito das nossas Freiras, menos só o véo preto indicativo da profissão solemne, abraçando inteiramente o nosso Instituto, alli fizeram entrada, e começaram a viver em Communidade em dia do Espirito Santo 20 de Mayo de 1668. Governava então a Provincia o erudito Padre Presentado Frey Jorge Cotrim, em cujo Provincialado (como em lugar competente) daremos distinta noticia, não só dos nomes, e particulares virtudes daquellas Veneraveis Fundadoras, mas de tudo o que acharmos pertencer a este sagrado edificio; que posto não he da nossa obediencia, sempre pelo Carmelitano Instituto, que no dito Recolhimento se professa, dentro dos limites desta Provincia, se constitue parte consideravel da nossa Historia.

Ermidas da villa

Imagem nota-
vel de S. Rafael

564 Além das Ermidas, que se conservaõ na villa, a saber, de São Braz, São Sebastião, São Pedro, e Santa Clara, ha huma fora da povoação, e mais que as outras memoravel, dedicada a São Rafael, na qual se guarda, e he religiosamente venerada a devota Imagem de vulto deste milagroso Anjo, de quem tomou o nome a não, em que o famoso D. Vasco da Gama passou a descobrir a India. Affirma-se por certo, que esta fora a primeira Imagem daquelle Principe Celestial, que se esculpio, e se venerou no Reyno: de sorte que levando-a D. Vasco da Gama comfigo no seu primeiro descobrimento, ficou reconhecido por especial Protector das navegaçoens de Portugal para o Oriente; e succedendo hir segunda, e terceira vez o mesmo triunfante Argonauta áquelle Estado, sempre navegou debaixo do feliz auspicio deste glorioso Anjo, a quem recorria, e mediante a sua Santa Imagem, que lhe fazia sociedade, não hou-
ve

ve empreza, da qual não sahisse com honra propria, e com reputação das armas Portuguezas.

565 Na eminencia do Rocío principal, onde se lavrou a Igreja Matriz, está o Castello, fabricado não só para defensão, mas para nobreza da villa. He hum dos melhores de toda a Provincia: e hoje serve de aposento aos mesmos senhores da Vidigueira, porque tem palacio capaz de accommodar as suas grandes familias. Na mesma figura mostra a gloriosa antiguidade da primeira fundação, que se attribue ao Duque de Bragança D. Fernando, em tempo, que possuio a dita villa: e se algum dos Illustrissimos Marquezes de Nisa se occupou em fazer alli algumas obras, foraõ por modo de augmento, ou reedificação da primeira fabrica; porque he certo, que os fundamentos se lançaraõ naquelle lugar, antes que estes senhores actuaes da Vidigueira tivessem della o dominio, a posse, e o titulo.

566 Tem esta villa produzido esclarecidos filhos, que lhe daõ gloria immortal, e por elles muito se authoriza. Foy Patria do famoso Achilles Estação, de quem se encontraõ impressos elegantes elogios. Della saõ naturaes, o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, Instituidor dos exemplarissimos Missionarios do Seminario de Varatojo, donde se transplantaraõ para o reformado Convento de Brancânes; e seu irmão o Virtuossimo Padre Frey Francisco das Chagas, ambos professores do mais severo Instituto do Patriarca São Francisco. Alli nascerãõ os insignes Padres Jesuitas Antonio Colaço, Gabriel de Matos, e Luiz Lopes. Foy tambem patria do esclarecido D. Christovão da Gama, estimado geralmente por Santo pelo illustre martyrio, que com invicta constancia, confessando a Fé de Christo, padeceo nas mãos do cruelissimo Rey de Zeyla; e do nosso Veneravel Carmelita Frey Antonio de Deos, de quem já escrevemos a vida no Tomo I. e de outros servos do mesmo Senhor, cujas memorias se acharãõ individuas nos lugares competentes dentro dos seguintes volumes.

567 Na distancia de hum quarto de legua da dita villa para a parte do Nascente ha hum dilatada varzea, cuja terminante baliza para a mesma parte he a ferra, que se continúa com a de Portel. Pelos outros rumos correm alguns montes medianos; mas de tal modo, que deixaõ a varzea bastante-mente desasombrada. O sitio he aprasivel: e pela visinhança

Capella, e sua ne-
ticia,

Filhos esclareci-
dos da Vidiguei-
ra,

Sito do nosso
Convento.

de hum monte mais levantado, posto em certa proporção, e figura (segundo dizem os que pessoalmente visitaraõ os Santos lugares da Palestina.) tem notavel semelhança com o valle, ou horto de Gethsemani ao pé do monte Olivete,, onde antigamente,, te houve hum linda villa do dito nome. Era o lugar, em que,, os Sacerdotes da Ley mandavaõ pastar alguns dias os animaes,, que haviaõ de ser offerecidos em sacrificio. Depois da instituição da Sagrada Eucharistia foy o Senhor com tres discipulos, Pedro, Jacobo, e Joaõ, a este horto, para se dispor ao Sacrificio de si mesmo no altar da Cruz. Donde procedeo amar o nosso Veneravel Padre Fr. Esteveaõ da Purificação tanto a este retiro, que nelle fez a sua mayor assistencia, e sempre contemplava nos altissimos Mysterios daquelle Passo, em que a Paixão do Nosso Redemptor teve principio. Aqui pois, onde os Naturaes antigamente chamaraõ o Zambujal, e hoje varzea das Reliquias, se acha edificado o Nosso Convento pelo modo, e com as particularidades, que constaõ dos firmes monumentos dos nossos Archivos.

C A P I T U L O II.

Do grande prodigio, que deo occasião a se fundar a primeira Ermida dedicada á Virgem Nossa Senhora das Reliquias, a qual nos foy concedida por especial mercê.

568

Nomes, e pays
de hum virtuosa
Pastora.

NO monte dos *Alfayates* immediato á varzea desta villa, aonde actualmente habitaõ dous visinhos, vivia hum devoto lavrador, chamado Pedro Affonso com sua mulher Margarida Fernandes. Tinhaõ hum filha donzella, cujo nome era Maria, que costumava guardar o gado. Em hum manhã de Inverno, havendo de sahir pela mayor força do frio ao seu quotidiano exercicio, pedia á mãy que lhe dêsse pão para o almoço. A mãy lhe respondeo com verdade, dizendo, que o não havia em casa; e que fosse (como era preciso) acompanhar o gado; porque ella ficava para amassar, e cozer o pão, que acharia prompto para o comer, quando se recolhesse. Obedeceo a virtuosa menina sem replica: e conduzindo o gado para a varzea, assim que

que alli chegou, sentando-se debaixo de hum zambugeiro, foy taõ opprimida da fome, que por falta de sofrimento se poz a fazer hum grande pranto. Ao mesmo tempo percebeo huma voz, que do alto, proferindo primeiro o seu nome, lhe perguntou, porque chorava? Acodindo ao doce ecco, levantou os olhos, je vio sobre a mesma arvore huma fermosissima Senhora cercada de celestiaes resplandores, que pronunciando o seu proprio nome, outra vez lhe perguntou, porque chorava? Respondeo a menina com sinceridade propria dos seus poucos annos, dizendo: *Que chorava, porque sendo tempo de frio, a mandaraõ para aquelle trabalho, sem lhe darem paõ para comer.*

Onde vio a Nosa Senhora

569 A soberana Mãy de Deos, que em huma sua Imagem se lhe dava a ver, e milagrosamente lhe fallava, depois que a ouvio, lhe mandou, que fosse a casa, e tornasse a pedir paõ á mãy: e no caso, que lho não désse, lhe segurasse, que o acharia na arca, onde o costumava guardar: e que entre tanto ella lhe teria cuidado no gado, até que voltasse. A venturosa menina executou promptamente o mandado da Senhora: e assim que chegou a casa, sabendo que a mãy não tinha ainda amassado, instou com ella, para que fosse á arca do paõ a buscalo, certificandolhe, que infallivelmente o havia de achar. A mãy, querendo dar á filha o ultimo defengano, a chamou, e abrio na sua presenca a arca: mas entaõ ficou sobremaneira admirada; porque com effeito estava a dita arca cheia de paõ, sem saber quem, e de que modo alli o metera. Inquirindo pois da mesma menina as circumstancias do presente caso, e ouvindo-a referir o que na varzea lhe acontecera, justamente creio, que o successo era milagroso. Delle deo conta ao marido, e este o participou logo aos visinhos do lugar; os quaes alvoroçados com a novidade, vieraõ em seguimento da menina até o zambugeiro, que ella lhes mostrou; e sobre esta arvore, não só acharaõ a Santa Imagem da Mãy de Deos, mas para mayor abono da maravilha, todos viraõ os rayos de luz, que por huma idea ineffavel lhe compunhaõ throno, e ornato de celestiaes resplandores.

Obediente ao seu mandado,

Paõ achado na arca,

570 Com os joelhos em terra veneraraõ o apparecido portento, sem acabarem de examinar o mesmo que viaõ: de forte, que ficando huns reverenciando a Sagrada Imagem, outros foraõ apressadamente á Vidigueira (por ser a povoação, que lhes ficava mais proxima) a publicar o successo na presenca dos seus

Invocação da Santissima Imagem da Senhora das Reliquias.

moradores. Logo que estes receberam tão maravilhosa noticia, concorreram em companhia de dous Sacerdotes á varzea, onde depois dos obsequios, a que se podia estender a devoção de cada hum, e acabando-se de averiguar as particularidades da maravilha, obraram da maneira seguinte. Dispuzeram huma solemne procissão composta do muito povo, que ao ecco daquellas primeiras vozes se veyo juntando; e com a decencia, que podia caber em termos tão breves, entoando todos altamente os louvores da mesma Soberana Senhora, conduziram sua estimabilissima Imagem para a Igreja de Santa Clara, que era naquelle tempo a Matriz, e unica Freguezia deste distrito.

Onde foy collocada.

Como se distribuio o pão.

A Santa Imagem novamente achada no Zambugeiro.

571 Collocada a dita Imagem no Altar com festivas demonstraçoens, e feita pelos Sacerdotes a necessaria advertencia aos Fiéis, para que devotos se empregassem no seu culto; concorreram todos no mesmo dia ao monte dos Alfayates para verem o milagre, que se referia do pão; no qual os habitadores da casa se não atreviam a tocar, julgando com meritoria piedade, que por ser para alli mandado pela Rainha dos Ceos, deviaõ os homens recebelo das mãos de pessoas mais dignas. Com effeito se lhe começou a dar o nome, e a estimação de Reliquias: de sorte, que dividido em pequenos fragmentos pelas mãos dos Sacerdotes, estes distribuiram muitos dos mesmos pães com a gente do concurso. Recolhido o resto, e levado para a dita Igreja Parochial, dalli se recebião os taes fragmentos, e tambem se mandavaõ para partes distantes; porque em todas erãõ dos Fiéis pertendidos, e summamente estimados. Destas Reliquias do dito pão tomaram os moradores da Vidigueira fundamento para intitularem aquella Sagrada Imagem, desde o primeiro dia, em que appareceo, *Senhora das Reliquias*.

572 Porém no dia seguinte, quando de manhã se abriu a portada Igreja, não acharam no Altar a Santa Imagem, do que ficaram os circunstantes notavelmente assustados, entendendo, que haviaõ perdido o sagrado Thesouro, que com tanta felicidade fora achado, e já possuido. Feitas algumas diligencias, vieram á varzea, e no mesmo zambugeiro, em que antes a Senhora se dera a ver; estava agora collocada; como persuadindo, que neste lugar, e sobre a mesma arvore, queria ser perpetuamente venerada. A' vista do novo prodigio cresceu a devoção; e juntando-se segunda vez os moradores daquelles dis-

distritos, ordenaraõ outra procissão mais solemne que a primeira, na qual tornaraõ a conduzir a Senhora para a mesma Igreja de Santa Clara. E como o successo presente os puzera em tantos cuidados, para se livrarem de outros semelhantes, usaraõ de algumas cautelas na guarda da Igreja, cujas portas se fecharaõ com mayor advertencia. Mas naõ obstante toda esta precauçaõ, sempre no dia seguinte faltou a Senhora do Altar, e buscada no zambugeiro, sobre elle estava na mesma fórma, em que da primeira vez fora vista. Naõ querendo entaõ os seus devotos apurar mais o portento, (por havelos a mesma Imperatriz do Ceo persuadido com estes evidentes sinaes, que esperava ser determinadamente venerada, e servida naquello sitio) ordenaraõ logo edificarlhe huma decente Ermida, que teve mais de devota, que de magnifica; porque as esmolas do povo, por serem pouco avultadas, naõ chegaraõ para se lavrar Templo, que respondesse, nem á grandeza do seu Santissimo Orago, nem ao notorio merecimento de tamanho prodigio.

573 Naõ sabemos o dia certo desta admiravel appareçaõ. Só nos consta haver acontecido entre os annos de 1480, e 1481, no fim do governo del Rey D. Affonso V, presidindo na Igreja de Deos o Papa Sixto IV. Mas como o affecto dos moradores da Vidigueira respeitando á sempre Virgem Maria era extremo, e esta liberalissima Senhora naõ cessava de lhes continuar beneficios, puzeraõ com a possivel pressa a Ermida na ultima perfeiçaõ: e logo que esteve acabada, collocaraõ no seu Altar aquella Santissima Imagem com o mesmo titulo, que (como abaixo diremos) antes lhe fora appropriado, *de Senhora das Reliquias*. A dita Ermida foy por alguns annos governada pelo Juiz, e Mordomos, que os Confrades da mesma Senhora, (instituidos para tratarem do seu culto) elegiaõ em tempo certo. Estes eraõ os que recebiaõ, e administravaõ as offertas dos Provincianos do Alemtejo, que de romagem concorriaõ a visitar a Senhora, levandolhe á sua casa muitos sinaes de agradecimento; com os quaes a buscavaõ tambem algumas pessoas de lugares distantes, porque os seus devotos experimentavaõ em toda a parte maravilhosos favores. Com tudo, mostrando a experiencia aos taes Mordomos, que naquelle sagrado Santuario era precisa assistencia mais continuada do que elles podiaõ fazer, e querendo que os obsequios dedicados á Senhora fossem permanen-

Outra vez achada no mesmo lugar

Quando aconteceu o prodigio.

Primeira Ermida que se lavrou

nentes, e os seus louvores incessantes, assentaraõ entre si chamarem alguns Religiosos, para que viessem viver, e darlhe perpetuo culto nesta nova casa.

Os nossos Religiosos eleitos para assistirem na dita Ermida.

574 Para esse fim levantaraõ hum pequeno dormitorio: e logo que houve sufficiente commodo, fizeraõ eleição dos nossos Religiosos, antepondo-os aos das outras Sagradas Familias Regulares, já pela circumstancia de serem filhos da especial adopção da mesma Virgem Santissima, já pela perfeição, com que no Convento de Moura (dalli distante cinco leguas) celebravaõ os Officios divinos. Vieraõ com effeito deste Convento alguns Religiosos Sacerdotes, chamados para o tal ministerio; posto que delles ignoramos as graduacoens, e os nomes. Mas he certo, que o Juiz, e Mordomos da Confraria nesse tempo só lhes davaõ o necessario alimento, reservada para si a posse, e administração das rendas da Ermida. Era entaõ Provincial o Padre Bacharel Frey Rodrigo de Beja, que entrara neste emprego (como já dissemos) no anno de 1493: e considerando na boa occasião, que se lhe offerecia, para que a Provincia podesse ter mais hum Convento, visto que os Administradores da Ermida assim o desejavaõ, cuidou nos meynos conducentes para se effectuar a nova fundação: bem que já na fabrica do pequeno dormitorio com algumas officinas, e na assistencia dos nossos Religiosos dentro da sua clausura, divisava (para se continuar outra obra mais avultada) hum fausto principio.

Intervenção da Infanta D. Brites.

575 Considerando pois que ao throno desta Monarquia subira o felicissimo Rey D. Manoel, e que mediante a protecção de sua mãy a Infanta Dona Brites, poderia conseguir a mercê, que intentava; recorreo a esta Senhora, supplicandolhe, que del Rey seu filho lhe alcançasse a necessaria licença, para que a sua Provincia fosse possuidora com total administração da tal Ermida, e rendas annexas: de sorte, que se viesse a concluir a obra do novo Convento com a firmeza, de que dependem semelhantes padroens da humana piedade. A Infanta, que era dotada de animo generoso, e sobre outras heroicas virtudes tinha a singular prerogativa de concorrer, quanto podia, para o culto da Mãy de Deos (dando bem a conhecer a sua prompta vontade, para lhe estabelecer os louvores, naquelle sumptuoso Convento das Religiosas da Conceição, que com grandeza Real fundou na Cidade de Beja) não só tomou à sua conta o alcançarlhe del Rey

Rey a pertendida mercê ; mas fez por mostrar , que se lembrava da grande attenção, que ao mesmo Provincial merecera, quando por seu respeito cedeo da causa (em que já fallámos) pertencente ao Moinho da *Agua doce* em beneficio do seu criado Braz Annes. O que succedeo, foy, que sem mediar mais tempo , que o preciso para se mandar a Monte Mór, aonde se achava ElRey, e de se escreverem as ordens , fez a Infanta vir á sua presença o dito Prelado, e lhe entregou hum Alvará delRey, em que tudo lhe concedeo pela melhor fôrma , que poderia desejar: o qual Alvará fielmente copiado do seu original damos agora a ler , por não repetirmos as suas circumstancias, que são pertencentes ao formal da Historia.

Supra n. 517.

Mercê delRey
D: Manoel.

576 „ **N** Os ElRey mandamos a vós Braz Luiz,
„ Contador da nossa casa de Santa MARIA
„ das Reliquias, que he cerca da Vidigueira : e tanto que ahi
„ fordes, fareis vir para ante vós a João Afonso, a João Vaz, e a
„ Ruy Fernandes, moradores em a dita, que atégora tiverão
„ carregode receber, e arrecadar a modo de Albergaria, e des-
„ pender os dinheiros, que á Casa de Nossa Senhora offerenciaão;
„ e assim todolos outros, que achardes tiverão o dito carregoe,
„ e administração, aos quaes vos mando, que lhes tomeis con-
„ ta do dito dinheiro, e cousas, que á dita casa tiverem rendi-
„ do, desde que se começou a edificar atégora : e assim do que
„ tiverem despendido nas obras da dita casa, e tudo o que achar-
„ des por verdadeira conta, que a hi houver por despendido, o fa-
„ reis logo entregar a Fr. Rodrigo de Beja, Bacharel em Theo-
„ logia, Provincial de Santa MARIA do Carmo destes Reynos
„ de Portugal; e assim lhe fareis entregar o dito Mosteiro com
„ todas as cousas, que lhe pertencem, para elle daqui em dian-
„ te fazer delle, e da renda delle o que sentir, por serviço da
„ dita Senhora : e de tudo o que assim fizerdes, nos trareis por
„ escrito para o vermos, o que assim cumprí logo com boa dili-
„ gencia; porque assim o havemos por serviço de Deos, e nos-
„ so: feito em Monte Mór 7 de Janeiro de 1496. Pondo estas
„ cousas, que assim se arrecadarem, por inventario para vermos
„ comvosco, e sabermos que cousas são. Rey.

ALVARÁ
delRey D.
Manoel para
posuirmos a
Ermida das
Reliquias.

577 Deste Alvará não teve noticia o nosso virtuoso, e
douto Frey Luiz de Mertola, quando escreveo a vida do Ve-
ne-

Reflexão sobre
o titulo de Senho-
ra das Reliquias

neravel Padre Frey Esteuaõ da Purificaçaõ, de quem já fizemos memoria: a qual vida se imprimio em Lisboa no anno de 1620: e no livro della, fallando á cerca do titulo do Convento da Vidigueira, diz: *Se chama de Nossa Senhora das Reliquias, ou pelas muitas, que em si tem, ou por ser a mesma Imagem huma Reliquia do Ceo.* O certo he, que o Convento (como em seu lugar veremos) se enriqueceo de Reliquias, quando se edificou a nova, e magnifica Igreja, que hoje existe, a qual he a terceira das que alli se lavraraõ para aquella Santissima Senhora: e no dito Alvará lemos, que quando a sua primeira Ermida nos foy doada para fundarmos o Convento, já se chamava *Casa de Santa MARIA das Reliquias.* E posto que ElRey mandou a Braz Luiz, que ao Provincial entregasse o *Mosteiro*, quiz dizer, que tambem lhe dèsse posse do pequeno dormitorio, e officinas, que a dita Confraria fizera erigir para principio do desejado Convento: mas he sem duvida, que sempre se chamou das *Reliquias* desde a sua fundação.

C A P I T U L O III.

Da posse, que a Religião tomou da Ermida, e bens, que lhe pertenciaõ. Da-se noticia do principio, que teve aquelle Convento; da segunda Igreja, que houve, e dos Bemfeitores, que edificaraõ a que de presente existe, para a qual se trasladou a Sagrada Imagem da Mãe de Deos com solemnidade.

578

Conhecimento
do beneficio.

R Ecebeo o Provincial a Ordem delRey com as possiveis demonstraçoens de gozto: e agradecendo á generosa Infanta o effeito, que furtio da sua diligencia, deo a conhecer o muito que estimava, mais que o mesmo beneficio, a promptidaõ, com que o Monarca lho concedera. E sem fiar de cuidado alheyo a posse, que devia tomar, assim da Ermida, como dos bens, que lhe pertenciaõ, passou á Vidigueira para concluir pessoalmente com os Mordomos da Confraria aquelle negocio. Os ditos Mordomos, e os moradores daquelle lugar, não só festejaraõ a noticia da resolução do Soberano, mas ao Provincial fizeraõ todas as honras competentes ao seu carácter. O contador Braz Luiz

Luiz, Cavalleiro da Casa delRey (que era dotado de muitas virtudes) querendo distinguir-se no zelo de ver perpetuado o culto da Sagrada Imagem da Mãe de Deos, apressou os meyoſ conducentes para a execuçaõ deſte fim. Ajuſtadas pois as contas dos Adminiſtradores, logo que ſe puzeraõ correntes, ſe ajuntaraõ todos no dia primeiro de Fevereiro do meſmo anno de 1496 no ſítio da Ermida, onde o nomeado Padre Bacharel Fr. Rodrigo de Beja, em nome deſta Provincia, na qual preſidia, tomou poſſe, e adquirio a propriedade de tudo o que no Alvará ſe fazia mençaõ; ſendolhe a dita poſſe dada com tanta paz, e taõ geral applauſo, que pareceo durar ainda a ſingular maravilha, com que a Rainha dos Ceos principiou a ſer venerada, pois por eſte modo diſpunha, que ficaffe alli eſtabelecida a deſejada permanencia dos ſeus inceſſantes obſequios.

579 A dita Ermida com aquelle pequeno dormitorio, pelo qual ſe havia começado a delinear a fabrica do Convento, eſtava na terra, onde exiſtia o zambugeiro, em que a Santiffima Imagem apparecera: da qual terra fizeraõ doaçãõ á Virgem Noſſa Senhora Pedro Affonſo, e ſua mulher Margarida Fernandes, pays (como já diſſemos) da venturoſa Paſtora Maria, largando aos Adminiſtradores do ſagrado edificio todo o dominio, que tinhaõ, ſegundo conſtava de hum Compromiſſo feito pelo Tabelliaõ Luiz Rodrigues. Contigua a eſta terra havia outra mayor, que á meſma ſoberana Senhora offerencia, e deſde logo deo Affonſo Perdigueiro por hum Compromiſſo, e Cedula, que fizera Diogo Dias aos 24 de Setembro de 1495. De tudo tomou pacificamente poſſe o Provincial no meſmo dia, e anno, que acima declaramos: e deſte tempo damos ao Convento ſua antiguidade. Vem a ſer o quarto da Provincia com o titulo *das Reliquias*; proprio do Orago, que na ſua Igreja preſide.

580 Foy o primeiro cuidado do Provincial mandar vir Religioſos do Convento de Moura, para que neſte já principiado, em quanto ſe fabricava o que depreſente poſſuimos, viſſeſſem regularmente os neceſſarios para celebrarem os Officios Divinos: e ſe houve com tanto zelo neſte particular, que ſe não auſentou da Vidigueira, ſem deixar abertos os alicerces de todo o edificio. Vendo pois que corria a óbra com diligencia, entraõ ſe recolheo a Lisboa, donde em hum anno, que lhe reſtou de governo, lhe aſſiſtio com dinheiro prompto para as deſpezas, ſem

O que obren o
Contador Brã
Luiz.

Terra que deo
Pedro Affonſo.

Supra n. 572.

Outra que deo
Affonſo Perdigueiro.

Dia 1. de Fevereiro de 1496.

Religioſos vindos de Moura.

subsídio de pessoa estranha; porque he certo, que para os gastos do material do novo Convento só este Prelado, e os dous Provinciaes seus successores contribuirão. Naquelle anno, e nos tres seguintes, em que governou a Provincia o Padre Mestre Frey Jeronymo de Santa Maria, se conservou a Ermida com a mesma figura, com que nos fora doada; por que o empenho deste Provincial consistio em pôr a ultima conclusão na obra, em que o seu antecessor lançara os primeiros fundamentos.

segunda Igreja
que se fabricou.

Supra n. 535.

Vestigios que ficaram da primeira.

Progenitores de
D. Miguel da
Gama.

581 Entrando o virtuoso Padre Frey João de Santa ANNA no mesmo emprego de Provincial, que foy (como fica dito) no anno de 1505, e vendo que o Convento necessitava de Igreja mayor, deo ordem a fazella com fervoroso cuidado: e logo que conseguiu o seu santo intento, fez trasladar a Soberana Imagem da Senhora para a sua nova casa, deixada a antiga, que fora fabricada em hum lugar, onde actualmente está o pateo, pelo qual se passa do Claustro para a Cerca. Ainda no mesmo sitio chegamos a ver huns pilares de pedrã bem lavrada, sobre os quaes assentava a abobada da Capella; sendo estes finaes sufficientes para conservarem a lembrança da primeira Ermida. A nova Igreja se levantou no sitio, onde agora temos a casa da Portaria. Era mayor em comparação da primeira, mas não bastava a receber em si commodamente o consideravel numero de devotos, que obrigados aos favores da Mãe de Deos, a visitavaõ nos dias solemnes. Com tudo, por espaço de quasi noventa annos foy esta purissima Senhora alli decentemente venerada, e servida: até que no anno de 1593 se acabou de lavrar a magnifica Igreja, em que sua milagrosa Imagem agora preside. Erigio-se á custa de dous grandes Bemfeitores nossos, e devotos seus, dos quaes justamente devemos dar noticia, antes que de tão sumptuosa fabrica escrevamos a memoria.

582 He de saber, que D. Francisco da Gama (de quem ja fallámos) II Conde da Vidigueira senhor desta villa, e da de Frades, Almirante da India Oriental, Estribeiro Mór del Rey D. João III; depois de outros filhos, que teve de sua illustrissima Esposa Dona Guiomar de Vilhena, senhora de bom entendimento, e muito virtuosa; hum foy D. Miguel da Gama, o qual seguindo o exemplo de seu avô paterno o famoso D. Vasco da Gama I Conde daquella villa, e descobridor do opulentissimo Estado da India, deixou a patria, e sahio a solicitar honra, e for-

fortuna no mesmo Estado, que então se estimava pela mais rica parte do Mundo. Tomando as armas para defender, e augmentar as jurisdições da Coroa Portugueza, conseguiu entre os Heróes mais finalados pelo valor gloriosa fama. Por serem as suas empresas memoraveis, fez delle illustre menção Diogo do Couto. E como tambem teve industria para adquirir, sem injuria dos brios militares, bastante cabedal, voltou rico para o Reyno, com o designio de viver retirado na Vidigueira, onde suspensos os instrumentos de Marte, podesse vagar só para Deos até a morte, não por falta de inclinação á guerra, mas por amor ás virtudes, que melhor se exercitaõ na tranquillidade da paz.

583 Havia este Cavalheiro contrahido estreita amizade com hum modesto, e virtuoso Clerigo chamado André Coutinho, Capellão Fidalgo da Casa del Rey, que antes de eleger o estado Ecclesiastico passara ás terras do Oriente, e foy o primeiro Sacerdote, que se ordenou na China. O illustrissimo Bispo D. Leonardo de Sá foy o que lhe conferio as Ordens. Em trinta e oito annos, que viveo naquelles dominios, adquirio grosso cabedal. No seu testamento declarou, que o não herdara de parente algum, nem o houvera de officio, ou beneficio Ecclesiastico, mas que o ajuntara com o seu trabalho, e industria, antes do Sacerdocio; o que mostrava por huma certidão authentica do mesmo Bispo. E posto que era natural da Cidade do Porto, e o amor da Patria o chamava para alli passar o resto da vida entre os carinhosos agasalhos, com que ordinariamente são recebidos, os que a ella se restituem aproveitados; com tudo, D. Miguel da Gama em toda a viagem (que a fizeraõ de companhia) o persuadio com tanta efficacia a hir de morada para a Vidigueira, que assentando nisso, se estabeleceo naquella villa, onde foy comprando fazendas, e ao mesmo tempo distribuindo esmolas em obras pias.

584 A particularidade mais notavel, que o dito Cavalheiro lhe referia da villa, era a maravilhosa appareção da Santissima Senhora das Reliquias, a cuja Imagem professava taõ verdadeira devoção, que fazia por introduzila nos corações de todos. O Padré André Coutinho, que era por natureza pio, e de genio flexivel; de tal modo imprimio na alma a noticia dos expressados prodigios, que inflammado nos desejos de ver a Sa-

Tom. II.

Sf 2

grada

*Decad. X. livr.
3 cap. 9.
D. Aus. Caet. de
Souf. Hister. Gen.
Tom. 10. parte
2. pag 560.*

O Padre André
Coutinho.

*Occasão de se
edificar a nova
Igreja.*

Os dous funda-
dores della.

grada Imagem, o mesmo foy empregar nella os olhos, que levantar-se da sua presença, consagrando-lhe hum especialissimo amor. Excitado pois de hum devoto affecto, considerando, que a Igreja não era proporcionada á grandeza do Convento, ajustou com D. Miguel da Gama o fazerem entre ambos á Mãe de Deos o donativo de outra Igreja, que no seu tanto fosse capaz de intitular-se Templo; onde nas occasioens festivas se comprehendesse o immenso povo, que nesse tempo com meritoria desconsoação ficava fóra da casa da senhora, por não caber no seu limitado ambito. Muito concorreo para se effectuar a vontade destes bemfeitores o merecimento, com que os Conventuaes se ajudavaõ; porque attendendo mais para a obrigação propria, que para a quotidiana assistencia de pessoas estranhas, que lhes houvessem de applaudir a observancia, ou de reprovar a relaxação; obraõ a toda a hora, e no mayor retiro de tal modo, que podessem ficar sempre bem aceitos nos olhos de Deos.

Prelados, q̃ en-
taõ existião.

585 Concluiu-se com effeito a obra da Igreja, sendo Prior do Convento o benemerito Padre Frey Alberto de Christo. Neste experimentaraõ os dous Bemfeitores, desde que o conhecerãõ, taõ primorosas attenções, que tambem por lhe darem gosto, fizeraõ, que no seu tempo a Sagrada Imagem da Mãe de Deos se trasladasse para a sua nova, e sumptuosa Casa. Era entãõ Provincial o famoso Padre Mestre Frey Antonio do Espírito Santo, que pelos seus excellentes predicaos tres vezes (como em seu lugar diremos) teve este cargo, e agora o exercitava a segunda vez. Com o beneplacito deste Religiosissimo Prelado se determinou, que a festa da trasladação do Santissimo Sacramento, e da Senhora, se celebrasse com a solemnidade mayor a que se podesse estender o nosso empenho para a qual elle se dispoz a fazer as diligencias possiveis. Elegendo-se o dia da Natividade da mesma Rainha dos Ceos, para nelle se lhe consagrar taõ glorioso triunfo, mostrou-se mais que todos interessado na presente função D. Miguel da Gama, que da obra fora o primeiro arbitro, e o superintendente. Por esta razão a elle se attribuem todas as despezas da Igreja; mas he certo, que para ellas igualmente concorreo o Padree André Coutinho.

Dia destinado
para a traslada-
ção da Senhora

Disposições fes-
tivas,

586 Bem poderiamos agora referir os successos desta solemniissima acção com termos mais cultos; porém julgamos, que

que esta noticia se fará mais grata aos Leitores , sendolhes participada na mesma fórma , que por ordem do Prelado se lançou no fim do Tombo daquelle Convento. Alli se expressão todas as demonstraçoens de alegria , que em semelhantes festas permitia a singeleza dos tempos antigos. E porque muito antes da função se publicou em toda a Provincia do Alemtejo o dia destinado, foy tão estrondoso este ecco , que ao som delle acodio com alvoroço , como a maravilhoso espectáculo , incomparavel ajuntamento de povo , que só em semelhante occasião podia venerar fora da sua casa a Santa Imagem , da qual se contavaõ , e nunca se podiaõ bem exaggerar os portentos. Eraõ de veras estradas cheyas, e os montes cubertos de gente. Toda veyo presenciar as circumstancias , que se contém no allegado assento, o qual copiado do seu original , e aqui transcrito , he do theor seguinte.

587 „ **A** Os oito dias do mez de Setembro do anno
 „ de mil quinhentos , e noventa e tres, entre
 „ as seis , e as sete horas da manhã , se trasladou o Santissimo
 „ Sacramento, e Nossa Senhora das Reliquias para a Igreja no-
 „ va deste Convento, feita , e acabada por ordem do Senhor
 „ D. Miguel da Gama com muitos gastos da sua fazenda , e in-
 „ dustria muy grande da sua pessoa. E se fez huma procissão mui-
 „ to solemne, na qual foy o Santissimo Sacramento, e a Imagem
 „ de Nossa Senhora das Reliquias sahindo da sua Igreja velha ,
 „ que agora he Portaria , foy a dita procissão pela cerca abaixo
 „ até o caminho da Vera Cruz, e da hi fez volta até a Cruz gran-
 „ de (hoje chamada dos esgalhos) que está à sahida das vinhas, e
 „ tornou pela estrada da villa até entrar na Igreja nova. Foy
 „ acompanhada de muy grande concurso de gente, que veyo de
 „ todas as partes do Alemtejo; e assim tambem veyo toda a Cle-
 „ rezia da villa da Vidigueira com Cruz alçada , e juntamente
 „ com ella todo aquelle povo com muitas bandeiras, folias , e
 „ danças, que a Camera da dita villa ordenou. E o mesmo fez a
 „ villa de Portel acompanhando a dita procissão com outras
 „ danças , que ordenou , e musicas ao Divino: e de todas as
 „ partes do Alemtejo acodiraõ , cada huma das terras com o
 „ que melhor podia festejar. Houve por todo o caminho, por
 „ onde a procissão passou , muitos passos da Escriitura, os quaes
 „ representavaõ figuras vivas , que com seus ditos ao passar da
 „ ima-

Noticia que
 se tirou do
 Tombo do
 Convento.

Procissão solemne

„ Imagem de Nossa Senhora, bem davaõ a entender o que cada hum significava.

Missa, e sermão.

588 „ Chegada que foy a procissão á dita Igreja nova, se seguiu a Missa do dia, que foy a primeira que nella se disse, a qual se cantou com grande solemnidade, e com a musica, que veyo da Sé de Evora. Prégou o muito Reverendo Senhor Martim Affonso de Mello, Conego da dita Sé de Evora, e Inquisidor do Santo Officio da mesma Cidade, Fidalgo muito principal do Reyno de Portugal. (*Depois foy do Concelho Geral, e Bispo de Lamego*) Na tarde do mesmo dia houve vespéras cantadas com a mesma solemnidade de pela manhã. Vieraõ a esta festa muitos Religiosos, não só dos Conventos do Carmo de Evora, Moura, e Beja, mas tambem de Lisboa, e tambem outros das outras Religioens: e todos foraõ agazalhados com toda a mais gente, que concorreo, não faltando nada para o mantimento de cada hum em particular, e a todos em geral, segundo sua qualidade, e estado, que parece estava a senhora satisfeita com taõ grandes festas, e pagada dellas; porque em tudo mostrou sua grande misericordia: e bem se vio, porque entre tanta multidão de gente não houve a minima discordia, antes pareciaõ todos criados em huma mesma casa no amor, e alegria, que todos mostravaõ. Era Prior deste Convento neste tempo o Padre Frey Alberto de Christo, que mandou escrever este assento para memoria dos que depois vierem. Hoje quinzê de Setembro de mil quinhentos e noventa e tres annos.

Pessoas que concorrerão.

Açoens pias de Dom Miguel da Gama.

589 Depois que a portentosa Imagem da Mãe de Deos foy solemnemente collocada no excelso throno, que com advertencia (segundo diremos) se lhe prevenio nesta sua magestosa Igreja; continuou o piissimo D. Miguel da Gama a concorrer para a conservação, e augmento do seu culto, com frequentes esmolas, não só da sua fazenda, da qual foy liberalissimo, mas tambem de pessoas devotas, adquiridas por meyo de sua diligencia. Nesta especial devoção com a senhora das Reliquias perseverou em todo o restante de vida, sem que já mais deixasse de residir na Vidigueira, não tanto por ser patrio solar sempre ennobrecido com a assistencia dos seus authorizados progenitores, quanto pelas felicidades, que esperava, e conseguia á sombra, ou na visinhança de taõ infallivel Protectora. Sem
tomar

tomar estado, nem fazer casa propria (como podia com as suas riquezas particulares) todas distribuio em obras pias, lembrando-se da casa da Misericordia desta Cidade de Lisboa, á qual, por falta de successão, constituiu por morte herdeira do seu grosso cabedal.

590 O Padre André Coutinho mostrando-se summa-mente agradecido aos maravilhosos beneficios, que começou a receber da mesma Senhora, despendeo com tanta generosidade, assim na Igreja, como no patrimonio do dito Convento, que se faz preciso convidar desde agora as attençoens dos Leitores, para que em seus lugares hajaõ de reflectir na retribuição deste fiel servo, desempenhando-se com a Senhora, naõ menos pelo fino amor que lhe professara, que pelos estupendos milagres, que successivamente lhe fizera.

Liberalidade do
P. André Cou-
tinho.

C A P I T U L O IV.

Da-se noticia da Igreja, e de tudo o que nella ha memoravel.

§. I.

Do Frontispicio, Torres, e Capella Mór.

591 **A** Igreja deste nosso Convento da Vidigueira he hum das mayores, e mais fermosas do Alemtejo. Tem o frontispicio, e porta principal para o Meyo dia. O portico he magestoso, e de figura exquisita. Assenta sobre hum fermoso taboleiro, para o qual se sóbe por tres espaçosos degrãos de pedra, e he cuberto de abobada, que fórma hum eirado. Este termina por ambos os lados em duas torres iguaes, que guarnessem, e ornaõ a fachada exterior, cuja parede tem de altura até a cimalha cento, e quinze palmos. As torres saõ quadradas, e abertas pelas quatro faces: mas só hum, que he a do Nascente, tem finos, e saõ tres, bastantes para o governo da Comunidade. No meyo do eirado abre hum espaçosa janella para o Coro alto, que o faz clarissimo: e da parte superior ha hum grande oculo, pelo qual a luz se communica a toda a Igreja. Os alifares do portico saõ de boa pedraria, entre duas altas columnas, em que descança a abo-
ba-

Para que parte
fica.

Portico.

Torres.

Escudo de armas.

bada do eirado. Serve de remate ao mesmo portico hum escudo esquartelado: o primeiro, e quarto quartel tem dez escaques de tres peças em faxa, e cinco em palla, e sobre o escaque do meyo hum Escudinho das Quinas deste Reyno; o segundo, e terceiro quartel tem hum aспа, e sobre ella as Quinas entre quatro Cruzes floreteadas, e vãs do campo; ficando todo o escudo cuberto com hum coroa.

Medidas da Igreja

592 Visto o interior da Igreja, tem de comprimento desde a porta até a parede, aonde assenta o retabolo da Capella mór, cento e oitenta, e quatro palmos. Mas tratando primeiro desta Capella, tem do arco até o retabolo, que he o seu comprimento, sessenta palmos, trinta e cinco de largo, e setenta de alto. He de architectura Dorica, e muito clara, por causa de quatro grandes oculos ovados, dous em cada hum das paredes, pelos quaes recebe a luz. Por oito degrãos de pedra se sobe do pavimento para hum presbyterio, que ha em toda a largura da Capella, com dezanove palmos de fundo. O altar he magestoso feito á proporção da Capella. O retabolo he o mesmo da fundação da Igreja, obrado de sembragem com columnas da ordem Composta. Divide-se em tres corpos. No meyo do primeiro (que he o do invasamento das columnas) está o decente Tabernaculo, onde se guarda o Santissimo Sacramento. No meyo do segundo entre as columnas do centro, em hum bem ornada Tribuna se vê a milagrosa Imagem da Senhora das Reliquias, com applausivel circumstancia, de que lhe serve de throno o mesmo tronco da arvore, em que appareceo, e começou a ser venerada naquelle sitio. Curiosidade com boa advertencia foy dos fundadores da Igreja, lavrarem-na em forma, que o dito zambujeiro se conservasse no lugar, onde sustentado nas proprias raizes, e só cortada a rama, seja perpetua peanha da Sagrada Imagem, que se dignou escolhelo para o seu primeiro assento.

Santa Imagem de nossa Senhora.

Sua fermosura, e mais particularidades

593 O mais que nos resta dizer á cerca do mesmo tronco, reservamos para o Capitulo dos grandes prodigios, que havemos de referir da Soberana Mãe de Deos, feitos, mediante esta devotissima Imagem, que he de quatro palmos, e de incomparavel fermosura. Nunca se chegou a conhecer a materia, de que fora obrada; porque a summa veneração, que se lhe tem, já mais admittio exames menos decentes, depois que se viu
naõ

naõ ser de pedra, de madeira, ou de outras sabidas materias, em que semelhantes estatuas se lavraõ. A encarnação do rosto, e das mãos, he a mesma, com que (ha perto de trezentos annos) apparecera: e posto que a cor tem escurecido, nem por tanto lhe diminue a graça do aspecto, para o qual ninguem levanta os olhos sem profundo respeito; por se assentar, que aquella Sagrada Escultura he do Ceo, fabricada, e para alli conduzida por ministerio dos Anjos.

594 He Imagem de vestidos, e estes selhe fazem como proprios de Senhora do Carmo. O mais precioso de todos no tempo presente he, o que lhe adquirio o Padre Mestre Fr. Philippe de Santa Theresa, quando foy Provincial; empregando a esmola, que se lhe deo para essa despeza, com tanto zelo, e tão boa eleição, que a riqueza da obra parece exceder muito á quantia do donativo. He tambem precioso o cortinado, que orna a boca da Tribuna, posto que dentro desta só tem lugar a Santa Imagem da Senhora. Aos lados, entre as columnas do mesmo retabolo, se veneraõ duas fermosas estatuas, huma na parte do Evangelho do nosso Proto-Patriarca Santo Elias, outra na parte da Epistola da nossa Doutora Mystica Santa Theresa de JESUS. Sobre a cimalha real se levanta o terceiro corpo, que he de volta redonda, com differentes quadros de fino pincel entre molduras douradas. A pintura do meyo representa a Assumpção da Virgem Nossa Senhora, as dos lados figuraõ vários mysterios da sua vida, sendo as mais notaveis quatro, que mostraõ a mesma Soberana Senhora nascida, apresentada no Templo, recebendo a Embaixada do Anjo, e expondo o seu Divino Filho á adoração dos Reys. O dito retabolo he pintado, e bem guarnecido de ouro; naõ bastando sua consideravel antiguidade a diminuir a estimação, que delle fazem os que conhecem, e sabem avaliar os primores do artifice, e a elegancia da architectura.

595 Nas paredes, que se correspondem de huma, e outra parte do dito presbyterio, estão abertos dous grandes nichos. No da parte do Evangelho se guarda hum caixaõ cuberto de veludo preto, aonde se depositaraõ os ossos do inclyto Heroe, cujo nome se declara na inscripção, que se abriu em huma grande pedra, imbutida na mesma parede, a qual diz assim: *Aqui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, primeiro Conde da*

Fórma do seu vestido.

Imagens do retabolo.

Deposito dos ossos de D. Vasco da Gama.

De D. Francisco
da Gama.

Vidigueira, e Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso descobridor. No da parte da Epistola se vê outro caixaõ semelhante, e na pedra, que está na parede, diz hum letreiro: Aqui jaz D. Francisco da Gama, quarto Conde da Vidigueira, Almirante da India, Vice-Rey della duas vezes, Presidente do seu Concelho, Gentil-homem da Camara de Sua Magestade, e do seu Conselho de Estado; o qual tendo servido cincoenta, e seis annos, tendo começado de quatorze, foy cativo na batalha de Alcacer, e veyo a acabar em Oropesa, mal satisfeito do seu Rey, donde foy trazido para este Convento a 30 de Mayo de 1640.

De D. Estevão
da Gama

596 Descendo-se ao pavimento da mesma Capella se vê para a parte do Evangelho huma grande campa, onde se abriu o Epitafio seguinte: *Aqui jaz D. Estevão da Gama, do Conselho del Rey D. João III, filho de D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, e da Condesa Dona Catharina de Ataide; e sendo Governador da India, em Socova, e Mar Roxo, fez Cavalleiros no Torrom em hum Mosteiro de Frades de Santa Catharina do monte Sinay, que está á vista do mesmo monte: faleceo em Setembro de 1575, e veyo para aqui.*

Esta palavra Socova, parece que be Socotará.

Sepultura de D.
Miguel da Gama.

Na mesma sepultura se depositou o corpo do nosso nunca esquecido Bemfeitor D. Miguel da Gama, que foy (como já dissemos) o principal Fundador desta nova Igreja: e posto que se não lavrou em alguma pedra esta memoria, aqui (em final da nossa gratidão) a deixaremos perpetuada, para que ao epitafio do Monumento supraõ os caracteres da estampa.

De D. Vasco
Luiz da Gama

597 No meyo do mesmo pavimento está outra campa mayor, feita de huma notavel pedra de Montes-claros bem lavrada. Na parte superior tem abertas as Armas, de que usão os illustrissimos descendentes do inclyto D. Vasco da Gama: e logo abaixo selê: *Nesta sepultura jaz o Excellentissimo Senhor D. Vasco Luiz da Gama, quinto Almirante da India, e Conde da Vidigueira, primeiro Marquez de Nisa, e seu Alcaide Mór, Senhor das villas da Vidigueira, e Villa de Frades, Commendador das Commendas da Ordem de Christo, e Santiago da Cidade de Beja, e do Terço da villa do Vimioso, dos Conselhos de Estado, e guerra, Despachos, e Juntas todas dos Reys D. João IV. D. Affonso VI, da Rainha Regente Dona Luiza, do Principe D. Pedro, e Estribeiro Mór da Princeza Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, Vedor da Fazenda, e da Junta dos Tres Es-*

ta-

Tomo II. Parte IV. 331

tados, Embaixador que foy duas vezes em França, Ordinario, e Extraordinario, e nomeado de Obediencia aos Papas Urbano VIII, e Innocencio X. Foy terceiro neto do grande D. Vasco da Gama Descobridor da India, e seu primeiro Almirante, e Conde da Vidigueira: nasceo a 13 de Dezembro de 1612, e faleceo a 28 de Outubro de 1676 annos.

598 Neste mesmo jazigo foy sepultado seu filho D. Francisco Luiz Balthazar Antonio da Gama, que por especial mercê delRey D. João IV foy Conde da Vidigueira em vida de seu pay; cujo titulo lhe deo de juro, e herdade para todos os seus Successores; vindo a ser o II Marquez de Nisa, senhor desta villa, e da de Frades, e de Torvoens com os mais Estados, Titulos, e Commendas da sua nobilissima casa. Foy Mestre de Campo da Infantaria em Alemtejo, General da Cavallaria da Provincia da Beira, postos, com que servio na guerra valerosamente. Foy tambem Governador, e Capitão general do Reyno do Algarve, do Conselho de Estado, e guerra, dos Reys D. Pedro II, e D. João V nosso Senhor. Faleceo em Evora a 10 de Agosto de 1707, e foy seu corpo conduzido para aquelle lugar, aonde descançaõ as illustres cinzas de outros Cavalheiros da mesma esclarecida Familia. Mas ainda que os authorissimos descendentes do grande D. Vasco da Gama elegeraõ esta Capella para seu enterro, não he porque sejaõ Padroeiros do Convento, como por informação menos verdadeira escreveraõ Jorge Cardoso, e Antonio Carvalho da Costa, de cuja noticia procedeo o engano dos Authores modernos, que dizem o mesmo. O que moveo aos ditos Senhores da Vidigueira a fazerem deposito dos seus cadaveres na referida Capella, foy a summa devoção, que sempre tiveraõ a nossa Senhora das Reliquias, concorrendo para esse effeito as nossas vontades, que em attenção ao muito, que lhes somos obrigados, para tudo o que se offerece obrar em seu obsequio, se mostraõ promptissimas.

599 Em todo o vão da Capella está o Coro com boas cadeiras, que encoستاõ nas paredes. Na da parte da Epistola quasi em meyo, ha hum porta, que dá serventia para o mesmo Coro: e na do Evangelho ha outra em correspondencia, que vay para hum casa, hoje de fabrica, chamada *Sancristia velha*, da qual depois daremos noticia. No alto desta mesma parede se

De D. Francisco
Luiz Balthazar
da Gama

Não foraõ Pa-
droeiros da Igre-
ja.

Agiol Lusit tom 1
3. pag. 406 L. C.
Cronografia Port.
tom 2. l. 2. tras
2. pag. 480

Coro baixo.

332 *Chronica dos Carmelitas*

Quadro notavel,

vê hum notavel quadro da mais excellente pintura, que se ap-
plauda naquella Provincia. O panno (fóra a moldura) tem
vinte e dous palmos de comprido, e dezaseis de largo. Repre-
senta a Ascensão de Christo Senhor Nosso com toda a fabrica
visivel, que os peritos artifices costumão figurar; e se expri-
mem alli várias acçoens com tanto espirito, que parecem de pes-
soas vivas. O I Marquez de Nisa D. Vasco Luiz da Gama, de
quem acima fallámos, foy o que delle nos fez doação; e o esti-
mamos como hum grande thesouro, porque he no conceito de
todos admiravel a sua conhecida, e nunca bastantemente exag-
gerada preciosidade. A Estante do meyo do Coro he especial pe-
la grandeza, e pelo feitio. O recto da Capella he de abobada,
o arco exterior he de pedra bem lavrada, e se fecha com gra-
des, que por ambas as partes terminaõ nos dous pulpitos, em
que nos dias solemnes (conforme o nosso Rito particular) se
cantaõ, em hum a Epistola, em outro o Evangelho.

§. II.

*Da Capella do Cruzeiro chamada do Padre André Coutinho. Da-
se noticia deste Virtuossissimo Sacerdote.*

A quem he de-
dicada

sua medida.

Retabolo, e San-
tas Imagens.

600 **D**Escendo-se ao Cruzeiro ha nos seus topos
duas grandes, iguaes, e bem paramentadas
Capellas. A da parte do Evangelho he dedicáda a Nossa Se-
nhora da Conceição. Tem vinte, e dous palmos de largura, vin-
te e tres de fundo, e trinta e cinco de altura até a abobada, em
cujo meyo ha hum zimborio feito para mayor claridade da Ca-
pella. O arco exterior he de singular feitio, obrado de pedra de
Estremoz bem polida. Para o Altar se sóbe por tres degrãos tam-
bem de pedra lavrada, sobre os quaes ha hum sufficiente pres-
byterio. Reveste-se a dita Capella com hum curioso retabolo
de pedraria de Montes-claros, acompanhado de boas columnas,
da Ordem Corinthia: e em outro retabolo de talha dourada, que
fica guarnecido do de pedra, estaõ collocadas várias imagens.
No meyo se vê hum de vulto, ainda que muito antiga, de parti-
cular devoção, que he a da mesma purissima Senhora, que deo o
titulo á Capella, aonde preside: da parte do Evangelho a de
seu gloriosissimo Esposo S. Joseph com o Menino JESUS nos
braços; e da parte da Epistola a do nosso inclyto Martyr Santo An-

Angelo. Na parte superior servem de ornato algumas finíssimas pinturas de vários Santos. Sobre a banquetta do Altar ha hum mediano, mas bem ideado Tabernaculo, aonde com decencia se guardão os Santos Oleos.

601 O pavimento de toda a Capella he de xadrez composto de pedras brancas, e pretas; no meyo das quaes está huma grande campa sem letreiro algum. Na parede do lado da Epistola ha huma janella, que servio de Tribuna com entrada pela casa (em que acima fallamos) chamada Sancristia Velha. Na mesma parede está metida huma grande pedra, a qual tem hum escudo de armas feito de relevo, em que se vê huma Cruz entre cinco estrellas, huma em chefe, e quatro em duas pallas: ao pé da Cruz hum leão andante, e na orla do Escudo cinco castellos, ficando hum em chefe. Cobre o escudo hum elmo aberto. Por baixo do dito escudo em toda a largura de pedra se lê a inscripção seguinte: *Capella, e Sepultura de André Coutinho, Capellão fidalgo da Casa de Sua Magestade: a qual fundou e dotou de renda bastante para as obrigaçoens, que tem os Padres desta casa, que são as seguintes: Duas Missas rezadas quotidianas: nos Sabbados huma cantada de Nossa Senhora: cada mez hum Officio de nove ligoens: o primeiro Domingo de cada mez Missa cantada, Sermaõ, e Responso: em dia de Natal, Pascoa, Espirito Santo, Corpus Christi, Purificação, Conceição, Santo André, São Francisco, Missa cantada, e Sermaõ: Santo Antonio, São Boaventura, Missa cantada com resposos ás vespas, e dia com todos os Padres, Acolitos, e Cruz, e no Sermaõ se pedirá Pater noster, e Ave MARIA por sua alma. Andou na India trinta, e oito annos: foy o primeiro Sacerdote, que se ordenou na China, faleceo aos..*

602 Este honrado, e exemplarissimo Varaõ, de quem já escrevemos a naturalidade, e a occasião que houve para residir na Vidigueira, foy o que mandou fabricar a referida Capella desde os seus fundamentos. Como tinha bastante riqueza, e era dotado de generosidade de animo, dispenceo nesta obra quanto julgou ser necessario para que ficasse perfeita. A instituição do contrato, pelo que respeita ás obrigaçoens dos Religiosos, e ás rendas para sua satisfação, foy feita na mesma villa pelo Tabellião Affonso Soares aos 8 do mez de Outubro de 1588, cuja cópia se acha lançada no Tombo daquelle Convento.

Santos Oleos;

Pavimento;

Escudo de Armas.

Memoria;

Supra n.º 583.º
num 590.

Generosidade de
Fundador.

334 *Chronica dos Carmelitas*

Ornamentos notaveis.

ro. Deixou á dita Capella (que he magnifica) todos os ornamentos precisos para a celebração do Santo Sacrificio da Missa no seu Altar: e além dos cortinados de boas sedas, e das ropas de linho finissimo, que alli distribuio, lhe fez o donativo de muitas peças de prata, que pela razão do feitio saõ as mais preciosas de todas, as que de presente possuem os mais Conventos desta Provincia. Das notaveis daremos noticia em outro lugar. E sendo que desde o anno da celebração do contrato, logo aquelle Instituidor deo principio a ornar, e enriquecer a Capella, com tudo no seu testamento (que foy approvedo pelo Tabellião da Vidigueira Pedro Beirão aos 21 de Março de 1595) lhe deixou novos legados, e mayores rendas.

Motivos para o augmento das suas rendas.

603 No mesmo testamento declarou os motivos, que lhe occorrerão para augmentar aquella renda em utilidade dos Religiosos, e vem a ser (como elle diz) *Para mostrar a devoção, que lhes tenho, e amor, com que me offereci ao serviço da Virgem Nossa Senhora; e para que a minha Capella fique bastantemente dotada, e em nenhum tempo se possaõ queixar.* Verdade he, que tambem crescerão as pensoens; mas ainda que actualmente parecem grandes, no tempo em que os ditos Religiosos recebiaõ daquelle Veneravel Sacerdote tantos, e tão particulares beneficios, a todos se propunhaõ diminutas, e na execução suaves.

Capella da Conceição frequen-
tada

604 Não he explicavel o gosto, que o Padre André Coutinho fazia, de que a Mãe de Deos na sua Capella fosse com frequencia visitada, e sempre bem servida. Assim o deo a conhecer em muitos legados pios, com que favoreceo a differentes pessoas daquella villa, ás quaes deixava a pensão de irem á sua Capella. Reservando de hum grande juro, que lhe pagavaõ, sufficiente quantia para se calarem seis orphãas em cada hum anno; a saber, dous annos na Vidigueira, e hum na Cidade do Porto alternadamente, impoz a obrigação seguinte, que as orphãas daquella villa, depois de recebidas, iriaõ todas compostas com os seus mantos á dita Capella, a refarem hum *Padre N.* e huma *Ave Maria*. Deixando ao Hospital da mesma villa certa renda, para se vestirem por sua conta no dia da Conceição de Nossa Senhora, em cada hum anno, cinco pobres, mandou, que no mesmo dia iriaõ juntos á sua Capella a darem graças pela recebida mercê, e adizerem pela sua alma outras semelhantes oraçoens. A duas virtuosas mulheres deixou esmo-

Pessoas favorecidas, que hiaõ rezar a Capella.

las

las de dinheiro, com a declaração, de que por tempo de hum anno irião todos os dias visitar na mesma Capella a Virgem Santissima. E para ter cuidado na dita Capella deixou ao Convento o melhor escravo dos que possuia, com a pensão de a varrer, e servir em tudo o mais, que pertencesse ao seu aceyo; prevenindo, que o dito escravo (que se chamou Francisco) nunca poderia ser, ou alienado, ou remetido para outro Convento.

605 Aos seus Testamenteiros, e Administradores ordenou, que no termo de hum anno depois do seu falecimento fizessem trasladar os ossos de sua mãy, da Igreja das Chagas desta Cidade de Lisboa, onde fora sepultada, para a dita Capella, declarando, que a sepultura da dita sua mãy era conhecida pelo letreiro da campa que dizia: *Aqui jaz Margarida Rodrigues de Magalbaens*. O mesmo quiz que se fizesse aos outros ossos, que alli se achassem, que eraõ de suas irmãas: e dispoz, que sem pompa fossem todos trazidos, e depositados no carneiro, que elle mandara abrir para o seu corpo. Mas que no dia da transladação os Religiosos daquelle Convento cantariaõ por suas almas hum Officio de nove liçoens com Missa de tres Padres: o que com effeito se executou, ficando os cadaveres debaixo da grande campa, que está (como já escrevemos) no meyo do curioso xadrez do pavimento.

606 Ao Provincial desta Provincia, e ao Prior daquelle Convento, que pelo tempo adiante existissem (por serem tambem nomeados seus Testamenteiros por morte de D. Miguel da Gama, e de Ruy Pires da Veiga) rogou com attendiveis instancias, que em cada hum anno fizessem huma visita solemne á dita sua Capella para examinarem, se estava bem ornada á proporção da renda, que lhe deixara para a sua fabrica: se estava sem falta alguma, e bem guardada a prata, de que lhe fizera doação; pois lhe prevenira o modo, e as cautelas para se evitar qualquer excogitavel prejuizo. Para que assim os Prelados, como todos os Religiosos daquelle Convento se lembrassem de conservar a Capella com a decencia, que elle desejava; lhes trouxe á memoria o especial amor, que sempre lhes tivera; respeitando não sò ao commum da Religião, da qual declarou ser Confrade; mas ao particular do Convento de Nossa Senhora das Reliquias, em cujo beneficio fora em todo o tempo liberal,

Trasladação dos
ossos de sua Mãy
e Irmãas.

Supra num. 601.

Visita annual na
Capella.

liberal, e assim o mostrou em obras de paternal caridade.

Renda para os
nossos Religio-
sos enfermos.

607 Basta referirmos, que da sua fazenda mandou estabelecer sessenta mil reis de renda, para que juntos com vinte mil reis mais de outra renda já assentada, se gastassem todos esses oitenta mil reis em cada hum anno com os Religiosos enfermos do dito Convento; acrescentando, que se os Prelados divertissem esta quantia para outros gastos, e não tratassem dos enfermos com tudo o que fosse preciso, em tal caso a Misericordia da villa da Vidigueira poderia lançar mão daquella renda para a applicar na forma, que elle dispunha. Isto fez mais por segurar o commodo dos enfermos, que por destituir o Convento da utilidade. Para o ministerio dos mesmos Religiosos enfermos deixou todas as suas camas, que eraõ muitas e boas: e não só as cubertas, que lhes pertenciaõ, mas ametade de toda a ropa branca, que se achasse, ou fosse de panno da India, ou de linho de Portugal; reservando a outra metade para os Religiosos de São Francisco tambem enfermos, assistentes no seu Convento da mesma villa. Aos nossos deixou mais a louça, vasos de cobre, e de outros metaes do seu uso ordinario; e todo o comestivel, que se lhe achasse capaz de lhes servir, ou para alimento, ou para regalo.

Novo Padraõ da
sua Caridade.

608 Esta notavel caridade com os enfermos se fez manifesta, e lhe chegou a levantar hum eterno padraõ no Hospital, que mandou erigir na Misericordia da Vidigueira com renda determinada, para se curarem continuamente por sua conta seis pobres. E além do juro, que distribuio para seu sustento, lhes consignou mais vinte mil reis de renda annual para se dispenderem na reforma das camas, e tambem nas mortalhas dos que falecessem. E para que os ditos enfermos tivessem hum Sacerdote prompto, que quotidianamente lhes administrasse o bem espirital, dispoz, que da sua mesma fazenda se estabelecesse renda certa para hum Capellaõ virtuoso, o qual residindo no mesmo Hospital, e tomando a seu cuidado as almas daquelles pobres, solicitasse a salvaçaõ de cada hum com o mesmo zelo, com que os seus administradores deviaõ prevenir os meynos necessarios para a saude corporal de todos.

Rendas para o
seu Hospital.

Virtudes deste
Veneravel Sa-
cerdote

609 Dilatada digressaõ fariamos, se houvessemos de referir outras excellencias, e virtudes deste Apostolico Varaõ. Em todas foy exemplarissimo, e por ellas mereceo a eterna me-
mo.

mémoria do seu veneravel nome. Alguns annos antes de morrer, se desapropriou de tudo o que era do Mundo, a fim de conversar com Deos abstrahido de outros exercicios, e só empregado nos quotidianos louvores de sua Mãy Santissima; principalmente depois do grande milagre, que esta Soberana Senhora obrou em seu beneficio, como em lugar mais proprio escreveremos. A D. Miguel da Gama, seu intimo amigo, deixou várias peças de ouro de muito preço, e algumas alfayas ricas, que o dito Cavalhero estimou menos pela utilidade, que pelo amor, bem expressado nestes sinaes. Entre outras cousas lhe deo huns singulares pannos de Raz, aonde as proezas dos Gamas estavaõ bem debuxadas, razaõ, porque fallando delles no seu testamento para que se entregassem ao dito Cavalhero, disse, *que eraõ da sua historia*. A Ruy Pires da Veiga (de cuja amisade fazia tambem particular apreço) deixou outras peças de valor: e usando de semelhantes acçoens de liberalidade com diferentes pessoas, a que fora inclinado, ultimamente preparou para si a casa (em que já fallámos) chamada Sancristia velha, immediata á sua Capella, para a qual tem Tribuna; e alli passou o resto da vida solitario, e penitente, até que a alma se lhe separou do corpo para gozar no Ceo (como piamente cremos) a justa remuneração dos serviços, que a Deos, e a sua Mãy Santissima fez na terra.

610 Aconteceo o seu transito no dia 17 de Fevereiro do anno de 1597, segundo consta da abertura do seu testamento. E posto que esta noticia se não acha na memoria, que se conserva escrita na pedra da Capella, he, porque no tempo, em que se abrião aquelles caracteres, ainda elle vivia. Seu corpo foy sepultado no jazigo proprio, que estava prevenido no pavimento da Capella, aonde descança, depois de se lhe fazerem todas as honras possiveis no seu funeral. Dura naquelle Convento a constante tradiçaõ, de que o dito corpo permanece incorrupto, e que conserva sinaes, de que o espirito que o animou, goza a Bemaventurança. O certo he, que passado quasi hum seculo, depois de ser depositado naquelle Carneiro, aconteceu, que contando-se o anno de 1691, vários Religiosos excitados da curiosidade desceraõ occultamente ao lugar do deposito, e acharão o respeitado cadaver sem corrupçaõ alguma, mas antes com os sinaes, que cõmumente costumão dar os corpos dos Predestinados. Em

Infra n. 613.

Cousas que deo
a vários amigos

Disposiçaõ para
a morte.

Dia, meze e anno
do seu transito.

Incorrupçaõ do
Corpo.

outro anno mais proximo aos nossos tempos, certo Religioso grave da Provincia, em occasião, que era Prior daquelle Convento, executou a mesma diligencia com igual fortuna: e dali em diante se prohibirão todos os meynos, que então se não evitaraõ, para novo exame do que já não dependia de averiguação.

§. III.

Da outra Capella, e sepulturas notaveis do Cruzeiro,

611

Chama-se Capella do Sacramento,

Retabolo, e suas Imagens.

Escudo de armas, e seu lecello.

A Capella da parte da Epistola do mesmo Cruzeiro he na grandeza, e na figura semelhante á da Conceição. Chama-se do Sacramento; porque alli em hum sumptuoso Tabernaculo se guarda, e se distribue aos Fieis na Mesa Eucharistica o Sacrosanto corpo de Christo. O dito Tabernaculo (que está firmado sobre a banqueta do Altar, como em corpo distinto) encosta em hum antiquissimo retabolo, que sóbe a toda a altura da Capella, dividido em pilares, e columnas, as quaes guarnecem hum grande numero de paineis de finas pinturas. O dito retabolo he dourado, e tem no meyo hum grande nicho, em que se vê collocada a devota Imagem de MARIA Santissima, feita de vulto, com o menino JESUS nos braços. O seu titulo proprio he *do Soccorro*, e não da Assumpção, como já se imprimio em outras memorias. Da parte do Evangelho está a milagrosa Imagem de nossa Mãe, e Senhora do Carmo de vestidos, com a do glorioso São Simão Stoch, recebendo o Sagrado Escapulario. Esta Imagem he a que preside nas funçoens da nossa Veneravel Ordem Terceira fundada naquelle Convento; da qual Ordem (como temos promettido) juntamente com as mais do Reyno, daremos noticia em volume separado. Da outra parte se veneraõ as Imagens de São João Bautista, de São Neotel, e do nosso portentoso Confessor Santo Alberto Drepanense, advogado contra as febres, a quem os Fieis costumão trazer muitas offertas em gratificação dos beneficios, que faz aos enfermos; porque o mesmo he ser delles invocado, que conseguirem com o seu patrocinio perfeita saude.

612 As paredes dos lados são cubertas de azulejo. Na parte do Evangelho em huma pedra se vê hum Escudo esquartelado: no primeiro, e quarto quartel hum Pato; no segundo cinco estrellas de oito pontas, e huma flor de lis, e tem o

mo aberto, e por timbre huma mão com massa de armas. Debaixo do Escudo está o letreiro seguinte: *Capella, que instituiu Manoel Vaz Pato, e sua mulher D. Catharina de Macedo, e Sequeira, e de seus herdeiros, que delle descenderem, com obrigação de huma Missa, quotidiana, e de cinco Officios inteiros, em quanto o Mundo durar.*

613 He de saber, que Manoel Vaz Pato (pessoa muito principal da villa da Vidigueira, onde assistira) mandou ornar á sua custa esta Capella, e alli instituiu Morgado, segundo consta do seu testamento, e compromisso, feito por seu sobrinho o Padre Sebastião Paes, e por elle assinado aos 8 do mez de Agosto de 1666. Foy approvado pelo Tabellião da mesma villa Pedro Dias da Sylveira aos 9 do dito mez, e anno. Deste Morgado tem sido senhores, e Administradores da Capella, os honrados descendentes do Instituidor. O Padre Mestre Frey Manoel de Sá nas suas Memorias Historicas escreveo, que o Administrador no seu tempo era Rodrigo de Mello Lobo, morador na Cidade de Beja. Porém consta, que essa administração não lhe pertencera a elle por si, senão por sua mulher Dona Neothela Ignacia de Almeida; a qual assim que faleceo, logo aquella administração passou ao Padre João Soares do habito de São Pedro. Por morte deste, he actualmente Administrador seu irmão Veríssimo Antonio de Barros, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, assistente na Vidigueira, e pela sua conhecida nobreza hum dos que se occupão nos ordinarios governos desta villa

614 No pavimento do mesmo Cruzeiro ha duas sepulturas memoráveis. A que está proxima á Capella da Conceição, tem na campa hum escudo esquartelado; no primeiro quartel cinco Estrellas de oito pontas, no segundo huma figueira, no terceiro duas cabeças de dragões, e no quarto hum Castello. O Escudo se cõbre de hum elmo aberto, timbre hum Castello, de que sae hum ramo de palma. Debaixo do Escudo se lê: *Sepultura de Bartholomeu da Fonseca de Figueiroa, e de Dona Grima-neza do Carvalhal Freire, sua mulher, e de Dona Maria sua filha, e herdeiros.* A que está junto ao arco da Capella do Sacramento, tem huma pedra, que mostra ser porta de carneiro; e huma campa de pedra de Estremoz bem lavrada, e de sufficiente grandeza, em que se lê: *Sepultura do Padre Jorge Dias; e de sua irmã Anna Dias.* Ha no mesmo pavimento outra cam-

Manoel Vaz Pato, Instituidor da Capella.

Memor. Hist. 1666
pág. 241. fl.
304.

Administradores da dita Capella.

Sepultura memoravel.

Outra que ha no Cruzeiro.

pa menos polida, na qual se vê o letreiro seguinte: *Sepultura de Pedro Cabral Cavalleiro.*

§. III.

Do Corpo da Igreja, suas Capellas, e festa principal do seu Santissimo Orago.

Medidas do corpo da Igreja.

615

Capella de Santo Amaro.

O Corpo da Igreja he de architectura sumptuosa. Separa-se do Cruzeiro mediante humas grades torneadas. Medindo-se do arco da Capella Mór até a porta principal, tem cento, e vinte quatro palmos, com oitenta de altura até a abobada, que he de berço, e cincoenta de vão entre as paredes das Capellas, além do fundo de cada hum. Da parte do Evangelho ha hum Capella á face, aberta no grosso da parede. He dedicada ao glorioso Santo Amaro, cuja milagrosa Imagem de vulto de estatura natural está collocada no meyo de hum retabolo antigo. Este he pintado, e tem seus frizos de ouro, servindo como de moldura a hum painel do mesmo Santo. O interior do arco, e as paredes dos lados estão cubertas de hum consideravel numero de finaes dos prodigios, que o Santo obra pelos devotos, que se valem do seu patrocínio. Os moradores da Aldea de Alcaria, no termo da Cidade de Beja, lhe celebraõ todos os annos huma grandiosa festa em reconhecimento dos continuos beneficios, que recebem da sua prompta, e nunca fallivel protecção.

Sepultura de Isabel Rodrigues.

616

No pavimento, junto a esta Capella, ha hum fermosa campã, que na parte superior tem hum Escudo esquartelado: no primeiro quartel duas espadas postas em faxa, com os cabos encontrados, no contrario duas cabras andantes, no segundo hum saramago com raizes, e no contrario seis arruelas. Tem por baixo hum letreiro, que diz: *Sepultura de Isabel Rodrigues Saramaga, mulher de Antonio de Almeida Cabral, e de seus descendentes, e herdeiros: a qual mandou fazer o Desembargador Manoel de Almeida Cabral seu filho.*

Capella do Senhor JESUS.

617

Da parte da Epistola corresponde outra Capella, intitulada do Senhor JESUS, que he funda, e de abobada. Tem retabolo dourado, e no meyo se adora huma devotissima, e muito milagrosa Imagem de Christo Crucificado de estatura natural. Para mayor decencia está continuamente cuberta, e se

se mostra com assistencia dos Religiosos, que daõ naquelle acto raros exemplos de profunda veneração. Alli concorrem muitas pessoas necessitadas a pertender beneficios do Senhor, que os dispende com infinita liberalidade. No meyo do pavimento se lê em huma grande campã: *Capella, e sepultura de Brites Nunes, e seu irmão Martinho Nunes, filhos de João Nunes, e de Isabel do Cabo, moradores, que forão nos Pedregos: nesta Capella não se enterrará ninguém, senão quem ella deixar em seu testamento nomeado.*

Campã do pavimento.

618 Esta Brites Nunes foy huma virtuosa Matrona, que ficando absoluta do matrimonio sem successão, determinou gastar no serviço de Deos, e em beneficio de sua alma os bens temporaes, de que se achava bastantemente dotada. Assistia na villa da Vidigueira, e tinha especial devoção ao nosso habito, nascida da frequencia, com que visitava a Virgem Nossa Senhora das Reliquias na sua casa, onde os nossos Religiosos com obsequiosas attençaes lhe correspondiaõ ao affecto, que era mais que de Bemfeitora, proprio de Mãe. Succedeo sahir eleito Prior daquelle Convento o Padre Frey Jeronymo Leitaõ, de quem a devota Matrona fazia grande conceito, já pelos exemplos da vida, que era muito reformada, já pelo zelo, que mostrava ter dos rendimentos da sua Comunidade; porque não perdia occasião de os adquirir, nem se desviava dos caminhos conducentes para os poder augmentar. Sabendo pois este Prelado, que D. Miguel da Gama em sua vida offerecera a Capella do Senhor JESUS à dita Brites Nunes, para alli fazer a sepultura do seu corpo, e instituir os suffragios da sua alma; e entrando no desejo de ver executada a vontade de taõ benemerito Cavalhero, que fora (como fica escrito) o principal fundador daquelle Igreja; concorreo da sua parte com as diligencias, e faculdades necessarias, para que tudo se effeituasse; e fossem as condiçoens, com que o Convento doava a Capella, estabelecidas por huma irrevogavel Escritura de contrato.

Brites Nunes
Instituidora

Diligencia do
Prior.

Supra num. 584.

619 Achava-se de visita na Cidade de Beja o Provincial desta Provincia, que era o insigne Padre Doutor Frey Manoel Tavares, de quem havemos de fazer a seu tempo especial memoria, não só pela razão do seu emprego, mas pela honra, que teve de ser Lente de Theologia no Real Convento de Santa Cruz dos Conegos Regrantes de Coimbra, em cuja Universidade

Doutor Fr. Ma-
noel Tavares
Provincial.

supr. num 217:

Documen-
to XXVII.Instrução da
Capella:Condições do
contrato.

Pulpito da Igreja.

Sepulturas:

cidade foy tambem Lente da Cadeira de Escoto. Como a Prelado mayor deo o Prior noticia do intento da Bemfeitora, para que parecendolhe mandar logo a sua licença, lha remetesse, a fim de se não retardar a celebração da Escritura. O Provincial, que conhecia os grandes merecimentos da virtuosa Matrona, porque o Capitulo, em que fora eleito, se celebrou (como já insinuamos) no Convento da Vidigueira, em cuja vizinhança, temos dito, que ella residia; concedeo logo a pedida licença, que a daremos a ler entre os outros Documentos; porque nella exprime algumas circumstancias, que authorisaõ estes escritos, quaes são as esmolas feitas aos nossos Religiosos, a confraternidade da Religião, e o amor que teve ao Convento.

620 Convindo finalmente o Convento nas condiçoens, que se propuzeraõ, fez doação da Capella á dita Brites Nunes para o ministerio já declarado; a qual instituiu por sua alma huma Missa quotidiana rezada, e todos os annos huma cantada de tres Padres com Sermaõ em dia do nome de JESUS na mesma Capella, que (segundo ella determinou) *teria especialmente a nomeação della dita Brites Nunes*. Para estas, e outras obrigaçoens applicou sufficientes rendas de paõ, e azeite; das quaes logo em sua vida deo posse ao Convento; declarando a formalidade, com que se diminuiriaõ as obrigaçoens, havendo fallencia nas rendas, posto que seu animo foy deixalas com boa segurança na mesma Provincia do Alemtejo. Tudo consta de huma Escritura feita na dita Capella do Senhor JESUS pelo Tabellião Antonio de Fontes aos 28 do mez de Janeiro do anno de 1608, na qual affinaraõ o Prior já nomeado, o Subprior, e mais Religiosos Conventuaes; e além de outras testemunhas, Gregorio Preto, a rogo da Instituidora. Por morte desta tornou o dominio da Capella ao Convento, o qual sempre foy administrador das rendas, que lhe competem.

621 Junto ao arco desta Capella encosta o pulpito com serventia aberta no grosso da parede. No pavimento do corpo da Igreja não ha sepultura notavel. Algumas tem campas; mas são pequenas, e toscas com os caracteres mal formados. Em humia mais polida se lê: *Sepultura de João Sabolinho, de sua mulher, e herdeiros*. Só na entrada da porta principal debaixo do guardavento ha huma campa de sufficiente grandeza, bem lavrada, com hum letreiro que diz: *Sepultura de Marcos Antonio*

nio da Serra, e de sua mulher Agueda Lopes, e de seus ber-
d.iros anno de 1677. Na mesma entrada sobre huma abobada
apainelada, em toda a largura da Igreja, ha hum espaçoso Co-
ro alto com os necessarios adornos, e commodos, para a Com-
muniidade quotidianamente satisfazer as obrigaçoens affim do
Officio Divino, como da Oração Mental, quando não occorre
função solemne, em que deve assistir com capas no Coro da
Capella Mór. Nesta allumeadão à Soberana Imagem da Mãe de
Deos duas fermosas alampadas de prata. São tambem de pra-
ta, e de notavel grandeza as das Capellas da Conceição, e do
Sacramento; com tal singularidade, que não só estas, mas todas
as das outras Capellas perseveraõ de dia, e de noite acezas; por-
que nenhuma ha na Igreja, que não tenha renda certa, e bem
estabelecida para continua conservação da Luz.

Coro alto

Alampadas

622 A festa principal desta Igreja he a da Senhora das
Reliquias, seu Santissimo Orago, celebrada com a possivel de-
cencia no dia 8 de Setembro, proprio da sua Natividade. He
taõ copioso o concurso dos devotos nesse dia, que espalhados
pela varzea, representaõ na sua mesma confusão hum objecto
deleitavel. E a Mãe de Deos estima tanto os cultos, que se
lhe offerecem em semelhantes occasioens, que com visiveis
portentos (como depois veremos) tem reprehendido não só
a falta, mas até a mudança da mesma festa para outro dia, de-
pois do que lhe fora dedicado. Nos dias de guarda, especial-
mente nos Sabbados, ainda que sejaõ de trabalho, costumaõ os
moradores das villas circumvisinhas visitar a Senhora; e em
todo anno são incessantes as romarias, que lhe fazem os Fieis
favorecidos do seu patrocínio, alguns dos quaes vem de luga-
res notavelmente distantes.

Festa principal
da Igreja.

Supra. p. 646.

CAPITULO V.

De algumas portentosas maravilhas da Soberana Senhora das Reliquias.

Zambugeiro medicinal.

623

Estimação que fazem das folhas

Tres folhas, que brotou o primeiro tronco.

como as applicava Filippa Souda

DEpois que a milagrosa Imagem da Mãe de Deos foy trasladada para a sua nova Igreja, e se collocou sobre o tronco do zambugeiro, em que apparecera, dispoz a Providencia Divina, que das raizes da mesma arvore, comunicada por baixo da terra, rebentasse outro fermosissimo zambugeiro pela parte de fóra, cujas ramas tocam na parede da Capella Mór, aonde encoستا a Tribuna da mesma Senhora. Não se póde bastantemente exaggerar a estimação, que os devotos fazem das folhas desta arvore; pois considerando, que brotou da mesma, em que a Sagrada Imagem tem o seu assento, as applicação a diferentes enfermidades: e lhes mostra a experiencia, que a todos servem de efficaz remedio. Daqui procede, que os necessitados para as suas queixas, e os Romeiros para levarem consigo, tirão muitas destas folhas, as quaes se repartem como universal medicina: e da sua virtude, não só se referem, mas se mostram provados effectos milagrosos.

624 De hum a antiga memoria escrita no livro do Tombo daquelle Convento pelo Padre Frey Alvaro da Fonseca no anno de 1646 consta, que o tronco, em que está a Senhora, sendo totalmente seco, e já destituido da substancia vegetativa, brotou junto á mesma Imagem hum raminho com tres folhas, que se guardaram com a veneração de Reliquias. Coube hum a dellas a Filippa Souda (a quem já erradamente chamaram de Souza) Matrona nobre, e virtuosa, mãe do Licenciado Luiz Rodriguez de Macedo, Vigario da vara da Vidigueira, villa, em que assistiam ambos; a qual Matrona, de muita idade, era Aya da mesma Senhora, a quem vestia, e ornava nas occasioens festivas. Affirmava pois, que guardando a folha em hum a bolsa de seda, a botava ao pescoço de muitas pessoas enfermas, e que todas por intercessão da Mãe de Deos, a quem extremosamente amava, conseguiam saúde. Tambem usava deste singular

lar defensivo para remediar as mulheres atribuladas em partos: de sorte, que o mesmo era lançarlhes a bolça ao pescoço em nome da Virgem Nossa Senhora das Relíquias, que alcançarem promptamente feliz successo

625 Porém passando destes beneficios genericos a individuar alguns casos verdadeiramente milagrosos, seja o primeiro hum dos mayores, que encontramos nas nossas memorias. Tal foy, o que aconteceu ao nosso nunca esquecido Bemfeitor o virtuoso Padre André Coutinho. Era notavelmente ferido de agudas dores de pedra, que em idade decrepita o traziaõ continuamente magoado. Em hum dia, em que foraõ de tal modo intensas, que chegou a termos de perder a vida, conhecendo, que dos remedios humanos não se lhe seguia alivio, mas antes as dores se lhe representavaõ mais excessivas; valeo-se do poder Divino, buscando-o, mediante o patrocínio da Senhora das Relíquias, da maneira seguinte. Mandou, que o conduzissem ao nosso Convento: e logo que os Religiosos o receberam nos braços, rogou que o levassem á Capella Mór; parecendolhe, que na presença daquella Soberana Senhora, a quem com especialidade amava, teria alguma consolação. Posto na dita Capella em hum encoito, que para melhor commodo se lhe fez, se untou com o azeite da alampada, e com expressoens de viva fé supplicou á Senhora, que se dignasse de o livrar daquella intoleravel oppressão. Para melhor se encommendar á Mãe de Deos, quiz que se fossem todos dalli, e o deixassem só no referido lugar. Ausentaraõ-se logo os assistentes, e o Padre André Coutinho, aproveitando-se de huma pequena tregua daquelle mortal conflicto, chegou a descançar, e com effeito adormeceu.

626 Passados poucos minutos, acordou gritando, que lhe acodissem, e dizendo em altas vozes, *que morria*. Chegaraõ os seus criados, e logo o Medico, e Cirurgiaõ com os Religiosos, que os entretinhaõ. Viraõ todos, que elle lançava de si copioso sangue: e examinando a causa, acharaõ, que naquelle tempo lhe rebentou huma vrilha, por cuja cisura lançara huma grande pedra, no tamanho, e na figura semelhante a hum ovo de galinha, com duas pontas agudas, e huma dellas virada por modo de gancho. Observada a ferida, assentaraõ os professores da Arte, que não tinha cura; do que resultou aos Religiosos in-

Prodigio feito
ao Padre André
Coutinho.

Valendo-se da
Mãe de Deos.

Pedra grande,
que lançou.

sua figura

comparavel desgosto. E compadecidos de tão lastimoso accidente, parecendo-lhes, que o unico remedio era o que a Senhora lhe poderia dar maravilhosamente, ajoelhados todos na sua Augusta presença, lhe fizeram muitas rogativas, para que ao seu amado Bemfeitor dispensasse a vida; que não poderia conservar, porque lhe apressava a morte o novo perigo.

Como ficou livre da molestia.

627 Entre estes sentimentos, e confusões, o enfermo foy o que se mostrou mais animoso; porque esperando na Mãe de Deos, que lhe não faltaria com os effeitos de sua desejada clemencia, não quiz admittir outra cura, que untar-se segunda vez com o azeite da mesma alampada da Senhora. Pedio tambem, que o deixassem ficar só na sua presença: e no tempo, que se lhe encômdava, tornou a adormecer, até que acordando, e conhecendo estar a ferida ferrada, deo vozes de alegria, chamando a todos para que admirassem o summo poder de MARIA Santissima; pois instantaneamente, depois de lhe tirar a causa da enfermidade, lhe dava milagrosa saude. O Medico, e Cirurgiaõ testificaraõ ser este successo muito superior á possibilidade da natureza, e o Padre Frey Alvaro da Fonseca (segundo consta do assento, que por ordem do Prior fez no Tombo do Convento) escreveo, que fallando com hum a pessoa que fora testemunha ocular da maravilha, lhe seguiu, que no lugar da ferida apenas se lhe percebeo hum a cicatriz superficial, como se fosse antiga, e de ferida bem curada. Os Religiosos mostrando-se agradecidos, deraõ por tão singular beneficio as devidas graças àquella inclyta Senhora; que desta maneira comprovou a infallibilidade do seu patrocínio.

Memoria da maravilha.

A pedra se guarda, e se mostra.

Outras pedras semelhantes.

628 A pedra ainda existe, e se guarda com recato, metida em hum a rede de prata, que se abre, quando he preciso mostrar-se, como evidente final de tão raro prodigio. Outras pedras se daõ a ver juntamente com esta, que entre todas he a mayor; as quaes tambem lançaraõ de si milagrosamente diferentes pessoas, que desprezando os remedios da Medicina, só usaraõ do azeite da alampada da mesma Senhora. Hum a que botou hum homem, (cujo nome não consta, e só temos noticia, que era morador em *Villa de Frades*) parece propriamente hum ovo de perdiz: outra, que botou hum a lavradora assistente na mesma Villa, estando quasi moribunda, tem total semelhança com hum a castanha chata de ponta aguda. Assim mais se conservaõ

vão outros não menos admiraveis despojos indicativos dos portentosos effeitos do patrocínio da Mãe de Deos, trazidos á presença da Sagrada Imagem da mesma Senhora; porque julga cada huma das pessoas favorecidas, que na publicação do beneficio, melhor do que por outro meyo, prova o seu agradecimento.

629 Justo parece, que não deixemos em silencio esta exemplar correspondencia, que o virtuoso Padre André Coutinho teve com a sua clementissima bemfeitora. Em seu obsequio, depois daquelle maravilhoso successo, viveo no Mundo, como se para elle estivesse morto. Na casa (em que ja fallámos) chamada Sanctistia velha, por se haver usado della para o tal ministerio, antes de preparada a nova, que actualmente existe; assistio dalli em diante como em retiro, exercitando o espirito na frequente contemplação dos bens celestiaes. E se da Tribuna da sua Capella (fóra das occasioens precisas) se ausentava para acodir a algum urgente negocio, mostrava tal violencia, como se ao apartar-se daquelle lugar, sahisse do seu centro.

630 Offereceo á Senhora das Reliquias as melhores peças de ouro que possuia, applicadas para o seu ornato, e com obrigação de se não poderem alienar, nem divertir para ministerio differente por nenhum caso, ou necessidade. O seu intento foy deixar permanentes sinaes da sua gratidão naquellas peças, que ainda se conservaõ intactas. Todas se obraraõ na India Oriental. As mais notaveis são as seguintes. Huma grande cadeya de muito pezo, e de feitio extraordinario, da qual pende huma Reliquia em caixilho tambem de ouro, que mandou no seu testamento fosse guardada em tal forma, que do Convento nunca sahisse, senão em caso de se acodir com ella em doença grande a alguma pessoa de qualidade, que a pedisse. Desta Reliquia daremos noticia, quando tratarmos das muitas, com que elle enriqueceo aquelle Convento. Humas especialissimas contas lavradas com o mayor primor dos artifices da Asia: e declarou, que as taes contas não se poderiaõ nunca soltar do fio, em que as deixava, salvo fosse para se fazerem braceletes, e gargantilha, que ornassem a mesma Santissima Imagem. Mais outras joyas, e sobre tudo quanto pode caber no apreço humano, hum preciosissimo Relicario grande com portas: do qual pede a sua mesma singularidade, que depois o descrevamos em capitulo separado.

Correspondencia do Padre André Coutinho.

Supra n. 609.

Peças preciosas que offereceo a N.ªa Senhora.

Segurança; com que as deixou.

Milagre feito a
Dona Catharina
de Atayde.

Supra num. 582.
587. 589. 596.
609.

Granad. Symb.
part. 2. Cap. 17.
§ 11. pag. 235.

Caribag. de Sacr.
arc. tom. 3. lib.
ult. § 38.

Jardim de Por-
tug. n. 169. pag.
494.

Sant. Maria tom
6. tit. 77. pag.
260.

Principio da en-
fermidade.

Supplica de hu-
ma sua ama.

631 Transcreveremos agora outro milagre dos mayores, que em Portugal se tem visto, com a nobre circumstancia de o fazer a Senhora das Reliquias em beneficio de huma tão illustre, e conhecida pessoa, como foy D. Catharina de Atayde, segunda filha de D. Francisco da Gama, II Conde da Vidigueira, e da Condesa Dona Guiomar de Vilhena, irmã do nosso inclito devoto D. Miguel da Gama, muitas vezes nomeado nestes escritos; milagre tão grande, tão certo, e tão notorio, que o Veneravel Padre Mestre Frey Luiz de Granada, esclarecido filho da Ordem Dominicana, preferindo-o como testimunha quasi ocular, chegou a dizer no seu admiravel Symbolo, &c. *Que se elle fosse gentio, só esta maravilha seria bastante a convertello á nossa Santa Fé.* Tambem o Doutissimo Frey João de Cartageña, professor do Instituto Serafico, o traz no seu estimabilissimo livro de *Sacris arcanis*, copiado daquelle Author; depois do qual dêraõ a mesma noticia os insignes Padres Frey Luiz dos Anjos, Frey Agostinho de Santa Maria, e outros de igual aceitação. E porque o allegado Padre Granada expoem o successo com todas as suas particularidades memoraveis, aqui o repetiremos pelos seus mesmos termos, que traduzidos no idioma Portuguez contém a seguinte substancia.

632 „ Esta Senhora (diz) tendo a idade de treze, ou
„ quatorze annos, padeceo huma grande enfermidade de acci-
„ dentes convulsivos, tão fortes, que não havendo para elles
„ humano remedio, chegou ao ultimo perigo de vida com tanta
„ certeza, que lhe tinhaõ já preparada a mortalha. Neste tempo
„ huma ama, que a criava, afflicta não só com o trabalho de a ver
„ penar, mas com a consideração de que por sua morte perdia o
„ bem, que della esperava para utilidade de seus filhos; foy a
„ huma Igreja de Nossa Senhora, e com incessantes lagrimas,
„ derramadas na sua angusta presensa, lhe rogou instantemente
„ pela vida da enferma. Crivel he, que a Mãe de Deos lhe ou-
„ vio a supplica; porque a dita Dona Catharina de Atayde foy
„ tornando a si, e depois de tres mezes e meyo de doença lhe
„ faltaraõ os accidentes. Porém ficou paralytica de toda a parte
„ esquerda, e nella com hum tão implacavel tremor, que se al-
„ guem fazia por lhe segurar o braço, experimentava a mesma
„ violencia, e tambem tremia. Durou a queixa nesta fórma não
„ menos, que nove mezes, nos quaes os melhores Medicos
desta

„ desta Corte, onde os illustrissimos pays da enferma se achavaõ de assistencia, fizeraõ as possiveis diligencias por lhe acodirem com algum remedio efficaz, mas nunca o conseguiraõ: até que desconfiados do bom effeito da sua applicaçãõ, só a enferma conservava firme esperança, de que Nossa Senhora lhe havia de dar saude perfeita; porque lembrada de que já a livrara da morte, dizia com viva fê, que não costumava fazer as mercês partidas.

633 „ Nestes termos occorreraõ á memoria os extraordinarios portentos, que a Virgem Nossa Senhora das Relíquias continuamente obrava na sua Igreja da Vidigueira. Para esta se poz logo a caminho toda a casa, e chegando á villa, forãõ de romaria á presença da milagroza Imagem da Mãy de Deos. Alli começou a enferma a orar ao mesmo tempo, que ouviu estar junto a si hum velha pedindo com fervorosa devoção, e muita ancia á Mãy de Deos saude para hum filho, que tinha tambem enfermo. Daqui tomou occasiãõ para se inflamar nos desejos de a poder imitar na efficacia, com que pedia: e extrahindo do interior do seu coração internecidas vozes, com os olhos fitos na Santissima Imagem disse: *O Senhor, se eu tivesse a Fé desta boa velha, vós me darieis saude.* Assim que proferio estas, e outras semelhantes palavras tão expressivas da sua compunção, e da confiança que fazia no poder da Rainha dos Ceos, subitamente por virtude da mesma Senhora, que he Mãy de Misericordia, se achou totalmente restituida á saude; de cuja novidade ficou tão sobressaltada, que entre confusa, e alegre parecia estar fóra de si. Mas passado aquelle instantaneo fustõ, logo se levantou, e á vista de todos os circunstantes foy por si mesma sem embaraço buscar a Condesa sua mãy, que estava hum pouco desviada dentro da Igreja; a qual ficou igualmente attonita pelo que via, não podendo já duvidar na maravilha da Senhora; porque achando-se alli hum grande concurso de gente, que viera á Igreja, por ser Domingo, começou a clamar, dizendo em altas vozes, e repetindo: *Milagre, Milagre.*

634 „ Acodiraõ os Religiosos: e vendo com tanta evidencia provada aquella maravilha, por ella déraõ ao Senhor as devidas graças, cantando solememente o Hymno *Te Deum Laudamus*, e outros louvores á Senhora, que tambem en-

Recorreo a N. Sra. Senhora das Relíquias.

Ação de Fé da enferma.

Ação de graças pelo prodigio.

entoaraõ com a devoção, e os affectos, que pedia a felicidade de de hum successo tão raro. No dia seguinte os Clerigos da villa ordenaraõ pela mesma causa huma devotissima procissão, que a favorecida Senhora acompanhou toda por seus pés com tanta agilidade, que deo geralmente a conhecer, que estava restituida á sua perfeita saude. Esta acção se fez mais plausível; porque havia nove mezes, que para dar algum passo, lhe era necessario não só o arrimo das muletas, mas tambem a companhia de quem a levasse em braços. Porém desde aquella hora ficou tão convalecida, e tão robusta, que querendo exaggerar a sua fortaleza, dizia commumente, *que a saude, que Nossa Senhora dava, era de pedra, e cal.*

Festa, que sempre se fez a N. Senhora.

635 Viveo depois dilatados annos: e até á morte se mostrou muito agradecida a Nossa Senhora das Reliquias, a quem sempre dedicou huma solemne festa, que hia pessoalmente celebrar no mesmo dia, em que recebera o beneficio da restituição da saude. E quando em cada hum anno se applaudia a memoria de tão grande milagre, os seus criados, e familiares guardavaõ aquelle dia, abstando-se de todo o trabalho, como se fosse de preceito. Foy tambem evidente sinal, de que conhecia a sua obrigação, a frequencia, com que visitava as Igrejas de Nossa Senhora. O mesmo Veneravel Padre Granada deixou escrito: *Que o seu quotidiano exercicio era recolher-se de manhã ás Igrejas, onde gastava muitas horas em devotas oraçoens quasi sempre ajoelhada, sem cansar, nem sentar-se: de sorte, que até as dez, e onze horas da manhã se occupava só com Deos sem applicação para nenhum outro ministerio.*

Granada ut supra

Matrimonio, e descendencia de Dona Catharina

636 Para ultima confirmação da perfeita saude, que por beneficio da Mãe de Deos gozou em toda a vida, basta saber se, que contrahio illustre matrimonio com D. Pedro de Noronha, VII Senhor de Villa-Verde, Fidalgo dos mais esclarecidos do Reyno, de quem teve muitos, e authorisadissimos filhos, dos quaes se achão deduzidas differentes successoens de varios Titulos. He seu V. neto por legitima varonia com todos os Estados, e dominios de sua excellentissima casa D. Pedro Joseph de Noronha, III Marquez de Angeja, que seguindo a vida Militar, occupa o posto de Capitão de Infantaria em hum dos Regimentos da Corte; o qual casou com Dona Maria de Lorena filha dos terceiros Marquezes de Alegrete, de cuja uniaõ existem

mui-

muitos filhos, herdeiros não só da grandeza, mas dos excellentes predicados dos seus gloriosos progenitores.

637 Depois deste portento, foy ainda mais fervorosa a devoção dos Senhores da Vidigueira com a Virgem Santissima das Reliquias, que continuou a dispende milagrosos favores naquella inclyta casa, como della Tutelar, e Defensora. Com especialidade conseguiu o seu patrocínio Dona Leonor Coutinho, segunda mulher de D. Francisco da Gama, IV Conde da Vidigueira (do qual acima fallamos). Senhora de varonil talento, muito applicada á lição dos livros. Deo a conhecer a sua rara intelligencia em hum Tomo, que escreveo de Cavallarias, com o titulo de *D. Belindo*; que posto se não imprimio, he certo, que delle existem várias cópias, estimadas pela sua engenhosa arte, e bom estylo. Era filha de Ruy Lourenço de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, Governador de Tangere, e do Algarve, Vice-Rey da India, e do Conselho de Estado; e de sua mulher Dona Maria Coutinho, filha de D. João de Almeida Capitão de Dio.

Devoção dos Senhores da Vidigueira

Supra n. 595.

638 Vivia a dita Condesa com o desgosto de não ter para herdeiro de sua grande casa hum filho Varão. Verdade he que já se achava bastantemente fecunda de filhas; porque teve tres successivas, as quaes foraõ Dona Maria Coutinho, segunda mulher de D. Rodrigo da Camera, III Conde de Villa-Franca; Dona Eufasia Maria de Tavora, que casou com D. Luiz Lobo, I Conde de Oriola, e VIII Barão de Alvito; e Dona Catharina, que morreo menina. Porém faltavalhe a consolação de ver successor masculino: e pertendendo, que o Senhor lho dêsse, elegeo por intercessora a Maria Santissima, a quem pessoalmente buscou várias vezes na sua Igreja das Reliquias, fazendo para o mesmo fim muitas deprecações na presença daquella milagrosa Imagem. Foy de admirar o prompto despacho, com que a Rainha dos Ceos lhe respondeo a tão fervorosa supplica; porque com effeito a Condesa teve logo hum filho, que com o seu nascimento lhe causou summa alegria; felicidade, da qual se acha no Tombo do Convento huma antiga memoria, que nos parece conveniente transcrever, e diz o seguinte.

Beneficio feito a D. Leonor Coutinho,

639 „Foy Deos Nosso Senhor servido, por intercessão da „Virgem Santissima sua Mãe, dar a esta Senhora Condesa, quando mais descuidada estava, a seu filho o Senhor D. Vasco Luiz da

Filho que teve Varão

seus predicados.

da Gama, o qual herdou a casa de seus pays: e hoje o anno de mil seis centos quarenta e seis he Marquez de Nisa: o que a Condesa D. Leonor soube muito bem agradecer á Virgem Santissima, offerecendolho como filho seu; e vindo á villa da Vidigueira, frequentava a sua casa com muita devoção. E bem se vê ser este Senhor filho da Virgem Santissima, e de milagre, pelo muito que tem feito, e faz na conservação deste Reyno de Portugal depois da felice acclamação del Rey D. João o IV, nosso Senhor; que vindo neste anno de mil seis centos, e quarenta e seis de Embaixador de França, aonde esteve mais de tres annos, o tornou logo sua Magestade a mandar por Embaixador ao mesmo Reyno, achando concorrerem nelle todas as partes de bom, verdadeiro, e fiel Portuguez.

Supra n. 597.

640 Os honorificos empregos deste grande Heroe ficam expressados no Epitafio da sua sepultura, que já transcrevemos; posto que não podiaõ alli caber os elogios, de que se constituiu merecedor pelo seu singularissimo talento. Nem he do nosso assumpto o referirmos agora, quanto poderiamos dizer de hum Ministro, de cujo zelo, e actividade esteve dependente, e se conseguiu a saude da patria. Para confirmação da especial mercê, que a Condesa recebera da Mãe de Deos neste filho, basta considerar-se, que fora o unico que teve varão, sendo que depois d'elle ainda deo á luz quatro filhas. Outra quasi semelhante maravilha obrou a mesma Soberana Senhora das Reliquias em beneficio daquella illustrissima casa, depois que D. Vasco Luiz da Gama casou com a Marqueza Dona Ignez Gonçalves da Camera, filha segunda de Simão Gonçalves da Camera, III Conde da Calheta, Capitão Donatario da Ilha da Madeira, e da Condesa Dona Maria de Menezes, e Vasconcellos: a qual maravilha se acha escrita no Tombo do mesmo Convento pelas seguintes palavras.

Mercê de Nossa Senhora a Dona Ignez Gonçalves

641 „Estando os ditos Senhores (D. Vasco Luiz da Gama, e Dona Ignez Gonçalves da Camera) casados alguns annos, sendo moços, não tinhaõ filhos. Pelo que a Condesa Dona Ignez andava muito desconsolada. E estando na sua villa da Vidigueira, determinou-se a Condesa a fazer suas devoções á Virgem Nossa Senhora, visitando-a muitas vezes, frequentando-lhe a sua casa com romarias, e mandando-lhe fa-

,, fazer hum vestido, que ella em pessoa lhe veyo vestir huma
,, vespera de Nossa Senhora de Março. Então lhe pedio com
,, muitas lagrimas, que se lembrasse della, e de sua casa, e lhe
,, dêsse fruto de benção, que fosse para seu serviço, e que acei-
,, tasse aquella humilde offerta. Foy cousa maravilhosa; que a
,, Virgem ouvio a devota Condesa: e daquelle dia a hum anno
,, pario a seu filho o Senhor D. Francisco da Gama, que he ho-
,, je Conde da Vidigueira, por seu pay ser Marquez de Nisa
,, por mercê delRey D. João o IV: e depois da Condesa Dona
,, Ignez parir o seu filho, lhe foy Deos nosso Senhor, e a Virgem
,, Santissima dando geração. Mas ainda que nesta memoria se
acha só o nome, e appellido principal deste Fidalgo, o seu
nome inteiro era (como já escrevemos) D. Francilco Luiz
Balthasar Antonio da Gama.

Supra n. 598.

642 De hum affento, que se acha no mesmo Tombo do
Convento, consta haver acontecido hum caso portentoso na
Igreja, em que a Soberana Senhora das Reliquias preside, do
qual vivem ainda muitas testemunhas oculares, e tambem o
Prelado, que então era do dito Convento. Haviaõ os moradores
da villa da Vidigueira determinado, por voto, festejar a N. Se-
nhora das Reliquias no anno de 1732, em hum Domingo, que
se contavaõ 31 do mez de Agosto: para o que tinhaõ já na vespe-
ra o Throno preparado, em que se costuma expôr o Santissimo
Sacramento, não só com preciosos ramos de seda, e outros ador-
nos, mas tambem com os cirios necessarios, que eraõ quarenta,
postos em grandes castiças. Estando tudo assim disposto, che-
gou noticia certa, que nesta Cidade de Lisboa falecera D. Vas-
co da Gama, primeiro filho Varaõ de Dona Maria Josefa Fran-
cisca Xavier Balthasar da Gama, filha herdeira do III Marquez
de Nita D. Vasco Joseph Luiz Balthasar da Gama, que ainda
naquelle tempo vivia; a qual Senhora havia contrahido esclare-
cido matrimonio com Nuno da Sylva Telles, filho segundo dos
Marquezes de Alegrete.

*Prodigio da cera
do Throno.*

643 Como esta noticia se fez sensivel aos criados da ca-
sa (muitos dos quaes serviaõ na Republica daquella villa) estes
em final do seu desgosto, impediraõ o celebrar-se em seme-
lhante conjunctura a festa da Mãe de Deos. Porém o mesmo
foy tomarem esta resolução, que cahirem precipitadamente do
throno ao pavimento da Capella todos os castiças com as velas,

*Motivo, que os
correo*

Festa que se fez a
N. Senhora.

sem que alguma dellas se quebrasse, ou algum dos castiçaes ficasse com defeito. Isto aconteceu no sabbado, em que se contavaõ 30 do mez: e posto que logo se deo a conhecer o prodigio, com tudo, por não ficar em menos estimaçaõ, tornaraõ-se a pôr as vélas no seu lugar em presença de hum grande numero de pessoas, que por ouvirem taõ rara novidade concorreraõ á Igreja. Mas assim que se largavaõ das mãos os castiçaes, logo vinhaõ abaixo, e rodando até quasi o meyo do Coro, nunca os cirios se quebravaõ. Tantas vezes aconteceu este precipicio, que certificados da maravilha os que impediaõ a festa, cederãõ do intento, e ajustaraõ fazela no dia seguinte, conforme se havia prevenido. Entãõ occorreo motivo para os circunstantes ficarem mais admirados; porque ao mesmo tempo, que se proferio este acordo, ficaraõ os castiçaes, e vélas taõ immoveis, que até o fim do outro dia, em que a festa foy celebrada com a possivel solemnidade, nunca se vio final algum de pouca firmeza, nem movimento, que os podesse deixar menos seguros no throno. Este portentoso successo se authorisa com a cópia do assento, que vay no fim do volume. E posto que a Soberana Senhora das Reliquias não cessa de obrar muitas maravilhas, que ainda tinhaõ lugar nestes escritos, julgamos, que bastaõ as referidas para commover aos que dellas não tem conhecimento, nem fallaõ com experiencia.

CAPITULO VI.

Das Sagradas Reliquias, que nesta Igreja se veneraõ, e das preciosas pegas, que servem no Culto Divino.

644

Reliquias muitas, e especiaes.

Supra n. 577.

*Chron. Tom I.
part IV.*

Muitas saõ em numero, e estimabilissimas pela sua especialidade, as Reliquias, que este convento enthesoura. Já dissemos, que chegou a dar fundamento para se entender, que por essa causa se intitulava Convento das Reliquias. Mas ainda que esta denominaçaõ (como fica declarado) teve outro principio; a verdade he, que nenhum Convento da Provincia (excepto o de Lisboa, do qual temos dado larga noticia) goza de Reliquias taõ especiaes, nem para ellas temos visto guarniçoens de taõ exquisito primor. As memoraveis saõ as seguintes. Huma do nosso glorioso

Tomo II. Parte IV. 355

fo Santo Alberto Confessor, encaftoada em filagrana de prata. Com ella se benze a agua, que se distribue ao povo no dia do meſmo Santo; que por ſer advogado contra as febres, ſuccede que os ſeus devotos, que pelo decurſo do anno as padecem, coſtumaõ uſar da meſma agua benta: e permite Deos, que pelos merecimentos daquelle grande Santo, mediante o contaõto da ſua Reliquia, os febricitantes ſe reſtituem á ſua perfeita ſaude.

De Santo Alberto

645 Ha tambem huma pequena ambula de criſtal encaſtoada em ouro, de engenhofa figura, com delicadas columnas, e primoroso lavor. Dentro tem Reliquias de São Coſme, e São Damiaõ, como declara hum dos letreiros, que eſtaõ abertos ao buril, da parte ſuperior, e diz aſſim: *Digiti S. Coſmi, & S. Damiani*: o outro letreiro diz: *Tanquam aurum probavit eos Dominus*. Eſta Reliquia nos deo o noſſo grande Bemfeitor o Padre André Coutinho. Della faz mençaõ no ſeu teſtamento, e he a meſma, que já inſinuamos, quando eſcrevemos a reſpeito da cadêa de ouro, da qual ficou pendente por huma argola, que ha na meſma ambula. Pelo contaõto de taõ provado remedio tem o Senhor feito grandes milagres em diferentes peſſoas de enfermidades mortaes, que quaſi reſuscitadas, não perderaõ a vida, depois que ſe valeraõ da interceſſaõ daquelles gloriosos Martyres. Por eſſa cauſa nos ficou muito recommendado, que a dita Reliquia ſe guardaffe com a circumſtancia de não ſahir do Convento, ſenaõ em beneficio da ſaude de alguma peſſoa grave, havendo certeza da ſua prompta reſtituiçaõ.

De São Coſme, &
São Damiaõ.

Supra n. 6361

646 Porém a mayor de todas as precioſidades, que tem a Igreja, he o incomparavel Relicario com portas, que lhe deo o meſmo Veneravel Bemfeitor; obra do mais engenhoso, e delicado artificio, que no ſeu genero ſe tem viſto na India Oriental, donde elle o trouxe. Toda a expreſſaõ ſerá diminuta para o deſcrever cabalmente, mas diremos por mayor, quanto aos curioſos póde ſervir de clareſa. He eſte Relicario feito por modo de Oratorio, que ſe fecha com duas portas, ſuſtentado em hum pé como de calix: e aſſim eſte, como as quartelas, e cinco pyramides, que lhe formaõ o remate, ſaõ de prata bem lavrada. Do pé até a extremidade do remate tem tres palmos e meyo de alto: ſó a caixa ſem o pé, e remate tem mais de dous palmos, com palmo e meyo de largo, e meyo palmo de vaõ. Viſta a caixa por fóra, antes de ſe abrir, he exteriormente cuberta de velu-

Relicario nota
vel,

Sua medi
da, e
figura,

Visto da parte
exterior.

Imagens, e La-
minas do inte-
rior.

Reliquias dos
Apostolos.

Imã E de Chri-
sto na Cruz.

Santo Lenho.

do verde com guarnição de huma miuda pregaria de prata, da qual por todas as partes está cravejada. No mesmo exterior tem cinco preciosas laminas de finissimo pincel, medidas no grosso, com molduras de prata feitas em relevo; huma no meyo do remate entre as quartelas; e esta he de Nossa Senhorado Populo com o Menino JESUS nos braços: duas nos meyos das portas com iguaes molduras; a da parte direita he do Mysterio da Encarnação, a da outra parte he do Nascimento de Christo: e duas aos lados sobre as distancias do vão; de huma parte representa a JESU Christo resuscitado, e da outra o rosto do mesmo Senhor com a cabeça coroada de espinhos.

647 Abertas as portas, aparece o interior de todo aquelle Santuario, forrado de huma subtilissima rede de ouro batido, sobre a qual assentaõ todas as figuras, e Reliquias, que iremos declarando. Na porta da parte direita está a Imagem de São Pedro Apostolo, vazada em prata de relevo com guarnição de ouro. Tem hum palmo de altura com o rosto, mãos, e pés, de encarnação feita com tanta naturalidade, que parece estarem as partes daquelle corpo animadas. Na outra porta se vê a Imagem de São Paulo, que em tudo lhe he semelhante. No alto da porta, em que encofsta a Imagem de São Pedro, estão tres Reliquias em caixilhos de prata embutidos no grosso, e são dos vestidos dos Apostolos: São Thomè de côr verde, São Pedro de côr vermelha, e Santo André de côr leonada. No alto da porta, em que assenta a Imagem de São Paulo, correspondem outras tres Reliquias embutidas na mesma fôrma, e são dos vestidos dos Apostolos: São Filippe de côr branca, São Paulo de côr de roza, e Santiago de côr amarela.

648 Preside no meyo huma perfeita Imagem de ouro de nosso Redemptor crucificado, de hum palmo, posto em huma Cruz refendida de calambuco cheiroso, feita á proporção da Imagem, a qual Cruz está fixa em hum calvario de meyo circulo de prata. Toda a Cruz com o calvario está aberta em caixilhos de prata dourada cheyos de Reliquias. A mais preciosa fica na parte superior da haste, sobre a cabeça do Senhor. Ha hum grande Santo Lenho de duas particulas iguaes postas em Cruz, e no Titulo em lugar das quatro letras tem abertas de burilem prata outras, que dizem: *Lignum crucis*. Daqui para baixo em toda a haste tem quinze Reliquias nos taes caixilhos: a primeira he

he hum *Agnus Dei*; segunda, e terceira tem os caracteres encubertos com as costas da Santa Imagem. Seguem-se doze, que vem a ser de São Basilio, de São Gregorio, de São Braz, de São Martinho, de Santa Margarida, de Santo Estevão, de São Sebastião, de São Boaventura, de Santo Agostinho, de Santa Catharina de Sena, de Santa Patronilha, e de São Mathias. Nos dous braços tem seis Reliquias em caixilhos semelhantes, e são as seguintes: de Santo Epiphanio, de Santo André, de São Paulo, de São Pedro, de de Santiago, e de São Matheus. No Calvario ha tambem dez laminas, em que se incluem outras tantas Reliquias. Na peça superior tem duas, a saber, de Santo Estevão, e de São Braz: na do meyo tres, de São Lourenço, do habito de São Francisco, e da Columna de Christo: na inferior, e ultima, cinco, de Santa Patronilha, do habito de Santo Antonio, de São Martinho, de São Tibúrcio, e do Papa São Clemente.

Várias Reliquias de Santos.

649 Ao pé da Cruz estão duas Imagens iguaes de relevo, vazadas em prata, com os rostos, mãos, e pés cubertos de singular encarnação em tudo semelhantes ás de São Pedro, e São Paulo. A da parte direita he de Nossa Senhora, a da outra parte do Evangelista São João. No alto, aonde encofstaõ as duas Imagens, ha quatro laminas redondas, e fundas, em que estão reliquias dos vestidos dos quatro Evangelistas, postas pela seguinte ordem separadamente, de São João, de São Lucas, de São Matheus, e de São Marcos. Ao pé da Imagem da Senhora se vê em caixilho de prata dourada huma Reliquia da esponja de Christo, e ao pé da Imagem do Evangelista em caixilho semelhante ha outra Reliquia de São Sebastião.

Imagens de N. Senhora, e São João.

Reliquias dos Evangelistas.

650 Nos vãos dos lados entre as portas, e o espaldar da Cruz, que tem cada hum (como já dissemos) meyo palmo, estão duas perfeitas Imagens, que se correspondem, ambas vazadas em prata, e de relevo com encarnação na fôrma das outras. A da parte direita he de Santo Antonio com o Menino JESUS nos braços. A da outra parte he de São Francisco com as suas costumadas insignias. No alto, aonde assenta a Imagem de Santo Antonio, se vê huma lamina redonda partida ao meyo com duas grandes Reliquias, huma de São Marcello, outra de São Leão, ambos Papas, e Martyres. Na parte inferior da situação da mesma Imagem ha outra lamina semelhante com distintas accom-

Imagens de São Francisco, e Santo Antonio.

Reliquias de outros Santos

mo-

modaçoens para duas Reliquias, huma de Santa Marta Virgem, outra de São Luiz Rey de França. No alto, aonde encoستا a Imagem de São Francisco, corresponde outra lamina de igual figura, com duas Reliquias, huma de Santo Agostinho Doutor da Igreja, outra de São Boaventura tambem Doutor. Na parte inferior sem lamina igual se achão as Reliquias de São Sylvestre, e São Gregorio, ambos Papas, e Confessores.

Ornato de tudo

Agiol. Lus. tom.
3. pag. 56, L. 4

651 No meyo do tecto em huma lamina circular de primorosa moldura se inclue hum grandioso *Agnus Dei*; e nos angulos do mesmo tecto estão quatro Serafins de prata, que lhe servem de ornato. E desta maneira havemos por concluida a relação deste preciosissimo Santuario, do qual, insinuando veneração, fallou Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano: e nós devemos tambem declarar o motivo que ha para ser eternamente estimavel tão rico thesouro. Vem a ser, o haver-se juridicamente authenticado a mais notavel daquellas Reliquias, qual he o Santo Lenho, e com elle todas as mais que o acompanhaõ, segundo consta de hum Instrumento, que se guarda no Archivo do mesmo Convento da Vidigueira. Aqui daremos a ler a cópia transcrita do seu Original, por ser parte, que muito authorisa as circumstancias do nosso assumpto.

Instrumento
authentico
das Sagradas
Reliquias.

652 „ **I**N Dei nomine. Amen. Saibaõ os que este
„ Instrumento virem, dado por mandado, e au-
„ thoridade de justiça, que no anno do Nascimento de Nosso Se-
„ nhor JESU Christo de 1604 annos aos 30 dias do mez de Ju-
„ lho do dito anno nesta Cidade de Evora nos aposentos do Se-
„ nhor D. Alexandre Arcebispo de Evora, na casa da sua
„ Guarda-ropa, estando a hi o dito Senhor, e por seu mandado
„ chamados para o caso adiante declarado, a saber, o Senhor
„ Bispo de Nicomedia, Presidente, e Provisor; o Padre
„ Mestre Frey Antonio Tarrique, Prior de São Domingos, e seu
„ Companheiro Frey Luiz de Barros, Prègador; o Padre Frey
„ Luiz da Resurreição, Reitor do Collegio de São Paulo pri-
„ meiro Ermitão, Frey Francisco da Natividade seu compa-
„ nheiro, Theologos; o Padre Frey Francisco Alvarinho, Prior
„ de Nossa Senhora do Carmo, Frey Vicente Coelho seu com-
„ panheiro, Pregador; o Padre Frey Pedro de São Joseph,
„ Prior de Nossa Senhora dos Remedios de Carmelitas Des-
„ calços,

Tomo II. Parte. IV.

359

„ calços , seu Companheiro Frey Thomaz de São Cyrillo ,
„ Theologos : e da banda esquerda do dito Senhor estava o Pa-
„ dre Martim de Mello, Reytor da Companhia, e Universidade
„ de Evora , Theologo , e o Padre Doutor Fernão Rebello,
„ Cancellario da dita Universidade ; o Padre Frey Filippe da
„ Luz , Prior de Nossa Senhora da Graça, seu companheiro
„ Frey Jayme, Theologos ; o Padre Fr. Antonio de São Bar-
„ nabé Pregador, de São Francisco, e seu Companheiro ; o
„ Padre Gonçalo da Assumpção Reytor de São João, e o Padre
„ João de São Paulo , Vice-Reytor, todos assentados em cadei-
„ ras grandes : estando outro fim á mão direita do dito Senhor
„ D. Alexandre hum Altar portatil , bem ornado , e concerta-
„ do, e nelle hum Custodia de pé com portas ao modo de Sa-
„ crario, forrada por fóra de veludo verde , bem marchetada,
„ e pregada de prégos de prata ao modo de balmazes , e por
„ dentro marchetada , e forrada de ouro , e prata em pastas
„ com figuras de Nossa Senhora , e São João Evangelista, São
„ Pedro , São Paulo, e outros Santos estampados, e vazados em
„ prata : e dentro hum devoto Crucifixo, posto em hum Cruz
„ de pão bem feita , e nella muitos vãos com vidraças, e diziaõ
„ ser Reliquias de Santos ; e no cimo da dita Cruz da parte su-
„ perior della está hum vão redondo , e tem hum Cruzinha tão
„ alta , como larga do Santo Lenho , cuberta com hum crystal,
„ ou outro vidro : e estando nesta fôrma tudo , como fica dito ,
„ assistindo neste Auto quatro Notarios Apostolicos , a saber,
„ João da Cunha , Sebastião Lopes , Mathias Gallo , e eu Pe-
„ dro Padraõ , o Senhor Bispo de Nicomedia relatou o caso , e
„ disse, que á petição dos Padres do Carmo do Convento das
„ Reliquias da villa da Vidigueira deste Arcebispado fora apre-
„ sentado , e visto em consulta hum summario de testemunhas ,
„ porque constava ; André Coutinho, Sacerdote , pessoa de-
„ vota, de virtude, e qualidade, haver dado ao dito Convento a
„ dita Reliquia do Santo Lenho , pedindo os Padres se appro-
„ vasse, para a poderem mostrar aos Fiéis Christãos , e venera-
„ la e adorala na fôrma do Sagrado Concilio Tridentino ; e que
„ vista a justificação , e informação da dita Reliquia , em con-
„ sulta se assentara , que se devia approvar , e fazer para isso jun-
„ ta na fôrma do mesmo Concilio : e com esta informação, e por
„ na mesma junta haver pessoas Religiosas , que informaraõ,
„ como

„ como o dito Padre André Coutinho já na India tinha, e pos-
 „ suia a dita Reliquia, e por verdadeira era tida, e reputada,
 „ foraõ todos de commum parecer, que se devia a dita Reli-
 „ quia approvar, adorar, e venerar. Pelo que logo o Senhor
 „ D. Alexandre se levantou da sua Cadeira, e se poz de joelhos
 „ ante da dita Reliquia do Santo Lenho, e a beijou no pé da
 „ Cruz, aonde está posta, e adorou, e reverenciou; e da mes-
 „ ma maneira a adorou o Senhor Bispo Presidente, e os mais
 „ Religiosos atraz nomeados nesta Junta, e outras pessoas Ec-
 „ clesiasticas, e seculares: e por este Auto se houve a dita Reli-
 „ quia por approvada *auctoritate ordinaria*; e se mandou, que se
 „ lhe tenha adoração, e veneração devida, e esteja posta em Sa-
 „ crario com muita guarda, e decencia, e veneração, que se deve
 „ ao Santo Lenho: e de tudo mandou o Senhor Bispo Presiden-
 „ te fazer este Auto, que affinou com os Notarios, e dar a cópia
 „ authentica aos Padres das Reliquias. Eu Pedro Padraõ, Notario
 „ Apostolico, que o escrevi, e dou fé com os mais Notarios, af-
 „ fim passar na verdade, dia, era, *ut supra*:---O Bispo de Nicome-
 „ dia:---João da Cunha,---Sebastião Lopes,---Pedro Padraõ,---
 „ Mathias Gallo;---com o theor do qual Auto de approvação, eu
 „ Pedro Padraõ Notario Apostolico, morador na Cidade de
 „ Evora, passey este Instrumento, que vay por mim subscrito,
 „ e affinado em publico, e concertado com o Notario aqui co-
 „ migo affinado. Hoje 19 dias do mez de Agosto de 1604 an-
 „ nos. Eu Pedro Padraõ Notario Apostolico o fiz escrever, e
 „ subscrevi---Lugar do final publico, em que tem nas Armas
 „ Apostolicas *Deus veritas est*---concertado comigo Notario
 „ Mathias Gallo.

Porra paz nota-
vel:

653 Bem se póde tambem chamar Santuario o mayor dos
 dous Instrumentos de *Porta paz*, que ha nesta Igreja, para servi-
 rem nas Missas solemnes, conforme o nosso uso particular, am-
 bos de excellente artificio, feitos na India, e dados pelo mes-
 mo Veneravel Bemfeitor o Padrè André Coutinho. He de fila-
 grana de prata taõ delicada, que causa admiração. Tem na face a
 figura de hum curioso retabolo, guarnecido de duas perfeitas
 columnas com simalha regular, sobre a qual assenta engenhoso
 remate, feito em triangulo, acompanhado de várias pyramides.
 No meyo está a Imagem do Salvador do Mundo abençoando-o,
 em cuja circumferencia, e nos espaços do interior do nicho se
 con-

contaõ 17 Reliquias de vários Santos em caixilhos fundos, e esfericos, cubertos de crystal, e guarneidos de finas molduras. O lavor das costas he aberto de buril em chapa de prata com a mayor subtileza, que até o presente se tem visto em obras semelhantes. Tambem se estendeo o primor do Artifice a vazar cada huma das peças em tal fórma, que sendo todo o Instrumento de prata, e de bastante grandeza, não mostra pezo correspondente ao volume; de sorte que delle com facilidade se usa no seu manual ministerio.

654 O outro Instrumento, posto que não tem Reliquias, sempre he memoravel pela perfeição do seu elegante artificio. Tem a figura de Oratorio com huma fermosa Imagem de Nossa Senhora no meyo, a qual lustem o Menino JESUS nos braços, e está entre dous Anjos postos aos seus pés, cada hum da sua parte. O vão do nicho da Senhora he engenhosamente lavrado de buril: e assim mesmo são os lizos dos dous pilares, que exteriormente guarnecem o mesmo nicho. Na fachada cimallha tem o seguinte letreiro aberto tambem de buril: *Virgini Matri*. Remata-se toda aquella fabrica com singular architectura: e para se sustentar na mão, tem nas costas por aza huma enroscada serpente, que parece viva; de sorte, que sendo tambem este Instrumento todo de prata, o seu valor intrinseco he nada em comparação do alto preço, em que os artífices o avalião pelo feitio.

Outro estimavel

655 Não he do nosso intento numerar as preciosas peças de prata lavrada, que para o ministerio do Altar deixou o mesmo virtuoso Padre; porque basta dizer, que tudo quanto se pôde excogitar necessario para enriquecer o dito Altar, elle liberalmente deo com tanta generosidade, que algumas peças foram multiplicadas. Mas posto que (por evitar leitura) não descrevemos o primor de huma estimabilissima Sacra, as guarniçoens de hum Missal, Estante, Turibulos, navetas, e outros notaveis adornos; não deixaremos em silencio a grandeza, e singularidade de hum dos seus calices, entre outros o mayor. He obrado por huma tão exquisita idéa, que se chega a mostrar pela sua admiravel especialidade. O pé he sextavado com seis Imagens de relevo nos lizos dos seis lados, e são as seguintes: o Salvador do Mundo, São Pedro, Santa Catharina, Santa Barbara, Santa Apollonia, e o Evangelista São João. Do pé sóbe

Peças singulares de prata

Calix precioso

Magnifica Custodia.

hum a haste até o nó, e dalli até a copa em figura de Castello, com tantas miudezas, que os peritos na arte sempre tem que applaudir, e os Curiosos nunca se cansão de ver. Estima-se este Calix em muito. Não menos preciosa he a grande Custodia, que para se expor o Santissimo Sacramento quiz o mesmo Bemfeitor, que fosse na singularidade do feitio semelhante a outras memoraveis peças do Sagrado Thesouro, que em obsequio da Virgem Senhora Nossa das Reliquias deixou na sua casa, aonde depois de conseguir a saúde do corpo, quiz tambem merecer, por meyo de tão heroica piedade, a interminavel, e mais preciosa vida da alma.

CAPITULO VII.

Da fabrica material do Convento com suas principaes officinas, e Cerca.

656

Dormitorio da frontaria.

Portaria, e Claustro.

Visto o Convento pela parte exterior, fica todo ao Nascente a respeito da Igreja, com a qual pega o Dormitorio mayor, fazendo com o frontispicio della hum continuada perspectiva para o mesmo rumo do Meyo dia. E como he de dous andores bastantemente esbelto, faz com as duas ordens, que tem de janellas iguaes, hum apparencia regular, curiosa, e agradavel. Entrando-se pela Portaria, que fica em pouca distancia por baixo do mesmo Dormitorio, está hum ferosa casa de abobada, que antigamente foy Igreja. Por esta casa se entra para hum espaçoso, e bem ideado Claustro. Cada hum dos seus lanços tem no primeiro pavimento quatro grandes arcos; e no segundo, em que correm varandas, tem oito mais estreitos, formados entre levantados pilares nos angulos, e nos meyos dos lanços, que subindo além dos telhados, formão alli os seus remates: de sorte, que vistos ao mesmo tempo os dezaseis arcos grandes, e os trinta e dous pequenos de hum, e outro pavimento, com igualdade, e proporção em toda aquella circumferencia, fazem huma representação magestosa. O vaõ, que fica descoberto entre os arcos, he de sessenta palmos em quadro. Tem no meyo hum grande poço aberto na rocha, de excellente agua nativa, que bebem os Re-

li-

Tomo II. Parte IV. 363

ligiosos. No circuito do poço, que tem seu bocal de pedra lavrada, se conservaõ em canteiros algumas arvores de espinho, em cuja sombra achão frescura, os que buscaõ refrigerio na ardente quadra do Estio.

657 No primeiro lanço, que ao entrar fica da parte direita, não ha cousa memoravel. No principio do outro, que he o do Nascente, está hum grande arco de pedra, por onde se vay para hum casa immediata ao Refeitório, com serventia para outras officinas; e alli mesmo principia a grande escada tambem de pedra, que encaminha para os Dormitorios. O dito Refeitório he de grandeza competente á fabrica do Convento. Tem oito grandes mesas, pulpito, e lavatorio de boas pedras lavradas. O tecto he de abobada, e a toda aquella casa faz clarissima hum bem rasgada janella, que ha para o Sul. No meyo do lanço está a casa de Capitulo, que he tambem de abobada, e tem Altar. No seu pavimento está hum grande sepultura, em cuja campana parte superior se vê hum escudo esquartelado: no primeiro quartel não se distinguem as figuras: no segundo, e terceiro tem quatro bandas, e no quarto duas caldeiras. Por baixo do Escudo ha hum letreiro, que diz: *Sepultura do Desembargador André Lopes Pinto de Vasconcellos, e de sua mulher Dona Aldonça de Gusmaõ, e descendentes.*

658 Da parte de fóra do Capitulo junto á porta está outra grande campa de sepultura particular com hum escudo, que (conforme achamos escrito,) he esquartellado: no primeiro, quartel cinco bandas: o segundo tambem esquartellado, o primeiro quartel jaquellado de quatro peças em palla, tres em faxa; no segundo, e terceiro quartel duas barras postas em palla: no terceiro quartel duas caldeiras postas em palla; no quarto tres faxas veiradas, e contraveiradas, e elmo aberto, e por timbre hum Leaõ andante. Debaixo do escudo tem hum letreiro, que diz: *Sepultura de Duarte de Negreiros Botelho, Fidalgo de cota de Armas, e de sua mulher Isabel de Mattos, e de seus herdeiros.*

659 No fim do mesmo lanço ha hum Capella tambem de abobada, cujo retabolo he antiquissimo, e tem no meyo hum pintura de Nossa Senhora da Piedade, a quem a dita Capella he dedicada. O arco he de pedra de Estremoz brunida, feito com regularidade, e com primor. Nelle estão abertas humas

Várias officinas

Casa do Capitulo

Jazigo de Duarte de Negreiros

Sá Mem. Hist.
tom. 2. pag. 249.
num. 415.

Capella dos
Morenos.

letras, que dizem: *Esta Capella mandou fazer Lourenço Moreno na era de 1545*. Em huma grande campa no pavimento tem outro letreiro semelhante, que diz assim: *Esta Capella, e sepultura he de Lourenço Moreno, e de Pedro Estaço, e de seus herdeiros: pedem Pater noster por suas almas*. Em hum vão da parte da Epistola dentro de hum caixaõ de veludo negro estaõ depositados os ossos do dito Lourenço Moreno, que foy natural da villa de Moura, Fidalgo da Casa del Rey D. João III, a quem servio nos Estados da India. E recolhendo-se a este Reyno, edificou para seu enterro esta Capella, na qual instituio Missa quotidiana por Escritura feita em Lisboa pelo Tabelliaõ Henrique Nunes aos 28 de Fevereiro de 1544.

Sua instituição.

Seus Administradores.

660. Chama-se vulgarmente *Capella dos Morenos* pelo Morgado, que o seu Fundador instituio, e achamos, que fora em 2 de Dezembro de 1527; declarando na mesma instituição, que por falta de herdeiros seus descendentes, os Vereadores do Senado da Camera da villa de Moura, e o Prior do Convento das Reliquias nomeariaõ Administrador do dito Morgado. Porẽm até o presente sempre tem existido successores da nobilissima familia do Instituidor. Deste veyo a ser herdeiro Bartholomeu de Aboim Peçanha Moreno, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, filho de João de Aboim Peçanha, e de Dona Maria da Fonseca Freyre, filha de Bartholomeu da Fonseca de Figueiroa, irmão do pay do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas; o qual herdeiro casando com Dona Joanna Barbara de Mendonça Furtado, filha de D. João de Carcamo Lobo Comendador de Santo André da villa de Pinhel, e de Dona Filippa Manoel de Mendonça Furtado, tiveraõ vários filhos; hum dos quaes he João Peçanha de Mendonça Furtado Moreno, pessoa de grande distincção na Cidade de Beja, onde actualmente assiste: e nesta sempre ennobrecida casa se conserva a posse do dito morgado com o dominio, e administração desta Capella.

Cemiterio dos Religiosos.

Sepultura da virtuosa Irmã Ignês Fernandes.

661. No seguinte lanço, que he o do Norte, está huma porta, que dá serventia para o pateo, do qual depois fallaremos. Mais adiante ha outra porta, pela qual se entra para huma casa de abobada com Altar, aonde jazem sepultados os corpos dos nossos Religiosos. Neste mesmo Cemiterio em huma das suas campas se lê: *Sepultura da nossa virtuosa irmã Ignês Fernandes*. Em outra pedra diz: *Obiit anno Domini 1632 die 1 Augusti*.

ti. He de saber que occorreo motivo particular para se conceder sepultura entre as dos Religiosos a esta nossa veneravel Irmãa, que tambem teve o cognome de JESUS. Foy Terceira do habito inteiro de nossa Ordem, cuja Regra observou com tanta pontualidade, que parecia huma perfeita Religiosa. Da sua vida inculpavel, e exemplarissima, faz particular memoria o Padre Mestre Frey Pedro da Cruz Jusarte, não só no livro, que escreveo, intitulado *Jardim de várias, e cheirosas flores*; mas tambem no seu *Tratado dos Terceiros da nossa Ordem*, que floreceraõ em santa opiniaõ. E porque as penitencias desta serva de Deos, a sua caridade com os pobres, e enfermos, a sua continua oraçaõ, e outros meritorios exercicios, a elevaraõ ao sublime grão da mais heroica virtude, tambem della daremos diffusa noticia no livro, que temos promettido das nossas veneraveis Ordens Terceiras de Portugal, e seus Dominios.

662 Segue-se a Sancristia, que he huma nobre casa com recto de abobada, e toda ella de singular architectura. Tem huma fermosissima janella para o Norte sobre o jardim, que antigamente era regado com as sobras da agua, que corria para outro ministerio. Esta casa tem precioso ornato de pinturas, que para alli deixou o Veneravel Bemfeitor muitas vezes nomeado, o Padre André Coutinho. Entre todas se distinguem duas grandes laminas de cõbre, que servem de admiraçaõ aos Artifices: huma de quatro palmos de alto, e tres de largo com duas portas, que tambem são feitas por modo de laminas. A pintura principal do interior he de Nossa Senhora da Piedade com JESU Christo morto nos braços: nas portas pela parte interior estão pintadas as Imagens de São Francisco, e Santo Antonio. A outra lamina he do mesmo Senhor JESUS crucificado. Ambas se mostraõ por cousa rara, e as imagens são feitas tanto ao natural, que a do Senhor infunde respeito, e a de sua Mãe Santissima excita a commiseraçaõ.

663 Subindo-se pela escada de pedra, em que acima fallamos, se entra no primeiro Dormitorio, o qual tem as portas das cellas para a varanda do Claustro em todo o lanço do Sul. Corre por cima outro andar de cellas no pavimento do Coro alto. Para a parte do Nascente por cima do Refeitorio, e Capitulo corre segundo Dormitorio com duas ordens de cellas para huma, e outra parte. Huma ordem tem as janellas para a varanda do

Sancristia, e seu precioso ornato.

Supra n. 657.

Dormitorio do Nascente.

Capella da Varranda do Claustro.

V. Ordem Terceira.

Lugar da primeira Ermida

Supra n.º 581.

Cerca, e sua extensão.

Sua fertilidade.

do Claustro em todo o lanço do Nascente. A outra ordem tem janellas para a Cerca: a primeira, e mayor serve de livraria. No lanço do Norte está hum ferosa janella Conventual, e no do Poente ha huma grande Capella, onde os Irmãos da Veneravel Ordem Terceira daquelle Convento guardaõ as Sagradas Imagens dos Passos da Paixão de Christo Nosso Redemptor, que levaõ na sua procissão do Triunfo; e tambem servem nas Sextas feiras da Quaresma, em cada hum das quaes ha Sermaõ, e nelle se pondéra hum Passo do Senhor, que depois se mostra representado na Imagem, que o auditorio adora. Esta função costumaõ os devotos Terceiros fazer desde o anno de 1671, em que a sua Ordem foy naquella Convento instituida, e actualmente florece sem declinar do fervor de sua primeira piedade, constando no tempo presente a Congregação dos ditos Terceiros de quasi 800 pessoas de hum, e outro sexo: e algumas de tanta distincção, como no promettido livro diremos.

664 Descendo-se ao Claustro, e sahindo-se pela porta, que fica na parede Setentrional junto á Capella dos Morenos, se passa pelo pateo, onde estivera a primeira Ermida de Nossa Senhora, da qual já dissemos, que permanecem os vestigios; e por alli se entra para a Cerca, que tem notavel extensão, e he toda murada de pedra, e cal. Desde a fundação do Convento foy grande, por causa das porções da terra, que nos doaraõ os nossos já nomeados Bemfeitores, Rodrigo Affonso Perdigueiro, e Pedro Affonso: porém no anno de 1579 se alargou, e ficou sendo mayor, porque entaõ o Senado da Camara da Vidigueira concedeo para esse fim ao mesmo Convento 210 váras de terra sem nenhuma obrigação. He fertilissima por causa de duas ribeiras, que nella entraõ, e a regaõ. No meyo, onde ambas se unem, ha huma ponte fabricada sobre tres arcos, necessaria para a communicação de hum para a outra margem, por serem alli as aguas em todo o anno correntes. Tem hum vistosa horta vallada sobre si, de cuja cultura se segue á Comunidade regalo, e conveniencia. Saõ alli as arvores de espinho muitas, e fermosissimas. Ha tambem abundancia de todo o genero de frutos mimosos: e fóra dos pomares se criaõ pinheiros, e oliveiras, que servem de utilidade aos Religiosos, além dos cyprestes, zambugeiros, e outras arvores silvestres, conservadas para recreação dos que de baixo das suas sombras a pertendem.

665 Ha tambem dentro dos muros huma vinha bem povoada. Esta fica mais retirada do Convento, junto ao qual estaõ as arvores mayores, e mais frondosas. Em partes he esta Cerca taõ aprasivel, que alli se arrebatãõ os sentidos, e ficaõ as potencias como impossibilitadas para molestos cuidados. Na visinhança da horta, aonde o sitio he mais ameno, ha huma taõ pequena como devota Ermida, dedicada á gloriosa Virgem, e Martyr Senta Luzia, na qual humas vezes o nosso Veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação, e outras os virtuosos Padres Frey Luiz de Mertola, e outros participantes do seu espirito, se recolhiaõ a orar, e fazer exercicios de rigorosas penitencias. Pertencia a mesma Ermida huma pequena fonte de agua medicinal, chamada vulgarmente de *Santa Luzia*, da qual se valiaõ para remedio de várias enfermidades as pessoas, que as padeciaõ: e como permittia Deos, que, mediante aquelle instrumento, por intercessão da Santa muitas se restituiaõ á saude, era a dita agua pertendida como especial, e estimada por milagrosa. Mas aconteceu, que bolindo-se na dita fonte, faltou a fé, e se extinguiu a devoção dos que conheciaõ a virtude da agua.

Vinha, e Ermida de Santa Luzia.

Fonte antiga.

666 O caso foy, que certo Prior daquelle Cenvento mandou abrir no mesmo lugar da fonte hum grande poço; naõ por necessidade, porque a ribeira das Ferrarias he perenne; mas por fazer essa obra, com o pretexto de haver alli agua de pé, e julgar conveniente aproveitála em poço de róra, a fim de que sempre alli houvesse agua superabundante. Cavando-se pois a buscar-se o nascimento da fonte, se achou insperadamente em poucas braças, huma grande arca de pedra bem argamassada com tres bicas de meral, por onde sahia bastante agua, que corria occultamente para a mesma ribeira: e de huma pouca, que sobia á superficie da terra, se formava a dita fonte. Para esta arca se communicava a agua por huns grandes canos de chumbo, dos quaes se tiraraõ alguns, que pezaraõ muitas arrobas, mas naõ se averignou o lugar donde principiavaõ, porque essa inutil diligencia dependia de consideravel despeza. Desfez-se logo a arca, e no lugar della se formou o fundo do poço: mas como a pedra era rija, e estava cravada no interior da terra, que acharaõ dura, naõ se arrazou tanto por igual o fundo do dito poço, que se naõ vejaõ ainda vestigios daquella antiquissima obra, que muitos ajuizaõ ser feita pelos Mouros. Acabada totalmente a obra,

Poço novo, que alli se abriu.

Arca de pedra q se achou.

obra, se fabricou alli huma notavel nóra, da qual poucas vezes se usa, porque a abundancia da agua da ribeira a deixou escusada; durando sempre na tradiçãõ a sensível lembrança da fonte, que se destruiu, e da perda da sua salutifera agua, cuja virtude desde aquelle tempo cessara.

CAPITULO VIII.

De algumas mercês dos Reys, e tambem dos Senhores da Vidigueira, Da-se noticia do mais, que resta dizer a respeito do mesmo Convento.

667

Isenção de siza,
decima, e portagem.

A Chava-se o Serenissimo Rey D. Manoel na villa de Setuval, quando por alli se recolheo da Vidigueira para este Convento de Lisboa o Padre Bacharel Frey Rodrigo de Beja, Provincial, que vinha de tomar posse da mercê, que o mesmo Principe lhe fizera da Ermida, e rendas de Nossa Senhora das Reliquias. E como teve occasiãõ de ver a Sua Magestade, e de lhe beijar a mão, tambem lhe deo conta do bom principio daquelle Convento, para o qual lhe pediu a nova mercê de não pagar siza, decima, e portagem. El Rey que estimava muito a este Prelado pelo zelo que mostrava ter da Religião, e juntamente pelo seu attencioso genio, lhe concedeo logo esta graça com tanto gosto, que voluntariamente a ampliou para os Conventos de Moura, e de Lisboa; mandando aos seus Almojarifes, Contadores, e Officiaes, a quem o conhecimento, e arrecadação destes direitos pertencesse, que aos Religiosos Carmelitas dos tres nomeados Conventos houvessem por escusados dos taes direitos nas bestas, madeiras, e outras cousas, que comprassem, ou vendessem pertencenres ás suas Communidades. E para que ficasse mais firme a observancia desta sua resolução, lhes impoz as penas dos seus encoutos, e de pagarem seis mil soldos por cada vez, que aos ditos Religiosos pertendessem obrigar aos taes pagamentos. Tudo consta de huma carta feita na mesma villa de Setuval por Francisco de Matos aos 11 de Mayo de 1496, na qual se assinou El Rey, como se verá na cópia, que em seu lugar damos a ler entre os outros documenttos.

Documen-
to, XXIX.

668 Ou-

668 Outra mercê fez este Monarca ao mesmo Convento da Vidigueira, e vem a ser: que poderia possuir os bens de raiz, que os Fieis lhe quizessem deixar, ou os houvessem elles de adquirir por qualquer titulo de doação, Testamento, ou compra até certa quantia de rendimento, que se declara na carta, mandada por elle passar em Lisboa aos 6 de Julho de 1498 pelos Doutores Fernam Rodrigues, Deão da Sé de Coimbra, do Conselho del Rey, e Gonçalo de Azevedo, ambos Dezembar-gadores do Paço. Neste anno havia Sua Magestade entrado em Castella com a Rainha Dona Isabel sua esposa, a serem jurados Principes herdeiros daquelle Monarquia, ficando constituida Regente deste Reyno de Portugal sua irmãa, a Rainha Dona Leonor, a quem elle notavelmente respeitava. Por essa causa se verá no principio da dita carta o seguinte titulo: *D. Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves... Principe de Castella, de Leão, de Aragoão, e de Ceçilia.. &c* E tambem se deve reflectir, que não assentio á supplica feita pelos Religiosos daquelle Convento, sem mostrarem o beneplacito da Rainha Regente, a qual deo o seu consentimento por escrito: o que tudo consta da cópia da mesma carta, cujo original se conserva no Archivo do mesmo Convento, e está lançada no seu Tombo. Fielmente transcrita se achará no fim do volume.

Mercê para possuir bens de raiz

669 Concedeo mais ao dito Convento expressa licença para poder comprar, e possuir huma herdade, que lhe rendesse certa quantidade de pão para sustento dos Religiosos, não obstante a Ordenação em contrario, que dispensou pela mesma carta, que para segurança de tudo mandou passar. Foy escrita em Lisboa por João Paes, que a fez aos 12 de Dezembro de 1499, El Rey a assinou, como consta do Original, cuja cópia se lançou no Tombo do Convento, e tambem se achará entre as outras, que no fim do volume transcrevemos.

Documento XXX.

Licença para comprar huma herdade.

670 El Rey Filippe II de Castella, cingindo a Coroa Portuguesa, fez ao Convento da Vidigueira a mercê, de que nas praças, e açougues se dessem aos Religiosos, e seus familiares os mantimentos necessários, posto que não estivessem almotaçados, a fim de serem aviados com brevidade; mandando, que se algum dos almotaçais, carniceiros, ou outras pessoas aggravaassem aos ditos Religiosos, deixando de lhes dar logo o que lhes fosse pedido, encorreriaõ por cada vez na pena de dez cruzados, ameta-

Documento XXXI.

Para os mantimentos necessários.

Documen-
to XXXII.

Em seu lugar
se verá outras
mercês.

Gado que se de-
ve conservar.

Utilidade do di-
to gado.

de para cativos, e a outra metade para quem accusasse. E para que se fizesse prompta execução contra os transgressores desta determinação, declarou, que o Corregedor da Comarca de Evora tomaria conhecimento de semelhantes cousas, para proceder em defesa dos ditos Religiosos, a fim de conservarem este privilegio. Tudo consta de hum Alvará daquelle Monarca, feito por Francisco de Passos em Lisboa aos 9 de Outubro de 1586. O original se guarda no Archivo do Convento. A cópia, que também está lançada no Tombo, se dará a ler neste volume entre as outras provas.

671 De outras mercês Reaes goza este Convento, que não referimos agora, por serem commuas a todos os mais da Provincia. De cada huma faremos memoria no seu lugar, conforme a Chronologia dos annos, em que se conseguirão. Mas porque também os Senhores da villa da Vidigueira por muitas vezes, e em diversos tempos, tem favorecido aquelle Convento, especialmente com o concurso necessario para a conservação dos seus gados, razão he, que não deixemos em silencio esta noticia, assim por darmos algum final da nossa gratidão, como por descobrirmos algumas consequencias procedidas da mesma causa. Por este modo pertendemos juntamente estimular aos Prelados Locaes do mesmo Convento para a guarda, defesa, e conservação do gado, ao qual chamaõ vulgarmente de *Nossa Senhora*; porque as opinioens dos homens são differentes: e como a cada hum parece, que a sua he a mais acertada, nunca elles figaõ a de ser pouco conveniente a criação do gado, de que sempre aquella Communidade foy abundante. E porque pelas leys da Religião não pôdem vender, nem diminuir, nem ainda commutar aquelles bens (certamente patrimoniaes) sem expressa licença dos Superiores; devem estes reflectir, em que para semelhantes casos os pretextos, por mais affectados que sejaõ, sempre trazem na primeira vista o apparente ornato do zelo: e por nenhum principio se deve alienar, o que tanto nos tem custado a estabelecer.

672 Dizemos pois, que como a criação do gado miudo em todo o Alentejo sempre se estimou por utilissima, também os Prelados mayores desta Provincia cuidaraõ, em que o Convento da Vidigueira a tivesse, e com effeito he nelle tão antiga, como a sua mesma fundação. Entenderaõ, que não só dava convenien-
cia,

cia, mas que até prescindindo desta, engrandecia o mesmo Convento, tendo de casa o sustento principal, quando d'elle, por algumas contingencias, houvesse falta: além de que, também os rebanhos lhe fazião tal, ou qual sociedade naquelle sitio sem gente, por ser desituido de vizinhança. Mas porque no anno de 1539 já o gado havia crescido em numero, foy preciso, que sahisse a pastar fóra das nossas herdades. E porque a Camera daquella villa costuma impedir, que os seus moradores tragaõ os gados por onde chamaõ *as Cabeças*, posto que se tenhaõ colhido as novidades; foy servido privilegiarnos nesta parte o Senhor, que entaõ existia, daquella villa D. Francisco da Gama (de quem já acima fallámos) II Conde da Vidigueira, e Almirante das Indias. Por hum seu Alvará, feito na sua quinta de Palhaes por Philippe Rebello aos 3 de Janeiro do dito anno de 1539, mandou aos Officiaes da Camera, que deixassem livremente pastar *nas Cabeças* o gado, que chama (pelas seguintes palavras) *de Nossa Senhora das Reliquias*, sem por isso encorrer nas penas, e posturas, por elles constituidas. O dito Alvará foy pelo mesmo Senhor assinado, e aceito em Camera, segundo consta do Termo, que se fez, escrito pelo seu Escrivão Gaspar Fernandes aos 14 de Janeiro do mesmo anno: o que tudo consta da cópia; que no fim do volume transcrevemos.

673 Este privilegio foy confirmado pelo III Senhor da Vidigueira D. Valco da Gama III Conde da mesma villa: e a confirmação se passou por novo Alvará, que fez na dita villa Affonso Soares da Fonseca aos 31 de Janeiro de 1570. O Conde Almirante o assinou, e nelle mandava mais, que pagasse cinco tostões de condemnação qualquer pessoa, que lhe coimasse o gado, não sendo em tempo de novidades. Logo no seguinte dia, que foy o primeiro do mez de Fevereiro, se apresentou o Alvará ao Senado da Camera, que fez d'elle a devida aceitação, e respondeo, que se cumprisse, segundo consta do Termo, que se lançou no livro da mesma Camera pelo seu Escrivão Gaspar Rodrigues, e se transcreveo no Tombo daquelle Convento, donde extrahimos a cópia, que se achará com as outras no seu lugar.

674 Depois de feita esta mercê, occorrerão alguns motivos particulares, que muito inquietarão a Comunidade a respeito do beneficio, que se lhe fizera em ordem à conserva-

Mercê de Dom Francisco da Gama,

Supra n. 582

Documento XXXIII

Confirmação de Dom Valco da Gama,

Documento XXXIV

Inquietações a respeito do gado

Aggravo para o
Juiz competente

Tombo. livr. unic.
fol. 101.

Sentença que al-
cançou o Con-
vento.

ção do gado. Começaraõ pois os Officiaes da Camera a impe-
dir o pasto, que se lhe concedera nos olivae das Cabeças, e
apaixonados fizeraõ tantas vexaçoes, e taes violencias ao
Convento, que o Prior, e mais Religiosos com o beneplacito
do Provincial existente, (que era o douto Padre Frey Galpar de
Serpa) entenderaõ ser preciso aggravarem para o Juiz compe-
tente, que era o Doutor Antonio de Castilho, Dezembargador
da Corte, e casa da Supplicação, e dos aggravos, Ouvidor dos
feitos, e appellaçoens crimes na alçada das Comarcas de Alem-
tejo, e Reyno do Algarve. Foraõ os Vereadores ouvidos: e
posto que pela sua parte offereceraõ todas as contrariedades,
que podiaõ favorecer o seu projecto, não bastaraõ a convencer
as nossas razoes, as quaes sendo attendidas, proferio o Minis-
tro sentença a nosso favor em nome, ou (como elle diz) por
mandado del Rey D. Sebastião, que governava esta Monarquia.
Foy a dita sentença de desaggravo dada na villa de Monfaraz aos
21 de Fevereiro de 1571: e tirada em publica fórma, se acha
lançada no livro do Tombo daquelle Convento, donde co-
piadas as clausulas, que conduzem para a inteireza da nossa His-
toria, dizem o seguinte,

675 *Visto por mim em Relação com os do meu Desembar-
go acordey, que os supplicantes são aggravados pelos Officiaes
da Camera da villa da Vidigueira na postura, que fizeraõ em lhe
defenderem, que não pastem com os seus carneiros nos lugares,
em que até agora costumavaõ pastar; e provendo em seu aggra-
vo, visto como não eraõ coimeiros, nem o foraõ nunca antes
da dita postura; e como os supplicantes provaõ costumarem pas-
tar os seus gados nas ditas terras, e não se prova fazerem com
isso damnos: e visto outro sim o tempo, em que fora feita a dita pos-
tura, e como não fora feita na fórma da Ordenação, mando, que
a dita postura se não guarde, nem cumpra, e os supplicantes
livremente poderaõ pastar com a dita quantia de carneiros, que
justificaraõ trazer sómente nos ditos lugares, como até aqui fi-
zeraõ; e fazendo alguns damnos, poderão ser encoimados
pelas posturas da terra. E por tanto vos mando, que o cum-
prais, e guardeis, como se nesta sentença contém; a qual sendo-
vos apresentada, passada pela minha Chancellaria, a cum-
prireis pelo modo, e maneira nella declarado. Cumpri-o assim, e
al não façais, &c.*

676 Não

Tomo II. Parte IV. 373

676. Não podendo os Vereadores resistir ao referido Acordão, obedeceraõ á justiça, ficando o Convento restituído á posse de trazer o seu gado nos lugares já declarados. Mas ainda que viveraõ por alguns annos pacificados, com tudo, no de 1576 tornaraõ os ditos Vereadores, que entaõ serviaõ na Camera, a inquietar aos Religiosos, querendo com frivolos pretextos interpretar o sentido da sentença: para o que pertendiaõ executar as penas das suas posturas, com o fundamento de alguns damnos suppostos, que nunca provaõ. Era entaõ Provincial o Padre Mestre Frey Antonio do Espirito Santo, Religioso taõ benemerito pela sua reforma, e pela sua summa prudencia, que tres vezes foy Prelado mayor desta Provincia, com a gloria de occorrerem no seu tempo algumas circumstancias memoraveis, que mostrará a Historia. Não menos prudente era o Padre Frey Bartholomeu de Goes, Prior da Vidigueira, de quem se fazia na Corte grande estimaçaõ. Cuidando pois ambos estes Prelados em descobrir caminho para se evitarem, não só entaõ, mas pelo tempo adiante as contendas, que já se moviaõ, e ainda se poderiaõ originar sobre aquella materia, assentaraõ em mostrar ao Conde Almirante, já nomeado, D. Vasco da Gama a injustiça, ou emulaçaõ dos Vereadores. Lembraraõ-lhe, que com estas novidades, não só faltavaõ com a observancia devida ao Acordão proferido contra semelhantes vexaçoens, mas que tambem offendiaõ ao respeito de Sua Senhoria; pois com o Carácter de Senhor da terra nõs havia já concedido a mesma graça, que agora os seus vassallos menos attenciosamente embaraçavaõ.

677. Ouvida a justificada queixa dos Religiosos, e achando o Conde Almirante, que os Officiaes da Camera procediaõ mais apaixonados, que advertidos, para dar fim ás violencias, que o Convento experimentava, mandou passar novo Alvará, fazendo mençaõ de tudo, quanto podia ceder em beneficio do Convento pelo theor seguinte: *Dom Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, Almirante da India, &c, Por me fazerem queixume os Padres de Nossa Senhora das Reliquias, que lhes traziaõ hos seus carneiros ao curral do termo desta minha villa da Vidigueira, tendo elles Provisão da Alçada para os ditos carneiros poderem pastar no dito termo desta minha villa da Vidigueira, e outros Alvaras de meu Pay, que está em gloria, do que são avexados*

em

O Convento restituído á sua posse.

Representaçõens dos Prelados ao Conde Almirante.

Alvará do Almirante D. Vasco da Gama.

Documento XXXV.

em lbes não guardarem a provisão, que tem da alçada; nando, que toda a pessoa, que lhos trazer ao curral, não fazendo damno algum, pague quinhentos reis, ametade para cativos, e a outra ametade para quem o accusar: e mando ao Escrivão da Camera, que notifique esta aos Juizes, e Vereadores desta minha villa da Vidigueira, para que a cumprão, e guardem inteiramente, como se nella contém. Feita na Vidigueira a dezaseis dias do mez de Janeiro. Manoel Peçanha a fez de mil e quinhentos e setenta, e sete annos. O Conde Almirante.

Meio de cessarem os pleitos.

Confirmação de D. Francisco da Gama.

Documento XXXVI

Observancia do Convento.

Obra do Prior actual.

678 Foraõ com effeito notificados os Officiaes da Camera, estando no paço do Conselho della, pelo seu Escrivão Christovão Esteves Lourenço, aos 31 de Janeiro do mesmo anno já declarado de 1577, como consta do termo, que elle assinou, e se acha tambem lançado no livro do Tombo do dito Convento. Mediante este remedio, applicado com alguma severidade, cessaraõ as discordias, não só naquelle tempo, mas até o presente; pois no espaço de quasi duzentos annos não consta de inquietação alguma entre os Religiosos, e o Governo da villa: antes edifica a boa harmonia, que conservaõ os Prelados Locaes com as pessoas distintas, que servem na Republica. No anno de 1604 nos confirmou aquella graça o IV Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama nosso especial devoto (de quem já fallámos) por Alvará do primeiro de Março, feito em Lisboa por André Garcia, e por elle assinado. A mesma Confirmação alcançamos em proprios termos do V Conde da Vidigueira D. Vasco Luiz da Gama antes de nomeado I Marquez de Nisa. A sua provisão foy feita em Lisboa por Manoel Pedrozo, e pelo mesmo Conde assinada aos 26 de Setembro de 1636. Ambas se acharão transcritas no lugar das provas.

679 Quanto á formalidade Regular do Convento, he notoria a boa observancia, com que nelle vivem, e sempre florescerão assim os actuaes, como os Padres antigos. A sua familia nos tempos passados foy muito numerosa, como se vê nas Taboas dos Conventuaes, que se achão lançadas nos livros da Provincia. De presente os ditos Conventuaes são menos, assim porque a Provincia tem notavel diminuição de Religiosos, como por ser preciso fazer-se hum grande reparo em toda a Igreja; obra na qual com louvavel zelo começou a cuidar logo, que neste Capitulo proximo sahio eleito Prior o Padre Frey Men-

Mendo da Cunha; e esperamos, que a conclua com felicidade igual ao affectivo cuidado, com que lhe deo principio

680 Neste Convento, por ser huma das nossas mayores casas, se chegaraõ a celebrar alguns Capitulos, e Congregaçoens Provinciaes. Tambem foy Casa de estudos, especialmente de Grammatica, onde os Coristas, antes de entrarem nas Aulas da Philoſofia, se apuravaõ na Latinidade: o que tudo mostrará a Historia pelos annos, em que estas cousas acontecerão. Alli finalmente se educaraõ, e affistiraõ Religioſos de taõ sublimes virtudes, que obrando a Omnipotencia Divina em ſeu favor maravilhoſos portentos, vieraõ a conſeguir, antes, e depois da morte, opiniaõ de Santos. Deixada pois a memoria dos mais, para expendermos no tempo dos ſeus tranſitos, só reservamos para eſte lugar a noticia de dous Irmãos, chamados entre nós *da vida activa*, e vulgarmente *Leigos*, para que ao meſmo Convento ſirvaõ de glorioſo ornato: hum, que alli celebrou a ſua proſiſſaõ, pela qual ſe conſtituiu filho da caſa; outro, que alli veyo a acabar a vida para ficar dentro daquelles Claustros ſepultado: hum, e outro com fama publica de milagroſos, e ambos com geral denominaçaõ de Veneraveis.

Foy caſa de eſtudos.

CAPITULO IX.

Vida do Veneravel Frey Gonçalo da Madre de Deos, irmão da vida activa,

§. I.

Da ſua Patria, e primeiros progressos na Religiaõ.

681 **D**E pays virtuoſos, poſto que lhes não ſabemos os nomes, nasceo na Cidade do Porto, celebre Emporio de Portugal, o noſſo Veneravel Irmão Frey Gonçalo da Madre de Deos, cujas sublimes virtudes foraõ taõ patentes, que a noticia dellas não só prevalece conſtante nas tradiçoens, mas tambem ſe conſerva em hum authenticico ſummario de testemunhas, ou instrumento de inquiriçaõ, que dentro do Archivo deſte Convento de Lisboa ſe guarda na gaveta chamada de *Roma*. Def-

Nascido na Cidade do Porto

Desde a puericia deo a conhecer o amor, e temor de Deos, em que fora educado. E porque a pobreza de seus pays era tanta, que não tinhaõ meyo de lhe darem modo de vida mais authorizado, consentiraõ, que em idade competente deixasse a Patria, e viesse para esta Cidade, a fim de buscar nella alguma honesta accommodação, sem mais intelligencia, que a de ler, e escrever, nem outro fiador, que o seu louvavel procedimento

Accommodado em Lisboa.

682 Nesta Corte teve occasião de ser admittido em casa de huma Senhora da primeira nobreza, a quem servio alguns annos com tanto zelo, e pontualidade, que se distinguio no seu conceito, e veyo a ser o criado de mayor estimação entre os muitos da sua grande familia. Era pelo seu bom modo taõ amado, e pela sua modestia taõ attendido de todos, que ninguem havia, que não desejasse ver bem premiado o seu merecimento, prescindindo cada hum dos companheiros daquella ordinaria emulação, com que em semelhantes casas julga sempre ser devido a si o augmento alheyo. A mesma Senhora, lembrando-se em huma occasião de alguns beneficios, com que o poderia utilizar, lhe perguntou: *Qual era a cousa, que elle mais desejava?* Respondeo sem demora: *Que era ser Religioso*: e declarandolhe, que só para este perfeito Estado o inclinava o espirito, juntamente lhe deo a conhecer, que a sua mayor devoção era para a nossa Ordem. Taõ prevenido vivia do affecto para os interesses de sua alma, que só nos meyo conducentes para segurar a salvação achava lucro, e em tudo o mais desconveniencia.

Desejo de ser Religioso.

Admittido na Religião.

Noviço na Vidigueira.

683 Satisfeita a illustre Senhora de ouvir taõ acertada resolução, rogou ao Padre Mestre Frey Isidoro de Mello, Provincial desta Provincia, que quizesse aceitar aquelle pertendente; representando-lhe, que pela experiencia da sua exemplarissima vida bem lhe podia segurar, que nelle haviaõ muitas virtudes solidas, capazes de acreditar a Religião, se persistissem. O Provincial depois de feitas as diligencias necessarias, lhe mandou deitar o habito no Convento da Vidigueira, onde com a solemnidade costumada o recebeo aos 27 do mezo de Janeiro do anno de 1615. Muito se edificaraõ os Religiosos de verem a humildade, com que o Noviço se portou, depois de viver na sua companhia. Em presença de todos se confessava indigno

digno de trazer aquelle santo habito. Depois de o vestir foy notavel o fervor, com que continuou os exercicios espirituaes, que sempre costumara praticar; acrescentando ao rigor da vida do seculo novas austeridades, frequentes jejuns, continuos cilicios, multiplicadas disciplinas, e outros incessantes castigos, com que dentro dos Claustros affligia o proprio corpo, para que del- le em todo o tempo triumphasse o espirito.

684 Na Oração gastava todas as horas livres, depois de satisfeitas as obrigações da Comunidade; não querendo outra recreação mais que os louvores de Deos, nos quaes se empregava, assim que concluia o trabalho dos seus ministerios. Na presença do Santissimo Sacramento estava sempre de joelhos: e para orar com socego se escondia no Coro, onde foy muitas vezes achado com os braços em cruz, e os olhos no Ceo, tão abstrahido, que parecia immovel. Este procedimento foy tão notorio á Comunidade, que muitos Religiosos lhe seguirão o exemplo. E sendo que naquelle Convento assistião os virtuosissimos Padres Frey Estevão da Purificação, de quem já escrevemos a vida, Frey Luiz de Mertola, Frey Pedro de Mello, e outros dos quaes em seus lugares faremos memoria, publicamente affirmavaõ; *Que o Noviço Leigo os confundia.* Todos concorreraõ com a sua approvação, para que podesse professar no fim do anno, que felizmente concluiu: e com effeito professou no mesmo Convento aos 14 de Fevereiro de 1616. Alli assistio quatorze mezes, dando tantas evidencias de perseverança no seu santo proposito, que já a fama da sua vida inculpavel corria pela Provincia; e o conceito, que se fez das suas virtudes, deo motivo para o inquietarem da Vidigueira, a fim de servir a Religião em outro Convento pela causa seguinte.

685 No Capitulo, celebrado neste Convento de Lisboa aos 9 de Abril de 1617, se determinou (como já dissemos) que o Convento de Santa ANNA de Colares fosse Recoleta da Provincia. E como ao Provincial então eleito, que era o insigne Padre Mestre Frey João de Santo Thomaz, se commetteo a escolha dos Religiosos, que alli houvessem de praticar, e estabelecer a reforma; entre os Varoens de provado espirito, que destinou para habitadores daquelle edificio, hum foy o irmão Frey Gançalo, preciso para os ministerios da sua profissão. Com

Seus exercicios de virtude

Supr. num. 622.

Quando professou.

Supra n. 225.

Nomeado para a Recolecta de Colares.

Oratorio que fez

demonstraçoens de alegria obedeceo o Servo de Deos ao chamado do Provincial, e com pontualidade aceitou a occupação da cozinha, que lhe fora encômendada. Chegando ao Convento, assim que entrou a exercitar aquelle officio, foy a sua primeira diligencia buscar na mesma casa da cozinha lugar decente, onde ideou hum Oratorio composto de muitas estampas de Santos, no meyo das quaes estava hum de nossa Mãe Santissima do Carmo; e na presença daquellas Santas Imagens, em quanto lavava a louça, ou fazia outros semelhantes serviços, ao mesmo tempo entoava devotos louvores, por não perder algum instante, em que podesse multiplicar os merecimentos.

Perseguiçoens do demonio.

686 Neste exercicio foy notavelmente perseguido do demonio, que lhe apparecia, e procurava offendelo, como provaõ alguns successos, dos quaes foraõ testemunhas vários Religiosos. Em certa occasião acodiraõ muitos á dita cozinha, porque lhe ouviraõ dar vozes, como que estava pelejando com outra pessoa: e porque nunca se lhe conheceo enfado, nem admittio porfias, causou esta novidade suspeita, de que lhe acontecia alguma cousa extraordinaria. Chegando pois os Religiosos á porta, ainda lhe perceberaõ dizer gritando: *Amim, ó tinbofo, a mim me tentas na Fé de meu Senhor JESU Christo, a quem tanto amo, e a quem trago no meu coração!* Hum delles entrou dentro, e achando o com a côr do rosto mudada, e muito colerico, lhe perguntou: *Que razão tinba para estar taõ irado, e com quem fallava?* Respondeo, como tornando a si de hum grande susto, e disse: *Que já se tinba ido.* Chegaraõ os mais, e instando com elle para que se explicasse melhor, nunca pronunciou outras palavras senaõ as mesmas, repetindo: *Que já se tinba ido;* do que admirados os circunstantes deraõ ao Senhor as graças, e dalli em diante começaraõ a observar as acçoens de Frey Gonçalo com grande reflexaõ.

Successo milagroso no ministerio da cozinha,

687 Não cessou o inimigo de o mortificar por outros caminhos; posto que o Servo de Deos sempre triunfava; porque os trabalhos que padecia, offerecidos ao mesmo Senhor, mais o habilitavaõ para o premio. Por industria do mesmo demonio, em hum occasião totalmente se esqueceo de lavar, e pôr ao lume o arroz, que havia de guizar para a Communidade. Querendo pois o Superior tocar á mesa, e vendo que ainda o arroz não estava ao lume, chamou o Irmão Frey Gonçalo ao Capitulo

lo, onde, depois de dar satisfação á Comunidade, o castigou com huma disciplina; reprehendendo-o de falta tão publica, que não podia encobrir, porque era tarde, e não cabia no tempo o fazer-se aquelle prato costumado. Entraraõ depois todos ao Refeitório: e o virtuoso irmão, pedindo com grande humidade o perdao do seu descuido, começou a dar na ministra o comer para a mesa, até que a seu tempo deo também o arroz tão perfeitamente cozido, e tão saboroso, que extaticos os Religiosos pelo que experimentavaõ, acabaraõ de conhecer, que alli concorrera especial favor do Ceo; porque supposto não ter o dito virtuoso irmão pessoa alguma consigo, que o ajudasse, nem se apartar da ministra, onde de todos fora visto, impossivel parecia, que se effectuasse aquella obra sem prodigio.

688 Foy dotado de huma simplicidade santa, acompanhada de graça natural, que muitas vezes (como ha de mostrar a Historia) provocava a riso. Porém fallando em materias de espirito, mostrava huma tão admiravel intelligencia, que sempre os seus conselhos eraõ os mais acertados, e as suas vozes eraõ ouvidas como de Oraculo. Basta referirmos o que a este respeito aconteceu entre elle; e o nosso virtuoso Padre Fr. Luiz da Apresentação; ou de Mertola, Varaõ doutissimo, e hum dos mais insignes Prégadores desta Provincia, como constará da sua vida, quando a escrevermos. Por causa da excellencia das doutrinas, com que este Apostolico Ministro do Sagrado Evangelho o expunha nos pulpitos, prégava quasi todos os Sermoens da villa de Colares, e os das Igrejas visinhas; sem poder eximir-se deste trabalho, assim pelo notorio serviço, que fazia a Deos, como por satisfazer aos grandes empenhos dos moradores daquelles distritos, que em numerozo concurso, e sempre com aproveitamento de suas almas acodiaõ a ouvilo. Mas temendo, que deste universal applauso, posto que entraõ o despresava, tomasse o demonio occasião para o tentar com vangloria; e juntamente receando, que a frequencia dos estudos para o tal ministerio o divertisse dos seus exercicios espirituales, tomou a resolução de querer antes seguir a vida contemplativa em beneficio proprio, do que continuar a predica em utilidade daquelles póvos.

689 Este Religioso era o Director do Irmão Frey Gonzalo, de cujas virtudes fazia o merecido conceito. E succeden-

Tom. II.

Bbb 2

do

Simplicidade
Santa.

Seus conselhos
nas occasiões.

Perplexidade do
P. Fr. Luiz da
Apresentação.

Como foy ali-
viado.

Resposta admira-
vel de Fr. Gon-
çalo.

do levalo por companheiro em huma occasião, que desceio a pré-
gar na Matriz da mesma villa, lembrouse da perplexidade, em
que andava, e pelo caminho lha propoz, pedindolhe conselho
para obrar o que fosse melhor. O Servo de Deos se confundio, e
prostrando-se por terra em sinal da sua humildade, disse, e repe-
tio, que sendo elle tão rustico, como se conhecia, não era possível,
que aconselhasse a hum fogueito tão douto. Mas instado do di-
to Padre, mais por lhe obedecer, do que por outra razão, lhe
respondeo, fazendo outra pergunta pela maneira seguinte: *Di-
game Vossa Reverencia: se houvesse grande, e apertada fome de
pão em huma terra, na qual hum homem muito rico, morador
nella, tivesse hum copioso celeiro cheyo de trigo, e o fecho, não
querendo dar ao proximo, nem hum alqueire para seu sustento,
peccaria este homem nesta acção?* Affirmou o Padre, que sim.
Elle então proseguio: *Pois digame Padre meu, se vossa Reve-
rencia está tão rico de letras, e estes povos carecem da sua dou-
trina, como quer fechar esse celeiro, que Deos lhe deu, e não
quer repartir delle com esses pobres, que tanta necessidade tem de
os encaminhar para o Ceo?* Ficou o dito Frey Luiz de Mértola
admirado, e louvou a Deos por conceder áquelle seu servo, não
só conhecimento da verdade para responder com acerto; mas
huma tal persuasão, que soltava as duvidas, deixando logo sa-
tisfeitas as instancias.

§. II.

*Das portentosas maravilhas, que no Estado do Maranhão obrou
até ausentar-se para Portugal.*

Mandado para o
Maranhão.

690 **H**Avendo de embarcar para o Estado do Mara-
nhão o virtuoso Padre Frey Francisco da Pu-
rificação com o emprego de Vigario Provincial, e querendo o
Prelado mayor desta Provincia (que então era o Padre Mestre
Frey Estevão de Santa ANNA) darlhe hum companheiro ca-
paz, não só de conservar com elle boa harmonia, mas de fazer
a Deos muitos serviços naquellas terras, onde havia neces-
sidade de Ministros da Ley Evangelica em beneficio do Paga-
nismo; elegeo para esse fim a Frey Gonçalo. Entendeo, que
posto lhe faltava o caracter Sacerdotal, tinha huma notavel in-
telligencia dos rudimentos da Fé, e grande efficacia no modo
de os intimar: de sorte, que para a instrucção dos gentios era
este

este Servo de Deos proporcionado instrumento. Chamado pois do Convento de Colares, veyo com grande consolação a embarcar-se no mesmo navio, em que passou para aquelle Estado o seu primeiro Governador Francisco Coelho de Carvalho. Foraõ todos de sociedade, e chegarão com feliz successo no anno de 1624. Logo começou Frey Gonçalo a ser bem aceito, e venerado na Cidade de São Luiz, onde o Governador, e os mais passageiros espalharão a noticia dos exercicios de virtude, que com admiração lhe viraõ continuar na viagem; referindo huns a extremosa caridade, que usava com os enfermos; exaggerando outros o cuidado, com que doutrinava aos rudes; e aplaudindo todos o igual procedimento das suas acçoens, que eraõ de Varaõ piissimo, e notoriamente justificado.

Chegado à Cidade de São Luiz.

691 No allegado Instrumento achamos escrito: *Que o Servo de Deos obrou nesta Cidade, e seus distritos, assim fóra do Convento, como dentro delle, algumas cousas dignas de admiração, transcendentés as operaçoens da natureza.* Agora as individuarémós; porque daõ a conhecer o muito, que a Omnipotencia Divina abonou a opiniaõ, que havia da Santidade deste Religioso. A primeira maravilha, que delle se refere, he a seguinte. Era Porteiro no Convento da Cidade já nomeada do Maranhão, quando chegou a elle hum pobre a pedir-lhe huma gotta de azeite pelo amor de Deos, para remediar huma urgente necessidade. Promptamente lhe disse que sim, e lhe tomou a tigella para o hir buscar. O Subprior, que se achava presente, e por lhe pertencer o cuidado do provimento da despenza, sabia, que nella estava já esgotada a vasilha, o reprehendeo, dizendo: *Que era imprudencia hir buscar azeite, sabendo que o não havia em casa.* A isto respondeo, *Que aquelle homem era hum pobre de Christo, e que este Senhor tudo havia de remediar.* Assim aconteeo; porque tocando na vasilha, ficou cheia de azeite, do qual tirando o que bastava para satisfazer a necessidade do pobre, a Comunidade se utilisou do mais, porque cresceo em abundancia.

Noticias q̃ constaõ de hum Instrumento

Prodigio de multiplicar o azeite.

692 Achando-se na occupação de cozinheiro, lhe mandou o Prelado frigar peixe para huns hospedes, encômendando-lhe, que o fizesse com pressa. Succedeo haver pessoa, que por lhe experimentar a paciencia, lhe escondeo os instrumentos necessarios. Andou elle de huma para outra parte buscaudo-os: e vendo

Maravilha do peixe, que frigio

vendo, que lhe não appareciaõ, e que não tinha com que voltar o peixe, nem com que o tirar da frigideira, persuadido tal vez, que era travessura do demonio, cheyo de fé, disse: *Naõ importa, que nem perisso se hade deixar de fazer o que manda a obediencia, porque a mão servirá de tudo.* Estando já o azeite fervendo, nelle deitou o peixe, e a seu tempo o foy voltando com os dedos, dizendo, como se fallasse com o demonio: *Vante daqui tinbofo.* Por este modo frigio com effeito o peixe, e o tirou para o prato sem receber lesaõ alguma, nem sentir molestia: de que admirados os Religiosos, e confuso o inventor da travessura, depois de confessar o motivo della, todos louvaraõ a Deos, que tanto acreditava a boa opiniaõ deste seu servo.

Travessuras que
se lhe faziaõ.

693 A noticia desta maravilha deo occasiaõ a que lhe repetissem mais vezes semelhantes travessuras: porém sempre fatissez a sua obrigaçaõ por modo extraordinario. O caso mais notavel foy, quando lhe esconderaõ a escumadeira, e colher, a tempo que tinha a panella da Comunidade ao lume. Como a sua fingeleza era tanta, que lhe não dava lugar a crer, que algum dos Religiosos o mortificava, nem era do seu costume queixar-se; assim que experimentou taõ grande falta, com a mão escumou a panella estando fervendo, e com o braço a mechear, metendolhe as coves, e tirando as postas cozidas para os pratos, sem padecer algum leve detrimento. Como se o fogo perdesse toda a sua actividade, taõ livre lhe ficava a mão, ou o braço, depois de sahir da panella fervendo, como estivera antes de supprir a falta dos instrumentos, proprios daquelle ministerio.

Extinguio hum
incendio.

694 Para prova de que o fogo, ou lhe obedecia, ou o respeitava, basta referirmos o que acontenceo em huma occasiaõ, em que o servo de Deos se achava fóra do Convento em serviço da Comunidade. Havia mandado fazer huma grande rosta: e pondo-se fogo á lenha, como naquelles paizes he costume; saltou a chamma a humas casas visinhas. Assustados os donos, e vendo, que nellas se ateava aquelle voracissimo elemento, começaram a dar vozes, dizendo altamente: *Acuda-nos Padre Fr. Gonçalo, acuda-nos, que se abrazaõ as nossas casas:* ao que elle com socego respondeo: *Naõ se agastem, que não ha de ser nada.* E lançando-se ao fogo, quando as lavaredas estavaõ mais

vigorosas, não obstante ser tão copiosa a materia, que nutria tamanho incendio, immediatamente o apagou. Este manifesto prodigio deixou notavelmente admirados aos circunstantes; porque presenciaraõ, que introduzindo-se o dito Frey Gonçalo por entre as chãmas, não só as extinguiu, mas ficou de tal modo illeso, que até no habito, e nos outros seus vestidos não appareceo final algum, de que o fogo obrasse, ou produzisse o seu ordinario effeito.

695 Não foy menos efficaz a sua virtude para obrigar, a que lhe fosse tambem obsequioso o elemento da agua. Assim se experimentou em huma occasião, em que o Veneravel Frey Gonçalo por ordem do Prelado passou a pedir esmolas em hum distrito, chamado, conforme a lingua dos naturaes, *Itapicurú*. Era tempo de notaveis calores, e por causa de huma grande sêca estavaõ as novidades perdidas. Agasalhando-se em casa de Bento Maciel Parente, que vivia em huma fazenda sua, governada por Domingos Velho, achou a ambos afflitos pela consideravel falta de agua, que experimentavaõ. E como todos attribuaõ esta sêca a castigo de Deos, e conheciaõ o muito, que na sua presença valiaõ as orações do nosso virtuosissimo irmão, rogaraõlhe com grandes instancias, que alcançasse do Senhor a suspensão da sua Divina justiça, para que concedendo á terra a agua necessaria, podessem os viventes remediar-se com os seus frutos, por cuja falta pereciaõ. Assim que Fr. Gonçalo percebeo o conceito, que delle faziaõ, se lançou por terra, dizendo, e protestando com os braços abertos: *Que se enganavaõ com elle; porque era o mayor peccador do Mundo, e totalmente indigno, de que as suas supplicas fossem ouvidas, e bem despachadas*. Mas retirando-se, assim que ajoelhado começou a orar, logo se foy nublando o Ceo, e dentro em poucas horas choveo tanta agua, que remediou com abundancia os prejuizos da sentida falta: de sorte, que conhecido por milagroso este felicissimo successo, deraõ por elle as devidas graças a Deos, que tanto attende, e tão benignamente responde ás rogativas dos Justos.

696 Como se tivesse imperio sobre o elemento do Ar, tambem nelle se mostrou portentoso. Vinha em certa occasião em huma embarcação ligeira, chamada vulgarmente *canôa*, carregada de telha para as obras do Convento. Levantou se hu-

Sereno huma
tempestade.

Mostrou ter im-
perio no vento.

ma horrorosa tempestade; de sorte, que ao passar por onde os naturaes chamaõ o *Boqueirão*, vio que estavaõ alli abrigadas muitas embarcaçoens, porque o rigor do tempo a nenhuma dêra lugar para seguir viagem. E propondo-lhe todos a evidencia do perigo com o exemplo das outras canoas, que retrocederaõ, por evitarem o naufragio, que se lhes representava infallivel; elle com hum modesto riso respondeo: *Que havia de passar seguro; porque a telha que trazia, era para a Igreja de sua Mãe, e Senhora do Carmo, e que ella o havia de guardar.* Chegando-se então ao descoberto da prôa, e orando de joelhos hum breve espaço, assim que se levantou, e benzeo os horizontes, immediatamente cessou o vento, e se abateo a furia dos mares; seguindo-se a esta tormenta hum serenídade tão firme, que as outras embarcaçoens observando, que a do nosso Veneravel irmão se metia aos mares, se puzeraõ na sua esteira, e chegaram todos a salvamento ao porto da Cidade. Alli se publicou a maravilha, pela qual louvaraõ a Deos os mesmos, que como oculares testemunhas affirmaraõ dever-se á efficacia da Oração do Veneravel Fr. Gonçalo, cujo primeiro impulso pareceo de temeridade, e depois se veyo a conhecer effeito da sua virtude.

Deo laude a hū
enfermo.

697 Igualmente obsequiosa lhe foy a terra, como se vio em hum occasião, em que indo fazer o que lhe mandava o Prelado, chegou á porta de João Pereira de Lemos, morador na mesma Cidade de São Luiz. Estava este nosso Bemfeitor gravemente enfermo de hum braço, no qual lhe sobreviera hum notavel inchação com dores agudas, e tão insupportaveis, que já lhe faltava a tolerancia para as soffrer. E como havia muitos dias, e noites, que não descansava hum só instante, chegou a perigo proximo de perder a vida. Sabendo que Fr. Gonçalo estava da parte de fóra, lhe mandou rogar, que entrasse a ve-lo: e assim que lhe expoz o estado, em que o puzeraõ tão implacaveis dores, pedindo lhe por amor de JESU Christo, que lhe valesse; elle se lançou por terra, dizendo com a sua costuma da humildade: *Que só o mesmo Senhor o poderia remediar, e não elle, que era o mais abominavel de todos os peccadores.* Mas levantando-se, lhe mandou, que tivesse Fé, porque em Nome da Virgem MARIA Nossa Mãe lhe havia de applicar hum efficaç medicina, que sahio a buscar. Arrancou então da terra humas hervas, que fervidas, e tiradas com a mão sem padecer de

detrimento , assim que lhas applicou, logo se lhe'extinguiraõ as dores. Com este alivio dormio continuadamente seis horas , que tantas esteve o Veneravel Irmaõ orando de joelhos ; de sorte , que despertando o enfermo daquelle profundo sono, achou o braço desinchado, e viraõ todos , que instantaneamente se restituira á sua perfeita saude ; do que renderaõ a Deos as graças, e dalli em diante continuaraõ a veneraçõ devida ao executor do portento.

698 Como já a sua virtude naquella Cidade , e seus ditritos era conhecida, e celebrada, della se valiaõ outros muitos enfermos; esperando todos, que Frey Gonçalo lhesacodisse com os preservativos da vida, e com os remedios conducentes para a saude. Foy maravilhoso o modo , com que respondeo á supplica de hum morador do Itapicurú. Estava este summamente afflicto de ver, que hum seu escravo tinha atravessada na garganta huma grande espinha , a qual lhe impedia, não só a recepção do alimento, mas tambem a via da respiração. Chegou por essa causa o enfermo ao ultimo extremo da vida. Mas entrando o nosso veneravel Irmaõ a velo , e achando-o com o pescoço formidavelmente inchado, sem poder articular vozes, e quasi soffocando-se por instantes, elle subitamente lhe tirou a espinha , e o fez logo levantar livre do perigo. O que mais admirou aos assistentes, foy a circumstancia de não apparecer scisura alguma , ou sinal, por onde a tal espinha (que a viraõ todos) houvesse sahido ; não fazendo Frey Gonçalo outra acção mais, que abençoar ao enfermo, e por-lhe exteriormente a mão sobre o lugar da molestia.

Livrou a outro de huma espinha.

699 Porém o que provou mais o seu grande merecimento para com Deos , foy a noticia , que o mesmo Senhor lhe concedeo de muitas cousas futuras, que previo, e annunciou, quando não eraõ , nem podiaõ ser esperadas. Na mesma Cidade de São Luiz do Maranhão aconteceo , que tendo Patente do Padre Provincial desta Provincia para se recolher ao Convento desta Corte na companhia do Vigario Provincial daquelle Estado o PadreMestre Frey Luiz de Miranda, começou a despedir-se dos amigos, e conhecidos com huma tal expressão de palavras, que os deixou entaõ cuidadosos , e depois admirados.

Noticia de cousas futuras

700 Querendo a Mãe do Capitão Valentim Baldes (que ao nosso Veneravel Irmaõ amava como a filho) exprimir o mui-

Provas de hum
seu vaticinio.

Supra n. 696.

Supra n. 697.

to, que sentia a sua ausencia, lhe disse: *Padre, porque se vay desta terra, porque nos deixa?* Elle respondeo: *Voume, porque a esta terra hade vir hum grande castigo.* Tem o Convento daquella Cidade huma Ilha na paragem (que já nomeamos) do Boqueirão, aonde a Comunidade conservava algum gado miudo. E achando-se Frey Gonçalo presente em occasião, em que o Prior fallava á cerca delle, lhe disse: *Padre, não será melhor comeremos as nossas cabras, do que vivem os Infiéis a comellas?* Observou tambem João Pereira de Lemos (o mesmo, a quem elle havia livrado da grande molestia, que padecera no braço) que era mais que ordinaria a fadiga, com que se desejava embarcar para este Reyno; e chegou a perguntar-lhe: *De que fugia?* Ao que respondeo: *Que por não ver hum grande castigo, que estava para vir áquella Cidade.* Chegando finalmente a destinada hora da partida, se acharão na portaria do Convento muitas pessoas de distincção, que o vieraõ trazer abordo, por gozarem da sua presença até o navio, onde, para final da sua amisade, lhe quizerão dar a ultima despedida, visto que nem as instancias dos moradores, nem os conselhos do Prelado, que concorria com a sua permissão, foraõ bastantes a lhe contrastarem a vontade, que sempre esteve constante na resolução de se ausentar da terra. Vinha na mesma comitiva o Vigario Provincial: e assim que puzeraõ os ólhos no mar, voltando-se o Servo de Deos para a Cidade, começou a derramar taõ copiosas lagrimas, que affustados os circunstantes respondiaõ com diferentes affectos; julgando huns, que não havia mais causa, que a saudade, e presumido outros, que para este effeito occorria paixão mayor.

Chorou pondo
os ólhos na Ci-
dade.

701 O Vigario Provincial conhecendo haver em tamanho pranto algum occulto mysterio, depois que por outro modo não conseguio saber, qual era o verdadeiro motivo, lhe mandou em virtude de Santa Obediencia, que lho expuzesse. Elle se prostrou, e com as possiveis demonstraçoens de humildade, ajoelhado, e assim mesmo chorando, disse: *Que o obrigava áquelle sentimento a consideração do grande castigo, que Nosso Senhor tinha determinado mandar sobre aquelle povo do Maranhãõ; e que se compadecia de seus irmãos Religiosos, e de seus amigos, que alli ficavaõ.* Esta reposta pelas suas circumstancias poz aos ouvintes em grandes receyos; porque além de

re-

repetir nella o mesmo, que outras vezes (como temos referido) publicara em presenca de varias pessoas; tambem sabiaõ, que certificando elle a alguns amigos, que o Senhor havia desembainhado a espada da sua Divina justiça, lhes aconselhara, que tirassem da Cidade tudo o que podessem. E posto que alguns discorrendo, que não constava por outro caminho o que agora declarava, quem talvez buscava este meyo de evitar alguns peccados; com tudo os prudentes, que não duvidavaõ na virtude de taõ Santo Varaõ, abraçaraõ o seu conselho, com a felicidade, de ficarem menos prejudicados na vaticinada ruina, na qual, ou mais, ou menos, perigaraõ todos.

Discursos dos q
o ouviraõ,

702 O caso foy, que antes de se completar hum anno depois daquelles avizos, quando a Cidade de São Luiz menos esperava, experimentou com grande lastima o seguinte damno. O Conde de Nassau, Governador das Armas em Pernambuco pelas Provincias unidas, mandou contra a dita Cidade huma Armada de dezoito navios com guarnição de dous mil homens de desembarque á Ordem de João Cornelles; os quaes entrando vencedores no Maranhão, fizeraõ (principalmente naquella Cidade) tantos estragos, que as incessantes lagrimas dos seus moradores pareciaõ diminutas para bastantemente exaggerarem o sentimento de varias consequencias: e nenhuma felicidade posterior foy bastante a fazer menos duravel a memoria dos antecedentes prejuizos. Estes não só chegaraõ ao profano, mas tambem se estenderaõ ao sagrado. Sentiraõ a ruina os racionais, e com elles os outros viventes. Os inimigos destruiãõ os gados da terra, e no que reservaraõ para o seu alimento, teve a nossa Comunidade a perda das cabras, que o Veneravel Irmão desejava, que antes o Convento as aproveitasse. A esta injusta guerra (que se achara bem expressada na Historia do Maranhão, escrita por Bernardo Pereira de Barredo, Governador do mesmo Estado) seguiu-se os flagellos da fome, e da peste, com os quaes tudo se verificou, quanto Frey Gonçalo anticipadamente disse, vindo-se entaõ a estimar por indubitavel o seu nunca esquecido vaticinio.

Os indícios no
Maranhão,

Verificouse o
vaticinio,

Supra num. 700

§. III.

De outras heroicas acçoens de virtude, que exercitou até acabar santamente a vida.

703

Sua chegada a Lisboa.

Pontualidade para obedecer.

CHegou com effeito a este Convento de Lisboa o Irmão Frey Gonçalo depois de huma prospera viagem. E como já na Corte havia conhecimento das suas heroicas virtudes, e ao mesmo tempo se ouviraõ as noticias das extraordinarias maravilhas, que o Senhor obrava pela sua intercessão; foy não só bem recebido, mas muito festejado, assim dos Religiosos, como dos Seculares de ambas as condições. Continuou a servir a Deos, e a esta Communidade com o fervor, e zelo, que desde a sua entrada na Religião mostrou sem variedade. Na obediencia foy exemplarissimo. Por mais insupportavel que fosse o trabalho, se o Prelado o nomeava para o fazer, nunca lhe parecia difficultoso. Quanto mais indecorosa, e vil era a occupação, tanto mayor, e mais perceptivel era a complacencia, que se lhe conhecia no modo de a exercitar. Se o mandavaõ assistir na consilha, não só guizava o comer, mas nos proprios hombros trazia toda a agua, e lenha necessaria; e se esta não estava prompta, hia pessoalmente ao mato, (como fez muitas vezes no Maranhão) e não só a cortava, mas de muito longe a trazia para o Convento ás costas; e se por essa causa o arguiaõ de excessivo, costumava responder, *que o fazia por sua devoção.*

Hia pedir Esmolase.

Guardava o gado.

Supra num. 700

704 Em obsequio da mesma virtude da obediencia, andava a pê muitas leguas na occupação de receber as esmolase, que em todo o Brasil costumão dar para a festa de Nossa Mãe, e Senhora do Carmo os Confrades do Santo Escapulario: e nas jornadas, que fazia pelas povoaçoens remotas, estimava de tal modo os incommodos do corpo, que todos conheciaõ o grande sacrificio, que a Deos offerecia em beneficio da alma. Até chegou a hir guardar o gado da Ilha, em que já fallámos, com tal sofrimento nestas, e outras occupações servís, que confundia aos mesmos Prelados, os quaes buscavaõ semelhantes meyo de lhe provarem a paciencia. Taõ resolutamente se entregava a qualquer acção, que se lhe offerecia de obedecer, que sem formar discurso sobre algumas cousas proferidas por gal-

lantaria, com facilidade as acreditava. Disse o Prelado gra-
cejando na sua presença: *Que na Camera da Cidade havia Frey*
Gonçalo sabido com a honra, e cargo de Almotacel. Perguntan-
do elle aos circunstantes: *Se o podia exercitar sendo Religioso?*
Responderão-lhe *que sim*: Proleguio. então em seu fizo: *Naõ*
tomara servir tal cargo, por naõ sentenciar ninguem á morte;
mas se a obediencia mandar, o farey, porque com a obediencia
naõ se brinca. Celebrou-se esta expressão como simplicidade
santa; mas della fazemos memoria como prova da vontade, com
que sempre, e em tudo se dispunha a obedecer.

Prova da sua fin-
giceza de anime

705 No amor da pobreza foy extremo. Da perfeita
observancia desta virtude deixou aos Religiosos muitos docu-
mentos; porque a soube guardar com a exacção, que pedia a
promessa, que della fizera a Deos. Naõ só na composição da
cella, mas no trato pessoal dava a conhecer, que vivia Evan-
gelicamente. Apenas se lhe via na cella a cama, em que dava
hum breve descanso ao corpo, e em si naõ punha mais do que o
habito, e o vestido interior, com que devia apparecer por con-
servar a decencia. Do Dinheiro fugia como de hum declarado
inimigo: nem já mais o possuio; antes dizia: *Que era o mayor ty-*
ranho da consciencia de hum Religioso. Se á força lhe davaõ al-
gum por esmola, no mesmo instante com licença dos Prelados o
repartia com os pobres Quando se ausentou do Maranhão, trou-
xe, com licença dos mesmos Prelados, dezaleis vintens; e
dizia elle, que eraõ para pagar o frete do navio, e o seu susten-
to. Assim que deraõ fundo, buscou logo o Capitaõ para lhe sa-
tisfazer a dita passagem: o que vendo o Capitaõ, e admirando-
se de tanta sinceridade de animo, lhe disse: *Que naõ queria*
mais satisfação, que o trazelo em sua Companhia; que deixas-
se ficar para si o dinheiro, que desde alli o applicava para algu-
ma cousa sua necessaria, e que o recebesse como esmola. Assim
que chegou ao Convento, entregou logo essa limitada quantia
ao depositario. Mas como se divulgou o successo, e os Reli-
giosos por galantaria lhe começaram a dizer que vinha do Mara-
nhão muito rico; bastou a consideração do que ouvira, para
passar toda a noite afflicto, e sem descanso. Daqui procedeo,
que logo ao amanhecer foy pedir licença ao Prelado para dis-
tribuir o dito dinheiro com os pobres, e só depois que o fez,
mostrou alegria, por se livrar (como elle dizia) *de taõ mo-*
lestos cuidados.

Sua muita po-
breza

Como quiz pa-
gar a sua passa-
gem.

Discurso dos q
oouviraõ.

Provas da sua
pureza

Favores de Deos
na Oraçaõ.

Os joelhos se lhe
inflamaraõ.

Prova da sua pa-
ciencia.

706 Na observancia da Angelical virtude da castidade foy sempre admiravel. Naõ só evitou as occasioens das offensas de Deos, mas deo a conhecer, que nunca perdera a innocencia de sua alma, capaz de entrar em numero com os espiritos mais puros. Das pessoas de outro sexo se retirava em tal fórma, que além de evitar a sua communicacão, algumas vezes fugia, e em muitas occasioens, porque o naõ conseguio fazer, usou de alguns actos meritorios, que muito o justificaraõ. No Maranhão, onde as escravas, e gentias (assim como em todo o Brasil) andaõ a respeito das mulheres deste Reyno, menos compostas, naõ levava á paciencia, que deixassem de vestir camisa. Servia-lhe de escandalo o antigo uso da terra, com que se criaraõ. Daqui tomou fundamento para retroceder quando nos caminhos, por onde passava, estavaõ as Indias (para a sua estimacão) menos honestas. Até levando a Cruz em hum acompanhamento, porque succedeo concorrerem algumas á rua; naõ quiz passar adiante, e voltou por outra parte, como se os que lhe precediaõ, houvessem errado o caminho; circumstancia, que podendo em outro fogeito parecer desvario, nelle se applaudio como virtuosissimo acordo.

707 Do seu recolhimento, e trato espirital com Deos na Oraçaõ, foraõ testemunhas vários Religiosos, que muitas vezes o acharaõ no Coro, e nas Capellas da Igreja, alta noite, extatico, e suspenso no ar. Succedeo trazerem-no em braços, sem que o movimento, e as vozes, de quem o dispertava, o fizestem tornar a si do suavissimo letargo, com que o amor Divino lhe suspendia o uso dos sentidos exteriores. De nenhum modo negava, quanto pelo amor de Deos se lhe pedia: e pelo mesmo Senhor sofria taõ invictamente as mortificaçoens, que todas lhe pareciaõ suaves, e no rosto se lhe percebia mayor contentamento, quando nas molestias experimentava dores mais intensas. Intoleraveis foraõ as que padeceo, quando em diferentes occasioens se lhe inflammaraõ os joelhos pela continuacão de estar sobre elles orando. E como se fazia precisa a assistencia dos Cirurgioens, estes se confundiaõ naõ menos de ouvirem a causa, que elle dava para a repetiçaõ da molestia, que de verem a tolerancia com que resistia ás violencias da cura.

708 Achava-se o nosso Veneravel Irmão em huma parte, onde lhe quizeraõ provar a paciencia da maneira seguinte. Sendo horas

horas de jantar, e não tendo outra cousa de que se valer, senão do prato, que se lhe apresentou na mesa, deitaraõ-lhe nõ comer huns pös de pimenta da America, de qualidade ardentissima. Assim que elle no primeiro bocado os sentio, dissimulou, e pedio agua. Mas como tambem nesta lhe haviaõ lançado os mesmos pös, se lhe augmentou o tormento, e ficou mais que antes lastimado, por lhe sobrevir novo incendio, donde esperava achar o refrigerio. Vendo entaõ os inventores do mal, que elle se não queixava, lhe perguntaraõ; *Se lhe foubra bem o guizado?* Promptamente lhes respondeo taõ alegre, como agradecido, dizendo unicamente: *Deja pelo amor de Deos.*

709 Da perfeita caridade; com que sempre amou ao seu proximo, deo evidentes provas. Desejava servir a todos, e não sofria, que alguém por seu respeito tivesse o mais leve incommodo. Em huma occasiã, em que Martinho Moreira chegou á praya do sitio chamado *Nossa Senhora da Guia* com huma embarcaçã de remos, a recebello para o transportar para a Cidade de São Luiz, na qual já fallamos; assim que entrou na dita embarcaçã, se prostrou, e foy beijando os pés dos remeiros, e mais Indios, que vinhaõ dentro; e a todos pedio perdã do detrimento, que tiveraõ em voltarem a buscalo: abatimento, que aos mais pareceo demasiado, e só a elle diminuto para satisfazer a obrigaçã, em que ficava aos que em seu obsequio tiveraõ mayor trabalho. Até para defender a vida queria proceder contra os seus inimigos com a prudente resoluçã, que prova o seguinte caso. Fallando-se na jornada, que o Vigario Provincial esteve em termos de fazer pelo certaõ para se embarcar em Pernambuco, antes de tomar o acordo de esperar pela monçaõ da frota, que do Maranhã veyo em direitura para Portugal; entre outros graves perigos, que se ponderaõ, o principal foy o damno, que aos passageiros costuma fazer o gentio alarve, e cruelissimo daquelles solitarios caminhos. Estava presente hum Religiolo Reformado da Ordem de São Francisco, Custodio da sua Seraphica Familia naquelle Estado, que havia de fazer companhia ao dito Vigario Provincial. E dizendo a Frey Gonçalo, que se viesse o inimigo, era necessario offende-lo para livrar a vida; elle respondeo: *Offender dos inimigos, isso não hey de fazer: mas se levar hum cajado devolta, lhes pegarey com elle pelos pés para os derrubar, que isso basta, para me não fazerem mal.*

Sua humiliaçã
a todos.

Gracioso dito seu
no modo de se
defender.

Quem mandou
buscar o Instru-
mento authenti-
co.

Conhecido, e es-
timado das Ma-
gestades

Sincera resposta a
ElRey.

710 Todas estas noticias constaõ do Instrumento de in-
quiriçaõ já allegado, que mandou pedir, sendo Provincial des-
ta Provincia o Padre Presentado Frey Jorge Cotrim, e o fez
em publica fôrma o Vigario da Matriz da Cidade (em que já
fallámos) de São Luiz do Maranhão, Valentim do Amaral,
por commissão do Vigario Geral da mesma Cidade o Licencia-
do Belchior da Costa Coelho; sendo Escrivão do Processo o
Padre Roque da Costa de Abreu, que o escreveo aos 5. de Julho
de 1661. E porque as heroicas virtudes do servo de Deos se
publicaraõ no Paço, e foraõ muito applaudidas pelas PESSOAS
Reaes, começou a Serenissima Rainha Dona Luiza a fazer de
Frey Gonçalo tão particular estimação, que o mandava bulcar
ao Convento para lhe ouvir, os conselhos, que eraõ acertados,
e despídos da affectação, a que muitas vezes inclina o respeito
das Magestades. A tudo respondia o Veneravel Irmão sincera-
mente, e pelo estylo familiar, com que tratava as pessoas ordi-
narias: de sorte, que ao mesmo tempo, em que á vista do Sobe-
rano dava nas humiliaçoens indicio da sua veneração, quanto
ao modo de fallar, não reflectia na especialidade do tratamento.

711 Depois que a ElRey D. João IV. constou o muito,
que Frey Gonçalo, pela sua exemplarissima vida, era estimavel,
disse á Rainha: *Que em vindo á sua presença, elle tambem lhe
queria fallar.* Chamado com effeito ao Paço o Veneravel Irmão,
que nunca tinha visto a ElRey, esteve diante delle conversan-
do, sem fazer a differença devida ao seu caracter. Até que ao
passarem todos por huma sala, lhe disse a Rainha, apontando
para o Monarca: *Frey Gonçalo, não fallais a Sua Magestade, que
aqui vem?* Voltando-se entãõ o servo de Deos, e pondo nelle
os olhos, se prostrou por terra, e depois de ter nella a boca,
ajoelhado respondeo: *Perdoeme Vossa mercê, que cuidey, que
era algum homem honrado, que vinha aqui com a Rainha nossa
Senhora.* Dalli começou ElRey a observar muitas acçoens do
mesmo Frey Gonçalo, que lhe abonaraõ a opiniaõ, de sorte,
que a mereceo de Santo. Huma foy a seguinte. Disse-lhe em
certa occasiaõ: *Frey Gonçalo, não me pediz nada, que vos fa-
ça?* Respondeo logo, como vencido do Real respeito, e com
grande sumissaõ, disse: *Huma cousa tinba que lhe pedir, mas
receyo de o fazer, porque onã queria enfadar.* Pois que he, o
que quereis? Replicou ElRey. *Quero (lhe respondeo) que me*
man-

mande dar huma mão de papel para escrever hum livrinho, que faço para encaminhar os rústicos para o Ceo. Sua Magestade lhe mandou logo dar vinte mil reis em dinheiro. Porém elle de nenhum modo o quiz receber, protestando, que promettera a Deos guardar pobreza, e que não havia de aceitar dinheiro, sendo cousa contra o seu voto: *Que huma só mão de papel lhe bastava para o seu livrinho* Ficou ElRey summamente edificado de tão heroica resolução: e por mais que instou, para que Frey Gonçalo recebesse mayor quantia de papel, apenas delle conseguiu aceitar-lhe hum resma.

Papel que pediu
para hum livrinho.

712 De Outras virtudes deo tambem na presença das Magestades raros exemplos. Succedendo estar com a Rainha, veyo huma menina de quatro annos a abraçalo politicamente por insinuação de algumas Senhoras, que alli se achavaõ. Atemorizou-se o Servo de Deos: e não podendo resistir ao impulso, que o arrebatava, sahio pela porta fóra, dizendo em altas vozes, e repetindo: *Não consinto, não consinto: meu Deos acudime, acudime Senhor.* A Rainha o mandou chamar, e tendo-o socogado lhe disse, que não havia razão para semelhante excesso; porque a innocencia da menina a commovera para aquella acção, que nada tivera de indecente: *Assim será* (respondeo elle) *porém aquella Senhora fidalguinha he mulher.* Então acabaraõ de conhecer a pureza do espirito de Frey Gonçalo, que não só evitava quanto involvia malicia, mas até da occasião dos escrúpulos resolutamente se acautelava; conseguindo conservar-se na vida tão casto, que por declaração de seus Confessores depois da morte constou, que falecera virgem.

Como fugio de
hum menina.

713 Por causa da certeza, que no Paço havia dos seus relevantes merecimentos, em occorendo cousa grave, em que as Pelloas Reaes dependiaõ de especial favor do Ceo, promptamente recorriaõ a Fr. Gonçalo, julgando, que a sua Oração era efficacissima para alcançar do Senhor qualquer beneficio. Na ultima enfermidade do Principe D. Theodosio mandou ElRey D. João o IV seu pay chamar a este Veneravel Irmão, a quem rogou que lho encomendasse muito a Deos, e o fosse consolar. Recolheo-se elle no Oratorio da mesma Quinta, onde todos assistiaõ. Depois de orar devotamente, foy visitar o enfermo, que tambem fazia da sua virtude grande apreço; e sem usar das affectações costumadas em semelhantes casos, antes que os

Desenganão que
deo ao Principe
D. Theodosio

Conceito que
delle se fez

Medicos desconfiassem da enfermidade; quando affirmavaõ, que o Principe não tinha perigo, lhe disse; *Que estivesse alegre; porque Deos o levava a ser Principe de outro Reyno melhor, e a lograr a sua vista na Bemaventurança, com a qual não tinha comparação o Reyno, que deixava.* Sobre esta materia discorreo com tanto acerto, que o Principe se resignou totalmente na vontade Divina, e dalli a dous dias, que foy aos 15 de Mayo de 1653, faleceo com demonstraçoens de predeterminado. Nem por isso ficou ElRey menos agradecido ao nosso Veneravel Irmão; porque além de prevenir ao Principe para a ultima disposição da alma, deo a conhecer, que o Senhor lhe participara a noticia da indispensavel execucao do seu Divino decreto.

Sua ultima en-
fermidade.

Conf-rmidade
na vontade Di-
vina.

Quem lhe veyo
assistir.

D Ant. Cast. de
Souf. Hist. Ge-
nealog. tom. 11.
pag. 147.

Modo com que
faleceo.

714 No anno seguinte sobreveyo a Frey Gonçalo huma gravissima enfermidade, que logo se deo a conhecer mortal. Foy de applaudir a conformidade, que teve com a vontade de Deos, a quem totalmente se entregou, sem querer do Mundo cousa alguma, nem dos seus Religiosos mais do que oraçoens para o ajudarem a vencer com felicidade os trabalhos daquella terribilissima hora. Preparou-se como costumava, e recebeo com edificativa devoção os Sacramentos da Igreja. Do summo prazer, que indicava no semblante, inferiaõ os assistentes a esperança, que conservava de hir gozar as delicias do Paraiso. E pronunciando os seus Directores algumas palavras exhortatorias, para que perseverasse resignado na vontade Divina, respondeu: *Eu estou muy conforme com ella: não tem aqui que fazer o tinbofo; porque vou bem.* Aggravando-se-lhe a molestia, veyo assistir-lhe em companhia dos Religiosos o seu mais especial amigo, e devoto, D. Pedro de Lancastre, que foy V Duque de Aveiro, III Duque de Torres Novas, Marquez de Montemor o Novo, Conde de Penella, senhor de muitas terras, e commendas, nomeado Bispo da Guarda, eleito Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, Presidente do Desembargo do Paço, Inquisidor Geral destes Reynos, Varaõ (como exprimem os eruditos Escritores da sua vida) não só virtuosissimo, mas declaradamente venerador dos que na vida gozavaõ constante opiniaõ de Santidade.

715 Assistindo pois este illustrissimo Principe ao transitõ do nosso Veneravel Irmão, no tempo, que hum dos Religiosos lhe lembrou o doce nome de JESUS, quiz elle fazer-lhe huma incli-

inclinação, e assim lhe entregou o espirito aos 5 do mez de Janeiro do anno de 1654. Immediatamente começou a concorrer o Povo a venerar o corpo do Servo de Deos, ao qual natarde do dia seguinte (com extraordinario acompanhamento de pessoas illustres, e de innumeravel concurso, assim de Ecclesiasticos, como de Seculares) dêraõ neste Convento decente sepultura. Antes do enterro chegaraõ os Religiosos das Sagradas Familias desta Corte a beijarlhe os pés; e assim que pegaraõ no esquite, nenhuma cautella, e forças eraõ bastantes a desviar aos que excitados da devoção lhe cortavaõ reliquias do habito, e da capa; tocando nelle medalhas, e repetindo outras acçoens de piedade, que provaõ o conceito, que todos faziaõ da sua virtude, e da fama, que neste Reyno se divulgou dos seus milagres.

Suas honras fuz
neraes.

716 Foy o corpo do Servo de Deos sepultado no cemiterio, a onde actualmente se venera a milagrosa Imagem do Senhor JESUS dos Agonizados, para o que se havia prevenido hum caixaõ feito com o primor, que os seus relevantes merecimentos requeriaõ. Porém passados alguns annos, e succedendo mandar o famoso Padre Presentado Frey Jorge Cotrim compor do ornato necessario o cemiterio novo, chamado cõmummente *Capitulo dos Bispos*, entre outros retratos de varoens illustres, que nelle collocou, tambem alli deo lugar ao do Veneravel Frey Gonçalo. E parecendo-lhe, que era conveniente trasladar para o novo cemiterio o seu cadaver, feitas as diligencias precisas, mandou levantar a campa da sua sepultura no dia 10 de Janeiro de 1666. Tirado o caixaõ, e aberto na presença das testemunhas competentes, se achou o corpo resolutos; porém os ossos taõ limpos, taõ candidos, e cheirosos, que aos circunstantes causou juntamente gosto, e admiração. Mudadas pois aquellas preciosas reliquias para outro caixaõ feito para o intento, se trasladaraõ para o tal cemiterio, onde se guardaõ junto ao Altar da parte do Evangelho, e na pedra da sepultura, que he raza, se lê: *Deposito dos ossos do Veneravel Irmão Frey Gonçalo, respeitado na vida, e na morte por Varão de grande Virtude.*

Onde foy sepul-
tado.

Para onde foy
trasladado o
seu corpo.

717 Depois que no dito Cemiterio se collocaraõ só os retratos dos Bispos, e Arcebispos desta Provincia, veyo o nosso Veneravel Irmão para as varandas do Claustro novo,

Seu retrato na
tural.

Flor. Do Carm.
Lus. pag. 130. v.

Sá Memor. Hist.
tom. 2. pag. 405.

Corograf Portug.
tom. 3. l. 2. trat.
8. cap. 47. pag.
626.

e hoje se acha no Dormitorio alto do Norte. O primeiro Escritor da sua vida foy o dito Padre Presentado Frey Jorge Cortim, que a deixou no livro manuscrito com o titulo *Flores do Carmelo Lusitano*. Delle extrahio quanto disse do mesmo servo de Deos, o Padre Mestre Frey Manoel de Sá nas suas Memorias Historicas. O Reverendo Antonio Carvalho da Costa na sua Corografia portugueza dá tambem hum glorioso testemunho das suas mais notaveis particularidades, dizendo: *O Veneravel Frey Gonçalo da Madre de Deos, Leigo, Irmão dotado de Santa simplicidade, pela qual foy estimado dos Reys, Senhores, e povo: viveo, e morreo com opiniaõ de Santo; o que se vio bem na grande veneraçã, com que seu corpo foy sepulchro no anno de 1654.* Este foy o virtuosissimo filho, que produzio, e com quem actualmente se authorisa o nosso Convento da Vidigueira: e posto que em outros claustros da mesma Religiaõ obrou as suas mais portentosas maravilhas, sempre aos deste Convento ficou devendo as proveitosas doutrinas da sua primeira educaçã.

CAPITULO ULTIMO.

Vida do Virtuossissimo Irmão Frey Joseph de Santo Ambrosio.

718

sua Patria, e infancia.

Tomou o habito em Evora.

NA famosa Cidade de Evora, Metropolitana, e principal da Provincia do Alemtejo, nasceo o Servo de Deos Frey Joseph de Santo Ambrosio. Do berço trouxe a boa inclinaçã para as virtudes; porque sempre as praticou com edificaçã dos que delle tinhaõ ou conhecimento, ou noticia. Determinou salvar-se pelo caminho mais perfeito: e fazendo eleiçã do estado Religioso, pertendeo o nosso habito, sendo Provincial desta Provincia o Padre Mestre Frey Nuno Viegas, que tambem foy natural da mesma Cidade. E conhecendo este Prelado, que no Pertendente concorriaõ os requisitos necessarios para ser admitido entre os Irmãos da vida activa, o aceitou com muito gosto, e lhe mandou lançar o habito no Convento antigo, que a Religiaõ alli teve junto á porta da lagõa, no sitio, que ainda conserva o nome de *Carmo velho*. A este destruiu, e arrazou o General D. Joã de Austria, quando com victoriosas armas veyo fobre

sobre Evora. E porque debaixo das suas ruínas ficaraõ eternamente sepultadas as memorias do seu Archivo, com ellas se escondeo tambem a noticia dos progenitores do nosso Veneravel Irmão, que desde entaõ se declarou filho das suas acçoens, taõ santas, e admiraveis, que o fizeraõ mais illustre, do que o poderia talvez produzir a natureza.

719 No mesmo Convento celebrou a sua solemne profissãõ, depois que concluiu o anno do noviciado. Perfeitamente o encheo, dando singulares exemplos de virtude solida, a qual já naquelle tempo os seus companheiros applaudiaõ, e de presente se conservaõ nas tradiçoens. Sabemos, que fora mandado para o Convento da Vidigueira, onde o achamos conventual no anno de 1664, segundo a pauta, que vimos lançada no livro da Provincia. Daqui nunca mais se mudou até acabar a vida, cuja individual noticia he muito estimavel, porque contém alguns progressos maravilhosos, e muitos sem semelhantes.

720 O Prelado o occupou na guarda da Igreja, e ministerios da Sancristia, por ser notoria a capacidade, que tinha para cuidar no aceyo de tudo o que respeitava ao culto Divino. A experiencia mostrou o acerto do Prelado nesta eleiçaõ; porque o devoto Fr. Joseph deo sempre taõ ajustada conta de si nestes officios, que mais de trinta annos os servio sempre com procedimento, naõ só louvavel, mas na opiniaõ de todos maravilhofo. Nunca se lhe vio acçaõ reprehensivel, mas antes reflectiaõ todos, que nenhum acto seu deixava de ser meritorio; porque sempre era fundado em alguma particular virtude. Teve muitos annos por seu Director ao exemplarissimo Padre Frey Joaõ da Luz: e de tal modo abraçava os seus conselhos, que naõ havia differença destes aos preceitos dos Prelados, aos quaes dava taõ promptamente execuçaõ, que naõ podiaõ passar a mais os primores de huma extremosa obediência. Esta era por elle exercitada, naõ só com os Superiores, dos quaes vivia dependente, mas tambem com os seus iguaes, a quem por nenhum titulo devia ligeiçaõ: porém o amor, que sempre teve a esta santa virtude, podia tanto, que lhe naõ fazia qualquer creatura obsequio mayor, do que dar-lhe occasiaõ de se mostrar sem uso algum do proprio alvedrio.

721 Sua pobreza foy verdadeiramente Evangelica. Tudo renunciou, quanto era do Mundo. Até do amor proprio se des-

Professo no mesmo Convento

Mudado para o da Vidigueira.

Constituido Sancristão perpetuo.

Sua vida exemplarissima.

Sua summa pobreza.

onde habitava

delpio, por não julgar por necessario o que o affecto áquella virtude lhe fazia parecer superfluo. Apenas tinha para vestir o habito, que lhe dava a Communidade; e este assentava sobre os cilícios, dos quaes andava cingido, todos asperos, e cruentos, para lhe servirem de continua mortificação. Assistia em huma apertada cella, que mais parecia jazigo de hum cadaver, do que habitação de pessoa viva. Nas paredes totalmente nuas, só pendiaõ alguns horrorosos instrumentos de penitencias, e no pavimento estava estendida em lugar de cama huma rude cortiça. Com este rigor, como a declarado inimigo, tratava ao corpo; querendo por essa causa, que vencidas as suas rebeldias, nunca chegasse a prevalecer contra o espirito.

Foy muito casto

722 Na guarda do voto da Castidade foy vigilantissimo. Como candido arminho, ornado com a capa branca de Nossa Mãe Santissima do Carmo, procedeo em tal forma, que mais facil lhe seria perder a vida, do que admittir em si a mais leve mancha, ou aparente sombra de impureza. Para se fazer conceito do muito, que amava aquella celestial virtude, bastava reflectir-se na honestidade das suas acçoens; porque nenhuma exercitava, que não persuadissem huma innocencia virginal. Grande era o sacrificio, que fazia a Deos, em ouvir, e responder a muitas Senhoras illustres, que lhe propunhaõ dependencias graves, para que da Virgem Santissima das Reliquias lhes alcançasse vários favores; por lhes haver a experiencia mostrado a efficacia da sua oração na presença daquella Sagrada Imagem para conseguir os mayores beneficios. Porém de tal modo as attendia, que ao mesmo tempo evitava a desnecessaria conversação.

Como tratava as
Senhoras.

Quanto o vene-
rou Dona Brites
de vilhena.

723 Com especialidade o venerou a Marqueza de Nisa Dona Brites de Vilhena, filha de D. Vasco Mascarenhas, 1 Conde de Obidos, e da Condesa Dona Joanna de Vilhena sua segunda mulher. Conservando o antiquissimo costume da esclarecida casa dos Senhores da Vidigueira; em se achando nesta villa, hia em todos os Sabbados, e dias festivos visitar a Virgem Nossa Senhora das Reliquias. O mesmo executava indispensavelmente o Marquez seu Esposo D. Francisco Luiz Balthazar Antonio da Gama, acompanhado de seus illustrissimos filhos. Todos estimavaõ muito ao nosso Veneravel Irmão; porque universalmente na Vidigueira, e seus distritos o conheciaõ por
homem

homem Santo. A Marqueza, por estar certa na sua sublime virtude, se lhe mostrava afeiçoada, e fazia diligencia por ouvir os seus conselhos. Quando hia á Igreja, lhe entregava as especies aromaticas, e outros donativos pertencentes ao culto da Mãe de Deos; parecendo-lhe, que esta Soberana Senhora accitaria melhor as taes offertas pelas mãos daquelle benemerito filho, por cujas supplicas, era constante, que obrava superiores maravilhas. Tambem o Marquez tinha grande consolação de lhe communicar alguns negocios de importancia, não só por lhe achar capacidade para reflectir com acerto nas suas ponderaveis consequencias; mas para os tomar á sua conta, e conseguir da Rainha dos Ceos os beneficios, dos quaes veyo a ser poderoso medianeiro.

Consultado do
Marquez de Ni-
za.

724 O seu quotidiano, e nunca falivel exercicio era o seguinte. Depois de hum brevissimo descanso, que concedia ao corpo, se levantava de madrugada. Ao romper do dia tocava a Aurora: e trazendo da cella do Prelado as chaves abria a Igreja, e ficava de joelhos em oração na Capella do Senhor JESUS até a Comunidade entrar á Hora de Prima. Dalli sahia a prevenir o que era necessario para a Sancristia: e não cessava de ajudar ás Missas, porque fazia diligencia por ouvir todas, quantas se podiaõ celebrar. A este Santo sacrificio assistia com summo contentamento, e ternissima devoção; dando instruções a huns para o frequentarem sem falta, e exemplos a outros para o silencio, modestia, e mais accidentes persuasivos da veneração devida ao proprio Corpo de Christo, e aos altissimos Mysterios da sua representada Paixão no Sacramento do Altar. Nos dias de Communhão, que com faculdade do seu Director multiplicava, não se atrevia a apartar da Igreja: e era tão perceptivel a sua consolação espiritual, que as lagrimas, e outros sinais exteriores a fazião patente.

Seus exercicios
quotidianos

725 Ao Refeitorio acodia mais por servir á mesa, do que a comer o que lhe dava a Comunidade. Tirando da sua porção huma limitada parte, quanto bastava, para que o corpo não desfalecesse por total necessidade de alimento, levava o mais do pão, e quasi todo o conduto aos pobres. Para estes ajuntava quanto lhe era possivel: e porque se fez notoria a ardente caridade, com que os servia, costumavaõ os Prelados mandar, que elle fosse o administrador das suas esmolas. Tambem adqui-

Sua rara abstinencia.

Caridade com
os pobres.

adquiria algumas de pessoas estranhas, que lhas entregavaõ, por entenderem, que pelas suas mãos seriaõ mais rectamente distribuidas, porque elle conhecia melhor a indigencia de cada hum para remediar a todos. No ministerio destes *seus Irmãos* (como elle os nomeava) consumia algum tempo; porque depois de os alimentar, os exhortava, para que offerecessem a Deos os incommodos da vida, esperando o premio certo dos seus trabalhos, que naõ haviaõ de ficar sem remuneraçaõ depois da morte.

Extremo no
serviço dos en-
fermos.

726 Igualmente extremo lo era com os Religiosos enfermos. Naõ sabia como lhes persuadissem: *Que sendo vontade de Deos, estava prompto para soffrer as molestias de todos, a fim de que nada tivessem que sentir.* E como era de genio mavioso, e naturalmente candido, tanto com elles se enternecia, e de tal modo os obrigava, que a sua assistencia bastava, para que os ditos enfermos, estando afflictos, ficassem consolados. Promettia encõmendalos a Nossa Senhora das Reliquias, para que lhes dèsse conformidade com o que fosse do agrado de Deos, desejando mais as utilidades da alma, que a saude do corpo. A estas supplicas acrescentava rigorosissimas penitencias de jejuns, mortificaçoens, e disciplinas; castigando-se, naõ só por este motivo, mas em satisfacão de suas culpas, de tal sorte, que lhe chegava o sangue a correr sobre a terra. Eraõ tambem evidentes finaes do seu martyrio os ensanguentados flagellos, e outros penetrantes instrumentos, com que santamente inimigo de si mesmo se maltratava. Tudo fazia por esconder, mas naõ bastavaõ as suas cautellas para o conseguir; porque prevaleciaõ as industrias dos seus devotos, que lhe observavaõ as acçoens, e eraõ testemunhas quasi oculares dos tormentos.

Penitencias que
por elles fazia.

Como N. Senhora
lhe provava o
amor.

727 Muitas vezes o achavaõ em extasis na presenca da Sagrada Imagem da mesma Soberana Senhora, que para lhe provar o affecto, e conferir novos merecimentos, se lhe fazia invisivel. Succedia pois, que restituindo-se dos Sentidos exteriores ao sahir dos raptos, e parecendo-lhe, que a Senhora se havia aulentado do seu throno, ficava taõ intimamente pesaroso, que vertendo copiosas lagrimas, se expunha quasi a morrer de saudades. Em huma occasiaõ de semelhante conflicto, alguns Religiosos, que naõ sendo sentidos o espreitavaõ, distintamente viraõ, que o Servo de Deos, por se persuadir, que a

Se-

a Senhora faltava do seu lugar, andava como fóra de si dando vozes, e buscando-a por toda a Igreja, entrando em huma Capella, sahindo de outra, examinando os retabolos, e os Altares. Estas diligencias fazia, repetindo purissimos amores, por palavras extrahidas do coração, cheyas de fé bem expressada na seguinte substancia. *Aonde estais, ó querida Mãe (dizia) aonde vos hey de achar, antes que o rigor da vossa ausencia me tire a vida? Bem vedes, que pelos meus annos (Já naquelle tempo contava muitos de idade) me faltaõ os alentos para sabir ao Mundo a buscarvos. O vosso velho vos chama, o vosso guarda vos deseja, e acabará este filho a vida fóra de vós.*

728. Com estas, e semelhantes expressões de tristeza vagava pelo ambito da casa da mesma purissima Senhora. Se lhe tardava, recorria à Oração: e se depois de sair della lhe não apparecia, usava das penitencias; até que a Mãe de misericordia compadecida destes piedosos affectos, e de tão vehementes desejos, se lhe manifestava, como naquelle instante apparecida. Então se convertia o desgosto em prazer, o tormento em consolação. Cessavaõ as demonstraçoens da queixa: e variando de assumpto, repetia ao mesmo Sagrado objecto discretas jaculatorias, que eraõ ao mesmo tempo tributos do amor, e desempenhos da gratidão.

729. Mais de trinta annos se conservou nas occupaçoens da Igreja, e Sanchristia, sem variedade no procedimento, e com grandes ventagens nos habitos de virtude; que por não ser affectada, por ella se fazia geralmente bem aceito, e respeitado. No fim da vida se confirmou a boa opiniaõ, que adquirio desde o seu principio; porque com admiracão da Comunidade aconteceu a maravilha seguinte. Em huma festa feira, que se contavaõ 5 de Junho do anno de 1693, estando (ao que parecia) sem enfermidade alguma, entrou pela cella do Prior do Convento (que era o Padre Frey Jeronymo da Natividade) e lhe pediu licença para se confessar geralmente, e receber a Sagrada Eucharistia. Feitas estas diligencias com a possível promptidão, se recolheo a orar hum dilatado espaço, depois do qual se levantou com a sua costumada alegria, e tornou á cella do Prelado, em cuja presença com os joelhos em terra lhe entregou as chaves, assim da Sanchristia, como a do cofre das joyas de Nossa Senhora, que por

Saudade q̃ della teve, e o que obrou.

O q̃ fazia quando a Senhora se lhe dava a ver.

Invariavel nas virtudes

Noticia q̃ morreu ter da sua morte.

causa da sua provada fidelidade tinha em seu poder. E ratificando aos seus pés a renuncia, que desde o seu ingresso fizera dos bens temporaes, alli ultimamente lhe rogou, que lhe mandasse administrar o Sacramento da Extrema-Unção. O Prior, que percebeo o mysterio, tomando ao Servo de Deos nos braços, e respondendo-lhe com demonstraçoens de verdadeiro amor paternal, lhe disse: *Que era preciso, que para esse effeito se recolhesse á cella, e se deitasse na cama.*

Destituído até da
cama.

Tormento com
que chegou á ho-
ra da morte.

Seu felice transi-
to.

Concurso de
gente.

730 O mesmo Prelado o conduzio: e chegando naquella tempo outros Religiosos á cella, ficaraõ todos sobre maneira confusos de verem, que alli, nem tinha cama, nem algum final de encofsto para o corpo, senão a tolca cortiça, em que sempre dormira; sendo este Religiosissimo Varaõ de tal modo pobre, que até lhe faltava, onde houvesse de reclinar a cabeça. Logo se lhe compoz huma cama. Porém entãõ ficaraõ os assistentes mais que nunca admirados; porque nas partes, em que foy ungido, depois de tirada a tunica, viraõ, que estava todo cingido de cordas de esparto taõ metidas pela carne, que esta lhe cresceo por cima das mesmas cordas: de sorte, que fazendo os Padres diligencia por lhas tirarem, o não poderaõ conseguir; porque o mesmo Frey Joseph, e o seu Confessor repugnaraõ, certificando-lhes, que o corpo ficaria mais lastimado, se lhe extrahissem as cordas, depois de se haverem com elle unido. No dia seguinte, que foy Sabbado, aos 6 do dito mez, do mesmo anno, entre as inconsolaveis lagrimas de seus Irmãos, fitos os ólhos em huma devota Imagem de nosso Redemptor crucificado, lhe entregou o seu innocente espirito: e piamente se crê, que subio a gozar a Bemaventurança; porque os seus merecimentos eraõ notorios, e o justissimo Remunerador não falta aos seus servos com o devido premio.

731 Publicado o seu felice transito, acodio á Igreja innumeravel concurso de gente a ver, e a venerar aquelle respeitado cadaver, que infundio mayor devoção, depois que se divulgaraõ as circumstancias já referidas da sua insperada morte. E porque a Omnipotencia Divina lhe patrocina a opiniaõ, que havia adquirido de santidade, obrou a seu favor no mesmo dia hum tal portento, que deo alivio ao sentimento dos saudosos, lustre a pompa do funeral, e gloria aos pro-

professores da nossa Evangelica, Santa, e verdadeira Ley.

732 Tinha o Marquez de Nisa (que acima nomeámos) hum escravo Turco chamado *Ali*, o qual fora Capitaõ de mar, e guerra: e assistindo nos Paços da Vidigueira por ordem do mesmo Marquez, exercitava a occupação de seu Jardineiro. O virtuoso Frey Joseph, que o conhecia, começou a supplicar por elle a Deos, para que o trouxesse ao gremio da Igreja; não lofrendo, que hum homem de boa inclinação, como lhe parecia, houvesse de seguir os execrandos erros de Mafoma. Não ficaraõ sem esperança os seus desejos; porque o Turco voluntariamente colhia aos Sabbados muitas flores, e sem haver quem o persuadisse, as levava ao nosso Convento, entregando-as ao dito Irmão para o Altar de Nossa Senhora. Daqui tomava elle occasião para lhe dizer, que abraçasse a nossa Fé, fazendo a possivel diligencia por instrui-lo nos mysterios principaes, e nas doutrinas necessarias para a salvação. A nada assistia o Turco; mas como amava a Frey Joseph, sempre o vinha buscar: e quando este o convencia, costumava responder: *Que ainda não era tempo*. Quasi dos mesmos termos usava o Veneravel Irmão; porque tambem se lhe perguntavaõ. *Quando se havia de fazer Christaõ o seu Turco?* Respondia, *que em chegando a sua hora*.

Supra II. 723

Portento admiravel

733 Esta com effeito chegou, quando o purificado espirito do Servo de Deos subio aos Celestiaes Tabernaculos; porque ouvidos os sinos, e sabendo-se que davaõ final da sua morte, immediatamente o Turco clamou dizendo, e repetindo; *Que era chegado o seu tempo, que queria ser Christaõ, e receber logo o Bautismo*. Examinado, se achou, que estava bastante-mente instruido, e capaz de receber sem demora aquelle Sacramento. O Marquez, e toda a sua illustrissima familia louvaraõ ao Senhor pela felicidade do successo. E levando á nossa Igreja o Turco, acompanhados do Reverendo Prior da villa o Padre Manoel Rodrigues Rataõ, na Capella Mór celebraraõ com a possivel grandeza o Bautismo, que elle recebeo com geral complacencia dos que lhe assistiraõ. Foy seu Padrinho D. Estevoã da Gama, que depois de Estudar em Coimbra, e de ser Porcionista no Collegio de São Pedro, passou á India por Capitaõ mór da Armada do anno seguinte, que foy o de 1694, e dalli ao governo de Sofala. Puzeraõ-lhe o nome de *Joseph das Reli-*

Conversão de hum Turco.

Que nome teve
no Baptismo.

quias: e succedeo, que ao sepultarse aquelle venerando corpo no dia seguinte (que era Domingo) não se acabavaõ de exprimir os differentes affectos de sentimento, e de prazer, com que o concurso se confundia; porque ao mesmo tempo, que lamentava a morte temporal de hum milagroso justo, applaudia a regeneração bautismal de hum peccador penitente. E concordando todos, que o applaudido triumpho da Fé se devia á efficacia das orações do nosso virtuosissimo Irmão, déraõ ao Senhor as graças, e ao Veneravel Frey Joseph a decente sepultura, onde jaz seu corpo dentro do Cemiterio dos Religiosos daquelle Convento, que podendo gloriar-se por muitos titulos, por este de ter Conventuaes tão santos, será eternamente famoso.

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS PROVINCIAES DESTA PROVINCIA,
e Priores deste Real Convento do Carmo de Lisboa,
que lhes correspondêrão nos annos, de
que trata este Tomo II.

Anno
de Christo

PROVINCIAES

1397

N^o tempo do governo deste primeiro Prior ainda se não havia instituido a nossa Provincia Portuguesa. Havia hum Commissario Geral no Convento de Moura, que antes do anno de 1397 estava sendo o Padre Doutor Frey Affonso Leitaõ aliás de Alfama. Numero 30.

I.

1423

O Padre Doutor Frey Affonso Leitaõ, aliás de Alfama, foy o primeiro Provincial desta Provincia, eleito, sendo Presidente do primeiro Capitulo, que se celebrou no Convento do Carmo de Lisboa em 6 de Julho de 1423. Foy juntamente Vigario geral da Ordem neste Reyno. Governou 12 annos, que tantos viveo depois de eleito, e com a morte acabou os empregos no anno de 1435. Veja-se o num. 5. e seg. e numero 65. e seg.

No

PRIORES.

I.

Anno
de Christo

1397

O Padre Doutor Fr. Gomes de Santa Maria foy o primeiro Prior, que teve o Carmo de Lisboa. Veyo do Convento de Moura com este emprego, chamado pelo Santo Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira no anno de 1397. Desde este anno até o de 1423 teve os exercicios do governo. No anno de 1404 foy creado Vigario Geral da Ordem nesta Provincia, e juntamente Bispo Titular de Ebron, sendo por espaço de 19 annos juntamente Prior, e Bispo; como consta do Tomo I nos lugares, que mostra o Index. Acabou o emprego de Prior no anno de 1423, como se mostra neste Tomo II numeros 7, e 13

II.

1423

O Padre Frey Diogo Gil foy o segundo Prior do Carmo de Lisboa, e juntamente terceiro Definidor da Provincia, eleito no anno de 1423. Governou 5. annos, que se concluíraõ no de 1428. Num. 7.

III

1428

O Padre Frey Estevaõ Rodrigues foy o terceiro Prior deste Convento, e juntamente quarto Definidor, e Sancristaõ mór. Foy eleito Prior no anno de 1428, tendo as

ou-

Anno
de Christo

PROVINCIAES.

*tempo desse Pro-
vincial governaraõ
tres Prioros em dis-
tintos annos.*

II.

1435 O Padre Frey Diogo Gil foy o segundo Provincial, eleito por morte do primeiro, no anno de 1435; depois de ter sido Prior II por tempo de 5 annos. Governou a Provincia 4 annos, que se contaraõ atè o de 1439. Num. 73.

III.

1439 O Padre Frey Joaõ de Saõ Lourenço foy o terceiro Provincial da Provincia, eleito no anno de 1439. Governou dous annos, no fim dos quaes acabou a vida, e com ella o emprego no anno de 1441. Num. 78.

IV.

1441 O Illustrissimo Senhor D. Fr. Joaõ Manoel, filho delRey D. Duarte, foy o quarto Provincial desta Provincia. Primeiro o nomeou o nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Joaõ Facci no anno de 1441, por commissaõ, que teve do Capitulo Geral antecedente. Depois o Papa Eugenio IV por hum Moto proprio o confirmou em Provincial, e o fez Vigario Geral da Ordem neste Reyno, e juntamente Prior do Convento de Lisboa. Teve o emprego de Embaixador, huma vez a Hungria, e duas a Roma. Foy Bispo Titular de Tiberiades, Bispo

Dio-

PRIORES.

Anno
de Christo

outras occupaçoens desde o anno de 1423, em que se celebrou o primeiro Capitulo. Governou 2 annos, que se concluiaraõ no de 1430, Num. 24.

IV.

1430 O Padre Frey Joaõ do Santo Espirito foy o quarto Prior deste Convento; eleito no anno de 1430. Governou 5 annos, que se concluiaraõ no de 1435, em que se celebrou segundo Capitulo, Num. 24.

V.

1435 O Padre Frey Estevaõ Rodrigues foy Eleito segunda vez Prior deste Convento, depois de o haver sido no anno de 1428. Agora, que he Prior quinto, foy eleito no anno de 1435. Governou 4 annos; e acabou no de 1439 juntamente com o Provincial. Num. 75.

VI.

1439 O Padre Frey Vasco Pinto foy o sexto Prior deste Convento, eleito no anno de 1439. Governou 2 annos, que se contaraõ até o de 1441, no qual com a morte do Provincial entrou o seguinte governo. Num. 79.

VII.

O Mesmo Provincial foy juntamente Prior deste Convento, e o setimo em numero. Governou o Convento todos os 35 annos do seu Provincialado Num. 82.

1541

VIII O Pa-

Anno
de Christo

PROVINCIAES.

Diocesano de Ceuta, Primaz de Africa, e Bispo da Guarda, Capellaõ mór, do Conselho, e Expediente del Rey D. Affonso V. seu irmaõ. Em quanto viveo, governou esta Provincia por tempo de 35. annos, que se contaraõ até o da sua morte no de 1476 Num. 81. e seg.

*Neste tempo se come-
çou a fundar o Con-
vento de Colares.*

V.

1476 O Padre Mestre Frey Fernando de Santa Maria foy o quinto Provincial da Provincia, eleito no anno de 1476, fazendo-se Capitulo por morte do Illustrissimo Senhor D. Fr. João Manoel. Governou 3 annos, que se terminaraõ no de 1479. num. 460.

VI.

1479 O Veneravel Padre Doutor Frey João Sobrinho, graduado em Theologia, e Direito Canonico na Universidade de Oxonia; Lente de Prima no Collegio de Nossa Senhora de Athem, Mestre, e Prêgador del Rey Dom Affonso V, foy o sexto Provincial desta Provincia, nomeado no anno de 1479, e reconduzido no de 1482. Governou 7 annos, que se terminaraõ no 1486. Faleceo com opiniaõ de Santo, e muitos o intitulaõ Martyr. Numero 485.

VII.

1486 O Padre Mestre Frey João Dias, Jubilado na Sagrada Theologia, foy o setimo Provincial desta Provincia, eleito no anno de 1486. Governou 3 annos, que se terminaraõ no de 1489. Num 495;

VIII O Pa

PRIORES.

Anno
de Christo

VIII

O Padre Bacharel Frey Alvaro de Estorva foy o oitavo Prior deste Convento; eleito no anno de 1476. Governou 3 annos até o de 1479, acabando a occupação juntamente com o Provincial. Num, 463.

1476

IX.

O Padre Frey Jorge da Cruz foy o nono Prior deste Convento, eleito no anno de 1479. Governou 3 annos, que se concluireã no de 1482. Num. 486.

1479

X.

O Padre Frey Gomes Rapozo foy o décimo Prior deste Convento, eleito no anno de 1482, quando o Provincial foy reconduzido. Governou 4 annos, que se contaraõ até o de 1486, no qual o dito Provincial acabou o seu emprego Num, 488.

1482

XI.

O Padre Mestre Frey João de Santa Maria, Jubilado na Sagrada Theologia, foy o undecimo Prior deste Convento, eleito no anno de 1486. Governou 3 annos, que se contaraõ até o de 1489. acabando juntamente com o Provincial. Num. 496.

1486

XII. O Pa

Anno
de Christo

PROVINCIAES.

VIII.

- 1489 O Padre Mestre Frey Joaõ de Santa Maria, Jubilado na Sagrada Theologia, que acabava de ser Prior, foy o oitavo Provincial desta Provincia, eleito no anno de 1489. Governou só 8 mezes, porque o depoz do lugar hum Visitador Estrangeiro, que veyo á Provincia no mesmo anno. Num. 501

IX.

- 1489 O Padre Frey Luiz Machado foy o nono Provincial desta Provincia, eleito no mesmo anno de 1489, presidindo no Capitulo o Visitador Geral Frey Guilherme Tolozzano. Governou 4 annos, que se concluiro no de 1493. Numero 506.

X.

- 1493 O Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja, que acabava de ser Prior, foy o decimo Provincial desta Provincia, nomeado no anno de 1493. Governou 4 annos que se Contaraõ até o de 1497. Numero 512

Neste tempo principiou a fundação do Convento da Vidigueira.

1497

Neste anno de 1497 não se celebrou Capitulo. O Padre Presentado Frey Gonçalo Fialho, que já no governo passado era Vigario Geral, continuou a governar a Provincia como Vigario Provincial: e

no

PRIORES.

XII.

Anno
de Christo

- O Padre Frey Jorge da Cruz foy o duodecimo Prior deste Convento, eleito segunda vez para o tal emprego no anno de 1489. Governou só 8 mezes, no fim dos quaes foy deposto por hum Visitador, que veyo á Provincia. Num. 501

XIII.

- O Padre Presentado Frey Rodrigo de Beja, Varaõ de muitas letras, e virtudes foy o decimoterceiro Prior deste Convento, eleito juntamente com o Provincial no mesmo anno de 1489. Governou 4 annos, que se concluiro no de 1493. Numero. 506.

XIV.

- O Padre Frey Joaõ Namorado, Religioso de muito respeito, foy o decimo quarto Prior deste Convento, eleito anno de 1493. Governou só hum anno, porque renunciou o lugar no de 1494. Num. 512,

XV.

- O Padre Bacharel Frey Nuno de Almeida, foy o decimo quinto Prior deste Convento, eleito no anno de 1494. Governou 3 annos, que se terminaro no de 1497, em que tambem acabou o Provincial. Num. 518.

XVI.

- O Padre Mestre Frey Joaõ de Santa Maria, que já havia sido huma vez Prior no anno de 1486, e fora tambem Provincial deposto no anno de 1489, sahio segunda vez eleito Prior no anno de 1497, e foy o decimo sexto em numero. Governou 2 annos, que se terminaro no de 1499. Numero 523.

XVII O Pa

Tomo II. Catalogo 409

Anno
de Christo

PROVINCIAES.

no anno de 1499 foy tam-
bem nomeado Prior deste
Convento, que governou
com todos aquelles titulos
tres annos. Estes se termi-
naraõ no de 1502. Num-
ero 524.

XI.

1502 O Padre Mestre Frey Jeronymo de Santa Maria foy o undecimo Provincial desta Provincia; eleito no anno de 1502. Governou tres annos, que se terminaraõ no de 1505. Numero 525

XII.

1505 O Virtuossissimo Padre Frey Joaõ de Santa Anna foy o duodecimo Provincial desta Provincia, eleito no anno de 1505. Governou 17 annos, que se terminaraõ no anno de 1522. Nos dous annos ultimos do seu Provincialado teve tambem o emprego de Vigario Geral. Numero. 535.

*N*o anno de 1518 veyo a esta Provincia o Provincial do Carmo da Provincia de Aragaõ, o Padre Mestre Frey Pedro de Estancia, e por commissão do Reverendissimo Padre Geral Frey Bernardino Landucio exercitou o emprego de Visitador Geral.

PRIORES.

XVII.

O Padre Presentado Frey Gonçalo Fialho, que actualmente exercitava os empregos de Vigario Geral, e Vigario Provincial da Provincia, foy o decimo setimo Prior deste Convento, nomeado no anno de 1499. Governou 3 annos, que terminaraõ no de 1502 Num. 524.

Anno
de Christo

1499

XVIII.

O Padre Presentado Frey Sebastião dos Anjos foy o decimo oitavo Prior deste Convento, eleito no ann de 1502. Antes de completar o primeiro anno de governo acabou a vida. Num. 526.

1502

XIX.

O Padre Bacharel Frey Joaõ Gallego foy o decimo nono Prior deste Convento, eleito no mesmo anno de 1502, por morte do seu antecessor. Governou até o anno de 1505, acabando o seu tempo juntamente com o Provincial. Num. 526.

1502

XX.

O Padre Presentado Frey Gonçalo Fialho foy segunda vez eleito Prior deste Convento; e teve o lugar vigesimo na ordem destes Prelados. Governou 5. annos, que se terminaraõ no de 1510. Num. 541

1505

XXI.

O Insigne Padre Presentado Frey Christovão Moniz, que depois veyo a ser Provincial, e tambem foy Bispo Titular de Reona, sahio eleito Prior deste Convento na terceira Dominga depois da Pascoa do anno de 1510. Governou 12 annos, que se concluiaraõ no de 1522 N. 541

1505

Até o Anno de 1522.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DOCUMENTOS

PERTENCENTES A ESTE TOMO SEGUNDO

DA NOSSA

CHRONICA,

TRANSCRITOS COM A MESMA ANTIGUIDADE
de vocabulos, com a falta, e multiplicação de letras dos seus
originaes, que se guardaõ nos nossos Archivos

*Nos taes Documentos, e tambem nas declaraçoens necessarias,
seguiremos a mesma ordem dos numeros, que estão
nos paragrafos da Historia.*

P A R T E I.

Numero II.

DOCUMENTO I.

*Oração ad Fratres, que o Doutor Frey Affonso de Alfama disse em
acto de Comunidade depois de eleito Provincial.*

A D hanc celsitudinem, nemine cogente, vocastime, O' piissi-
mi, ac dilectissimi Fratres. Habebatis plurimos ad regimen nos-
træ Provincialis Congregationis aptiores: his tamen invisis,
elegistis minimum. Numquid sum ego oliva cum pinguedine
virtutum apud Deum, & homines acceptabilium, ut vobis pos-
sim in Domino imperare? Numquid sum arbor fici cum dul-
cedine verborum; aut cum bonorum operum suavissimis fructibus, ut inter
vos promovear? Sum ne vitis lætificans, ut, exultantibus cordibus vestris,
ea, quæ ad corpus, & ad spiritum pertinent, regere præ omnibus valeam?
Non ne rhamnum me cognovistis absque umbra, absque pinguedine, mysti-
cis fructibus destitutum, ac reprehensibilibus moribus unice resectum? At-
tamen, quia verè me Provinciæ Præsidem constituistis, si vultis sub umbra mea
requiescere, aliam non defecturam, semperque inveniendam præstabo:
umbram scilicet pulcherrimæ, ac desideratissimæ arboris vitæ, sub quâ sedem
regulariter habemus, Sanctissimæ Dei Genitricis MARIÆ, Carmelitarum Re-
ginæ, magnarum alarum Aquilæ, cujus Filius Sol justitiæ Christus Deus no-
ster, & sanitas in pennis ejus. Carmeli montis, non Libani, quemque vestrum
quasi cedrum intueor: quare de me eggre dietur ignis, non ut devoret, sed ut
diligat. Ad hoc exequendum interest, ut ex toto corde vestro, & ex tota ani-
ma vestra diligatis Deum, & alterutrum. Diligite etiam justitiam, & odio ha-
beat, quæso, iniquitates, ne ignis meus ad effectum punitionis, sed in fig-
num Charitatis erga vos effulgeat. Evanescite, iterum quæso, flammam erro-
rum, ut igne spiritus Sancti vivificantis impleamini. Sic tandem luceat lux
vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, & glorificent Patrem
vestrum, qui est in cœlis, mihi que (nomen parentis meritò in hac Provincia
habenti) pro tantis, optimisque filiis, gaudium sit maximum.

DOCUMENTO II.

Aſtas, ou (I) Leys Municipaes da Provincia; asprimeiras, que nella se fizerao, logo que se celebrou o primeiro Capitulo; sobre as quaes se dá a ler a Differtação, que vay no fim deſte volume. Os numeros se accreſcentarao, para correſponderem aos que se achão na dita Differtação.

(II) "Fater Alphonſus de Alfama, Sacræ Paginæ Doctör, & venerabiles Definitorẽs infra ſcripti. Auſtoritate noſtra, & per virtutem confirmationis eorum, quæ in capitulo immediato tractavimus, & quæ nomine Succellorum noſtrorum in poſterum Domino Regi, & aliis pro tempore regnaturis, non deſecturi promiſimus. (III) Non minus quàm quadraginta Conventuales habebimus in Conventu Liſbonienſi: plures ad poſſe pro tempore. (IV) Cultus Divinus præ oculis ſemper manebit. (V) Ritus ab Hieroſolymis habitos, aut habendos integerrimè ſervabimus, modos ejus Eccleſiæ non relinquendo in publicis rebus, propriis, & privatis. (VI) Meminerimus laudis invictiſſimi Domini noſtri Regis coram omnibus, cum præſens Feſtivitati Conceptionis Sanctiſſimæ MARIE Virginis, videns Sacrum JESU Chriſti Corpus pateſieri ſub ſolemniffimo cantu ad Miſſæ initium: *Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Sancto*, plus ſolito gaudens, Domino Comeſtabili dixit: *Optimos Capellanos elegiſti: nunquam uſam hunc amittant; quem in Religia noſtra obſervandum proponam.* (VII) Ad organa, vel Plalteria, aut cum aliis muſicis inſtrumentis ſolemniores Feſtivities diſcernere curabimus: ſemper enim in Ordine noſtro prævaluit cantus formatus, & planus à SS. Gregorio Papa ordinatus, & ante illum ab ipſo Elia Duce, & Parente noſtro in Carmelo practicè cum diſcipulis, poſtea ab Eliæo cum filiis Prophetarum ſervatus. (VIII) In non ſolemnibus recitabimus tantum voce formata, æquali, & concordi: aliter in funebri, & luſtuoſo eventu: tunc, quaſi plorantes voce diſſona, & diſcordi ſubmiſſe proſequemur, uti in Paraſceve, qua die omnia triſtitiz ſigna, tum recitando, tum loquendo, dabimus. (IX) Conciones ad populum diebus Dominicis non impeditis, & in ſolemnioribus Feſtivitibus Beatiffimæ Virginis MARIE habebimus; ac in omnibus, aliis extraneis, ſemper de ipſa Virgine Matre, & Patrona cordatiſſima aliud quid laudis inferere curabimus. (X) Cuique Imagini ejusdem Deiparæ, ſicut matri ſalutandæ, tranſeuntes dicemus *Ave MARIA*. (XI) In ejus memoriam Candelabrum optimè elaboratum in medio chori cum cereo candidiſſimo in cunctis ipſi Deiparæ pertinentibus retinebimus. (XII) Bis, nempe mane, & ad noctis initium, congregatis fratribus, Orationem mentalem faciemus, ſicut docuerunt nos Venerabiles antefignani noſtri Joſephus, Thomas; & Ambroſius ab Hieroſolymis cum ritibus piis translati, Spiritu Sancto prius invocato per Antiphonam Roberti; cui omnes non infirmi, maximè poſt ſolis occaſum factæ, aderimus. (XIII) Sicut altiffimo, & præclariffimo Domino noſtro Regi, & aliis de ejus Prole, & Familia, quando fuerint nobiscum in choro, ut ſolent, ita Dominis de *Barcellis*, eorumque illuſtriſſimæ Proli, ter ei, aut eis thus adhibebimus. Prælatiſ ſicut & illis: cæteris bis tantum, ſi fuerint ſacerdotes, & hoſpites etiam de Primatibus: Confratribus veſtitis, ſicut hoſpitibus, cum duplici thuribulo æqualiter ad dextrum, & ſiniſtrum Chorum; quod ita faciendum promittimus, ſi plusquam viginti conſiſtent fratres, dummodo ante *Gloria Patri* finiatur actio adhibitoria incenſi: & ad prædictum *Gloria Patri* (ſicut, & in aliis profundiffimis inclinationibus) unus ad alterum verſus vultibus inclinabimus, ne ad terga præcedentium videamur incumbere. (XIV) Crucem argenteam cum Imagine ad pacem portantem

dam à Domino Venerabili fratre Nunio exhibitam, servato ordine, Domi-
 „no Regi, si adsit, ac ejus felicissimæ Proli, ex tunc aliis, ut eam osculen-
 „tur, habili tempore feremus; quin hunc perantiquum modum portandi
 „Pacem amittamus. Prædictus venerabilis frater Nunius, honoris gratiâ,
 „post Superiores eam osculabitur, quidquid renuat ejus honestas, ac oblitet
 „humilitas. (XV) *Salve Regina* in Completorio quotidie solemnissimè ad or-
 „ganum, vel Psalterium, tanquam præsentè Deipara nos visitante, can-
 „tabimus: tunc autem audito ineffabili *JESU* nomine, sicut & ipsam Virgi-
 „nem salutantes, profundissime versis vultibus inclinabimus. (XVI) Domine
 „nos nostros Reges, aut alios de Prole, si vita functos, ob Virginis devotio-
 „nem, sepeliendos hic habuerimus, non sicut alios, quos extra nos depo-
 „nere debemus, sed eodem modo, quo fratres nostros professos intra nos in
 „choro, vel extra, in medio omnium, tanquam illius corporis portionem,
 „usque ad introductionem sepulturæ retinebimus: id ipsum Nepotibus vene-
 „rabilis Domini fratris Nunii; alienis ablit. (XVII) Antiphonam contra
 „pestilentiam luem, manè semper post Primam; vel si alia recitentur Horæ,
 „post Missam recitatam, sic disponente potentissimo Domino nostro Rege,
 „singulis diebus cantabimus. (XVIII) Animas fratrum, & benefactorum no-
 „strorum juxta Ordinarium commentabimus. Quando autem processionaliter,
 „post Missam Conventualem, nisi necessitas exeundi præveniat modum hunc,
 „quem stabilivimus, ut post sacrificium illas potiori beneficio adjuvemus.
 „(XIX) Missas ad singulas horas usque ad prandium commune in commo-
 „dum Fidelium providebimus. (XX) Campanarum pulsatio, seu potius re-
 „gimen nullatenus judicio singulari relinquemus; ne signa illarum usitata, &
 „cognita prævertamur: quòd si aliquid in consimilibus sit addendum, de con-
 „silio venerabilium Definitorum innovabimus. (XXI) Confessionibus fide-
 „lium inexcusabiles, ac promptissimi, die, ac nocte, nulli parcentes labori,
 „adhærebimus. (XXII) Hæc, aliaque de more servanda, utpote nobis
 „peculiaris, & propriissima in primo Hierosolymitano Ordinario contenta
 „prosequemur: maximè (quæ plurimum placuerunt Domino Regi clarissimo,
 „& venerabili fratri Nunio) acceptionem urceolorum ante sacrificii initium
 „juxta Ordinale Cap. 7; mutationem libri Evangeliorum, non versus ter-
 „gum, ut cæteri faciunt, sed ante pectus, sequente Presbytero mutatorem,
 „eo quia Evangelia in primo nascentis Ecclesiæ statu sequuti fuerunt viri
 „plurimi, qui vestigiis sanctorum Prophetarum Eliæ, & Elisæi insisterunt,
 „ut expresse refertur tit. 2. ejusdem capituli; apertionem brachiorum in mo-
 „dum crucifixi post calicis elevationem, ut in Cap. 8. *Salve Regina* in fine, ut
 „in eodem capite; repetitionem, *Alleluiarum*; *Kyrie eleison* ad vespèras Pas-
 „chales, ut in Cap. 9. & consimilia, quæ licet divisiim aliquæ Ecclesiæ, tum
 „Angliæ, tum Galliarum ab eisdem Hierosolymorum fontibus hauserunt,
 „nos ab hac Ecclesia incunabula ducentes, collectim, ac integerrimè serva-
 „bimus: (XXIII) sicut enim Regula, quæ totam Religionis substantiam con-
 „tinet, ab illa Ecclesia per Sanctum Patriarcham Albertum emanavit; ita
 „modi in ipsa primò approbati, postea à Romanis Pontificibus confirmati
 „servari debent; quæ omnia ad instantiam piissimi ac dilectissimi Domini
 „nostri Joannis hujus nominis Primi, ita confirmata, & reborata fuerunt, ut
 „nisi specialiter abrogentur, vel derogentur, nulla prævalere poterit univer-
 „salis contradictio. (XXIV) Quod si aliquid in articulis hinc contentis vim pa-
 „tiatur, obedientiâ prompta, non tamen cæca, post auditum Dominum Re-
 „gem modernum, & non acceptam nostram rationem necessariò jungendam,
 „subijciemus. Quarè (ut jam diximus) nomine nostro, & successorum no-
 „strorum suprà relatà servanda promittimus. (XXV) Venerabiles autem Pa-
 „tres Visitatores pro tempore, de his inquirendo, si quid in parte, vel in to-
 „tò amissum, vel despectum, absque Dominatoris ordinatione invenerint,
 „tunc Provinciæ, vel Conventus Rectores ab officio absolvere, subditosque
 „contradictentes à voce, & loco debitis privare absque excusatione, aut ap-
 pe.

„pelatione cogantur, tanquam universos ab omni foro absolutos inveniētes.
 „(XXVI) Unde si aliquid ad hanc promissionem roborandam deficit, libe-
 „re sufficimus. In quorum fidem hoc Instrumentum, post ejusdem Domini
 „nostri Regis Rubricam, consignabimus, sigilloque pendenti Provinciæ fi-
 „gillabimus. Factum in hoc Lisbonienſi Conventu, die 22 Julii, anno à Na-
 „tivilate Christi MCCCCXXIV *ELRFT*. Fr. Alphonsus Leitaõ Provincialis,
 „& Vicarius Generalis. Fr. Sancier Ayvar. Fr. Arias Prior. Fr. Didacus Ægi-
 „dius. Fr. Stephanus Rodericus. Reg. L. Fol. 15.

Num. 19.

DOCUMENTO III.

*Patente de Prégador, para que se veja a fôrma, em que se passavaõ no tem-
 po do Provincial Frey Affonso de Alfama.*

„FR. Alfonsus de Alfama Sacræ Paginæ Doctor, Provincialis, & Vicarius
 „Generalis, &c. Per præſentes literas facultatem concedimus discreto
 „fratri Joanni Gualtero ad prædicandum coram populo Christi Domini Euan-
 „gelium, non solum in Ecclesiis nostris, sed etiam in alienis, volentibus, &
 „consentientibus illarum Superioribus; quia nobis satis est nota ejus scientia.
 „Datum in hoc Lisbonienſi Carmelítico Conventu die 6 Maii anno 1525.
 „Fr. Alfonsus Leitaõ Provincialis, ac Vicarius Generalis Carmelitarum.

Num. 123.

DOCUMENTO IV.

*Breve do Papa Sixto IV, pelo qual mandava absolver ao Illustrissimo Se-
 nhor D. Frey Joã Manoel dos empregos de Provincial desta Provin-
 cia, e Prior deste Convento de Lisboa.*

Sixtus Episcopus Servus Servorum Dei Ad futuram rei
 memoriam.

„Cunctorum, præsertim Religioni ascriptorum statui consulere gesti-
 „centes, & quieti, ad ea potissimè, per quæ ipsi à litium relevantur an-
 „fractibus, prout expedire prospicimus, nostræ vigilantiz partes adhibemus
 „efficaces.

„Exhibita siquidem Nobis pro parte dilectorum Filiorum Christophori
 „moderni Prioris Generalis, & Fratrum Ordinis B. MARIÆ de Montè Car-
 „meli Provinciæ Portugalliæ secundum morem dicti Ordinis petitio contine-
 „bat, quod alias pro parte dicti Generalis Nobis exposito, quod Venerabilis
 „Frater noster Joannes Episcopus Egitaniensis in Provincia prædicta absque
 „dicti Generalis Prioris licentia, curam præfati Ordinis hujusmodi se ingere-
 „bat contra statuta, & ordinationes Ordinis ejusdem; Nos tunc per quas-
 „dam nostras literas in forma Brevis Officiali Eborensi, ejus proprio nomine
 „non expresse, dedimus in mandatis, ut de præmissis se informaret, & si per
 „informationem eandem comperiret, dictum Episcopum non esse Canoni-
 „cè juxta dicti Ordinis instituta ad curam hujusmodi receptum, eum ab hu-
 „jusmodi cura, & negotiorum præfati Ordinis in dicta Provincia administra-
 „tione amoveret; Et cum ipsi, Prior Generalis, & Fratres dictæ Provinciæ
 „eundem Joannem Episcopum super hoc petendo, eum ab hujusmodi cura, &
 „negotiorum dicti Ordinis administratione amoveri, & coram tunc Officiali
 „Eborensi fecissent litterarum earundem vigore ad judicium evocari: idem
 „Episcopus à nonnullis, ut minus veraciter assererat, sibi per dictum officia-
 „lem

lem illatis gravaminibus ad sedem Apostolicam appellavit, ac super appellatione huiusmodi nostras ad dilectos Filios Alvarium Alfonsi, & Bartholomæum de Bonadilla Canonicos Ecclesiæ Ulixbonensis litteras impetravit, & illarum prætextu nonnullos Fratres eorum propriis nominibus expressis, ac alios Fratres, qui se huiusmodi causæ opponere vellent, fecit coram eisdem Canonicis ad iudicium evocari. Præfati autem Prior Generalis, & Fratres timentes potentiam dicti Episcopi in partibus illis, & exinde indebitè se gravari, ad Sedem præfatam etiam appellarunt; nonnulli etiam ex dictis Fratribus pro prosecutione eorum appellationis, & principalis negotii huiusmodi ad Romanam Curiam se contulerunt. Cum autem huiusmodi lite sic indecisa pendente, Nos nuper de venerabilium Fratrum nostrorum consilio, & assensu, dicto Joanni Episcopo Egitanienti, ipso consentiente, ad regimen, & administrationem Ecclesiæ Egitanientis sibi in huiusmodi regimine, & administratione in spiritualibus, & temporalibus certum Coadjutorem dedimus, constituerimus, & deputaverimus: Nos attendentes quod idem Joannes Episcopus Egitanientis, qui impotens est ad præsidendum eidem Ecclesiæ Egitanienti, longe magis impotens, & minus sufficiens censi debet ad exercendum officium Provincialatus dicti Ordinis in Provincia prædicta, & ad gerendum Ordinis, & Fratrum prædictorum curam in partibus illis; ac eosdem Priorem, & Fratres à laboribus, & expensis prosecutionis dictæ litis relevare volentes, nec non dictæ causæ statum præsentibus pro expresso habentes, illamque ad Nos harum serie advocantes, & litem penitus extinguentes: eundem Joannem Episcopum (etiam si olim canonicè receptus fuisset ad curam officii Provincialatus Fratrum prædictorum in dicta Provincia) ab officio, & cura huiusmodi auctoritate Apostolica præsentium tenore amovemus, eique ne de cura, & officio huiusmodi de cætero se intromittat per se, vel alium, seu alios sub interdicti ingressus Ecclesiæ, aliisque Ecclesiasticis pœnis, nec non dicti Ordinis Professoribus, ne eidem Joanni Episcopo Egitanienti, ut Provinciali pareant, & intendant, sed dumtaxat eidem Generali Priori, & illius in dicta Provincia Vicario, ac per dictum Generalem inibi deputato pro tempore Provinciali, seu Commissario, subsint, & obediant, sub excommunicationis latæ sententiæ pœna, dicta auctoritate præcipimus, & mandamus.

Et nihilominus dilectis Filiis de Cervera Tudensis, & de Lagos Alven. Archidiaconis, ac Stephano Gometij Canonico Ulixbonensi Ecclesiarum per Apostolica scripta mandamus: quatenus ipsi, vel duo, aut unus eorum Fratribus Ordinis, & Provinciæ huiusmodi super iis efficacis defensionis præsidio assistentes, ac præmissa omnia, & singula, ubi, quando, & quoties expedire cognoverint, & pro parte Prioris Generalis, seu Provincialis Fratrum dictæ Provinciæ, aut ipsius Generalis Prioris, Vicarii, seu Fratrum Provinciæ prædictorum pro tempore fuerint legitime requisiti, solemniter publicantes, non permittant eosdem Generalem, Provinciale, Vicarium, & Fratres contra mandatum huiusmodi per dictum Joannem Episcopum Egitanientem indebitè molestari, seu inquietari, faciantque Generalem, Provinciale, & Vicarium prædictos ad officium Provincialatus, & Vicariatus huiusmodi liberè exercendum, ut est moris, admitti, ac illos ex Joanne Episcopo Egitanienti, & Fratribus prædictis, qui contra inhibitionem prædictam fecerint, si Episcopus, interdictum, & suspensum à Divinis, si verò Fratres fuerint, excommunicatos in Ecclesiis, Dominicis, & aliis Festivis diebus, dum maior inhiberi Populi multitudo ad divina convenerint, publicè nuntient, & faciant ab aliis nuntiari, ac ab omnibus arctius evitari, donec inhibitioni, & aliis præmissis obtemperaverint, meruerintque ab huiusmodi censuris absolutionis beneficium obtinere. Non obstantibus præmissis, ac Constitutionibus, & ordinationibus Apostolicis, nec non dicti ordinis, juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis statutis, & consuetudinibus, quibus, illis aliàs in suo robore permanens, quoad præmissa spe-

„specialiter, & expresse hac vice dumtaxat derogamus, contrariis quibuscum-
 „que. Aut si Joanni Episcopo Egitanienfi, vel quibulvis aliis communiter, vel
 „divisim à Sede prædicta indultum existat, quod interdicti, suspendi, vel ex-
 „communicari non possint per litteras Apostolicas non facientes plenam, & ex-
 „pressam, ac de verbo ad verbum de indulto hujusmodi mentionem.
 „Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ advoca-
 „tionis, extinctionis, amotionis, præcepti, mandati, derogationis, & vo-
 „luntatis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Siquis, &c. Datum
 „Romæ apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominicæ MCCCCLXXVI.
 „Pridiè Kalend. Novembris, Pontificatus nostri anno sexto.

P A R T E II.

Num. 154.

DOCUMENTO V.

*Carta del Rey D. Manoel, pela qual faz valiozas, e de novo confirma
 todas as mercês, que os Reys seus antecessores fizeraõ ás Infantas, D.
 Isabel sua tia, e D. Brites sua mãy.*

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalem, mar em Africa, Senhor de Guiné. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber, que por parte da Infante Dona Breatiz minha muito amada, e prezada Senhora, e madre, nos foy apresentada huma carta Del Rey Dom João o Segundo meu Senhor, que Santa Gloria haja, escrita em purgaminho, e assignada por elle, e sellada com o seu sello de chumbo, da qual o theor heeste que ao diante se segue = Dom João por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves dá quem, e dalem mar em Africa, Senhor de Guiné. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que por parte da Infante Dona Isabel minha muito amada, e prezada madre, nos foy apresentada huma carta Del Rey Dom Eduarte meu Avoo, escrita em purgaminho, e assignada por elle, da qual o theor de *verbo ad verbum* he o que se adiante segue = Dom Eduarte pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. Senhor de Cepta. A quantos esta carta virem fazemos saber, que a Infante Dona Isabel minha sobrinha, mulher do Infante Dom João meu muito prezado, e amado irmão, nos mostrou huma doação, que lhe fizera Dom Afonso seu irmão, que hora he Conde Dourem meu sobrinho do seu reguenguo, e lugar de Collares, com todas as suas rendas, foros, e direitos, e juridiçoens ante vivos valedoura para todo sempre per prazimento, outorgamento, e autoridade do Conde Dom Affonso de Barcellos meu muito amado irmão seu padre, e seu curador que então era, e de Dom Fernando Conde de Arrayollos meu sobrinho irmão da dita Infante minha sobrinha = A qual doação parecia ser feita, e outorgada na Cidade de Coimbra no Mosteiro de São Domingos, onde pouzava o dito Conde de Barcellos, e os ditos seus filhos, sete dias do mês de Novembro, anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo, de mil quatro centos e trinta, e quatro annos, e sobescrita por Gonçallo Caldeira publico notario, e Escrivão da Camera do muy virtuoso, e sempre virtuoso El Rey meu Senhor, e meu padre, cuja alma Deos haja, e assignada do seu signal publico, a qual doação he feita com juramento dos Santos Evangelhos, por os sobredits Conde de Barcellos meu muito amado irmão, e por os ditos Conde Dom Affonso Conde de Arayollos seus filhos, e meus sobrinhos, por poder de huma carta de licença, que lhes dello mandou dar o dito Senhor Rey meu padre, segundo se mostrou por a nota da dita carta, que era encorporada na dita doação, a qual dizia, que era assignada pelo dito Senhor, e asellada do nosso sello emffem do Infante feita por João Esteves em a dita Cidade de Coim-

Coimbra quatro dias de Novembro da sobredita era de mil quatro centos e vinte e quatro, segundo mais cumpridamente he contheudo na dita doação, e carta, e pedindonos por mercê a dita Infante Dona Isabel que lhe decemos para esto nossa carta de Confirmação, e nós visto seu requerimento, e o grande divido da natureza que ha conosco, e as muitas, e grandes razoens que temos de o fazer, e querendo-lhe fazer graça, e mercê, temos por bem, e confirmamos-lhe a dita doação, e carta de licença do dito Senhor Rey meu padre a sy, e por aquella guiza, e com aquellas clausulas, e condiçoens que em ellas he contheudo, e em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta assignada por nós, e sellada do nosso sello de chumbo dante em a nossa villa de Santarem a vinte nove dias de Novembro. Lopo Affonso a fez, era do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e trinta e tres annos. Pedindonos a dita Infante minha madre, que lha confirmassemos, e houvessemos por confirmada a sy, e pela maneira, como em ella he contheudo. E visto por nós seu requerimento, e querendolhe fazer graça, e mercê temos por bem, e lha confirmamos, e havemos por confirmada a sy, e tão inteiramente, como se nella conthem. Porém mandamos a todos os nossos officiaes, e pessoas outras a que esta nossa carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer que lha cumpraõ, e guardem a sy, como em ella he contheudo, sem embargo algum que lhe em ello ponhaõ, porque a sy he nossa, mercê dada em a villa de Siatra, primeiro dia de Dezembro, Antonio Carneiro a fez anno de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e outenta e cinco.

Pedindo-nos a dita Infante minha muito amada, e prezada Senhora madre por mercê que lha confirmassemos, e houvessemos por confirmada a sy como em ella era contheudo. E visto por nós seu requerimento, e querendo-lhe fazer graça, e mercê; temos por bem, e havemos por confirmada a sy, e pela maneira que em ella he contheudo. E porèm mandamos a todos os nossos Officiaes, e pessoas a que esta nossa carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que lha cumpraõ, e guardem asy como em ella he contheudo, sem embargo algum que lhe em ello ponhaõ, porque asy he nossa mercê, dada em a villa de Alcouchete, vinte nove dias do mez de Julho. Andre Fernandes a fez anno do nascimeeto de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, noventa e cinco annos.

Num. 156.

DOCUMENTO VI.

Carta del Rey D. Duarte, pela qual dá licença ao Fisco mór Mestre Henrique para fundar hum Convento, com Igreja no seu Casal chamado hoje da Torre, no termo de Cintra, ao qual poderia deixar para seu patrimonio huma herdade, que declara; pensando para esse fim as Leys, e Ordenaçoens em contrario.

Dom Duarte pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Cepta. A quantos esta carta virem fazemos saber, que o Mestre Henrique nosso Fisco nos disse, que elle tem em termo de Sintra, onde chamão a de Miguel Joanes, hum assentamento de herdade, que parte com o casal bequeno, que he tambem do dito Mestre Henrique, e com herdade que chamão do Almargio, e com herdade de Joanes, e com herdade da Trindade. Em a qual herdade está huma vinha, e hum pomar, e he ora todo arrendado por cinco moyos de pão: e que a dita vinha darà atè meyo tonel de vinho. E que elle figera hum Oratorio, e queria delle fazer Mosteiro em honra

de Santa MARIA, o qual queria em sua vida, ou depois da sua morte deixar, e dotar a dita herdade, e vinha, e pomar, assim como parte com as contiações fuzoditas: e que bendo que o nom pode fazer sem nossa licença por bem das leys, e ordenações, em que defendemos, que nenhuma Igreja, nem Mosteiro nom possaõ haver, nem haverem herdamentos, e que nos pedia por mercê, que lhe dessemos lugar, que elle podesse ordenar a dita Igreja, e fazer o dito Mosteiro em sua vida, e depois de sua morte, e lhe deixar a dita herdade com taes condições, com que elle queria deixar. E nós bisto seu pedir, e querendolhe fazer graça, e mercê, hemos por bem, e damoslhe licença, e lugar, que havendo elle licença, e lugar do Papa, ou da quel que para ello poder tiver, de elle estituar, e fazer a dita Igreja. E fazendo-a que elle lhe possa dotar, e deixar a dita herdade segundo faz menção por as confrontações fuzoditas com as clausulas, e condições que elle quizer. E para o bem terem não embargando a dita ley, e ordenação que defende, que nenhuma Igreja, nem Mosteiros nom hajaõ nenhuns bens, digo nenhuns herdamentos, nem outras quaesquer ordenações, nem mandados, nem defezas, que em contrario dello seraõ feitas, e postas, assim por nós, como pelos Reys, que ante nos foraõ. Comtando, que a dita herdade, e vinha, e pomar nom seraõ em nosso Reguengo, nem a nós tributarias, nem foreiras, e alnom façades. Dada em a Cidade de Lisboa vinte, e quatro dias do mez de Novembro. El Rey o mandou por Affonso Geraldès, e Luiz Martins seus bassalos, e do seu Dezembargo. Joanne Esteves a fez anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro, centos e trinta e seis annos.

Num. 158. e 159.

DOCUMENTO VII.

Auto da posse, que os Religiosos do Carmo de Lisboa tomaraõ do casal da Torre, por virtude de huma carta da Rainha Dona Isabel, da qual damos a ler huma cópia infra no Documento, que supposto está no Original unido com este setimo, aqui o pomos com distincção para mais clareza.

SAibaõ os que este estromento virem, digo de posse virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil e quatro centos, e cincoenta annos, cinco dias do mez de Fevereiro, em a villa de Sintra, dentro nas casas de morada de Affonso Annes tabaliam em a dita villa, sendo hi Affonso Martins Alvernas Escudeiro vassalo del Rey Nosso Senhor, e Juiz Ordinario em a dita villa, em presença de mim Luiz Pires Tabaliaõ por nossa Senhora a Rainha, em a dita villa, e testemunhas, que ao diante som escritas, pareceraõ hi Fr. Rodrigo Subprior do Mosteiro de Santa MARIA do Carmo, que he edificado, e estituído em a muy nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa, e Fr. Joaõ da Chamusca, e Fr. Joaõ del Padre, e Fr. Diogo de Beja, e Fr. Martinho de Evora, todos fraires do dito Mosteiro, e apresentaraõ perante o dito Juiz huma carta da dita Senhora escrita em papel, que parecia ser asinada por Doutor Vasco Fernandes Ouvidor da dita Senhora, e sellada nas costas do sello grande redondo da Chancellaria da dita Senhora da qual carta o theor tal he.

Dona Isabel por graça de Deos Rainha de Portugal, e do Algarve, e Senhora de Cepta. A voz Juiz da nossa villa de Sintra saude. Sabede, que o Bispo de Cepta, Provincial, e fraires do Mosteiro de Santa MARIA do Carmo da Cidade de Lisboa nos enviaraõ dizer, que o Mestre Henrique já defunto, morador que foy em a dita Cidade, em sua vida edificara hum Oratorio em o termo desta villa; e ao tempo de sua morte o deixara ao dito Mosteiro sobcertas condições, e mais

lhe

lhe leixara hum cazal, que he em termo dessa villa, hom chamaõ Miguel Joanes, do qual cazal, e Oratorio para se nelle fazer o serviço de Deos, e se cumprir a vontade do defunto, que elles o aceitaraõ o dito logo, e para o melhor, e mais justamente possuirem, que houveraõ letra, e authoridade do SS. Padre, e eslo mesmo de ElRey meu Senhor. E quando ora por bem de todo o que dito he, quizerãõ mandar filhar a posse, que vós Juizes, e justiças, e Tabaliaens dessa villa lhe differeis, que sem nossa authoridade lhe naõ consentireis tomar a dita posse, nem lhe dareis estromento de posse, até sobre ello verdes nosso mandado. E por bem do qual, digo, do que dito he, nos pediron por mercè, que lhe dessemos nossa carta, para que podessem filhar posse do dito Oratorio, e cazal: e vós Tabaliaens della lhe dessem as Escrituras, que lhe compridoiras fossem. E nós vendo o que nos assim dizem, e pedir enviamos, temos por bem, e mandamos, que se Gonçalo Boto, que ora tem cargo de cumprir o Testamento do dito Mestre Henrique, e está em posse do dito Oratorio, e cazal, quizer dar a posse aos ditos fraires do Carmo, que lhe naõ ponhais nenhum embargo, e lhe mandeis dar pubricos estromentos: e esto compri em todo, como vos por nós he mandado sem outro nenhum embargo, que a ello seja posto: e alnon façades. Dada na Cidade de Evora, vinte e oito dias do mez de Dezembro. A Senhora Rainha o mandou por o Doutor Vasco Fernandes do Dezembargo delRey, e Ouvidor das terras da dita Senhora. Gil Fernandes a fez anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e quarenta e nove annos.

DOCUMENTO VIII.

E nas costas da dita carta era escrito hum estromento publico, que parecia ser assinado por Philippe Affonso publico Tabaliom delRey, do qual o theor tal he.

SAibaõ os que este estromento de requerimento, e consentimento virem, que aos vinte dias do mez de Janeiro do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e cincoenta annos, em presença de mim Tabaliom; e testemunhas sobscritas, pareceo hi Gonçalo Pires, criado do Reverendo D. Joaõ Bispo de Cepta, e Primaz, e Capellaõ mór de nosso Senhor ElRey, em seu nome como Provincial de Santa MARIA do Carmo, e do Mosteiro, e Convento dessa mesma, situado na Cidade de Lisboa mostrou, e por mim Tabaliom ler, e publicar fez a Gonçalo Boto, que presente estava; esta carta desta outra banda, digo, outra parte escrita, e lhe fez pergunta, se lhe prazia o dito Bispo, e Convento em seu nome, e para o dito Mosteiro tomarem posse dos bens, e cousas conteudas em esta carta, e a se nom cumprir como em ella he conteudo. E o dito Gonçalo Boto visto seu requerimento com a dita carta, disse, que elle non contradizia, mas antes lhe prazia delles tomarem posse dos ditos bens, e cousas, e que abria mão dellas: das quaes cousas o dito Gonçalo Pires pedio este estromento, que foy feito em a Cidade de Evora no Paço dos Tabaliaens no dia, mez, e anno sobredito. Testemunhas Joaõ Dias, e Pedro Dias Tabaliaens. E eu Philippe Affonso publico Tabaliom de meu Senhor ElRey por toda sua terra, e Senhorio; que esto á instancia do dito Gonçalo Pires por outrem fielmente fis escrever sobmeu final acostumado: e apresentada assim a dita carta; e estromento, como dito he, por os sobreditos Subprior, e fraires foy dito, que elles em seus nomes, e do Convento, e do dito Mosteiro, requeriaõ ao dito Juiz, que lhe cumprisse, e guardasse a dita carta, como em ella he conteudo: e o dito Juiz vista a dita carta, e cousas em ella conteudas, com o dito estromento, disse; que mandava, que se cumprisse, e guardasse, como em ella he conteudo, e mandou a mim dito Tabaliom, que fosse meter de posse do dito Oratorio, e Cazal os sobreditos fraires, e lhes desse dello estromento quantos lhe cumprisse: e que mandava ao Cazeiro do dito cazal, que daqui

em diante acodisse ao dito Mosteiro de Santa MARIA do Carmo com os frutos, e moveis do dito cazal, e mandou a mim Tabaliom dito, que assim o fizesse saber ao dito Cazeiro. Testemunha o dito Affonso Annes Tabaliom, e Fernam do Porto, e Reimon Vaques condel. E eu Luiz Pires Tabaliom que esto escrevi.

E logo no dito dia na de Miguel Joanes termo da dita villa eu sobredito Tabaliom meti de posse o dito Frey Rodrigo Subprior, e os ditos Frey Joao da Chamusca, e Fr. Joao delPadre, e Fr. Diogo de Beja, e Fr. Martinho de Evora, do dito Oratorio, e cazal conteudo em a dita carta, convem a saber. Por pedra, e terra, e telha, madeira, e ervas, todo posto em as mãos dos sobreditos fraires, os quaes com esto se meterom dentro das casas, e Oratorio, e ferraraõ as portas sobre si, e abriraõ, e lançaõ mão sobre, digo, mão pelos ferrolhos, e disserom que elles em seus nomes, e do dito Mosteiro de Santa MARIA do Carmo, e Convento delle, se haviaõ por metidos, e incorporados em a posse real, actual, e corporal, possuaõ do dito Oratorio, e cazal, e pertences delles, logramentos, como de direito ao dito Oratorio, e cazal pertenciaõ: e os sobreditos de todo esto pediraõ a mim dito Tabaliom hum, e dous, e tres estromentos, e quantos lhe cumprissem para guarda, e conservação do dito Mosteiro, e Convento. Testemunhas que hi foraõ presentes, Lourenço Martins, da Vargia, e Gonçalo Annes dos Camareiros, e bem assim eu Tabaliom disse a Esteve Annes morador na Zibreira termo da dita villa, que ora he lavrador do dito cazal, que daqui em diante nom acodisse com os frutos, e moveis do dito cazal, salvo ao dito Mosteiro de Santa MARIA do Carmo, e seu Convento. Testemunhas Domingue Annes moedeiro, e Estevom dos Reys seu genro, e eu sobre dito Tabaliom, que esto estromento escrevi, e aqui meu final fiz, que tal he.

Num. 165,

DOCUMENTO IX.

Doação, que Sebastião Vaz, e sua Mulher fizeram ao virtuoso Padre Fr. Constantino Pereira; da sesmaria, que possuíaõ na serra da villa de Colares.

SAibaõ os que este instrumento de doação de sesmaria virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e cincoenta e sete annos, dezaseis dias do mez de Julho, em Colares em as cazas de morada de Braz Annes Tabaliaõ por a Infante Dona Isabel em a dita villa, em minha presença, e das testemunhas, que ao diante som nomeadas, pareceo hi Bastião Vas morador em a Bemposta termo da villa de Sintra, e Innes Esteves sua mulher, e disserom que assim hera verdade, que a elles fora dado por a dita Senhora hum lugar, que ora he em mato, e em pardieiros de cazas de Riba, das que he em a boca da mata hopee da serra, que parte com a mata de Melida, e com a serra, e com Joao Esteves, os quaes pardieiros, e cham de matos lhe foraõ dados de sesmaria por a dita Senhora; e que hora elles nom podiaõ corregger o dito lugar por ser muito daninho de porquos, e vacum, por assim ser entre as matas, e não hera senão para quem em elle vivesse: e que hora elles vendo em como elles nom podiom corregger o dito mortorio, nem podiom em elle viver, considerando em como podia ser bem aproveitado, e corrigido, que elles considerando a grande amizade, e boas obras, que recebem de Frey Constantin Pereira, sobrinho do Santo Conde, Frayre da ordem de Santa MARIA do Carmo da Cidade de Lisboa, e querendo congar-doloar com boas obras, que elles de suas livres vontades, e poder absoluto faziom, como logo fizerom, pura, e livre doaçom entre vivos valedoira deste dia para todo sempre da dita Sesmaria, pera que elle haja pera sy, e pera todos seus

seus herdeiros, e successores, que depois delle vierem, e faça em ella, e della todo aquello, que lhe a provger, como de sua cousa propria, e posiçom; e pague o quarto á dita Senhora, e ao Senhorio da terra, segundo lhe hera dado por a dita Senhoria com a dita condiçom, que pague ao senhorio o quarto, segundo se custuma desta terra, e lhe mandarom que por esta pruvica escriptura tomassem posse real da dita sesmaria sem outra nenhuma authoridade de nenhuma Justiza, nem figura de juizo; e haja pera sy, e pera todos seus ascendentes, e descendentes, como dito he: E prometerão de nunca em nenhum tempo elles, nem outrem por elles, nom posão hir contra esta doaçom em parte nem em todo, mas antes disserom que lhe davom, e doavom, e faziaõ pura doaçom della como dito he, e se fazer proveito ao Senhorio, por asim ser em mato, e pardieiros: e disserão, que posto que lhe alguma pessoa em ello queira poer algum embargo, que elle Frey Constantim lhe nom consinta, e o possa contradizer, e refutar, e dizer todo, e quanto a elle pertencer; e por em ello procurador como de sua cousa propria, e posiçã, em testemunho de verdade lhe mandaraõ fer feito este instrumento, e quantos lhe mister fizerem, testemunhas Lourenço Martins escudeiro, e criado da dita Senhora, e Rodrigo Nunes do Mofal, e Joaõ Vicente Alfayate, morador em Gascaes, e Joaõ Pereira, criado do Marquez, e eu sobredito Tabaliom, que esta doaçom escrevy, e aqui meu final fiz, que tal he.

Num. 171.

DOCUMENTO X.

Instrumento feito em publica fórma, pelo qual consta a posse, que os Religiosos do Carmo de Lisboa quizerão tomar da sesmaria, e Capella de Santa Anna, que fundou o Veneravel Padre Fr. Constantino Pereira; o qual Instrumento he feito no anno de 1463.

Saibaõ os que este estromento de requerimento virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor JESU Christo de mil, e quatro centos e sessenta, e tres annos, aos dezanove dias do mez de Fevereiro em a Villa de Colares em a quinta de Lourenço Martins escudeiro, que tem carrego dos direitos da Senhora Infanta Dona Isabel, em o dito logo, em presença de mim Tabaliom, e testemunhas, que ao diante som nomeadas, pareceu hi Frey Antom Vigario do Choro do Moesteiro de Santa MARIA do Carmo da Cidade de Lisboa, e tangedor dos órgãos do dito Moesteiro, e Frey Pedro de Chellas, ambos frades do dito Moesteiro, e os ditos frades disserom em nome do dito Moesteiro, e Convento, que elles vierom a esta terra pera tomarem posse, digo, pera tomarem, e haverem hum lugar do Oratorio de Santa ANNA, em que vivia hum Frey Constantim Pereira frade do dito Moesteiro de Santa MARIA do Carmo; e que vindo elles em nome do dito Moesteiro, e Convento, pera a sy tomarem o dito lugar do Oratorio pera o dito Moesteiro, por a elle de direito pertencer por morte do dito frei Constantim, que se hora finara da vida deste Mundo; e que hora elles achavom o dito lugar embargado, e hum Alvaro Mendes de Abreu escudeiro do Arcebispo de Lisboa em posse que lhe era dado a elles, que o dito Lourenço Martins tomara o dito lugar, e o dera ao dito Alvaro Mendes: e porém que elles requeriam ao dito Lourenço Martins, que presente estava, que lhe mandasse tornar seu lugar, e os restituísse á posse delle, asim como dantes o dito frei Constantim tinha, e os nom privassem de sua posse, e de como, e lhe esto requeriam, que pediam a mim Tabaliom, que de meu officio lhe desse hum estromento, por quanto logo queriam mostrar titolo de boa fee, de como o dito Frei Constantim houvera o dito lugar por doaçom, e escriptura puvrica: e por o dito Lourenço Martins foy dito, que era verdade que a elle viera hum Bastiaõ Vaz, e lhe pedira o dito lugar de sesmaria, sendo o dito lugar em matos, e pardieiros por espaço de trinta, e cinco

quo annos, e mais; do qual lugar elle Lourenço Martins se enfermou primeiro que o desse, se avia hy alguma peſſoa a quem de direito pertenceſſe pera lhe mandar, que o corregesse, e pagasse o quarto ao Senhorio; e achou que o dito lugar fora de hum homem de fóra parte, o qual se ausentara da terra, e nom era achado: e visto como o nom achava, nem outrem por elle, emtom deu o dito lugar que jazia em matos, e as cazas derrubadas avia o dito tempo, de ſesmaria ao dito Bastião Vaz, com condiçom, que o aproveitasse bem, e fielmente desse o quarto ao Senhorio, e elle com a dita condiçom o tomara, e deſpois, que lho assim dera, que elle Lourenço Martins vira o dito Frey Constantim em posse do dito lugar, e dizia que o tinha em nome do dito Bastião Vaz, e rompendo os matos, e pondo em elles muitas arvores, e fez huma caça, em que fez o dito Oratorio, e fazendo assim as ditas cousas em o dito lugar, se veyo em este mez a finir o dito frei Constantim, e elle Lourenço Martins como foubre que era finado se fora ao dito lugar, e tomara posse delle por a dita Senhora, e deſpois que assim tomara a dita posse a entregara ao dito Alvaro Mendes, como homem bom, que a tivesse até a dita ſenhora ſaber a quem o dito lugar pertence, e ella o determinar como for ſua mercê, e que por esto elle Lourenço Martins nom fizera outra alguma couſa athe haver recado da dita Senhora: porque ella manda foubre ello, e os ditos frades com todos pedirom o dito eſtromento, testemunhas Lourenço Gonçalves eſcudeiro do Conde de Monſanto ſeu Ouvidor, e Martim Lourenço eſcudeiro, João Braz morador em a dita villa, e eu Braz Annes Tabaliom por a dita Senhora em a dita villa, que este eſtromento eſcrevi, e aqui meu final ſis que tal he.

Num. 172.

DOCUMENTO XI.

Instrumento feito em publica fórma da posse, que com effeito os Religiosos tomaraõ da ſesmaria, e Capella de Santa ANNA no primeiro de Março de 1463.

Saibaõ os que este instrumento de posse virem: que no anno do Nascimento de N. Senhor JESU Christo de mil quatro centos, e ſecenta e tres annos primeiro dia do mes de Março em a boca da Mata em o Oratorio de Santa ANNA, lugar que foy de Frey Constantim Pereira da Ordem do Mosteiro de Santa MARIA do Carmo da Cidade de Lisboa, termo da villa de Colares, estando hi Lourenço Martins eſcudeiro Juiz dos direitos, que pertenciom á Senhora Infante Dona Isabel em dita villa, pareceo hi Frey Antom Sobpriol do dito Mosteiro de Santa MARIA do Carmo, e em nome do dito Mosteiro apresentou hum Alvara eſcrito em papel, que parecia ter asinado por Estevoã Rodrigues Contador da dita Senhora, em o qual fazia mençom entre as outras cousas em elle contheudas, que fazia ſaber ao dito Lourenço Martins, que por parte do Vigario e Mosteiro, e frades do Mosteiro de Santa MARIA do Carmo de Lisboa lhe a mostrarom hum instrumento que fora tomado dante elle Lourenço Martins por o dito Vigario, dizendo que elle viera a este lugar pera tomar posse, e haver hum lugar do dito Oratorio de Santa ANNA, em que vivia o dito Frey Constantim, por lhe pertencer por ſua morte do dito Frey Constantim, que se hora finara, do qual lugar achara em posse Alvaro Mendes de Abreu eſcudeiro do Arcebispo de Lisboa, requerendolhe o dito Vigario, que o tornassem à ſua posse, e que o dito Lourenço Martins dera ſua resposta, em que este lugar elle dera de ſesmaria a hum Bastião Vaz, e que o dito Bastião Vaz o dera ao dito Frey Constantim para frades da dita Ordem, o qual rompera matos e prantara o dito lugar de muitas arvores, e fazendas, e huma caſa do dito Oratorio, e que elle Lourenço Martins, como se o dito Frey Constantim finara, e elle tomara a posse para a dita Senhora, ea entregara

gara ao dito Alvaro Mendes como homem bom ataa que a dita Senhora sou-
beile a quem o dito lugar de direito pertencia, e visto por elle o dito instrumento
com hum doaçom, que o dito Baltiaõ Vaz, e Ines Esteves sua mulher fezerom
do dito lugar ao dito Frey Constantim, em que se mostrava o dito Frey Con-
stantim ter, e haver o dito lugar de bom titulo como cousa sua; que porém
mandava ao dito Lourenço Martins da parte da Infante, que logo tomasse pos-
se do dito lugar, e tanto que a tomasse, mandasse ao dito Vigario e frades do
dito Mosteiro que se obrigassem a pagar o quarto delle, assim como pagavam
as outras herdades de esse Reguengo, e obrigando-se lho desembargéis e lei-
xeis haver, visto como o dito Frey Constantim era frade, e lhe fazey entre-
gar os moveis: feito em vinte e tres dias de Fevereiro de mil quatro centos
sessenta e tres annos, segundo que todo esto, e outras coufas melhor, e mais
compridamente som Contheudas. E aprelentado assim o dito Alvará, o dito
frei Antom pedio ao dito Lourenço Martins que lho comprisse, como em el-
le he contheudo: e visto o dito Alvará por o dito Lourenço Martins, mandou
que se comprisse como elle he contheudo, e tomou a posse do dito lugar em
si por parte da dita Senhora; e depois que a em si tomou, a entregou ao di-
to Frey Antom com condiçom que elle, e o dito Mosteiro demo quarto das
novidades do dito lugar ao Senhorio para sempre em cada hum anno; e o
dito frey Antom tomou a dita posse com a dita Condiçom de dar o quarto ao
Senhorio por pedra, e terra, e madeira, e telha, e omagens que estom em
o dito Oratorio, e por as arvores do dito lugar, e terra, e se envistio em a
dita posse, e pedio hum instrumento, e o dito Lourenço Martins lho mandou
dar. Testemunhas Luiz Vaz, amo do dito Frey Constantim, e Joaõ Annes Mo-
cho, e Fernão Conde, e eu Braz Annes Tabaliom por a dita Senhora em a di-
ta villa, que esto instrumento escrevi, e aqui meu final fiz, que tal he.

Num. 173.

DOCUMENTO XII.

*Mercê da nova sesmaria, que a Infanta Dona Brites deo ao Convento de
Santa ANNA de Colares por supplica do seu Vigario Prior Frey Joaõ*

*Namorado: a qual consta de hum Instrumento de 13
de Setembro de 1498.*

Saibaõ os que este instrumento de sesmaria virem, que no anno do Nascimen-
to de Nosso Senhor JESUS Christo de mil quatro centos noventa, e oi-
to annos aos treze dias do mez de Setembro em a villa de Colares em as cazas
de morada de mim Eytor Rodrigues Escrivaõ do Almoxarifado, e Tabaliaõ
por a Senhora Infante em a dita villa, em minha presença, e das testemunhas
que ao diante saõ escritas, estando a hi Fernão Gonçalves escudeiro, e Almo-
xarife por a dita Senhora Infante em a dita villa, perante elle pareceo Frey
Joaõ Frade da Ordem de Santa MARIA do Carmo, que hora está em caza da
Senhora Santa ANNA sofraganhe a dita Ordem de Santa MARIA do Carmo,
o qual está no termo da dita villa, e logo por o dito Frey Joaõ foy dito ao dito
Almoxarife, que no Reguengo da dita villa de cima da boca da mata estavaõ
muitos matos maninhos, que nunca foraõ aproveitados, e que elle queria
aproveitar hum pedaço, e plantar em elle arvores frutuofas, de que o Se-
nhorio houvesse algum proveito, que lhe requeria da parte da dita Senhora,
que lho desse, e demarcasse para assim haver da proveitar; e o dito Almoxa-
rife visto o dizer o dito Fr. Joaõ, e por ser proveito de acrescentamento das ren-
das da dita Senhora Infante, logo comigo Escrivaõ foy ver os ditos matos, e
achou que nunca foraõ aproveitados, e logo deo ao dito Frey Joaõ hum pe-
daço do caminho, que vay para a mata grande para fundo direito ao Rio; as-
sim como parte dambas as partes com corregos de agua, com tal condiçom,
que

que elle ditô Fr. Joaô a haja de compor, e aproveitar, e pôr em elle arvores frutuôlas, segundo elle vir que se melhor podem dar em o dito chaô, e da novidade que lhe Deos der em elle, que pague o quarto em cada hum anno ao Senhorio, e que o dito Fr. Joaô haja o dito chaô para si, e para quem elle quizer, e fazer delle, e em elle, e dalo como de sua cousta propria, e com etta possissão o houve logo por metido em posse real, actual, e corporal possissão do dito mato, sem mais para elle haver outra alguma authoridade das minhas justças, que em ella lhe naô possão pôr nenhum embargo; e o dito Fr. Joaô tomou posse do dito mato, e se obrigou a cumprir, e pagar o quarto do modo, digo, o quarto da novidade em cada hum anno ao Senhorio como dito he, e pedi ao dito Almoxarife lhe mandasse assim dar seu Instrumento da dita sesmaria, e o dito Almoxarife em nome da dita Senhora Infante lhe mandou dar: testemunhas Joaô da Sinfaris, e Joaô Gavinho moradores na dita villa, e Marquos Rodrigues, digo, e Mattias Rodrigues Tabaliaô por a Senhora Infante Dona Brites madre delRey nosso Senhor com elle affinou em minhas moradas em a dita villa, que este Instrumento de sesmaria escrevi; e que aqui o meu final fiz.

Num. 174.

DOCUMENTO XIII.

Carta da Infanta Dona Brites, pela qual, á instancia do Vigario Prior Fr. Joaô Namorado, faz mercê ao Convento de Santa ANNA de Colares, de que naô pague quarto dos frutos das suas sesmarias. Feito no anno de 1497.

EU Infante Dona Breatis faço saber a quantos esta minha carta virem; que querendo eu ora fazer graça e esmola a Fr. Joaô Namorado Prior que ora he da Ermida de S. ANNA, que está em termo da minha villa de Colares, me praz, e quero, que assim elle, como os outros frades que na dita villa estiverem, naô paguem nenhum quarto das novidades, que houverem cada hum anno do serrado que a dita Ermida tem, que parte com a mata de Melides, com terra, e com Joaô Esteves, assim como nom pagavaô até aqui por hum Alvará, que tinhaô da Senhora Dona Isabel minha irmãa que Deos haja; por quanto por serviço de Deos me praz lhe quitar a dita esmola, e isto em quanto a mim me aproviessse. Porém mandamos ao meu Almoxarife, que hora he em a dita villa, e a qualquer outro que aodiante for, assim aos rendeiros, que minhas rendas tem, ou tiverem, que nom constrenjaô pelo dito quarto ao dito Frey Joaô, e Frades, por quanto a mim praz fazerlhe a dita esmola, e por lembrança, e segurança sua lhe mandei dar esta carta, por mim assinada, e he sellada com meu sello. Dada em Beja a vinte e sete dias do mez de Fevereiro, e eu Silvestre Nunes a fiz de mil, e quatro centos, noventa, e sete. Infante Dona Breatis.

Num. 174.

DOCUMENTO XIV.

Carta delRey D. Manoel, pela qual concede ao Convento de Santa ANNA de Colares, que possa ter, e possuir os bens, que lhe derem, ou deixarem até certa quantia: a qual carta he passada no anno de 1519.

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves da quem, e da lem, mar em Africa e Senhor de Guiné, e da Conquista navegação, Comercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber, que querendo nós fazer graça e mercê por esmo-

esmola ao Vigario, e frades do Mosteiro de Santa ANNA de Colares, hemos por bem, queremos, e nos praz, que elles possaõ ter, lograr, e possuir, e desfrutar para sempre quaesquer bens que lhes quizerem dar, e leixar por esmola quaesquer pessoas, sem embargo da nossa Ordenaçãõ, e defeza em tal caso feita; com tanto porẽm que os bens que lhe assim forem leixados, naõ passem de valia de trinta mil reis; e que acontecendo serem no Reguengo da dita villa, ou em outra qualquer parte, que elle dito Vigario, e frades, que ora saõ, e ao diante forem, paguem inteiramente o quarto, e quaesquer outros direitos, que lhes pertença pagar delles inteiramente, assim, e pela maneira que os pagavaõ, e pagariaõ as pessoas de que os houvessem, se õs possuissem. E porẽm mandamos a todos nossos Corregedores, Juizes, Justiças, Officiaes, e pessoas a quem esta nossa carta for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que leixem ao dito Vigario, e frades da dita casa haver, ter, e possuir os ditos bens, que lhe assim forem leixados atẽ a dita quantia de valia de trinta mil reis de moeda corrente; e lhe cumpraõ, e guardem, e lhe façãõ cumprir esta como se nella contẽm, porque assim he nossa mercẽ, por lhes fazer esmola para ajuda de sua manança: Dada na nossa villa de Almeirim a dẽz de Mayo. Antonio Affonso a fez anno de nosso Senhor JESU Christo de mil quinhentos, e dezanove. Rey.

Num. 179.

DOCUMENTO XV.

Doaçãõ, que o Padre Provincial Fr. Joãõ de Santa ANNA com os Definidores, e Padres mais graves do Convento fez do cazal chamado da Torre, que fora do Mestre Henrique, ao Convento de Santa ANNA de Colares; em cujo Instrumento Original se achãõ treze Rubricas, que se naõ percebem.

FR. Joannes de Sancta ANNA humilis Prior Provincialis Provinciæ Portugalix Ordinis Beatissimæ, semperque Virginis Mariæ de Monte Carmeli unâ cum venerabilibus definitores Capituli Provincialis celebrati in Conventu Ulixbonensi præfatæ Provinciæ Portugalix XXVIII die mensis Maii anno Domini Millesimo quingentesimo octavo cum auctoritate, & assensu honorabilium patrum, & omnium fratrum præfati Conventus Ulixbonensis, nemine discrepante, nos considerantes obsequium Dei fõre, & honorem, augmentum nostræ Sacræ Religionis, & præcipue huius Provinciæ Portugalix tenemus pro tuto, constanti, & stabili in perpetuam Rei memoriam conferre, & transmutare redditus terreni sive bladii, & non alterius rei, Magistri Henrici pro reformatione Conventus Sanctæ ANNÆ noviter ædificati, & sustentatione fratrum in eodem Conventu existentium: qui quidem redditus sunt in confinibus cujusdam villæ, quæ apud vulgos nuncupatur Sintra, & Conventus est propè quandam villam, quæ dicitur Colares, & præterea concedimus sibi elemosinas quarundam villarum existentium juxta præfatum conventum Sanctæ ANNÆ, quæ nuncupantur Sintra, & Casquaes cum suis confinibus, hac conditione, quod præfati fratres existentes in præfato Conventu Sanctæ ANNÆ obligentur quolibet anno pro anima Magistri Henrici, & animabus benefactorum XXXV Missas submissa voce de Requiem in æternum celebrare, & in quo quidem nos omnes supradicti patres uno animo, & assensu consentientes iussimus facere præsentem testimonialem, & consignavimus manibus propriis, & sigillo præfatæ Provinciæ iussimus roborari, supplicantes sanctissimum summum Pontificem, nec non Reverendissimum Patrem nostrum Generalem; & Reverendos Patres celeberrimi Capituli Generalis, ut dignentur, nobis de genu sperantibus, præsentem

Tom. II. Hhh literas

„ literas confirmare, quemadmodum in eisdem continetur, & multo melius,
 „ si fieri potest. Datis in Conventu Ulixbonæ XV die mensis Junii anno Do-
 „ mini millesimo quingentesimo octavo. Fr. Joannes de Santa ANNA Pro-
 „ vincialis Fr. G. primus definitior.

Num. 181.

DOCUMENTO XVI.

*Confirmação do Reverendissimo Padre Geral Frey Pedro Terrasse, pa-
 ra que ficasse corroborada a doação, que o Convento de Lisboa
 fez ao de Santa ANNA de Colares, do Casal chamado da Tor-
 re com a obrigação das Missas, que lhe erão annexas.*

„ **F**ater Petrus Magister Generalis, ac humilis servus totius sacri Ordinis
 „ fratrum, ac sororum gloriosissimæ Virginis MARIE de Monte Carme-
 „ lo. Dilecto nobis in Christo Reverendo Provinciali Provinciæ Portugalix
 „ fratri Joanni de Santa ANNA ejusdem Ordinis sacerdoti, & professo salu-
 „ tem, & ex laboribus fructus jucundos capere. Cum nos te fecerimus ad-
 „ ministratorem quoad vixeris in humanis loci de Sancta ANNA Ordinis nos-
 „ tri, & Conventus Ulixbonensis pro amplificatione dicti loci de unânimi
 „ assensu Provincialis Capituli, ac etiam omnium, & singulorum fratrum
 „ Conventus Ulixbonensis assignaverit, & charitate motus dederit dicto loco
 „ de Sancta ANNA centum mensuras frumenti inter terminis vulgariter dictis
 „ alqueires cum reliquis vicinioribus confinibus in literis dictorum Provincia-
 „ lis, & definitorum personaliter expressis; Nos dictas literas auctoritate nos-
 „ tri Generalatus affectus, tenore præsentium approbamus, confirmamus, ra-
 „ tificamus, & de novo dicto loco concedimus, hac lege, hacque condi-
 „ tione, ut annis singulis fratres in dicto loco de Sancta ANNA degentes
 „ tringinta quinque Missas de Requiem pro animabus Magistri Henrici, &
 „ benefactorum suorum celebrare teneantur. Mandantes omnibus, & singulis
 „ Ordinis nostri fratribus nobis inferioribus cujuscumque officii, gradus, aut
 „ conditionis existant tam communiter, quam divisim, ne in præmissis ullum
 „ tibi, vel dicto loco præstent impedimentum. In cujus rei testimonium has
 „ patentes fieri jussimus sigillo nostro magno manuali subscriptione munitas.
 „ Datum Romæ apud nostrum Conventum Sancti Martini in montibus die
 „ vigesima quinta mensis Julii anno Domini millesimo quingentesimo nono.
 „ Terrasse.

Num. 188.

DOCUMENTO XVII.

*Breve da S. Sé Apostolica, para que a mudança do Convento, que se devia
 fundar no casal da Torre, para a Boca da mata junto a Colares, ficasse
 valiosa, e satisfeita a vontade do Mestre Henrique.*

„ **A**ntonius miseratione Divina Titulo Sanctorum quatuor coronatorum
 „ Presbyter Cardinalis. Dilectis in Christo Priori Provinciali cæteris-
 „ que fratribus de Gremio Capituli Provincialis in Conventu Mauræ Pro-
 „ vincix Portugalix Ordinis Beatæ Dei Genitricis Virginis MARIE de
 „ Monte Carmelo nuper celebrati, salutem in Domino. Ex parte vestra no-
 „ bis oblata petitio continebat. Quod cum olim Nobilis Henricus romine do-
 „ mum dicti Ordinis in terminis oppidi Sintra nuncupati Ulixbonensis diæcesis
 „ edificare proposuisset, Ecclesiam inibi edificare fecerit absque tamen tecto,
 „ quia morte preventus perficere nequivit, & illi quandam, ut vulgo dicitur,
 „ hæreditatem etiam terras fructiferas, quæ in circuitu, & prope supradictam
 „ Ecclesiam sunt, pro dote dedit, nullumque postea in eodem loco edificium
 „ jam

„ jam centum abinde, & ultra annis elapsis constructum extiterit, sed potius
 „ dicta Ecclesia in caulam pecorum, & habitationem porcorum verta fuerit,
 „ neque unquam inibi divina officia celebrata fuerint; redditus verò dictorum
 „ bonorum illi datorum Conventus Ulixbonensis ejusdem Ordinis semper à
 „ tempore mortis dicti Henrici perceperit, ac in illorum possessione fuerit;
 „ vos nunc ad mentem reversi, videntesque dicti defuncti voluntatem mini-
 „ me impleri, domum regularem dicti Ordinis ibi facere decrevistis. Sed quia
 „ in loco inde per leucam solum distante quoddam heremitorium prope opi-
 „ dum, quod Colares vulgariter dicitur, ejusdem Diocesis iam à multo tem-
 „ pore titulo Sanctæ ANNÆ Matris Virginis MARIÆ insignitum ha-
 „ betis, quod apud ibidem habitantes, & per totam illam patriam magnæ de-
 „ votionis existat, habetque jam ædificia multa, & in quo etiam de facili
 „ domus regularis, in qua Divina celebrentur, & Deo plenius serviatur, construi
 „ potest, & duæ domus ejusdem Ordinis ita prope sustentari, eo quod pa-
 „ tria fructibus, & eleemosinis est tenuis, commodè non possent, visum est
 „ vobis in dicto heremitorio potius tanquam aptiori loco domum regularem
 „ prædictam construi debere, cupitisque propterea vobis dictam Ecclesiam
 „ absque tecto ut prefertur constructam domumque regularem ibi juxta di-
 „ cti Henrici voluntatem construendam cum illius omnibus bonis, & juribus,
 „ ac possessionibus, quæ ad illam pertinent, seu pertinere possent ad dictum he-
 „ remitorium Sanctæ ANNÆ transferendi, ibique decentem, & convenien-
 „ tem domum regularem dicti Ordinis loco dictæ in dicto alio loco construente
 „ construi faciendi licentiam, Apostolica auctoritate concedi, super quibus suppli-
 „ cari fecistis humiliter vobis per sedem Apostolicam de opportuno remedio mi-
 „ sericorditer provideri, Nos igitur hujusmodi supplicationibus inclinati aucto-
 „ ritate Domini Papæ, cujus primariam curam gerimus, etiam de ejus speciali
 „ mandato super hoc vivæ vocis oraculo nobis facto, vobis ut loco dictæ
 „ domus, in loco ubi dicta Ecclesia absque tecto constructa existit juxta dicti
 „ Henrici defuncti voluntatem construente domum regularem vestri Ordinis,
 „ in loco ubi dictum heremitorium sub titulo Sanctæ ANNÆ consistit, de-
 „ centem, & convenientem construi facere etiam ad eam, ac ad dictum here-
 „ mitorium Sanctæ ANNÆ dictam Ecclesiam per dictum Henricum con-
 „ structam absque tecto, ibique juxta ejus voluntatem construendam domum
 „ regularem dicti Ordinis cum omnibus illius bonis, & juribus, ac possessioni-
 „ bus, quæ ad illam pertinent, seu pertinere possent transferendi licentiam,
 „ & facultatem tenore præsentium concedimus: Vosque postmodum à qua-
 „ cumque obligatione dictæ Ecclesiæ absque tecto constructæ liberos esse de-
 „ cernimus, Non obstantibus constitutionibus, & ordinationibus Apostolicis,
 „ ac tam Provincialibus, quam Synodalibus, dictique Ordinis statutis, &
 „ consuetudinibus etiam juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis fir-
 „ mitate alia roboratis, cæterisque contrariis quibuscumque; proviso tamen
 „ quod dictam primam Ecclesiam bono modo aptari, & ibi aliquas missas
 „ quandoque singulis annis pro dicti Henrici anima celebrare faciatis: Datum
 „ Romæ apud Sanctum Petrum sub sigillo officii pœnitentiariæ iii Kalen-
 „ Decembris Pontificatus Domini Pauli papæ iij Anno octavo. P. heserfi-
 „ nus. Jo: B. Lomellinus. Jul. Larcellus. Lo: Xco plumbi.

DOCUMENTO XVIII.

Breve do Papa Paulo V. a favor da Irmandade da Senhora Santa ANNA da sua Igreja de Colares; passado depois da revogação; pelo qual concede Indulgencia plenaria, e outros bens espirituales in perpetuum.

„ **P**aulus Episcopus Servus Servorum Dei. Universis Christi Fidelibus presentes literas inspecturis salutem, & Apostolicam benedictionem. De salute Gregis Dominici, curæ nostræ meritis licet imparibus, Divina dispositione commissi, sollicitis studiis cogitantes; fideles singulos ad pia, & meritoria opera exercenda, spiritualibus muneribus, Indulgentiis videlicet, & peccatorum remissionibus libenter innitatur, ut per eorumdem operum orationum suorum abolita macula delictorum ad æternæ Beatitudinis gaudia facilius pervenire mereantur. Cum itaque sicut accepimus, in Ecclesia Monasterii Sanctæ ANNÆ de Colares Ulixbonensis Diocesis una pia, & devota utriusque sexus Christi fidelium Confraternitas sub invocatione ejusdem Sanctæ ANNÆ ad Dei Omnipotentis laudem canonicè, non tamen pro hominibus unius specialis artis, instituta existat, omnes dilecti filii Confratres in bonis operibus se studeant exercere; ut igitur ipsi, & pro tempore existentes dictæ Confraternitatis Confratres in hujusmodi bonorum operum exercitio confoveantur, ac magis ad ea in posterum exercenda, nec non alii Christi fideles ad dictam Confraternitatem de cetero ingredientem per amplius incitentur, dictaque Ecclesia in debita veneratione habeatur, & ab ipsis Christi fidelibus congruis frequentetur honoribus, illique eo libentes devotionis causâ confluant, quo ex hoc dono cœlestis gratiæ uberius conspexerint se esse resectos, de Omnipotentis Dei misericordia, ac Beatorum Petri, & Pauli Apostolorum ejus auctoritate confisi, omnibus, & singulis utriusque sexus Christi fidelibus verè pœnitentibus, & confessis, qui dictam Confraternitatem de cætero ingredientur, die primi illorum ingressûs si sanctissimum Eucharistiæ Sacramentum sumpserint; Ipsibus, & vere pœnitentibus, & confessis, ac Sacra Communionem resectis, si id commodè fieri potuerit, aliàs saltem contritis in eorum mortis articulo Nomen JESU corde, si ore nequiverint, invocantibus; præterea ipsis Confratribus, & verè pœnitentibus, & confessis, ac sacra communionem resectis, qui dictam Ecclesiam in festivitate ejusdem Sanctæ ANNÆ à primis vespers usque ad occasum solis diei festivitatis hujusmodi singulis annis devotè visitaverint, & inibi pro Sanctæ Matris Ecclesiæ exaltatione, hæresum extirpatione, & inter Christianos Principes faciendâ pace, ac Romani Pontificis salute pias ad Deum preces funderint, Indulgentiam plenariam, & omnium peccatorum suorum remissionem Apostolica auctoritate tenore præsentium concedimus, & elargimur. Nec non ipsis Confratribus, & verè pœnitentibus, & confessis sumpto eodem Sanctissimo Eucharistiæ Sacramento, qui Ecclesiam prædictam in Nativitatis, Purificationis, ac Annuntiationis, nec non Assumptionis Beatæ Mariæ Virginis festivitibus visitaverint, & inibi, ut supra, oraverint, septem annos, & totidem quadragenas. Postremò ipsis Confratribus quoties Divinis Officiis in eadem Ecclesia more confratrum celebrandis, aut congregationibus publicis, vel secretis pro quocumque opere pio exercendo interfuerint, vel ipsum Sanctissimum Eucharistiæ Sacramentum dum ad aliquem infirmum defertur, associaverint, vel qui hoc facere impediti, campanæ ad id signo dato genibus flexis semel orationem Dominicam, & salutationem Angelicam pro eodem infirmo recitaverint, aut pacem cum inimicis composuerint, aut quinquies orationem,

„nem, & totidem salutationem predictas pro animabus Confratrum dictæ Con-
 „fraternitatis in Christi charitate defunctorum recitaverint, aut demum ali-
 „quem ad viam salutis reduxerint, & ignorantes Dei præcepta, & quæ ad
 „salutem sunt, docuerint, toties pro quolibet præmissorum piorum operum
 „sexaginta dies de injunctis pœnis, aut aliàs quomodolibet debitis pœni-
 „tentiis misericorditer in Domino auctoritate, & tenore præsentis relaxa-
 „mus; præsentibus perpetuis futuris temporibus duraturis. Volumus au-
 „tem quod si dicta Confraternitas alicui Archiconfraternitati aggregata
 „sit, vel in posterum aggregetur, seu quavis alia ratione pro illius Indulgen-
 „tiis consequendis, aut de illis participandis uniatur, aut aliàs quomodo-
 „libet instituat, priores, & quævis aliæ literæ præter hujusmodi presentes
 „nullatenus ei suffragentur, sed ex tunc prorsus nullæ sint eo ipso; quodque si
 „Confratribus prædictis ratione præmissorum auctoritate aliqua alia Indul-
 „gentia perpetuò, vel ad certum non dum elapsum tempus duratura per nos
 „concessa fuerit eadem similiter literæ nullius sint roboris, vel momenti.
 „Datum Romæ apud Sanctum Petrum anno Incarnationis Dominicæ millesi-
 „mo sexcentesimo decimo nono Kalendas Februarii Pontificatûs nostri anno
 „sexto &c.

Num. 213.

DOCUMENTO XIX.

*Carta del Rey D. João III, pela qual faz mercê ao Convento de Santa AN-
 NA de Colares de dous dias da agua da repartição em cada semana
 para regar as arvores da Cerca.*

DOm João por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem,
 e da lem mar em Africa Senhor de guiné, e da Conquista, Navegação,
 comércio de Etiopia, Arabia, e da India &c. A quantos está minha carta vi-
 rem. Faço saber, que por fazer esmola aos frades da Ordem de Nossa Senhora
 do Carmo, me praz, e hey por bem que o pumar, que está de dentro da
 Cerca do Oratorio de Santa ANNA, que elles tem no termo da villa de Cola-
 res, tenha, e haja dous dias d'agua na semana para regar, como antiga-
 mente tinhaõ por meu Alvará: e por este mando ao meu Almoxarife dos Paços
 de Cintra, e a quaesquer outros Officiaes, e pessoas, a que esta carta for mos-
 trada, e o contheudo della pertencer, que lhe fação dar os ditos dous dias
 d'agua na semana, como dito he, porque assim o hey por bem. Pedro da Costa
 a fez em Almeirim aos 14 dias de Dezembro, anno do Nascimento de nosso
 Senhor JESU Christo de mil quinhentos quarenta, e seis. ElRey.

Num. 217.

DOCUMENTO XX.

*Alvará del Rey D. Filippe III. pelo qual faz mercê ao Convento de Santa
 ANNA de Colares de toda a agua, que vem da serra chamada Vi-
 mal do Duque, para com ella regar a Cerca.*

EU ElRey faço saber aos que este Alvará virem que avendo respeito ao
 Prior, e mais Religiosos do Mosteiro de Santa ANNA da Ordem de
 Nossa Senhora do Monte do Carmo, situado na serra de Cintra junto á vila de
 Colares, me pedirem certa agua perdida, de que se ninguem serve, digo
 de que se ninguem aproveita, que está entre o dito Mosteiro, e o dos Capu-
 chos; pela grande necessidade que tem de agoa, sobre que fizeraõ algumas
 despesas, para effeito de a acharem, sem a poderem descobrir: e havendo res-
 peito á dita agua estar perdida, sem se aproveitar ninguem della em Inverno,
 nem

nem em Verao, nem hir a rio, nem pomar, nem ser obrigada a fazenda de particular algum, nem haver quem tenha nella direito, assim por a terra onde nasce, como toda a ferra por onde o dito Prior, e mais Religiosos a querem levar ao dito Mosteiro, ser de minha Coroa, e naõ receber por essa causa minha fazenda damno, nem prejuizo algum, nem outra pessoa particular, como tudo constou por enformação, que mandey tomar pelo Juiz de fóra da dita villa de Cintra. Hey por bem, e me praz por todos os ditos respeitos, havendo-o tambem á muita necessidade que o dito Prior, e Religiosos tem da agoa para o dito Mosteiro; como outro sy constou pela dita enformação, delhe fazer mercè da dita agoa perdida para a poderem levar á sua custa ao dito Mosteiro, e a lograrem, e possuirem daqui em diante: e mando ás justiças, e pessoas, ás quaes o conhecimento disto pertencer, que ao dito Prior, e Religiosos naõ impidam levar a dita agoa ao dito Mosteiro; nem a isso lhe ponhaõ duvida, nem embargo algum, por quanto lhe faço mercè, como dito he; e cumpraõ, e guardem, e façaõ inteiramente cumprir, e guardar este Alvará, como nelle se contém. O qual hey por bem que valha como carta, e que naõ passe pela Chancellaria, sem embargo das Ordenações em contrario, Luiz de Lemos a fez em Lisboa a sete de Outubro de seiscentos, e cinco. Sebastião Pereirelo o fez escrever.

Num. 218.

DOCUMENTO XXI.

Auto de posse. que os Religiosos tomaraõ da agua da serra chamada Vimal do Duque, a qual se acha metida na Cerca.

Saibaõ quantos este instrumento de posse virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e seiscentos, e cinco annos, aos treze dias do mez de Dezembro do dito anno, no lugar do Vimal do Duque junto aos Capuchinhos da serra, termo desta villa de Colares, estando ahi Jorge Damiaõ Juiz Ordinario, e o Padre Frey Cosme dos Santos Prior do Convento de Santa ANNA, e bem assim o Padre Frey Estevoão da Purificação, e Frey Jorge Carraico, todos Prégadores do dito Convento, logo pelo dito Prior, e Padres foy dito que elles queriaõ tomar a posse da agua contheuda na Provisão de sua Magestade, de que lhe fazia merce della, a qual apresentaraõ, e pera effeito do qual andaraõ por onde a dita agoa estava na dita serra, e tomaraõ na maõ, e fizeraõ todas as ceremonias em direito costumadas: dizendo, que por virtude della tomavaõ posse, e se envistiaõ nella, e requereraõ a mim Tabaliaõ lhe passasse seu Instrumento, e por elles atomarem manfa, e pacificamente, e sem contradição de pessoa alguma, lhe passley o presente que foraõ a tomar da dita posse, testemunhas, Alvaro Luiz morador no lugar da boca da Matta, termo desta villa de Colares; Nuno Alves morador na Bemposta, termo da villa de Cintra, que todos aqui assinaõ, e eu Antonio Velho da Fonseca Tabaliam do publico, e judicial por ElRey nosso Senhor nesta villa de Colares, que este Instrumento de posse escrevi, e assigney de meu publico sinal, que tal he. Sinal publico, pagou nada, Jorge Damiam. Fr. Cosme dos Santos, Frei Estevoão da Purificação, Fr. Jorge Carraico, Alvaro Luiz, Nuno Alves- &c.

Auto, em que se declarão todas as particularidades, que acontecerão na trasladação dos ossos do Veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação.

A Uto que se fez sobre a trasladação do corpo, e hossa do Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação frade professo, que foy da Ordem de N. Senhora do Monte do Carmo, que viveo, e morreo no Mosteiro de Santa ANNA da mesma Ordem, que está junto á villa de Colares, o qual fiz por mandado dos Juizes, e Vereadores da Camera da mesma villa, e a requerimento de Antonio Trancozo Correa, nella morador, Padroeiro, e instituidor da Capella de JESUS, que está no mesmo Convento.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e seiscentos, e vinte e tres annos, aos catorze dias do mez de Outubro do dito anno nesta villa de Colares dentro do Mosteiro de Santa ANNA da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo situado junto á mesma villa, sendo em dia de Sabbado, das quatro para as cinco horas da tarde, estando a hi presentes, e juntos, chamados por som de campa tangida pera o effeito neste auto declarado os muy Reverendos Padres Frey Hieronymo Coelho Prior ao presente no mesmo Mosteiro, e Frey Francisco Chantel Subprior, Frey Jorge de Aguiar Apresentado, e Frey Luiz de Almeida, e Frey Luiz da Apresentação, e Frey Francisco da Purificação Sancristão, Frey Cosmo de Oliveira, e Frey Jorge de JESUS, e Frey Pedro Ferraz, Frey Paulo Soheiro, todos Conventuaes no dito Mosteiro; e assim o Reverendo Padre Frey Antonio Baptista Conventual no Mosteiro de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Lisboa, e hora estante no dito Convento de Santa ANNA, e assim tambem o Padre Cura da Igreja Matriz desta villa de Colares, Bertholomeu de Teive Beliago, e o Padre Gaspar de Sousa Coutinho Coadjutor, e o Padre Sebastião Alves, Cura que foy na dita Igreja, eo Padre João Serraõ, Tisoureiro na dita Igreja: e tambem estavam presentes os Officiaes da Camera da dita villa, a saber, os Juizes ordinarios Antonio Pedrozo, e João Vicente Meadas, e Vereadores Sebastião Lopes Machado, e Antonio Martins, e Simão Rodrigues, e Jorge Francisco de Mariz, Tabaliaõ em a dita villa. Logo perante todos, sendo em dia claro estando eu Escrivão presente com os Reverendos Padres Frey Hieronymo Coelho, e o Padre Frey Antonio Baptista atras nomeados, com a decencia devida abrião a sepultura, donde foy enterrado, e depositado o corpo do Veneravel Padre Frey Estevão da Purificação, da dita Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e que no dito Mosteiro viveo, e morreo. A qual sepultura está dentro da Capella do Nome de JESU de que he padroeiro, e instituidor Antonio Trancozo Correa morador nesta dita villa. A qual sepultura estava ferrada, e da maneira que se fechou, quando o corpo do dito Padre Frey Estevão foy nella metido, e depositado. E depois de aberta a dita sepultura os dous Reverendos Padres, perante mim Escrivão, e os mais Padres atras declarados, e perante os ditos Juizes, e Vereadores, e mais pessoas que se acharão presentes, que abaixo assignarão. Descerão ao carneiro da dita sepultura, aonde está fechado hum caixaõ de pinho, que logo foy aberto com hum escopro; e tanto que se abriu, por todos publicamente foy visto a ossada do dito Padre Fr. Estevão da Purificação, donde os ditos dous Padres com o acatamento devido ficando o dito caixaõ, tirando a dita ossada juntamente com a cabeça, e assim como a hiaõ tirando, a hiaõ pondo, e mudando em hum caixaõ de páo forrado por dentro, e por fóra de cetim cramezim guarnecido com passamane de prata; o qual caixaõ será de três palmos de comprido, e hum de largo, e outro de alto; e depois de posta a dita ossada no dito caixaõ guarnecido, foy pelos ditos Padres com veneração devida acompanhada

panhado de todos os que estavaõ presentes, e da dita Camera á Capella môr do dito Mosteiro, e foy posto sobre hum bofete, e por todos os que estavaõ presentes, e pelos ditos Juizes, e Vereadores, e testemunhas abaixo nomeadas foy a dita offada aly vista, e foy a todos mostrada pelo Reverendo Padre Prior do dito Mosteiro, e depois que os Officiaes da dita Camera, e mais justiças, e pessoas que presentes estavaõ, assim Ecclesiasticas, como Seculares logo o dito caixaõ foy pregado ao redor com seis pregos, e depois de pregado foy lacrado, e sellado com o fello do Concelho desta villa em seis partes, e com mais dous sellos da mesma Ordem, que ficaõ na dianteira do dito caixaõ, e assim fexado, serrado, e lacrado ficou o dito caixaõ cramezim no dito Mosteiro, e se meteo em huma caixa preta encourada de duas chaves, huma das quaes ficou no dito Mosteiro em maõ, e poder do dito Padre Prior, e a outra chave levou Antonio Pedrozo Juiz mais velho ao presente anno nesta dita villa, e todos assim Ecclesiasticos, como Seculares pediraõ a mim Escrivaõ fizesse este auto, o qual eu fiz por mo mandarem fazer os Juizes, e Vereadores. E tudo o sobredito passou ante mim, de que dou minha fee, porque tudo passou na verdade, e o afinaraõ aqui todos atras declarados. E declaro que a razaõ porque se fez esta diligencia, foy em respeito da Transladação, e mudança, que se ha de fazer da dita offada á nova sepultura, que he no Altar da mesma Capella de JESUS, que á sua custa, e por sua devoção mandou fazer o dito Antonio Trancofo Correa, para aly estar com a decencia devida; por quanto o lugar em que o dito corpo foy sepultado, por ser razo com o xão, e ser humido, se lhe deu a nova sepultura no Altar da dita Capella, como fica dito. E a hi se ha de pôr, e traslarar Domingo, que seraõ vinte, e dous dias deste presente mez de Outubro da dita hera. E quando a dita sepultura se abrio, não se achou nella corrupção nenhuma, antes hum cheiro suave, e digno de grande reverencia. E da terra da dita sepultura, e do mais que no dito caixaõ se achou, se repartio pelo povo, que presente estava, e pelos mesmos Padres, e o povo o recebeo com muita omildade, e consolação. E de tudo eu Antonio Machado de Freitas Escrivaõ da Camera desta dita villa fiz este auto, em que os sobreditos atras declarados afinaraõ, com todos os mais, que presentes estavaõ, que assignaraõ aqui como testemunhas. E declaro eu Escrivaõ, e dou minha fee, que na cabeira foraõ vistos os miollos, sem nenhuma corrupção, nem máo cheiro; antes alvos, e em partes com alguma apparencia de sangue. E as Reliquias, que o povo levou, lhe déraõ os ditos Padres, pelo dito povo lhas pedirem para sua consolação, pela muita devoção, que tinhaõ ao dito Padre, e o tinhaõ por santo, e a seis annos que o dito corpo foy sepultado na dita sepultura. Sobre dito o escrevi. Frey Hieronymo Coelho Prior. = Frey Jorge de JESUS. = Frey Francisco da Purificação, Sanctistaõ. = Frey Pedro Ferraz. = Frey Cosmo de Oliveira. = Frey Luiz da Apresentação. = Frey Paulo Soeiro. = Frey Hieronymo. = Frey Antonio Baptista. = Bertolomeu de Teive, Cura de Collares. = Gaspar de Sousa. = Sebastiaõ Alves. = Joaõ Serraõ. = Antonio Pedrofo. = Joaõ Vicente Meadas. = Sebastiaõ Lopes Machado. = Antonio Martins. = Simaõ Rodrigues. = Jorge Francisco de Maris. = Joaõ Velho, e Arouche. = Lazaro Cordeiro. = Gaspar Machado de Barros. = Domingos Leitaõ. = Domingos da Costa Pantoja. = Roque da Costa Gavinho. = Antonio Trancofo. = Francisco Carrafo. = Frey Simaõ de Mendoga. = Luiz Pestana de Brito. = Antonio Teixeira. = E eu Escrivaõ affino tambem Antonio Machado de Freitas.

P A R T E III.

Num. 544.

DOCUMENTO XXIII.

Breve do Papa Julio II, pelo qual prohibe o aforar-se o meirado de Corroyos a pessoas poderosas, e defezas segundo a declaração, que fez o Santo Condestavel.

Dilectis filiis Joanni de Sancta ANNA Provinciali Provinciæ Portugal-
liæ, & Gundisalvo Domus Beatæ MARIÆ Virginis de Monte
Carmelo Ulixbonensis, Ordinis ejusdem Sanctæ Prioribus

Julius Papa. Dilecti Filii, salutem, & Apostolicam Benedictionem. Nu-
per pro parte vestra Nobis expositum fuit, quod postquam Nidinus Al-
vari Pereira Comes tunc in humanis agens Domum Beatæ MARIÆ de
Monte Carmelo Ordinis ejusdem Sanctæ in Civitate Ulixbonensi Provinciæ
Portugalix de bonis suis fundaverat, & inter alia bona pro sustentatione
Fratrum inibi pro tempore existentium quædam Molendina in confinibus
ejusdem villæ, & loco Almada nuncupato, Ulixbonensis Diocesis, inter
suos fines consistentia liberaliter donaverat, adjecta conditione, quod Fra-
tres dictæ Domus ipsa Molendina in perpetuum tenerent, & possiderent:
nonnulli Priores dictæ Domus ipsa Molendina certis personis nobilibus Con-
ventu dictæ Domus potentioribus contra præfati Nidini fundatoris volun-
tatem concesserunt, & liberarunt, ex quo succedente tempore pro ipso-
rum Molendinorum recuperatione Domus, Conventus, & Fratres prædi-
cti non modicas injurias, expensas, & damna incurrerunt, Et in eadem ex-
positione subiuncto, quod vos, in quorum potestate dicta Molendina ex-
istunt, cupitis similibus alienationibus obviare, pro parte vestra Nobis fuit
humiliter supplicatum, ut super his opportunè providere de benignitate
Apostolica dignaremur. Nos hujusmodi supplicationibus inclinati, quod
deinceps vos, vestrique in dicta Domo de Monte Carmelo successores Prio-
res, Generales Prælati, & Fratres, cujuscumque dignitatis, status, gradus,
ordinis, vel conditionis existant, dicta Molendina quibusvis personis quomo-
dolibet vendere, alienare, seu concedere quovis quæsito colore possint, seu
debeant, sub maioris excommunicationis latæ sententiæ pœna, quam tam
vendenes, seu alienantes, quam conducentes, & recipientes, eo ipso abs-
que alia declaratione incurrant, & à qua ab alio, quam Romano Pontifice,
præterquam in mortis articulo constituti, & tunc prævia satisfactione, ab-
solvendi non possint, auctoritate Apostolica, tenore præsentium perpetuò sta-
tuimus, & Ordinamus; nec non quamcumque alienationem, locationem,
& conductionem de dictis Molendinis, seu aliquo eorum quomodolibet
hactenus factam, & forsitan faciendam pro tempore nullam, & invalidam,
nulliusque roboris, vel momenti, ac irritum, & inane, si secus, super his
à quoquam, quavis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attemptari,
decernimus. Datum Romæ 8 Octobris MDVII. anno quarto

Auto de posse, que a Religião tomou da terra, que Pedro Affonso, e sua mulher derão, para se fazer nella a Ermida de Nossa Senhora das Reliquias.

EM nome de Deos Amen. Saibaõ quantos este Compromisso feito a prazer de partes virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil, e quatro centos noventa e seis annos ao primeiro dia do mez de Fevereiro do dito anno em o Mosteiro de Nossa Senhora Santa MARIA das Reliquias, termo da villa da Vidigueira, em presença de mim Tabelliaõ ao diante nomeado, e das testemunhas, que ao diante vão escritas, pareceraõ ahí partes, convem a saber, Pedro Affonso Alfayate, lavrador, e sua mulher Margarida Fernandes, moradores no termo da dita villa de huma parte, e da outra parte pareceo ahí o Reverendo Padre Frey Rodrigo de Beja, Bacharel em Theologia, e Provincial em estes Reynos de Portugal, e o Padre Frey Joaõ Gallego, Sancristaõ do Mosteiro do Carmo de Lisboa, e logo pelo dito Pedro Affonso, e pela dita sua mulher foy dito, e disseraõ, que era verdade, que a terra, em que se fez o dito Mosteiro de Santa MARIA das Reliquias, era propria delles ditos Pedro Affonso, e sua mulher, e que por bem da munta gente, que hora novamente vinha á romagem da dita Senhora, lhe faziaõ munto nojo no paõ que tinha semeado na terra, que hi tinha cada anno; e que esguardando elles primeiramente o serviço de Deos, e da dita Senhora, elles partes disseraõ que vinhaõ, e vieraõ a tal concerto, por evitarem demandas, que se sobre ello poderiaõ recrefcer, que elles Pedro Affonso, e a dita sua mulher lhes aprazia, como defeito aprove de darem, como de feito logo derão, á dita Senhora, e frades do dito Mosteiro, para á dita casa a terra, em que o dito Mosteiro está edificado, e mais da porta do alpendre da Igreja do dito Mosteiro vinte, e sete varas de medir de terra contra Lisboa, e mais contra a Vidigueira quinze varas de medir; e mais da azinheira, onde chegaõ as casas, contra a serra vinte, e duas varas, e meya; e mais da outra, contra onde nasce o Sol, doze varas, e meya segundo já está valladado; a qual terra de assentamento de Mosteiro, casas, e Igreja, e assim ho que está de arredor, como dito he, lhe davaõ deste dia para todo sempre ao dito Mosteiro, e frades; com tal condiçaõ, que elles ditos frades, e os que depois delles vierem, que no dito Mosteiro estiverem, lhe digaõ em cada hum anno para sempre tres Missas rezadas com seus Resposos, e convem a saber; huma pelas oitavas do Natal, e outra pelas Oitavas da Pascoa florida, e a outra pelas oitavas de Pentecoste, por suas almas: e que quando as houverem de dizer, e sendo elles fallecidos, que o requeraõ aos frades hum de seus herdeiros; e não havendo a hi herdeiros, que as digaõ em tal guiza, que as ditas Missas sejaõ sempre ditas pelos ditos tempos: e o dito Provincial, e Frey Joaõ disseraõ, que elles por si, em nome do dito Mosteiro, e frades tomavaõ, e lhe prazia de tomar a dita terra, como dito he, com o dito assentamento de Mosteiro, e que obrigavaõ os bens, e rendas do dito Mosteiro a dizer as ditas Missas pela guiza que dito he cada anno; e que privilegios que contra esto alleguem, que lhe não valhaõ, senaõ que sempre lhe façaõ dizer as ditas Missas: e o dito Pedro Affonso, e sua mulher, se obrigaraõ para sempre a ter, e manter os ditos frades, e Mosteiro em posse do dito assentamento de Mosteiro, e terra, pela guiza que dito he, sob obrigaçaõ de todos seus bens, moveis, e de raiz, que para ello obrigaraõ, e em testemunho dello todos outorgaraõ, e mandaraõ dello assim ser feito este

te Instrumento de compromisso, que foy feito, e outorgado dia, mez, e anno logo sobredito, testemunhas Braz Luiz, Cavalleiro da Casa del Rey Nosso Senhor, e Contador de sua fazenda, e Joaõ Affonso Escudeiro da Senhora Infanta Dona Beatriz, e Joaõ Martins, e Joaõ Soudo moradores da dita villa, e eu Luiz Rodrigues Tabelliaõ em a dita villa por El Rey Nosso Senhor, que esto escrevi, e aqui meu pubrico final fiz, que tal he.

Num. ibid. 579.

DOCUMENTO XXV.

Auto de posse, que se deo ao Prelado mayor da Provincia da terra, que Rodrigo Affonso Perdigueiro deira para o Convento de Nossa Senhora das Reliquias.

Saibaõ os que este estromento com o theor de outro estromento, com o theor em elle de huma cedola dado em publica fôrma por mandado, e authoridade de Justica virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e quatro centos, e noventa e seis annos, ao derradeiro dia do mez de Fevereiro do dito anno, em o termo da Vidigueira a Santa MARIA das Reliquias, estando a hi Braz Luiz Cavalleiro da Casa del Rey Nosso Senhor, e Contador de sua casa parante elle, e em presença de my Tabelliaõ ao diante nomeado, e das testemunhas, que ao diante saõ escritas, pareceo a hi o Reverendo Padre Frey Rodrigo de Beja, e disse ao dito Braz Luiz, que em poder de my Tabelliaõ era hum estromento com o theor de huma cedola, que Rodrigo Affonso Perdigueiro, que Deos haja, fizera, em que lhe leixara ao dito Mosteiro huma terra que estava acerca do dito Mosteiro, quelhe pedia, que lhe mandasse dar o treslado em publica fôrma: e assim pareceo a hi Affonso Martins Perdigueiro, lavrador, e morador no termo de Beja, testamenteiro do dito Rodrigo Affonso, e tambem requereo ao dito Braz Luiz, que lhe mandasse dar o treslado do estromento, por quanto o dito Rodrigo Affonso deixara a dita terra com certas condiçoens ao dito Mosteiro; a qual cedola, e estromento, logo por my foy levada, presente elle Braz Luiz, do qual o theor he este que se ao diante segue: Saibaõ os que este estromento com o theor de huma cedola dada em publica fôrma por mandado, e authoridade de Justica virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e quatro centos e noventa e cinco annos, aos tres dias do mez de Outubro do dito anno em a villa da Vidigueira dentro nas casas da morada de Joaõ Grego Escudeiro, e Juiz Ordinario em a dita villa, estando a hi o dito Juiz, parante elle em presença de my Tabelliaõ ao diante nomeado, e das testemunhas, que ao diante saõ escritas, pareceo a hi Affonso Martins Perdigueiro, lavrador, e morador no termo de Beja, e apresentou ao dito Juiz esta cedola, que se ao diante segue: Saibaõ os que esta cedola, e codecillo virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor JESU Christo de mil, e quatro centos, e noventa, e cinco annos, aos vinte e quatro dias do mez de Setembro do dito anno em as casas de morada de Rodrigo Affonso Perdigueiro do termo de Beja, o dito Rodrigo Affonso jazendo em huma cama doente, e fraco do corpo, e saõ da vontade, com todo seu sizo comprido, e entender assim, e como lho Deos que o creou, e fez, deo, disse que elle temendo a Deos, e o dia do Juizo; e porque não sabia o que Deos delle quereria fazer, e ignorando o dia, e hora da sua morte, fazia, como defeito fez, sua cedola, e manda: e porque era em lugar onde se não podia aver Tabelliaõ, rogou, e requereo a mim Diogo Dias seu sobrinho quelha escrevesse: Primeiramente disse que elle mandava deitar o seu corpo dentro na Igreja de Santa Margarida da Vidigueira; que leixava para cova, o que he justo, e costume de se por ella dar: e mando que ao dia de meu enterramento me digaõ huma Missa Officia-

da, e outra rezada com bēsporas, e Matinas, e Ladāinhas: e com o corpo á Igreja mando que me levem hum sacco de trigo, e dēz reis de falhas; e mando que me offertem ao mesmo enterramento segundo o costume: e mando que me digão hum Oitavario offertado segundo o costume: e que aos nove dias me digão outra Missa Officiada, e outra callada, com tua offerta de paõ cozido, e dous picheis de vinho, e huma gallinha; e mando que ao mez me digão outras duas Missas, e assim offertadas, como aos nove dias: e pela mesma maneira se faça aos seis mezes: e ao anno outra Missa Officiada, e outra rezada, e hum carneiro, e hum sacco de trigo. Mando que me digão hum trintario cerrado, e dous abertos: e que os paguem segundo costume: mando que me dem a Santa MARIA das Reliquias dez alqueires de trigo, que ella queira ser vogada por minha alma: e mando mais que a terra que dada tenho á dita casa de Nossa Senhora, a outorgo desta maneira, convem a saber: como vay o Bacello té o caminho da Vera Cruz: e que os fazedores da dita casa larrem a dita terra té o dito caminho, com vinha, e não doutra maneira: em tanto, que o dito chaõ, e terra seja de meus filhos, em quanto vinha não pozerem, nem possaõ ferrar-se, não poendo vinha: e assim se entenda té o caminho: e isto lhe deixo que me digão na dita casa duas Missas cada anno a Nossa Senhora; convem a saber, huma da Conceição de Nossa Senhora, e a outra da Assumpção: e mando ao meu Testamenteiro, e herdeiros, que fação tirar desto hum estromento, e o requeiraõ: e deixo mais a pobres da Vidigueira dez alqueires de paõ cozido em dez Sabbados; cada Sabbado hum alqueire da Sextagesima até Pascoa: e para comprimento da despeza de meus legados tome meu Testamenteiro a terça de todos meus bens moveis, e de raiz; e se meus herdeiros quizerem comprar o contheudo em esta cedola, então se não tercem meus bens, e se de terçar se houverem, o que remanecer de minha terça, compridos os legados, fique aos meus herdeiros: e rogo a meu irmão Affonso Martins, que seja meu Testamenteiro; e sua mulher Catharina Fernandes minha offertadeira; e deixo a ambos de dous por seu a fam, e trabalho mil reis; e porque eu confio tanto no dito meu irmão, que elle agazalhará meus filhos, como eu mesmo o deixo por tutor delles, que elle os caze, e ampare, como eu sendo vivo, faria: e requeiro ás Justças, que não tenhaõ dever com meus filhos, nem seus bens; porque eu lhes leixo pay, e os não hey por orphãos, ficando em poder do dito meu irmão; e lhe encarrego minha mulher com os ditos filhos: e vivendo ella, e não se casando, como creyo que ella fará, meu irmão lhe não tire os filhos de seu poder: e porque esta he a minha ultima, e mais derradeira vontade, eu mando, que valha esta cedola, e hey por revogadas todas as que feito tenho, e as hey por nenhuma: e porque a minha derradeira vontade he esta, tomo por testemunhas de todo o contheudo nella, que dem dello fee ás Justças, e quando necessario for; convem a saber, João da Coutada morador na Vidigueira, e Fernaldo Gago visinho do dito, Rodrigo Affonso, e Alvaro da Guarda, morador em termo de Portel, e Luiz Sardinheiro filho de João Esteves Sardinheiro, e Martim Gago filho do dito Fernaldo Gago. E por quanto em cima disse não resalvando se minha mulher fosse viva, que Catharina Esteves fosse offertadeira, agora o tiro, e reservo, que se minha mulher viva for, que o seja: e dos mil reis acima escritos, sejaõ para ella os quatro centos reis: e logo os sobreditos assinaõ aqui, e o dito Rodrigo Affonso primeiramente, a qual cedola era cerrada, e per Rodrigo Affonso, e testemunhas assinada, segundo se nella parecia, e assim apresentada como dito. Logo por elle Affonso Martins foy requerido, que a lesse, e publicasse ao dito Juiz; a qual lhe por mim foy lida, e publicada: e assim lida, e publicada como dito he, logo por elle Affonso Martins foy requerido ao dito Juiz, que lhe mandasse dar hum estromento em publica fórma com o theor da dita cedola para a elle compriro que o dito defunto deixou, por elle assim ser seu Testamenteiro: e visto pelo dito Juiz o dizer, e pedir do dito Affonso Martins, mandou a mim Tabelião

liaõ, que lho dêsse em publica fôrma, testemunhas que presentes eraõ ao pedir do dito estromento, Martim Affonso Perdigueiro, e Domingos Estevens do Valle, e Bento Rodrigues, moradores na dita villa, e eu Luiz Rodrigues, Tabelliaõ em a dita villa por ElRey Nosso Senhor, que esto escrevi, e aqui meu publico final fiz, que tal he. E apresentado assim o dito estromento, e cedula ao dito Braz Luiz, como dito he, o dito Fr. Rodrigo de Beja Provincial requereo ao dito Braz Luiz, que por virtude de hum Alvará delRey nosso Senhor, que o dito Braz Luiz tinha, em que mandava que o metesse de posse de todo o que ao dito Mosteiro pertencia, e assim por bem da dita cedola o mandasse meter de posse da dita terra; por quanto elle, e os frades se obrigavaõ a dizer as Missas segundo na dita cedola he contheudo, e que com todo lhe mandasse dar hum estromento, e assim o dito Affonso Martins pediu assim com theor de todo outro estromento, e o dito Braz Luiz lho mandou dar: e mandou a mim Tabelliaõ que fosse logo meter de posse ao dito Fr. Rodrigo Provincial da dita terra, segundo as clausulas da dita cedola: e logo eu Tabelliaõ em comprimento do mandado do dito Braz Luiz fuy meter em posse da dita terra ao dito Fr. Rodrigo; testemunhas Alvaro Pires, Prior da dita villa, e Joaõ Vaz, e Joaõ Soudo, o moço, e outros: e eu Luiz Rodrigues Tabelliaõ em a dita villa por ElRey nosso Senhor, que esto escrevi, e aqui meu publico final fiz, que tal he.

Num. 579.

DOCUMENTO XXVI.

Auto da posse, que por virtude de hum Alvará delRey Dom Manoel o Provincial desta Provincia tomou da Ermida de Nossa Senhora das Reliquias, e dos bens, que lhe pertenciaõ.

S Aibaõ os que este estromento de posse com hum traslado de hum Alvará delRey nosso Senhor, e por elle assinado, segundo se nelle parecia, dado em publica fôrma por mandado, e authoridade de Justiça virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor JESUS Christo de mil e quatrocentos, e noventa e seis annos, ao primeiro dia do mez de Fevereiro do dito anno em o termo da villa da Vidigueira ao Mosteiro de Nossa Senhora Santa MARIA das Reliquias, estando a hi Braz Luiz, Cavalleiro da casa do dito Senhor Rey, e Contador isso mesmo de sua casa do dito Senhor Rey, parante elle, e em presença de mim Tabelliaõ ao diante nomeado, e das testemunhas, que ao diante são escritas, pareceo ahi o Padre Fr. Rodrigo, digo o Reverendo Padre Fr. Rodrigo de Beja, Bacharel em Theologia, e Provincial em estes Reynos de Portugal, e disse ao dito Braz Luiz, que lhe pedia, e requeria, que por virtude de hum Alvará do dito Senhor Rey, e assim por hum Compromisso, que Pedro Affonso Alfayate lavrador, e sua mulher Margarida Fernandes fizeraõ da terra, em que o dito Mosteiro estava, e a derredor delle segundo era contheudo no dito Compromisso, e isso mesmo por huma Cedula; que Rodrigo Affonso fizera, de que lhe leixara outra terra ácerca do dito Mosteiro, que lhe pedia, que o metessem em posse, e os frades de todo: e logo o dito Braz Luiz mostrou o dito Alvará, do qual o theor he este, que se ao diante segue. (*segue-se aqui o Alvará, que vay copiado na Historia a num. 576; e acabado continúa este Auto dizendo*) e assim apresentado, e mostrado o dito Alvará, logo o dito Braz Luiz em comprimento delle tomou o dito Frey Rodrigo pela mão, e o meteo dentro na Igreja do dito Mosteiro, e o meteo de posse do dito Mosteiro, e disse que elle o metia de posse do dito Mosteiro, de paredes, e pedra, telhas, páos, e terra; e assim da terra derredor, como dentro, o qual Fr. Rodrigo logo disse que tomava posse, e a tomou com campanga, e ferrou as portas sobre si, e disse que tomava posse de tudo o que perten-

tencia ao dito Mosteiro, e o dito Braz Luiz disse, que de tudo lhe dava a dita posse, e mandou a mim Tabellião, que logo fosse meter de posse da terra do dito Rodrigo Affonso; o qual logo fuy meter de posse segundo as clausulas da carta do dito Pedro Affonso, e sua mulher, e da cedula do dito Rodrigo Affonso, e de tudo o dito Fr. Pedro, digo Fr. Rodrigo, pedio este estromento de posse com o theor do dito Alvará; e o dito Braz Luiz lho mandou dar; testemunhas, Affonso Pires Prior da dita villa, digo Alvaro Pires Prior da dita villa da Vidigueira, e Pedro Lourenço Escudeiro, e Nuno Gonçalves, e Ruy Fernandes, e João Vaz, moradores na dita villa, e outros: e eu Luiz Rodrigues Tabellião em a dita villa da Vidigueira por ElRey nosso Senhor, que este estromento escrevi, e aqui meu publico final fiz, que tal he.

Num. 619.

DOCUMENTO XXVII.

Licença, que o Provincial desta Provincia deo para se celebrar a Esritura da instituição da Capella de Brites Nunes na Igreja das Reliquias.

Frey Manoel Tavares Doutor em a Sagrada Theologia Provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Regular observancia nesta Provincia de Portugal, &c. sendo certo do Padre Priol, e Padres do nosso Convento de Nossa Senhora das Reliquias da dita villa, como a muito virtuosa irmã nossa Brites Nunes, dona viuva, tem muito amor, e devação á sobredita casa de Nossa Senhora das Reliquias, e faz muntas caridades aos Padres do dito Convento, não parando nisto sua devação inspirada, e movida pela dita Senhora Nossa das Reliquias, quer, e ordena hora fazer na dita casa, e Convento huma sepultura na Capella de JESUS com obrigação de Missa quotidiana rezada, do que o Padre Priol, e Padres do dito Convento tem mais noticia, e segundo delles estamos enformados, lhe tem aceitado a dita sepultura com as obrigaçoens, que a dita Brites Nunes apontou, a qual sepultura nós havemos por bem aceitada, e nós em nome da Provincia, e do dito nosso Convento a aceitamos, e damos nosso poder, e authoridade ao Padre Priol do dito Convento da tal aceitação, e lhe pedimos muito, e mandamos que tenha sempre muita conta com a satisfação da virtude da dita Brites Nunes, em fé da qual mandámos passar a presente neste nosso Convento do Carmo de Beja, a vinte e sete de Janeiro de seis centos, e oito, e a firmamos de nosso final, e sello manual do nosso officio. Frey Mancel Tavares Provincial.

Num. 643.

DOCUMENTO XXVIII.

Assento, que se fez no livro do Tombo do Convento da Vidigueira, referindo-se hum prodigio de Nossa Senhora.

Aos 30 do mez de Agosto de 1732, sendo Vigario Prior Frey Luiz Pantoja, os moradores desta villa tinhão determinado fazerem festa a Nossa Senhora no dia 31 do mesmo mez: e tendo já armado o throno com quarenta vélas em grandes castiças, e muitos ramalhetes desde a sexta feira de tarde; succedeo haver noticia certa, que tinha falecido hum filho do Senhor D. Nuno, genro do Senhor Marquez de Nisa. E como servissem na Republica alguns dos seus criados, impedirão os festejos a Nossa Senhora, e o mesmo foy impedilos, que no Sabbado 30 do mez cahirem as vélas todas da eminencia do throno, vindo parar ao meyo do Coro debaixo; e depois cahirem os castiças, sem quebrar huma só véla, nem castiçal algum. E tendo-se isto por

por prodigio, tornou-se a pôr a cera, e em quanto se não resolveo a fazer a festa á Senhora, á vista de innumeravel gente, cahião as vélas de forte, que se persuadirão que era milagre: e como se fizesse a dita festa, não cahio mais cousa alguma, como se vio por todo o Domingo, em que esteve o Santissimo exposto. Isto o certifico, e juro *in verbo Sacerdotis*, dia, e anno, ut supra: O Padre Fr. Luiz Pantoja, Vigario Prior.

Numero 667.

DOCUMENTO XXIX.

Carta delRey D. Manoel, pela qual livra de pagar siza, decima, e portagem os nossos tres Conventos, de Lisboa, Moura, e Vidigueira.

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e da lem mar em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, &c. A quantos esta nossa Carta virem fazemos saber, que querendo nós fazer graça, e mercê por esmola aos frades dos Mosteiros da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, que ha em nossos Reinos, a nós praz, que daqui em diante sejaõ escusados de pagar siza, dizima, nem portagem das bestas, e madeiras, e outras cousas, que comprarem, e venderem, e trouxerem de quaesquer lugares, que sejaõ para seus mantimentos, e repairamento dos ditos Mosteiros. E porém mandamos a quaesquer nossos Contadores, Almoxarifes, Recebedores, Officiaes, e pessoas, a que o conhecimento desto pertencer, e esta nossa carta for mostrada, ou o traslado della em publica forma, por autoridade de justiça, que daqui em diante não constrianjaõ os ditos frades, e Convento dos ditos Mosteiros da Ordem do Carmo, nem mandem const ranger que paguem a dita siza, decima, nem portagem das ditas bestas, e cousas sobreditas, que assim comprarem, e houverem mister, como dito he: sómente o faraõ saber aos nossos Officiaes, onde as taes compras forem, para o asentarem em os nossos livros. E qualquer nosso official, ou pessoa que lhe contra isso for, e o assim não cumprir, que encorra na pena dos nossos encoutos de seis mil soldos, que queremos, que para nós paguem por cada huma vez, que lhes contra esto em todo, ou em parte delle forem: os quaes mandamos ao nosso Almoxarife da Comarca, onde esto for, que os recade para nós daquelles, que nelles encorrerem; e o Escrivão do seu officio, que os aslente sobre elle em receita para verem a boa recadação, sob pena de os pagarem ambos das suas casas. Dada em a nossa villa de Setuvel; aos onze dias de Mayo. Francisco de Matos a fez anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e quatro centos, e noventa e seis annos: e este se entenda sómente para as casas do Carmo da Cidade de Lisboa, e Mosteiro de Moura, e de Santa MARIA das Reliquias. REY.

Num. 668.

DOCUMENTO XXX.

Carta delRey D. Manoel, pela qual fez mercê ao Convento da Vidigueira, que podesse possuir todos os bens de raiz, que os Fieis lhe deixassem ate a quantia, que declara.

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves da quem, e dalem mar em Africa, Principe de Castella, e de Leaõ, e de Aragoã, e de Cefilia... &c. Senhor de Guiné. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber, que os frades da Ordem do Carmo, que ora estaõ, e moraõ na Casa de Nossa Senhora das Reliquias, que he a situada a par da Vidigueira, nos inviaraõ dizer, que a dita casa das Reliquias he muito pobre, e casa

e casa nova, que nom tinha outra nenhuma cousa, sómente as esmolas, que lhe davaõ os Fieis Christãos; por quanto era casa de muita virtude, e devoção, por se acrescentar, e se nom diminuir, por se a dita devoção não perder, nos pedirom por mercê, que nos aprouvesse de lhe darmos licença para poderem possuir alguns bens de raiz, que algum devoto, ou devota da dita casa lhos leixasse, ou quizesse dar, assim de pão, como de vinho, e esto para seu soportamento; e nós bendo o que nos elles sopricantes dizer, e pedir enviarom; visto hum prasme com ho passe da Rainha Dona Leonor minha Senhora irmãa, que ora em nossa ausencia tem o regimento, e governança destes nossos Reynos, e Senhorios, havemos por bem, e nos praz darmos licença, como defeito damos aos ditos frades da Ordem do Carmo, que ora estão na dita casa de Nossa Senhora das Reliquias, e aos que pelo tempo em ella estiverem, e a Deos servirem, para que possaõ haver, e receber para a dita casa, e em nome della quaesquer bens de raiz per qualquer titulo, que seja, ou por doação, ou por via de testamento, ou por titulo de compra, e esto sómente até tanta somma de bens, os quaes possaõ render, e rendaõ contia de quatro, ou cinco mil reis em cada hum anno, para ajuda do soportamento dos ditos frades, que em ella estiverem, a quem a dita soma, e renda forem dados, ou leixados por qualquer titulo que seja, a dita casa, e frades della possaõ ter, haver, possuir para sempre sem briga, nem embargo que lhes sobre elles seja posto, ou feito, sem embargo da Ordenação, ou qualquer outra defeza em contrario; o que lhes fazemos, e outorgamos por esmola com tal condição, e entendimento, que se os bens de raiz que á dita casa, e frades forem dados, ou leixados, ou por outro qualquer titulo por ella adquiridos até a dita soma de bens, contia de quatro, ou cinco mil reis de renda sómente por cada hum anno, forem tributarios a nós, ou a foro obrigados, que passem á dita casa, e frades della com o tal tributo, ou foro para sempre, assim que a casa, e frades della pagariaõ o foro, e tributo a nós, ou ao senhor, que de nossa mão a terra, ou terras houver sem diminuição alguma. E para esto bir a boa arrecadação, os ditos frades faraõ registar esta nossa carta no livro dos proprios do dito Almoxarifado: e bem assim faraõ escrever os bens, que por virtude desta nossa licença houverem, para se a todo o tempo saber se tomaraõ mais daquelles, para que lhe damos esta licença; e bem assim se os ditos bens nos forem obrigados a algum foro, ou tributo, o pagarem directamente, como dito he. Porem mandamos a todas as nossas justiças, e quaesquer outros officiaes nossos, a quem esto pertencer, que sobre esto lhe nom possaõ duvida alguma, e lhes deixem lograr, e possuir os ditos bens, como dito he, porque assim he nossa mercê; e em testemunho dello lhe mandamos passar esta nossa carta dada em a nossa Cidade de Lisboa aos seis dias do mez de Julho. El Rey, e Principe o mandou pelos Doutores Fernam Rodrigues, Adayaõ de Coimbra, e do seu Conselho, e Gonçalo de Azevedo, ambos seus Dezembargadores do Paço. Francisco Dias a fez anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de 1498 annos, &c.

Num. 669.

DOCUMENTO XXXI.

Carta del Rey D. Manoel, pela qual deo licença ao Convento da Vidigueira para comprar huma herdade, que rendesse hum moyo de trigo.

DOm Manoel por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, da quem, e da lem, mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, navegação, e comércio, da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber, que a nós praz dar lugar, e licença por fazer mercê, e esmola ao Mosteiro de Nossa Senhora das Reliquias, ue o Prior, e frades do dito Mosteiro possaõ comprar, e comprarem sem em

embargo da nossa Ordenação, huma herdade: que renda hum moyo de trigo para suportamento da dita casa. E por segurança dello mandamos passar esta por nós asinada, e sellada do nosso sello pendente. Dada em Lisboa aos doze dias de Dezembro. Joaõ Paes a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor JESU Christo de mil, e quatrocentos, e noventa e nove annos. ElRey,

Num. 670.

DOCUMENTO XXXII.

Alvará delRey Filippe II. de Castella, pelo qual nos manda dar os mantimentos, ainda que não estejam almotaçados

EU ElRey faço saber a vós Juizes, Vereadores, Almotaceis, e a quaesquer outros minitros, e Officiaes de justiça da villa da Vidigueira a que este Alvará for mostrado, que Eu hey por bem, e me praz por mo inviar pedir por sua petição o Provincial da Ordem de Nossa Senhora do Carmo deste Reyno de Portugal, que quando por parte do Prior Religiosos do Mosteiro da dita Ordem, que está na dita villa, se pedir nos açougues, e praças della carne, pescado, e todas as mais cousas, que forem necessarias para sustentação dos Religiosos, e familiares do dito Mosteiro, lhe deis, e façaes dar com toda a brevidade tudo o de que tiverem necessidade, de maneira que não tenham razão de se aggravar: e quando a dita carne, pescado, e mais mantimentos não estiverem ainda almotaçados pera se poder vender ao tempo que por parte do dito Mosteiro for pedido, mando a qualquer pessoa que dos ditos mantimentos tiver cargo, que logo para o dito Mosteiro dê tudo o que lhe delles for pedido, e houverem misto, posto que ainda não esteja almotaçado, deixando hum penhor pera depois pagarem pelo preço que lhe for posto: e não o comprindo assim qualquer almotace, carnicheiro, ou outra pessoa a que pedirem a carne, pescado, ou outra cousa, encorrerão cada hum em pena de dez cruzados, ametade pera os cativos, e a outra ametade pera quem acusar, e mando ao Corregedor da Comarca da Cidade de Evora, que aggravando se os ditos Prior, e Religiosos de lhe não darem os ditos mantimentos, lhos fação logo dar, e com effeito fazer execução pela dita pena nas pessoas que nella encorrerem, e todos cumpraõ, e guardem, e fação cumprir, e guardar este Alvará como se nelle contém; porque por fazer mercê por esmola aos Religiosos do dito Mosteiro o hey assim por bem, e este me praz que valha, e tenha força, e vigor, posto que o effeito delle haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação em contrario. Francisco de Paços o fez em Lisboa a nove de Outubro de M. D. LXXXXVI Joaõ da Costa o fez escrever. Rey.

Num. 672.

DOCUMENTO XXIII.

Mercê do II. Conde da Vidigueira D. Francisco da Gama, para que o gado do Convento daquella villa podesse pastar nas cabeças: e juntamente o Termo da aceitação da Camera.

EU o Conde Almirante &c. mando aos Juizes, e Procurador do Conselho da minha villa da Vidigueira, que deixem andar, e pascer o gado de Nossa Senhora das Reliquias nas cabeças, termo desta villa, sem por isso serem acoimados, nem lhe ser levada pena, como por postura he constituido; e porque a sy houve por bem, asiney este na minha quinta de Palhaes. Felippe Rebello o fez a tres dias de Janeiro de mil e quinhentos e trinta e nove, e isto se entenderá quoando nom for coimeiro aos bois: El Ho Conde Almeida.
Tom. II. Kkk ran-

rante= Aos quatorze dias deste mez de Janeiro de mil, e quinhentos; e trinta e nove annos em esta villa da Vidigueira em o Conselho della, por parte dos Padres de Nossa Senhora das Reliquias foy apresentado este Alvará do senhor Conde Almirante nosso senhor a Lançarote Rodrigues, Juiz ordinario em a dita villa, e a Lourenço Rodrigues, e Pedro Dias, Eitevam Carasco, Vreadores em a mesma villa, Juizes Vreadores o viraõ, e me differam que se comprisse em todo segundo lhe bem asy era mandado. E eu Gaspar Fernandes Escrivão da Camera pelo dito senhor em esta villa o escrevi.

Num. 673.

DOCUMENTO XXXIV.

Confirmação do III Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, para que em virtude do Alvara de seu pay, o gado do Convento daquella villa podesse pastar nas cabeças: e juntamente o Termo da aceitação da Camera.

DOm Vasco da Gama Almeirante, digo Conde da Vidigueira Almeirante das Indias, &c. hey por bem, e me praz de confirmar ho alvará a tras do Conde Almeirante meu senhor que está em gloria, e por este hey por bem que hos Padres de Nossa Senhora das Reliquias possaõ trazer os seus carneiros nos Olivaes das cabeças desta villa da Vidigueira, todo o tempo em que não houver novidade, sem lhe serem emcoimados, nem feito nenhum delaguifado; e por este mando aos juizes desta minha villa da Vidigueira, que agora são, e ao diante forem, que este guardem, e fação inteiramente cumprir, e guardar como se nelle contém: e se alguma pessoa lhes acoimar os ditos carneiros, não sendo tempo de novidade, pague quinhentos reis, ametade para quem o accusar, a outra ametade para os cativos; e comprio asy, e al não faças. Affonso Soares da Fonseca o fez na Vidigueira ho derradeiro de Janeiro de mil e quinhentos, e setenta annos: farisea termo de notificação deste abaixo= Ho Conde Almeirante= Foy este Alvará apresentado em Camera o primeiro dia do mez de Fevereiro de mil, e quinhentos, e setenta annos a João Rebeiro, Gaspar Rebello, juizes em esta villa, e os Vreadores Luiz Martins, Joseph Luiz, e Balthazar Rodrigues procurador do Conselho, sendolhe notificado, e verdadeiro ser, mandaraõ que se comprisse, Gaspar Rodrigues Escrivão o escrevi, fica registado no livro da Camera desta villa.

Num. 677.

DOCUMENTO XXXV.

Provisão do mesmo Conde Almirante D. Vasco da Gama, pela qual manda com pena pecuniaria aos Vereadores da Camera, que guardem o Privilegio concedido ao gado da Vidigueira para pastarem nos lugares já nomeados: a qual provisão foy pelo mesmo senhor mandada intimar aos Vereadores, como consta do Termo do Escrivão.

DOm Vasco da Gama Conde da Vidigueira Almeirante das Indias, &c. por me fazerem queixume os Padres de Nossa Senhora das Reliquias, que lhes traziaõ hos seus carneiros ao curral do termo desta minha villa da Vidigueira, tendo elles Provisão dalçada para os ditos carneiros poderem pastar no dito termo desta minha villa da Vidigueira, e outros Alvarás de meu pay que está em gloria, do que são avexados em lhe não guardarem a droyzaõ que tem d'alçada; mando, que toda a pessoa, que lhos troucer ao cur-

curral não fazendo damno algum, pague quinhentos reis, ametade para os cativos, e a outra para quem o acular: e mando ao Escrivão da Camera, que notifique esta aos juizes, e Vereadores desta dita minha villa, para que a cumprão, e guardem inteiramente, como se nella contém, feita na Vidigueira, a dezaseis dias do mez de Janeiro, Manoel Paçanha a fez, de mil, e quinhentos, e setenta e sete. Ho Conde Almeirante. Aos trinta e hum dias do mez de Janeiro de mil, e quinhentos, e setenta, e sete annos, nesta villa da Vidigueira no paço do Conselho della, estando em Camera Manoel Rodrigues e João de Borba; Juizes ordinarios, e Jorge Pereira, e Estevão Lopes Vereadores, e Luiz Lopes procurador do Conselho, todos em esta villa, pelo senhor Conde Almeirante nosso Senhor, lhe notifiquey eu Christovão Esteves Lourenço, Escrivão da Camera pelo dito Senhor em dita villa; a provisão atraz do dito Senhor, e aly toda de verbo averbo, aos ditos Juizes Vereadores, procurador, assim, e da maneira, que se nella contém, e por tudo passar na verdade fiz a presente no dito dia, mez, e anno asima dito, e affiney de meu final razo, e costumado. Christovão Esteves Lourenço.

Num. 678.

DOCUMENTO XXXVI.

Confirmação de D. Francisco da Gama IV. Conde da Vidigueira.

Hey por bem confirmar este Alvará do Conde meu senhor, que Deos tem, em quanto eu houver por bem não mandar o contrario, e com declaração, que serão obrigados a pagar todos os damnos como forem estimados: em Lisboa o primeiro de Março de mil, e seis centos, e quatro. André Garcia de Alfaro a fez. O Conde Almeirante.

Confirmação de D. Vasco Luiz da Gama V. Conde da Vidigueira, e I. Marquez de Nisa.

Hey por bem confirmar este Alvará do Conde meu senhor, que Deos tem, em quanto o houver por bem, e não mandar o contrario, com declaração, que serão obrigados a pagar todos os damnos conforme forem estimados; em Lisboa vinte e seis de setembro de seis centos, e trinta e seis. Manoel Pedroso a fez. O conde Almeirante.

DECLARAÇÕES
necessarias.

Num. 10.

EM pontual observancia da disposição do primeiro Capitulo Provincial da nossa Provincia Portugueza, sempre neste Real Convento de Lisboa se cantou Missa Solemne de Santo Apolinario Bispo, e Martyr no seu dia, que he o de 23 de Julho, com assistencia da Communidade à Hora de Terça; porque, como Missa de Anniversario, instituida em acção de graças pela felicidade do dito Capitulo, e juntamente em memoria da liberal doação, que o Santo Condestavel na mesma occasião nos fez deste dito Convento, quizerão os nossos Mayores, que a tal Missa fosse naquelle dia a Conventual. E porque poderá occorrer (como aconteceu neste anno de 1750) a Vigilia do Apostolo Santiago no mesmo dia, he preciso sabêr-se, que em tal caso a Missa da Vigilia se deve cantar depois de Prima, e a de Santo Apolinario á Hora de Terça, com a solemnidade, com que os nossos Predecessores a praticarão no dilatado espaço de 326. annos, que tantos se contaõ desde o de 1423, no qual se fez aquelle assento em Definitorio.

Num. 23

FAllamos aqui do Fidelissimo Rey D. Joaõ V, que ainda vivia, quando este segundo Tomo da nossa Chronica se imprimio. O aviso que nos fez para usarmos dos nossos Ritos, conformandonos com os nossos usos antigos, asseguraõs na aquellas Leys (das quaes fizemos memoria no num. 17) consta do livro da Provincia, que serve neste anno de 1750, a folhas 75; e o assento que então se fez por ordem do Definitorio, assim como tambem a confirmação do mesmo Definitorio se achão por extenso no fim da nossa *Dissertação*.

Num 608.

DEpois de escrito, e impresso o presente Volume, fazendo-se diligencia para se saber o estado, em que se achavaõ os bens do Veneravel Padre André Coutinho, distribuidos na villa da Vidigueira, consta que tiverão descaminho, e que se não executou em tudo a vontade daquelle Santo Varaõ. Por sua morte houve huma grande perda no patrimonio que elle possuira na vida, mas sempre conservamos intactas, e illezas as preciosidades, que nos entregou em desempenho da sua gratidão com a Santissima Senhora das Reliquias: e ainda que os ditos bens, por serem caducos, não tiverão permanencia; sempre o dito Padre se faz merecedor de hum universal applauso; porque a vontade para a distribuição de tantas obras pias, foy sua; e as falencias do seu cabedal procederão das inconstancias do tempo, e contingencias da fortuna. Outras declaraçoens pertencentes á mesma Historia, não se achão escritas neste lugar, porque o tem mais proprio no Prologo da mesma Historia, e na *Dissertação Apologética*, que por causa do seu heroico assumpto, e da sua inevitavel diffusão, offerecemos em volume distincto.

F I M.

IN-

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS.

O numero mostra o paragrafo.

A

A *Chilles* Estação donde era natural, 566.

Atas de Fr. Valerio Ximenes de Embun para o Convento de Colares, 231. Do Reverendissimo Vilalobos. Ibid.

D. Affonso V. Rey de Portugal, nosso Protector, 77. solicita dispensa para casar com sua prima, 91. 92. Nomea seu Ministro do Expediente a D. Fr. João Manoel, 102. e seu Capellaão mór, 103. Mestre que teve, 482. Quando faleceo, 109.

D. Affonso. filho de El Rey D. João I, aonde está sepultado, 48.

D. Affonso Marquez de Valença; Senhor de Colares, 153.

D. Affonso Conde de Barcellos, quanto estimou a D. Fr. João Manoel, 98.

Doutor Fr. Affonso de Alfama Presidente do primeiro Capitulo Provincial, 3. Eleito Provincial, 5. Pratica feita *Ad fratres*, 11. Lançou o Santo Escapulario á Rainha D. Filippa, 50. Quando, e aonde nasceo, 65. sua grande sciencia, Ibidem. Eleito Vigario Geral, 66. Tempo que governou, 67. Director de El Rey D. João I, Ibid. Obras, que escreveo, e imprimio, 68. Sua morte, 69. Escriitores, que fallaõ delle. Ibid.

Affonso Esteves Perdigaõ. Que doação lhe fez o Santo Condestavel, 556.

Fr. Affonso Leitaõ. Vide Fr. Affonso de Alfama.

Affonso Perdigueiro. Que doação nos fez na Vidigueira, 579.

Aforamento do Estreito do lugar da Amora, 519. O do moinho de Corroyos, 542. Manda El Rey D. Manoel, que se não afõre mais, 546.

Agua benta de Santo Alberto, que se reparte na Vidigueira, 644. As da repartição do Convento de Colares, 213. A da cerca do mesmo Convento 214.

Fr. Ayres da Sylva, eleito Definidor, 7. Prior do Convento de Moura. Ibid. Sua morte, 70.

Alagamar etymologia de Galamares; 147.

Alconchel. Os senhores de Alconchel donde procedem, 125.

D. Aleixo de Menezes Arcebispo de Braga, quanto estimou ao nosso V. Fr. Estevoão da Purificação 436.

Alfayates, monte da Vidigueira, 568. Nelle appareceo N. Senhora. Ibid.

Alquimin, antigo nome da rua dos ourives da prata, 504.

Alvará de El Rey D. Affonso V. a nosso favor, 77. De El Rey D. Manoel para possuirmos a Ermida de N. Senhora das Reliquias, 576. De D. Vasco da Gama a favor da conservação do gado, 677. Do Arcebispo de Lisboa sobre os nossos peditorios, 247. De El Rey D. Manoel sobre o moinho de Corroyos, 546.

D. Fr. Alvaro Bispo de Silves, 60. Em que Convento professou, 61. Quando foy eleito, 62. Escriitores que delle fallaõ. Ibid. o que delle escreveo Fr. Diogo Coria, 63. Sua grande liberalidade, 64.

Fr. Alvaro de Esforva. Eleito Prior do Convento de Lisboa, 115. Sua rara economia, 464.

Amaro Fernandes Corregedor, que demarcou a Serra de Cintra, 236. Conta, que deu a El Rey D. João III. 238.

O Padre André Continho nosso bemfeitor, 583. Concorreo para o culto de N. Senhora, 590. Aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 601. Generosidade

de, com que dotou a sua Capella da Conceição, 602. Que motivo teve para lhe augmentar as rendas, 603. Seu Testamento. Ibid. Quando faleceo, 609. Seu corpo incorrupto, 610. Prodigio, que nelle obrou Nossa Senhora das Reliquias, 625, e seg. Seu agradecimento, 629, e seg. Relicario precioso, que nos deu, 646.

André Lopes Pinto, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem 657.

Fr. Angelo Pereira Bispo de Martyria, quanto estimou ao V. Fr. Estevão da Purificação, 273.

Santa ANNA Orago do nosso Convento de Colares, 145. Vide Convento de Santa Anna.

Doutor Fr. Antão da Madre de Deos. Sua morte, 133.

Antifona Stella coeli canta-se depois de Prima, 17.

Fr. Antonio de Almeida, quando prégou na Vidigueira, 561. Quando faleceo. Ibid.

Fr. Antonio Baptista. Prior do Convento de Colares, 227.

V. Fr. Antonio das Chagas, donde era natural, 566.

Padre Antonio Colaço da Companhia de Jesus, donde era natural 566.

V. Antonio de Deos, donde era natural, 566.

Antonio Dias favorecido do V. Padre Fr. Estevão da Purificação, 429.

M. Fr. Antonio do Espirito Santo Provincial, que foy desta Provincia, 221.

O P. Antonio Gomes fez huma experiencia no corpo do V. Fr. Estevão da Purificação, 443.

Fr. Antonio Homem, discipulo do mesmo V. Padre, 315.

Fr. Antonio da Luz, tambem seu discipulo, 315.

Antonio de Mello de Castro Vice-Rey da India, aonde jaz sepultado, 199.

Antonio Rodrigues Cotel pay do V. Padre Fr. Estevão da Purificação, 263.

O que lhe succedeo a respeito de huma fiança, 264. Caridade com hum pobre 265.

Antonio Rodrigues da Rocha, aonde foy sepultado, 203.

Antonio Trancozo Correa, aonde está sepultado, 206. Mausoléu, que mandou fabricar para o Veneravel Padre Fr. Estevão 452.

S. Apolinario. Memoria, que delle se fez no primeiro Capitulo Provincial, 10.

Apparição da milagrosa Imagem de N. Senhora das Reliquias, 568. A do V. Frey Estevão a hum escravo Mouro já convertido 447.

Appellação para Tribunaes seculares nos he prohibida 498.

Armas, de que usou o Bispo D. Fr. João Manoel, 115.

Assento, que se fez sobre hirem os filhos desta Provincia estudar ás Universidades, 9.

Atalaya. Vide *Condes da Atalaya*.

Athem. No Collegio de Nossa Senhora de Athem, foy Lente de Prima o Padre Mestre Frey João Sobrinho, 476.

Azeite multiplicado por virtude de Fr. Gonçalo, 691.

B

D *Om Fr. Balthazar Limpo*, Bispo do Porto, 241. Alvará, que conseguiu para o Convento de Colares, 242. Vay a esta Villa, e a que fim, 243.

Bartholomen da Fonseca Figueirôa, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 614.

Fr. Bartholomen de Moraes, quando faleceo, 551.

Reverendissimo Baptista Mannano, eleito Geral da Ordem, 539.

Benção da Mesa. Quando tiverão principio os versos, que se dizem no dia, e oitavario de Natal, 491.

Boca da Mata. Vide *Sesmaria*.

Bulla do Papa Eugenio IV. em que nos mitigou a Regra, 25. A de Sixto IV. contra a perpetuidade do governo, 132. A Bulla *Mare magnum*. Ibid.

Braços abertos depois da elevação do Calix, 17.

Braz Annes contendeo sobre o nosso moinho, 514. Como foy julgada a causa, 515.

Fr. Braz Camelo, quando faleceo, 80.

Braz Correa, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem.

Breve do Papa Paulo III. sobre a mudança do nosso Convento de Santa Anna

Das cousas notaveis.

447

- Anna de Colares, 188. Do Papa Julio II. para se não aforar o moinho de Corroyos, 544.
- Breviario*, pelo qual rezava a Rainha Dona Filippa, 49. O que publicou o B. Fr. João Soreth, 135. Admitido entre nós, 139. O de que usava a Provincia, 137. Quando começou o uso do Breviario Romano em Portugal, 141. O de Sarisburi, *Ibid.* Os antigos da Provincia, 142.
- D. Brites* Infanta, favoreceo a Braz Annes, 516. O que a favor delle conseguiu dos nossos Prelados. *Ibid.* Por sua intervenção nos foy dada a Ermida de Nossa Senhora das Reliquias, 575.
- D. Brites* mulher do Infante D. Fernando teve o dominio de Colares, 154. Mercê, que fez ao Padre Fr. João Namorado, 173. e ao nosso Convento de Santa Anna, 174. 517.
- Brites Nunes*, onde está sepultada, e seu epitafio, 617. Suas virtudes e merecimentos, 618. Sua Capella, 620, e seg.
- Brites Vaz*, aonde jaz sepultada, e que epitafio tem, 204.
- D. Brites de Vilhena* Condeessa da Vidigueira, 560. Imagem milagrosa, que deu. *Ibid.* Quanto amava ao Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 723.
- C**
- Abo da Rocha*. Sua fertilidade, 191.
- Caetano de Mello e Castro*, Vice-Rey da India, onde jaz sepultado, 199.
- Calix*. Seu provimento antes da Missa, 17. Hum precioso do Convento da Vidigueira, 655.
- Camera* da Villa de Colares contendeo com o nosso Convento de Santa Anna, 241.
- Camiza*, que o Veneravel Fr. Estevoão deu de esmola a hum pobre, 361. a que lavou de outro pobre, 362. As de que usava, 389.
- Candelabro*, que se conserva no meyo do nosso Coro, 17.
- Capella*, em que o Veneravel Fr. Estevoão foy sepultado, 448. De S. Vicente Martyr na Basilica de Santa Maria, 59. De Nossa Senhora do Pranto deste Convento de Lisboa a quem foy dada, 112. A do Padre André Coutinho na Vidigueira, 600. A dos Morenos no mesmo Convento, 660. Descrevem-se as da nossa Igreja de Colares, 193, e seg. A da Conceição na cella do Veneravel Fr. Estevoão, 208. Descrevem-se as do nosso Convento da Vidigueira, 592, e seg.
- Capellinho*. Quando, e por quem foy instituida a Irmandade do Capellinho, 33.
- Capitulo Provincial*. O primeiro desta Provincia, 1, e seg. O segundo da Provincia, 73. O terceiro, 78. Outros em varios tempos, 458. 485. 495. 501. 506. 511. 525. 535.
- Caridade* extremosa do nosso Veneravel Fr. Estevoão, 358, e seg. A de outro Religioso nosso 71, e 72. A do Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 725.
- Caridade*. Tratamento dos nossos Novicos, e Irmãos, 80.
- Carmelitas*, destinados Coadjuutores dos Apóstolos, 1. Festa da *Divisão dos Apóstolos*, da qual rezavamos. *Ibid.*
- Carta*. A de El Rey D. João III. sobre a demarcação da Serra de Cintra, 236. A do Conde de Barcellos, em que louva a D. Fr. João Manoel, 100. Varias do Veneravel Padre Fr. Estevoão da Purificação desde o num. 276. até 411.
- Casal da Torre*, chamado tambem de Miguel Joannes. Quem nos fez delle doação, 103. 176. 180. 537. Primeiro assento do Convento de Colares, 155.
- Casos raros*. O de hum Ermitão, 318. O que succedeo a Tristão Barbosa, 327. O que aconteceu ao Veneravel Fr. Estevoão, 399.
- Castello*. O da Villa de Colares Vide Compa. O da Villa da Vidigueira, 565.
- D. Catharina de Ataide* favorecida de Nossa Senhora das Reliquias, 631. Com quem foy casada, e que descendencia teve, 636.
- Cella* do Veneravel Fr. Estevoão. Suas alfayas, 388.
- Cera*. Que prodigio succedeo com a do Throno da nossa Igreja da Vidigueira, 642, e seg.

Cerca

- Cerca.* Descreve-se a do nosso Convento de Colares, 213, e seg. A do nosso Convento da Vidigueira, 664, e seg.
- Ceremonial.* O primeiro, de que usou esta nossa Provincia, que descaminho teve, 138. Quem traduzio o nosso em Portuguez, 536.
- Ceremonias,* que usamos na Missa, 17. A que applaudo ElRey D. Joao I. 54.
- China.* Qual foy o primeiro Sacerdote, que se ordenou neste Estado? 601.
- D. Christovão da Gama* Martyr de Zeila, donde era natural? 566.
- Reverendissimo Fr. Christovão Marrignono.* Recorre ao Papa por occasião de discordias, 131. Quanto era attendido, 132. Presidio no Capitulo Geral, 485.
- D. Fr. Christovão Monz* Bispo de Reona. Sagrou a nossa Igreja de Colares, 205. Eleito Prior do Carmo de Lisboa, 541.
- Claustro.* O antigo do Convento de Lisboa, quando se fez, 113. Descrevem-se os do Convento de Colares, 206. e seg. O do Convento da Vidigueira, 656.
- Colares* Villa famosa. Sua descripção, 146. Sua etymologia, 149. Fundação do seu C stello, 150. Quem lhe deu foral? 151, e seg. Suas Armas, 154. Sua Parochia, 152. Os Senhores desta Villa, 153. Mercês feitas aos seus moradores, 154.
- Colir.* Nome do Castello de Colares, 149. Sua fundação, 150.
- Commemoração solemne.* Festividade dedicada a Nossa Senhora, 1.
- Compa.* Condesa de Compa edificou o Castello de Colares, 149.
- Condes de A'aya.* Sua alta ascendencia, 125, e seg.
- Condestavel.* Vide B. D. Nuno Alvaes Pereira.
- Confraria* dos Irmãos do Santissimo Sacramento de Colares, contendeo com os nossos Religiosos, 249, e seg. Sua decisaõ, 254.
- Congregação em Rupecula,* em que anno foy celebrada, 497.
- Fr. Constantino Pereira* Fundador do Convento de Colares, 160, e seg. Eleição, que delle se fez, 161. Sesma-ria para a sua nova fundação, 164. Primeira Ermida, que alli fundou, 167. Quando faleceo, 133. 169.
- Constituições* da Ordem traduzidas em Portuguez, 536. Prohibem aos Religiosos o recurso para Tribunaes seculares, 499.
- Contenda.* A que tivemos com Duarte Brandão sobre o moinho de Corroyos, 542. A que teve a Camera de Colares com o nosso Convento, 241. A que teve a Cómunidade com hum Parocho, 248. A que teve com a Confraria do Santissimo Sacramento, 249. sobre o acompanhamento da Procissão do Corpo de Deos, 250, e seg. A que tivemos com outro Parocho, 259. Outra com Joao da Rocha sobre o moinho da Amora, 520.
- Convento.* Os que tinha a Provincia, quando se celebrou o primeiro Capitulo, 2. O de Lisboa desde quando se chamou Real; 77. O de Santa Anna de Colares, 114 144, e seg. Quem fundou o de JESUS de Setuval, 124. O dos Religiosos Capuchos da Vidigueira, 562. O nosso da Vidigueira, quem lhe lançou os primeiros fundamentos, 521. Como foy fundado, e aonde, 580, e seg. Sua descripção, 591, e seg. suas isenções, 667, e seg. Casa de estudos, 680.
- Conversão* de hum Mourço por virtude do Veneravel Padre Frey Estevo, 445, e seg. A de hum Turco por intercessão do Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 733.
- Coroa de espinhos* do Senhor. Quando teve principio a sua festividade nesta Provincia, 500.
- Fr. Cosme dos Santos* Prior do Convento de Colares, 217.
- Coteis.* Trabalhos, que esta Familia padecio na Villa de Moura, 347.
- Cruzes.* Como as venerava o Veneravel Fr. Estevo, 408, e seg. Reprehe- deo a huns Religiosos, que benzen- do-se não fazião bem as Cruzes, 409.
- Custodia* magnifica do Convento da Vi- digueira, 655.

Das cousas notaveis.

449

D

Decretos O donosso Bispo Provincial sobre a aceitação de hum novo Breviario, 136. 143. O que se publicou na Provincia sobre o recurso para os lugares, 497. Outro contra os que recorressem aos Juizos seculares, 498. Outro contra os que revelassem os segredos da Religião, 527.

Definidores, que foraõ eleitos no primeiro Capitulo Provincial, 7.

Defuntos. O que se observa no modo de os sepultar, 17, e nas procissões. Ibid. Caridade, que com elles teve o Veneravel Padre Fr. Estevão, 383.

Demonia. Como perseguição, e deixou livre a casa de Tristão Barbosa, 327, e seg.

Despenheiro. Nome, que teve por antonomasia hum Religioso nosso, 71.

Dinheiro. Quanto o aborrecia o virtuoso Fr. Gonçalo, 705.

D. Diniz, Infante de Portugal, prezo em Castella, 40. Mal aceito do Mestre de Aviz. Ibidem.

Fr. Diniz Botelho, quando faleceo; 505.

D. Diniz de Mello de Castro Bispo de Leyria, e Regedor, conseguiu a posse do Castello de Colares, 152. Nelle edificou hum Palacio. Ibid. conseguiu o padroado da Capella mór do nosso Convento de Santa Anna; 196. Seu epitafio, 197.

Fr. Diogo de Colares, eleito Provincial, 187.

Fr. Diogo Gil. Definidor da Provincia, 7. Segundo Prior do Carmo de Lisboa. Ibid. Que tempo exercitou este lugar, 24. Eleito Provincial, 73. Seu elogio, Ibidem. Quando faleceo; 80.

Fr. Diogo de S. Joseph, discipulo da doutrina do Veneravel Fr. Estevão, 315.

Fr. Diogo Namorado, quando faleceo; 510.

Fr. Diogo Raposo, quando faleceo, 70.

Dispensa. A do Papa Eugenio IV. para o casamento de El Rey D. Affonso V; 92. Para o casamento do Infante D. Fernando 97. Para podermos comer carne, 466.

Tom. II,

Divisão dos Apostolos. Festividade, da qual antigamente rezavamos, 1.

Doação da Capella de Nossa Senhora do Pranto a Gil Ayres Moniz, 112. A que nos fizeraõ Sebastião Vaz, e sua mulher, de huma sefmaria, 164; e seg.

Doentes. Como eraõ tratados do Ven. Padre Fr. Estevão, 368.

Dom, foy conferido ao Mestre de Aviz sendo illegitimo, e naõ tendo titulo, 37. A que o concedeo El Rey D. João III, 124.

Doming e Leitaõ. Que prodigio lhe succedeo por virtude do Veneravel Padre Fr. Estevão, 444.

Dormitorios. Descrevem-se os do nosso Convento de Santa Anna, 212. Os do Convento da Vidigueira, 663.

D. Duarte Rey de Portugal honrou ao Doutor Fr. Affonso de Alfama, 6. Sua morte, 76. Que tempo reynou, 77.

Duarte Brandaõ contendeo com o Convento de Lisboa sobre o moinho da Corroyos, 542.

Duarte de Negreiros Botelho, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 658.

E

Santo Elias nosso Patriarca. Em que dia aconteeo o seu maravilhoso rapto, 1.

Embaixada de D. Fr. João Manoel a Roma, 91, e seg.

Enfermidade, de que foy milagrosamente livre D. Catharina de Ataide, 631.

Enfermos, com que caridade os tratava o Veneravel Padre Frey Estevão, 368, e seg, e o Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 726.

Epitafio de Pedro de Castro Senhor de Ferreira, 198. De Frey Manoel de Mello, 197. De D. Nuno Manoel, 85. De D. Diniz de Mello e Castro Bispo de Leyria, 197. Do Padre Pedro Lopes Pinto, 559. De D. Frey João Manoel, 117. Do Veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação, 211. De D. Vasco da Gama, 595. De D. Francisco da Gama, Ibid. De D. Estevão da Gama, 596. De D. Vasco Luiz da Gama primeiro Marquez de Niza, 597. Do Padre

LII

- dre André Coutinho, 601. De Margarida Rodrigues, sua mãy, 605. De Bartholomeu da Fonseca de Figueirôa, 614. Do Padre Jorge Dias, e de Pedro Cabral Cavalleiro, *Ibid.* De Isabel Rodrigues Saramaga, 616. De Brites Nunes, 617. De João Sabolinho, 621. De Marcos Antonio da Serra. *Ibid.* Do Desembargador André Lopes Pinto, 675. De Duarte de Negreiros Botelho, 658. De Lourenço Moreno, 659. Da Veneravel Irmã Ignez Fernandes, 661. Do Veneravel Fr. Gonçalo da Madre de Deos, 716.
- Ermida.* A de Santo Alberto da cerca do Convento de Colares, 215. Outra da mesma cerca, 220. A que se edificou para Nossa Senhora das Relíquias, 572, e seg. Como della tomamos posse, 578. seus vestígios, 664. A de Santa Luzia da cerca do Convento da Vidigueira, 665.
- Ermitão.* Casal, que succedeo a hum, 318. Outro do monte Sinay, 322.
- Erros,* em que cahio Manoel de Faria e Sousa, 121.
- Escapulario.* Em que dia nos trouxe do Ceo a Mãy de Deos, 1. Devoção com que o recebeo a Rainha D. Filippa, 50. Tambem ElRey D. João I. 54. Fé, que tinha nelle o Veneravel Padre Fr. Estevão, 432.
- Escravo.* Hum que o Veneravel Padre Fr. Estevão castigava, e de que modo, 375. Como foy delle assistido em huma doença de que morreu, 377. Outro, que se converteo á nossa Santa Fé, 445. Outro, que se converteo por virtude do Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 732.
- Esmola.* A que fez o Veneravel Padre Frey Estevão de huma sua camiza, 361. Seus effeitos, 367.
- Estatutos.* Os da Collegiada de Ourem, por quem forão feitos, 114. Os primeiros da nossa Recoleta de Colares, 226. sua Confirmação, 229, e seg. Outros chamados Estatutos novos, 231.
- Estreiro.* do lugar da Amora aforado, 519. Consequencias delle, 520.
- O Padre Estevão André. O que lhe succedeo com o Veneravel Padre Fr. Estevão, 372, e seg.
- Estevão Annes* da Zibreira, lavrador do Casal da Torre, 159.
- D. Estevão da Gama,* aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 596.
- Fr. Estevão de Jesus,* quando faleceo, 510.
- Veneravel Padre Fr. Estevão da Purificação.* Aonde nasceo 263. Da sua vida tratamos com a diffusão necessaria desde este numero de 263. até o de 457. E porque á margem dos paragrafos se poem o argumento, que nelles se contém, alli poderão ver os Leitores com distinctão, as materias, que desejarem, e tambem no Index dos Capitulos.
- Fr. Estevão da Ressurreição,* quando faleceo, 551.
- Fr. Estevão Rodrigues,* eleito Definidor, e Sancristão mór do Carmo de Lisboa, 7. Eleito Prior do mesmo Convento, 24. Segunda vez eleito Prior, 75. Sua morte, 80.
- Fr. Estevão da Sylva,* quando faleceo, 500.
- Eugenio IV.* Papa, mitigou a nossa Regra, 25. Nomeou a D. Fr. João Manoel Provincial, e Prior deste Convento de Lisboa, 82. Que estimação fez delle, 91, e seg. Privilegios, e graças, que lhe concedeo, 102.

F

F *Ermoselhe.* Os Senhores de Fermoelhe, donde procedem, 125.

D. Fernando Infante de Portugal, dispensado para casar, 97. Amizade, que teve com D. Fr. João Manoel, *Ibid.* e 105.

D. Fernando, Duque de Bragança, que mercê nos fez, 113. Quando faleceo, 489.

D. Fernando Arcebispo e Lisboa, como nos favoreceo para os peditórios, 247.

D. Fernando Marquez de Villa viçosa, Senhor da Villa da Vidigueira, 556.

Fr. Fernando de Santa Maria, eleito Provincial, 460. Sua rectidão no governo, e dote particular, 461.

Fernão Lopes de Azevedo, Embaixador em Roma, 92.

Fessa. A do Corpo de Deos da Villa de Jarmello, quando teve principio,

109. A principal do Convento de Santa Anna de Colares, 224. A da Conceição muito antiga neste Convento de Lisboa, 54. As que se fizeram na Trasladação da milagrosa Imagem de Nossa Senhora das Relíquias, 587. A principal da mesma Senhora quando se celebra, 622. O que aconteceu, havendo de se transferir, 642, e seg.

D. *Filippa* Rainha de Portugal, de quantos dotes foy adornada, 48. Brevariario por onde rezava, Ibid. Recebeo o Santo Elcapulario, 50. Sua morte, e sepultura, 51.

Filippa Souda, que maravilhas obrava com humã folha de zambugeiro de Nossa Senhora das Relíquias, 624.

D. *Filippe II*, Rey de Castella, que mercês fez ao nosso Convento da Vidigueira, 670.

D. *Filippe III*, Rey de Castella, que mercês fez ao nosso Convento de Colares, 217.

Filippe Duque de Borgonha, com quem casou, 48.

M. Fr. *Filippe de Santa Theresa*, sendo Provincial, que obras mandou fazer na Igreja de Santa Anna de Colares, 205, e na cerca do mesmo Convento, 215.

D. *Fradique Manoel*, ascendente dos Condes de Atalaya, 127.

Fr. *Francisco de Azevedo*, discipulo do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 315.

Fr. *Francisco das Chagas*, irmão do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, donde era natural, 566.

D. *Francisco da Gama*, segundo Conde da Vidigueira, fundador do Convento dos Padres Capuchos, 562. Que mercê fez ao nosso Convento, 672.

D. *Francisco da Gama*, quarto Conde da Vidigueira, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 595.

D. *Francisco Luiz Balthazar da Gama*, Marquez de Niza, nascido por especial mercê de Nossa Senhora, 641. Consultava ao nosso Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 723. Aonde jaz sepultado, 598.

Fr. *Francisco de Santa Maria*, refutado sobre o anno da morte do Veneravel Fr. Joao Sobrinho, 471.

M. Fr. *Francisco da Natividade*, aonde collocou varias Relíquias, 223.

Tom II,

Fr. *Francisco da Sylva*, prégou na trasladação do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 456.

Funções fúnebres, como nos determinão, que as fazamos as leys, 17.

G

Padre *Gabriel de Mattos* da Companhia de Jesus, donde era natural, 566.

Gado do nosso Convento da Vidigueira, como he chamado, e porque se conserva, 672. Tem privilegio para pastar nos sitios prohibidos. Ibid. Duvidas sobre este privilegio, 674. Sua decisaõ, 675.

Galamares, rio, sua etymologia, 147.

Gil Ayres Moniz Senhor da Capella de Nossa Senhora do Pranto, 112.

D. *Gilberto* Bispo de Lisboa, como ordenou o Officio Divino, 49. 141.

D. Fr. *Gomes de Santa Maria*, sua vida, e morte desde o num. 27, até 34.

Fr. *Gomes Raposo*, eleito Prior do Convento de Lisboa, 488. Quando faleceo, 528.

Fr. *Gonçalo de Christo*, quando faleceo, 528.

Fr. *Gonçalo Fialho* nomeado Vigario Geral desta Provincia, 522. Presidente della, 523. Prior do Convento de Lisboa, 524, e 541.

Veneravel Fr. *Gonçalo da Madre de Deos*, trata-se diffusamente da sua vida, e morte desde o num. 681, até 716.

Escritores, que delle fallaõ, 717.

Gonçalo Pires Boto toma posse do nosso Casal da Torre, 158.

Fr. *Gualter Disseo*, Doutor Anglicano, muito attendido da Rainha D. *Filippa*, 50. Foy Nuncio neste Reyno, Ibid.

Fr. *Guilhermo Tolosano* Visitador Geral desta Provincia, 502. Depoz os Prelados nomeados no Capitulo, 502, e seg. Presidio em novo Capitulo, 506.

H

Mestre *Henrique* Fysico mór d'El-Rey D. Duarte, que doação nos fez, 103. 155. Licença, que alcançou d'El-Rey, 156. Elege Testamenteiro, 157. Sua morte, 158.

LII 2

Hoffe

Hospedes, como eraõ tratados do Veneravel Padre Fr. Estevaõ da Purificação, 372. Succello, que teve com hum, 373.

Hostias. Para que fim assistia á factura dellas o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 425. Huma que se vio resplandecer, quando celebrava. Ibid.

Humildade extremosa do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 335, e seg. Naõ menos a do virtuoso Fr. Gonçalo, 709.

I

J *Armello*; quando Principiou nesta Villa a festa do Corpo de Deos, 109.

Fr. Jeronymo de Amaral, quando faleceo, 505.

Fr. Jeronymo Coelho Prior do Convento de Colares, que justificação fez; 239.

Fr. Jeronymo de Santa Maria, eleito Provincial, 525. Confusão, que houve com o seu nome, ibid. Sua morte, 552.

Reverendissimo Fr. Ignacio de Oliveira, onde foy noviço, 222. Seu elogio, ibid.

Igreja. Seguimos os Ritos da Jerosolymitana, 17. Primazia da Romana, 141. A de Sacavem, quando se annexou à de Ourem, 104. A da Conceição dos Preires foy Sinagoga dos Judeos, 480, 504. Descripção da do Convento de Colares, 193, e seg. Por quem foy sagrada, 205. Descripção da do Convento da Vidigueira, 591, e seg.

Imagens As que se veneraõ na Igreja do Convento de Colares, 194. A milagrosa do Senhor Jesus da mesma Igreja, 202. A do Senhor Jesus da Igreja da Misericordia da Vidigueira, 560. Com que solemnidade a collocarão, 561. A de S. Rafael da mesma Villa, 564. A de Nossa Senhora das Reliquias, como, e a quem appareceo, 568, e seg. Origem de sua invocação, 570. Trasladada para a sua nova Igreja, 581, e seg.

Incendio. Hum, que extinguiu o nosso virtuoso Fr. Gonçalo, 694.

Indulgencias, concedidas á Irmandade de Santa Anna de Colares, 200.

Ignéz Esteves, mulher de Sebastião Vaz, que doação nos fez de huma fefmaria, 164, e seg.

V. Ignéz Fernandes, aonde jaz sepultada, e que epitafio tem, 661. Quem lhe escreveu a vida. Ibid.

D. Ignéz Gonçalves da Camera favorecida de Nossa Senhora das Reliquias, 641.

Inquietações dos Religiosos por cautela de hum dilatado governo, 130. Sobre a fefmaria da Serra de Cintra, 233, e seg. Sobre os pleitos, que nos moveraõ os Parochos da Villa de Colares, 246.

Instrumentos da Musica. O seu uso antigo na nossa Ordem, 17.

D. Joanna Manoel, de quem era descendente, 83, e seg.

D. João I., Rey de Portugal assinado nas primeiras leys da Provincia, 15. O que disse ao Santo Condestavel ouvindo-nos expôr o Santissimo Sacramento com o *Gloria Patri*, 17. Epítome das principaes acções da sua vida, e morte desde o num. 36. até 67.

D. João II., Rey de Portugal, por quem foy bautizado, 103. Amizade, que teve com D. Frey João Manoel, 109.

D. João III., Rey de Portugal, que mercês fez ao nosso Convento de Colares, 213. 242. Carta sua para o Doutor Amaro Fernandes, 236. Confirmou a nosso favor hum Alvará d'El-Rey D. Manoel, 547.

D. João Infante de Portugal, porque motivo foy prezo em Castella, 40.

D. João Mestre da Ordem de Santiago, com quem foy casado, 48.

Fr. João de Santa Anna companheiro na fundação do Convento de Colares, 162. 166. 177. Eleito Provincial. 178. Quanto concorreo para as obras daquelle Convento, 183. Recurso ao Padre Geral sobre o patrimonio d'elle, 181. Sua patria 530. Suas penitências, virtudes, e heroicas acções desde o num. 531. até 549.

Fr. João Barberio, quando faleceo, 510.

V. Fr. João Baptista Lezana, o que disse á cerca do anno da morte do Doutor Fr. João Sobrinho, 471. Equivocação sua, 474.

Fr. João Baptista Rosino Provincial. Enriqueceo a Capella da Conceição de Colares,

Das cousas notaveis.

453

- Colares, 209. Augmentou a Livraria. 211.
- João Camello*, Meirinho das coutadas de Cintra, a quem denunciou hum fofreiro nosso, 240.
- Fr. João da Charneca*, Vigario do Bispo D. Fr. João Manoel, 112.
- Fr. João Coelho* Bispo de Cochim, 128.
- Fr. João Dias*. Que doação fez ao Convento de Colares, 176. 495. Quando foy eleito Provincial, 495. Quando faleceo, 510.
- Fr. João do Espirito Santo*, eleito Prior do Carmo de Lisboa, 25. Sua morte, 467.
- Reverendissimo Fr. João Estevão Chizzola* Geral da Ordem, presidio em hum Capitulo Provincial, 272.
- Reverendissimo Fr. João Feixo-o de Villalobos*, Geral da Ordem, seu elogio, 21. Não reprovou os nossos Ritos particulares, *ibid.* Escreveo Actas para o Convento de Colares, 231.
- D. João Ferraz* Goadjutor do Bispo D. Fr. João Manoel, 110.
- Fr. João Galego*, eleito Prior do Carmo de Lisboa, 526. Sua morte, 551.
- Fr. João Gallo*, em que tempo faleceo, 70.
- Fr. João Gonçalves*, quando faleceo, 70.
- Fr. João Gualtero*. Copia de sua patente de Prégador, 19.
- Fr. João de S. Lourenço* eleito Provincial, 78. Sua morte, 80.
- D. Fr. João Manoel* Bispo da Guarda, he nomeado Provincial 81, e seg. Descreve-se a sua vida, e acçoens memoraveis desde o numero 83. até 115. Sua morte, 116. Sua sepultura, e epitafio, 117. Escriutores, que delle fallaõ, 118, e seg.
- D. João Manoel*, Vice-Rey de Portugal. Quanto perdemos com a sua morte, e aonde jaz sepultado, 128.
- D. João Manoel de Noronha*, sexto Conde de Atalaya, seu elogio, 129.
- Fr. João de Santa Maria*, eleito Prior do Convento de Lisboa, 496. Eleito Provincial, 501. Depolito do lugar, 502. Nomeado Prior segunda vez, 523. Sua morte 528.
- Fr. João Namorado*, Vigario do Convento de Santa Anna de Colares. Que mercê lhe fez a Infanta D. Brites, 173. Prior do Convento de Lisboa, 513. Renunciou o lugar, 518. Sua morte, 551.
- João Pereira de Lemos*, recupera a saude perdida, por virtude do Veneravel Fr. Gonçalo, 697.
- Fr. João das Reliquias*, sua morte, 552.
- João da Rocha* nos aforou o esteiro do lugar da Amora, 519. Consequencias deste aforamento, 520.
- João Sabolinho*, seu epitafio, 621.
- Fr. João de Santarem*, quando faleceo, 76.
- V. Padre Mestre Fr. João Sobrinho*. Provincial, 468. Verifica-se o seu Provincialado, 469, e seg. Mostra-se huma patente deste Prelado, 470. Authores, que se enganáraõ sobre o anno da sua morte, 471. Varias noticias suas desde o num. 475. até 482. Obras, que escreveo, e imprimio, 483. Escriutores, que delle fallaõ, 484. Continuou o Provincialado por nova nomeação, 487. Sua morte, 493. Onde foy sepultado, 494.
- B. Fr. João Soroth*, Geral da Ordem, publicou novo Breviario, 135.
- Jorge Cardoso* refutado sobre o anno da morte do Doutor Fr. João Sobrinho, 471, e da morte de Fr. Constantino Pereira, 473.
- M. Fr. Jorge de Carvalho*, sendo Provincial, que obra ideou em Colares, 205.
- D. Jorge da Costa* Cardeal, eleito Protector da nossa Ordem, 508. Lugares, que occupou neste Reyno, 511. Presidio em huma Congregação Geral. *Ibid.*
- Fr. Jorge Cotrim*. O que escreveo á cerca do quinto Capitulo Provincial, 458, e seg.
- Fr. Jorge da Cruz*, Prior do Carmo de Lisboa, 486. Segunda vez, 501. Quando faleceo, 510.
- O Padre Jorge Dias*. O seu epitafio, 614.
- O Virtuoso Fr. Joseph de Santo Ambrosio*. Sua patria, e nascimento, 718. Trata-se das suas acçoens, e virtudes, desde este num. 718, até 733.
- Padre Joseph Lopes Pereira* Cura da Igreja de Colares. Seu elogio. 261.
- Joseph das Reliquias*, antes chamado Ali convertido á Fé, 733.
- Irmandade A do Capellinho*, quando, e por

e por quem foy instituida, 33, a da gloriosa Santa Anna de Colares, 200. Vide *Confraria*.

D. Isabel, filha do Senhor D. Affonso Conde de Barcellos, teve o Senhorio da Villa de Colares, 153.

D. Isabel, que foy Rainha de Castella, teve tambem o Senhorio de Colares, 154.

D. Isabel mulher de D. Joaõ, Senhor de Biscaya, teve o Senhorio da Vidigueira, 555.

Isabel Rodrigues Saramaga, seu epitafio, 616.

Jubeitaria, como se chamava esta rua antigamente, 504.

Julho. Etymologia deste nome, 1.

Julio II, Papa, passou hum Breve, que impede o aforamento de hum nollo moinho, 544.

Justa Rodrigues Pereira, 122. Sua qualidade, 224. Fundadora de hum Convento *Ibid*.

L

L *Eys Municipaes* da Provincia, 15.

Leites de Filosofia, e Theologia, que ouvio o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 273.

Leonor Coelho, aonde jaz sepultada, 203.

D. Leonor Continho Condessa da Vidigueira, muito applicada á lição dos livros, 637. Beneficio, que recebeu de Nossa Senhora, 638.

D. Leonor Telles, Rainha de Portugal, 39, e seg.

Licenças. Como usava dellas o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 390. Quantas pedio em huma hora, e para que fim, 391.

Lisboa, estando sitiada, que favores recebeu do Ceo, 45.

Litigio, que houve entre o Santo Condestavel, e El Rey D. Joaõ I. 50.

Livraria. Descreve-se a do Convento de Colares, 211.

Livro, que D. Fr. Joaõ Manoel deu aos Monges de Alcobaça, 101. O primeiro da Provincia, onde as patentes se registavaõ, 18.

Fr. Lourenço Dias, quando faleceo, 524.

Lourenço Martins, como se meteo de

posse da nolla fesmaria de Colares, 170.

Lourenço Moreno, que Capella tem no Convento da Vidigueira, e aonde jaz sepultado, 659.

S. Luiz, Cidade do Maranhão, destruida pelos Holandezes, 702.

Fr. Luiz da Apresentação, o que ouvio ao Veneravel Padre Frey Estevaõ á

cerca da humildade, 337. Prégou na trasladação do mesmo Padre, 456.

O que lhe succedeo com o Veneravel Fr. Gonçalo, 688.

D. Luiz da Guerra, Bispo da Guarda, quando faleceo, 104.

O Padre Luiz Lopes da Companhia de Jesus, donde era natural, 566.

Fr. Luiz Machado, eleito Provincial, 506.

O Padre Luiz Pereira, como se oppoz aos nolos Religiosos de Colares, 259.

Luz, que se vio na Hostia Consagrada, quando o Veneravel Padre Fr.

Estevaõ celebrava, 427.

M

M *Açans* Rio das maçans junto a Colares, 146. Sua etymologia, *ibid*.

Manoel. A familia dos Manoeis, donde deduzem a sua origem, 83.

D. Manoel Rey de Portugal, deu foral aos moradores da Villa de Colares, 154. Que mercê fez ao Convento de Santa Anna, 174. Quando subio ao throno, 535. Estimação, que

fez do Provincial Fr. Joaõ de Santa Anna, *ibid*. Seu Alvará a respeito do

moinho de Corroyos, 546. Deu-nos a Ermida de Nossa Senhora das Reli-

quias, 576. Mercês feitas ao Con-

vento da Vidigueira, 588.

Manoel de Faria e Sousa, convencido em alguns descuidos nos seus escritos, 121.

Fr. Manoel Gadelha, quando faleceo, 500.

D. Manoel da Gama, prezo no Convento de Aviz, 558.

Fr. Manoel de Mello, aonde está sepultado, e que epitafio tem, 197.

Manoel Pinheiro de Macedo, favorecido do Ven. Padre Fr. Estevaõ, 333.

M. Er.

Das cousas notaveis.

455

M. Fr. Manoel de Sá, o que disse a respeito do anno da morte do Doutor Fr. Joaõ Sobrinho, 471.

Doutor Fr. Manoel Tavares Provincial, dá licença para a Capella de Brites Nunes, 619.

Manoel Vaz Pato, que Capella instituiu no Convento da Vidigueira, 613.

Maravilhas, que obrou o Veneravel Padre Fr. Estevaõ da Purificação em sua vida, 324, e seg., e depois da sua morte, 443, e seg. As que obrou o nosso Veneravel Fr. Gonçalo, 690, e seg. Vide *Prodigios*.

Marcos Antonio da Serra, seu epitafio, 621.

Margarida Rodrigues Sortelha mãy do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 263. Caso, que lhe succedeo com huma pomba, 271.

MARIA Santissima deve ser louvada em todos os nossos Sermoens, 17. Devemos saudar as suas Imagens, ibid. Com que affecto a servia o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 428, e seg. Como se fazia invisivel sua imagem, e tornava a apparecer ao Veneravel Padre Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 727; e seg.

Maria Jacome, aonde jaz sepultada, 206.

D. Marianna da Sylva, Favorecida do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 334.

Martim Affonso Mexia Bispo de Lamego, 106.

Martim Affonso de Mello, que Sermaõ prégou, 588.

M. Fr. Martinho Moniz, nomeado Bispo do Porto, 227.

Fr. Martinho de Souto Mayor, Bispo Titular de Tripoli, quando faleceo, 505.

Mata das avelans, quanto he abundante deste fruto, 190.

Matheus de Fontes procede contra os Officiaes da Camera de Colares, e porque motivo, 245.

Fr. Mathias de Jesus, quando faleceo, 552.

D. Miguel da Gama junto com quem fundou nova Igreja a Nossa Senhora das Reliquias, 583, e seg. Quanto concorreo para o culto da mesma Senhora, 589. seu epitafio, 596.

M. Fr. Miguel Carrança, Presidente de hum Capitulo, 221.

D. Miguel de Castro, quanto estimou ao nosso Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 436.

Milagres. Os de Nossa Senhora das Reliquias, 623, e seg. Vide *Proaigio*.

Milides sitio junto a Colares, 189. Imagem, que alli se venera, ibid.

Minas de ouro, e prata, que podia abrir D. Fr. Joaõ Manoel, 106.

Missal, porque o mudamos na Missa por diante do Sacerdote celebrante; 17.

Missas continuas nas nossas Igrejas, 17. Varias ceremonias que nella usamos, ibid.

Moinho de Corroyos. Vide *Duarte Brandão*.

Monges de Alcobaça amigos de D. Frey Joaõ Manoel, 101.

Mergado. O que instituiu D. Fr. Joaõ Manoel, 122. O de Oliveira quando foy instituido, 554.

Monra Villa. Os seus moradores porque motivo se reformáraõ, 324. Quanto nella padecio a familia dos Cotéis, 347.

Monro, convertido á Fé pela virtude do Veneravel Padre Frey Estevaõ; 445. Outro pelo Veneravel Frey Joseph de Santo Ambrosio, 732.

Mulheres. Quanto dellas fugia o Veneravel Frey Estevaõ, 394. Item o Veneravel Fr. Gonçalo, 706. Item Frey Joseph de Santo Ambrosio, 722.

Mundo. Advertencias para se fugir delle, 322. Como se devem desprezar as suas perseguiçoens, 351.

Musica. O seu uso antigo na nossa Ordem, 17.

N

Dom Nicoláo de Santa Maria, refutado sobre o anno da morte do Doutor Fr. Joaõ Sobrinho, 471.

Noronha. Os Senhores deste appellido donde deduzem a sua origem, 555.

Noviços. Que tratamento se lhes dá, 80. Resoluçãõ á cerca da sua clausura, 134.

D. Nuno de Almeida, eleito Prior do Convento de Lisboa, 518. Quando faleceo, 524.

D. Nuno Alvares Pereira Condestavel de

de Portugal, interessado no primeiro Capitulo Provincial, 4. Nelle fez entrega deste Convento de Lisboa, 13. Tomou o nosso habito, e quanto o estimou, 14. Effeitos da sua amizade com ElRey D. Joaõ I. 51. Quanto foy delle attendido, 56. Educou a D. Fr. Joaõ Manoel, 86, e seg. Teve o Senhorio da Villa de Colares, 153. Item o da Villa da Vidigueira, 556.
D. Nuno Manoel, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 85. 128. Quando, e por quem foy legitimado, 124. Quanto o estimáraõ os Reys D. Manoel, e D. Joaõ III, 126.

O

O *Cravio Accaromboni* confirma os Estatutos da Recoleta de Colares, 229. Quanto estimou ao Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 436.
Officio Divino, que se rezava no Bispa-do de Lisboa, 49. Quando o teve a festividade da coroa de Espinhos, 500.
Oliveira. O Morgado de Oliveira, quando foy instituido, 554.
Oração mental, quanto he necessaria, 312. Como a temos por ley, 17.
Orações vocaes. As quotidianas do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 290, e seg. Quanto nella recomendava, aos que favoreciaõ aos pobres, 366. Aplicadas pelos defuntos, 383.
Oratorio. O do nosso Veneravel Fr. Gonçalo, 685.
Ordens. As de Santiago; e Aviz, isentas da de Uclés, e Calatrava; 92, e 93.
Ourem. O Conde de Ourem castigado, 42.
Oxonía. Universidade, em que estudou Fr. Joaõ Sobrinho, 475, e seg.

P

P *Ad* milagroso, que deu Nossa Senhora das Reliquias, 569. Como se distribuio, 571.
Pardaes. Quanto destas aves se desagrada-va o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 382.

Parochos. Os da Villa de Colares, que pleitos nos moveraõ, 246, e seg.
Pastora a quem appareceo a Imagem de Nossa Senhora das Reliquias, 568. Aonde vio a Santa Imagem, *ibid*.
Patente. Em que fórma se passavaõ antigamente aos Prégadores desta Provincia, 19. Huma do Provincial Fr. Joaõ Dias em beneficio do Convento de Santa Anna, 176. Outra do Provincial Fr. Joaõ de Santa Anna, sobre o Casal da Torre, 180. Outra do Reverendissimo Padre Geral, de confirmação das doações, 182. Outra do Provincial Fr. Joaõ Sobrinho, 470.
Paulo III, Papa approva a mudança do nosso Convento de Santa Anna, 188.
Peditorios para os quaes foraõ exceptuados os nossos Religiosos de Colares, 247.
Pedra. Huma extraordinaria, que lançou o Padre André Coutinho, 626.
D. Pedro I. Rey de Portugal, que vaticinio teve ao nascer seu filho D. Joaõ I, 36.
D. Pedro Duque de Coimbra, com quem casou, e aonde está sepultado, 48.
Pedro Affonso, que doação nos fez para a fundação do Convento da Vidigueira, 579.
Pedro de Almeida do Amaral, aonde jaz sepultado, 203.
Fr. Pedro de Andrade, quando faleceo, 551.
Pedro Cabral Cavalleiro, seu epitafio, 614.
Pedro de Castro Senhor de Ferreira, aonde jaz sepultado, e que epitafio tem, 198.
Fr. Pedro das Chagas; donde era natural, 138.
Fr. Pedro de Chellas, Vigario; e successor do Veneravel Fr. Constantino Pereira, 170, e seg.
Fr. Pedro da Cruz Jusarte, que livrinho escreveu da trasladação do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 450.
M. Fr. Pedro de Estancia Visitador desta Provincia, 548.
D. Pedro de Lencastre assistio á morte do Veneravel Fr. Gonçalo, 714.
Padre Pedro Lopes Pinto Prior da Matriz da Vidigueira, seu epitafio, 559.
Fr. Pedro Namorado, quando faleceo, 551.

Pereira, que plantou o Veneravel Padre Fr. Estevoão sendo menino, 267.

Pobres. a. Quanto nesta virtude resplandece o Veneravel Padre Fr. Estevoão, 387. A do Veneravel Fr. Gonçalo, 705. Foy tambem especial nella o Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio, 730.

Pobres. Como eraõ favorecidos do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 358. O que dizia, e fazia, quando os encontrava, 360, e seg. Varios, que curou, 362, e seg. Era delles colinheiro, 364. O que ufava com elles o Veneravel Fr. Joseph de Santo Ambrosio; 725.

Pomba. O que vio em huma a mãy do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 271.

Reverendissimo Fr. Poncio Raynando Geral da Ordem, 487. Presidio em hum Capitulo, 497. Sua morte, 525.

Porta-paz. O seu uso concorrendo peſſoa Real, 17. O da nossa Igreja da Vidigueira, 653.

Portaria. Descreve-se a do Convento de Colares, 206. A do Convento da Vidigueira, 656.

Posse, a que se tomou do Casal da Torre, 159. A que tem os Religiosos de Colares a respeito da procissão do Corpo de Deos, 254. A que se tomou da Ermida das Reliquias, 578, e seg.

Pratica do Doutor Fr. Affonso de Alfama, 11.

Priores. Veja-se o seu catalogo na pag. 405.

Procissoens. As de defuntos depois da Missa Conventual, 17. O que nos aconteeo a respeito da do Corpo de Deos em Colares, 250, e seg. A da trasladação do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 456, e seg. A da trasladação da Imagem de Nossa Senhora das Reliquias, 587.

Prodigios. Os que obrou o Veneravel Padre Fr. Estevoão da Purificação em sua vida, 324, e seg. Os que obrou depois de sua morte, 443, e seg. Hum admiravel da Santa Imagem de Nossa Senhora das Reliquias, 568. Os muitos, que a mesma Senhora tem obrado, 623, e seg. Os que obrou o Veneravel Fr. Gonçalo da Madre de Deos, 690, e seg.

Proteflores. Os da nossa Ordem, 76, e 77. Tom. II.

Provincial. O primeiro desta Provincia, 5. Os que se lhe seguiraõ. Veja-se o catalogo, pag. 405, e seg.

Q

Quadro. Hum excellente do Convento da Vidigueira, 599.

Quarto. Delle livrou a Infanta D. Brites ao Convento de Colares, 174.

R

São Rafael. Noticia da sua Imagem da Vidigueira, 564.

Rapto. O do nosso Proto-Patriarca Santo Elias, quando aconteeo, 1.

Recoleta da Provincia foy instituido o nosso Convento de Colares, e quando, 225.

Recolhimento. O das nossas Carmelitas da Vidigueira, quando foy fundado, 563.

Recurso do nosso Padre Geral ao Papa, sobre que? 131.

Relicario precioso do Convento da Vidigueira, 646. Instrumento autentico das suas Santas Reliquias, 652.

Reliquias. As que se conservaõ no Convento de Colares, 223. As do Veneravel Padre Fr. Estevoão, 449. As que se veneraõ na Igreja da Vidigueira, 644, e seg.

Nossa Senhora das Reliquias da Vidigueira, como, e por quem foy descuberta, 568, e seg. Origem da sua invocação, 571. Outras noticias da mesma Senhora, 577, e seg.

Retrato. Hum do Conde Santo, 98. O do Veneravel Padre Fr. Estevoão da Purificação, 442.

Rio das maçãs em Colares, e sua etymologia, 146.

Ritos Jerosolymitanos. Obrigação, que temos de os observar inteiramente nesta Provincia, 17. Sua observancia, 142.

Fr. Rodrigo de Béja eleito Prior de Lisboa, 506. Eleito Provincial, 512. Applicado ao augmento da Provincia, 513. Sua morte, 551. Tomou posse da Ermida de Nossa Senhora das Reliquias, 578. Que mercês conseguiu d'ElRey D. Manoel, 667.

Mmm

Fr. Ro-

Fr. Rodrigo de Mertola. Prior do Convento de Colares, 241. Acção Religiosa, que obrou publicamente, 244.

Rosario. Com que affecto o rezava o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 428. Prodigio succedido por meyo d'elle, 429.

Rua dos Ourives da praça, como se chamou algum dia, 504.

Ruy da Cunha companheiro de D. Fr. João Manoel em huma Embaixada, 91.

S

Sacerdote. Qual foy o primeiro, que se ordenou na China, 601.

Salve Rainha com que solemnidade a cantamos em Completas, 17. O seu uso no fim da Missa. Ibid.

Fr. Sancho de Ayvar, eleito Definidor, 7. Sua morte, 70.

Santinho. Assim chamavaõ ao Veneravel Padre Fr. Estevaõ da Purificação, 335.

Santissimo Sacramento. Que louvor tivemos, expondo-o com o *Gloria Patri*, 17. Quanto foy seu devoto o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 422, e seg. Como foy hum Religioso reprehendido por lhe faltar a reverencia costumada, ibid.

Sanuários. Os que se veneraõ na Capella de Nossa Senhora da Conceição de Colares, 210. Os da Igreja de Santa Anna da mesma Villa, 223.

Padre Sebastião Alvares Cura da Parochia de Colares, que experiencia fez no cadaver do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 443.

Fr. Sebastião dos Anjos eleito Prior, 526. Sua morte 528.

Reverendissimo Fr. Sebastião Fantoni Geral da Ordem, nomeado Visitador para Portugal, 225. Confirma os Estatutos da Recoleta de Colares, 230.

Sebastião Vaz. De que sesmaria nos fez doação, e para que fim, 164, e 165.

Secretario. Quem tinha este emprego, e como suppria a este officio antes de o haver para Religioso determinado, 20.

Sentença proferida a favor de hum foreiro nosso, 240. Outras proferidas a favor da nossa Comunidade do Con-

vento de Colares; 253. 257. Outra a favor dos mesmos Religiosos, 260. Outra a favor do nosso Convento da Vidigueira, 675.

Sepultura. Como se determinou, que os officios della se celebrassem para as pessoas Reaes, e dos Condes de Barcellos, 17. A do primeiro Religioso, que se enterrou nesta Igreja do Carmo de Lisboa, 34. As da Capella mór do Convento de Colares, 196, e seg. As da Igreja do Convento da Vidigueira, 595, 614.

Sermoens. Os que se determinaõ nas leys municipaes, 17. Commemoração, que nelles devemos sempre fazer de Nossa Senhora, ibid. Hum do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 437.

Serventes do Convento, como eraõ tratados do Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 374.

Sesmaria. A que nos doáraõ Sebastião Vaz, e sua mulher, 164, e seg. Mette-se de posse della Lourenço Martins, 170. Como fomos restituídos á sua posse, 173. Outra que se deu a Fr. João Namorado, ibid.

Silencio. Como o observava o Veneravel Padre Fr. Estevaõ, 402.

Padre Sylvestre Nunes Franco, que obrigação quiz pôr aos nossos Religiosos de Colares, 254.

S. Simão Stoch primeiro Carmelita, que se graduou de Bacharel em Oxonia, 28.

Sinos. O que se determinou á cerca do governo, e uso delles, 17.

T

T Anque notavel da cerca do Convento de Colares, 215.

Tempestade serenada por virtude do Veneravel Fr. Gonçalo, 695.

Mestre Fr. Theodoro Estrago, Presidente de hum Capitulo, 225.

Santa Theresa de Jesus. Caso, que lhe succedeo a respeito de huma conversação, 321. Exercicios, que fazia em dia de Ramos, 323.

Theouros, que se encontraõ nas Chagas de Christo, 411; e seg.

Mestre Thomé Senhor das terras da Vidigueira, 553.

Torre. Casal chamado da Torre, 150. A dos

Das cousas notaveis.

459

A dos finos do Convento de Colares, 207. As da nossa Igreja do Convento da Vidigueira, 591.
Trasladação. A do Veneravel Fr. Este-
 vaõ, e suas particularidades, 450,
 e seg. A dos ossos do Santo Condes-
 tavel, 550. A da milagrosa Imagem
 de Nossa Senhora das Reliquias, 581.
 e seg.
Tratamentos. O dos Noviços he o da ca-
 ridade, 80.
Travessuras, com que experimentavaõ
 a paciencia do Veneravel Fr. Gonça-
 lo, 692.
Tristão Barbosa de Carvalho, livre das
 perseguições do demonio, 327.
 Cartas, que lhe escreveo o Venera-
 vel Padre Fr. Estevaõ, 330, e seg.
Tristeza. Como a remediava o Venera-
 vel Padre Fr. Estevaõ, 384.
Turibulo, como delle ufamos no coro,
 17.
Tusaõ. A Ordem do Tusaõ por quem
 foy instituida, 48.

V

V Alença do Minho. A sua Comarca
 defanexou-se do Bispado de Tuy,
 93.
Mestre Fr. Valerio Ximenes de Embun, que
 Actas fez para o Convento de Cola-
 res, 231.
Varzea notavel da Villa de Colares,
 146, e seg.
D. Vasco da Gama comprou o Senhorio
 da Villa da Vidigueira, 556. Feito
 Conde da mesma Villa, 557. Aonde
 jaz sepultado, e seu epitafio, 595.
 Que mercê fez ao Convento da mes-
 ma Villa, 673.
D. Vasco Luiz da Gama, primeiro Mar-
 quez de Niza, aonde jaz sepultado,
 e que epitafio tem, 597. Deu-nos
 hum excellente Quadro, 599. O
 seu nascimento com circumstancias,
 639. Por mercê de Nossa Senhora te-
 ve successão para sua casa, 641.
Vasco Martins de Mello, foy Senhor da
 Villa da Vidigueira, 555, e seg.

Fr. Vasco da Natividade, quando fale-
 ceo, 500.
Fr. Vasco Pinto eleito Prior do Conven-
 to de Lisboa, 79. Nomeado Viga-
 rio do Bispo D. Fr. João Manoel,
 112. Sua morte, 592.
Vaticinio, que houve no nascimento
 d'ElRey D. João I, 36. Outro do
 Veneravel Doutor Fr. João Sobrinho,
 480. Outro do Veneravel Fr. Gon-
 çalo no Maranhão, 700, e seg.
Verfos. Os da benção da Mesa no dia,
 e oitavario de Natal, quando tiverão
 principio, 491.
Vicente Annes, que aforamento fez dos
 moinhos de Corroyos, 507.
Fr. Vicente de Jesus quando faleceo,
 500.
Vidigueira. Villa de Portugal sua situa-
 ção etymologia, &c. 553. Sua des-
 crição, 558, e seg. Seu Recolhimen-
 to de Carmelitas, 567.
Vigario do Convento de Colares, até
 quando foy assim chamado, 221.
Vigario Geral da nossa Ordem, que ha-
 via no Convento de Moura, 3.
Virtudes, que guardou por voto o Ve-
 veravel Padre Fr. Estevaõ, 386.
Visão. Huma maravilhosa, 325. Ou-
 tras que teve o Veneravel Padre Fr.
 Estevaõ, 371. 440. Outra á cerca da
 vangloria, 410.

Z

Z Ambugeiro, em que appareceo a
 Imagem de Nossa Senhora das Re-
 liquias, 568. 572. Suas raizes me-
 dicinaes, 623.
Zeilaõ Senhor que foy de Lisboa, e
 vendeo a terra de Colares, 149.
Zelo do Santo Condestavel a respeito
 da observancia regular deste seu Con-
 vento, 30. Do nosso Beato Fr. João
 Soreth Geral da Ordem, 135, e seg.
 Item 143. O do Veneravel Padre Fr.
 Estevaõ, 423. O do Padre Mestre
 Fr. João Dias, 495. O muito, que
 dous Prelados tiverão, 513.

F I M.

THE EVERETT RECORD

Published weekly, except on Sundays and
holidays, by the Everett Record Co.,
100 North Commercial Street, Everett,
Washington. Entered as second-class
matter, June 15, 1902, under
postage paid at Everett, Wash.,
Postoffice No. 100. Accepted for
special delivery, June 15, 1902.
Copyright, 1902, by Everett Record Co.

Subscription prices: In Advance,
\$5.00 per annum; Single Copies,
10 Cents. Payment in Advance.
Entered as second-class matter,
June 15, 1902, under Postage
paid at Everett, Wash., Postoffice
No. 100. Accepted for special
delivery, June 15, 1902.

Published by the Everett Record Co.,
100 North Commercial Street,
Everett, Wash. Entered as
second-class matter, June 15,
1902, under Postage paid at
Everett, Wash., Postoffice No.
100. Accepted for special
delivery, June 15, 1902.

Published by the Everett Record Co.,
100 North Commercial Street,
Everett, Wash. Entered as
second-class matter, June 15,
1902, under Postage paid at
Everett, Wash., Postoffice No.
100. Accepted for special
delivery, June 15, 1902.

THE EVERETT RECORD

N. 24.

CA745
S232 c
1-512E
v. 2

